

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Faculdade de Letras da UFMG

ISSN

Impresso: 0104-0588

On-line: 2237-2083

V.28 - N° 4



REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Universidade Federal de Minas Gerais

REITORA: Sandra Regina Goulart Almeida

VICE-REITOR: Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras

DIRETORA: Graciela Inés Ravetti de Gómez

VICE-DIRETORA: Sueli Maria Coelho

Editor-chefe

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)

Editora convidada

Isabel Roboredo Seara (UAb.PT/CLUNL)

Editoras-associadas

Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira (UFMG)

Carla Viana Coscarelli (UFMG)

Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG)

Revisão e Normalização

Alda Lopes Durães Ribeiro

Gustavo Ximenes Cunha

Editoração eletrônica

Alda Lopes Durães Ribeiro

Secretaria

Henrique Vieira

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, v.1 - 1992 - Belo Horizonte, MG,
Faculdade de Letras da UFMG

Histórico:

1992 ano 1, n.1 (jul/dez)

1993 ano 2, n.2 (jan/jun)

1994 Publicação interrompida

1995 ano 4, n.3 (jan/jun); ano 4, n.3, v.2 (jul/dez)

1996 ano 5, n.4, v.1 (jan/jun); ano 5, n.4, v.2; ano 5, n. esp.

1997 ano 6, n.5, v.1 (jan/jun)

Nova Numeração:

1997 v.6, n.2 (jul/dez)

1998 v.7, n.1 (jan/jun)

1998 v.7, n.2 (jul/dez)

1. Linguagem - Periódicos I. Faculdade de Letras da UFMG, Ed.

CDD: 401.05

ISSN: Impresso: 0104-0588

On-line: 2237-2083

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

V. 28 - Nº 4 - out.-dez. 2020

Indexadores

Diadorim [Brazil]

DOAJ (Directory of Open Access Journals) [Sweden]

DRJI (Directory of Research Journals Indexing) [India]

EBSCO [USA]

JournalSeek [USA]

Latindex [Mexico]

Linguistics & Language Behavior Abstracts [USA]

MIAR (Matriu d'Informació per a l'Anàlisi de Revistes) [Spain]

MLA Bibliography [USA]

OAJI (Open Academic Journals Index) [Russian Federation]

Portal CAPES [Brazil]

REDIB (Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico) [Spain]

Sindex (Scientific Indexing Services) [USA]

Web of Science [USA]

WorldCat / OCLC (Online Computer Library Center) [USA]

ZDB (Elektronische Zeitschriftenbibliothek) [Germany]



REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Editor-chefe

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Editoras-associadas

Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Carla Viana Coscarelli (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Conselho Editorial

Alejandra Vitale (UBA, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina)

Didier Demolin (Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, Paris, França)

Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Scott Schwenter (OSU, Columbus, Ohio, Estados Unidos)

Shlomo Izre'el (TAU, Tel Aviv, Israel)

Stefan Gries (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)

Teresa Lino (NOVA, Lisboa, Portugal)

Tjerk Hagemeijer (ULisboa, Lisboa, Portugal)

Comissão Científica

Aderlande Pereira Ferraz (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Alessandro Panunzi (Unifi, Florença, Itália)
Alina M. S. M. Villalva (ULisboa, Lisboa, Portugal)
Aline Alves Ferreira (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)
Ana Lúcia de Paula Müller (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ana Maria Carvalho (UA, Tucson/AZ, Estados Unidos)
Ana Paula Scher (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Anabela Rato (U of T, Toronto/ON, Canadá)
Aparecida de Araújo Oliveira (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Aquiles Tescari Neto (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Augusto Soares da Silva (UCP, Braga, Portugal)
Beth Brait (PUC-SP/USP, São Paulo/SP, Brasil)
Bruno Neves Rati de Melo Rocha (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Carmen Lucia Barreto Matzenauer (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Celso Ferrarezi (UNIFAL, Alfenas/MG, Brasil)
César Nardelli Cambraia (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Cristina Name (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
Charlotte C. Galves (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Deise Prina Dutra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Diana Luz Pessoa de Barros (USP/UPM, São Paulo/SP, Brasil)
Edwiges Morato (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Emília Mendes Lopes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Esmeralda V. Negrão (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Flávia Azeredo Cerqueira (JHU, Baltimore/MD, Estados Unidos)
Gabriel de Avila Othero (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Gerardo Augusto Lorenzino (TU, Filadélfia/PA, Estados Unidos)
Glauca Muniz Proença de Lara (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Hanna Batoréo (UAb, Lisboa, Portugal)
Heliana Ribeiro de Mello (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Heronides Moura (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Hilario Bohn (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Hugo Mari (PUC-Minas, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ida Lucia Machado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ivã Carlos Lopes (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Venício Carvalhais Oliveira (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Jean Cristtus Portela (UNESP-Araraquara, Araraquara/SP, Brasil)
João Antônio de Moraes (UFRJ, Rio de Janeiro/ RJ, Brasil)
João Miguel Marques da Costa (Universidade Nova da Lisboa, Lisboa, Portugal)
João Queiroz (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
José Magalhaes (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
João Saramago (Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal)
José Borges Neto (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Laura Alvarez Lopez (Universidade de Estocolmo, Stockholm, Suécia)
Leo Wetzels (Free Univ. of Amsterdam, Amsterdã, Holanda)
Laurent Filliettaz (Université de Genève, Genebra, Suíça)
Leonel Figueiredo de Alencar (UFC, Fortaleza/CE, Brasil)
Livia Oushiro (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Lodenir Becker Karnopp (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Lorenzo Teixeira Vitral (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Luiz Amaral (UMass Amherst, Amherst/MA, Estados Unidos)
Luiz Carlos Cagliari (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Luiz Carlos Travaglia (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
Marcelo Barra Ferreira (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Marcia Cançado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Márcio Leitão (UFPB, João Pessoa/PB, Brasil)
Marcus Maia (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Maria Cecília Camargo Magalhães (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Maria Cecília Magalhães Mollica (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Maria Luíza Braga (PUC/RJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Marta P. Scherre (UNB, Brasília/DF, Brasil)
Micheline Mattedi Tomazi (UFES, Vitória/ES, Brasil)
Miguel Oliveira, Jr. (UFAL, Maceió, Alagoas, Brasil)
Monica Santos de Souza Melo (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Patricia Matos Amaral (UI, Bloomington/IN, Estados Unidos)
Paulo Roberto Gonçalves Segundo (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Philippe Martin (Université Paris 7, Paris, França)
Rafael Nonato (Museu Nacional-UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Raquel Meister Ko. Freitag (UFS, Aracaju/SE, Brasil)

Roberto de Almeida (Concordia University, Montreal/QC, Canadá)
Ronice Müller de Quadros (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Ronald Beline (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Rove Chishman (UNISINOS, São Leopoldo/RS, Brasil)
Sanderléia Longhin-Thomazi (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Sergio de Moura Menuzzi (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Seung- Hwa Lee (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Sírrio Possenti (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Suzi Lima (U of T / UFRJ, Toronto/ON - Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Thais Cristofaro Alves da Silva (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Tommaso Raso (UFMG, Belo Horizonte/MG-Brasil)
Tony Berber Sardinha (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Vander Viana (University of Stirling, Stirling/Sld, Reino Unido)
Vanise Gomes de Medeiros (UFF, Niterói/RJ, Brasil)
Vera Lucia Lopes Cristovao (UEL, Londrina/PR, Brasil)
Vera Menezes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Vilson José Leffa (UCPel, Pelotas/RS, Brasil)

Sumário / Contents

Violência verbal nos discursos político e mediático contemporâneos: da dicotomização ao insulto <i>Verbal violence in contemporary political and media discourses: from dichotomization to insult</i> Isabel Roboredo Seara	1507
A violência verbal em manifestações explícitas de preconceito linguístico no <i>Facebook</i> : um espaço discursivo êmico <i>Verbal violence in explicit expressions of linguistic prejudice on Facebook: an emic discursive space</i> Anderson Ferreira Samine de Almeida Benfica	1519
Violência em rede: discursos sobre Greta Thunberg em comentários <i>on-line</i> <i>Violence in the network: discourses about Greta Thunberg in online comments</i> Francisco Vieira da Silva	1551
“Você é um <i>palhaço</i> , mesmo” – A designação de uma palavra e seu funcionamento como insulto <i>“You are a clown, really” – The designation of a word and its functioning as an insult</i> Romulo Santana Osthues	1581
Cabo de Guerra Verbal e Moral: um estudo do uso de categorias como ofensa no ambiente virtual <i>Verbal and Moral Tug of War: a study of the use of categories as offense in the virtual environment</i> Maria do Carmo Leite de Oliveira Carolina Valente Rony Ron-Ren	1603

Racismo e violência verbal: a construção textual e sociocognitiva da #SomosTodosMacacos <i>Racism and verbal violence: the text and socio-cognitive construction of the #SomosTodosMacacos</i> Rafahel Jean Parintins Lima	
Edwiges Maria Morato	1637
“Não podem ser negras e gordas”: analisando a violência verbal em reações sociodiscursivas produzidas por leitores/as em contextos jornalísticos digitais brasileiros <i>“They cannot be black and fat”: analyzing verbal violence in sociodiscursive reactions produced by readers in Brazilian digital journalistic contexts</i> Maria Carmen Aires Gomes	
Alexandra Bitencourt Carvalho	1667
Identificando os “discursos de ódio”: um olhar retórico-discursivo <i>Identifying “hate speech”: a rhetorical discourse approach</i> Melliandro Mendes Galinari	1697
Tópicos y violencia verbal en la convocatoria a la marcha #NoMásDesgobierno en Colombia <i>Topics and verbal violence in the call to march #NoMásDesgobierno en Colombia</i> Laura Cristina Bonilla-Neira	1747
Para além do funcionamento argumentativo da polêmica anunciada por Paulo Guedes acerca das empregadas domésticas brasileiras <i>Beyond the functioning of Paulo Guedes’ controversy regarding Brazilian domestic workers</i> Marilena Inácio de Souza	
Roberto Leiser Baronas	1779

<p>Violência verbal no Parlamento brasileiro: análise discursiva de um insulto e seus efeitos políticos e jurídicos</p> <p><i>Verbal violence at Brazilian's Parliament: discourse analysis of an insult and its politics and legal effects</i></p> <p>Joseane Silva Bittencourt</p>	
<p>Maria da Conceição Fonseca-Silva</p>	1807
<p>Responsabilidade enunciativa e posição ideológica em discursos polarizadores sobre o casamento homoafetivo</p> <p><i>Enunciative responsibility and ideological position in polarized discourses about homoaffective marriage</i></p> <p>Rosângela Alves dos Santos Bernardino</p> <p>Daliane Pereira do Nascimento</p>	
<p>Raimundo Romão Batista</p>	1837
<p>“Troca de galhardetes”. Para o estudo da violência verbal na polémica sobre o Acordo ortográfico em Portugal</p> <p><i>“Troca de Galhardetes”. For the study of verbal violence in polemical discourses concerning the orthographic agreement in Portugal</i></p> <p>Mariana Silva Ninitas</p>	1873
<p>O discurso conflituoso na internet: uma análise discursivo-interacionista de comentários em site de notícia</p> <p><i>The conflictive discourse on the internet: a discursive-interactionist analysis of comments on news site</i></p> <p>Wilma Maria Pereira</p>	1913
<p>Da polémica aos discursos de ódio: um estudo da recepção no twitter sob a perspectiva semiolinguística</p> <p><i>From controversy to hate speech: a study of reception on twitter from a semiolinguistic perspective</i></p> <p>Mônica Santos de Souza Melo</p>	1959

Batalhas de MC: um estudo sobre (im)polidez e categorização
axiológica à luz da pragmática

*MC Battles: a study on (im)politeness and axiological
categorization under the light of pragmatics*

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira

Ana Lúcia Tinoco Cabral 1983



Violência verbal nos discursos político e mediático contemporâneos: da dicotomização ao insulto

Verbal violence in contemporary political and media discourses: from dichotomization to insult

Isabel Roboredo Seara

Universidade Aberta e CLUNL, Lisboa / Portugal

Isabel.Seara@uab.pt

<https://orcid.org/0000-0003-2117-5320>

A *Revista Estudos da Linguagem – RELIN* dedica este número à divulgação de estudos resultantes de pesquisas que corresponderam ao repto da chamada de trabalhos sobre o tema da violência verbal nos discursos político e mediático contemporâneos. O número temático desta revista nasceu de um convite que nos foi endereçado pelo Professor Doutor Gustavo Ximenes Cunha, professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG-Brasil) e Editor-chefe da RELIN, periódico vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG.

Les conflits naissent d'une dynamique de plusieurs éléments constitutifs des personnes (la combativité, le désir mimétique d'appropriation, les émotions, les besoins), des groupes (les rôles, les enjeux de pouvoir, les processus cachés) et des systèmes culturels (valeurs, normes, rites, représentations, idéologie). Cette dynamique devient destructive et violente lorsqu'elle conduit à transgresser sans autorisation ni légitimité des limites individuelles (besoins, corps, biens), collectives (règles, lois, responsabilités) ou culturelles (valeurs, normes). (MOÏSE, 2012, p. 30)

Partindo da epígrafe de Claudine Moïse, uma das mais relevantes investigadoras europeias neste domínio da violência verbal (FRACCHIOLLA *et al.*, 2013; MOÏSE, 2012; MOÏSE *et al.*, 2008a, 2008b), percebemos que estamos num campo de estudo vasto que tem despertado o interesse de várias áreas de saber, desde a Psicologia à Antropologia, das Ciências da Linguagem ao Direito, assistindo-se, recentemente, a um progressivo desenvolvimento da interdisciplinaridade face aos fenómenos de violência crescente na comunicação digital.

Os estudos teóricos evidenciam que a violência verbal, em contextos de comunicação interpessoal, institucional, ou mediática, nasce da dificuldade de escuta e compreensão do outro, potenciando a tensão e conflito, instaurando sub-repticiamente rupturas do ponto de vista das rotinas conversacionais e da prossecução da comunicação. Ocorre maioritariamente em contexto de polaridade, de polémica, de adversidade, em que se expõem e contrapõem argumentos que visam denegrir e atacar a face do outro, visto como adversário.

As estratégias ao serviço da agressividade e da violência verbal são inúmeras, e podem ser estudadas a partir de abordagens distintas e complementares: desde a visão léxico-semântica que privilegia o estudo dos marcadores de indiferença, de ruptura, dos insultos, dos qualificadores pejorativos, da linguagem obscena até à abordagem discursivo-pragmática e interacional, em que se descortinam os atos ameaçadores da face, os rituais de humilhação, a ironia demolidora, a retórica da intolerância, estratégias que visam depreciar, estigmatizar ou denegrir o outro.

In fine, o primado da internet e a obsessão compulsiva de publicação nas redes sociais suscita naturalmente um crescendo de fenómenos de violência verbal. Constatando que os meios digitais são os primeiros na difusão das notícias nos sites dos diferentes media, em tempo real, que os blogues são cada vez mais dinâmicos e interativos, facilmente se percebe que a vertiginosa circulação de discursos condiciona e fomenta a possibilidade de gerar interações polémicas, agressivas e conflituosas, ao serviço da cultura de exposição, de espectáculo, das sociedades contemporâneas.

Este número da RELIN integra quinze estudos de pesquisadores de várias nacionalidades, de diferentes universidades, centros de investigação e de pesquisa: da Universidade Federal do Espírito Santo, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, da Universidade Estadual de Campinas, da Universidade de São Paulo, da Universidade

do Estado do Mato Grosso, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e, evidenciando a grande representação do Estado de Minas Gerais, foram apresentados textos de pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais, da Universidade Federal de Ouro Preto, da Universidade Federal de Viçosa e do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais.

Conferindo esta dimensão internacional, deste volume constam ainda trabalhos de duas investigadoras, uma da Universidade de Buenos Aires, e de uma investigadora portuguesa, da Universidade Aberta.

No artigo de abertura da revista, intitulado “A violência verbal em manifestações explícitas de preconceito linguístico no *Facebook*: um espaço discursivo êmico”, **Anderson Ferreira** e **Samine de Almeida Benfica** examinam a violência verbal em comentários produzidos no Facebook, num contexto de discussão sobre preconceito linguístico, partindo de um posicionamento teórico-metodológico que articula as noções de polêmica discursiva, de intercompreensão e de espaço discursivo, bem como a categoria do espaço êmico (BAUMAN, 2001) que, em sintonia, com o título se assume como central na análise efetuada. Para estes autores, cujo trabalho se revela inovador, neste espaço êmico a violência verbal assume-se como uma manifestação discursiva do preconceito e da intolerância, decorrendo de uma consolidação prévia na memória social, cultural e coletiva, ou seja, de um espaço polêmico pré-construído.

Da mesma forma, **Francisco Vieira da Silva**, no estudo “Violência em rede: discursos sobre Greta Thunberg em comentários *on-line*”, analisa um tema de enorme atualidade ao centrar-se sobre os comentários *online* no site *UOL* sobre a ativista sueca Greta Thunberg que alcançou uma relevante projeção internacional pelas posições que assumiu (*Fridays for Future*) e pelo reconhecimento que granjeou, quer como personalidade do ano em 2019 (pela revista *Times*), quer pelo convite para discursar na Conferência das Nações Unidas sobre alterações Climáticas, em 2019, quer, ainda, no Fórum Económico Mundial, em Davos, na Suíça em 2020. A pesquisa que problematiza a irrupção de discursos violentos contra Greta Thunberg é sustentada teoricamente na proposta da arqueologia foucaultiana e analisa comentários insultuosos nesse ‘tribunal da cólera quotidiana’, epíteto com que Freire Filho (2014) caracteriza a internet, evidenciando o caráter violento dominante. Interessante ressaltar deste estudo que nem todo o discurso ofensivo se

corporifica no emprego de expressões injuriosas ou violentas, mas que determinados enunciados de lamentação, como por exemplo, “morro de dó desta menina” espelham posicionamentos de piedade que decorrem da menoridade da ativista, descredibilizando o seu discurso ambiental.

O emprego de palavras ou expressões às quais subjaz essa intenção de agredir o outro e que, segundo Charaudeau (2019), materializam a violência por meio da linguagem verbal, consta do título do trabalho de **Romulo Santana Osthues**, intitulado “‘Você é um *palhaço* mesmo’ – A designação de uma palavra e o seu funcionamento como insulto”. Interessante a similitude com um trabalho, da autoria de duas investigadoras portuguesas, Maria Helena Saianda e Olga Gonçalves, da Universidade de Évora que, num congresso realizado em Lisboa sobre cortesia verbal, apresentaram uma comunicação com o curioso título “V. Ex^a é um trambiqueiro” (SAIANDA; GONÇALVES, 2014), em que analisaram igualmente as formas insultuosas, neste caso, dirigidas ao primeiro-ministro.

No caso presente estudo, o autor parte dos pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento e da Análise do Discurso para apresentar uma leitura do funcionamento discursivo do lexema ‘palhaço’, evidenciando o seu sentido pejorativo numa contenda entre políticos, numa audiência pública na Câmara Municipal, numa cidade do interior paulista. Ao longo do excerto analisado, o autor conclui que se constrói uma argumentação em torno do uso de ‘palhaço’, ‘palhaçada’ e das formulações concomitantes de ‘idiota’ e ‘boboca’ que orientam para a sua interpretação como insulto.

Uma reflexão sobre o uso dos designados ‘novos palavrões’, ou seja, o uso de categorias identitárias de natureza ideológica e política como estratégias de qualificação do interlocutor está na base do texto, da autoria de **Maria do Carmo Leite de Oliveira, Carolina Valente e Rony Ron-REN**, intitulado “Cabo de Guerra Verbal e Moral: um estudo do uso de categorias como ofensa no ambiente virtual”. As autoras centram-se no fenómeno da categorização, privilegiando uma abordagem teórica ambivalente: por um lado, os estudos sobre categorização de pertença e, simultaneamente, os pressupostos da análise conversacional de base etnometodológica. Concluem, a partir da análise de postagens publicadas no jornal digital *AND* sobre ações policiais no Rio de Janeiro e os comentários *online* subsequentes, que o fenómeno da categorização configura um recurso ofensivo, assumindo-se como ferramenta para instaurar e radicalizar o ambiente de polarização ideológica e política.

Numa perspectiva inovadora, sobretudo pela fundamentação teórica em que se sustenta, de cariz marcadamente sociocognitivo, o texto de **Rafahel Jean Parintins Lima** e **Edwiges Maria Morato** “Racismo e violência verbal: a construção textual e sociocognitiva da #SomosTodosMacacos” centra-se na observação minuciosa da relação textual e sociocognitiva entre racismo e violência verbal. Os autores, embora sublinhando que os estudos sobre violência verbal privilegiam contextos nos quais a violência é linguisticamente explicitada, defendem, neste artigo, que esta relação entre linguagem, violência e racismo pode não ser de natureza explícita, implicando uma complexidade ontológica. Esta é explicada por processos sociocognitivos não estritamente verbais como os *frames* que atuam na ativação e na mobilização de conhecimentos e experiências. Os pesquisadores procedem à análise de processos referenciais, intertextuais e dos *frames* do racismo que são mobilizados na *hashtag* #SomosTodosMacacos a fim de demonstrarem que há efetivamente uma violência verbal alicerçada num preconceito étnico-racial.

Qualificativos pejorativos, provocações, ameaças, insultos, atos depreciativos, como podemos testemunhar no rol de artigos constantes deste número, possuem uma dimensão vexatória, de ostracização do outro que espelham, amiúde, jogos de poder, e processos de categorização presentes em interações assimétricas, regidas por relações de autoridade. A citação que inaugura o título do texto “‘Não podem ser negras e gordas’: analisando a violência verbal em reações sociodiscursivas produzidas por leitores/as em contextos jornalísticos brasileiros” e que foi publicada por jornais de Belo Horizonte, corresponde à transcrição de uma notícia de uma empresa que se afirmava contrária à contratação de cuidadoras de idosos “negras e gordas”. Esta forma explícita de exclusão e os comentários que gera estão no cerne da análise de **Maria Carmen Aires Gomes** e de **Alexandra Bitencourt de Carvalho** que, convocam os pressupostos teóricos da Análise Crítica do Discurso, dos significados representacionais e identificacionais para evidenciar que tanto a notícia como as reações sociodiscursivas verbais analisadas concorrem para a discriminação interseccional. Permitam-nos citar uma das frases lapidares que consta da última página do texto e que deve merecer, de cada um de nós, leitores, uma ampla reflexão: “Assim, afirmamos que, mais do que discutir quais as violências verbais que estão presentes na sociedade, o importante é analisar como elas acontecem, como os contextos sociais e discursivos produzem dialeticamente condições para que existam”.

Na senda da constatação de que os discursos de ódio “se encontram em franca ebulição nas esferas públicas contemporâneas”, **Melliandro Mendes Galinari** propõe alguns parâmetros de identificação dos discursos de ódio na sociedade, num texto desafiador que apelidou “Identificando os ‘discursos do ódio’: um olhar retórico-discursivo”. O autor filia-se em correntes como a Análise do Discurso, na senda de Pêcheux, Oralandi e Amossy e nos estudos sobre Retórica e Argumentação para analisar várias práticas discursivas: primeiramente, a prática jurídica *per se*, ou seja, a legislação propriamente dita. Seguidamente, disserta sobre a importância do contexto, sublinhando a importância das circunstâncias de enunciação para a compreensão dos discursos e dos seus impactos. Traça um cenário do contexto brasileiro, apoiado em estatísticas oficiais que comprovam vários tipos gritantes de violência no Brasil, para mostrar que o discurso de ódio é social e coletivo, representando uma arma de classe e um mecanismo de exclusão, para elencar as suas principais características, assim como as condições psicossocioculturais e históricas de produção, exemplificando com *mêmes* de uma página do *Instagram*, detendo-se na objetificação, na exotização e na estigmatização. Aborda sumariamente outras operações discursivas recorrentes nos discursos de ódio, como sejam a calúnia e difamação; a difamação de euforia perante a desgraça alheia; a figuração do mal; o insulto ou a instigação ao insulto; a ridicularização e deslegitimação e os negacionismo, sublinhando que estes discursos de ódio se medem e se identificam pelos efeitos de exclusão, de violência física, de discriminação e pela negação da cidadania em contextos particulares.

Numa perspectiva igualmente discursiva, com enfoque retórico e multimodal, **Laura Cristina Bonnilla-Neira** apresenta um texto, resultado da investigação empreendida sobre slogans, indicações e *hashtags* constantes da convocatória de uma manifestação na Colômbia, intitulado “Tópicos y violencia verbal en la convocatória a la marcha #NoMásDesgobierno en Colombia”. A autora analisa o uso da modalidade argumentativa da polémica como uma estratégia dominante na confrontação estabelecida entre os opositores ao governo e ao Acordo de Paz na Colômbia. Analisando os tópicos e as manifestações de agressividade verbal das mensagens da convocatória da marcha de abril de 2016 através das redes Twitter e Facebook, conclui que estão presentes técnicas de refutação, nomeadamente a argumentação *ad hominem*. Cristina Bonnilla-Neira sustenta a sua análise de slogans e *hashtags* a partir da noção de ‘discurso de protesto’, de Grinshpun 2013,

convocando igualmente as reflexões de Maingueneau que sublinha a capacidade destes enunciados breves permitirem reforçar a coesão de uma coletividade opondo-a a uma ameaça exterior e implicando um *ethos* de compromisso, ao serviço de um discursivo de um coletivo em construção. O enquadramento teórico-metodológico do estudo convoca a proposta de Amossy sobre a Argumentação no Discurso, aliando a uma perspectiva retórico-argumentativa de Perelman e de Olbrecht-Tyteca, aplicando igualmente conceitos da linguística da enunciação de Kerbrat-Orecchioni e de Angenot, bem como os princípios de Kress e van Leeuwen para a análise dos enunciados multimodais.

Ficou comprovada a grande polarização da sociedade colombiana, na medida em que a análise permitiu recensear uma série de tópicos que foram utilizados na convocatória, concluindo a autora que as técnicas argumentativas dominantes na construção do discurso polémico e de confrontação foram os ataques *ad hominem*, a desqualificação do adversário, a paranomásia, o uso reiterado de predicados de processos negativos e a demonização, conduzindo, assim, a uma orientação disfórica e ameaçadora.

No artigo de autoria de **Marilena Inácio de Souza e Roberto Leiser Baronas**, intitulado “Para além do funcionamento argumentativo da polémica anunciada por Paulo Guedes acerca das empregadas domésticas brasileiras”, os autores detêm-se na análise de uma polémica verbal em torno da afirmação do Ministro da Economia, Paulo Guedes, em fevereiro de 2020 sobre a cotação do dólar e o suposto facto de as empregadas domésticas irem à Disney, material de enorme atualidade e com ampla repercussão mediática. O estudo sobre a intervenção polémica e preconceituosa do ministro despoletou uma enorme controvérsia que foi alvo deste trabalho de pesquisa, em que os autores ensaiaram compreender o funcionamento da polémica, marcada pelo dissenso e pelo litígio enunciativo, ancorados nos estudos teóricos amplamente citados de Amossy sobre a polémica verbal, bem como sobre a função das instituições mediáticas e a sua responsabilidade no debate público, perscrutando ainda as formas como os atores ofendidos na polémica reagiram ao comentário do ministro. Os autores complementaram ainda a sua fundamentação teórica convocando os pressupostos teóricos da proposta de uma teoria discursiva de ressignificação de Marie-Anne Paveau que integra a reflexão sobre as respostas às polémicas, nomeadamente as insultuosas que ocorrem nas práticas tecnodiscursivas que circulam na *web* social participativa.

A análise das manifestações dos sujeitos agredidos foi meticulosamente efetuada a partir dos sete critérios propostos por Paveau, evidenciando-se que os sujeitos afetados pronunciam-se, reagem, resistem, comprovando, assim, a importância do interdiscurso, do discurso ‘já dito’, das retomas discursivas e das alusões na gestão dinâmica da polêmica.

Prosseguindo em contexto político, mas desta feita em sede do Parlamento brasileiro, **Joseane Silva Bittencourt** e **Maria da Conceição Fonseca-Silva**, no estudo intitulado “Violência verbal no Parlamento brasileiro: análise discursiva de um insulto e seus efeitos políticos e jurídicos” exploram o funcionamento discursivo de um caso de violência verbal que envolveu dois deputados, em 2014, numa sessão plenária da Câmara dos Deputados, a partir de um corpus discursivo de matérias publicadas sobre o tema em *sites* jornalísticos de meios de comunicação institucionalizados. As autoras perfilham os pressupostos teóricos da Análise do discurso, nomeadamente os conceitos de Pêcheux e convocam, de forma pertinente, estudos sobre o insulto e as relações entre a linguagem e a violência verbal. Concluem que a partir de posições discursivas divergentes foram produzidos efeitos-sentido de agressão verbal e a partir da análise e da identificação dos efeito-sentido jurídicos da denúncia de incitação ao crime, dano moral e injúria, tendo produzido no processo e no julgamento da ação os efeitos-sentido de dano.

Procedendo a uma análise discursiva, mas privilegiando, desta feita, o conceito de ‘responsabilidade enunciativa’, três pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, **Rosângela Alves dos Santos Bernardino**, **Daliane Pereira do Nascimento** e **Raimundo Romão Batista** apresentam um estudo intitulado “Responsabilidade enunciativa e posição ideológica em discursos polarizadores sobre o casamento homoafetivo”. Nele examinam oito comentários inscritos no *Portal de Notícias GI*, no *Facebook*, que tratam de uma notícia sobre o casamento homoafetivo, tendo como respaldo teórico a Análise Textual dos Discursos e os conceitos propostos por Jean-Michel Adam. A partir da análise dos fenômenos de modalização autonímica, explorando especificamente as não-coincidências do dizer enquanto marcas linguísticas de responsabilidade enunciativa, os autores examinaram o gerenciamento de vozes a fim de identificar as vozes que ancoram os discursos polarizadores sobre o casamento homoafetivo, descreveram as estratégias discursivo-textuais e os movimentos de assunção e imputação de pontos de vista para interpretar as posições ideológicas subjacentes.

Saliente-se neste texto a perspectiva ideológica, interacional e dialógica da linguagem que é criteriosamente explanada no ponto 3, ‘Linguagem, ideologia e dialogismo’ e que recupera os conceitos de Volochínov e ainda os escritos bakhtinianos e do Círculo.

A análise evidenciou, como os autores sustentam, “uma espécie de duelo”, em que de um lado há os que se posicionam favoravelmente à notícia e de outro, dicotomicamente, os outros que assumem uma posição radicalmente contrária, sendo significativa, do ponto de vista ideológico, a sustentação e subordinação aos preceitos religiosos.

Com um título curioso que retoma uma expressão idiomática do português europeu, **Marina Silva Ninitas**, no texto intitulado “‘Troca de galhardetes’. Para o estudo da violência verbal na polémica sobre o Acordo Ortográfico em Portugal” procede a um estudo das estratégias linguístico-discursivas dominantes que veiculam a agressividade e violência verbais na polémica, de larga repercussão pública, que se vem travando nos últimos anos sobre a adoção do Acordo Ortográfico.

Ancorando a sua investigação no cruzamento de várias perspetivas teóricas que se complementam, nomeadamente a Pragmática, a Retórica, os estudos sobre Argumentação e alguns conceitos de Linguística Interacional, a autora comprova que o tema é polémico e fraturante na sociedade portuguesa. Após proceder a um minucioso enquadramento sócio-histórico do AO de 1990, a linguista analisa dois textos de reputadas figuras do panorama político português que se posicionam em polos diametralmente opostos. A análise é detalhada, individualizando e explicitando o título e o fecho do texto, recaindo a primazia da análise no corpo dos artigos, em que a autora evidencia a questão do *ethos* de arrogância e de superioridade comum aos dois autores; por seu turno, a autora esclarece as estratégias usadas explicitamente quer na defesa, quer no ataque; e detém-se no poder da argumentação, visível na retoma do ponto de vista do outro e na explicitação rigorosa de argumentos e na axiologia dos termos, mostrando a escolha deliberada a fim de descredibilizar o outro e os seus argumentos. Conclui que, lamentavelmente, na imprensa portuguesa a polémica em torno do Acordo Ortográfico em vez de se fundar em argumentos linguísticos que sustentam a adoção ou a recusa do documento legal, se circunscreve à ofensa, à querela pessoal ou política, à ameaça da face do outro.

Comprovando a tensão, a agressividade, a escalada de conflito, a violência verbal crescente que parece dominar o espaço da internet,

Wilma Maria Pereira investiga as estratégias utilizadas pelos interactantes para a construção das suas interações em meio digital, num texto intitulado “O discurso conflituoso na internet: uma análise discursivo interacionista de comentários em site de notícia”. Centra a sua análise em dois modelos teóricos que se complementam e que se revelam eficazes: o Modelo de Análise Modular do Discurso da Universidade de Genebra, que permite mostrar a organização discursiva dos comentários, concorre para realização de atos impolidos ou descorteses e o Modelo da Impolidez, de J. Culpeper, que, por sua vez, permite elencar quais as estratégias de impolidez que são mobilizadas para esse fim.

A autora analisa comentários recolhidos da imprensa digital, do *site Yahoo Notícias* após a publicação de um texto de Pichonelli que aborda questões relacionados com o contexto político brasileiro no início do ano de 2019, num momento político conturbado e polarizado da sociedade. A análise, que segue com rigor os pressupostos teóricos convocados, e que se apresenta de forma precisa e detalhada, evidencia que os sujeitos que produzem os comentários não usam estratégias de figuração para amenizar o grau ofensivo da interação, mas, ao invés, promovem a ofensa deliberada, acentuando a polarização social já vigente. A autora conclui que há uma tendência para a materialização de ataques verbais à face positiva dos interlocutores, expressos por uso de termos tabu, xingamentos, nomeações impróprias, metáforas ofensivas pejorativas e, concomitantemente, estes atos visam a preservação da imagem positiva de quem os produz.

A efervescência e polarização política no Brasil é indubitavelmente um tema profícuo para múltiplas análises discursivas, concorrendo o estudo de **Mônica Santos de Souza Melo**, “Da polémica aos discursos de ódio: um estudo da recepção no *twitter* sob a perspectiva semiolinguística” para reforçar a sua pertinência. Partindo de um vídeo publicado pelo ex-deputado Jean Wyllys e dos comentários que gerou na rede *twitter*, a pesquisadora procede a uma análise os comentários produzidos pelos internautas. Enquadrada teoricamente na Teoria Semiolinguística do Discurso de Charaudeau, que põe em diálogo com os contributos de Amossy sobre a polémica no discurso e a de Barros sobre discursos intolerantes, a autora, após recensar as características da rede social *twitter* como espaço de debate e de intervenção, procede à análise dos comentários, identificando alguns temas recorrentes, como a associação do outro ao pecado; a demonização do outro; a ridicularização, a partir

dos posicionamentos expressos através de atitudes de concordância e de discordância. Os exemplos convocados, nomeadamente os de rejeição, ilustram, de forma eloquente, o caráter muito ofensivo das intervenções, dominadas por expressões de ódio e por manifestações explícitas de intolerância de gênero, religiosa e política.

A autora comprova, assim, que a interação nesta rede social pode configurar um espaço de discussão, veiculando discursos de ódio, mas simultaneamente pode constituir um espaço de silenciamento e de opressão.

Partindo da constatação de que as batalhas de MC fazem parte da tradição oral e musical da comunidade afro-americana e latina, **Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira** e **Ana Lúcia Tinoco Cabral**, em “Batalhas de MC: um estudo sobre (im)polidez e categorização axiológica à luz da pragmática”, analisam os versos de arremate (*punchlines*) das batalhas de um ponto de vista pragmático, ligado à teoria da (im)polidez linguística, à noção da categorização axiológica, situando-as como rituais de violência e de disputa verbais. Os resultados a que as pesquisadoras chegam demonstram que as *punchlines* são produzidas principalmente por meio do emprego de estratégias de impolidez negativa, denegrindo o oponente e colocando sua reputação e seus argumentos em xeque, bem como de impolidez positiva, particularmente por meio do desprezo ao rival. As autoras também identificaram a ativação de processos de categorização cognitiva axiológica, responsáveis pela formação de uma polarização, em que características algumas vezes difusas, ligadas ao pertencimento à cultura de *hip-hop*, são reafirmadas para atuarem como um modelo idealizado de MC (ou de combatente). Por meio do estudo, elas puderam evidenciar, de forma muito clara e pertinente, que as *punchlines* refletem o ambiente do qual os MCs provêm e que, ao mesmo tempo, os projeta.

Em suma, como o leitor poderá testemunhar, este número da revista RELIN traz à luz artigos de valor inestimável que testemunham como o repto que ousámos lançar foi cumprido e superado. O pluralismo das diferentes abordagens teóricas, a complexidade multissemiótica dos discursos analisados, o rigor das análises empreendidas, a originalidade e atualidade das pesquisas espelham o entusiasmo e a entrega dos que se entregaram a este desiderato.

A todos os que colaboraram, o nosso sentido agradecimento e a nossa abertura e estímulo a que possam continuar a colaborar com a *Revista de Estudos da Linguagem* que é, comprovadamente, uma publicação de excelência no panorama dos estudos linguístico-discursivos em língua portuguesa.

Referências

BAUMAN, Z. *A modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CHARAUDEAU, P. Reflexões para análise da violência verbal. *Desenredo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo, v. 15, n. 3, p. 443-476, 2019. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/9916/114114895>. Acesso em: 10 set. 2020.

FRACCHIOLLA, B.; MOÏSE, C.; ROMAIN, C.; AUGER, N. *Violences verbales*. Analyses, enjeux et perspectives. Rennes: Presses Universitaire de Rennes, 2013.

FREIRE FILHO, J. O circuito comunicacional das emoções: a internet como arquivo e tribunal da cólera cotidiana. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38., 2014, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2014. p. 1-34.

MOÏSE, C. Argumentation, confrontation et violence verbale fulgurante. *Argumentation et Analyse du Discours*, Tel-Aviv, v. 8, p. 1-17, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/aad.1260>

MOÏSE, Claudine. *Violence verbale, fulgurances au quotidien*. Montpellier: CRDP de l'Académie de Montpellier, 2012. DVD 2.

MOÏSE, C.; AUGER, N.; FRACCHIOLLA, B.; SCHULTZ-ROMAIN, C. (ed.). *La violence verbale*. Espaces politiques et médiatiques. Paris: L'Harmattan, 2008a. Tome 1. (Coll. Espaces Discursifs).

MOÏSE, C.; AUGER, N.; FRACCHIOLLA, B.; SCHULTZ-ROMAIN, C. (ed.). *La violence verbale. Des perspectives historiques aux expériences éducatives*. Paris: L'Harmattan, 2008b. Tome 2. (Coll. Espaces Discursifs).

SAIANDA, M. H.; GONÇALVES, O. V. Ex^a é um trambiqueiro. In: SEARA, I. R. (org.). *Cortesia: Olhares e re(invenções)*. Lisboa: Chiado Editora, 2014. p. 211-226.



A violência verbal em manifestações explícitas de preconceito linguístico no *Facebook*: um espaço discursivo êmico

Verbal violence in explicit expressions of linguistic prejudice on Facebook: an emic discursive space

Anderson Ferreira

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/CAPES/PNPD), Vitória, Espírito Santo / Brasil

andersonferreirasp94@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7980-5773>

Samine de Almeida Benfica

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo / Brasil

Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo / Brasil

saminebenfica@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7635-2673>

Resumo: Este artigo examina a violência verbal em comentários produzidos na mídia social *Facebook*, na página “Falei errado? O pobrema não é meu, é seu”, após uma publicação com a legenda “Não é engraçado, #ÉPreconceitoLinguístico”. É o objetivo verificar os papéis e lugares discursivos, os estatutos sócio-psicológicos estereotipados e os posicionamentos político-ideológicos presentes nas práticas discursivas dos sujeitos-usuários, considerando que a controvérsia é impulsionada por uma constatação científica – em particular, da Sociolinguística – segundo a qual a reprovação, a repulsa ou o desrespeito às variedades linguísticas de menor prestígio social se configuram como preconceito e intolerância linguísticos. Para tanto, a fundamentação se deu em um quadro teórico-metodológico interdisciplinar que abrange os estudos das origens do português brasileiro (BAXTER; LUCCHESI, 1997; NARO; SCHERRE, 2003), a noção de polêmica discursiva (AMOSSY, 2011), as noções de interincompreensão e espaço discursivo (MAINGUENEAU, 1997, 2008, 2015) e, por fim, a categoria de espaço êmico (BAUMAN, 2001). As análises revelam que muitos discursos refletem um anseio de aniquilamento e de apagamento de identidades sociais e que, mesmo em contextos de discussão sobre preconceito linguístico, a violência verbal não se centra

somente nessa temática, mas abrange tudo aquilo que, de certa forma, representa as minorias sociais.

Palavras-chave: violência verbal; preconceito linguístico; espaço discursivo êmico; *Facebook*.

Abstract: This article examines verbal violence in comments produced on the social media Facebook, on the page “*Falei errado? O problema não é meu, é seu*” (Did I say it wrong? The problem is not mine, it’s yours), after a publication with the subtitles “*Não é engraçado, #ÉPreconceitoLinguístico*” (It’s not funny, #ItsLinguisticPrejudice). The objective is to verify the discursive roles and places, the stereotyped socio-psychological statutes and the political-ideological positions that are in the discursive practices of the subject-users, considering that the controversy is driven by a scientific observation – in particular, of Sociolinguistics – according to which disapproval, disgust or disrespect for less prestige linguistic varieties are configured as linguistic prejudice and intolerance. To this end, the foundation was given in an interdisciplinary theoretical-methodological framework that encompasses studies on the origins of Brazilian Portuguese (BAXTER; LUCCHESI, 1997; NARO; SCHERRE, 2003), the notion of discursive polemics (AMOSSY, 2011), the notions of inter-understanding and discursive space (MAINGUENEAU, 1997, 2008, 2015) and, finally, the category of emic space (BAUMAN, 2001). The analyzes reveal that many speeches reflect a desire to annihilate and erase social identities and that, even in contexts of discussion on linguistic prejudice, verbal violence does not focus only on this theme, but encompasses everything that, in a certain way, represents social minorities.

Keywords: verbal violence; linguistic prejudice; emic discursive space; Facebook.

Submetido em 07 de março de 2020

Aceito em 29 de abril de 2020

1 Considerações iniciais

O presente artigo tematiza o fenômeno da violência verbal em práticas discursivas de comentários em uma publicação da página do *Facebook* intitulada “*Falei errado? O problema não é meu, é seu*”.¹ O nome

¹ Link de acesso à página: <https://www.facebook.com/FaleiErradoOPobremaNaoEMeuESeu/>. Acesso em: 2 mar. 2020. Ressaltamos que a visualização da página e de suas publicações é livre, não sendo necessário consentimento dos moderadores para

da página revela uma relativização do conceito de erro, frequentemente debatido por pesquisadores da Sociolinguística, para muitos dos quais, do ponto de vista científico, não existe “erro de português” entre falantes nativos da língua, uma vez que estes são plenamente capazes de diferenciar enunciados gramaticais e agramaticais (BAGNO, 2015). O que comumente se rotula como “erro de português” seriam, na verdade, desvios da ortografia oficial do português ou das regras da gramática normativa. No entanto, esses desvios – os supostos “erros” – têm sido cientificamente explicados por estudos sociolinguísticos, que buscam identificar e descrever as regras que regem os usos variáveis da nossa língua, evidenciando que esta é um objeto constituído de heterogeneidade ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

Partindo dessas premissas, os criadores da página tiveram a iniciativa, para “justamente mostrar as ocorrências mais comuns da oralidade e explicar que existe uma regra para elas”.² A substituição do som de L pelo som de R, por exemplo, como consta no nome da página (“pobrema”), é chamada pelos linguistas de rotacismo e se explica pela forte semelhança articulatória entre os dois sons, que já foram indiferentemente trocados ao longo da história em várias línguas, inclusive na via oposta, chamada de lambdacismo.³ Ocasões como essa costumam ser alvo dos “fiscais” da língua portuguesa, os quais direcionam críticas e insultos aos falantes que usam essas variantes e às pessoas que defendem esses falantes.

A partir da ideia de combate ao preconceito linguístico que subjaz à referida página e que está explicitamente expressa em sua publicação “Não é engraçado, #ÉPreconceitoLinguístico”, objetivamos verificar os papéis e lugares discursivos, os estatutos sócio-psicológicos estereotipados e os posicionamentos político-ideológicos que emergem no discurso dos sujeitos-usuários que, de modo geral, mitificam o preconceito linguístico, valendo-se de estratégias discursivas que implodem o diálogo, afastam, desprezam e ridicularizam o interlocutor, de forma a expeli-lo do debate público. Seguindo as conceitualizações de espaço social propostas por Bauman (2001), isolamos um espaço

consulta à mesma. No entanto, para participar das interações via comentários, o usuário deve ter uma conta no *Facebook*.

² Este é um dos objetivos citados na descrição da página, que pode ser conferida no link presente na nota 1, no item *Sobre*.

³ Para mais detalhes sobre a investigação, cf. Bagno (1997).

discursivo que chamamos de êmico. Os enunciados reunidos em torno das manifestações de preconceito linguístico da mídia social em foco sedimentam a violência verbal no campo das demandas sócio-políticas recentes no Brasil.

Afora as considerações iniciais e finais, a discussão teórica deste trabalho foi desenvolvida na segunda e terceira seções do presente artigo, e a apresentação mais detalhada da página e da publicação em foco, bem como as análises do *corpus* construído, foram realizadas na quarta seção.

2 Sobre as origens do português brasileiro

Os filósofos, na Grécia clássica, construíram um campo de saber voltado à concepção do funcionamento da língua. Esse saber clássico, embora especulativo, ampara as filosofias da linguagem posteriores – em particular, as do século II, antes de Cristo – dando-lhe novos rumos insuspeitados pelos clássicos gregos. Assim, a tradição gramatical dos alexandrinos, superada pela Linguística do século XX, tinha como centro a norma prescritiva. Como esclarece Mattos e Silva (1996), muitos daqueles métodos foram reorganizados no campo de uma Tradição Gramatical.

Com efeito, a tradição gramatical normativo-prescritiva nasce da percepção da unidade a despeito de sua diversidade, desenvolvendo-se por meio de coerções pedagógicas para manter certo estatuto de “pureza” e, também,

[...] para permitir o estudo dos escritores clássicos gregos e para que eles servissem de modelo a ser seguido. Define-se desse modo uma vertente na compreensão das línguas que se tornou hegemônica por mais de vinte séculos: a da Tradição Gramatical, como suporte da crítica textual, que se concentra no estudo da língua escrita, conforme a variante privilegiada pela sociedade, que, nas sociedades letradas, coincide com a dos escritores legitimados por ela, ignorando-se as variantes faladas que constituem a realidade, menos ou mais heterogênea, de qualquer língua histórica (MATTOS E SILVA, 1996, p. 22).

De fato, a gramática normativo-prescritiva tem se mantido como “o ideal prescritivo, homogeneizador e segregador [...], como o modelo ainda dominante para o ensino das línguas maternas na instituição escolar” (MATTOS E SILVA, 1996, p. 23).

Faraco (2016), ao contar a história social da língua portuguesa no Brasil, desvela a série de fenômenos que levaram à sua implementação até tornar-se língua dominante, e a conseqüente diminuição do uso da língua geral amazônica e dos dialetos africanos, durante e após o processo de colonização. Ao contrário do que se pensa, não houve algum decreto com força suficiente para extirpar as antigas línguas. O processo envolveu acontecimentos históricos impactantes, tais como a Cabanagem (1840) e a Guerra do Paraguai (1865-1870), que minaram grande parte da população falante da língua geral amazônica; o ciclo da borracha (1890-1929), que levou meio milhão de colonos falantes de português para a região amazônica; e, em especial, o ciclo da mineração (início do século XVIII). Este último impulsionou o uso do português, pois a região das minas tornou-se polo atrativo para os colonos, antes alocados de forma esparsa pelo Brasil, e, também, para cerca de 600.000 portugueses que vieram de Portugal, interessados nessa nova riqueza brasileira (FARACO, 2016).

No caso das línguas dos africanos no Brasil, Baxter e Lucchesi (1997)⁴ apontam para uma *transmissão linguística irregular* no contato entre escravos e portugueses. Segundo estes autores, houve uma simplificação e/ou eliminação de certas estruturas gramaticais da língua portuguesa no processo de aquisição da mesma pelos africanos e por seus descendentes, numa tentativa de aproximação com suas línguas maternas. Naro e Scherre (2003)⁵ refutam essa ideia e afirmam que não houve supostamente uma simplificação da gramática por parte dos colonizados, mas que os próprios falantes da língua dominante modificavam suas formas linguísticas normalmente empregadas por motivos diversos, principalmente por acharem que, assim, facilitariam o processo de comunicação. De toda maneira, o fato é que a língua do dominador se tornou hegemônica, mas não sem passar por mudanças significativas em seu sistema, em razão do contato com outras línguas.

Dando as costas para essa complexa trama que configura o que se tornou o português brasileiro, as gramáticas tradicionais ainda hoje estabelecem como normas o que às vezes não faz parte de nosso sistema linguístico. Bagno (2017a) realiza essa crítica à não correspondência entre regra e uso do português brasileiro, diferentemente, por exemplo, das gramáticas do português europeu, inglês, francês, italiano e espanhol.

⁴ Cf. também Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009).

⁵ Cf. também Naro e Scherre (2007).

Embora muitos estudos linguísticos operem na descrição do uso factual do português brasileiro, atestando serem irreais certas estruturas tidas como “certas”, ainda há uma idealização da “língua mãe” do colonizador, que não se restringe ao âmbito acadêmico, mas que se estende à população brasileira que se crê especialista nessa suposta língua.

É, portanto, de um sentimento de “cuidado” com a língua lusa que surgiu o que Bagno (2017b, [s.p.]) chama de “cultura do erro”: “uma obsessão por condenar e perseguir qualquer manifestação verbal diferente daquele modelo, que em nada correspondia aos usos reais do português no Brasil, nem sequer aos usos das próprias oligarquias dominantes”. O julgamento de certo e errado sobre o uso da língua é o corolário do preciosismo com a gramática normativa do português brasileiro, o que culmina, muitas vezes, em práticas de preconceito linguístico.

Leite (2008), em seu livro *Preconceito e intolerância na linguagem*, diferencia os conceitos de preconceito e intolerância. Segundo a autora, preconceito é a ideia, a opinião ou o sentimento “que pode conduzir o indivíduo à intolerância, à atitude de não admitir opinião divergente e, por isso, à atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações” (LEITE, 2008, p. 20). Em outras palavras, a intolerância seria o comportamento, a reação, a manifestação discursiva do preconceito, em razão da incapacidade de enfrentar a alteridade e de conviver com a diversidade.

O preconceito linguístico costuma ser manifestado de modo explícito, diferentemente de outros tipos de preconceito – como o racial, o de classe social, o de gênero etc. –, uma vez que já não é tão aceitável mais, “pega mal”, ser intolerante com negros, mulheres, homossexuais, pobres, e outras minorias sociais. A esse respeito, Leite (2008, p. 14) afirma que “a metalinguagem intolerante (ou preconceituosa) camufla (ou denuncia) outros preconceitos, de todas as ordens”, já que contra esses outros preconceitos já existem leis, políticas públicas e militantes a postos para debater.

Nesse movimento de “camuflagem” ou “denúncia” na prática da metalinguagem preconceituosa, mobilizamos a problemática da violência verbal no espaço digital da internet. Com isso, o lugar enunciativo do colonizador, a idealização da língua e a cultura do erro (BAGNO, 2017b), e mesmo a tradição normativo-prescritiva, hibridizam-se nas práticas discursivas de preconceito linguístico, que desenham um espaço de confrontos sociais, políticos e culturais na sociedade contemporânea

brasileira. É, portanto, nesse espaço que se evidencia, com mais clareza e sem pudores, a violência verbal no campo das mídias digitais.

3 A violência verbal: um espaço discursivo êmico

A violência verbal ou *flaming* diz respeito à linguagem hostil e agressiva. No espaço digital, o trabalho de Herring (1993), intitulado “*Gender and democracy in computer-mediated communication*”, tem o mérito de ser uns dos primeiros a desenvolver a relação entre linguagem e agressividade *on-line*. Além de Herring (1993), Culpeper (1993), Bousfield (2008) e Amossy (2011) desenvolvem trabalhos voltados ao fenômeno da violência verbal nas mídias digitais. Culpeper (1993), na medida em que constrói um *corpus* mais amplo e heterogêneo, não se ocupa tão somente do discurso ofensivo no espaço digital. Bousfield (2008), em diálogo direto com Culpeper, argumenta, entre outras coisas, que a impolidez é negociada no discurso e não um fenômeno isolado. Nesse sentido, é possível considerar que a violência verbal é uma prática discursiva que responde a dadas condições sócio-históricas. Amossy (2011), por sua vez, acrescenta que o fenômeno da violência verbal deve ser examinado a partir das características do discurso polêmico. Focalizemos algumas discussões dessa última autora.

Amossy (2011) propõe alguns cenários de sentidos para que o termo surja:

- Em um discurso polêmico, mesmo que este funcione como espécie de via de mão única, isto é, ataca-se o antagonista sem um desagravo recíproco.
- Em uma “troca controversa”: um debate na TV ou nas redes sociais. Aqui o discurso polêmico pode ocorrer numa interação face a face em que um tenta prevalecer sobre o outro; tem-se, assim, seu estatuto dialógico.
- Na construção de um *corpus*: o analista reúne práticas discursivas antagônicas acerca de determinada formação discursiva temática (o aborto, a liberação da maconha, o porte de armas etc.).

Assim, para Amossy (2011), a noção de controvérsia compreende uma forma de gerenciar os conflitos por meio da polarização intensa e da radicalização de posições enunciativas. Afirma, com Garand (1998), que a controvérsia se fundamenta mais em conflitos do que em violência verbal,

a qual seria uma característica reiterada, mas não necessária, da prática polêmica, ao passo que a polarização de posições e seu enfrentamento são uma forma de gerenciar o conflito constitutivo da polêmica. Mas, de qualquer modo, a violência verbal se constitui no interior de uma controvérsia.

Contudo, como veremos em nosso *corpus* de análise, a controvérsia sobre preconceito linguístico precisa ser compreendida não apenas como “encenação” e hostilidades gratuitas, mas também como um modo de exclusão e de eliminação da voz e corpo do *outro*. E não apenas por parte dos sujeitos-usuários em suas práticas de comentários, mas também pela cenografia conflituosa e provocativa do discurso que atravessa a página “Falei errado? O pobrema não é meu, é seu”, uma vez que, na validação dessa cenografia, os sujeitos-moderadores nomeiam aqueles que ignoram as pesquisas em Sociolinguística de “normativos”.⁶ Trata-se, portanto, de uma arena aberta cuja radicalização das opiniões se materializa em todo tipo de preconceito e produz efeitos de sentido de tensão e de conflito.

Porém, na postagem por nós focalizada, diferentemente de outras publicações realizadas na mesma página, essa “arena digital” pouco ou quase nada incita a violência verbal ou mesmo a hostilidade entre os sujeitos-usuários, como acontece em outros *mídiuns* (cf. DEBRAY, 1993; MAINGUENEAU, 2006, 2013): fóruns de debate ou *sites* de notícia (cf. AMOSSY, 2011; BALOCCO; SHEPHERD, 2017). A violência verbal na página em foco ocorre em um espaço polêmico pré-construído. Isto é, a polêmica não é produzida pelos enunciadores envolvidos, mas suas fronteiras foram construídas no decurso da história; logo, os enunciadores podem ocupar o lugar da polêmica. Nesse sentido, a controvérsia sobre o preconceito linguístico advém de uma interincompreensão recíproca (MAINGUENEAU, 2008), no atravessamento constante entre a “opinião pública” e a ciência da linguagem, erigida ao longo do século XX, gerindo, assim, as condições de enunciabilidade das posições em embate, como observaram Mattos e Silva (1996), Baxter e Lucchesi (1997), Naro

⁶ Na página “Falei errado? O pobrema não é meu, é seu”, encontramos diversas publicações pejorativas a respeito daqueles que defendem a gramática normativa como a “correta”. Uma das figuras mais atacadas é o professor, gramático e filólogo brasileiro Evanildo Bechara. Contudo, neste artigo, centramo-nos na análise discursiva apenas dos comentários da publicação fixa da página, conforme já mencionado anteriormente.

e Scherre (2003, 2007), Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), Faraco (2016) e Bagno (2017a, 2017b) a respeito das políticas linguísticas em torno da língua materna.

Sob essa perspectiva, é possível falar da emergência de um *espaço discursivo êmico* em que a violência verbal é a manifestação discursiva do preconceito e da intolerância, que já estão consolidados na memória social, cultural e coletiva. De fato, nesse espaço, não apenas se admite uma opinião divergente (LEITE, 2008), mas se expõe a presença do outro, cuja identidade se deseja apagar e, em última instância, eliminar a presença física.

As bases da noção de espaço discursivo êmico advêm das discussões de Lévi-Strauss (1908-2009), em *Tristes Trópicos* (1998), as quais o sociólogo polonês Bauman (1925-2017) retoma para postular as noções de espaços [sociais] fágicos e êmicos. No que tange ao espaço êmico, Bauman (2001) acrescenta que se trata de uma tentativa de anular a existência física do outro; uma forma direta de expeli-lo do corpo social, de modo a apagar a sua identidade. Bauman cita a deportação, a prisão e o assassinato como “alternativas contemporâneas” dessa estratégia.

Contudo, as alternativas contemporâneas exemplificadas por Bauman nada mais são que estratégias transeculares de expelir o outro ou mesmo subterfúgios agressivos de afugentar sua presença, como bem demonstrou Foucault (1987). Na contemporaneidade, em particular em sociedades democráticas, a estratégia êmica funciona de forma bem mais sutil. É a especulação imobiliária, o cliente diamante, a reurbanização de favelas, os condomínios de luxo, dentre outros, que existem para expelir o outro, mas não qualquer outro.

No campo do discurso, podemos falar, como sugerem Ferreira, Ferreira e Chaves (2018, p. 66), de um espaço discursivo “em que as trocas verbais são interincompreensíveis e a existência física do *outro* é insuportável, sendo, pois, desejável seu aniquilamento”. Nesse ponto, a especificação de Maingueneau (2008) a respeito da noção de espaço discursivo é contributiva. Conforme explica o linguista francês, os espaços discursivos são subconjuntos de posicionamentos discursivos que o analista, diante de seus objetivos, acredita ser relevante relacionar. Trata-se, pois, de subconjuntos de posicionamentos que podem ser isolados no interior de um campo discursivo (político, religioso, literário, midiático), a critério do analista.

Não obstante, o modo como isolamos espaços discursivos no interior do campo da mídia digital partiu de outro critério. O espaço discursivo – que chamamos neste texto de *êmico* – é consequência de um efeito de sentido global: a violência urbana. Não é difícil se deparar com programas de TV, rádio ou canais na internet que se dedicam a transmitir recortes da violência urbana (perseguições a bandidos, golpes de estelionatários, relatos de furto e roubo, assassinatos etc.). A estratégia ali é construir cenografias digitais de violência generalizada. Por sua vez, a cenografia verbal de “violência”, “revolta” ou “revanche”, valida-se e é validada por meio de enunciações performativas.

Em debates no espaço digital, o efeito de sentido de “violência” pode ser percebido de modo mais “conciso” (“a internet é violenta”, “a internet não perdoa”). Nesse sentido, a controvérsia, o mal-entendido, a repulsa, a censura e o ódio, tudo pode ser retido num só lugar: o espaço digital. Dessa forma, dado os modos de produção, circulação, disseminação, memorização e arquivamento do discurso nesse espaço, a violência verbal torna-se mais corriqueira e profusa.

Pouco omitida na internet, a violência verbal revela, muitas vezes, o anseio de aniquilamento e do apagamento das identidades. Independentemente do uso de palavrões, as práticas discursivas no espaço discursivo *êmico* se constituem mediante as forças centrífugas, no sentido de Bakhtin (1995).⁷ De fato, num espaço isolado dessa forma, a violência verbal renuncia à polidez e abdica de seus pseudo-pudores. Por isso, trata-se de um espaço em constante construção no social e no histórico, o qual Bauman (2001) conceitualiza de espaço *êmico*. Na dimensão discursiva, porém, tratamos como um espaço discursivo *êmico*, pois são as práticas de violência verbal reunidas pelo analista que configuram o estatuto *êmico* do espaço discursivo.

Num espaço discursivo *êmico*, a alternativa ao enfretamento da alteridade tem sido, em geral, realizada de forma a desdenhar, negar, demonstrar falta de empatia, buscar o desentendimento, usar linguagem tabu (xingamentos, palavrões), satirizar, ridicularizar e ameaçar o outro (CULPEPER, 1993; BOUSFIELD, 2008). Contudo, um fenômeno

⁷ Bakhtin (1995), em seus estudos, postula a existência de duas forças operando nos gêneros de discursos: as forças centrípetas e as forças centrífugas. As primeiras tornam os gêneros homogêneos e os estabilizam; as últimas, por sua vez, os tornam heterogêneos e os desestabilizam.

paradoxal pode ser observado na medida em que nesses espaços o exercício da cidadania é reivindicado nas e pelas práticas discursivas de violência verbal. Joga-se, assim, com o fechamento dos posicionamentos, mesmo que no interior da noção de cidadania repouse a ideia “aberta” do gozo dos direitos. O foro do conflito, à medida que é manifestado pela violência verbal, revela, muitas vezes, o próprio desejo de aniquilar qualquer possibilidade de enfrentamento da alteridade.

A interincompreensão discursiva é generalizada, mas pode ser mais bem evidenciada num espaço de trocas cuja violência verbal é o fio condutor. Por isso, o espaço discursivo êmico produz efeitos de sentido de polêmica, uma vez que integra preconceitos, conflitos e tensões historicamente construídos. Os discursos que ali circulam já se encontram inseridos num conjunto de semas repartidos em dois registros: semas positivos e semas negativos, reivindicados e rejeitados, respectivamente, conforme esclarece Maingueneau (2008):

[...] a cada posição discursiva se associa um dispositivo que a faz interpretar os enunciados de seu Outro traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema. Em outras palavras, esses enunciados do Outro só são “compreendidos” no interior do fechamento semântico do intérprete; para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o Outro como tal, mas somente como o simulacro que dele constrói (MAINGUENEAU, 2008, p. 99-100).

Na esteira de Ferreira, Ferreira e Chaves (2018, p. 68), podemos dizer que a violência verbal “tem a ver com as condições sócio-históricas e culturais da produção dos discursos. O espaço discursivo êmico é ocupado por posições enunciativas, historicamente, em conflagração ideológica”. É, portanto, nesse espaço de embates e violência verbal, que emergem papéis e lugares discursivos, estatutos sócio-psicológicos estereotipados e posicionamentos político-ideológicos. Faremos, na próxima seção, uma incursão nessas três dimensões (linhas de força), analisando os comentários selecionados.

4 Falei errado? O problema é nosso!

Na mídia social *Facebook*, utilizamos a ferramenta de busca para encontrar algum material em que constasse a expressão “preconceito linguístico”. Foi, então, que chegamos à página “Falei errado? O

pobrema não é meu, é seu”, criada por estudantes da UERJ, no ano de 2013, com mais de 40 mil seguidores.⁸ O objetivo da página, segundo seus moderadores, é “desmistificar a noção de certo e errado na Língua Portuguesa; mostrar que o preconceito sobre quem fala um português não padrão é apenas de quem julga; mostrar as ocorrências mais comuns da oralidade [...]”, dentre outros.⁹ A iniciativa tornou-se um Projeto de Extensão, que fora premiado no UERJ Sem Muros, no ano de sua criação.

Desde fevereiro de 2018, a página apresenta uma publicação fixa que já incitou mais de 21 mil compartilhamentos e mais de 4,1 mil comentários. Focalizamos, assim, os comentários, tomados como discurso, a partir dessa publicação, cuja legenda é “Não é engraçado, #ÉPreconceitoLinguístico”. Nela observamos (Figuras 1 e 2) nove imagens com dizeres de situações que, para os sujeitos-moderadores, configuram preconceito linguístico.

FIGURA 1 – Layout da página, com sua publicação fixa¹⁰



⁸ Até a submissão desse artigo (março de 2020), 40.585 seguidores.

⁹ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/FaleiErradoOPobremaNaoEMeuESeu/about/?ref=page_internal. Acesso em: 2 mar. 2020.

¹⁰ Por razões de natureza ética, omitimos nomes e imagens que pudessem identificar usuários do *Facebook*.

FIGURA 2 – Imagens anexadas à publicação



Conforme visto, foram elencadas atitudes comuns de brasileiros que se deparam com situações cotidianas de usos variáveis da língua, comumente associados ao português não padrão, que podem ser consideradas manifestações de preconceito linguístico. O que a moderação expressa com isso é a necessidade de o indivíduo se atentar para suas ações enquanto interage com pessoas que aparentam desconhecer as normas, para que não seja intolerante.

A publicação gerou repercussão imediata, inspirando posições controversas por parte de numerosos usuários da mídia social *Facebook*. De modo geral, os comentários discordam da posição de que os enunciados ditos nas Figuras 1 e 2 sejam preconceito linguístico. Para este recorte, elegemos seis comentários entre aqueles com manifestação mais explícita de preconceito linguístico, a fim de analisá-los. Como veremos, para além da mera discordância, a polêmica se centra mais no léxico “preconceito” do que no léxico “linguístico”. Ou, para retomarmos a diferenciação proposta por Leite (2008), a intolerância revelada no debate público em questão é o resultado de preconceitos já consolidados na memória social e coletiva.

De fato, a linguagem hostil e agressiva textualizada nos comentários em análise desvela discursos que, quando reunidos,

engendram um espaço de trocas cujo objetivo é a eliminação do outro pela negação do preconceito linguístico. São esses discursos que o recorte interpretativo que operamos na construção do *corpus* visa a problematizar. Para examinar o fenômeno da violência verbal, tomamos os comentários como discurso e destacamos algumas linhas de força: i) os papéis e lugares discursivos; ii) os estatutos sócio-psicológicos estereotipados; e iii) os posicionamentos político-ideológicos.

Emprestamos essas linhas de força de Maingueneau (2016), quando este autor discute a noção de *ethos* discursivo. Aqui, contudo, não falaremos em termos de construção de *ethos*, mas de discursos em embate no bojo do interdiscurso. Com efeito, as linhas de força discursivas interagem entre si. Então, podemos ver que os papéis e os lugares discursivos têm afinidades com o fato de os enunciadores mobilizarem um discurso ético-moral, por exemplo, mas também de emergirem, no interior desses discursos, estatutos sócio-psicológicos estereotipados validados de forma positiva ou negativa na memória social e coletiva. E, como veremos, no interior desses atravessamentos, os enunciadores inscrevem posicionamentos político-ideológicos que mitificam o preconceito linguístico.

4.1 Os papéis e lugares discursivos

Comentário 1¹¹

“Vejo uma geração imbecil que coloca tudo como preconceito mas não se preocupa em no mínimo fazer a sua obrigação de ser ético, de estudar, de lutar pelo que quer e não defender as facilidades para chegar a qualquer custo aonde quer. Uma geração babaca que se preocupa somente com mimimis e em garantir seus direitos sem honrar com suas obrigações. Preconceito? Façam me o favor.”

No Comentário 1, o item lexical “preconceito” é tomado sem nenhuma especificação. Dessa maneira, o enunciadador pode associar a falta de ética, de estudo, de esforço a “uma geração imbecil”, que apenas defenderia “facilidades” para se chegar “a qualquer custo” aonde se almeja. O que se nega aqui é o papel e lugar discursivos de

¹¹ Salientamos que os comentários selecionados para análise foram transcritos *ipsis litteris*, sem adaptações e correções de como se apresentaram no *Facebook*.

“uma geração babaca”, que, embora esteja “alerta” para defender seus direitos, procede por meio de “mimimis”; supostamente, “sem honrar com suas obrigações”. O termo “mimimi” é muito corrente em discussões na internet. Trata-se de uma expressão pejorativa usada na linguagem informal para satirizar e ridicularizar aquele que questiona algo, como se passasse a vida reclamando (CULPEPER, 1993; BOUSFIELD, 2008).

Como já adiantamos antes, no Comentário 1, não há nenhuma referência à questão do preconceito linguístico, a não ser pelo fato de sabermos que a discussão fora incitada pela página hospedada no *Facebook* “Falei errado? O pobrema não é meu, é seu”, por meio da publicação “Não é engraçado, #ÉPreconceitoLinguístico”. Mas, mesmo supondo que o enunciador esteja se referindo ao preconceito linguístico e não a outros tipos de preconceitos, é justo indagar por que alguém que sofre preconceito linguístico não seria ético, estudioso, “lutador” etc.

Com efeito, o “preconceito” que o enunciador nega é bem mais amplo e historicamente situado. Não se trata apenas de negar o preconceito linguístico em relação a classes socialmente desprestigiadas. O enunciador visa a expelir do espaço social toda uma geração que procura “garantir seus direitos” adquiridos, sobretudo, nos últimos trinta e cinco anos, no processo de redemocratização do Brasil. Podemos ver aí um lugar e papel discursivos emergindo contra essa “geração babaca”; geração que não “honra com as suas obrigações” e que reclama de tudo. É o lugar de outra geração, provavelmente anterior, possivelmente educada em bases mais tradicionais, e cujo discurso meritocrático tem ressonância no interior de uma pedagogia liberal, que, como enfatiza Libâneo (2005).

[...] sustenta a ideia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais. Para isso, os indivíduos precisam aprender a adaptar-se aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes, através do desenvolvimento da cultura individual. A ênfase no aspecto cultural esconde a realidade das diferenças de classes, pois, embora difunda a ideia de igualdade de oportunidades, não leva em conta a desigualdade de condições. (LIBÂNEO, 2005, p. 21-22).

Nessa senda, a violência verbal atravessa o discurso do Comentário 1 para desprezar a luta por direitos em detrimento da adaptação aos valores e às normas vigentes de uma sociedade. Valores e

normas que a Tradição Gramatical, por exemplo, também preserva como monumento histórico e ideológico, na medida em que se concentra no estudo da língua escrita, conforme a variante privilegiada pela sociedade, e ignora as variantes faladas, como enfatiza Mattos e Silva (1996).

Trata-se, sem dúvida, do contra-ataque de uma geração anterior que se esforça para “acentuar o ensino humanístico, de cultura geral, no qual o aluno é educado para atingir, pelo próprio esforço, sua plena realização como pessoa” (LIBÂNEO, 2005, p. 22). O enunciador ocupa, dessa forma, o papel e o lugar discursivos do “vencedor” que se adaptou aos valores e às normas sociais de uma sociedade de classe, refutando, assim, toda economia de seus privilégios.

Cabe pontuar que, em momento algum, em nenhuma das nove situações elencadas nas imagens da publicação, foi sugerida a ideia de que as pessoas devam deixar de estudar ou de lutar pelo que querem ou de cumprir suas obrigações para lograrem êxito em suas vidas – tampouco que a ausência de estudos e a conformidade com a própria situação seja um caminho para o alcance de sucesso. No entanto, o enunciador não apareceu para argumentar contra a ideia exposta, e sim contra o que os moderadores da página supostamente representam, lançando mão de argumentos *ad hominem*, realizando críticas (agressões) aos autores da publicação, e não especificamente ao conteúdo abordado.

Comentário 2

“Machado de Assis, um dos maiores expoentes da língua portuguesa deve estar se revirando no túmulo uma hora dessas, vendo tanta besteira e idiotice. Só para constar para esse bando de babacas, Machado de Assis era negro no Brasil pós abolição da escravatura, nunca teve chances de ir à escola, mesmo assim não ficou de vitimismo barato e estudou por conta própria, tornando-se ministro e um dos maiores escritores desse país. Por isso deixo aqui meu humilde “vão se ferrar” bando de gente preguiçosa.”

No discurso do Comentário 2, a violência verbal, a princípio, revela uma incompreensão da proposta da própria página “Falei errado? O pobrema não é meu, é seu”. A página e a publicação citadas se propõem a discutir a modalidade falada da língua e não a escrita. Porém, esse tipo de “mal-entendido” serve não apenas para mandar “se ferrar” um “bando de gente preguiçosa”, mas também para içar na superfície textual uma sociedade letrada a qual se equipararia com a dos escritores legitimados

por ela (MATTOS E SILVA, 1996). É o que Bagno (2017b) chama, de modo acertado, de “cultura do erro” – um sentimento de cuidado com a língua lusa; uma obstinação por denunciar e policiar toda manifestação verbal diferente da variedade padrão-culta da língua.

De certo que Machado de Assis, “um dos maiores expoentes da língua portuguesa”, se escrevesse no século XXI, não escreveria à moda do século XIX. E não há dúvida, também, de que sua produção literária seria tão geniosa hoje como o é a de sua época. De todo modo, a violência verbal no Comentário 2 revela outros discursos que podem ser encontrados nas atuais condições sócio-históricas da sociedade brasileira. Destacaremos, aqui, dois discursos que atravessam o discurso “purista” no Comentário 2.

As discussões em torno das questões étnico-raciais estão presentes nos debates contemporâneos, não apenas no Brasil, mas em outros países, fora e dentro das universidades. Contudo, no Brasil do século XXI, diversos movimentos de militância negra e de outros setores da sociedade fomentaram o debate acerca da representação dos sujeitos negros. Como enfatizam Ferreira e Chaves (2018), esses grupos de debates não encontraram

[...] modos tão eficazes de fazer enxergar o potencial da identidade negra para si e para o Outro salvo por ações afirmativas, como as cotas raciais para o ingresso em universidades públicas e por meio da reserva de cargos efetivos no funcionalismo público. Outro domínio, ao mesmo tempo mais longo e mais perene, se constitui, por meio da educação, pela Lei 10.639/2003 e pelas práticas discursivas em torno dela. (FERREIRA; CHAVES, 2018, p. 166).

No bojo desse debate, emerge um discurso “antagonista” que se esforça para desqualificar as políticas afirmativas em torno da questão étnico-racial no Brasil. Desse modo, o discurso no Comentário 2 inscreve um leitor-modelo, “bando de babaca”, para o qual a ofensa é dirigida. É justo afirmar que a mobilização dos itens lexicais “negro”, “escravatura” e “vitimismo” inscreve o enunciador no papel discursivo daquele que enxerga, em políticas afirmativas raciais, injustiça social. Isto é, o enunciador compreende a luta dos sujeitos negros no Brasil atual como vitimismo ou “mimimis”. “Machado de Assis era negro no Brasil pós abolição da escravatura, nunca teve chances de ir à escola, mesmo assim não ficou de vitimismo barato e estudou por conta própria”.

Sabemos que a biografia de Machado de Assis diz outra coisa, mas, para o enunciador do Comentário 2, importam as frases de efeito: “era negro”, “não ficou com vitimismo” e “estudou por conta própria”. Logo, podemos conjecturar que os negros e negras brasileiros não devem ficar com “vitimismo” e, em especial, devem “estudar por conta própria para, quiçá, tornarem-se “ministros” ou “escritores” de renome. Mas o embate ocorre, entre outras questões, pelas pautas e práticas discursivas em torno da Lei 10.639/2003, a partir do campo político-educacional de um Brasil “estruturalmente racista que, no entanto, se encontra sob a égide da multiracialidade e do multiculturalismo” (FERREIRA; CHAVES, 2018, p. 167). Eis o discurso étnico-racial em destaque.

Outro discurso que podemos destacar é muito recorrente no *ethos* do “vencedor”. Trata-se do discurso meritocrático, que tem lugar, como já dissemos anteriormente, na construção de uma pedagogia liberal, no início do século XX, no Brasil. Libâneo (2005) assim esclarece:

O termo liberal não tem o sentido de “avançado”, “democrático”, “aberto”, como costuma ser usado. A doutrina liberal apareceu como justificativa do sistema capitalista que, ao defender a predominância da liberdade e dos interesses individuais na sociedade, estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção, também denominada sociedade de classes. A pedagogia liberal, portanto, é uma manifestação própria desse tipo de sociedade. A educação brasileira, pelo menos nos últimos cinquenta anos, tem sido marcada pelas tendências liberais, nas suas formas ora conservadora, ora renovada. Evidentemente tais tendências se manifestam, concretamente, nas práticas escolares e no ideário pedagógico de muitos professores, ainda que estes não se deem conta dessa influência. (LIBÂNEO, 2005, p. 21.)

Isso ocorre não apenas no ideário pedagógico de professores e professoras, mas também na memória coletiva e social da população brasileira que, muitas vezes, assume o papel discursivo de um sujeito empresa de si (DARDOT; LAVAL, 2016), o qual ignora as condições materiais e sociais como elemento de paridade entre os indivíduos. Além disso, o enunciador assume o papel discursivo de especialista da língua do colonizador, num movimento, flagrantemente, anticientífico. Ele ocupa, assim, o lugar discursivo do sujeito produtivo, humilde e lutador, visando a destacar a realização pessoal em detrimento da comunitária.

Mais que isso. O enunciador, no Comentário 2, enfatiza a personalidade como uma nova forma de poder. “Por isso deixo aqui meu humilde ‘vão se ferrar’ bando de gente preguiçosa”.

4.2 Os estatutos sócio-psicológicos estereotipados

Comentário 3

“Gente desculpa, mas Preconceito Linguístico o caralho, brasileiro parece que gosta de ser burro, não é possível. Tirando o país, o que me dá desgosto é o povo. Tomara que eu possa ficar rica, sair daqui e nunca mais voltar...//R”

Nesta subseção, a temática do preconceito linguístico está marcada linguisticamente no discurso: “Preconceito Linguístico o caralho”. Embora possamos ver aqui os papéis e lugares discursivos avocados pelo enunciador, destacamos os estatutos sócio-psicológicos estereotipados na relação polêmica. O xingamento tabu que o item lexical “caralho” materializa produz um efeito de sentido daquele que “entrou na conversa” com a discussão já acirrada, procurando, sem demora, discordar do ponto de vista do outro (CULPEPER, 1993; BOUSFIELD, 2008).

No Comentário 3, o enunciador mobiliza diversos estereótipos. Porém, esses estereótipos têm como fundamento alguns mitos já discutidos por Bagno (2015), como o de que o brasileiro não sabe português e que, para falar e escrever bem, é preciso saber gramática normativa. Daí que emerge da memória social e coletiva a associação entre não saber “gramática” e ser “burro”, isto é, ser incapaz intelectualmente de dominar o padrão-culto da língua. Nesse sentido, o estatuto sócio-psicológico estereotipado da “falta de inteligência” recai, quase sempre, nas classes socialmente desprestigiadas, que tiveram pouco ou nenhum acesso à educação. É desse *outro* que o enunciador quer se ver livre: “Tomara que eu possa ficar rica, sair daqui e nunca mais voltar”. De certa forma, a ascensão à riqueza seria a recompensa para aquele que domina a norma culta. E, paradoxalmente, a recompensa por “saber português” é sair desse país onde se fala português.

Na oitava figura da publicação, há os dizeres “Chamar alguém de burro por falar diferente da Norma Padrão #ÉPreconceitoLinguístico”. O uso da palavra “burro” nesse quadrinho pode ter engatilhado a ofensa do

Comentário 3, como se houvesse por parte dos autores da publicação o reconhecimento de que no Brasil há brasileiro “burro”, mas que merece a complacência dos demais “não burros”, ao ponto de se resignar com seu status e parecer “que gosta de ser burro”. Por outro lado, o enunciador pode sequer ter chegado a ler esse quadrinho, mas acabou por se colocar em uma das clássicas situações elencadas como exemplo de preconceito linguístico.

Comentário 4

“[...] então pra mim é baitolagem falar errado por achar bonitinho ou por preguiça... Não existe preconceitos linguístico com quem fala errado ‘propositalmente’ pq a informação tá aí.”

O estatuto sócio-psicológico estereotipado no Comentário 4 justifica o preconceito linguístico mobilizando o discurso homofóbico. Nesse ponto, a produção da violência verbal recorre aos marcadores de identidade não apropriados (CULPEPER, 1993; BOUSFIELD, 2008), usando o item lexical “baitolagem” para se referir às pessoas que “falam errado”.¹² Mas a suposta “baitolagem” seria deliberada. Ou seja, há aqueles que falam “errado” de modo proposital e, para esse grupo de indivíduos, não existe preconceito linguístico. Logo, aqueles que têm informação não deveriam falar “errado”, já que “a informação tá aí”. Nessa ótica, o “erro” seria a consequência da falta de informação e da preguiça.

O estigma do “preguiçoso”, validado negativamente, faz parte da memória social e coletiva de muitos brasileiros. Trata-se de uma construção que retoma práticas discursivas de séculos passados sobre a indolência indígena, a crença na inferioridade da mestiçagem, os efeitos do calor nos Trópicos, passando pela literatura (*Urupês*, Monteiro Lobato; *Macunaima*, Mário de Andrade), pela música (*O orvalho vem caindo*, Noel Rosa), pelo cinema nacional (*Jeca Tatu*, Mazzaropi), pelos quadrinhos humorísticos (*Chico Bento*, Maurício de Sousa), e, finalmente, pelas pesquisas de opinião. Nesse sentido, o discurso é sócio-histórico e culturalmente determinado, conduzido e materializado por diferentes

¹² “Baitolagem”: trata-se de um modo pejorativo de se referir à homossexualidade masculina.

gêneros de discurso. A falta de informação, assim, pode ser consequência da categoria da preguiça construída discursivamente.

Por isso, não se trata de qualquer “erro”. É preciso que seja um “erro” estigmatizado nas classes menos prestigiadas socialmente, associado à ausência de informação a um grupo específico da sociedade. Logo, para ser considerado um “erro”, o falante deve “achar bonitinho” e ser preguiçoso, o que caracterizaria, também, a “baitolagem”. De qualquer forma, não se escuta falar de “erro” quando o falante ocupa os lugares de prestígio na tessitura socioeconômica e cultural da sociedade. Como nos enfatiza Bagno (2013, s/p), o “erro” “já se tornou uma regra na língua falada pelos cidadãos mais letrados, ele passa despercebido e já não provoca arpeios nem dores de ouvido”.

Voltando ao discurso homofóbico por um ponto que não tocamos, na seleção e construção do *corpus* em análise, a relação entre preconceito linguístico e sexualidade não era comum, para não dizer inexistente. Em nossa opinião, a associação produzida pelo enunciador no Comentário 4, tem mais respaldo na prática da violência verbal que, propriamente, no discurso homofóbico. Acontece que nem sempre chamar o outro de “baitola” produziu efeitos de sentido de preconceito ou de homofobia. Até pouco tempo atrás, presenciávamos diversos programas humorísticos na TV aberta utilizando piadas pejorativas sobre gays. São, portanto, as condições sócio-históricas e culturais da atual sociedade que produzem, por meio de práticas discursivas de resistência, os espaços para que esses xingamentos sejam considerados homofóbicos.

Com enfatizam Cano e Celestino (2019, p. 210):

[...] a heteronormatividade funciona como formação discursiva que sedimenta e regulariza aquilo que facilmente lhe escapa dos seus dispositivos normalizadores: a sexualidade e a diversidade nela inerente. Consequência a essa força normatizadora, é a evidência de que, na prática enunciativo-discursiva, há em discursos constituídos pelas formações discursivas da heteronormatividade, a consolidação de corpos estranhos que possuem o seu lugar de pertencimento aos grupos sociais negados em virtude de sua identificação sexual divergente ao mundo binário proposto pela heteronormatividade.

4.3 Os posicionamentos político-ideológicos

Passamos a analisar os comentários 5 e 6 em conjunto.

Comentário 5

“É problema de quem não se esforça pra aprender. Eu nem corrijo, eu alopro mesmo!!! E se me perguntar como escreve ja mando logo “eu aprendi na escola, volta pra la que tu consegue também”. Só é burro quem quer ser burro. Tática maldita da esquerda de querer achar normal o povo escrever errado pra aos poucos destruir a lingua de uma nação inteira. Uma coisa é linguagem informal, gírias, outra coisa é ser burro e falar errado mesmo. E alias, dono da página, vá se foder, antes que eu me esqueça.”

Comentário 6

“Não existe preconceito linguístico, a menos que você considere o preconceito que alguém venha a sofrer por falar um idioma estrangeiro. O que existe é uma quantidade absurda de analfabetos funcionais criados por um sistema patético de educação em um país que está sendo cada vez mais destruído pelo marxismo.”

Nas atuais condições sócio-históricas e culturais das sociedades contemporâneas, o discurso político atravessa espaços de comunicação mais heterogêneos. Com isso, não apenas os autores sociais são diversos, mas também os suportes materiais de produção, circulação, disseminação, memorização e arquivamento desses discursos são abundantes. Com efeito, na atual conjuntura, a enunciação política não se restringe apenas a sessões no Parlamento, a reuniões de Sindicatos, a programas especializados, ela pode ser encontrada nos espaços das mídias e, em especial, nas teias de circulação das redes sociais.

Nesse sentido, é difícil falar de discurso político sem considerar a clivagem existente no discurso. Em outras palavras, o interdiscurso tem precedência ao discurso (MAINGUENEAU, 2008, p. 20). Nessa perspectiva, os posicionamentos político-ideológicos em comentários da internet são determinados por uma clivagem histórica, material e cultural. Ou seja, o gênero de discurso “comentário” digital participa, de alguma forma, da história da sociedade. Como nos ensina Maingueneau (2015, p. 70), “o estudo da emergência, do desaparecimento ou da marginalização dos gêneros constitui [...] um observatório privilegiado das mudanças

sociais”. Logo, as condições de existência do gênero “comentário” digital respondem a uma preeminência conjectural da sociedade contemporânea.

Diferente da associação entre sexualidade e “falar errado”, textualizada no Comentário 4, a associação entre tendências políticas (esquerda, marxismo, petismo etc.) e a publicação da página ocorreu de modo mais frequente nos comentários sobre preconceito linguístico. Isso pode ter uma explicação no fato de os sujeitos-moderadores da página ocuparem a posição discursiva de alunos universitários de um curso de humanas. Na atual conjuntura sócio-política brasileira, a universidade pública tornou-se centro de resistência política a ataques contra a democracia, a educação e, em especial, a pesquisa e a ciência. Dessa forma, é a posição de estudante universitário que os enunciadores antagonistas tentam implodir. “E alias, dono da página, vá se foder, antes que eu me esqueça”.¹³

No Comentário 5 – além do atravessamento do discurso meritocrático: “É problema de quem não se esforça pra aprender”; da crença de um ensino unilateral: “E se me perguntar como escreve ja mando logo ‘eu aprendi na escola, volta pra la que tu consegue também’”;¹⁴ e do estatuto sócio-psicológico estereotipado da “burrice”: “Só é burro quem quer ser burro”, – destacamos os posicionamentos político-ideológicos que emergem na enunciação hostil. Já no Comentário 6, o fato de o enunciador evocar o “marxismo” para justificar a “destruição do país” tem raízes ideológicas nos anos idos de 1930 em diante. (Cf. PERICÁS, 2016). Podemos reunir esses posicionamentos no interior de um campo político-midiático.

Ambos os comentários, no entanto, evocam a crença de que a esquerda político-partidária estaria utilizando estratégias para destruir algo que antes seria sólido, eficaz e consistente, no caso a língua e a educação: “Tática maldita da esquerda de querer achar normal o povo escrever errado pra aos poucos destruir a língua de uma nação inteira”, ou “O que existe é uma quantidade absurda de analfabetos funcionais criados por um sistema patético de educação em um país que está sendo cada vez mais destruído pelo marxismo”. Não importa se as ideias dos enunciadores acima não sejam verificáveis na história social e política

¹³ Também, há, no Brasil, desde 2013, um efeito midiático de polarização político-partidária.

¹⁴ Observamos aí outra “incompreensão” sobre a discussão proposta na página em foco.

do Brasil. A controvérsia, a polêmica ou mesmo a violência verbal são, muitas vezes, tomadas como uma oportunidade de comunicação entre desconhecidos. Amossy (2011, s/p) esclarece assim esse ponto:

Os fóruns eletrônicos de discussão na imprensa dão às pessoas a oportunidade de “conhecer” oponentes com quem, de outra forma, não teriam oportunidade de discutir. Nesse sentido, eles fornecem uma *ágora* imaginária – embora de um tipo muito particular, pois baseado em antagonismo e violência verbal. Despojados de seu status social e de toda autoridade prévia pelo uso de pseudônimos, os internautas são como máscaras que emitem opiniões livres e discordantes em um fórum de carnaval, no sentido de Bakhtin: em um espaço vazio de toda verdade consagrada e livres dos padrões comuns de polidez, as ideias são constantemente testadas e desafiadas de forma irreverente. Nesse espaço público em que o fórum virtual redobra e modifica os fóruns reais, os argumentos e os contra-argumentos colidem, os conflitos de opinião são expressos de maneira racional e altamente emocional, as divisões são exacerbadas e se explicam.¹⁵ (AMOSSY, 2011, s/p, tradução nossa)

Como sugere Amossy (2011), essas práticas visam a manter os laços sociais e a convivência em dissenso, contudo, os discursos que as atravessam respondem, como dissemos, a uma preeminência conjectural. Nos termos da Análise do Discurso, dizem respeito às condições sócio-históricas e culturais da contemporaneidade.

Os posicionamentos político-ideológicos no discurso dos Comentários 5 e 6 se encontram no centro do campo político-midiático

¹⁵ No original: “Les forums de discussion de la presse électronique donnent aux individus la possibilité de « rencontrer » les opposants avec lesquels ils pourraient, sans cela, n’avoir aucune possibilité de débattre. Ils fournissent bien en ce sens une *agora* imaginaire – bien que d’un genre très particulier, puisque fondée sur l’antagonisme et la violence verbale. Dépouillés de leur statut social et de toute autorité préalable par l’usage des pseudonymes, les internautes sont comme des masques qui font entendre des opinions libres et discordantes dans un forum carnavalesque, au sens de Bakhtine : dans un espace vidé de toute vérité consacrée et libéré des normes de politesse ordinaires, les idées ne cessent de se tester et de se contester sous une forme irrévérencieuse. Dans cet espace public où le forum virtuel redouble et modifie les forums réels, des arguments et des contre-arguments s’entrechoquent, des conflits d’opinion s’expriment par des voies à la fois rationnelles et fortement émotionnelles, des divisions s’exacerbent et s’explicitent.” (AMOSSY, 2011, s/p).

na atual conjuntura política, social e econômica do Brasil. A violência verbal, a hostilidade e o desprezo com o interlocutor nesse campo não se dão apenas na discussão sobre preconceito linguístico, mas em tudo aquilo que, de certa forma, representa as minorias sociais. Quanto mais a elite se sente ameaçada, mais ela recorrerá a meios ilegais e à corrupção para se manter no poder, dizem Bobbio, Matteucci e Pasquino (2009). Quando “cidadãos comuns” tomam a palavra do lugar da elite conservadora em comentários em redes sociais, a estratégia tem sido a mentira, a violência, a hostilidade, a indiferença e, invariavelmente, o desejo de aniquilar o outro.

5 Considerações finais

Este artigo teve como objetivo investigar o fenômeno da violência verbal em comentários produzidos na página “Falei errado? O problema não é meu, é seu”, criada na rede social *Facebook*. Desta página, separamos a publicação intitulada “Não é engraçado, #ÉPreconceitoLinguístico”. Nas análises, focalizamos os papéis e lugares discursivos, os estatutos sócio-psicológicos estereotipados e os posicionamentos político-ideológicos no interior de um espaço discursivo êmico. Construídos assim, os enunciados, no bojo desse espaço, puderam ser tratados por sua emergência nas condições sócio-históricas e culturais do Brasil atual, e não apenas por suas condições midiológicas que criam, cada vez mais, um elã “civilizatório” nos sujeitos-internautas, ávidos pela tomada de palavra.

Em tempos em que o conhecimento científico perde espaço para impressões e julgamentos pessoais, urge que a comunidade acadêmica se posicione ainda mais fortemente. Muito se falou e ainda se fala sobre preconceito linguístico, mas sem se centrar na postura contrária, na convivência harmoniosa entre as diferentes formas de falar: o Respeito Linguístico, como conceitua Scherre,

[...] implica a capacidade de ouvir o outro com seus traços característicos, sem emissão de julgamento de valor, sem brincadeiras de mau gosto, sem o imperioso desejo de mudar a fala do outro, sem silenciamento da voz do outro, sem preconceito, sem intolerância, sem bullying (SCHERRE, no prelo).

A capacidade de ouvir o outro, contudo, sempre será colocada em xeque numa cultura em que se deseja o aniquilamento das diferenças. Posicionamo-nos, fortemente, contra uma cultura *bélico-verbal* que corrói pelas bordas o *Respeito Linguístico*. Cremos que as ferramentas que hoje temos – modestas, porém, legítimas – dão-nos a possibilidade não apenas de “consertar”, mas de construir cenários sociais diferentes.

De fato, no campo das mídias sociais, as opiniões concorrem com o conhecimento científico. Quando as demandas sociais precisam ser dirigidas para a Educação, por exemplo, as posições se radicalizam. No campo das mídias, diferente do *ethos* “médico”, “jurídico”, “econômico”, o *ethos* do cientista da linguagem é incorporado, em geral, por um forte anticientificismo, já que nessa “ágora imaginária”, para retomar o termo de Amossy (2011), quase todos se sentem aptos para desconfiar (ou desacreditar) das conquistas da comunidade acadêmica no campo da linguagem. É evidente que o debate faz avançar a ciência. Acontece que, quanto mais a ciência da linguagem expõe as cisões sociais numa dada sociedade, mais são negadas as suas proposições. Dizem, como vimos, que “o preconceito não existe”, nenhum tipo de preconceito, inclusive. Em outros termos, diríamos que, quanto mais a ciência da linguagem promove o acesso ao conhecimento e à cidadania por meio do discurso, mais descobre discursos antagonistas a sua posição. Eis o que evidenciamos em nossas análises.

No momento em que focalizamos os papéis e lugares discursivos, os estatutos sócio-psicológicos estereotipados e os posicionamentos político-ideológicos, isolando os enunciados num espaço discursivo que chamamos de *ênico*, vimos emergir na superfície do discurso aquilo que Bauman (2001) classificou com a tentativa de anular a existência física do outro, de modo a expeli-lo do corpo social, aniquilando-o ou apagando a sua identidade. Foi possível observar que as alternativas contemporâneas da estratégia *ênica* não se encontram apenas na força política e econômica de alguns poderosos, mas estão à disposição de todos os indivíduos, em particular, por meio da coprodução dos discursos nas mídias sociais. Não é apenas a violência verbal habitando o universo virtual da internet, como sugerem frases de efeito como “a internet não perdoo”, “a internet é violenta” etc. Trata-se de um discurso sedimentado e cimentado na cultura ocidental, mas que, nas atuais condições sócio-históricas e culturais do Brasil, cria efeitos de sentido que tornam o espaço enunciativo inabitável

pelo *outro*, sobretudo, se o *outro* demandar de alguma forma a derrocada dos privilégios sociais e econômicos das elites.

E não é preciso que as elites saiam em defesa aberta de seus privilégios. As análises revelaram que os espaços discursivos êmicos já estão construídos, alargados e pavimentados na sociedade brasileira. Neles atravessam os preconceitos linguístico, étnico-racial, religioso, a violência verbal, a discriminação, os estereótipos, o silenciamento da voz do *outro*, a intolerância, o *bullying*. (SCHERRE, no prelo). Portanto, os enunciadores nos Comentários [1], [2], [3], [4], [5] e [6] falam desses espaços e não, propriamente, das “das redes sociais”, tomadas como simples meios de transportes de mensagens. Na verdade, redes sociais como o *Facebook*, por exemplo, não são meios neutros que carregam informações. Elas modificaram de modo importante o consumo dos discursos, embora possamos eximir de sua conta a fundação dos espaços sociais êmicos (BAUMAN, 2001). Como bem sabemos, a história é marcada pelo ódio, pela incompreensão, pela intolerância, mas, na era das múltiplas redes interlocutoras, a interlocução e as dissensões adquiriram novos valores e tensões, pois o tempo e o espaço entre as “culturas” diminuíram, para não dizer que estão quase nulos. A violência verbal, assim, tem servido como ferramenta para aniquilar o *outro* do debate público.

A busca incessante pela hegemonia na língua responde ao desejo de aniquilar as diferenças. A percepção da unidade, conforme enfatizou Mattos e Silva (1996), interdita o olhar para a diversidade. O lugar do colonizador é ocupado, invariavelmente, para defender, ainda hoje, a Tradição Gramatical: não apenas aquilo que ela “representa”, mas, principalmente, aquilo que por ela é imposta como norma. Assim, a metalinguagem odiosa, conforme observamos nos discursos analisados, revela demandas sócio-políticas conservadoras que lançam mão da violência verbal para camuflar outros preconceitos (LEITE, 2008). Mas essa tática não tem nada de inovadora.

Descobrimos, por isso, outros discursos que emergem do fenômeno da violência verbal na temática do preconceito linguístico, materializada pela publicação intitulada “Não é engraçado, #ÉPreconceitoLinguístico”, na página do *Facebook* “Falei errado? O pobrema não é meu, é seu”. Trata-se do discurso meritocrático, do discurso étnico-racial, do discurso homofóbico, do discurso político-partidário, assumidos não pelo sujeito ético-moral (de carne e osso), mas por papéis sociais e discursivos que encenam no nosso teatro social. Além disso, mobilizam os mesmos

estereótipos sócio-psicológicos para apagar as identidades: o burro, o preguiçoso, o baitola, dentre outros. Vimos, então, que, os enunciados reunidos na construção do *corpus* recortam, no campo das mídias sociais, um espaço êmico que podemos chamar de discursivo.

Nossa tática, aqui, é o diálogo. Por isso, para ele estamos abertos.

Contribuição dos autores

Samine de Almeida Benfica mobiliza para a discussão as questões sobre preconceito linguístico e os aspectos históricos da Língua Portuguesa no Brasil, além de construir o *corpus* de análise e colaborar com as reflexões e análises. Anderson Ferreira traz para o artigo as categorias discursivas do campo da Análise do Discurso e também a noção de espaço social êmico, que ambos os autores tomam como espaço discursivo, além de contribuir com as análises.

Referências

AMOSSY, R. La coexistence dans le dissensus. *Semen*, Besançon, n. 31, p. 25-42, 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/semen/9051>. Acesso em: 30 jan. 2020.

BAGNO, M. *A língua de Eulália*: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 1997.

BAGNO, M. O que é um “erro” em português? In: _____. *Blog Marcos Bagno*. 13 ago. 2013. Disponível em: <https://marcosbago.wordpress.com/2013/08/13/o-que-e-um-erro-de-portugues/>. Acesso em: 31 jan. 2020.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. 15. ed. Loyola: São Paulo, 2015.

BAGNO, M. A colonização pronominal. In: SCHETTINO, R. *Blog Brasileiros.com*. 12 set. 2017a. Disponível em: <https://www.brasileiros.com/colunas/66-marcos-bagno/689-a-colonizacao-pronominal>. Acesso em: 22 jan. 2020.

BAGNO, M. Português brasileiro (outra vez). In: *Blog da Parábola Editorial*. 31 ago. 2017b. Disponível em: <https://www.parabolablog.com.br/index.php/blogs/portugues-brasileiro-outra-vez>. Acesso em: 22 jan. 2020.

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BALOCCO, A. E.; SHEPHERD, T. M. G. A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo-interacional. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 1013-1037, 2017.
- BAUMAN, Z. *A modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAXTER, A. N.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 19, p. 65-83, 1997.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Tradução de Carmen C. Varriale *et al.* Coord. trad. João Ferreira. Ver. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacasi. 13. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2009.
- BOUSFIELD, D. *Impoliteness in Interaction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.
- CANO, M. R. O.; CELESTINO, R. Lugares interincompreensivos e ambivalentes em anúncios publicitários que topicalizam a sexualidade. *In: NASCIMENTO, J. V.; FERREIRA, A. (org.). Discurso e cultura: v. 2*. São Paulo: Blucher, 2019. p. 188-212.
- CULPEPER, J. *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge/Nova Iorque: Cambridge University Press, 1993.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEBRAY, R. *Curso de midiologia geral*. Tradução de João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FARACO, C. A. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FERREIRA, A.; CHAVES, R. S. A responsabilidade enunciativa no discurso escolar. *Caminhos em Linguística Aplicada*, Taubaté, v. 18, p. 161-184, 2018.

FERREIRA, A.; FERREIRA, C. S.; CHAVES, R. S. As práticas discursivas da violência nas mídias digitais: Marielle Franco, presente... no espaço discursivo êmico. *(Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 2, p. 59-78, 2018.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GARAND, D. Propostas metodológicas para o estudo da controvérsia. In: HAYWARD, A.; GARAND, D. *Estudos de controvérsia*. Montreal: Nota Bene, 1998. p. 211-268.

HERRING, S. C. Gender and Democracy in Computer-Mediated Communication. *Electronic Journal of Communication*, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 1-17, 1993.

LEITE, M. Q. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes Trópicos*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LIBÂNEO, J. C. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 20. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes Editores, 1997.

MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 6. ed. ampl. Tradução de Cecília P. de Souza e Délcio Rocha. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, D. Retorno crítico sobre o ethos. In: BARONAS, R. L.; MESTI, P. C.; CARREON, R. O. (org.). *Análise do Discurso: entorno da problemática do ethos, do político e de discursos constituintes*. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 13-33.

MATTOS E SILVA, R. V. Variação, mudança e norma: movimentos no interior do português brasileiro. In: CARDOSO, S. A. M. (org.). *Diversidade linguística e ensino*. Salvador: EDUFABA, 1996. p. 19-43.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. O conceito de transmissão linguística irregular e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 285-302.

NARO, A. J.; SCHERRE, M. M. P. *Origens do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

PERICÁS, L. B. *Caio Prado Júnior: uma biografia política*. São Paulo: Boitempo, 2016.

SCHERRE, M. M. P. Respeito linguístico. In: ARNT, R. M.; SCHERRE, P. P. (org.). *Dicionário: rumo à civilização da religião e ao bem viver*. Águas Belas: ONG Semente dos Sonhos. No prelo.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.



Violência em rede: discursos sobre Greta Thunberg em comentários *on-line*

Violence in the network: discourses about Greta Thunberg in online comments

Francisco Vieira da Silva

Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Caraúbas, Rio Grande do Norte / Brasil

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte / Brasil

francisco.vieiras@ufersa.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>

Resumo: Este texto consiste em analisar a produção da violência em discursos sobre a ativista sueca Greta Thunberg, materializados em comentários *on-line* no *site* Uol. Teoricamente, o estudo embasa-se nos estudos discursivos advindos das reflexões de Michel Foucault. Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa descritivo-interpretativa cuja abordagem é predominantemente qualitativa. O *corpus* abarca oito comentários *on-line*, produzidos a partir de três notícias publicadas no *site* Uol a respeito de Thunberg, em dezembro de 2019. As análises apontam que os posicionamentos discursivos expressos nos comentários violentam a figura de Greta, caracterizando-a como sendo inapta, intelectualmente atrasada e manipulável por grupos financeiros e políticos com interesses obscuros.

Palavras-chave: Discurso; violência; Greta Thunberg; comentário *on-line*.

Abstract: This text analyses the production of violence in discourses about the Swedish activist Greta Thunberg, which are materialized in online comments in the Uol website. Theoretically, the study is based on the discursive studies from the reflections of Michael Foucault. This is a descriptive-interpretative research, with a predominant qualitative approach. The *corpus* is constituted of eight online comments, produced from three news published in the Uol website about Thunberg, in december 2019. The analysis

reveal that the discursive positioning expressed in the comments violate Greta's figure and characterize her as inapt, intellectually delayed and easy to be manipulated by financial and political groups with obscure interests.

Keywords: Discourse; violence; Greta Thunberg; online comment.

Recebido em 19 de março de 2020

Aceito em 11 de maio de 2020

1 Introdução

Greta Enman Thunberg é uma jovem ativista sueca de 17 anos que ficou mundialmente conhecida desde quando protestou em frente ao Parlamento sueco, em agosto de 2018, em favor do cumprimento do Acordo de Paris, que prevê a redução de emissão de carbono na atmosfera. Ao fazer a reivindicação em pleno horário de aula, Greta acabou incentivando o movimento de diversos jovens, em vários lugares do mundo, numa onda de protestos, materializada em greves escolares, que ficou conhecida como Sexta-feira pelo futuro (*Fridays for Future*). A projeção internacional alcançada por Greta fez com que ela ganhasse diversos prêmios, por meio de uma miríade de instituições, sendo reconhecida como Personalidade do Ano de 2019, pela revista *Times*. Além disso, discursou na Conferência das Nações Unidas pelas Mudanças Climáticas (COP 25), em 2019, juntou-se a outras jovens ativistas no Fórum Econômico Mundial (Davos, Suíça), em janeiro de 2020, e, por meio do ativismo *on-line*, especialmente do *Twitter*, tem colecionado uma legião de fãs e de desafetos.

A irrupção de Greta como um acontecimento na imprensa global e seu protagonismo em torno da questão tem gerado uma série de reações por parte de líderes políticos. O presidente dos EUA, Donald Trump, postou em sua conta no *Twitter*, em setembro de 2019, que “Ela [Greta] parece ser uma jovem menina muito feliz que está a caminho de um futuro maravilhoso e brilhante. Muito bom ver isso!”. Considerando a retórica de Trump e seu posicionamento negacionista em relação ao aquecimento global, a postagem constitui uma ironia. Greta rebate esse sarcasmo, mudando sua biografia no *Twitter* e inserindo a postagem do presidente

como uma descrição na rede social.¹ A ativista adota atitude semelhante quando o presidente do Brasil a chama de “pirralha”. Segundo Bolsonaro, “é impressionante a imprensa dar espaço para uma pirralha dessa daí. Uma pirralha”. Agindo assim, Greta “retoma a qualificação negativa que lhe é atribuída, reivindicando-a” (CHARAUDEAU, 2019, p. 467).

Na ciranda de ataques, podemos ainda mencionar a fala do secretário do Tesouro do governo estadunidense, Steven Mnuchim, ao ser interrogado sobre o pedido de Greta de que era preciso abandonar os combustíveis fósseis, durante o Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça. Na voz do secretário: “Ela é a economista chefe? Depois de estudar economia na faculdade, ela pode voltar e explicar isso para nós.”²

Os três posicionamentos antes expressos coadunam com uma crítica à emergência de Greta, emoldurada a toda sorte de especulações e teorias da conspiração. Desse modo, a ativista é construída como uma marionete de grupos financeiros ligados à esquerda, como alguém que é incapaz de compreender os mais variados problemas dos países do mundo, pois pertence a uma classe social prestigiada de um país desenvolvido. Ao ser categorizada como “pirralha”, a fala de Greta é deslegitimada, se levarmos em conta o modo como culturalmente se construiu a figura da criança e do jovem, ou seja, são sujeitos incapazes e dependem da figura de um adulto para ter a voz validada. O paroxismo desses ataques pode ser observado no teor misógino de um comentário do radialista da rádio 96 FM de Natal/RN, Gustavo Negreiro. De acordo com o comunicador, Greta “está precisando de um homem, ou macho ou fêmea. Se ela não gosta de homem, que ela pegue uma mulher”³.

Por ser diagnosticada com Síndrome de Asperger, os *haters* atacam ferozmente Greta e a acusam de ser intelectualmente inapta, zombam de sua aparência física e estigmatizam a sua luta. Em suma, a jovem ambientalista é constantemente rechaçada nas mídias digitais, amplificando, assim, o raio de alcance da virulência com que os líderes

¹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/09/24/greta-thunberg-rebate-ironia-de-donald-trump-mudando-biografia-do-twitter.htm>. Acesso em: 8 mar. 2020.

² Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/secretario-do-tesouro-de-trump-ataca-greta-thunberg-em-davos/>. Acesso em: 8 mar. 2020.

³ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/radialista-ataca-ambientalista-greta-thunberg-de-16-anos-e-uma-histerica-e-precisa-de-homem-veja-video/>. Acesso em: 8 mar. 2020.

políticos a tratam. Por meio um de um imaginário anonimato incrustado na figura do internauta, os sujeitos, que são contrários à pauta defendida por ela, tendem a valer-se do insulto enquanto uma estratégia discursiva para se contrapor não somente no plano das ideias, mas, principalmente, no esteio de uma investida contra o sujeito Greta na sua integridade moral. Conforme nos lembra Sargentini (2017), o insulto serve para encerrar a possibilidade de argumentos, cancelar o encerramento do debate e encontrar justificativas de que o oponente não é capaz de entender, de pensar adequadamente e que, portanto, não merece ser ouvido. Isso fica evidente na fala do presidente do Brasil, quando se queixa do espaço concedido pela imprensa à Greta. Noutros termos, fica em relevo, no posicionamento do político em foco, que a ativista não é digna de atenção e, por extensão, as ideias que defendem não devem ser compartilhadas.

Ao pensarmos na produção da violência em discursos sobre Greta, é válido aventar as condições de possibilidade que fazem irromper dizeres contrários à preservação do meio ambiente, quando pensamos que aparentemente essa questão goza de certo consenso universal. Isso supõe rastreamos, na trilha de Wenceslau, Antezana e Calmon (2012), como as políticas ambientais dos últimos quarenta anos matizaram-se por uma gradação de saberes que vão desde o chamado sobrevivencialismo – a tese de que as demandas da humanidade precisam ser articuladas ao caráter finito dos recursos naturais – até o radicalismo verde, que aposta em mudanças mais estruturais na sociedade e na cultura, as quais não envolvem somente a propalada fórmula do desenvolvimento sustentável, mas pautas que buscam assegurar a justiça ambiental, a relação entre gênero e ecologia (ecofeminismo cultural), a ecoteologia (atitude contemplativa e cultural e o asfatamento do regime judaico-cristão), o estilo de vida verde, o ecomunitarismo, dentre outras tendências.

Vale frisar ainda que entre o sobrevivencialismo e o radicalismo verde coexistiram uma série de outros discursos, como o racionalismo econômico, assinalado pelo capitalismo liberal que, segundo Wenceslau, Antezana e Calmon (2012), destaca-se pelo interesse em privatizar os recursos naturais e inseri-los nos interesses do mercado, pois, somente assim, a conservação ambiental lograria êxito, e o discurso da sustentabilidade o qual, dentre suas várias vertentes, procura aliar o cuidado com o meio ambiente com o desenvolvimento econômico. As políticas públicas ancoradas nesse discurso esforçam-se em mostrar que o meio ambiente está intrinsecamente relacionado aos sistemas econômicos

e sociais. Nessa via, o desenvolvimento ambiental caminha lado a lado com o desenvolvimento econômico e social. Em maior ou menor grau, todos esses discursos coadunam com os mais diversos acordos, pactos e conferências ambientais internacionais já realizados, principalmente pela Organização das Nações Unidas (ONU). Não podemos nos furtar em citar a Conferência de Estocolmo, em 1972, a Eco-92, sediada no Rio de Janeiro, tendo como desdobramentos a Rio +10, em 2002, e a Rio +20, em 2012, e acrescentar ainda o papel desempenhado pelos relatórios do Painel Intergovernamental de Mudanças climáticas (IPCC), instrumento criado pela Organização Meteorológica Mundial (OMM) e o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (ONU Ambiente), com o intuito de sintetizar e divulgar informações sobre as mudanças climáticas e o aquecimento global.

Essas estratégias governamentais parecem construir o efeito de consenso de que falamos anteriormente, tendo em vista que variados setores da sociedade tomam a pauta ambiental como uma verdade da qual há não como escapar. Disso resulta, por exemplo, a responsabilidade socioambiental no funcionamento das empresas e corporações (SOUZA; VALADÃO JÚNIOR; MEDEIROS, 2017), além da atuação das múltiplas organizações sociais, como ONGs, cooperativas, sindicatos e associações na preservação ambiental. Ademais, o campo da educação não passa incólume a esse quadro, se pensarmos na miríade de projetos, metodologias e trabalhos que defendem a instituição escolar como uma instância privilegiada no processo de conscientização ambiental, de constituição de uma responsabilidade com o meio ambiente. Noutros termos, o discurso de preservação ambiental é heterogêneo e atravessa todo o corpo social, através de relações de saber-poder (FOUCAULT, 2006) e de controle dos processos biológicos no planeta.

Nesse sentido, a circulação pletórica de discursos acerca do aquecimento global na mídia é um sintoma do quadro social que se esboça. Tais discursos foram intensificados por meio do documentário *Uma verdade inconveniente* (2006), de Al Gore, o qual reacende o debate que já vinha sendo travado anteriormente, dando toques de uma visibilidade midiática que veio a calhar. Ou seja, a pauta ambiental tempera-se com um sabor apocalíptico: “Se você ama o seu planeta, se você ama seus filhos, precisa assistir a esse filme”, dirá o trailer desse produto audiovisual. No entanto, pensando com Foucault (2009), que o discurso se enlaça ao desejo e ao poder, as reações a essa emergência

discursiva não tardaram, pois já estavam sendo ensaiadas por certas instâncias sociais que se veem ameaçadas com o discurso de preservação do meio ambiente.

Como exemplo, podemos citar as indústrias de combustíveis fósseis e as termoelétricas, as quais, ao serem demonizadas pela ciência climática como responsáveis pelo aquecimento global, criam controvérsias que põem em xeque a credibilidade do saber científico e a real contribuição antropogênica para o aquecimento do planeta. Essa negação da ciência é denominada por Proctor (2008) de agnotologia, ou seja, o estudo da ignorância. Em suma, a agnotologia propõe-se a disseminar a dúvida em relação ao saber cientificamente produzido, de modo a desconfiar desse conhecimento, apostando que haveria interesses de ordem escusa na produção desse saber. Nessa medida, Oreskes e Conway (2010) frisam que se trata de “mercadores da dúvida”, os quais semeiam a controvérsia de modo desordenado, pois, não se ancoram no debate científico, mas, sim, numa postura de negação da ciência.

Tal postura coaduna com a tônica da produção discursiva presente na rede digital, notadamente no campo do debate político no Brasil, desde o período das eleições de 2014. Assim, não parece precipitado antecipar que os posicionamentos discursivos que negam as mudanças climáticas encadeiam-se a uma rede de outros dizeres que buscam revisitar a própria história, particularmente no que toca ao regime militar brasileiro, e classificar, sob a égide de uma infinidade de teorias conspiratórias, os veículos de imprensa como sendo ligados à esquerda e ao “comunismo” e, com isso, combater o chamado “globalismo” e o “marxismo cultural”. Com a vitória de Bolsonaro na eleição de 2018, os comentários em torno dessas questões, antes circunscritos a uma vontade de verdade individual, ganharam, por assim dizer, uma chancela institucional, haja vista as regularidades na fala de ministros (Educação, Relações Exteriores e Meio Ambiente, por exemplo) do atual governo acerca desses fantasmas que devem extirpados. Conforme Roque (2020), vive-se um momento histórico em que a própria ciência está posta em xeque, em função de convicções pessoais e experiências vividas. Roque (2020) cita como exemplo um levantamento feito pelo Wellcome Global Monitor, em 2018. O estudo atesta que 23% da população brasileira mostra-se cética em relação à ciência e à tecnologia, pois acredita que a ciência não o beneficia pessoalmente e nem a maioria da sociedade. Outro dado importante nesse cenário de desconfiança do saber científico

diz respeito à correlação entre ciência e religião. Ainda de acordo com o levantamento mencionado, 75 % dos entrevistados afirmam que, quando a ciência discorda da religião, a crença se concentra nesta última.

Em termos mais específicos, compreendemos que as condições de possibilidade que garantem a existência de dizeres violentos acerca de Greta Thunberg encontram-se intimamente relacionadas à conjuntura política do Brasil hoje, marcada pela agressividade, pelas *fake news* e por uma virulência *on-line* que se entranha aos mais vastos mecanismos de insulto, difamação e cólera, pincelados, no caso de Greta, com traços de misoginia e intolerância ao protagonismo juvenil no campo do político.

Diante do exposto, o objetivo deste texto consiste em analisar a produção da violência em discursos sobre Greta Thunberg materializados em comentários *on-line* no site Uol. Para isso, descrevemos e interpretamos as posições enunciativas desses comentários e as relações de saber-poder que, pela via do insulto, buscam desqualificar a imagem e a atuação da ativista Greta, produzindo verdades sobre esta. A escolha por comentários *on-line* efetuou-se em virtude de estes serem um espaço em que o sujeito pode expressar suas reações frente às instâncias que são institucionalmente legitimadas para enunciar e, além disso, dada a ilusão de um anonimato que ainda persiste no imaginário dos usuários da rede, o comentário oportunizaria ao sujeito mostrar-se sem quaisquer resquícios de polidez e recato, podendo angariar apoio de demais usuários, ao se mostrarem supostamente autênticos e sem disfarces.

O estudo em tela segue a proposta investigativa de Foucault, cujas inflexões configuram dos estudos discursivos foucaultianos, através de conceitos basilares como enunciado, discurso, formação discursiva, prática discursiva, saber, poder e verdade. Buscamos, nesta pesquisa, problematizar a irrupção de discursos violentos acerca de Greta Thunberg conforme o olhar arqueogenealógico de análise, dado que a descrição e interpretação das posições enunciativas e as relações de saber e poder comportam o trabalho arqueológico, de escavação das diversas camadas dos saberes, e genealógico, de compreensão do funcionamento das estratégias de poder por meio da história.

Metodologicamente, seguimos uma abordagem descritivo-interpretativa de natureza qualitativa. Para isso, organizamos duas séries enunciativas, nas quais analisamos quatro comentários em cada uma delas. A organização da série enunciativa segue a perspectiva teórico-metodológica de Foucault (2010), segundo o qual é possível

agrupar, distribuir enunciados para que se possa pensar como se produz determinados objetos de discurso. Em suma, ao assumirmos que os enunciados acerca de Greta Thunberg constituem objetos de discurso, podemos encontrar determinadas regularidades as quais delineiam os eixos temáticos das séries.

Para efeitos de organização retórica, o artigo estrutura-se da seguinte forma: além destes comentários de viés introdutório, apresentamos, na seção a seguir, uma discussão sobre os conceitos foucaultianos que serão demandados para o exame do *corpus*; em seguida, mostramos o tratamento analítico dispensado aos comentários *on-line* e, finalmente, o tópico conclusivo se propõe a tecer um efeito de fim para as reflexões desenvolvidas aqui.

2 Um recorte teórico da obra foucaultiana

Antes de adentrarmos na discussão sobre a teoria de Foucault, convém pontuar brevemente acerca dos estudos discursivos foucaultianos. A proposta de pensar os fenômenos do discurso no campo da área de Letras e Linguísticas sob a mirada de Foucault remonta ao pioneirismo do Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara (GEADA), coordenado pela Profa. Dra. Maria do Rosário Gregolin, na Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP), em Araraquara, São Paulo, que há mais de vinte anos tem desenvolvido uma pluralidade de pesquisas e formado diversos profissionais, os quais atuam em distintas regiões do país. De acordo com a informação que consta no *blog* do grupo, os trabalhos desenvolvidos “[...] têm o objetivo de discutir as bases epistemológicas e teórico-metodológicas da Análise do Discurso, com ênfase nas contribuições de Michel Foucault” (GEADA, 2017, s.p). Um fato importante para essa vertente dos estudos foi a criação, em 2018, do Grupo de Trabalho (GT) de Estudos Discursivos Foucaultianos (EDF) na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll).

Feita essa breve apresentação, iniciamos as elucubrações teóricas, tomando como bússola os comentários de Sargentini (2019), para quem a atualidade do pensamento de Foucault não advém de uma aplicação direta de modelo teórico-analítico que, em tese, seria um arsenal concluído e pronto para uso, mas principalmente da possibilidade de iluminar os modos de pensar, de questionar o presente, de modo a tornar visível o que

está visível. Nas palavras da autora, “[...] De uma perspectiva do discurso, incita a buscar os sentidos nos enunciados efetivamente enunciados e não supostamente escondidos e subjacentes” (SARGENTINI, 2019, p. 45). Pensar com Foucault redundava em problematizar práticas e discursos no interior das coisas que foram realmente produzidas numa dada circunstância social e histórica.

A arqueologia foucaultiana não se propõe a rastrear a origem, a tradição e a evolução de um saber, por uma via psicologizante ou pelo retorno a um sujeito transcendental e a uma teleologia; ao contrário, assinala-se pelas descontinuidades, pelos cortes, rupturas e transformações. O autor tece uma crítica à História tradicional que transforma os monumentos do passado em documentos os quais alienavelmente constroem certa verdade objetiva e desprendida da subjetividade do historiador. Na voz do autor: “[...] a história propriamente dita, a história pura e simplesmente, parece apagar em benefícios das estruturas fixas, a irrupção dos acontecimentos” (FOUCAULT, 2010, p. 6). Para se contrapor a essa perspectiva, Foucault (2010) aproxima-se da Nova História, tendo em vista que esta tende a transformar os documentos em monumentos e, com isso, mostra que não há uma transparência em tais documentos e que o saber é historicamente construído por meio de rupturas, séries, cortes e remanências. Assim, Foucault (2010) busca na arqueologia analisar os discursos enquanto práticas que surgem em determinados momentos da história por meio de condições de possibilidade que não se confundem com uma vontade individual de um historiador, com uma relação linear entre causa e efeito, mas como um sistema de dispersão relacionado a vontades de saber e de verdades produzidas por relações de poder. Daí Foucault reconhece que “poderíamos dizer, jogando um pouco com as palavras que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento” (FOUCAULT, 2010, p. 8).

O discurso em Foucault (2010) é compreendido como um conjunto de enunciados que provêm de uma mesma formação discursiva. Trata-se de uma prática que constrói os objetos de que fala e irrompe enquanto um acontecimento numa dispersão temporal “que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado, até nos menores traços, escondido bem longe dos olhares, na poeira dos livros” (FOUCAULT, 2010, p. 28). A análise do campo discursivo, conforme o autor, postula compreender o enunciado, entendido como o átomo do discurso, na estreiteza e singularidade de sua aparição, na compreensão

de suas condições de existência, na fixação de seus limites, na correlação estabelecida com os outros enunciados, cuja relação pode ser de adesão e/ou exclusão, de memória e de transformação. A pergunta formulada por Foucault (2010), para dar conta dessa tarefa foi assim expressa: “que singular existência é esta que vem à tona no que se diz e em nenhuma outra parte?”.

Para isso, é importante destacar que, consoante a proposta teórica foucaultiana, o enunciado é a unidade elementar do discurso e se diferencia de outras categorias como a frase, a proposição e o ato de fala, pelas seguintes características: i) o enunciado não se submete a uma estrutura canônica do tipo sujeito-ligação-predicado nem se ancora em elementos gramaticais que constituem a frase; ii) o enunciado não se encaixa nos modelos de verdade e/ou falsidade os quais delineiam o funcionamento lógico das proposições; iii) o enunciado não exhibe a intenção de um sujeito falante e/ou as condições de efetivação ou não de um ato de fala. Trata-se, na perspectiva do autor francês, de conceber o enunciado como uma função que cruza diferentes domínios, entre os quais se podem incluir a frase, a proposição e o ato de fala, e diz respeito à existência dos signos.

A função enunciativa é caracterizada pelas seguintes propriedades: i) referencial – que não se constitui por coisas, fatos ou realidades, “mas leis de possibilidade, regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas” (FOUCAULT, 2010, p. 103); ii) posição de sujeito – o enunciado mantém uma posição bem singular com o sujeito que enuncia; todavia, não se trata do sujeito empírico nem o autor como instância criadora, mas uma posição que precisa ser assumida no enunciado; iii) domínio associado – relações do enunciado com outros já ditos e com os que ainda serão ditos num campo adjacente; iv) materialidade repetível – o enunciado precisa inscrever-se no âmbito de um suporte material, de um local, de uma data, de um regime complexo de instituições que possibilita a repetição, a transcrição e circulação.

A análise enunciativa subsidia-se através de alguns princípios, quais sejam: i) princípio da raridade – considerando que nem tudo pode ser dito, o enunciado apresenta um efeito de raridade e a análise encarrega-se em “determinar qual princípio segundo o qual fizeram aparecer os únicos conjuntos significantes que foram enunciados” (FOUCAULT, 2010, p. 135); ii) princípio da exterioridade – apreender o enunciado em sua

própria irrupção no lugar e no momento em que se produziu, sem, com isso, incorrer numa busca por uma interioridade constitutiva, mas pensar a exterioridade numa relativa raridade, numa vizinhança lacunar com acontecimentos discursivos que não se referem a um sujeito individual, a uma consciência coletiva, nem uma subjetividade transcendental; iii) acúmulo – princípio que permite conceber as transformações do enunciado no decorrer do tempo, tendo em vista a remanência, ou seja, o fato de os enunciados serem conservados devido a uma série de técnicas, suportes materiais e modalidades estatutárias e a aditividade, isto é, “os tipos de grupamentos entre enunciados sucessivos não são sempre os mesmos e não procedem jamais por simples amontoamento e sucessão de elementos sucessivos” (FOUCAULT, 2010, p. 140), bem como a recorrência, definida como a característica do enunciado de remeter a elementos antecedentes num campo enunciativo; iv) positividade – é o princípio a que se chega quando se procede a todos os princípios antes arrolados. Na consecução da análise enunciativa, lidamos com a descrição das regras de constituição de uma formação discursiva, entendida por Foucault (2010) como um conjunto de regularidades de objetos, escolhas temáticas, conceitos, tipos de enunciação que pode ser flagrado no regime de dispersão a que a produção dos discursos está submetida.

Para descrever a formação discursiva, Foucault (2010) propõe que se analise a descrição das unidades discursivas, a partir de quatro elementos, quais sejam: a formação dos objetos, das modalidades enunciativas, dos conceitos e das estratégias. Para este estudo, centramos o foco na formação dos objetos e das modalidades enunciativas. Com relação à formação dos objetos, Foucault (2010) explica que é preciso investigar quais regimes de existência possibilitam a emergência de certos objetos de discurso e quais sistemas por meio dos quais os objetos de discurso podem suceder-se e se justapor, a fim de formar um campo enunciativo. Para isso, o autor postula a delimitação de três procedimentos metodológicos: i) superfícies de emergência – apontar onde os objetos de discurso podem surgir, para serem analisáveis, descritíveis e localizáveis segundo certos graus de racionalização e códigos conceituais. ii) instâncias de delimitação – a instância responsável por designar, nomear e instaurar um dado objeto de discurso; iii) grades de especificação – sistemas que proporcionam a classificação, a separação e o reagrupamento de objetos de discurso.

Em relação à formação das modalidades enunciativas, Foucault (2010) interroga sobre os seguintes aspectos: i) qual o estatuto do sujeito que fala? – o foco reside em problematizar que legitimidade o sujeito tem para enunciar e ter o seu dizer credibilizado; ii) em quais lugares institucionais o sujeito encontra subsídio para legitimar o dizer? – ao estudar o discurso clínico, Foucault (2010) define espaços como o hospital, a prática privada, o laboratório, a biblioteca e campo documentário como lugares através dos quais o profissional da medicina encontra legitimidade para seu discurso e onde encontra seus objetos específicos e pontos de aplicação; iii) que posições de sujeito definem-se em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos? – o foco incide em analisar a variedade de dispersões de posicionamentos enunciativos, tendo em vista que o discurso é “[...] um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos” (FOUCAULT, 2010, p. 61).

A descrição das unidades do discurso desemboca no processo de escavação das camadas que compõem o saber. Este é compreendido como tudo que pode ser dito num interior de uma prática discursiva, seja no que se refere às singularidades, às condutas, aos desvios e aos posicionamentos sobre um dado objeto, constatados no âmbito de uma prática discursiva, ou seja, um conjunto de regras anônimas e históricas que definem as condições de existência da função enunciativa. Dessa maneira, o saber não se restringe ao campo científico, pois “[...] não está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas” (FOUCAULT, 2010, p. 221).

As discussões até aqui desenroladas situam-se na chamada arqueologia do saber. A partir de agora, o interesse volta-se para a genealogia do poder, embora concordemos que a relação entre saber e poder, na trajetória intelectual de Foucault, é indissociável, pois, segundo a leitura de Machado (2017, p. 37), “a formação de domínios do saber [ocorre] a partir das relações de poder”. Nessa medida, a relativa separação que empreendemos visa tão somente a questões de ordem didática e de organização das informações textuais. Nessa lógica, convém pensar que, por meio de um acento nietzschiniano, o pensamento de Foucault recusa toda forma de origem, de tradição e de evolução. Nessa lógica, há um distanciamento de uma perspectiva que considere a ordem e a continuidade dos fatos históricos, mas, antes, a defesa da descontinuidade, dos recortes e das singularidades. Na voz de Foucault (2008, p. 16),

[...] a genealogia não se opõe à história como a visão altiva e profunda do filósofo ao olhar de toupeira do cientista; ela se opõe à história, ao contrário, ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias.

Dessa maneira, ao propor uma genealogia do poder, as reflexões do pensador francês não se propõem a rastrear uma origem para o poder, o grau zero do qual o poder teria emanado, mas investiga as diversas práticas que delineiam o exercício do poder no transcorrer da história. Ao fazê-lo, Foucault (2006) compreende o poder por meio de relações as quais ocorrem de maneira capilar e são consideradas produtivas, destituindo-se, assim, o poder de análises que o situam no campo do Estado e da dominação, pois o exercício do poder transpassa por múltiplos circuitos e, se conforme Foucault (2006), cada um é, de algum modo titular de um certo poder, faz esse poder ser veiculado numa trama descontínua e cambiante. Ainda para o autor, o poder não se restringe apenas à replicação das relações de produção, pois, se por um lado, incita, disciplina, coíbe, por outro, incentiva, exercita e produz, levando os sujeitos a aderirem a certos padrões de condutas ou deles se afastarem. Conforme Foucault (2008, p. 148) a positividade do poder deve-se justamente ao fato de ele não apenas reprimir, excluir e censurar, pois se assim o fosse o poder seria frágil e “[...] se ele é forte, é porque produz efeitos positivos ao nível do desejo – como se começa a conhecer – e também ao nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz”.

De acordo com Foucault (1995), o poder designa relações entre parceiros, o que significa afirmar que o poder se exerce sobre homens livres, os quais têm a possibilidade de resistir. Nas palavras do pensador, não há um poder maciço, difuso, concentrado ou distribuído, não é da ordem do consentimento ou da transferência de direito, mas “uma ação sobre a ação, sobre ações e imediatamente sobre os outros, mas age sobre sua própria ação” (FOUCAULT, 1995, p. 200). Essa liberdade de que fala Foucault (1995) é o que garante a possibilidade de diversas condutas, variadas reações e múltiplos modos de comportamentos, ou seja, a liberdade é condição de existência para o exercício das relações de poder. Além disso, gera possibilidades de resistências, as quais coexistem com as tecnologias de poder, numa relação de contiguidade e não exatamente de confronto e anulação. Quer dizer, o poder e a resistência se retroalimentam e “nunca se pressupõe o fim do poder, pelo contrário, como a resistência é parte do poder, ao resistir não se destrói ou anula o

poder, mas se contribui para que seja recriado, deslocado, reinstaurado em novas bases” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2015, p. 212).

Para Foucault (1995), a análise das relações de poder pressupõe os seguintes pontos: i) os sistemas de diferenciações – que permitem agir sobre a ação dos outros por meio de determinados mecanismos responsáveis por operar distinções de ordem jurídica, tradicionais, estatutárias, linguísticas, culturais, dentre outras; ii) os tipos de objetivos – as ações são pautadas através da perseguição de certas finalidades, como manutenção de privilégios, concentração de lucros, exercício de uma função ou profissão; iii) as modalidades instrumentais – referem-se ao fato de o poder ser exercido por meio de uma diversidade de instrumentos como a ameaça de armas, a palavra, as disparidades econômicas, os sistemas de vigilância, entre outros; iv) as formas de institucionalização – distribuem-se entre dispositivos tradicionais, estruturas jurídicas e instâncias de controle e princípios de regulação das relações de poder numa dada conjuntura social; v) graus de racionalização – procedimentos ajustados que garantem o exercício do poder que conjura as eficácias dos instrumentos e/ou a função dos eventuais custos, sejam econômicos ou em termos de reação advinda das possibilidades de resistência.

Esses pontos estão intrinsecamente articulados com a produção da verdade. Conforme Foucault (2008), a verdade está longe de ser um conceito de natureza transcendental e imanente, pelo contrário, é produzida através de relações de saber e de poder de cada momento histórico. Assim, “a verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentadores do poder” (FOUCAULT, 2008, p. 12). Seguindo as teorizações foucaultianas, iremos observar que, em cada época, há uma espécie de política geral da verdade, definida a partir dos tipos de discurso que são considerados verdadeiros, os diversos mecanismos e instâncias que possibilitam diferenciar os discursos verdadeiros dos falsos, além das técnicas e procedimentos responsáveis pela obtenção da verdade e o estatuto dos sujeitos que têm a legitimidade de atribuir a verdade a um dado grupo de discursos.

Nessa perspectiva, Foucault (2009) fala-nos da vontade de verdade como um princípio através do qual se pode distinguir o verdadeiro de uma época, a partir de procedimentos que visam a controlar os discursos existentes num determinado tempo histórico. São procedimentos de exclusão, os quais segundo Foucault (2009), decanta

e separa os discursos verdadeiros dos falsos, especialmente pela via de um suporte institucional, como bibliotecas e laboratórios. Em suma, a vontade de verdade exerce uma espécie de pressão e de coerção sobre os variados discursos que circulam na sociedade. No momento de escrita deste texto, o mundo vivencia uma pandemia proveniente do novo coronavírus (Cod-19) e a vontade de verdade do saber médico busca exercer um poder de coerção sobre a quantidade exponencial de notícias falsas acerca do vírus, de sua transmissão e profilaxia. O saber médico, institucionalmente constituído através das políticas sanitárias, esforça-se em construir um discurso verdadeiro acerca da doença e, ao fazê-lo, deslegitima o discurso das *fake news*. Tem-se, pois, tecnologias de poder “que criam saberes ou possibilitam a emergência de novos saberes na relação com essas técnicas de poder” (GALLO, 2013, p. 379), as quais se ocupam em exercer uma espécie de governo na seara de uma política de produção da verdade.

Para Foucault (2002, p. 8), as práticas sociais podem engendrar novos “domínios do saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascer formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos do conhecimento”. Isso ocorre a partir do funcionamento de relações de saber-poder amparadas em regimes de verdade, por meio dos quais se erigem certos comportamentos e subjetividades. Quando pensamos, por exemplo, na constituição dos discursos acerca do aquecimento global, balizados especialmente pelo saber da climatologia, é possível entrever a emergência de comportamentos sociais voltados ao cuidado com o meio ambiente, seja no que se refere aos hábitos de consumo, aos meios de locomoção, à proteção das florestas, seja no tocante apelo por um estilo de vida conectado à problemática do clima. Irrompe, pois, subjetividades vigilantes em relação ao cuidado com o planeta, tendo em vista as vontades de verdade oriundas do saber da climatologia. Nos termos de Foucault, há a constituição de um sujeito do conhecimento a respeito da questão socioambiental. Para o autor, “[...] as condições políticas, econômicas de existência não são um véu ou um obstáculo para o sujeito do conhecimento, mas aquilo através do que se formam os sujeitos do conhecimento e, por conseguinte, as relações de verdade” (FOUCAULT, 2002, p. 27). Veremos adiante como a aparição de Greta Thunberg no debate em torno do meio ambiente a configura como um sujeito atravessado por relações de saber-poder, por processos e lutas que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento

(FOUCAULT, 1999). Todavia, é relevante frisar que importa ponderar sobre a irrupção de Greta não enquanto um sujeito empírico, embora diversos discursos nos comentários *on-line* ataquem a face da ativista, mas convém pensar na função que esta ocupa como um sujeito discursivo, a partir de uma posição que é assumida no campo do debate político.

3 Violência em rede: Greta Thunberg no “tribunal da cólera cotidiana”

Freire Filho (2014, p. 1) utiliza a expressão “tribunal da cólera cotidiana” para caracterizar a *internet* como um arquivo formidável das mais vastas emoções. O autor defende que, das mais diferentes plataformas da *web*, brotam discursos conflitantes sobre a motivação, a legitimidade e as demonstrações públicas de fúrias. O foco de Freire Filho incide em vídeos e comentários do *YouTube*. Apesar de este texto não analisar discursos provenientes de tal plataforma, consideramos pertinente a categorização de Freire Filho (2014), pois este caráter violento se espalha noutros espaços da rede digital e fornece ingredientes necessários para analisarmos, conforme a metáfora do tribunal, como os discursos advindos destes espaços são assinalados pelos efeitos de acusação, defesa e condenação. Os recortes que estabelecemos abarcam dizeres que se valem principalmente do insulto como estratégia discursiva para a construção de discursos que geram a violência verbal. Para Charaudeau (2019, p. 446), a violência verbal “vem de um ato de linguagem pelo emprego de certas palavras, estruturas ou expressões capazes de ferir psicologicamente uma pessoa diretamente dirigida ou em posição de terceiro”. O insulto e termos correlatos como injúria e ofensa, conforme Charaudeau (2019), materializam a violência por meio da linguagem verbal.

De modo semelhante, Burke e Porter (1997) destacam que em toda cultura há termos que podem ser potencialmente insultuosos e isso dependerá de características que estes termos assumem quando são produzidos em situações específicas. Nessa perspectiva, Charaudeau (2019) faz um apanhado assaz didático acerca da violência verbal e ressalta que o efeito adquirido pelas palavras na relação com a situação em que são empregadas e, nessa perspectiva, haveria palavras violentas que nem sempre são insultantes e o insulto nem sempre ocorre através de palavras grosseiras e violentas. No primeiro caso, Charaudeau (2019)

exemplifica que, quando uma mãe diz ao filho, em tom carinhoso “Venha aqui, sua carinha feia”, ela, apesar de usar termos violentos, produz o sentido de afeição; no segundo caso, o autor ilustra a partir de construções como “Você só saber repetir a mesma coisa!”, a qual, embora não contenha termos grosseiros, mostra-se insultante, ao caracterizar o sujeito a que se refere como incapaz.

Feita essa breve incursão, passemos para a análise dos comentários *on-line*, produzidos em virtude da publicação das seguintes notícias no *site* Uol: “Greta diz que índios brasileiros foram assassinados por tentar proteger florestas” (8/12/2019), “Bolsonaro chama Greta Thunberg de pirralha após ativista falar sobre a morte de índios” (10/12/2019) e “Greta Thunberg põe pirralha no perfil do *Twitter* após fala de Bolsonaro” (10/12/2019). Vejamos que a materialidade repetível das notícias encadeia-se numa teia enunciativa que engloba a fala de Greta sobre os índios assassinados no estado do Maranhão, o insulto de Bolsonaro e a consequente reação de Greta, num intervalo temporal de dois dias. Para conferirmos um tratamento analítico aos comentários, dividimos em dois blocos. No primeiro, analisamos os comentários que constroem discursivamente Greta como uma figura manipulada, um fantoche a serviço de grandes empresários com viés político de esquerda e, no segundo, a desqualificação de Greta partindo de um viés que a ofende de modo mais pessoal, a partir dos aspectos físicos, da condição feminina e de ter Síndrome de Asperger. Certamente que esses dois modos de enunciar sobre Thunberg estão entrelaçados, ocorre que, ao fazermos esse recorte, visamos investigar a existência de regularidades discursivas as quais orientam o olhar analítico.

Vejamos o primeiro bloco de comentários.

Comentário 1

Está (*sic*) menina está mais para atriz, só que desequilibrada. Coitadinha. Manipulada por ONGs e governos ensaiou expressões de impacto como... “roubaram meus sonhos”.⁴

⁴ Optamos por não inserir o nome dos sujeitos que postam nos comentários, mesmo sabendo que tais nomes nem sempre são reais. Comentário disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/09/24/greta-thunberg-rebate-ironia-de-donald-trump-mudando-biografia-do-twitter.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

Comentário 2

Um dos espetáculos mais deprimentes já vistos naquele fórum. No fundo, é digna de pena, por estar sendo inescrupulosamente manipulada pelos pais e seus igualmente inescrupulosos parceiros de negócios “climáticos”.⁵

Comentário 3

Essa Greta é uma fraude, fabricada por interesses que ninguém sabe quais são! Uma jovens pirralha mesmo, mimada e que nunca realizou nada na vida, filha de pais ricos de um país de 1º mundo, vaga pelo mundo com a bandeira de ativista, vive uma vida fútil, habilidosa para apontar os problemas do mundo, mas incapaz de indicar uma alternativa de solução, apenas discursos vazios pautados em opiniões que nem dela são! Bela garota!!⁶

Comentário 4

Eu morro de dó - muito dó desta menina. Coitada! Tomara que ela nunca perceba que foi transformada (e usada como!) em prosélito esquerdistoide... porque senão sofrerá muito! Judiação! E que pais oportunistas ela tem...⁷

De acordo com Amossy (2014), os internautas, ao se valerem de pseudônimos, encontram um terreno fértil para insultar, sob a ilusória existência de uma máscara que os protegeria de possíveis sanções normativas. Seguindo essa lógica, os posicionamentos expressos nos comentários buscam minar a atuação de Greta Thunberg, partindo do princípio de que ela não é responsável pelo que faz, causando, assim, efeitos de repulsa (“espetáculo mais deprimente”, “mimada”, “nunca

⁵ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/09/24/greta-thunberg-rebate-ironia-de-donald-trump-mudando-biografia-do-twitter.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

⁶ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/12/08/greta-thunberg-diz-que-indigenas-foram-assassinados-por-tentar-protger-florestas.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

⁷ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/09/24/greta-thunberg-rebate-ironia-de-donald-trump-mudando-biografia-do-twitter.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

fez nada na vida”), de piedade (“muito dó desta menina”, “digna de pena”, “coitadinha”) e de ironia (“Bela garota”). Esses efeitos permitem pensarmos em como Greta Thunberg é constituída como um objeto de discurso. Conforme foi discutido no tópico anterior, um objeto de discurso necessita ter uma superfície de emergência e, no caso em análise, tal superfície exprime-se na associação entre a atuação de Greta e um suposto financiamento por parte de políticos que a utilizam como uma marionete. Disso resulta o descrédito da posição de sujeito dos comentários, para quem a ativista é, sobretudo, vítima, pois jovem e inexperiente é manipulada por grupos com interesses escusos (“que ninguém sabe quais são”), em comum acordo com os seus pais. Vale ressaltar a frequência com que a figura de Greta é associada, por meio de boatos, ao bilionário George Soros, por meio da *Open Society Foundations*, criada com o objetivo de apoiar organizações e indivíduos que lutam pela liberdade de expressão, justiça e igualdade.⁸

Assim, no primeiro comentário, tem-se uma posição segundo a qual Greta apenas representa, encena o que lhe é anteriormente repassado (“ensaiou expressões de impacto”, “opiniões que nem dela são”), não sendo sincera, porquanto mente e engana. Ao referir-se à participação de Greta na Cúpula do Clima, o sujeito do segundo comentário qualifica o episódio como sendo “deprimente” e retoma um fragmento da fala de Greta com tom de deboche (“roubaram meus sonhos”); essa posição também é partilhada no terceiro comentário, quando afirma que se trata de uma “fraude”, bem como no quarto comentário, em que o sujeito enunciador assevera que Greta “foi usada”. Atravessando esses posicionamentos, os discursos sinalizam que não há uma explicação racional a qual possa explicar a midiatização de Thunberg a não ser a ligação dela com instituições cujos interesses são misteriosos. O terceiro comentário é incisivo em explicitar que Greta, na medida em que vive com o conforto de um país desenvolvido, não encontraria respaldo para militar acerca do meio ambiente. Ou seja, a fala dela não deve ser levada a sério, já que “nunca realizou nada na vida”. Sobre esse aspecto, vale citar o exemplo de um meme que circulou nas redes sociais digitais, após a participação de Thunberg na abertura da Cúpula do Clima da Organização das Nações Unidas (ONU), em dezembro de 2019. O meme

⁸ Disponível em: <https://www.opensocietyfoundations.org/newsroom/open-society-foundations-and-george-soros/pt>. Acesso em: 10 mar. 2020.

surgiu a partir de um compartilhamento no Twitter feito pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro, na época, filiado ao Partido Social Liberal (PSL), que consiste numa montagem de uma fotografia em que a ativista aparece fazendo uma refeição em um trem e da janela vê-se crianças africanas com aspecto de desnutrição. A montagem foi fabricada a partir de um registro fotográfico de Greta num trem na Dinamarca e na janela aparecem árvores. O efeito advindo da montagem é de que a ativista é hipócrita ao afirmar que “roubaram seus sonhos” no evento da ONU, já que mantém uma vida confortável, enquanto outras crianças passam fome. Se pensarmos nos sistemas de diferenciação de que fala Foucault (1995), flagramos que o funcionamento da verdade a partir de Thunberg não cumpre os requisitos de uma distinção que a tornaria autorizada a ter seu dizer qualificado.

Nesse aspecto, Greta é discursivamente constituída como um sujeito a quem não se deve dar ouvidos, em conformidade com a fala de Bolsonaro, ao chamá-la de “pirralha”. Uma vez que se trata de uma mentira, as posições se dispersam, na formação das modalidades enunciativas, em desmascará-la, como no terceiro comentário, ou em sugerir que ela nunca se dê conta de que foi usada, como no quarto comentário. De qualquer modo, a ativista é insultada por ter sua luta desacreditada e mostrar-se indigna de ocupar certos espaços sociais e decisórios de poder, como o da Cúpula do Clima e o Fórum Econômico Mundial e, assim, os comentários vão construindo determinadas verdades sobre Greta e sobre o ambientalismo enquanto uma prática social e política. Ao pensarem de modo distinto do discurso ambiental, esse radicalismo compreende o outro como “pessoas doentes que precisam ser corrigidas como indivíduos desviantes” (DUNKER, 2017, p. 279).

Vimos, a partir da apreensão dos enunciados em sua exterioridade, a irrupção de posicionamentos responsáveis por assumirem um saber sobre Greta Thunberg – ela não age por vontade própria, dado que é comandada por outros – e, com isso, incitam determinadas relações de poder, pois, uma vez detectada a fraude, convém dela se afastar. A posição que enuncia condena, conforme destacamos na alusão da *web* como tribunal (FREIRE FILHO, 2014), não apenas as atitudes de Greta, como também a dos seus pais, pois estes seriam coniventes com a situação. Noutras palavras, as relações de poder que envolvem pais e filhos são revisitadas no funcionamento discursivo dos comentários. Nesse sentido, o quarto comentário evidencia que a ativista irá sofrer quando descobrir

que foi usada pelos seus próprios pais (“pais oportunistas”). Ressoam nesses dizeres vestígios de uma prática que exclui certos sujeitos de terem seus discursos aceitos como verdadeiros (FOUCAULT, 1995), em função de não apresentarem um estatuto que os autoriza a enunciar com credibilidade. No caso de Greta, tem-se a ausência de maturidade articulada com a má fé dos pais que induzem a filha a mentir e a ludibriar, com vistas a angariar fama e dinheiro, através de “inescrupulosos parceiros”. Nas palavras de Foucault (1999, p. 28), “[...] a engrenagem pela qual as relações de poder dão lugar a um saber possível, e o saber reconduz e reforça os efeitos de poder”.

No segundo bloco de comentários, a seguir expresso, os discursos anti-Greta recaem sobre a aparência física, a condição feminina e o fato de ter Síndrome de Asperger.

Comentário 5

Duvido muito que seja ela mesmo (sic) que administre suas redes sociais, visto que seu intelecto é limitado. Vide as perguntas daquele jornalista e ela como não tinha o texto pronto constrangida não soube responder repassando as perguntas, ela é uma marionete patética dos progressistas!⁹

Comentário 6

Esta menina com sérios problemas psicológicos está sendo usada para atacar aqueles que ousam desafiar os esquerdistas globalistas que querem impor o politicamente correto e subtrair do Brasil um terço do país, internacionalizando este pedaço para benefício das grandes potencias [...]!¹⁰

Comentário 7

Ainda não arrumaram um namorado pra essa pirraia antipática!¹¹

⁹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/12/10/greta-thunberg-poe-pirralha-no-perfil-do-twitter-apos-fala-de-bolsonaro.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

¹⁰ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/12/10/greta-thunberg-poe-pirralha-no-perfil-do-twitter-apos-fala-de-bolsonaro.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

¹¹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/12/08/greta-thunberg-diz-que-indigenas-foram-assassinados-por-tentar-protoger-florestas>.

Comentário 8

A expressão de ódio que essa fedelha tem quando fala diz muito sobre quem ela vai se tornar. Ninguém imagina mas o anti cristo pode ser “a” anti cristo.¹²

Os principais termos empregados para se referir à Greta, nos comentários, estão articulados à questão etária (“pirraia”, “fedelha”) e esse aspecto é reiteradamente reforçado como um elemento que constrói verdades sob as quais a ativista é discursivamente constituída como inapta, através de práticas que se intercambiam com as relações de gênero. Não bastasse o fato de ser “uma menina” e, por isso, inadequada para lidar com temáticas sérias, pois não é este o lugar culturalmente atribuído ao sujeito mulher, tem-se a construção de Greta como intelectualmente limitada, numa subentendida remissão ao fato de a ativista ter Asperger (comentário 1), pois apresenta graves problemas psicológicos (comentário 3), daí ser manipulada por outrem. Noutras palavras, a ativista, de acordo com os posicionamentos presentes nos comentários, no referencial do enunciado, caracteriza-se com um ser anormal, patológico e cuja aparência pavorosa encarna uma força diabólica (“pode ser a anti cristo”).

Segundo Safatle (2018, p. 293), “o patológico é designado a partir do normal, daí porque ele será normalmente descrito como distúrbio, transtorno, déficits em excessos”. O sujeito enunciativo, por meio de um saber, através da observação da fisionomia de Greta (“expressão de olho”) atesta a sua inimputabilidade e sua condição de anormal, razão pela qual ela se constitui uma espécie de arma de combate “aos que ousam desafiar os esquerdistas globalistas”, segundo o sujeito do comentário 6. Nesse direcionamento, Greta consistiria apenas numa peça de uma estratégia de poder mais intrincada, ou, nas palavras do comentário 5, “uma marionete patética dos progressistas!” e seria incapaz de administrar suas redes sociais, conforme o comentário 1, reforçando, assim, a imagem da ativista como uma espécie de ventríloquo com propósitos nefastos.

Considerada dessa forma, a luta empreendida por Greta é concebida como um plano internacional de dominação, o que destitui a

htm. Acesso em: 10 mar. 2020.

¹² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/09/24/greta-thunberg-rebate-ironia-de-donald-trump-mudando-biografia-do-twitter.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

sua importância e autenticidade. De acordo com a posição que enuncia no comentário 6, há uma agenda de implantação do “politicamente correto” e, diante disso, um projeto de internacionalização da Amazônia (“subtrair um terço do Brasil”), donde se pode concluir que o discurso ambiental é falacioso e oculta seus reais interesses. Discutimos no início deste texto como a aversão ao ambientalismo e a existência do negacionismo climático se ancora numa prática discursiva que incita a dúvida e a desconfiança. Na raridade enunciativa, essa prática faz-se presente na constituição do posicionamento do comentário 6, uma vez que, ao desmascarar Greta, o sujeito denuncia um projeto de poder de proporções globais mascarado na boa intenção da causa ambiental. De acordo com Roque (2020), esse posicionamento discursivo é tributário de um raciocínio segundo o qual, sob o disfarce das causas verdes, haveria um complô para diminuir a liberdade de compra dos cidadãos e, num limite, uma trama secreta com o fito de instaurar o regime comunista em todo o mundo.

Não é precipitado afirmar que o apoio irrestrito, por parte dos sujeitos enunciadores dos comentários, ao modo como Bolsonaro e Trump referiram-se a Greta, emolduram sob uma vontade de verdade alinhada ao espectro político da direita. E, levando em conta como essa polarização se efetua nas mídias digitais, vale frisar que as condições de existência dessa função enunciativa encontra-se atrelada de maneira prodigiosa ao amparo institucional que esses dizeres encontram respaldo. Basta pensarmos, por exemplo, na postura negacionista do presidente do Brasil no tratamento de elementos cardinais do meio ambiente, como o episódio dos incêndios da Amazônia, em 2019. Desde a dúvida incisiva em relação a dados oficiais das queimadas até as acusações de membros de organizações não-governamentais, como sendo os responsáveis pelos focos de incêndio, o que se pode observar foi a chancela institucional das vozes que brotam nos recônditos espaços dos comentários *on-line*. Essas vozes encontram certo respaldo para ofender Greta e qualquer outro ativista, pois a preocupação com o meio ambiente é desnecessária e não pode ser genuína e desinteressada, senão motivada por alguma vantagem pessoal e/ou financeira.

O comentário 7 encadeia-se à fala misógina de que tratamos na introdução deste texto. Recapitulando-a, o radialista Gustavo Negreiro disparou que Greta precisaria de “um homem, ou macho ou fêmea”. No caso do posicionamento discursivo do comentário, observamos uma

dada insinuação de que o interesse da jovem ambientalista poderia ser deslocado, caso ela arranjasse um namorado. Assim, ela iria esquecer a militância ambiental, pois não lhe convém, dado que se trata de uma mulher adolescente cuja meta de vida deveria ser outra. Para Foucault (2010), esse modo de enunciar ergue-se sob o funcionamento de uma instância de delimitação que, no caso em estudo, resguarda certos espaços e lugares para a atuação do sujeito mulher, instaurando e nomeando esse sujeito como um objeto de discurso. Ao romper a fronteira do privado e do domínio ao qual a mulher deveria se restringir, Greta é atacada (“pirraia antipática”), já que esta foge às normas sócio-historicamente estabelecidas, as quais envolvem gênero (o fato de ser uma mulher) e geração (o fato de ser adolescente). Ademais, o enunciado do comentário 7 é construído por meio de uma remanência, na medida em que traz à tona dizeres conservados ao longo do tempo acerca do sujeito mulher, através de uma vontade de verdade de cunho patriarcal, por meio do princípio do acúmulo, que resiste a despeito de todas as conquistas femininas do século passado e do começo deste, especialmente no tocante à participação no espaço da política. É justamente por estar neste espaço e “não brincando de boneca”, conforme sugerirá outro comentário, que Greta é ofendida.

Os dois blocos de comentários permitem-nos observar, na esteira de Charaudeau (2019), que nem todo discurso ofensivo corporifica-se no emprego de palavras e/ou expressões reveladoras de efeitos violentos em si, mas, sim, que é possível ofender através do uso de termos não violentos *a priori*. Nessa lógica, em enunciados como “morro de dó desta menina” (comentário 4), “duvido muito que ela administre suas redes sociais” (comentário 5), não se constata uma conotação, à primeira vista, ofensiva, porém, são dizeres que questionam a capacidade intelectual de Greta e demonstram uma certa piedade forçada em relação ao estado de minoridade da ativista e, portanto, atestam a sua inabilidade. Esses posicionamentos deixam flagrar a constatação segundo a qual se a ativista é mentalmente inabilitada, porquanto forjada no seio de intenções obtusas, todo o protagonismo da jovem é desacreditado e o discurso ambiental, por sua vez, é desmontado.

4 Conclusão

Conforme uma notícia que circulou no *site* da BBC Brasil, em março de 2020, uma jovem alemã de 19 anos chamada Naomi Seibt¹³ apresenta-se como a voz dos céticos do clima e, ao se aproximar de grupos conservadores dos EUA, autodenomina-se de anti-Greta. Segundo a alemã, “[...] durante anos fui alarmista ambiental. Acreditava que toda essa narrativa de que as mudanças climáticas estavam destruindo o planeta [...] mas depois fui pesquisar um pouco, decidi que já tinha própria e sólida visão sobre o assunto”. O fato de ter compactuado com o chamado “alarmismo ambiental” levou Seibt a adquirir um *status* de autoridade para discordar de tal ponto de vista, o qual foi convertido para “uma visão própria e sólida”, de modo a supor que a visão anterior, em alguma medida, fora-lhe imposta. A existência de uma anti-Greta mostra-nos um embate de verdades acerca da causa ambiental numa espécie de disputa de narrativas acerca da questão. Assim, ou se afirma a premência na resolução dos problemas do meio ambiente, na visão em que se pauta Greta, ou se nega esse alarmismo, conforme a percepção de Naomi.

Essa polarização encontra eco na emergência dos discursos analisados neste artigo, no sentido de que os comentários, ao atacarem a figura de Greta, demonstram um determinado desinteresse atinente à causa verde. Nessa medida, investigamos principalmente como os comentários produzem a violência em torno da imagem de Greta, a partir do exame dos posicionamentos enunciativos, das relações de saber-poder e da constituição de verdades acerca da ativista sueca. As posições de sujeito dos enunciados estudados enredam-se, num domínio associado a outros posicionamentos que, em maior ou menor grau, reduzem a relevância de Greta Thunberg e seu ativismo ambiental, presentes, por exemplo, no modo como certos governantes a tratam, notadamente o presidente dos EUA e do Brasil. Nessa cadeia enunciativa, a ativista é constituída como um engodo produzido por instâncias de poder, em conluio com os pais da jovem, com o objetivo de dirimir a autoridade nacional e impor uma agenda de esquerda.

Tais posicionamentos reportam-se a saberes que objetivam Greta como intelectualmente limitada e, portanto, incompetente para atuar

¹³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51710095>. Acesso em: 18 mar. 2020.

numa causa complexa. Esses saberes originam-se do visível despreparo, observado por meio do desempenho da ativista na abertura da Cúpula do Clima da ONU, da observação de sua fisionomia, a qual denota efeitos horripilantes e anormais, de um completo desajuste de Greta no bojo da prática discursiva em que tenta se inscrever. A partir desses comentários, entendemos que esse saber enlaça-se a tecnologias de poder, porque, uma vez atestada a inaptidão de Thunberg, é necessário ignorá-la, não dar a devida atenção e, se possível, “arranjar um namorado” (comentário 7), para que, assim, ela possa não se intrometer em temáticas que não lhe competem.

Considerando o enunciado na sua singularidade e estreiteza, vejamos como o insulto se constitui como uma estratégia que acaba por desencadear a produção de verdades sobre Thunberg. As posições que enunciam colocam-se no lugar do esclarecimento, o qual desmascara a fraude e, nessa via, mostra o discurso verdadeiro a ser considerado. Cientes de que a verdade é deste mundo (FOUCAULT, 2008), somos levados a problematizar as práticas e discursos legitimadores das verdades de cada época. Em relação à Greta, constatamos, na tessitura enunciativa dos comentários *on-line*, a produção de um dizer que se impõe como verdade pela ótica do insulto, pela difamação do outro como sendo impostor e a reafirmação de um dizer, produzido à revelia do saber científico, como sendo verdadeiro, num momento em que a ciência é constantemente colocada em xeque. Dessa feita, o negacionismo climático caminha lado a lado com outros tipos de revisionismo histórico-sociais (a exemplo do terraplanismo, do movimento anti-vacinação, dentre outros) e arregimentam posicionamentos nas mídias digitais e alternativas. Em tal seara, Greta Thunberg é um alvo propício para a virulência na *web*, pois reúne marcadores sociais, por ser adolescente, mulher e neurobiologicamente objetivada por um transtorno que a afasta da norma social estabelecida. No fundo, a luta em prol da causa ambiental acaba sendo uma munição cujo alvo repousa na inadequação de sujeitos como Greta em espaços decisórios do poder político.

Necessário sublinhar, por fim, que o presente estudo faz parte de uma pesquisa mais ampla ainda em desenvolvimento, razão pela qual muitos outros pontos poderão ser aprofundados em análises vindouras, tais como: i) o embate de verdades entre os discursos contrários e os favoráveis a Greta Thunberg e o modo como as relações de saber-poder são demandadas nesse jogo enunciativo; ii) o tratamento que os diferentes

veículos midiáticos conferem a Greta Thunberg e a Naomi Seibt, *a priori* concebidas como figuras antagonicas; iii) a problematização da emergência de Thunberg como uma estratégia biopolítica, especialmente numa perspectiva que possa considerar a gestão e o controle da vida no planeta a partir do discurso ambiental e iv) a construção da ativista como uma influenciadora digital e os diversos discursos de outras jovens ambientalistas que a tomam como um modelo a ser seguido. Em suma, trata-se de inquietações, tateamentos e planos a moverem pesquisas que consideram a relação entre os discursos, os sujeitos e a história do momento presente.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Edifício em construção ou em ruínas: usos e abusos do pensamento de Michel Foucault na contemporaneidade. *In: SOUSA, K. M.; PAIXÃO, H. P. P. (org.). Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade*. São Paulo: Intermeios, 2015. p. 209-221.
- AL GORE. *Uma verdade inconveniente*. Direção de Davis Guggenheim. Los Angeles: Paramount Vantage, 2006. 1 DVD (94 min).
- AMOSSY, R. *Apologie de la polémique*. Paris: Presses Universitaires de France, 2014. DOI: <https://doi.org/10.3917/puf.amos.2014.01>
- BURKE, P.; PORTER, R. *História social da linguagem*. Trad. Álvaro Hattner. São Paulo: UNESP, 1997.
- CHARAUDEAU, P. Reflexões para análise da violência verbal. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 15, n. 3, p. 443-476, 2019. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/9916/114114895>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- DUNKER, C. *Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. *In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. (org.). Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-250.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim de Moraes. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, M. *Estratégia, poder-saber*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 25. ed. Trad. Roberto Machado. São Paulo: Graal Edições, 2008.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 19. ed. Ed. M. J. Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FREIRE FILHO, J. O circuito comunicacional das emoções: a internet como arquivo e tribunal da cólera cotidiana. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 38., 2014, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2014. p. 1-34.

GALLO, S. Do cuidado de si como resistência à biopolítica. In: CASTELO BRANCO, G.; VEIGA-NETO, A. (org.). *Foucault: filosofia e política*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 371-393.

GEADA. Sobre o GEADA. 2017. Disponível em: <http://geadaararaquara.blogspot.com/p/sobre-o-geada.html>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MACHADO, R. *Impressões de Michel Foucault*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

ORESQUES, N.; COWNAY, E. R. *Merchants of doubt*. How a Handful of Scientist Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming. New York: Bloomsbury, 2010.

PROCTOR, N. R. Agnotology: A Missing Term to Describe the Cultural Production of Ugnorance (and Its Study). In: PROCTOR, N. R.; SHIEBINGER, L. (org.). *Agnotology: The Making and Unmaking of Ignorance*. Palo Alto: Stanford University Press, 2008. p. 1-33.

ROQUE, T. O negacionismo no poder: como fazer frente ao ceticismo que atinge a ciência e a política, *Piauí*, São Paulo, ed. 161, fev. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-negacionismo-no-poder/>. Acesso em: 14 mar. 2020.

SAFATLE, V. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SARGENTINI, V. M. O. Violência no discurso: insulto, hostilidade e cinismo. In: FERNANDES, C. A. (org.). *A violência na contemporaneidade: do simbólico ao letal*. São Paulo: Intermeios, 2017. p. 27-46.

SARGENTINI, V. M. O. Há em Foucault um gesto inaugural nos estudos do discurso? *Heterotópica*, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 34-47, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/HTP-v1n1-2019-48526>. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/48526>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SOUZA; L. D.; VALADÃO JÚNIOR, V. M.; MEDEIROS, C. R. O. Crime corporativo e o discurso da responsabilidade socioambiental: inconsistências, contradições e indiferença no diálogo da corporação em *stakeholders*. *Gest. Prod.*, São Carlos, v. 24, n. 4, p. 690-703, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-530x1394-17>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gp/v24n4/0104-530X-gp-0104-530X1394-17.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2020.

WENCESLAU, J.; ANTEZANA, N. L.; CALMON, P. P. Políticas da terra: existe um discurso ambiental pós Rio +20? *Cad. EBAP. BR*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 584-604, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512012000300008>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512012000300008. Acesso em: 3 mar. 2020.



“Você é um *palhaço*, mesmo” – A designação de uma palavra e seu funcionamento como insulto

“*You are a clown, really*” – *The designation of a word and its functioning as an insult*

Romulo Santana Osthues

Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp), Campinas, São Paulo / Brasil

romulo.osthues@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-7479-9941>

Resumo: Neste trabalho, a partir dos pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2005, 2017, 2018) e da Análise de Discurso (ORLANDI, 1983, 2007, 2013; PÊCHEUX, 2014, 2015), apresenta-se um gesto de leitura sobre o funcionamento discursivo da palavra *palhaço* produzindo efeito de sentido pejorativo na interlocução entre um dos vereadores e o prefeito de Americana (SP), que discutiram de modo acalorado durante uma audiência pública na Câmara Municipal. Descreve-se o papel da interdiscursividade na metaforização de *palhaço* entre diversificadas formações discursivas e se analisa a designação dessa palavra tomando como material a transcrição da contenda entre os políticos. Esses gestos permitem compreender como a forma *palhaço* é reescriturada por outras integradas ao texto em questão, orientando a argumentação do enunciado “Você é um *palhaço*, mesmo” na direção de sua interpretação como insulto.

Palavras-chave: palhaço; insulto; interdiscurso; memorável.

Abstract: In this work, based on the theoretical assumptions of the Semantics of the Event (GUIMARÃES, 2005, 2017, 2018) and Discourse Analysis (ORLANDI, 1983, 2007, 2013; PÊCHEUX, 2014, 2015), an analytical gesture is presented about the discursive functioning of the word *clown* producing a pejorative meaning effect in the interlocution between one of the councilors and the mayor of Americana (SP), who discussed heatedly during a public hearing at the City Council. The role of interdiscursivity in the metaphorization of *clown* among diverse discursive formations is described and the designation of that word is analyzed using as a material the

transcription of the dispute between the politicians. These gestures allow us to understand how the form *clown* is rewritten by other forms that are integrated into the analyzed text, guiding the argumentation of the statement “You are a *clown*, really” in the direction of its interpretation as an insult.

Keywords: clown; insult; interdiscourse; memorable.

Recebido em: 19 de março de 2020

Aceito em: 13 de maio de 2020

1 Introdução

“O que é e o que não é *palhaço*” vem tematizando livros, oficinas teatrais, palestras em eventos acadêmicos, vídeos em redes sociais digitais etc., promovendo infindáveis discussões. Isso porque, designadas como *palhaço*, várias personagens foram surgindo ao longo da história e, aqui e ali, a partir de certos acontecimentos, colaboraram na constituição de inúmeras memórias que se atualizam em discursos nos dias de hoje, dentro e fora dos contextos artísticos. Bobos da corte, bufões, arlequins, hotxuás, heyokas, sátiros, lubyets, clóvis, mímicos, brancos, augustos, vagabundos... a lista não termina. Todas essas nomeações, correspondentes a práticas performáticas cômicas mais ou menos distintas entre si, compõem a espessura semântica de *palhaço*, fora as muitas outras que surgem diariamente. Se no interior da palhaçaria¹ já há disputas pelos sentidos de *palhaço*, fora dela, então, não se espera outra coisa. Será difícil haver acordo.

Na fala cotidiana, quem define o que é *palhaço*? Se alguém é chamado de “*palhaço*”, se é *palhaço* em qual sentido? O que determina o sentido de *palhaço* fora da prática palhacesca (no caso apresentado neste trabalho, o de uma cena de insulto)? Bréal (1883, p. 133, *apud* GUIMARÃES, 2005, p. 13), numa crítica a um tratamento puramente etimológico das palavras, salienta a dificuldade de se isolar uma palavra “e traçar sua história, como se ela não tivesse sido coagida, realçada, ligeiramente nuançada ou completamente transformada pelas outras

¹ “Uma dramaturgia do palhaço que diz respeito a seu espetáculo e a características particulares de sua forma de atuação”, conforme Reis (2013, p. 21).

palavras do vocabulário, no meio das quais ela se encontra colocada e das quais recebe a influência próxima ou longínqua”. Levando essa crítica a sério, observemos o quanto *palhaço* já “sofreu” – e sofre – como palavra, o quanto *palhaço* é uma palavra “sofrida”.

De um lado, empregada para designar o circense cujas práticas cênicas provocam, entre outras reações, a risadaria de uma plateia, ela também é constitutiva de discursos vários cujos efeitos de sentido não são propriamente cômicos: há figuras palhacescas que têm a melancolia e a poesia como motes de sua atuação nas praças públicas ou nos teatros; outras, pelos vieses da perversão e do crime, ganharam notoriedade, por exemplo, em produções cinematográficas; tantas outras, em espaços de dor e conflito social, como hospitais e zonas bélicas, instauram instantes de alguma poesia possível nesses lugares. Em suma, há um sem-número de sujeitos interpretando-se palhaços para um outro, produzindo sentidos de *palhaço* os mais distintos.

De outro lado, *palhaço* vem sofrendo (simbólicos) tapas, trapaças, rasteiras como palavra. *Palhaço*, em nossa formação social, recorrentemente presente no espaço de disputas políticas, para citar apenas alguns exemplos, ora designa aquele sujeito que foi ridicularizado, ludibriado, “feito de bobo”, ora aquele que não se deve respeitar – por sua conduta, por ser uma “pessoa pouco séria que se comporta de modo ridículo e com pouca dignidade”.² Se um sujeito faz uma ultrapassagem indevida no trânsito, alguém logo grita “ei, *palhaço*, onde comprou sua carta?” Se um chefe fala algo interpretado como impróprio por seu liderado, em um contexto empresarial: “Como pode esse *palhaço* dizer aquelas barbaridades na reunião com a diretoria?”

Nos termos de Bréal (1883, *apud* GUIMARÃES, 2005), poder-se-ia entender que esses empregos de *palhaço* dentro da prática artística e fora dela foram “nuançando” a significação de *palhaço* ao longo de uma “história de enunciações” nas quais *palhaço* ganha certas camadas de específicas cores – e não outras.

² Esse é o modo como *palhaço* está dicionarizado, *on-line*, no Houaiss (disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1>). Também encontramos outros registros do uso dessa palavra que são importantes para a compreensão do objeto deste trabalho: “pessoa fácil de ser enganada” (Michaelis); “pessoa que fala e faz coisas engraçadas: *Era o palhaço da turma*” (Aulete). Respectivamente, disponíveis em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/palha%C3%A7o/>; <http://www.aulete.com.br/palha%C3%A7o>. Acesso em: 2 out. 2019.

2 A enunciação de *palhaço* como insulto

A fim de analisar e compreender como *palhaço* produz efeitos de sentido insultivos, proponho um diálogo produtor, sem desconsiderar suas diferenças constitutivas, entre duas disciplinas dos estudos da linguagem que se ocupam com os processos de enunciação e significação: a Análise de Discurso (ORLANDI, 1983, 2007, 2013; PÊCHEUX, 2014, 2015) e a Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2005, 2017, 2018). O ponto nodal que me servirá de perspectiva é a visada dessas disciplinas sobre o funcionamento da memória na produção de sentidos, o *interdiscurso*: “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (ORLANDI, 2013, p. 31).

Com Pêcheux (2015, p. 158), destaco que não existe, inicialmente, uma estrutura sêmica do objeto *palhaço* e, posteriormente, “aplicações variadas dessa estrutura nesta ou naquela situação, mas que a referência discursiva do objeto já é construída em formações discursivas³ (técnicas, morais, políticas...) que combinam seus efeitos em efeitos de interdiscurso”. Não há, portanto, uma “naturalidade artística” de *palhaço* que o faria ser, em seguida, objeto de metáforas insultivas, de denúncias políticas, criações literárias etc. Para o autor, a produção discursiva de objetos⁴ como *palhaço* circulam por essas diferentes formações discursivas sem que qualquer uma delas possa ser considerada sua origem. Ele diz:

³ Para o autor, a formação discursiva seria “aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.). Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições, etc., recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas: retomando os termos que introduzimos acima e aplicando-os ao ponto específico da materialidade do discurso e do sentido, diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhe são correspondentes” (PÊCHEUX, 2014, p. 147, grifos do autor).

⁴ Em seu texto, o autor usa como exemplos os objetos “toupeira”, “balão livre” e “estrada de ferro”, refutando uma naturalidade “zoológica” ao primeiro e uma naturalidade “técnica” aos seguintes.

O interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade, torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (metaforizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e deslocar historicamente (PÊCHEUX, 2015, p. 158).

Compreender esse funcionamento nos permite observar o quanto o objeto *palhaço* é simbolicamente farto, metaforizando-se entre formações discursivas diversificadas e produzindo múltiplos efeitos de sentido – muitos dos quais são motes de polêmicas infundáveis. Não são nada raros os materiais em que *palhaço* se textualiza, colocando-nos diante de sua ampla equivocidade, ou seja, a capacidade de ele se abrir para a significação de tantas e variadas formas nas mais diversas formações sociais e discursivas, segundo processos de identificação também vários. Não à toa, cotidianamente, deparamo-nos com cartazes de shows musicais e peças de teatro, charges, memes, desenhos animados, filmes, videocliques, máscaras em protestos etc. em que o objeto *palhaço* está presente sendo significado desigualmente.⁵

Guimarães (2017), que se ocupa com os processos do/no acontecimento da enunciação, sugere que não se confundam a memória de sentidos – *interdiscurso* – com o passado no acontecimento – *memorável*. Para ele, o memorável é o modo como uma história de enunciações se temporaliza no acontecimento da enunciação, que cruza enunciados de discursos diferentes em um texto. O interdiscurso, segundo o autor, seria esse cruzamento. “A enunciação, então, se dá como lugar de posições de sujeito que são os liames do acontecimento com a interdiscursividade. Deste modo, aquilo que se significa, os efeitos de sentido, são efeitos do interdiscurso no acontecimento” (GUIMARÃES, 2005, p. 68).

Ainda para o autor, “o sentido não é efeito da circunstância enunciativa, nem é só memória. O sentido são efeitos da memória e do presente do acontecimento: posições de sujeito, cruzamento de discursos no acontecimento” (GUIMARÃES, 2005, p. 70). Quando um indivíduo ocupa uma posição de sujeito no acontecimento (do lugar de onde se fala, fala-se *como* esposa, motorista, prefeita, aluno, avó etc.), a língua

⁵ Confira análises de alguns desses materiais em: Osthues (2019); Benayon, Osthues e Lagazzi (2019); Anjos e Osthues (2020).

se põe a funcionar por ser afetada pelo interdiscurso. Do ponto de vista da Semântica do Acontecimento, para que a palavra *palhaço* signifique e produza efeitos de insulto – e não de constatação, por exemplo –, é preciso que um passado a faça significar como tal. “O passado é, no acontecimento [da enunciação], rememoração de enunciações”, diz o autor (GUIMARÃES, 2017, p. 17). Há, segundo ele, uma “latência de futuro” que projeta sentido no acontecimento e significa por recortar um passado como memorável.

Por esse ângulo, é importante ressaltar que existe uma sutil diferença no modo como a Análise de Discurso e a Semântica do Acontecimento⁶ trabalham a noção de *interdiscurso*, a memória de sentidos (STEIGENBERGER; MACHADO; SCHREIBER DA SILVA, 2011). Para a primeira, o interdiscurso seria aquilo que propiciaria uma atualização – o sentido é produzido quando *um passado é trazido ao presente*. Na Semântica do Acontecimento, com a noção de memorável, *encontra-se um passado no interior de um presente*, orientando o dizer (a argumentação) ao futuro (de outras enunciações). “Não se trata de um antes discursivo. É o passado pensado de maneira enunciativa e de acordo com o tempo do acontecimento. [...] Interessa a memória que foi recortada e não a rede de enunciações de um antes” (SCHREIBER DA SILVA, 2012, p. 4).

Trocando em miúdos, observe que, no acontecimento de um enunciado tal como o já citado “Ei, *palhaço*, onde comprou sua carta?”, produzido numa situação de exaltação no trânsito e endereçado a um interlocutor que conduz um veículo irresponsavelmente, *palhaço* recorta um memorável de *trapalhada, desordem, confusão*. Outras situações como a descrita, embora diversamente configuradas (na escola, em casa, na relação entre namorados, no time de futebol etc.), serviram de cenário para enunciações em que *palhaço* recorta o memorável afim.

Agora, se nos voltarmos à situação hipotética de um funcionário que considera a fala de seu chefe inapropriada para uma reunião com uma diretoria empresarial, veremos que o memorável recortado é outro. Em “Como pode esse *palhaço* dizer aquelas barbaridades na reunião com a diretoria?”, recorta-se um memorável de que certos sujeitos falam coisas *despropositadas, disparatadas, sem decoro*. Não é o mesmo memorável daquele que foi recortado no exemplo anterior.

⁶ O que chamo de Semântica do Acontecimento é nomeada de “Semântica Histórica da Enunciação” por Steigenberger, Machado e Schreiber da Silva (2011).

Já discursivamente, tendo em conta a metaforização de um objeto nas mais diversas formações discursivas, consideraremos que a memória de sentidos é o que permite que *palhaço* seja significado em diferentes discursos a partir de inúmeras posições de sujeito, possibilitando que discursos *da* palhaçaria como prática artística (o efeito do pré-construído do cômico que ludibria o outro num picadeiro, que lhe dá tapa na cara, chutes e pontapés, que gagueja, troca palavras, dispara palavrões etc.) constituam, junto aos discursos *sobre* a palhaçaria (como as enunciações insultivas, de protesto, de denúncia etc.), os sentidos de *palhaço* em circulação.

Postas as relações de semelhança e dessemelhança entre as duas teorias que lastreiam este artigo, voltemo-nos ao episódio que tomará nossa atenção daqui em diante e ao material sobre o qual nos debruçaremos para produzir nosso gesto de leitura.

3 Uma designação de *palhaço*

Em Americana, cidade do interior paulista, o vereador Gualter Amado (PRB) nunca foi artista circense, não protagonizou filmes de terror, tampouco andava protestando nas ruas com um nariz vermelho no meio do rosto. Apesar disso, segundo o prefeito Omar Najar (MDB), ele “é um *palhaço*, mesmo”. Durante uma audiência pública na Câmara Municipal,⁷ em 27 de fevereiro de 2019, para a discussão sobre as metas fiscais da cidade, do terceiro quadrimestre de 2018, em meio a um bate-boca entre os dois políticos, Gualter foi designado “palhaço”, “idiota”, “boboca”, reputado por “fazer palhaçada” e “falar um monte de bobagem”.

A audiência pública caminhava para seu final quando o prefeito, cuja presença não se esperava naquela sessão, foi citado pelo vereador, que lhe sugeriu explicar ações de sua gestão em relação às contas públicas. Omar Najar, então, ao ter espaço concedido para falar, começa a se referir ao vereador e a seus questionamentos de maneira exaltada. O debate se dá conforme a transcrição a seguir:⁸

⁷ A discussão circula na internet (portais de notícias, blogs e redes sociais) por meio de pequenos vídeos editados a partir de uma transmissão ao vivo da TV Câmara de Americana. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_IEK_pw9jFs. Acesso em: 2 out. 2019.

⁸ Essa transcrição se refere ao trecho do vídeo que se inicia em 1:37:00 e termina em 1:42:52, quando os microfones de Gualter Amado e Omar Najar são desligados. Os negritos e itálicos são destaques meus. Não houve correção das falas dos políticos

[Omar Najjar] É um prazer estar aqui. Obrigado pelas palavras que... Mas eu não podia deixar de vir aqui porque eu não sei se as pessoas não querem entender ou querem fazer demagogia. Essa história que eu dispensei médico, não dispensei médico nenhum. Médico pediu a conta porque era obrigado a bater cartão. Eles recebiam 10, 12 mil reais por mês lá da prefeitura. É isso que o vereador tinha que falar, e não **falar besteira**. Essa história... “dispensou 150 médicos”... Eu não dispensei nenhum. Todo médico saiu de lá porque tinha que bater cartão obrigado por lei. Agora, se eu contrato uma empresa pra atender a saúde, não pode. Vou ter que ficar atrás de médico. Outra coisa... vem falar do dinheiro do DAE. O dinheiro do DAE, nós pegamos o dinheiro pra fazer face a situações que se encontrava a prefeitura. Nós tiramos 20 e tinha... sobrou ainda 29 no caixa. Então, nós não limpamos dinheiro de DAE nenhum. Chega de **fazer palhaçada**. Vai lá saber as verdades. Nós não encobrimos nada como outros governos encobriram e não passavam informação para a Câmara de Vereadores, e fizeram esse estrago que fizeram em Americana. Tá duro de aguentar **essas palhaçada**. “O prefeito é culpado de tudo”. E vocês, vereadores, são culpado do quê? Que liberaram 70 milhões pra aquele outro prefeito. É essa a responsabilidade com Americana. Não **ficar fazendo picuinha, enchendo o saco dos outro**. Prefeitura tá aberta pra qualquer vereador pegar qualquer hora que quiser. Agora, **ficar fazendo estrago, fazendo bobagem, querendo aparecer na televisão?** Vá pro inferno! **Isso não é coisa de gente decente**. Chega, porra! Vamo trabalhar juntos com Americana ou vamo enterrar de uma vez. Cês pensam que é brincadeira viver o dia inteiro com um facão na cabeça, que o... o... o Tribunal de Contas quer... O... o secretário não disse... Hoje, a lei diz que eu sou obrigado a deixar 3,65 do orçamento, eu sou obrigado a recolher de precatório. Isso representa 35 milhões de reais de governo de Tebaldi, de governo de Frederico, de governo de Carrol Meneghel, de governo de todos que passaram aí. Veja se o... o... o... o governo de Omar Najjar tem um precatório. Eu não fiz nenhum precatório. Agora, vai entrar precatório de contas do outro prefeito que saiu daqui, que existe porque não pagou um monte de fornecedores. Sacou... a Câmara deu um cheque em branco pro outro prefeito de 70 milhões de reais, e ele veio propor nessa câmara aqui que ia pagar precatório, mas ele não pagou um precatório. O dinheiro que veio pra essa prefeitura pra se gastar em creches e em outros... ah... setores do município foi desviado e eu tô sendo obrigado a devolver sob pena de não receber mais o fundo de participação. Vai lá administrar pra ver se é brincadeira dia e noite. Eu nunca passei isso na minha vida. Ainda tem

envolvidos na discussão. As hesitações estão representadas por reticências, e o trecho que não pude transcrever foi substituído por [ininteligível]. Quando os enunciados dos políticos se atravessam, represento as interrupções com //.

que aguentar desaforo? Não é assim que se faz, pô. Bom senso é bom senso. Agora, querer misturar alhos com bugalhos, pra mim, não serve. Vem insistir toda hora “ehhh... vinte milhão da DAE”. Ora, o dinheiro é da prefeitura! Enquanto o outro lava uma conta só, fazia o que queria, nenhum se levantou. O senhor era cidadão de Americana. Por que que o senhor não levantou, não foi no Ministério Público? Pode responder a hora que o senhor quiser, porque **é palhaçada o que cê tá fazendo. Você é um palhaço, mesmo!** Pode responder que eu tô aqui pra escutar sua conversa.

[Gualter Amado] Bom... primeiramente, o senhor tem que ter mais educação.

[Omar Najar] Eu não tenho educação com você.

[Gualter Amado] Aqui, o senhor tem que ter educação pra falar aqui.

[Omar Najar] Vá pro inferno você!

[Gualter Amado] Aqui não é a casa da mãe Joana.

[Omar Najar] É da mãe Joana... de você, **idiota!**

[Gualter Amado] Aqui não é a casa da mãe Joana. O senhor não pode vir aqui e destratar vereador//

[Omar Najar] Eu faço o que eu quiser aqui!

[Gualter Amado] // do jeito que o senhor tá falando.

[Omar Najar] **Boboca!**

[Gualter Amado] Seu mal-educado!

[Omar Najar] **Boboca!**

[Gualter Amado] Mal-educado! O senhor pensa que é o que aqui?

[Omar Najar] Você pensa o que quiser!

[Gualter Amado] Pensa que é o quê? Nós tamo discutindo aqui é dinheiro, dinheiro//

[Omar Najar] Discutindo? Isso aqui não é assunto pra discutir aqui?

[Gualter Amado] // dinheiro público! Aqui, nós estamos discutindo dinheiro público!

[Omar Najar] Ô, idiota! Isso aqui não é assunto pra discutir.

[Gualter Amado] Isso aqui é assunto, sim.

[Omar Najar] Não é!

[Gualter Amado] Faz parte...

[Omar Najar] Nós viemo apresentar o [ininteligível] daqui.

[Gualter Amado] Faz parte do balancete dessa cidade.

[Omar Najar] O senhor vem puxar conversa que não tem nada a ver//

[Gualter Amado] Faz parte, sim.

[Omar Najar] // com essa audiência. Essa audiência não tem nada a ver.

[Gualter Amado] Tem muito a ver. Essa audiência é pra falar sobre metas fiscais.

[Omar Najar] Não tem! Meta fiscal é uma coisa!

[Gualter Amado] Tem, sim! Aqui, ó!

[Omar Najar] O senhor não veio falar de DAE. O senhor veio **falar um monte de bobagem!**

[Gualter Amado] Eu falo o que eu quiser aqui.

[Omar Najar] Eu também falo o que eu quiser! Eu sou o prefeito!

[Gualter Amado] Mas o senhor não pode desrespeitar. O senhor como prefeito, como homem público, não pode vir aqui desrespeitar vereador.

[Omar Najar] Eu não tô desrespeitando! Eu estou desrespeitando um idiota igual a você.

[Gualter Amado] O senhor chamou “*palhaço*”. Você me mandou ir pro inferno.

[Omar Najar] Você é um **idiota!**

[Gualter Amado] Você tá me chamando de idiota.

[Omar Najar] Você não sabe nem fazer conta, rapaz!

[Gualter Amado] Ah! “Eu não sei fazer conta”? Ha!

[Omar Najar] Fala o que você quer falar!

[Gualter Amado] Aqui, aqui, não é a casa da mãe Joana.

[Omar Najar] Vai, Joana! Vamo, Joana! Fala o que cê quer falar!

[Gualter Amado] Aqui não é sua fábrica!

[Omar Najar] Fala o que cê quer falar!

[Gualter Amado] Aqui, tem que comprovar da onde vem o dinheiro.

[Omar Najar] Vai comprovar! Vai lá ver! O senhor tem todo o direito de ver. Não precisa **ficar fazendo escândalo**, não!

[Gualter Amado] Eu não tô... quem tá fazendo escândalo é o senhor!

[Omar Najar] É você, **idiota!**

[Gualter Amado] O que o senhor tá fazendo aqui então? [...]

Por uma delimitação necessária, atendo-me à análise do material transcrito pelo objetivo de descrever o funcionamento semântico-linguístico a partir de noções específicas da Semântica do Acontecimento, voltando meu olhar, precisamente, para a enunciação de *palhaço* como insulto. Em outras oportunidades, poder-se-ia tomar, do mesmo modo como se faz com a língua, as demais materialidades em composição no vídeo como texto.⁹

⁹ Uma ressalva: embora eu tenha usado a transcrição da discussão entre o prefeito e o vereador para realizar as análises, não se pode, claro, apagar as materialidades sonora (oralidade da língua em sua enunciação, os elementos prosódicos etc.) e visual (os gestos corpóreos sobressaltados dos sujeitos na discussão, a formulação visual que resulta do enquadramento dado pelo cinegrafista etc.), que significam de modo específico, em composição, às quais se tem acesso ao assistir ao vídeo publicado pela TV Câmara de Americana.

Compreendo como *palhaço* funciona no material considerando como fundamentais as noções de *designação* e *reescrituração*. Parto do enunciado “Você é um palhaço, mesmo” para a compreensão de seu sentido e do sentido de *palhaço* (sua designação) conforme a palavra está integrada a ele. “Uma palavra, uma expressão significam por estarem integradas em um enunciado que é enunciado por integrar-se a um texto” (GUIMARÃES, 2018, p. 151). Isso quer dizer que qualquer elemento de um enunciado pode se referir a algo quando está na relação com esse enunciado. E esse elemento referente a algo significa justamente por essa relação, produzindo um sentido para o elemento. Esse sentido resultante é o que, junto a Guimarães (2018, p. 152), chamarei “designação de uma palavra”.

Assim, é preciso observar como a designação de *palhaço* está funcionando no enunciado com base na sua integração com o texto acima. “Ou seja, não há como considerar que uma forma [*palhaço*] funciona em um enunciado, sem considerar que ela funciona num texto, e em que medida ela é constitutiva do sentido do texto” (GUIMARÃES, 2017, p. 9). E do enunciado como unidade de análise para sua articulação no texto, é necessário, num segundo momento, partir para a compreensão do processo discursivo do qual esse texto se faz um exemplar, uma sua peça constitutiva. Como nos ensina Orlandi (2013, p. 70), ele não é nem um ponto de partida nem um ponto de chegada apenas: “Compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, é compreendê-lo enquanto objeto linguístico-histórico, é explicitar como ele realiza a discursividade que o constitui”.

O negrito aplicado a certos enunciados e palavras na transcrição objetiva destacar quais outras formas estão se relacionando com “Você é um *palhaço*, mesmo”, produzindo sentidos para o enunciado e, mais nuclearmente, para a palavra *palhaço*. Desse jeito, observa-se como a forma *palhaço* aparece referindo, integrada ao enunciado “Você é um *palhaço*, mesmo”, que, por sua vez, se integra ao texto. Sob uma “aparência de substituíbilidade” (GUIMARÃES, 2017, p. 36), as formas “falar besteira”; “fazer palhaçada”; “essas palhaçada”; “ficar fazendo picuinha”; [ficar] “enchendo o saco dos outros”; “ficar fazendo estrago”; [ficar] “fazendo bobagem”; [ficar] “querendo aparecer na televisão”; “não é coisa de gente decente”; “**é palhaçada o que cê tá fazendo**”; “idiota”; “boboca”; “falar um monte de bobagem”; “ficar fazendo escândalo” se relacionam com *palhaço* pela textualidade. “Os conjuntos de modos de

referir organizados em torno de um nome são um modo de determiná-lo, de predicá-lo. E neste sentido é que constituem a designação do nome em questão” (GUIMARÃES, 2017, p. 36).

O processo de reescrituração se dá quando a enunciação de um texto rediz incessantemente o que já se disse. “Ao reescrever, ao fazer interpretar algo como diferente de si, este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado” (GUIMARÃES, 2018, p. 38), atribui o que a própria reescrituração recorta como passado, como memorável. Do início ao fim da intervenção do prefeito, vai-se construindo uma argumentação de *palhaço* que orienta para sua interpretação como insulto. Ao se referir a certos gestos do vereador como “essas palhaçada”, tem início uma cadeia significativa que vai orientando a argumentação, especialmente pela determinação de *palhaçada*, que também determina o sentido de *palhaço*, cujo efeito sobre o vereador é o de ataque – vide enfurecimento crescente dele ao longo da fala do prefeito (para tanto, assista ao vídeo).¹⁰

O acontecimento de “palhaçada” recorta o memorável de um ato de palhaços ou dos efeitos desse ato. Na prática artística, um esquete atuado por essa figura é uma *palhaçada*, assim como uma piada contada também o é; uma trama ardilosa para trapacear o parceiro de cena também é *palhaçada*, assim como o exibicionismo frente a todos, a derrisão, a provocação, a molestação da plateia etc. Para que o prefeito designe como *palhaçada* os gestos do vereador – “**é palhaçada o que cê tá fazendo**” –, ocorrem algumas reescriturações.

Por substituição, podemos afirmar que as seguintes expressões reescrevem “fazer palhaçada”. A reescrituração por substituição produz uma relação de sinonímia, que não significa uma igualdade de sentido, mas uma atribuição de sentido (uma determinação semântica) de uma expressão à outra:

falar besteira > ficar fazendo picuinha > [ficar] enchendo o saco dos outros >
 ficar fazendo estrago > [ficar] fazendo bobagem > [ficar] querendo aparecer
 na televisão > ficar fazendo escândalo > falar um monte de bobagem...

... é *fazer palhaçada*.

¹⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_IEK_pw9jFs. Acesso em: 2 out. 2019.

E o que “fazer palhaçada” não é? “Isso não é coisa de gente decente”. Anaforicamente, “Isso” reescritura “fazer palhaçada”, já reescriturada pelas demais expressões que a substituem, predicam-na no texto. Se fazer palhaçada implica todos os demais atos atribuídos semanticamente ao que fazer palhaçada refere, temos que “fazer palhaçada não é coisa de gente decente”. Dizer que *uma gente é decente* recorta o memorável de que há quem mereça mais respeito que outros, que se é digno de honra por agir com virtudes como discrição, honestidade e integridade. Fazer palhaçada (querer aparecer, falar bobagem, encher o saco etc.) não seria um gesto de decência. E se o vereador *faz palhaçada*, ele *é um palhaço*, ele *não é decente*. Desse modo, *palhaçada* é predicada pejorativamente, predicando *palhaço*, que designa, por fim, o vereador (também de maneira grosseira). Acompanhe:

“Isso” [fazer palhaçada [exibir-se, molestar etc.]] “não é coisa de gente decente”
 palhaçada é o que palhaços fazem
 os palhaços não são decentes
 “palhaçada é o que cê” [o vereador] “tá fazendo”
 você não faz coisa de gente decente
 você não é decente
 “você é um *palhaço*, mesmo”

Já predicada de maneira depreciativa, determinada semanticamente pela *palhaçada* que não é “de gente decente”, a designação de *palhaço* atribuída ao vereador – também predicada pelo operador argumentativo reforçador “mesmo” – continua sendo determinada ao longo da enunciação: por substituição, “boboca” e “idiota” (repetidas vezes) reescreveram e atribuem sentidos para *palhaço*, recortando o memorável de tolice, abobamento e ignorância.

Interdiscursivamente, ressaltado que “boboca” e “idiota” são formas presentes nos mais diversos discursos e funcionam, com certa regularidade, produzindo efeitos pejorativos também. Não é “gratuitamente” que elas ocorrem como reescrituras de *palhaço* na integração do texto em questão. Outra visada interdiscursiva pode ser a de considerar que certas práticas palhacescas apostam em narrativas nas quais as personagens mantêm uma postura “augusta”.

Há uma distorção que domina a recepção da palhaçaria. Existe uma tradição clássica de relacionamento entre duplas de palhaços em que o chamado augusto assume uma *postura mais boba, ingênua e desengonçada* que se contrapõe ao identificado como branco, que tem uma postura mais elegante, pretensamente inteligente e autoritária, tanto em sua relação com o augusto quanto com a plateia. As pessoas, hoje, tanto artistas como espectadores, têm uma noção que associa todo palhaço à imagem do augusto (REIS, 2013, p. 28, grifos meus).

Embora esse modo de atuação seja muito mais uma partitura fluida do que uma camisa de força para certos palhaços (da condição de subalternidade do augusto, um palhaço pode muito bem “virar o jogo” e se tornar o branco da vez), conforme aponta Reis, há uma dominância da circulação de discursos que significam os palhaços como augustos. E os augustos, regularmente, em cena, são (ou se fazem por) idiotas, bobocas. Parafrasticamente, “em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços de dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado” (ORLANDI, 2013, p. 36). O modo como “idiota” e “boboca” designam *palhaço*, que designa o vereador Galter Amado, pode ser observado nestas paráfrases:

o palhaço é um idiota
 o palhaço é um boboca
 “você é um palhaço, mesmo”
 você é um idiota, mesmo
 você é um boboca, mesmo

Para uma ilustração esquemática do modo como as reescrituações de *palhaçada* se articulam às de *palhaço* e, assim, determinam os sentidos de *palhaço*, segue um diagrama de seu Domínio Semântico de Determinação (DSD). Ele abarca as relações de atribuição de sentidos entre as palavras de um texto que se está por analisar. Para tanto, é usada uma escrita específica. Os sinais \top , \perp , \vdash , \dashv representam que uma palavra/ expressão determina outra palavra/ expressão na direção apontada. Por exemplo: *idiota* \dashv *palhaço* (lê-se *idiota determina palhaço* ou *palhaço é determinado por idiota*).

DSD – *palhaço*

	não é coisa de gente decente		
	⊥		
falar besteira	Isso	[ficar] fazendo bobagem	
ficar fazendo picuinha	⊥	[ficar] querendo aparecer na televisão	
[ficar] enchendo o saco dos outros	┌ palhaçada ─┐	ficar fazendo escândalo	
ficar fazendo estrago	⊥		falar um monte de bobagem
idiota	┌ palhaço ─┐	boboca	

4 A sustentação de um insulto que se abre ao equívoco

A argumentação é uma relação de linguagem que, para ser interpretada, exige a remissão ao interdiscurso como memória do acontecimento da enunciação. E se uma posição de sujeito delimita uma região do interdiscurso, ela também decide esse “argumento”. É como prefeito (“Eu também falo o que eu quiser! Eu sou o prefeito!”) que Omar Najar designa Gualter Amado *palhaço*. E esse argumento – Gualter Amado é um *palhaço* – não é uma referência a um fato do mundo, ele funciona na e pela linguagem. Segundo Guimarães (2005, p. 78), “um argumento não é algo que indica um fato que seja capaz de levar a uma conclusão. Um argumento é um enunciado que, ao ser dito, por sua significação, leva a uma conclusão (uma outra significação)”.

Argumentar é orientar um dizer: a orientação da forma *palhaço* no texto em que ela funciona produz o efeito pejorativo, interpretado como insulto. O sujeito, ao dizer a um outro que tal é *palhaço*, está descrevendo uma conduta, apontando um modo de o outro se portar. Assim, descreve-se um modo de identificação do outro que é tal repulsivo/condenável/repreensível etc.: o que o outro faz não se leva a sério, é efeito de uma atuação abjeta (*palhaçada* > ato de *palhaço*), na qual há alguém intolerável como autor (*palhaço* > idiota, boboca). Kristeva descreve com admirável requinte o modo como uma abjeção pode tirar o sujeito do sério:

Há, na abjeção, uma dessas violentas e obscuras revoltas do ser contra aquilo que o ameaça e que lhe parece vir de um fora ou de um dentro exorbitante, jogado ao lado do possível, do tolerável, do pensável. Está lá, bem perto, mas inassimilável. Isso solicita, inquieta, fascina o desejo que, no entanto, não se deixa seduzir. Assustado, ele se desvia. Enojado, ele rejeita. Um absoluto o protege do opróbrio, com orgulho a ele se fia e o guarda. Mas, ao mesmo tempo, mesmo assim, esse elã, esse espasmo, esse salto é lançado em direção de um outro lugar tão tentador quanto condenado. Incansavelmente, como um bumerangue indomável, um polo de atração e de repulsão coloca aquele no qual habita literalmente fora de si (KRISTEVA, 1980, p. 9).¹¹

Do que é capaz, então, o sujeito fora de si habitado pela abjeção? Insultar. Discursivamente, a argumentação está mobilizada pelo gesto de interpretação, esse que pode ser perceptível ou não tanto para o sujeito que argumenta quanto para seus interlocutores – aquele que profere *palhaço* como insulto, aquele que se afeta por ele –, mais precisamente, pelo seu efeito de sentido em dadas condições de produção (os sujeitos, a circunstância de enunciação, o contexto sócio-histórico e ideológico) e pelo modo como essa forma acontece em sua enunciação, determinada por outras formas do texto no qual está integrada. A orientação insultante, a direção dos sentidos cujos efeitos são pejorativos, é decidida por esse gesto, o que decide, afinal, a direção do sujeito (ORLANDI, 2007, p. 22).

Segundo Barbaí (2018, p. 667, grifos do autor), o insulto é um “*locus* privilegiado para se pensar a responsabilidade para com os sentidos, com os efeitos de seu ato, na cidade”. O episódio da discussão entre Omar Najar e Gualter Amado ilustra a diferença, o confronto,

¹¹ “Il y a, dans l’abjection, une de ces violentes et obscures révoltes de l’être contre ce qui le menace et qui lui paraît venir d’un dehors ou d’un dedans exorbitant, jeté à côté du possible, du tolérable, du pensable. C’est là, tout près mais inassimilable. Ça sollicite, inquiète, fascine le désir qui pourtant ne se laisse pas séduire. Apeuré, il se détourne. Ecœuré, il rejette. Un absolu le protège de l’opprobre, il en est fier, il y tient. Mais en même temps, quand même, cet élan, ce spasme, ce saut, est attiré vers un ailleurs aussi tentant que condamné. Inlassablement, comme un boomerang indomptable, un pôle d’appel et de répulsion met celui qui en est habité littéralement hors de lui” (KRISTEVA, 1980, p. 9). A tradução referida é de Allan Davy Santos Sena e está disponível em: https://www.academia.edu/18298036/Poderes_do_Horror_de_Julia_Kristeva_Cap%C3%ADtulo_1. Acesso em: 7 out. 2019.

o conflito operando em certas práticas discursivas. É um exemplar do funcionamento do político na língua, que produz tensão entre interlocutores, pois “tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações”, diz Orlandi (1983, p. 139). E completa: “se há sentido em se falar em dois ‘eus’, é no sentido de que há conflito na constituição dos sujeitos”.

Nesse caminho, refletir sobre a equívocidade de *palhaço* é, também, refletir sobre *o que não se diz* quando *palhaço* vem à tona como insulto. *Palhaço* ocupa o lugar de que outro objeto linguístico? Quais seriam outras formas de insultar que Omar Najjar encontraria para depreciar Gualter Amado que *palhaço* não é capaz de metaforizar? Barbai nos diz:

depreciar é negar ao outro o **lugar** que ele ocupa no mundo. Não se nega aqui a presença do outro. Ele está lá e por isso ele aparece sob a força da injúria. Tem-se assim no discurso o ato, a intenção de rejeitar alguém, ou alguma coisa. É o rejeito, um resto que se quer ejetar e exterminar que faz irrupção. O que se materializa aí, na boca, é um asco, um objeto indizível, que se corporifica materialmente em palavra: você é um lixo, lixo humano. Cospese a língua na cara do outro. Tem-se um palavrão, uma palavra irônica, que ao invés de matar (a palavra mata a coisa, dizia Lacan), descarta (BARBAI, 2018, p. 674, grifos do autor).

Aproveitando-me da formulação de Barbai, poderíamos dizer que “você é um lixo humano” poderia metaforizar “você é um *palhaço*, mesmo”? A troca de acusações, com ânimos exaltados frente a uma plateia que, provavelmente, estava dividida entre o regozijo e o constrangimento, bem se parecia com uma vasculha por um aterro sanitário, uma busca por palavras-lixo.

Parto da ideia de que o insulto é uma articulação violenta do verbo. Em seu coração, nesse ato, há a liberação de um dizer impronunciável, em direção a alguém. Um insulto atinge as identidades, a história, um povo. O insulto é a palavra que não deve passar pela nossa boca, ou seja, palavrões, interditos de línguas, ironia e riso praticados no laço social, na cidade. O insulto é, portanto, um lixo de palavra, um asco de voz e dizer, um abjeto de língua e tecnologias, que se joga no outro, o semelhante (BARBAI, 2019, s/p).

5 Considerações finais

Foi como insulto que a designação de *palhaço*, que acontece no embate entre os citados prefeito e vereador americanenses, foi compreendida. Acompanhamos o funcionamento insultante desse significante que materializa, no acontecimento de uma enunciação (em uma discussão acalorada), uma abjeção ao outro. Para tanto, foi tomado como material de análise a transcrição de um trecho da audiência pública na qual se deu a contenda, descrevendo-se como o processo de reescrituração de *palhaço*, no interior do texto analisado, determina os sentidos dessa palavra, produz efeitos pejorativos e orienta a argumentação para uma interpretação como insulto do enunciado “Você é um *palhaço*, mesmo”.

A título de arremate, ainda encorajado pela maneira como Barbai compreende o insulto, afirmo que o sentido de *palhaço*, constituído a partir de uma abjeção de um pelo outro, do prefeito pelo vereador de Americana, torna sua forma um objeto simbólico que *se joga contra o outro*, o semelhante, na e pela língua, para atingi-lo. A enunciação de *palhaço*, e as reescriturações que a determinam integradas ao texto, naquelas condições de produção, então, causariam danos à reputação do vereador Gualter Amado, enfim, por meio de “um asco de voz e dizer” (BARBAI, 2019) proferido pelo prefeito Omar Najar.

São reflexões possíveis frente à compreensão da ampla equivocidade do *palhaço* como objeto simbólico, levando-se em conta que sua inscrição em dadas formações discursivas permite esse nuançamento (BRÉAL, 1883, *apud* GUIMARÃES, 2005). Ou seja, permite que *palhaço* seja significado pelos sujeitos de diferentes modos, produzindo, inclusive, os efeitos pejorativos sobre os quais aqui se lançou luz para sua visibilidade como insulto. Vimos como a interdiscursividade é a premissa para que esse objeto simbólico possa ser significado diferentemente em discursos variados, seja nas práticas artísticas ou não. A partir da transcrição da discussão entre os políticos americanenses, observamos que a designação de *palhaço*, para funcionar como insulto – produzir efeitos de sentido que insultem – recorta o memorável de tolice, abobamento e ignorância atribuídas a esse objeto, e que demanda uma interlocução: o insulto precisa de um alvo no qual atirar sua história de enunciações, que se temporaliza no acontecimento da enunciação de “você é um *palhaço*, mesmo”.

O insulto funciona diferentemente, por exemplo, de uma imprecação (uma locução blasfêmica), que, para Benveniste (1989, p. 261), seria “uma palavra que se ‘deixa escapar’ sob a pressão de um sentimento brusco e violento, impaciência, furor, desventura”. Para o autor, a imprecação, mesmo tendo sentido, seria “somente expressiva” (portanto, “não-comunicativa”, direcionada a outro sujeito). O insulto, pelo contrário, não “escapa” – qual um cachorro malcriado, por simples descuido de seu dono. O insulto, cão adestrado pela abjeção, *é liberado* para atacar. Quando o insulto sai do canil, não há focinheira que impeça estragos.

Agradecimentos

Agradeço ao Prof. Dr. Marcos Aurélio Barbai (Labeurb/Nudecri/Unicamp) a interlocução sobre o funcionamento do insulto durante suas aulas e na leitura deste texto. Este trabalho foi possível com o auxílio de bolsa de pesquisa oferecida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências

- ANJOS, L. S.; OSTHUES, R. S. Em cartaz, cheiro de pobre (morto): uma necropolítica textualizada na composição entre diferentes materialidades significantes. *In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO (SEAD)*, 9., 2019, Recife. *Anais...* Recife: UFPE, 2020. p. 1-6.
- BARBAI, M. A. No dizer, um asco de palavra: o insulto. *In: SOUSA E ABRAHÃO, L.; ISHIMOTO, A.; DARÓZ, E.; GRACIA, D. (org.). Resistirmos, a que será que será que se destina?* São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. p. 663-676.
- BARBAI, M. A. *Programa da Disciplina JC-005/Jornalismo, Ciência e Tecnologia (Labjor/Unicamp)*. Campinas, 2019. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/?mestrado-disciplinas=jc005-a>. Acesso em: 6 out. 2019.
- BENAYON, F. R.; OSTHUES, R. S.; LAGAZZI, S. Paródia e deslocamento de sentidos: a Tropa de Nhoque entra em cena. *Fragmentum*, Santa Maria, v. 54, p. 49-70, 2019.

BENVENISTE, E. A blasfêmia e a eufemia. In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989. p. 259-262.

BRÉAL, M. Les lois intellectuelles du langage. Fragment de sémantique. *Annuaire de l'Association pour l'Encouragement de Études Grecques en France*. Paris: Maisonneuve et Cie, Libraires-Éditeurs, 1883. p. 132-142.

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2017.

GUIMARÃES, E. *Semântica: enunciação e sentido*. Campinas: Pontes, 2018.

KRISTEVA, J. *Pouvoirs de l'horreur: Essai sur l'abjection*. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento – as formas do discurso*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

OSTHUES, R. S. Um decalque da cena prototípica: corpo, panela, nariz de palhaço (re)traçados na memória. In: ADORNO, G.; MODESTO, R.; FERRAÇA, M.; BENAYON, F.; ANJOS, L.; OSTHUES, R. (org.). *O discurso nas fronteiras do social – uma homenagem à Suzy Lagazzi*. Campinas: Pontes, 2019. p. 159-184.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. *Análise de discurso, Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi*. Campinas: Pontes, 2015.

REIS, D. *Caçadores de Risos: o mundo maravilhoso da palhaçaria*. Salvador: Edufba, 2013.

SCHREIBER DA SILVA, S. O memorável na relação entre línguas. *Web Revista Discursividade*, [S.l.], n. 9, p. 1-6, jan./jul. 2012.

STEIGENBERGER, F. F.; MACHADO, J. C.; SCHREIBER DA SILVA, S. Fronteira entre análise de discurso e semântica histórica da enunciação: abordagens teóricas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 51-79, 2011. DOI: <https://doi.org/10.17851/2237-2083.19.2.51-79>



Cabo de Guerra Verbal e Moral: um estudo do uso de categorias como ofensa no ambiente virtual

Verbal and Moral Tug of War: a study of the use of categories as offense in the virtual environment

Maria do Carmo Leite de Oliveira

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

mcleitedeoliveira@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-3905-8309>

Carolina Valente

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

carolvalente8@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-5879-2771>

Rony Ron-Ren

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

ronyronren@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-8228-3777>

Resumo: Uma questão que vem sendo destacada na mídia impressa e nas mídias sociais são os chamados “novos palavrões”, isto é, o uso de categorias identitárias de natureza ideológica e política como formas de xingamento. Neste trabalho, contemplamos o fenômeno da categorização e sua relação com a sequencialidade e a moralidade, no processo de ressignificação dessas categorias. À luz de uma abordagem que integra os estudos sobre categorização de pertença (SACKS, 1995) aos estudos da organização da conversa (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), analisamos reportagens sobre ações policiais no Rio de Janeiro, publicadas em um jornal digital, hospedado no YouTube, e os comentários produzidos pelos usuários sobre essas matérias. O objetivo

do artigo é o de investigar como os participantes (Jornal e usuários) se orientam, em suas postagens, para o trabalho de categorização ao exibirem e negociarem seus entendimentos do que está sendo dito/feito turno a turno. Os resultados revelam que a natureza controversa do tema e algumas das possibilidades (HUTCHBY, 2001) da ferramenta funcionam como dispositivos para a construção de um cabo de guerra verbal e moral entre os que se afiliam e os que se desafiliam à posição do Jornal. Os resultados apontam também para a influência do design do formato da postagem inicial do canal para a reafirmação das posições ideológicas e políticas dos membros de cada lado, o que repercute no ambiente de hostilidade observado nas conversas paralelas entre os usuários. Dado o ambiente polarizado, os participantes ressignificam categorias atribuídas ao outro, vinculando-as a predicados moralmente desaprovados.

Palavras-chave: *youTube*; categorização de pertença; organização da conversa; moralidade; polarização; prática policial.

Abstract: An issue that has been highlighted in print and social media are the so-called “new swear words”, that is, the use of identity categories of an ideological and political nature as forms of insults. In this work, we contemplate the phenomenon of categorization and its relationship with sequentiality and morality, in the process of reframing these categories. In the light of an approach that integrates studies on membership categorization (SACKS, 1995) with studies of the organization of conversation (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), we analyzed reports from a digital newspaper, hosted on YouTube, about police actions in the state of Rio de Janeiro, and the comments that the article elicits from channel users. The objective of the article is to investigate how the participants (channel and users) orient themselves, in their posts, to the categorization work when displaying and negotiating their understandings of what is being said/done turn by turn. The results reveal that the controversial nature of the topic and some of the tool’s affordances (HUTCHBY, 2001) work as devices for the construction of a verbal and moral tug of war between those who affiliate and those who are defiled in the channel’s position. The results also point to the influence of the design of the initial post format of the channel for the reaffirmation of the ideological and political positions of the members on each side, which has an impact on the hostile environment observed in parallel conversations between users. Given the polarized environment, the participants redefine categories attributed to the other, linking them to morally disapproved predicates.

Keywords: *youTube*; membership categorization; conversation organization; morality; polarization; police practice.

Recebido em 21 de abril de 2020

Aceito em 06 de junho de 2020

1 Introdução

A violência verbal já foi considerada um marco de transição entre a barbárie e a civilização. De acordo com Freud (2017), o processo civilizatório se inicia quando o ser humano recorre a um palavrão, e não à violência física, para atacar o “inimigo”. No entanto, a explosão desse tipo de violência, na chamada “Era da Incivilidade” (PHILLIPS; STUART, 2018), veio colocar sob suspeita a própria noção de civilização. São muitos os contextos de conflito em que, por diferentes motivos, fica em suspenso o princípio da preservação da face que, segundo Goffman (1967), é condição para a construção de uma coexistência agradável e pacífica entre indivíduos na sociedade.

No Brasil, um dos contextos de conflito que levou à polarização e, conseqüentemente, ao crescimento da violência verbal foi o das eleições presidenciais de 2014 e 2018. Cada um desses eventos contribuiu para dividir o país entre os extremos do espectro político. A disputa entre partidos tidos como de direita e outros tidos como de esquerda fomentou a guerra do “Nós” contra “Eles”. O clima de hostilidade, decorrente da intolerância à diversidade de crenças e valores, estimulou a violência verbal tanto na esfera pública, quanto na esfera privada.

Um dos ambientes que se mostrou propício à proliferação de ofensas foi o virtual. Segundo Zizek (2008), a internet possibilitou uma superproximidade entre os indivíduos. Com isso, mundos internos, protegidos no ambiente *offline*, passaram a ser compartilhados no mundo *online*, desintegrando a parede simbólica de proteção da civilização. Pesquisas sobre discussões inflamadas em redes sociais vêm apontando também a influência da natureza controversa do assunto, do *layout* técnico da ferramenta e da percepção dos usuários sobre o seu funcionamento (HOUSLEY *et al.*, 2002; LIN; TIAN, 2018; TAGG *et al.*, 2017)

Estudos sobre o comportamento hostil ou rude no mundo *off-line* de têm sido examinados à luz da teoria da polidez, tendo especialmente como base o modelo de Brown e Levinson (1987), como ilustra o trabalho pioneiro de Culpeper (1996), sobre estratégias de impolidez. O mesmo ocorre nos estudos que contemplam esse tipo de comportamento no ambiente virtual. De acordo com Xie (2018), as pesquisas sobre o comportamento impolido têm sido feitas a partir de revisitações e revisões dos chamados modelos clássicos e pós-modernos sobre polidez (XIE, 2018). Estudos recentes como os de Arendholz (2013), Garcés-Conejos

Blitvich (2010), Hardaker, (2010) e Balocco e Shepherd (2017) ilustram essa tendência.

Aqui estamos propondo uma outra direção. O fato de categorias ideológicas e políticas virem sendo tratadas na mídia como os “novos palavrões”,¹ isto é, como insultos, despertou nosso interesse em examinar como descrições de pessoas, coletividades e eventos levam à inferência de categorias e como o trabalho de categorização é utilizado para realizar ofensas em postagens publicadas no canal A Nova Democracia – AND. O critério de seleção do Jornal deveu-se, em primeiro lugar, ao tema. O canal escolhido tem uma seção dedicada ao compartilhamento de vídeos, em que se destacam os registros da ação policial em comunidades e eventos. A prática policial tem sido objeto de estudo em pesquisas desenvolvidas desde 2015 pelos membros do grupo de pesquisa Discurso, Interação e Prática Profissional – DIPP, do qual as autoras e o autor fazem parte. Outra integrante do grupo analisou, em sua tese de doutorado, o flagrante de uma prática policial registrada em vídeo por um morador de comunidade (DINUCCI, 2018).

A abordagem analítica aqui proposta contempla o fenômeno da categorização e sua relação com sequencialidade e moralidade. Os dados fazem parte de um corpus maior, coletado por Oliveira (2016), para sua tese de doutorado (em andamento), sobre batalhas epistêmicas, na seção de comentários, do mesmo Jornal. Para manter o sigilo, não foi utilizado o recurso de *print screen*,² e os avatares (figuras usadas no perfil) e nomes (e pseudônimos) dos usuários também foram modificados. A transcrição dos dados foi fiel ao texto original dos usuários.³

¹ Alguns exemplos de referências quanto ao uso da expressão “novos palavrões” na mídia: Disponível em: <https://www.brasil247.com/midia/sakamoto-comunista-virou-um-xingamento-vazio-chegara-a-vez-de-democracia> Acesso em: 27 jun. 2020; Disponível em: <https://www.facebook.com/miguellucena.net/videos/660585398080872/> Acesso em: 27 jun. 2020; Disponível em: <https://rbispo77.jusbrasil.com.br/artigos/626165668/chamar-uma-pessoa-de-fascista-ou-comunista-e-crime> Acesso em: 27 jun. 2020.

² O *print screen* é uma tecla comum nos teclados de computador. Quando a tecla é pressionada, captura em forma de imagem tudo o que está presente na tela e copia para a Área de Transferência.

³ Como o material postado pode a qualquer momento ser indisponibilizado para acesso público pelo canal, estamos preservando uma cópia de segurança do conteúdo das postagens pelo prazo mínimo de 5 (cinco) anos sob a guarda dos autores deste artigo.

Neste trabalho, propomos examinar como os participantes se orientam para o trabalho de categorização, ao exibirem e negociarem seus entendimentos do que está sendo dito turno a turno,⁴ e como os predicados associados às categorias invocadas podem ser utilizados metodicamente na realização de ações ofensivas.

Na próxima seção, discutimos o conceito de Categorização de Pertença e sua relação com a organização interacional da fala-em-interação, bem como os desafios que nosso tipo de dado nos apresenta. Em seguida, discorreremos sobre o modo como os discursos sobre atuação policial e direitos humanos, bem como o design técnico do canal com seu sistema de comentários contribuem para os processos de categorização que atuam na construção do cabo de guerra verbal e moral no ambiente virtual. Nas seções seguintes, analisamos diversos excertos, descrevendo as práticas de categorização utilizadas pelo Jornal e comentaristas.

2 Abordagem teórico-metodológica

Usando a observação como base para teorizar, chamou a atenção do sociólogo americano Harvey Sacks (1984a) o fato de as pessoas buscarem informações sobre o outro a partir da identificação das categorias a que esse outro pertence, como ocupação, religião, etnia, raça etc. A partir dessa observação, Sacks iniciou, nos anos 1960, o desenvolvimento de uma pesquisa sobre o modo como os membros sociais alcançam, usam e se orientam para categorias ao realizarem as ações sociais (FITZGERALD; AU-YEUNG, 2019). Deriva de sua teoria, uma abordagem sociológica de natureza qualitativa, denominada Análise de Categorização de Pertença – ACP.

Segundo Silverman (1998), uma formulação inicial da noção de categoria foi apresentada por Sacks (1984b), em uma palestra, realizada no outono de 1964/primavera de 1965, poucos anos após o assassinato do Presidente Kennedy. À época, muitas pessoas, em busca do significado daquele evento, faziam perguntas invocando categorias: Foi um de nós Republicanos de direita? Foi um de nós negros? Foi um judeu?”. Conclui

⁴ Usamos o termo “turno” para nos referirmos a vez que cada usuário faz uma postagem para realizar uma ação em primeira ou segunda posição de um par adjacente nos referindo a vez do usuário de falar por via da escrita com seu interlocutor ou interlocutores.

Sacks que um estoque de conhecimentos culturais e de normas sociais de senso comum levam as pessoas a atrelar a uma determinada categoria atividades presumidas.

Para mostrar como categorias são utilizadas como recursos interpretativos, Sacks (1984a) traz o famoso exemplo “X chorou e Y pegou-o/a no colo”, uma elocução retirada de uma história contada por uma criança. Para demonstrar como construímos o sentido da história, os referentes das ações são apagados e, sem excluir outras possibilidades de interpretação, o autor afirma que, diante dessa elocução, qualquer pessoa razoavelmente competente poderia imediatamente supor que X se refere a bebê, e Y à mãe (ao menos, entendemos que isso se aplica à maior parte da cultura ocidental).

Em um tutorial sobre Categorização de Pertença, Schegloff (2007, p. 469), esclarece:

Categorizações de pertença são o que Sacks denominou “ricas em inferência”. Elas são o estoque de conhecimentos de senso comum que pessoas comuns – ou seja TODOS em sua capacidade de pessoas comuns – possuem sobre como são as pessoas, como se comportam etc. Esse conhecimento é armazenado e acessado por referência a categorias de membro/pessoa.⁵

Já o conceito de Dispositivo de Categorização de Pertença (DCP) se refere a uma coleção de categorias cuja aplicação está relacionada a um conjunto de regras pré-descritas por (SACKS, 1971, 1972). Com base nesse dispositivo, as categorias “bebê” e “mãe” são vistas como pertencentes à coleção “família”, que tem, como propriedade, a organização duplicativa. De acordo com essa máxima, os membros dessa coleção são pertencentes a uma mesma unidade, o que explica porque, no famoso exemplo de Sacks, as pessoas inferem que Y não é só uma mãe, mas é a mãe daquele/a bebê.

A relação entre categorias e atividades não é tomada, porém, como fixa. Como já apontava o autor, um membro de uma categoria

⁵ “The membership categories we are talking about are what Sacks termed ‘*inference-rich*’. They are the store house and the filing system for the common-sense knowledge that ordinary people – that means ALL people in their capacity as ordinary people – have about what people are like, how they behave, etc. This knowledge is stored and accessed by reference to categories of member/person”. (SCHEGLOFF, 2007, p. 469)

pode não se ver representado apropriadamente pelo conjunto de inferências feitas sobre essa categoria. Do mesmo modo, um incumbente de uma categoria pode não corresponder ao que é conhecido sobre essa categoria. No entanto, nesses casos, as pessoas não revisam esse conhecimento de senso comum, mas veem aquela pessoa como uma exceção, ou um membro defeituoso (SCHEGLOFF, 2007).⁶ Em sua pesquisa sobre a prática policial em comunidades cariocas, Valente (2016) observou que policiais que exibiam comportamentos discrepantes em relação aos conhecimentos de senso comum sobre a sua categoria eram recategorizados pelos moradores da comunidade como bandidos. Dentre as atividades policiais citadas como vinculadas a de bandidos, estão a de abordar moradores da comunidade em locais sem câmeras de vigilância, para extorquir dinheiro em caso de irregularidades do veículo ou da documentação do motorista. Outro exemplo citado foi a de causar danos ao bem alheio, como rasgar com uma faca, durante a noite, o assento da moto de um morador ou de humilhar moradores em situação de abordagem.

Ron-Ren (2017), por sua vez, realizou pesquisa com policiais militares que atuavam em programas sociais no contexto das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). A análise apontou para um esforço dos policiais entrevistados em se construírem como profissionais incumbentes da categoria “policial”, mas com atributos diferentes daqueles atrelados pelo senso comum à categoria. Ações como utilizar a arma e fazer uso da força discriminadamente foram criticadas pelos entrevistados, que advogavam práticas profissionais mais técnicas e humanas. Por outro lado, estes mesmos policiais “não tradicionais” relatavam que eram estigmatizados por seus pares, que reduziam as ações sociais realizadas a “abraçar filho de bandido” e “entregar cesta básica”. Em última instância, os policiais entrevistados eram lidos como não-policiais, justamente por serem vistos como membros defeituosos por seus colegas.

Watson (1983) vai mais além e mostra que as categorias não estão ligadas apenas a ações, mas também a conhecimentos, crenças, valores, direitos, deveres, dentre outros. De acordo com Reynolds e Fitzgerald

⁶ “If an ostensible member of a category appears to contravene what is ‘known’ about members of the category, then people do not revise that knowledge, but see the person as ‘an exception’, ‘different,’ or even a defective member of the category”. (SCHEGLOFF, 2007, p. 469)

(2015, p. 100), foi, com base na pesquisa de Watson, que a pesquisa em ACP tem procurado examinar o modo como a relação categoria/predicados pode estar entrelaçada com a ordem moral (JAYYUSI, 2015, 1991). Predicados associados a uma categoria, como comportamentos, ações, ideias e opiniões, são tomados normativamente como aprovados.

Numa proposta de questionar a noção de normatividade, Reynolds e Fitzgerald (2015) se propõem a examinar como participantes de debates públicos orais veiculados em mídias sociais se orientam para três tipos de relação entre categorias e predicados de categorias. Para isso, utilizam um método caracterizado por Reynolds (2011, 2013) como o de “incitar o que é contestável”.⁷ Embora o método descrito não se aplique ao tipo de dado que estamos analisando, ele fornece conceitos-chave envolvidos no uso da categorização para realização de ações ofensivas. São eles: a identificação do ponto contestável, pré-requisito para a formação do par adjacente (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974), avaliação-concordância/ discordância, a identificação do alvo, isto é, da pessoa que está sendo contestada, e do contestado, aquele que reage à contestação.

Apesar de assumirmos com Watson (1978) que sequência e categorização são duas faces da interação, nem sempre é tarefa fácil utilizar conceitos relacionados à organização da conversa a interações que não são face-a-face e que não são realizadas na modalidade oral. No ambiente em estudo, por exemplo, é comum uma postagem não ser endereçada a um usuário específico, ainda que seja possível fazê-lo a partir de uma marcação explícita.⁸ Outro aspecto que deve ser problematizado diz respeito ao princípio da relevância condicional (SCHEGLOFF, 1968). A primeira parte de um par adjacente torna a segunda parte condicionalmente relevante. Logo ações responsivas subsequentes devem ser realizadas pelo outro participante, sob pena de sanções morais se elas não forem feitas. No ambiente virtual em exame, porém, a ação social realizada numa postagem pode não gerar ações responsivas, o que não vai implicar sanções morais. Do mesmo modo, a noção de adjacência pode ser também problematizada numa perspectiva

⁷ Do inglês “enticing a challengeable”.

⁸ A marcação explícita é feita quando um usuário responde ao outro e escolhe deixar o nome de seu interlocutor (+nome ou, atualmente, @nome) em evidência no início da mensagem. Essa marcação não é obrigatória. A plataforma oferece a opção no momento em que o usuário inicia sua resposta e este escolhe usá-la ou não.

temporal. No ambiente virtual, a segunda parte do par adjacente pode ser realizada meses ou anos após a sua primeira parte.

Apesar dos desafios apresentados, estamos adotando aqui a abordagem de Housley e Fitzgerald (2002), que propõem a integração da Etnometodologia à teoria de Sacks sobre a organização da conversa. Como bem justificam os autores, além dos ganhos analíticos, a integração dessas abordagens provê um meio de se explorar interação e discurso além do dualismo macro-micro. Como destacam Housley e Fitzgerald (2015, p. 3), a preocupação de Sacks com as práticas de categorização “representa uma mudança para um nível muito mais fino de granularidade que torna visível a relação entre moralidade, ação prática e organização social da vida social cotidiana através de práticas linguísticas e circulação e recepção do uso de textos.” Nessa linha, o estudo aqui proposto busca examinar como a vida social e as relações sociais são constituídas e organizadas por meio das práticas linguísticas envolvidas na realização das ações na interação virtual analisada. Em outras palavras, analisar interações virtuais e práticas de categorização nos permite descrever como discursos circulantes sobre polarização político ideológica são utilizados e, ao mesmo tempo, localmente (re)construídos por cada um dos usuários a cada troca de mensagem que realizam.

3 Dispositivos inflamáveis

O canal Jornal A Nova Democracia – AND (2008) se hospeda na plataforma digital *YouTube* e tem como missão:

construir e emancipar a imprensa democrática e popular, estreitando o contato com as massas, divulgando suas demandas, suas lutas, os crimes do Estado contra o povo e auxiliando assim na ampliação dos movimentos populares. AND têm obtido destaque nas coberturas jornalísticas das manifestações, da militarização de favelas e das remoções de bairros pobres no Rio de Janeiro. Não leia, não leia, jornais da burguesia. Leia o jornal A Nova Democracia. (A NOVA DEMOCRACIA, 2008).

Em conformidade com essa proposta, um dos temas tratados na editoria nacional do jornal são os “crimes contra o povo”. Ali são compartilhados vídeos que registram ações da polícia em comunidades e eventos, comentados pelo jornal sob o ângulo da seletividade das vítimas (os vulneráveis), do desrespeito aos direitos humanos e do uso abusivo

da força pela polícia sem justificativa. Derivam dessa postagem inicial comentários dirigidos ao Jornal ou a outro usuário que, em função da visão de segurança pública defendida, é visto como membro do grupo tido como de esquerda (porque se afilia à posição do Jornal) ou do grupo tido como de direita (porque se desafilia da posição do Jornal). Com base nessa atribuição categorial, os usuários constroem também, nas conversas paralelas, um cabo de guerra – verbal e moral – em que, de um lado, estão os membros do grupo do “Nós” (os que compartilham as crenças e valores do Jornal) e, do outro, os membros do grupo do “Eles” (os que se opõem as essas crenças). Ações de avaliação, concordância e discordância sobre a prática policial apontam para a relação controversa entre segurança pública x direitos humanos.

Em seus estudos sobre o processo de categorização, Sacks (1974) percebeu que uma das formas em que pessoas se categorizam é através da observação das atividades que realizam, o que chamou de máxima do observador.⁹ Segundo o autor, muitas vezes, participantes (em interação ou não) são categorizados com base nas atividades que realizam. Em outras palavras, ao observarmos atividades que estão atreladas a uma determinada categoria sendo realizadas por um membro que pode ser categorizado como pertencente a tal categoria, assim o fazemos. Em nossa pesquisa, entendemos que não só atividades, mas também conhecimentos, crenças, valores, atributos, direitos e deveres (WATSON, 1983) que são observados servem como base para inferência de categorias às quais os participantes podem se orientar ao interagirem.

No contexto aqui em exame, é a partir das diferentes e diversas demonstrações de entendimento sobre segurança pública e sua relação com os direitos humanos que emergem categorizações que ligam não só os usuários que comentam as postagens, mas também as pessoas presentes no vídeo sobre quem eles falam a categorias pertencentes à coleção “posição político-ideológica”. Embora a máxima do observador (SACKS, 1974) nos ajude a entender como membros são categorizados a partir das atividades que realizam, é importante também ressaltar que diferentes “observadores” podem acessar diferentes estoques de senso comum e, assim, categorizar um mesmo membro realizando uma mesma atividade de formas diferentes. Isso nos ajuda a entender como o “cabo de guerra” é construído nesses espaços, em especial quando se trata de

⁹ “Viewer’s maxim” (SACKS, 1974.)

temas controversos, como a segurança pública, que, necessariamente, envolve discussões relacionadas ao papel da polícia e sua atuação em nossa sociedade.

Como o estoque de conhecimentos de senso comum não é estático, os entendimentos sobre a categoria policial – foco das matérias e das discussões – foram, especialmente, sensíveis a dois momentos sociopolíticos pelos quais a sociedade brasileira passou: o da ditadura e o da redemocratização do país.

Em uma revisão atualizada do campo dos estudos policiais nas ciências sociais, Muniz *et al.* (2018) afirmam que a prática policial não ocupou o lugar de protagonista nos estudos pioneiros sobre violência no país. Com base em estudo anterior (MUNIZ, 1999), a autora reitera que “parecia suficiente, para a compreensão da violência e do crime, tratar a polícia como uma abstração genérica, cuja explicação estava fora dela, em outro ente também abstrato e desencarnado, chamado Estado” (MUNIZ; CARUSO; FREITAS, 2018, p. 151). Nessa posição, a agência do Estado sobressai à da polícia, vista como aparelho repressivo dessa instituição. A crença de que um “inimigo” – o comunismo – ameaçava a ordem social levou uma parte da sociedade ou a ignorar os métodos de controle social utilizados pela polícia ou a justificá-los em nome da preservação da segurança individual e da ordem pública. A polícia foi entendida por muitos, nessa época, como garantia de segurança, de ordem, da lei em favor da sociedade.

Ainda segundo Muniz *et al.* (2018), foi no contexto sociopolítico das décadas de 1980 e 1990 que a produção bibliográfica dos estudos policiais cresceu quantitativa e qualitativamente. Com o aumento da criminalidade urbana, a redemocratização do país e o consequente avanço da cidadania, o repertório temático dos estudos policiais ampliou-se. Entre os temas, destacamos, para os objetivos deste trabalho, a inclusão do tópico segurança pública e do tema “lei e ordem x direitos humanos”, identificado por Adorno (2001 *apud* MUNIZ *et al.*, 2018).

De acordo com Nucci (2016), os espaços dessa controvérsia vão além das conversas cotidianas, pois se manifestam também na prática do Direito, ainda que sob outra nomenclatura. Segundo o autor, tanto os integrantes do Poder Judiciário, como operadores do Direito, avaliam Câmaras e Turmas “como rigorosas (em tese, as que defendem a segurança pública) e liberais (em tese, as que prezam os direitos humanos)” (NUCCI, 2016, p. 11). Acrescenta ainda o autor que juízes

são categorizados ou como defensores dos direitos humanos ou como adeptos intransigentes da segurança pública (NUCCI, 2016). E conclui:

A visão captada pelo advogado, pelo promotor, pelo delegado, pelo defensor público ou dativo leva a uma análise distorcida do assunto, pois dá a entender que o juiz dos direitos humanos pouco se importa com a segurança pública, bem como o magistrado, que preza a ordem pública, não se vincula aos preceitos humanistas. O equívoco sempre pareceu evidente, pois são os abusos trazidos pela lamentável radicalização de qualquer tema os verdadeiros culpados. (NUCCI, 2016, p. 11)

Em obra que fomenta o debate sobre a relação controversa entre segurança pública e direitos humanos num Estado Democrático de Direito, Nucci (2016, p. 10) pergunta: “Afinal, os direitos humanos impedem a almejada segurança pública? Ambos se excluem? Ou se completam?”.

De acordo com Nunes (2020), o dissenso sobre o tema pode ser entendido como sintoma e instrumento da polarização. De fato, é o que se observa nas postagens analisadas. Tanto o AND quanto os usuários entendem a postura de seus oponentes como radicais, o que se torna um pretexto para ações responsivas radicalizadas também. Nesse contexto, cada lado apenas reafirma suas crenças, o que encoraja trocas interacionais de natureza antagônica (HOUSLEY *et al.*, 2017), marcadas pela violência verbal e moral.

Além do conteúdo, outro fator que potencializou a guerra do “Nós” contra “Eles” foi o que Lin e Tian (2018) denominaram o *layout* ou o design técnico do canal. Com base em uma pesquisa sobre o modo como os participantes se engajam num debate público na rede social *Weibo* (um equivalente chinês do *Twitter*), os autores observaram que o fato de a comunicação estar restrita ao texto escrito e de haver a possibilidade de interações simultâneas com múltiplas audiências – desconhecidas e separadas no tempo no espaço – contribuiu para que alguns usuários se sentissem confusos em relação ao contexto em que interagem e ao público a que se dirigem.

No caso do AND, o acesso ao canal pode ter sido resultado de um processo de busca sobre o tópico prática policial. No entanto, muitos dos usuários podem desconhecer a linha editorial do Jornal, uma vez que ela não é apresentada na mesma página em que os vídeos

são compartilhados. O usuário pode inferir pelo título dado ao vídeo e matéria produzida pelo Jornal, que o público-alvo do AND são pessoas e grupos que compartilham das mesmas avaliações ali expressas. Esse mal-entendido pode ser desfeito quando os usuários percebem que diferentes públicos participam da seção de comentários. Mas podem também supor que o Jornal ativa o mecanismo oferecido pela ferramenta para reter as mensagens para análise antes de publicá-las, o que não era uma prática pelos menos no período analisado.

Nos dados aqui analisados, apresentamos evidências de tipos de confusões que contribuíram também para a tensão interpessoal e para o trabalho de categorização como recurso ofensivo.¹⁰ Uma delas diz respeito ao contexto interacional, ao entendimento do que está acontecendo na seção de comentários:

EXCERTO 1

Título do vídeo: RJ: Flagrante de policiais aterrorizando manifestantes e censurando a imprensa democrática

Data da postagem: 18 de jul. de 2013

Link: https://www.youtube.com/watch?v=rp0_1122PrQ

Descrição do vídeo: Jornal A Nova Democracia - Na noite da última quarta-feira, milhares de pessoas fizeram um protesto no acesso à rua onde mora o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho. Os manifestantes denunciaram a corrupção na gestão Cabral, o derrame do dinheiro público, as remoções de bairros pobres por conta dos megaeventos, o extermínio da juventude nas favelas e o ataque aos povos indígenas.

Os manifestantes caminharam pelas ruas do Leblon, um dos bairros mais caros do mundo. A poucos metros da casa de Cabral, PMs não hesitarão [sic] em atacar. Mas como tem acontecido repetidas vezes, as massas resistiram bravamente e enfrentaram as tropas de repressão do Estado fascista.

¹⁰ Como informado na introdução, para manter o sigilo, não foi utilizado o recurso de *print screen*, e os avatares (figuras usadas no perfil) e nomes (e pseudônimos) dos usuários também foram modificados. A transcrição dos dados foi fiel ao texto original dos usuários.

01 Júlio O problema dos manifestantes é que eles são
 02 iguais os ativistas gay se vc não estiver com
 03 eles estará contra eles. Respondendo sua pergunta
 04 "Porque a Fm não prende os bandidos dentro e fora
 05 das manifestações ao invés de abusar do poder e
 06 da força?" simples a pm ã é louca de entrar nas
 07 manifestações se eles entrarem lá dentro eles
 08 MORREM simples assim alguém pode enfiar uma faca
 09 ou estilete neles por isso ã entram
 10 Tadeu Não brinca hahahaha
 11 Bianca Faz assim ao invés de ficar nesse cabo de guerra
 12 de quem esta certo e errado que é ridiculo,
 13 respeite a minha opinião sobre a PM e eu respeito
 14 a sua. Porque a minha visão de mudança geracional
 15 nesse pais, governo, politica e afins nao é a
 16 mesma que sua GRAÇAS A DEUS PELA DIVERSIDADE DE
 17 PENSAMENTO. Porque a Pm nao prende os bandidos
 18 dentro e fora das manifestações ao inves de
 19 abusar do poder e da força? me poupe ne, eu estive
 20 em todos os protestos da minha cidade e vi de
 21 perto a PALHAÇADA.

As ações dos participantes revelam diferentes entendimentos do que está acontecendo na seção de comentários. A postagem de Júlio é orientada por um trabalho de categorização em que predicados negativos são localmente associados à categoria “manifestante”. Logo no início da postagem, Júlio recorre a uma comparação, para igualar a postura de manifestantes à de ativistas gays (l. 1-3). A seguir, introduz uma ação responsiva a uma pergunta feita por outro participante (l. 4-6) que associa a categoria “polícia” à atividade de prender bandido, e não a de fazer uso excessivo da força contra pessoas que não são criminosas. Em sua dimensão moral, a pergunta traz normas conflitantes sobre expectativas quanto ao trabalho policial. A resposta de Júlio à pergunta é realizada por meio de *accounts*¹¹ (SCOTT; LYMAN, 1968; ANTAKI, 1994) que implicam a categorização de manifestantes como criminosos (l. 6-9).

Bianca, em seu comentário, demonstra o entendimento de que a postagem de Júlio não está voltada para um debate sobre o ponto contestável. O que Júlio está fazendo ali é incitar um cabo de guerra, deslegitimando o alvo como avaliador competente. Abre o seu turno, então, propondo um acordo (faz assim, l. 11), que aponta para a confusão sobre o que os participantes estão fazendo ali: um cabo de guerra ou um

¹¹ Accounts possuem relação com ações como descrições, relatos, explicações, justificativas, e prestações de contas (GARCEZ, 2008), não sendo possível realizar uma tradução que mantenha a mesma amplitude possível de ações sociais dentro de uma mesma “categoria”. Em virtude disso, optamos por não realizar a tradução do termo.

debate; e aponta também para uma condição essencial a um debate: o respeito às opiniões do outro.

Outra confusão observada se refere ao que os usuários entendem como a audiência do AND:

EXCERTO 2

Título do vídeo: NA TRIBUNA #2: ‘A REBELIÃO IMINENTE’ com Vladimir Safatle

Data da postagem: Estreou em 16 de dez. de 2019

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=-Yy1SAMuAqY&t=854s>

Descrição do vídeo: O jornal A Nova Democracia convida progressistas, democratas e organizações populares a debaterem os mais variados temas de importância para o povo brasileiro! Nessa edição nº 2 de ‘Na Tribuna’ convidamos o filósofo e professor Vladimir Safatle.

```

01 Celso      @Mário conheço haters de internet sem estudo como
02           você, pessoas como você não acreditam na verdade,
03           têm cultura de Google. Além de ser mau-caráter
04           por ser esquerdista. Não sou desocupado como
05           você, não tenho tempo pras tuas baboseiras, você
06           já foi humilhado aqui e nem assim para. Encontre
07           outro para encher.
08 Mário     @Celso Amigo, quem está heteando no canal é você,
09           eu estou concordando com o video, feito em um
10           canal para mim, por um pensador de ideias
11           semelhantes E o que é ser estudado? Acreditar em
12           livro negro do comunismo? nas difamações de
13           Krushev? Nas propagandas de William Hearst?
14           Também conheço diversos anti-comunista na
15           internet, nunca leram Marx e acreditam em
16           decálogo de Lênin, talvez o único foi um
17           professor de filosofia, liberal clássico, mas nem
18           ele leva essas propaganda pseudo-estudo,
19           sensacionalista a sério.

```

Para os membros do grupo do “Nós”, o canal seria uma “câmara de eco” (SUNSTEIN, 2008), isto é, um espaço destinado a usuários que compartilham determinadas convicções ideológicas e políticas. Mas como ele não funciona como uma bolha, os membros do grupo do “Eles” entram nesse espaço aparentemente para *trolar* (sacanear), isto é, provocar pessoas e inflamar discussões. Não há um esforço de colocar em diálogo visões diferentes.

Celso, por exemplo, ataca quem identifica como alvo (um membro do grupo do “Nós”), enumerando predicados negativos associados localmente à categoria que atribui a Mário. Celso inicia o seu turno categorizando Mário como “*hater*”, “pessoas sem estudo”, “pessoas que têm cultura *Google*”, além de atribuir a ele o pertencimento a um grupo cujos membros possuiriam características semelhantes. Em seguida, introduz o predicado “mau-caráter” como consequente ao posicionamento político de Mário.

É interessante notar que a categoria “esquerdista” é atribuída a Mário por Celso e não uma ratificação de categorização feita pelo próprio Mário em mensagens anteriores. Segundo Sacks (1974), quando observamos alguém realizando uma ação ou exibindo atributos que estão ligados a uma categoria, vemos esse alguém como membro dessa categoria. Voltando ao exemplo da mãe e do bebê dado anteriormente, poderíamos dizer que essa mãe é também mulher, empresária, esposa e outras várias possibilidades. Contudo, ao vermos essa pessoa pegando a criança no colo, a vemos, naquele contexto, como mãe e não como membro de outra categoria. Em nossos dados, precisamos ajustar a teoria, pensada para contextos de interação face-a-face, para o contexto de trocas de mensagens mediadas por computador. Em interações escritas na plataforma do *YouTube* percebe-se que inferências sobre categorias são feitas quase que exclusivamente com base nos comentários feitos por usuários e suas ações, salvo os casos em que são utilizados nomes e avatares socioculturalmente associados a categorias de cunho político-ideológicas. Celso e Mário não possuíam nomes ou fotos que levassem à atribuição deles a algum ponto do espectro político. Em trocas imediatamente anteriores ao excerto 2 (ausentes no artigo em virtude do espaço), os dois usuários mostravam seus diferentes posicionamentos sobre democracias e ditaduras. Embora não tenha se categorizado como “esquerdista”, as avaliações negativas de Mário em relação aos países capitalistas e ditos democráticos foram suficientes para que Celso o categorizasse como esquerdista.

Em sua ação responsiva, Mário tacitamente aceita a categorização política atribuída a ele, mas refuta as de “*hater*” e “sem estudo”, contraindicando Celso de ser membro das mesmas categorias que haviam sido atribuídas a ele. Para Mário, o canal foi feito para os membros do grupo do “Nós”, isto é, para aqueles que compartilham ideias semelhantes às defendidas pelo AND. Pode-se inferir que, na visão de Mário, quem discorda é que é o *outsider* (intruso) e, como tal, não teria direito à voz.

O que se observa, de forma geral nas trocas de comentários, é que muitas vezes atividades e atributos que não seriam atrelados a categorias de ordem político-ideológica em outros tempos e espaços, o são no contexto estudado. Ademais, inexiste nesse espaço categorizações que não atribuam ao outro usuário posicionamento político-ideológico extremo. Assim, descrições e avaliações de ações e pessoas nos vídeos são “observadas” a partir do ponto de vista ideológico e político de cada usuário. O uso da categorização como ofensa demonstra, em um contexto polarizado, a intolerância a diferenças ideológicas. Divergências são reforçadas, e o conflito é escalonado.

4 O estopim

Olhar o trabalho de categorização numa perspectiva sequencial exige analisar o *design* da primeira parte da sequência avaliativa que resultou também numa extensa atividade avaliativa iniciada por outros usuários. O excerto abaixo reporta o modo como é descrita a ação policial durante uma manifestação.

EXCERTO 3

Título do vídeo: RJ: Flagrante de policiais aterrorizando manifestantes e censurando a imprensa democrática

Data da postagem: 18 de jul. de 2013

Link: https://www.youtube.com/watch?v=rp0_1122PrQ

Descrição do vídeo: Jornal A Nova Democracia - Na noite da última quarta-feira, milhares de pessoas fizeram um protesto no acesso à rua onde mora o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho. Os manifestantes denunciaram a corrupção na gestão Cabral, o derrame do dinheiro público, as remoções de bairros pobres por conta dos megaeventos, o extermínio da juventude nas favelas e o ataque aos povos indígenas.

Os manifestantes caminharam pelas ruas do Leblon, um dos bairros mais caros do mundo. A poucos metros da casa de Cabral, PMs não hesitarão [sic] em atacar. Mas como tem acontecido repetidas vezes, as massas resistiram bravamente e enfrentaram as tropas de repressão do Estado fascista.

Como já anuncia o título, a postagem é construída a partir de um par relacional: agressor x vítima. A categorização da polícia como agressora, enquanto instrumento do Estado, é invocada por meio de atividades atreladas à categoria “terrorista” (*aterrorizando*) e a “criminoso”, uma vez que os policiais estariam fazendo uma ação ilegal: reprimir a livre expressão, direito assegurado na Constituição Federal (BRASIL, 1988) em seu artigo 5º, inciso IX.

A categorização dos manifestantes como vítimas vai além do fato de serem o alvo da ação repressiva da polícia, em nome do Estado. A ação de denunciar a corrupção, além de reforçar as categorias de vítima (pois nós, cidadãos, somos vítimas da corrupção, do mau uso do dinheiro público e das remoções) e agressor, também invoca as categorias denunciante-denunciado, que, por sua vez, também invocam atributos distintos no senso comum. É atribuído ao denunciante (não a um delator), predicados que o posicionam como alguém “de bem” íntegro, honesto, entre outros; já em relação à categoria denunciado, podem ser invocados atributos tais como “corrupto”, “desonesto”, “criminoso” etc.

Só após essa descrição é iniciado o relato da ação policial. As circunstâncias apresentadas também servem à condenação da ação policial. A atividade dos manifestantes (*caminharam pelas ruas*) não está atrelada à categoria de “desordeiros”, mas à de pessoas que fazem protestos pacíficos. A formulação de lugar (SCHEGLOFF, 1972), “o Leblon”, invoca o conhecimento de senso comum de que, dado o valor do metro quadrado, é um bairro de rico, isto é, de membros da classe social protegida pela polícia. Nessa linha, a descrição da cena remete a uma luta de classes: a ação policial vem associada a ações de guerra (*atacar*) e a ação do povo a de *resistir*. Em função dessas diferenças de ação, a polícia é categorizada como um instrumento repressivo do Estado, o agressor, e os manifestantes, como vítimas.

Outro traço importante em relação à descrição do vídeo diz respeito à primazia epistêmica reivindicada pelo Jornal. Por ter acesso privilegiado ou experiência/conhecimento do que está sendo avaliado (POMERANTZ, 1984), o AND reivindica o direito e a competência para afirmar o que defende (HERITAGE; RAMOND, 2005). Nas formulações, os recursos lexicais escalonam para cima a impropriedade da ação dos agressores e para baixo, a dos manifestantes. Como observa Drew (1998), em relação a reclamações, todos os recursos ali mobilizados servem para prover uma avaliação do que é certo e do que é errado. Tudo serve ao objetivo do canal: condenar a ação policial.

Como nos lembram Stivers *et al.* (2011, p. 3), “é no nível microinteracional que as “calibrações morais” possuem consequências para as relações sociais, notadamente nos alinhamentos e afiliações momento a momento com os outros”. Dado o *design* técnico do canal, a postagem inicial pode tanto promover ações responsivas de compartilhamento da indignação manifesta pelo Jornal, quanto pode provocar reações de indignação daqueles que contestam a posição defendida na postagem inicial.

Nos excertos a seguir, examinamos algumas das postagens “inflamadas” em que o alvo era o próprio Jornal. Como já havíamos chamado atenção, observe-se que a postagem inicial foi publicada em 2013, mas, por muitos anos, gerou ações responsivas, especialmente daqueles que discordam da avaliação produzida pelo Jornal.

```
01 Raul      noticia tao tendenciosa pensei q estava na globo
02          JORNAL NOVA DEMOCRACIA = A REDE GLOBO
```

Em sua postagem, Raul critica a tendenciosidade do AND por meio de uma ironia (“pensei que estava na globo”). Para concluir, em seguida, (l. 2) que ambas as mídias fazem o mesmo tipo de jornalismo: o enviesado ideologicamente. Em sua ação responsiva, Gustavo reage não à questão da tendenciosidade do tipo de jornalismo praticado, mas a uma questão de natureza ideológica. Historicamente, a Globo foi percebida como um veículo de direita, principalmente por seu apoio à ditadura militar. No entanto, mais recentemente, uma grande parte dos que se categorizam como de direita alegam que a Globo é de esquerda, por seu combate ao governo Bolsonaro. Logo, o ponto de discordância é relacionar algo como vinculado a outro erroneamente.

```
01 Gustavo +Raul É o extremo oposto da Globo. Um é notavelmente
02          de direita e voltado para fins gananciosos, outro,
03          em prol da população.Se a manchete fosse de alguma
04          da mídia da Globo, seria: "Manifestantes
05          preguiçosos causam desordem em prédio de um dos
06          nossos cupinchas"
```

Na linha 1, o erro da comparação é invocado pela categorização do AND como o oposto da identidade ideológica da Globo. Com *accounts*, Gustavo justifica a categorização da Globo de direita por seu modelo capitalista, aqui associado a uma prática que visa ao lucro exagerado

(“fins gananciosos” – l. 2). Já a categorização do AND se dá por um contraste implícito: se a Globo é de direita, a AND é o extremo oposto, anticapitalista. Para ilustrar a diferença, Gustavo traz uma manchete fictícia para a mesma cena que, produzida pela Globo, associaria à categoria manifestante predicados negativos como “preguiçosos”, desordeiros (“causam desordem” – l. 5) e protetora de outros capitalista (“nossos cupinchas” – l. 6).

Outro modo de ver como o *design* da postagem inicial do Jornal incitou ações de contestação é analisar as séries de turnos de ações responsivas, realizados pelos contestadores:

01	Diego	Boa mesmo..tem que meter porrada nesses bosta
03		mesmo...
04	Fábio	tem que meter porrada nes vagabudos de merda
05	Leandro	Manifestante é o caralho..vai tudo tomar no
06		cú...bando de vermes...vão trabalhar seus
07		bosta...vai tomar no cú...black bosta
08	Vinicius	Um monte de playboyzinho filhinho de papai que
09		não tem nada pra fazer

Nesse excerto, Diego faz a sua discordância por meio da aprovação da ação policial e da categorização de manifestante como “bosta”. Em afiliação à ação de Diego, Fábio concorda com o método de repressão usado pela polícia (“meter porrada” – l. 4) e introduz outros predicados negativos localmente associados à categoria manifestante (“vagabundos de merda” – l. 4). Já Leandro, em mais uma ação responsiva de concordância com Diego, xinga e introduz outros predicados negativos: “bando de vermes” (l. 6), pessoas que não trabalham (“vão trabalhar” – l. 6) “seus bosta”, “black-bosta” (l. 6-7). Um outro turno de concordância é produzido por Vinicius que categoriza os manifestantes como “playboyzinho, filhinho de papai, (gente) que não tem nada pra fazer” (l. 8-9).

Ações em série, como a apresentada, mostram que contestadores também trabalham em equipe para provocar o alvo, o contestado, reforçando a associação local de predicados negativos (vagabundo, quem não trabalha, playboyzinho, filhinho de papai) à categoria manifestante. Defende-se, portanto, que determinadas categorias são vistas como ameaças à sociedade e que, contra essas categorias, todos os métodos de controle social são aceitos em prol da segurança.

EXCERTO 6

01 Luís Tem que matar mesmo.
 02 Gael Voce acha que aqueles vandalos FDP devem ser
 03 dipersados apenas com aqueles jatinhos de agua
 04 que a policia utilizou??? Achou isso um abuso
 05 por parte da policia??? O que ta faltando,
 06 mermão, é uma maior acao policial! Nós, pessoas
 07 de bem queremos segurança em nossos comercios.
 08 Queremos esses delinquentes fora da sociedade,
 09 enjaulados na prisao ou mortos pela PM. E voces,
 10 jornalistas safados, que pregam a inversao de
 11 valores, merecem ir pra cadeia!!!

Nessa sequência, Luís concorda com os métodos utilizados pela polícia, admitindo o escalonamento do grau de violência aceito no combate aos manifestantes. A ação responsiva de Gael é de concordância com o que Luís propõe, logo de ratificação do escalonamento da repressão, formulada em termos de “uma maior ação policial” (l. 6). O turno se inicia com a categorização dos manifestantes como “vândalos” e o endosso da avaliação de Luís por meio de uma série de perguntas que implicam outra avaliação: “tá faltando uma maior ação policial” (l. 5-6). Após essa ação de concordância com seu interlocutor, Gael introduz um *account* para justificar sua posição recorrendo a uma categorização moral que divide a sociedade em: “pessoas de bem” (l. 6-7) e as pessoas que não são de bem, em que estão sendo incluídos os manifestantes. É, como membro da categoria “pessoas de bem”, que Gael justifica a defesa de métodos extremos de punição contra aqueles que comprometem a ordem, que devem ficar “fora da sociedade”. Categorizando os manifestantes, como “delinquentes”, sugere o que se faz com animais perigosos (enjaulá-los na prisão), ou o que se faz com inimigos em situação de guerra (matar).

O processo de categorização empreendido por aqueles que aprovam a ação policial é recorrentemente justificado pela defesa da ordem, isto é, do que prejudica a circulação das pessoas ou os negócios. É, com base nesse raciocínio de senso comum, que alguns usuários entendem que a segurança está acima de tudo, até dos valores democráticos. Para aqueles que defendem a ordem nesses termos, o par relacional é invertido: vítima é o Estado, os agressores são os manifestantes.

5 A propagação do fogo nas conversas paralelas

A polarização de posições de direita/esquerda repercute nas conversas paralelas, isto é, aquelas que são geradas a partir da postagem de qualquer usuário e podem promover ações responsivas de um ou mais usuários que se opõem ao que foi publicado. Uma das consequências dessa polarização é a radicalização na formulação de avaliações:

EXCERTO 7

Título do vídeo: RJ: PM promove violento despejo contra famílias que ocupavam prédio de Eike Batista

Data da postagem: 14 de abr. de 2015

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=C9pdbr-AdaQ>

Descrição do vídeo: Jornal A Nova Democracia — Na madrugada do dia 13 para o dia 14 de abril, a PM do Rio de Janeiro foi ao bairro do Flamengo, zona sul da cidade, para cumprir uma ordem de despejo contra 150 famílias que ocupavam um prédio de propriedade do empresário e canastrão, Eike Batista. As família [sic] já haviam sido despejadas há um mês atrás de um terreno da CEDAE na região portuária. Depois de quase duas semanas vivendo nas ruas do Centro, os desabrigados decidiram ocupar o edifício abandonado.

Segundo denúncias dos ocupantes, logo que chegaram, policiais ameaçaram atear fogo ao prédio com as famílias dentro. Muito nervosa, uma mulher grávida de seis meses foi ao banheiro e acabou gerando seu filho ali mesmo, em um vaso sanitário. PMs se recusaram a ajudar mãe e filho e só mudaram de ideia quando uma cadeira foi arremessada de dentro da ocupação contra uma viatura de polícia. A mãe foi separada de seu filho e ambos foram levados para a UPA de Botafogo. Nesse momento, os dois se encontram internados no hospital Miguel Couto e o bebê segue vivo respirando com a ajuda de aparelhos.

Moradores rejeitaram a sugestão de representantes da prefeitura de irem para um abrigo em Santa Cruz. No entanto, diante do enorme aparato policial, as famílias aceitaram sair pacificamente. Na saída, colchões foram incendiados dentro do prédio e o filho de uma mulher ficou preso dentro do edifício em meio ao fogo. O desespero da mãe e de pessoas que saíram em sua defesa foi a senha para que a polícia, covardemente, disparasse spray de pimenta contra mulheres, idosos e crianças de colo. Além da agressão, vários desabrigados acabaram presos por resistir à violência da polícia.

01 Francisco Parabens a policia!
 02 Márcio +francisco ???? por jogar spray de pimenta num
 03 bebe ??
 04 Francisco por chocar' spray de pimenta....assista o video
 05 com atencao...se o predio nao é deles : VAZA
 06 MERMAO! a pediu pra sair, e nao saiu...paciencia,
 07 culpa de qm ficou pra ver.
 08 Márcio se o ''predio'' esta vazio e melhor fica nele do
 09 que na rua e assista você o ''video'' com
 10 ''atenção''
 11 Francisco a pm ta certa, nao existem argumentosnao
 12 tem o q falar contra.
 13 Márcio A pm nunca esta certa
 14 Francisco o bandido q ta entao? meu deus do ceu esse brasil
 15 ja era msm.....

Como se pode observar, nessa conversa paralela, a postagem de Francisco traz o ponto contestável: a aprovação da ação policial no despejo das famílias que ocupavam o prédio vazio de Eike Batista. Em sua ação responsiva (l. 4), Márcio introduz uma pergunta irônica que incita a contestação, uma vez que uma violência contra um bebê tende a ser uma norma desaprovada por qualquer ser humano. Francisco reage à contestação a partir de uma resposta não-conformativa (RAYMOND, 2006), não aceitando, portanto, a agenda que a pergunta de Márcio potencialmente estabelece. Segundo Raymond (2006), respostas não-conformativas são utilizadas metodicamente na sequência de turnos de fala pelos participantes para gerenciar problemas ou desalinhamentos em relação a escolhas particulares que são colocadas pelas perguntas polares.

Assim, Francisco responde à contestação de Márcio ao mesmo tempo em que se exime de concordar com uma ação moralmente carregada tal como foi formulada por Márcio. Em seguida, usa de *accounts* para justificar a aprovação: o direito à propriedade (“o prédio não é deles” – l. 5), a gentileza da polícia (“pediu para sair” – l. 6), e a responsabilidade daqueles que decidiram ficar. Márcio (l. 8) ainda tenta contestar os argumentos invocando outra norma moral: a de que os vulneráveis devem ser protegidos, o que justificaria a invasão de um prédio que está vazio.

Francisco, em vez de argumentos, fecha a contestação formulando sua avaliação como verdade absoluta, já que afirma não haver possibilidade de contra-argumentação. Em sua ação responsiva, Márcio (l. 13) segue na mesma direção. Por meio de uma formulação extrema (POMERANTZ,

1986, p. 219), utilizada para “se defender contra ou rebater contestações relacionadas à legitimidade de reclamações, acusações, justificativas e defesas”, Márcio contesta a avaliação de Francisco com outra avaliação radicalizada (“a pm nunca está certa” – l. 13).

Voltando à disputa, Francisco recorre à categorização daquelas famílias como bandidos, porque ocuparam um prédio que não é seu e não respeitaram os “pedidos” da polícia. Essa categorização invoca o par relacional polícia-bandido, que, por sua vez, remete a entendimentos de senso comum de alguns grupos, que não reconhecem bandidos como cidadãos, o que exclui a possibilidade de que segurança e direitos humanos possam se complementar.

A dimensão moral das categorizações revela que os participantes são orientados por diferentes normas, alimentadas por diferentes repertórios de conhecimento de senso comum. Logo a questão da segurança pública x direitos humanos também contribui para a atribuição de uma dada identidade dialógica:

EXCERTO 8

Título do vídeo: Jovem é assassinado por PMs da UPP na favela do Jacarezinho

Data da postagem: 6 de jan. de 2016

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=XXcJ7ir0Zpw>

Descrição do vídeo: Jornal A Nova Democracia — Na noite do dia 29 de dezembro, policiais da Unidade de Polícia Pacificadora da Favela do Jacarezinho, zona norte do Rio, balearam e mataram o jovem Wesley Daniel Santos Oliveira, de 17 anos. O rapaz saía de um culto na igreja Resgatando Almas, na localidade Beira do Rio, quando foi atingido por três tiros: no peito, na barriga e na cabeça. No dia seguinte, revoltados, moradores fizeram um protesto exigindo justiça para os assassinos de Wesley Daniel.

As reportagens de AND e da Mídia Independente e Coletiva acompanharam o ato do início ao fim. Durante o trajeto, moradores não pouparam críticas à rotina de terror imposta pela UPP desde janeiro de 2013.

01 Dario O braço armado do Estado sempre aniquilando a
 02 vida dos mais pobres e mais pretos. Lendo o
 03 comentário de alguns imbecis é nítido que vivemos
 04 numa sociedade doente, burra, preconceituosa e
 05 egoísta. Como já diz o Dep. Marcelo Freixo,
 06 dignidade tem CEP. Matar um pobre na favela não
 07 dá nada. Essa guerra existe desde 1809. Antes era
 08 Guarda real, hoje é guarda da burguesia.
 09 Comentário (Resposta) removido pelo usuário ou
 10 canal

11 Dario Procure ler um pouco, seu imbecil. O Freixo
 12 recebe ameaças de morte até hoje por ter colocado
 13 vagabundos como o Alvaro Lins na cadeia! Freixo
 14 não defende vagabundo, apenas enxerga todos como
 15 seres humanos. Argumentar com idiotas com você é
 16 perda de tempo.

17 Fernando + Dario Boa comunista, lá na Coreia do Norte não
 18 tem burguesia, se muda pra lá, todo mundo é
 19 igual. Tudo POBRE. Seu animal.

20 Dario Coreia do Norte todo mundo pobre??? Ta vendo
 21 muita Globo News ou lendo muita notícia no
 22 Sputnik. Por que o argumento de vocês
 23 reacionários é sempre o mesmo... Vai morar lá,
 24 então vende tudo seu... Uma leitura básica em
 25 qualquer obra do Marx, Engels, Trotsky ou Lenin
 26 já acabaria com a ignorância de vocês. Que apego
 27 ao capitalismo vocês tem. Não conseguem enxergar
 28 fora da caixinha. Da uma lida cara, para de
 29 seguir a manada, tente argumentar com algum
 30 embasamento teórico.

A postagem de Dario é, simultaneamente, uma ação responsiva a postagens anteriores de alguns usuários, categorizados como *imbecis*, por discordarem da avaliação do canal; e uma ação inicial de uma sequência na qual a ação responsiva de Fernando é de discordância.¹²

Dario exibe o seu pertencimento ao grupo do “Nós” ao compartilhar do sentimento de indignação expresso na postagem inicial do canal. Na condição de uma avaliação em segunda posição (POMERANTZ, 1984), ele não se limita a concordar com a condenação da ação policial que resultou na morte de um inocente. Ele escalona para cima a sua concordância por meio de uma formulação extrema (“o braço armado do Estado sempre aniquilando a vida dos mais pobres e mais pretos” – l. 1-2). Em seguida, por meio da predicação, categoriza os usuários endereçados como membros de uma sociedade “doente, burra, preconceituosa e egoísta” (l. 4-5), aspectos categoriais que são invocados recorrentemente como associados localmente àqueles que são categorizados como de direita. Para sustentar a sua avaliação sobre

¹² Destacamos que não é possível saber qual usuário e nem o porquê de ele ter removido seu comentário nas linhas 09 e 10.

a seletividade das vítimas da ação policial, Dario traz a voz do então Deputado Marcelo Freixo (l. 11) como argumento e apresenta dados históricos para categorizar a polícia como um instrumento do Estado a favor das elites e contra os vulneráveis.

Em sua ação responsiva, Fernando explicita a categorização de Dario como comunista. No corpus como um todo, observou-se que defender vulneráveis e os direitos humanos leva à inferência de que o usuário é “de esquerda”, processo que Sacks (1974) chamou de máxima do observador. E, por meio da predicação, Fernando ressignifica a categoria “comunista”, já que associa a essa categoria alguns predicados como pessoas que odeiam a elite e gostam de pobres; alguém que deseja um país em que não haja ricos; e, por tudo isso, merece o xingamento de animal, por se tratar de uma pessoa desprovida de razão.

A reação de Dario segue a mesma orientação. Ela se inicia com uma pergunta que implica não um pedido de informação, mas uma avaliação de que a afirmação feita por Fernando não é correta. Isso endossa a afirmação implícita de que Fernando não tem conhecimento do que fala, justificando esse desconhecimento às suas fontes de informação.

Com base em conhecimentos de senso comum, Dario infere pelo argumento de Fernando (“Vai morar lá e vende tudo seu”) que Fernando é um reacionário (l. 23). Colocando-se como aquele que tem mais conhecimento, recomenda leituras “básicas sobre Marx, Engels, Trotsky ou Lenin” (l. 24-25). No entanto, os predicados associados localmente a essa categoria vão desde a falta de conhecimento (ignorantes) à falta de opinião própria (segue a manada – l. 29).

Já a categoria “capitalista”, associada localmente à categoria “reacionário”, é invocada com base no senso comum de alguns grupos que depreciam capitalistas porque os veem como pessoas que só querem lucrar e explorar os outros, o que, de acordo com outros conhecimentos de senso comum, pode não se aplicar a qualquer reacionário, nem a qualquer capitalista.

Destaque-se aqui que predicados relacionados à falta de conhecimento são recorrentes quando a ofensa é dirigida aos que são categorizados como de “direita”. Na postagem de Dario, isso é manifesto nas perguntas retóricas que iniciam sua ação responsiva e nas atividades que são localmente associadas à ignorância, como as que se referem a fontes de informação vistas ou como superficiais ou como tendenciosas. Ainda no que se refere à inferiorização do outro por falta

de conhecimento, mostrou-se recorrente também o uso metódico de recomendações de leituras, da necessidade de embasamento teórico para que o outro seja capaz de argumentar.

6 Considerações finais

Neste trabalho, propusemos examinar o fenômeno da categorização como recurso ofensivo. Para tanto, analisamos as postagens publicadas pelo jornal digital AND sobre ações policiais no Rio de Janeiro, e os comentários dos usuários que participaram das discussões.

Iniciamos identificando alguns fatores que favoreceram a guerra do “Nós” contra “Eles”, materializada no uso da categorização como recurso ofensivo. O primeiro fator identificado foi o conteúdo das matérias publicadas pelo Jornal. Em alinhamento com sua missão – “divulgar os crimes do Estado contra o povo” – as matérias jornalísticas sobre os vídeos compartilhados exibem uma avaliação negativa da ação policial, justificada por uso abusivo da força e pelo desrespeito ao direito à dignidade humana.

A natureza controversa da relação entre segurança e direitos humanos tornou-se o ponto contestável para as discussões travadas entre os usuários em seus comentários. Num momento marcado pela escalada da criminalidade no país, o dissenso sobre essa relação foi radicalizado por entendimentos de senso comum de que “defender direitos humanos é defender bandido”, ou de que “defender a segurança é defender a vida e a ordem, independente dos métodos usados para o controle social”.

Num contexto de polarização ideológica e política, cada um desses entendimentos foi vinculado por meio do processo de categorização a uma posição ideológica e política. Quem defende os direitos humanos é visto como de esquerda; e quem defende a segurança a qualquer preço é visto como de direita. Inviabiliza-se, assim, qualquer possibilidade de renovação de conhecimento de senso comum sobre o tema, reiterando-se o entendimento de que uma posição exclui a outra.

A análise revelou ainda que o *design* técnico da ferramenta também contribuiu para que o espaço dos comentários fosse construído como um campo político bipartido. O funcionamento do canal não é o de uma câmera de eco, na medida em que a participação é aberta a audiências múltiplas. No entanto, diferentemente de outros canais, o AND não ativa a opção que possibilita reter comentários para análise antes de publicá-los. Com

isso, posições radicalizadas promoveram formulações radicalizadas, o que levou cada lado a reafirmar suas posições ideológicas. Observou-se também que as ações responsivas a avaliações levaram os usuários a distinguir os “amigos” dos “inimigos”. Aqueles que concordavam uma avaliação, eram vistos como amigos porque compartilham das mesmas crenças. Aqueles que discordavam eram vistos como inimigos porque pensavam diferente.

Esses resultados mostram que a análise situada da prática da categorização, em sequências de avaliação/concordância x discordância, nos permitiu entender que a resignificação de categorias como ofensa se deu por meio de predicados moralmente desaprovados, associados localmente a uma dada categoria. Permitiu-nos também descrever como os discursos circulantes sobre polarização político-ideológica são utilizados e, ao mesmo tempo, localmente (re)construídos por cada um dos usuários a cada troca de mensagem que realizam.

Contribuição dos autores

Declaramos que os autores contribuíram de forma igualitária para a realização deste trabalho.

Carolina Valente realizou o levantamento e coleta de dados, além da organização destes em coleções de uso de categorizações como ofensa. Maria do Carmo Leite de Oliveira ficou responsável pela escrita da introdução, revisão teórica e considerações finais. Rony Ron-Ren colaborou com a revisão teórica e sua aplicação nos dados, além de revisar o texto. Juntos, os autores analisaram os dados e colaboraram para o texto final de todas as seções do artigo.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – *Código de Financiamento 001*.

Gostaríamos de agradecer aos pareceristas por suas avaliações e sugestões, que em muito contribuíram para a versão final deste trabalho.

Somos imensamente gratos também às agências que vêm apoiando às pesquisas desenvolvidas pelos autores:

– ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de produtividade e bolsas de mestrado e doutorado, concedidas, respectivamente, à primeira autora e ao terceiro autor;

- à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelas bolsas de mestrado e doutorado concedidas à segunda autora; e a bolsa de doutorado-sanduiche, concedida ao terceiro autor, no âmbito do projeto CAPES/PrInt;
- à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo apoio ao projeto “Habilidades Comunicativas e Prática Policial em Comunidades em Processo de Pacificação”, de cuja equipe participam os autores.

Referências

- ADORNO, S. Monopólio estatal da violência na sociedade brasileira contemporânea. In: MICELI, S. (org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-2002)*. São Paulo: Anpocs, 2001. v. 4, p. 167-207.
- A NOVA DEMOCRACIA. [S.l.: s.n.], 2008. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/patrickgranja>. Acesso em: 17 mar. 2020.
- ANTAKI, C. *Explaining and Arguing: The Social Organization of Accounts*. California: Sage, 1994.
- ARENDHOLZ, J. (In) *Appropriate Behavior Online: A Pragmatic Analysis of Messages Board Relations*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbns.229>
- BALOCCO, A. E.; SHEPHERD, T. M. G. A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo-interacional. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 1013-1037, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-44506536361317067>
- BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- BROWN, P. P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: Some Universal in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511813085>
- CULPEPER, J. Toward an Anatomy of Impoliteness. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 349-367, 1996. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00014-3](https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00014-3)

DINUCCI, A. *Flagrantes da prática policial: o celular como arma de contravigilância*. 2018. 159f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

DREW, P. Complaints about Transgressions and Misconduct. *Research on Language and Social Interaction*, [S.l.], v. 31, n. 3-4, p. 295-325, 1998. DOI: <http://doi.org/10.1080/08351813.1998.9683595>

FITZGERALD, R. F.; AU-YEUNG, S. H. T. Methods. In: ATKINSON, P.; DELAMONT, S.; CERNAT, A.; SAKSHAUG, J. W.; WILLIAMS, R. A. (org.). *Membership Categorisation Analysis*. [S.l.]: Sage, 2019. p. 1-13. Doi: <https://doi.org/10.4135/9781526421036754839>

FREUD, S. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 7)

GARCÉS-CONJOS BLITVICH, P. The YouTubification of Politics Impoliteness and Polarization. In: TAIWO, R. (org.). *Handbook of Research on Discourse Behavior and Digital Communication: Language Structures and Social Interaction*. Hershey: IGI Global, 2010. p. 540-563. DOI: <https://doi.org/10.4018/978-1-61520-773-2.ch035>

GARCEZ, P. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L.; JUNG, N. (org.). *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 17-38.

GOFFMAN, E. *Interactional Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior*. New York: Panteon, 1967.

HARDAKER, C. Trolling in Asynchronous Computer-Mediated Communication: From User Discussions to Academic Definitions. *Journal of Politeness Research*, [S.l.], v. 6. p. 215-242, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1515/jplr.2010.011>

HERITAGE, J.; RAYMOND, G. The Terms of Agreement: Indexing Epistemic Authority and Subordination in Assessment Sequences. *Social Psychology Quarterly*, Columbia, SC, v. 68, p. 15-38, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1177/019027250506800103>

HOUSLEY, W.; FITZGERALD, R. The Reconsidered Model of Membership Categorization Analysis. *Qualitative Research*, London, v. 2, n. 1, p. 59-83, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1177/146879410200200104>

HOUSLEY, W.; FITZGERALD, R. Introduction to Membership Categorisation Analysis. In: FITZGERALD, R.; HOUSLEY, W. (org.). *Advances in Membership Categorisation Analysis*. London: Sage, 2015. p. 1-21. DOI: <https://doi.org/10.4135/9781473917873.n5>

HOUSLEY, W.; WEBB, H.; EDWARDS, A.; PROCTER, R. J. Membership Categorization and Antagonistic Twitter Formulation. *Discourse & Communication*, [S.l.], v. 11, n. 6, p. 567-590, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1177/1750481317726932>

HUTCHBY, I. Technologies, Texts and Affordances. *Sociology*, Manchester, UK, v. 35, p. 441-456, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1177/S0038038501000219>

JAYYUSI, L. Values and Moral Judgement: Communicative Praxis as Moral Order. In: BUTTON, G. (org.). *Ethnomethodology and the Human Sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511611827.011>

JAYYUSI, L. *Categorization and the Moral Order*. Abingdon: Routledge & Kegan Paul, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/0038038515579595>

LIN, T. Z.; TIAN, X. Audience Design and Context Discrepancy: How Online Debates Lead to Opinion Polarization. *Symbolic Interaction*, [S.l.], v. 42, p. 70-97, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1002/symb.381>

MUNIZ, J. *Ser policial é, sobretudo, uma razão de ser: cultura e cotidiano da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro*. 1999. 289f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

MUNIZ, J.; CARUSO, H.; FREITAS, F. Os estudos policiais nas ciências sociais: um balanço sobre a produção brasileira a partir dos anos 2000. *BIB ANPOCS*, São Paulo, v. 84, p. 148-187, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17666/bib8405/2018>

NUCCI, G. *Direitos Humanos versus Segurança Pública. Questões controvertidas penais, processuais penais, de execução penal e da infância e juventude*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2016.

NUNES, R. Todo lado tem dois lados: sobre a ideia de polarização. *Serrote*, Rio de Janeiro, v. 34, p. 42-67, 2020.

PHILLIPS, T.; STUART, H. *An Age of Incivility: Understanding the New Politics*. London: Policy Exchange, 2018.

POMERANTZ, A. Agreeing and Disagreeing with Assessments: some Features of Preferred/Dispreferred Turn Shapes. In: HERITAGE, J.; ATKINSON, M. (org.). *Structures of Social Action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 57-101. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511665868.008>

POMERANTZ, A. Extreme Case Formulations: A Way of Legitimizing Claims. *Human Studies*, Trier, v. 9, p. 219-229, 1986. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00148128>

RAYMOND, G. Questions at Work: Yes/No Type Interrogatives in Institutional Contexts. In: DREW, P.; RAYMOND, G.; WEINBERG, D. (org.). *Talk and Interaction in Social Research Methods*. London: Sage, 2006. p. 115-134. DOI: <https://doi.org/10.4135/9781849209991.n8>

REYNOLDS, E. Enticing a Challengeable in Arguments: Sequences, Epistemics and Preference Organization. *Pragmatics*, [S.l.], v. 21, n. 3, p. 411-430, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1075/prag.21.3.06rey>

REYNOLDS, E. *Enticing a Challengeable: Institutions, Social Order as a Practice of Public Conflict*. 2013. 250f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – School of Journalism and Communication, The University of Queensland, Queensland, 2013.

REYNOLDS, E.; FITZGERALD, R. Challenging Normativity, Re-apprising Category Bound, Ties and Predicated Features. In: FITZGERALD, R.; HOUSLEY, W. (org.). *Advances in Membership Categorisation Analysis*. London: Sage, 2015. p. 99-122. DOI: <https://doi.org/10.4135/9781473917873.n5>

RON-REN, R. *Não me sinto um perfil padrão de policial, graças a Deus: o fazer e o ser policial em contextos de pacificação*. 2017. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SACKS, H. On the Analyzability of Stories by Children. In: GUMPERZ, J.; HYMES, D. (org.). *Directions in Sociolinguistics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971. p. 325-345.

SACKS, H. An Initial Investigation of the usability of conversational data for doing sociology. In: SUDNOW, D. (org.). *Studies in Social Interaction*. New York: Free Press, 1972. p. 31-74.

SACKS, H. On the Analysability of Stories by Children. In: TURNER, R. (org.). *Ethnomethodology: Selected Readings*. Harmondsworth: Penguin Books; 1974. p. 216-232.

SACKS, H. Notes on Methodology. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (org.). *Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press. 1984a. p. 2-27.

SACKS, H. On Doing “Be Ordinary”. In: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (org.). *Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984b. p. 413-429. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511665868.024>

SACKS, H. *Lectures on Conversation*. Oxford: Blackwell, 1995. v. I e II. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511665868.024>SACKS, H.; SHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. *Language*, Washington, DC, v. 50, p. 696-735, 1974. DOI: <https://doi.org/10.1353/lan.1974.0010>

SCHEGLOFF, E. Sequencing in Conversational Openings 1. *American Anthropologist*, [S.l.], v. 70, p. 1075-1095, 1968. DOI: <https://doi.org/10.1525/aa.1968.70.6.02a00030>

SCHEGLOFF, E. Notes on a Conversational Practice: Formulating Place. In: SUDNOW, D. N. (org.). *Studies in Social Interaction*. New York: Free Press. 1972. p. 75-119.

SCHEGLOFF, E. Tutorial on Membership Categorization. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], v. 39, p. 462-482, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2006.07.007>SCOTT, M. B.; LYMAN, S. M. Accounts. *American Sociological Review*, [S.l.], v. 33, n. 1, p. 46-62, 1968. DOI: <https://doi.org/10.2307/2092239>

SILVERMAN, D. *Harvey Sacks: Social Science & Conversation Analysis*. New York: Oxford University Press, 1998.

SUNSTEIN, C. *Republic.com 2.0*. Princeton: Princeton University Press, 2008.

STIVERS, T.; MONDADA, L.; STEENSIG, J. Knowledge, morality, and affiliation in social interaction. In: STIVERS, T.; MONDADA, L.; STEENSIG, J. (org.). *The Morality of Knowledge in Conversation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. p. 3-24. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511921674.002>

TAGG, C.; SEARGEANT, P.; BROWN, A. *Taking Offence on Social Media: Conviviality and Communication on Facebook*. London: Palgrave Macmillan, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-56717-4>

VALENTE, C. *Prática policial e ordem moral: um estudo da relação moradores-polícia em uma comunidade em processo de pacificação*. 2016. 80f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

WATSON, R. D. Categorization, Authorization and Blame. Negotiation in Conversation. *Sociology*, [S.l.], v. 12, n. 1, p 105-113, 1978. DOI: <https://doi.org/10.1177/003803857801200106>

WATSON, R. D. The Presentation of Victim and Motive in Discourse: The Case of Police Interrogations and Interviews. *Victimology*, Washington, DC, v. 8, n. 1-2, p. 31-52, 1983.

XIE, C. (Im)Politeness, Morality and Internet. *Internet Pragmatics*, [S.l.], v. 1 n. 2, p. 205-214, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1075/ip.00010.xie>.

ZIZEK, S. *Violence*. London: Profile Books, 2008.



Racismo e violência verbal: a construção textual e sociocognitiva da #SomosTodosMacacos

Racism and verbal violence: the text and socio-cognitive construction of the #SomosTodosMacacos

Rafahel Jean Parintins Lima

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Passos, Minas Gerais / Brasil

rafahelparintins@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0128-3068>

Edwiges Maria Morato

Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP), Campinas, São Paulo / Brasil

edwiges@iel.unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0002-0986-2630>

Resumo: Este texto tem como objetivo discutir a violência verbal e o racismo a partir da análise da mobilização textual de *frames* de racismo na #SomosTodosMacacos em *corpus* de textos constituído na pesquisa de doutorado de Parintins Lima (2019). O *corpus* compõe-se de artigos de opinião publicados em jornais, revistas e portais de notícia do Brasil, produzidos em reação à #SomosTodosMacacos, publicada pelo jogador de futebol brasileiro Neymar Junior, no dia 27 de abril de 2014, nas redes sociais, depois que seu companheiro de equipe Daniel Alves sofreu um ato racista na Espanha. A metodologia consistiu na descrição, na identificação e no levantamento de *frames* de racismo emergentes no *corpus*, identificando os mais produtivos e observando seu papel na construção do sentido da #SomosTodosMacacos. O principal resultado do presente estudo é o de que a interpretação da #SomosTodosMacacos como racista ancora-se tanto em conhecimentos estabilizados e mobilizados textualmente na forma de *frames*, por exemplo, quanto em sentidos mobilizados ou construídos na tessitura textual desenvolvida nos artigos de opinião do *corpus*, principalmente pela associação do enunciado “Somos todos macacos” à representação do negro como macaco, enraizada

sócio-historicamente no evolucionismo europeu. Conclui-se que a interpretação da #SomosTodosMacacos como racista pode pautar-se por uma construção textual e sociocognitiva do *frame* de racismo, salientando o caráter violento da *hashtag* analisada.

Palavras-chave: racismo; violência verbal; texto; cognição; hashtag.

Abstract: This text aims to discuss verbal violence and racism by means of the analysis of racist frames deployed in #SomosTodosMacacos considering a corpus of texts constituted during the doctoral research by Parintins Lima (2019). The corpus was composed of opinion articles published in newspapers, magazines and news portals in Brazil, produced in reaction to the #SomosTodosMacacos published by Brazilian soccer player Neymar Junior, on April 27th, 2014 on social networks after his teammate Daniel Alves suffered a racist act in Spain. The methodology consisted of the description, identification and quantification of racism frames emerging in the corpus, identifying the most productive ones and observing their role in the meaning construction of #SomosTodosMacacos. The main result of the present study is that the interpretation of #SomosTodosMacacos as racist is anchored in stabilized and textually mobilized framed knowledge. The other result is that the hashtag's interpretation is also anchored in social meanings mobilized or constructed in the opinion articles mainly by the association of the statement "We are all monkeys" to the representation of black people as monkeys which is rooted socio-historically in European evolutionism. The conclusion is that the interpretation of #SomosTodosMacacos as racist can be based on textual and socio-cognitive constructions of racist frames, pointing out the hashtag's violent character.

Keywords: racism; verbal violence; text; cognition; hashtag.

Recebido em 19 de abril de 2020

Aceito em 09 de julho de 2020

1 Introdução: violência verbal e racismo

Tematizada por filósofos (ARENDDT, 1969; CHAÚÍ, 2018; FOUCAULT, 1975, entre outros), bem como por sociólogos (BOURDIEU, 1998; ELIAS, 1989, entre outros), a violência configura-se como um objeto de estudo regular e sistemático no âmbito de várias disciplinas científicas nas últimas décadas.

Uma concepção instrumental de violência no campo da sociologia, por exemplo, a compreende como força social cheia de sentido e dotada de

uma capacidade de estruturar a realidade, de forma a alcançar determinados objetivos (CORRADI, 2009). A violência racista estaria, assim, vinculada a determinados projetos sociopolíticos (cf. BETHENCOURT, 2018) que presidem não apenas as formas mais gerais de organização da vida social (por meio das guerras, da eliminação de povos inteiros, do controle da informação pela mídia etc.), como também da vida cotidiana (por meio da vigilância de regras e condutas morais, da prescrição da esfera comunitária, da “depuração” étnico-racial etc.). Sendo uma construção sociopolítica, a violência tem sido legitimada ou deslegitimada por grupos de poder que, entre outras coisas, decidem o que ela é, o que ela não é e em quais circunstâncias ela opera (CALDERÓN, 2018).

O estudo mais sistemático da violência ou da sua expressão sugere que a violência verbal e não verbal, emergindo de contingências sócio-históricas (CHAUÍ, 2018), não pode ser vista nem de forma naturalizada, como se fosse “inerente” às relações humanas, nem como um mero “ruído” social (cf. SILVA, 2017, p. 130). Do mesmo modo, sugere que, embora a violência verbal possa ser associada a fenômenos humanos como a descortesia ou a mentira, não se confunde com eles.

Como postulado por muitos estudiosos desse fenômeno social, a violência certamente manipula e controla comportamentos humanos, dentre eles, a linguagem. Utilizada de diversas maneiras em diferentes contextos da experiência sociocultural humana para intimidar, insultar, injuriar, humilhar, difamar, ameaçar, agredir, desonrar e coagir pessoas e comunidades inteiras, a violência verbal tem impactos psicossociais importantes, como o controle ou a restrição de mobilidade, o isolamento (in)voluntário, a limitação profissional, o adoecimento e mesmo o suicídio. Tal como a expressão da violência de ordem sexista, outras formas de violência encontram na linguagem um substrato importante para questionar ou afrontar a reputação ou a dignidade de outrem: críticas, insultos, interpelações, assédios, apelos obscenos, controle discursivo de determinados padrões morais, calúnia, sarcasmo, difamação, apelidos humilhantes.

A violência verbal, assim como outras formas de violência, é um conceito de importância ético-política fundamental para o entendimento das relações humanas, assim como o de cooperação e o de comunicação. Por vezes menos evidente do que a violência física e construída na interação social, essa forma de violência – que atinge sobremaneira comunidades tidas como “minoritárias” ou socialmente vulneráveis – não pode ser entendida como um dano menor fadado ao “esquecimento” e à indulgência.

Na dinâmica da vida cotidiana, a violência verbal ou não verbal e seus efeitos individuais ou coletivos podem ser apontados, analisados e, por vezes, socialmente controlados. De fato, esses efeitos seguem sendo perceptíveis, ainda que, por vezes, impunes, nas sociedades contemporâneas, mesmo as democráticas. Os efeitos de ordem psicológica e os de ordem econômica estão entre aqueles que acentuam as consequências mais evidentes, como o *bullying* e o impedimento do acesso ou da progressão profissional de determinados segmentos sociais e mesmo da autonomia econômica por meio de reprovações ou de controle da informação, por exemplo.

A reação social à violência verbal tem sido, pois, variada, com respostas construídas por diferentes atores, atitudes e circunstâncias, como os movimentos identitários ou as iniciativas populares e parlamentares de combate ao machismo, ao racismo, à homofobia etc. Com o desenvolvimento de práticas reflexivas em torno dos mecanismos de funcionamento e impactos da violência, seja no campo científico, seja do campo das reivindicações políticas, diferentes formas de violência verbal têm sido cada vez mais socialmente inadmissíveis ou mal toleradas, passando mesmo a serem consideradas crimes, submetidas aos rigores da lei, como as associadas ao racismo, à pedofilia e à homofobia, bem como as que se configuram como preconceito de gênero e de classe.

No campo científico, os estudos sobre violência verbal abordam com frequência as experiências sociais públicas e institucionais potencialmente geradoras de violência, tais como conflitos conversacionais (descortesia, mal entendido, sarcasmo etc.), discursos de ódio nas redes sociais, debates políticos e midiáticos, conflitos construídos no âmbito de serviços prestados à população (como, por exemplo, delegacia de polícia, atendimento hospitalar, PROCON – instituição brasileira de proteção e de defesa do consumidor), nas salas de aula, em sessões parlamentares ou judiciais, nos serviços de imigração, em manifestações sociais (como greves e outros atos públicos, por exemplo). Estudos como esses procuram destacar a importância da linguagem na circulação e na percepção da violência (cf. FELTES *et al.*, 2015; SILVA, 2017), bem como caracterizar a dinâmica interativa da violência verbal em situações comunicativas face a face (AUGER; MOÏSE, 2004).

Embora a relação entre violência e racismo seja pressuposta em diferentes teorias e abordagens em diferentes campos do conhecimento científico, ela não é evidente. A violência tem sido frequentemente

concebida como conjunto de práticas simbólicas e políticas de tomada do outro como não dotado de direitos e deveres, isto é, como sujeito não político (CHAUI, 2018, p. 29-36). É coerente com essa ênfase sociopolítica a ideia de que a violência é historicamente contextualizada e envolve a dominação, inferiorização e/ou ataque físico e psicossocial a determinadas coletividades (ou indivíduos a estas pertencentes), como as mulheres, os negros, os judeus, os idosos etc. É assim que a violência verbal pode ser tomada como (re)construção linguística das práticas ou processos sócio-históricos de violência.

Ainda que os estudos sobre violência verbal privilegiem contextos nos quais a violência é mais linguisticamente explicitada,¹ nem sempre a relação entre violência e linguagem é de natureza explícita. Tal é o caso do objeto do presente artigo, centrado na relação entre violência verbal e racismo presente explícita ou implicitamente na #SomosTodosMacacos (lê-se “*hashtag* somos todos macacos”).

A relação aqui enfatizada entre violência e racismo parte do entendimento do racismo como forma sócio-histórica de violência, isto é, como um tipo de violência desenvolvido em determinadas sociedades e culturas (que nem sempre o veem como tal), em determinados espaços geográficos e tempos históricos² (a Antiguidade, a Idade Média ou o século XIX, na Europa e nas nações colonizadas), por determinados atores e forças sociais (os europeus, os governos e/ou as classes dominantes), contra determinados povos (africanos, afrodescendentes, negros, estrangeiros, ciganos, indígenas etc.) e com determinados interesses, objetivos ou projetos políticos (a colonização, a exploração econômica, a eugenia etc.) (cf. BETHENCOURT, 2018; MUNANGA, 2003; REGINALDO, 2018).

¹ Neste texto, utilizam-se os termos “explicitude” e “implicitude” como categorias linguístico-textuais (HANKS, 2008; KOCH, 2004; MARCUSCHI, 2007). Assim, tais termos não se referem aqui às teorizações acerca da implicitude da violência e do racismo nas ações humanas, verbais ou não verbais, para os quais se reserva o termo corrente “sutil”.

² Não há consenso entre os historiadores sobre quando e onde surgiu o racismo. Bethencourt (2018), por exemplo, defende que ele surgiu na Europa medieval. No Brasil, no entanto, a ideia mais estabelecida nas Ciências Sociais e na História é a de que ele surgiu com o racismo científico e após a abolição da escravização de africanos, no século XIX (MUNANGA, 2003; REGINALDO, 2018).

Há, portanto, uma complexidade ontológica a ser destrinchada nas interações entre linguagem, violência e racismo. A partir desse arrazoado, este artigo procura contribuir com o estudo dos processos linguísticos e sociocognitivos implicados na violência verbal, apontando alguns aspectos da interação entre violência verbal, racismo e *frames* textualmente mobilizados. A atribuição de violência e de racismo a determinada forma linguística (entendida como categoria linguística textualmente emergente) é mediada tanto por processos textuais, quanto por processos sociocognitivos não estritamente verbais, como os *frames*, que podem ser entendidos, segundo Fillmore (1982), como “sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, é necessário entender toda a estrutura em que se insere” (FILLMORE, 1982, p. 111).³ Os *frames* dizem respeito, pois, a um enquadramento sociocognitivo das experiências humanas; no caso do objeto deste artigo, eles atuam na ativação e na mobilização de conhecimentos e experiências associadas ao racismo, enfatizando ou não, de forma relativamente saliente, seus elementos de violência.

No escopo deste trabalho, a violência verbal não é marcada necessariamente por um aumento de tensão contextualizado por gatilhos interativos de conflito associados ao uso de determinados atos de fala (AUGER; MOÏSE, 2004, p. 294), mas, sobretudo, pela evocação linguística e sociocognitiva de determinados tipos de violência, como o racismo, nem sempre bem compreendido ou identificado na vida cotidiana, principalmente quando (re)produzido por processos textuais-discursivos, como os referenciais e os intertextuais. Tais processos encontram-se conjugados na ação social que é orientar a significação e a atenção a algo no mundo (TOMASELLO, 1999, p. 97).

Os processos referenciais abarcam principalmente o uso de expressões referenciais que, junto com outras construções linguísticas, como as predicções, colaboram para a construção de objetos de discurso, isto é, “objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas”, ao (re)categorizarem os referentes (re)ativados ou remetidos por construções textuais (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 35). É assim que a #SomosTodosMacacos, uma

³Texto original: “By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits” (FILLMORE, 1982, p. 111, tradução de VEREZA, 2013, p. 114).

vez remetida ou introduzida no texto como referente, é categorizada inicialmente, no artigo de opinião *A bananização do racismo*, de Ana Maria Gonçalves (2014), por exemplo, como “ideia”, mas depois, no mesmo artigo, é recategorizada como “campanha” e “atitude de Neymar e de seu pai”, mobilizando, assim, determinados *frames* que também atuam na construção de uma perspectiva ou de um enquadramento cognitivo da *hashtag*.

Os processos intertextuais, por sua vez, estabelecem relações de sentido entre textos por meio tanto do uso de determinadas formas linguísticas que remetem, aludem ou citam um texto anterior tomado como conhecido, quanto de relações polifônicas com enunciadores presumidos, não necessariamente presentes em um texto específico (KOCH, 2004; KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2008). Notamos uma forte presença de formas intertextuais, nos artigos de opinião que constituem o *corpus* aqui analisado. Todos eles, como se verá no quadro 1 da próxima seção, remetem ao intertexto “Somos todos macacos”, principalmente nos títulos, como “Somos todos macacos coisa nenhuma”, “Não somos macacos”, “Somos todos bananas” etc.

Por meio da análise de processos referenciais e intertextuais, bem como dos *frames* de racismo por eles mobilizados no uso e na reação à #SomosTodosMacacos, pretende-se abordar, neste artigo, uma forma de violência verbal baseada em preconceito étnico-racial: a associação de pessoas negras a macacos, a que se podem alinhar enunciados nem sempre tomados como racistas, como é o caso de “Somos todos macacos”. A representação racista do negro como macaco pode ser entendida como uma representação de animalização do negro que possui uma história particular, envolvendo certas culturas (europeias, africanas, americanas, asiáticas etc.), fazendo parte do genocídio do povo negro nessas sociedades.

2 O *corpus* de artigos de opinião sobre a #somostodosmacacos

Este texto discute dados e análises presentes na pesquisa doutoral de Parintins Lima (2019),⁴ voltadas para construções intertextuais e

⁴ O trabalho de Parintins Lima (2019) consiste em sua tese de doutorado realizada no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP), sob a orientação da professora Dra. Edwiges Maria Morato. A tese foi desenvolvida com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

mobilizações de *frames* de racismo. O objetivo principal da pesquisa de Parintins Lima (2019, p. 18) foi o de identificar e discutir a construção textual e sociocognitiva do racismo e do antirracismo nos artigos de opinião intertextualmente relacionados à divulgação da #SomosTodosMacacos, em 27 de abril de 2014, por Neymar Junior ao empreender uma polêmica campanha antirracista por meio de suas redes sociais.⁵ O *corpus* analisado compõe-se de 10 (dez) artigos de opinião sobre a #SomosTodosMacacos, mobilizada amplamente pelas redes sociais e pela mídia brasileira após ter sido publicada pelo jogador de futebol Neymar Júnior (doravante NJ) e depois de este ter se valido dela (NEYMAR JÚNIOR, 2014) para reagir ao ataque racista sofrido em campo europeu pelo seu colega de time também brasileiro Daniel Alves, a quem foi lançada uma banana durante um certame na Espanha.

Tais artigos de opinião foram produzidos na imprensa comercial e na ativista na semana de lançamento da #SomosTodosMacacos, que recebeu grande adesão dos internautas. Parintins Lima (2019) observou que os sentidos identificados nas formas intertextuais e expressões referenciais de reação à #SomosTodosMacacos encontradas no *corpus* associam-se à saliência de diferentes elementos do *frame* de racismo, como o AGENTE, a VÍTIMA, a REAÇÃO AO RACISMO etc., indicando diferentes formas de construção sociocognitiva desse fenômeno social.

Para que o enunciado/intertexto “Somos todos macacos” da *hashtag* citada esteja ancorado em determinados sistemas de representação do racismo e seja uma expressão da violência verbal, é necessário compreender por que textos racistas como esse não são forçosamente proferidos por agentes de um grupo racial hierarquicamente considerado superior ao da vítima. Do mesmo modo, nem sempre a vítima sente-se humilhada ou colocada explicitamente “em seu lugar”. Assim, cabe indagar como o racismo desse enunciado, sem a explicitação de um agressor e de uma vítima, pode deixar de ser uma forma “subconsciente” de violência verbal. Este texto discute precisamente esse tipo de violência verbal sutil que invisibiliza ou dissimula o conteúdo racista do enunciado

⁵ A polêmica em relação à “campanha Somos Todos Macacos” girou principalmente em torno da evocação textual-discursiva de “macacos”, referência utilizada em insultos racistas para atacar pessoas negras. Um foco da polêmica menos contemplado, mas emergente, foi o envolvimento de uma agência de publicidade na criação da campanha, que teria, assim, dado menos espontaneidade à ação de NJ (PARINTINS LIMA, 2019).

“Somos todos macacos” por entender que a explicitação da confrontação é sempre recomendada no caso da naturalização do preconceito.

Embora possa conter um enunciado considerado racista (BRAGA; SANTOS, 2016; PARINTINS LIMA, 2019; PIRES; WEBER, 2018; SANTANA; BONINI; PRADOS, 2017), a #SomosTodosMacacos não é necessariamente interpretada de tal forma pelos leitores, usuários das redes sociais ou atores sociais relevantes que dela tomam conhecimento, em parte em decorrência da variedade de atores sociais que reagiram imediatamente à campanha iniciada por Neymar Júnior. Assim, foi possível encontrar artigos de opinião que se alinham⁶ e que se desalinham (DE COCK; PIZARRO PEDRAZA, 2018) aos sentidos atribuídos à *hashtag* e construídos como relevantes para a sua interpretação.

Entre os 10 textos que constituíram o *corpus* de sua pesquisa, Parintins Lima (2019, p. 285) encontrou aqueles que (i) tomaram a #SomosTodosMacacos como antirracista, (ii) aqueles que a consideraram um enunciado racista e (iii) aqueles para os quais seu sentido antirracista é questionável. Essa *hashtag* é retomada pelos articulistas tanto para denunciar o racismo, quanto para “inverter” localmente e performativamente os valores do estigma racista que toma o negro como macaco (de um valor negativo para um valor positivo). Segundo Parintins Lima (2019, p. 112), considerando que o uso da primeira pessoa do plural em “somos [...]” indicia enunciadores genéricos, essa estratégia textual-discursiva de “inversão” do valor de estigma da analogia ao macaco acaba abrindo “margem para a interpretação dos enunciadores genéricos [‘nós’] como formados pelos seres humanos em geral, evolutivamente (e figurativamente) engendrados a partir de espécies primatas não humanas” (PARINTINS LIMA, 2019, p. 112), possibilitando a interpretação do intertexto “Somos todos macacos” por meio de enquadres igualitaristas do tipo “somos todos humanos” ou “somos todos iguais” e, por fim, dando menor relevância à própria evocação da representação racista do negro como macaco, aludida principalmente pela categoria “macacos”. Assim, formas distintas de racismo e de antirracismo (igualitaristas e diferencialistas (COSTA, 2006; MUNANGA, 1999), por exemplo) configuram-se a partir de variadas

⁶ O alinhamento pode ser definido como a construção textual-discursiva de afiliação a determinado enunciador, ideia ou intertexto (cf. DE COCK; PIZARRO PEDRAZA, 2018, p. 6).

estratégias simbólicas (cf. BOURDIEU, 1989). Em função de sua sutil construção textual e sociocognitiva de sentidos, entende-se aqui que o enunciado “Somos todos macacos” se configura como um objeto de análise em torno do qual é possível observar a discussão sobre racismo e violência verbal racista em textos midiáticos de influência na opinião pública.

3 Principais *frames* e sentidos mobilizados na remissão à #somostodosmacacos no corpus

Antes de apresentar o levantamento de *frames* de racismo encontrados no *corpus*, cumpre descrevê-lo, ainda que resumidamente. As análises dos *frames* mobilizados nos textos basearam-se na metodologia desenvolvida por estudos do Grupo de Pesquisa COGITES, “Cognição, Interação e Significação”⁷ (BENTES; FERRARI, 2011; FERRARI, 2018; MARTINS, 2015; MORATO, 2010; MORATO; BENTES, 2013; MORATO *et al.*, 2017; PARINTINS LIMA, 2018, 2019) e no estudo discursivo de *frames* (ISHIKAWA; MIRANDA, 2017; MIRANDA; BERNARDO, 2013; MORATO; BENTES, 2013; VEREZA, 2013, dentre outros). Cabe assinalar, neste artigo, que, em relação à notação e à descrição de *frames* adotadas,⁸ adaptaram-se as convenções utilizadas pelos projetos *FrameNet*⁹ e *FrameNet Brasil*,¹⁰ conforme descrito em estudos anteriores (BENTES; FERRARI, 2011; MIRANDA; BERNARDO, 2013; FERRARI, 2018; ISHIKAWA; MIRANDA, 2017; MARTINS, 2015; MORATO, 2010; MORATO; BENTES, 2013; MORATO *et al.*, 2017; PARINTINS LIMA, 2018, 2019; VEREZA, 2013).

⁷ Informações sobre o Grupo de Pesquisa COGITES encontram-se disponíveis em: <http://cogites.iel.unicamp.br/>. Acesso em: 3 jan. 2020.

⁸ Para mais detalhes sobre as convenções de identificação, de notação e de descrição de *frames* adotadas, os seguintes trabalhos podem ser consultados: Morato *et al.* (2017); Morato e Bentes (2013); Miranda e Bernardo (2013); Vereza (2013); Morato (2010); Bentes e Ferrari (2011); Ferrari (2018); Martins (2015); Parintins Lima (2019).

⁹ Informações sobre o projeto *FrameNet* estão disponíveis em: <https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/frameIndex>. Acesso em: 13 fev. 2020.

¹⁰ Informações sobre o projeto *FrameNet Brasil* estão disponíveis em: <http://webtool.framenetbr.ufjf.br/index.php/webtool/report/frame/main>. Acesso em: 12 fev. 2010.

Os artigos de opinião analisados foram os seguintes:¹¹

QUADRO 1 – Artigos de opinião do *corpus*

Sigla	Título	Autor	Profissão	Suporte	Identificação do Suporte	Data de publicação	Fonte
T1	<i>Somos todos macacos</i>	Emir Sader	Cientista político e sociólogo	Portal de notícias	<i>Carta Maior</i>	28/04/2014	Sader (2014)
T2	<i>#Somos Todos Macacos Coisa Nenhuma</i>	Marcos Sacramento	Jornalista	Portal de notícias	<i>Diário do Centro do Mundo</i>	28/04/2014	Sacramento (2014)
T3	<i>Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor!</i>	Douglas Belchior	Ativista e professor de História	Revista	<i>CartaCapital</i>	28/04/2014	Belchior (2014)
T4	<i>Não somos macacos</i>	Breiller Pires	Jornalista	Revista	<i>Placar</i>	28/04/2014	Pires (2014)
T5	<i>#somostodosbananas</i>	Mirelle Martins	Jornalista	Portal de notícias	<i>HuffPost Brasil</i>	28/04/2014	Martins (2014)
T6	<i>Somos todos humanos</i>	Hélio Silva Jr.	Advogado	Jornal	<i>Folha de S. Paulo</i>	29/04/2014	Silva Júnior (2014)
T7	<i>Somos todos macacos</i>	Artur Xexéo	Jornalista	Jornal	<i>O Globo</i>	30/04/2014	Xexéo (2014)
T8	<i>Somos todos macacos?</i>	Deivison Campos	Cientista da Comunicação	Jornal	<i>Zero Hora</i>	30/04/2014	Campos (2014)
T9	<i>A bananização do racismo</i>	Ana Maria Gonçalves	Escritora	Portal de notícias	<i>Geledés</i>	01/05/2014	Gonçalves (2014)
T10	<i>Racismo não</i>	Camila Brandalise	Jornalista	Revista	<i>ISTOÉ</i>	03/05/2014	Brandalise (2014)

Fonte: Parintins Lima, (2019, p. 151).

Vejam-se, a seguir, as definições do (super) *frame* RACISMO e dos principais *frames* a ele conectados encontrados no *corpus* da pesquisa de Parintins Lima (2019). O processo de delineamento da definição

¹¹ Os artigos de opinião analisados não são disponibilizados em sua íntegra, neste artigo, para a preservação dos direitos autorais dos jornais, revistas e portais nos quais foram publicados.

do *frame* RACISMO consistiu, em linhas breves, na discussão teórica sócio-histórica e na observação de verbetes de dicionário em diferentes línguas (PARINTINS LIMA, 2019, p. 161-167).

QUADRO 2 – Definição do *frame* RACISMO

<i>Frame</i>	Definição
RACISMO	Entre os SERES HUMANOS há pelo menos dois GRUPOS RACIALIZADOS estabelecidos a partir de suas CARACTERÍSTICAS FÍSICAS. As CARACTERÍSTICAS FÍSICAS (morfofenotípicas) determinam CARACTERÍSTICAS CULTURAIS (comportamento, psique, cultura, linguagem etc.) de forma que há uma dominação do GRUPO RACIAL DESVALORIZADO, com características inferiores(izadas) (negativamente valoradas, rejeitadas), pelo GRUPO RACIAL VALORIZADO, com características superiores (positivamente valorizadas, prestigiadas).

Fonte: Parintins Lima (2019, p. 164, adaptado).

Parintins Lima (2019) identificou no *corpus* a predominância de elementos do *frame* RACISMO que salientam a representação do racismo como um objeto ou processo social (recorrência do elemento RACISMO) que aflige determinados grupos racializados de maneira hostil e violenta (recorrência do elemento VÍTIMA do *frame* RACISMO). Assim, pode-se dizer que o racismo, nos dados de Parintins Lima (2019), é concebido como processo social ligado ideologicamente à violência, uma vez que se destaca o sofrimento dos que são vitimizados pelo racismo. Trata-se, portanto, de uma forma particular de emergência do *frame* RACISMO, relativamente diferente da esperada pela definição no quadro acima, tomada como mais estabilizada, a partir da qual o racismo é concebido mais como uma estrutura social hierárquica e de dominação étnica, e não necessariamente como um *habitus* social (e racial) que causa sofrimento.

Apresenta-se a seguir a definição dos principais *frames* conectados textual e sociocognitivamente ao *frame* RACISMO no *corpus* da pesquisa:

QUADRO 3 – Definição dos principais *frames* conectados ao *frame* RACISMO

<i>Frame</i>	Definição
INSULTO	A PARTE OFENSORA usa palavras, imagens ou gestos (INSULTO) para atacar verbalmente a PARTE OFENDIDA. ¹²
EVOLUCIONISMO	ESPÉCIES ANCESTRAIS geram outras ESPÉCIES por meio das LEIS DA EVOLUÇÃO, no decorrer de um PERÍODO DE TEMPO EVOLUTIVO. As ESPÉCIES CONTEMPORÂNEAS são consideradas biologicamente superiores às ESPÉCIES ANCESTRAIS. ¹³
CIVILIZAÇÃO	O POVO CIVILIZADO é culturalmente superior ao POVO BÁRBARO EXÓGENO. ¹⁴
ESCRavidÃO	Um POVO ESCRAVOCRATA submete outro POVO ESCRAVIZADO à situação de ESCRAVIDÃO, definida centralmente pelo TRABALHO FORÇADO, isto é, sem soldo, por meio da PRIVAÇÃO DE LIBERDADE. ¹⁵

Fonte: elaboração própria.

¹² Definição adaptada do *frame* Cause_emotion assim definido pelo projeto *FrameNet*: “Um Agente causa determinada emoção em um Experienciador” (definição original em inglês: “An Agent acts to cause a Experiencer to feel a certain emotion”). Disponível em: <https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/frameIndex>. Acesso em: 2 jan. 2010.

¹³ Definição adaptada de uma das acepções encontradas em verbete de dicionário, apresentada anteriormente em Parintins Lima (2019, p. 172): “e·vo·lu·ci·o·nis·mo sm [...] 3 FILOS Pensamento filosófico do século XIX que explica as transformações e evoluções da natureza, com todos os seres vivos e inanimados, através de uma ordem imanente, previsível e inevitável, que provoca o desenvolvimento em direção a estágios mais avançados e aperfeiçoados”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/evolucionismo/>. Acesso em: 2. jan. 2020.

¹⁴ Definição baseada em uma das acepções encontradas em verbete de dicionário: “3 Estágio de desenvolvimento econômico, científico e tecnológico de uma sociedade”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/civilização/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

¹⁵ Definição baseada em uma das acepções encontradas no verbete de dicionário: “2 Sistema social e econômico fundado na escravização de pessoas; exploração do trabalho escravo; escravagismo, escravatura, escravismo [...]”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/escravidão/>. Acesso em: 2 jan. 2020). O elemento Privação_de_liberdade pode ser concebido a partir do *frame* Estar_em_cativeiro, assim definido pelo projeto *FrameNet* Brasil: “Um Tema é mantido em cativeiro por um Agente ou uma Causa”, disponível em: <http://webtool.framenetbr.ufjf.br/index.php/webtool/report/frame/main>. Acesso em: 2 jan. 2020.

Observa-se que os *frames* acima consistem, de forma mais ou menos clara, em *frames* de violência, principalmente o *frame* INSULTO, que se relaciona com a violência verbal. Os outros *frames* também podem ser tomados como *frames* de violência a partir de determinados pontos de vista históricos, por consistirem em formas históricas de opressão de um povo contra outro.

Para destacar a relação entre violência verbal e racismo no *corpus*, apresenta-se a seguir uma súmula dos principais sentidos textualmente construídos em artigos de opinião motivados pela publicação da #SomosTodosMacacos. Esses sentidos são enquadrados conceptualmente por determinados *frames* associados ao racismo, ora de forma coordenada, ora de forma entrelaçada, ora de forma saliente (isto é, a partir da instanciação de certas propriedades do *frame*, como GRUPO RACIAL, AGENTE, VÍTIMA ou outra propriedade ou elemento do *frame*). Em termos breves, o estudo de Parintins Lima (2019, p. 87-120) aponta como principais sentidos ou enquadres interpretativos da #SomosTodosMacacos:

- (a) Determinada concepção de evolucionismo, que remonta ao racismo científico europeu do século XIX. Esse sentido é textualmente evocado na *hashtag* pelo uso da categoria “macacos”, com a colaboração do uso de imagens, da referência a bananas nas postagens das redes sociais que veicularam a *hashtag* e dos contextos, eventos ou ações racistas neles envolvidos (o ato racista sofrido por Daniel Alves e outros atos racistas, principalmente os que ocorrem nos campos de futebol);
- (b) A tese de igualdade e/ou de igualitarismo (racial, particularmente), que remonta às ideologias liberais europeias nascentes no Iluminismo. Esse sentido está ancorado linguisticamente na predicação “Somos todos” relacionada ao intertexto “Somos todos iguais”;
- (c) Demonstração de solidariedade a vítimas de violência. Esse sentido também está ancorado linguisticamente na predicação “Somos todos”, relacionada a intertextos do tipo *Somos todos N*.¹⁶

¹⁶ Os intertextos *Somos todos N* são aqueles que, iniciados pela construção “Somos todos”, consistem em textos responsivos a eventos sociais de violência, que afligiram determinada pessoa ou coletividade por ela representada. Exemplo: “Somos todos Charlie Hebdo”, “Somos todos Guarani-Kaiowá”, “Somos todos Amarildo” etc. (PARINTINS LIMA, 2019, p. 96).

Pode-se considerar o primeiro sentido ou enquadre (item i) como o mais diretamente relacionado ao sentido de violência, por licenciar o tratamento social e a construção sociocognitiva da população negra como racialmente inferior.¹⁷ Esse sentido é construído principalmente, no *corpus*, pela mobilização dos *frames* RACISMO, INSULTO e EVOLUCIONISMO, e é o principal responsável histórico pela representação do negro como macaco, uma das mais recorrentes representações racistas das pessoas negras (BRADLEY, 2013; MENDES, 2016; PARINTINS LIMA, 2019).

A representação do negro como macaco, de base evolucionista, é também o principal foco da construção textual e sociocognitiva dos sentidos atribuídos à #SomosTodosMacacos nos artigos de opinião encontrados no *corpus*. Essa representação expressiva do negro como macaco para o enquadramento do enunciado/intertexto “Somos todos macacos” pode ser apontada como a mais produtiva no *corpus* na dinâmica textual e sociocognitiva de *frames* associados ao racismo, conforme apresentado a seguir.

4 Elementos linguístico-conceptuais de violência na mobilização de *frames* de racismo no *corpus*

Nesta seção, destacam-se os “traços” de sentido predominantes encontrados por Parintins Lima (2019) no *corpus*, relevantes aqui para a discussão sobre violência verbal e racismo, e a sua relação com a mobilização de *frames* de racismo. O item (i) apresentado a seguir diz respeito a uma relação entre a representação do negro como macaco e o enquadramento racista de formas linguísticas textualmente introduzidas no *corpus*; o item (ii) diz respeito ao papel predominante dessa representação no enquadramento do enunciado/intertexto “Somos todos macacos” como racista; o item (iii) indica a importância de *frames* textualmente mobilizados de racismo nesse enquadramento. Os sentidos mais relevantes nos textos são, assim, os seguintes:

¹⁷ Segundo Gould (1991), o Evolucionismo também esteve historicamente ligado à construção das mulheres e das crianças (e de outras categorias socialmente desprezadas pela visão de mundo masculina e europeia daquela época) como seres biologicamente primitivos.

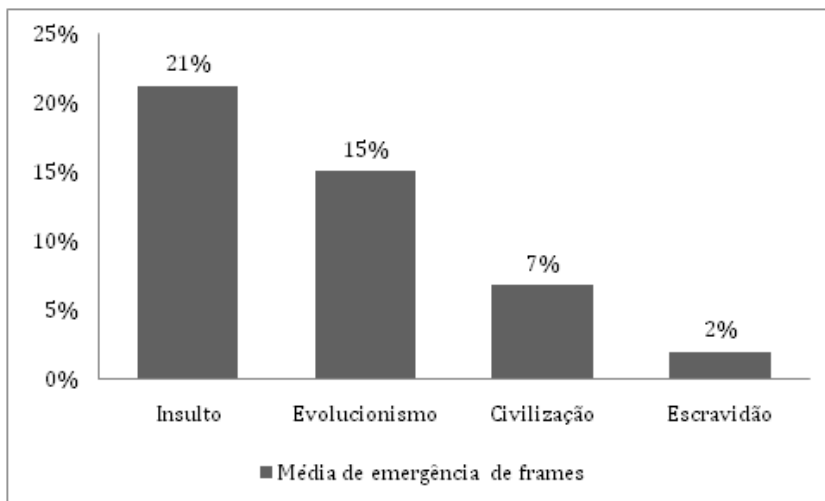
- (i) Representação racista do negro como macaco enquanto construção fundamental para a ancoragem sociocognitiva de formas linguísticas que, em outras circunstâncias ou práticas discursivas, não necessariamente seriam consideradas racistas, como o enunciado “Somos todos macacos”. No trecho do texto 2 do *corpus* apresentado no exemplo 2, por exemplo, a forma linguística textualmente introduzida “Chamar uma pessoa de cor de macaco” remete ao enunciado “Somos todos macacos”, relacionando-o à representação do negro como macaco e, assim, categorizando-o como um enunciado racista;
- (ii) Relevância da representação do negro como macaco no enquadramento do enunciado/intertexto “Somos todos macacos” no *corpus*, dentre outras formas de enquadramento, como no uso da expressão referencial no texto 8 “manutenção de um discurso de desumanização do negro, iniciado há quase 600 anos por pressupostos evolucionistas”. Como se vê no exemplo 1 apresentado adiante, essa expressão remete ao enunciado “Somos todos macacos” relacionando-o à representação do negro como macaco, aludida, por sua vez, pela categorização “um discurso de desumanização do negro [...]”;
- (iii) Relevância de *frames* de racismo (principalmente RACISMO, INSULTO e EVOLUCIONISMO), ligados a violência (racista), no enquadramento do enunciado/intertexto “Somos todos macacos” no *corpus* (FIGURA 1)¹⁸ mobilizados não apenas pelas expressões linguísticas consideradas racistas (como na menção a “tição”, no texto 2, no exemplo 2), mas também na mobilização de conhecimentos por meio de construções textuais, como “um apelido”, “desumanização do negro” e “pressupostos evolucionistas”, no texto 8, no exemplo 1.

Nota-se que a relevância da representação do negro como macaco no *corpus* (itens i e ii acima) pode ter sido motivada pelo próprio contexto de publicação da #SomosTodosMacacos: o ato racista sofrido por Daniel Alves (DA), no qual torcedores lhe jogaram bananas durante

¹⁸ Entende-se aqui que a relevância quantitativa indicada pelo gráfico da figura 1 sugere uma relevância qualitativa (MIRANDA; BERNARDO, 2013, p. 87) indicada também nos comentários analíticos sobre os exemplos apresentados.

um jogo de futebol em um estádio espanhol. No *corpus*, a relevância da representação do negro como macaco é enquadrada principalmente pelos *frames* INSULTO e EVOLUCIONISMO. Assim, a principal focalização realizada pelos textos analisados na remissão à #SomosTodosMacacos é a evocação coordenada dessa representação enquanto insulto e a sua relação com o evolucionismo, conforme indica a orientação argumentativa dos textos quando o principal *frame*, RACISMO, é mobilizado. Na comparação entre as médias de mobilização dos *frames* conectados ao *frame* RACISMO no *corpus* (FIGURA 1), também se pode inferir essa tendência de mobilização coordenada de sentidos de insulto e de evolucionismo na mobilização da representação do negro como macaco:

FIGURA 1 – Médias de emergência de *frames* conectados ao *frame* Racismo no *corpus*



Fonte: elaboração própria.

Considerou-se que cada mobilização de *frame* corresponde a cada expressão referencial que evoca conhecimentos organizados em *frames*. Em relação a esses números, cabe dizer que foram encontradas 793 mobilizações de 07 *frames* de racismo, dentre os quais os acima apresentados e anteriormente definidos foram os mais frequentes. Para que se possa ter uma ideia dos dados absolutos, observa-se que houve entre n=45 (texto 8) e n=167 (texto 9) mobilizações de *frames* de racismo

em cada texto. A seguir, apresentam-se exemplos do apontado nos itens i, ii e iii.

Como se pode notar no trecho a seguir, extraído do texto 8, intitulado *Somos todos macacos?*, do professor de Jornalismo Devisom Campos, publicado no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre (RS) (CAMPOS, 2014, [s.p.]), observa-se que a representação do negro como macaco orienta sociocognitivamente o sentido do enunciado “Somos todos macacos”. Nesse extrato, os *frames* RACISMO e EVOLUCIONISMO são mobilizados conjunta e entrelaçadamente (cf. VEREZA, 2013) de forma a enquadrar o enunciado “Somos todos macacos”, a que o título remete sob forma de indagação/questionamento. O enquadramento interpretativo e argumentativo do enunciado por meio da mobilização desses *frames* é mais explicitado pela expressão referencial “manutenção de um discurso de desumanização do negro, iniciado há quase 600 anos por pressupostos evolucionistas”. Essa expressão referencial alude à anterior, “O argumento utilizado pela campanha lançada por Neymar”, que, por sua vez, também remete ao título intertextualmente questionador “Somos todos macacos?”:

Exemplo 1

Texto 8:	Somos todos macacos?
Data de publicação:	30 de abril de 2014
Suporte:	Jornal <i>Zero Hora</i>
Autor:	Devisom Campos
[...]	[...]
§2/6 ¹⁹	O argumento utilizado pela campanha lançada por Neymar, proposto por uma agência de publicidade, e que teve grande repercussão nas redes não é suficiente, pois, neste caso, não se trata de um apelido que pode “pegar ou não”. ²⁰ Trata-se da <u>manutenção de um discurso de desumanização do negro, iniciado há quase 600 anos por pressupostos evolucionistas.</u>

¹⁹ A notação “§2/6” indica que o trecho foi extraído do parágrafo 2 dentre os 6 parágrafos do artigo (PARINTINS LIMA, 2019).

²⁰ O argumento aludido é o de que se assumir como macaco poderia ser uma forma de não se ofender com a categorização racista (o “apelido”) e, portanto, poderia ser uma forma de reação aos insultos racistas.

No *corpus* da pesquisa, também se pode observar o enquadramento da #SomosTodosMacacos por meio da construção referencial da representação do negro como macaco, como no exemplo 2, a seguir. Nesse exemplo, o intertexto “Somos todos macacos”, remetido pelo título “#Somos todos macacos coisa nenhuma”, é categorizado pela expressão verbal nominalizada “Chamar uma pessoa de cor de macaco”, que mobiliza o *frame* INSULTO.

O *frame* INSULTO é mobilizado pela expressão racista “tição”, mas também, e principalmente, pela referência à expressão linguística sublinhada da representação do negro como macaco, “Chamar uma pessoa de cor de macaco”, recategorizada como “um dos xingamentos mais comuns e cruéis” e predicada, mais adiante, por “É pesado e cheio de subtextos, diferente de ‘tição’, por exemplo, que alude só ao tom da pele”.

A conexão entre os *frames* INSULTO e EVOLUCIONISMO pode ser identificada na recategorização de “macaco” como “um animal que, apesar de semelhante aos humanos, está alguns andares abaixo na escala evolutiva”. Essas expressões referenciais e predicções colaboram, assim, nesse exemplo, para enquadrar o intertexto “Somos todos macacos” como racista, ao mobilizarem os *frames* INSULTO e EVOLUCIONISMO.

Exemplo 2

Texto 2:	#Somos todos macacos coisa nenhuma
Data de publicação:	28 de abril de 2014
Suporte:	Portal de notícias <i>Diário do Centro do Mundo</i>
Autor:	Marcos Sacramento
[...]	[...]
§3/6	<u>Chamar uma pessoa de cor de macaco é um dos xingamentos mais comuns e cruéis.</u> Coloca o negro em uma posição subalterna em relação ao branco, ao aludir a <u>um animal que apesar de semelhante aos humanos está alguns andares abaixo na escala evolutiva.</u> <u>É pesado e cheio de subtextos, diferente de “tição”, por exemplo, que alude só ao tom da pele.</u>

Nesse exemplo, bem como no anterior, pode-se atestar a construção textual e sociocognitiva do intertexto “Somos todos macacos” por meio de expressões referenciais e predicções que mobilizam *frames*

ligados a racismo. Esses *frames*, por sua vez, enquadram esse enunciado de forma a relacioná-lo relevantemente ao sentido estigmatizante, racista e evolucionista da representação do negro como macaco. Atesta-se, assim, a validade das observações dos itens (i), (ii) e (iii) apresentados anteriormente nesta seção: a representação racista do negro como macaco como construção sociocognitiva fundamental para o enquadramento de expressões linguísticas que não necessariamente são interpretadas como racistas (“somos todos macacos”, por exemplo) (item i); a relevância da representação do negro como macaco no enquadramento do intertexto “Somos todos macacos” no *corpus* (item ii); e a relevância de *frames* ligados à violência no *corpus* por expressões verbais racistas e outras construções textuais que mobilizam esses *frames* de racismo (item iii).

Assim, observa-se, no *corpus*, que o enquadramento da #SomosTodosMacacos como um enunciado racista ancora-se, em parte, em conhecimentos organizados e mobilizados textualmente pelos *frames* RACISMO, INSULTO e EVOLUCIONISMO (PARINTINS LIMA, 2019, p. 151), conforme se pode observar nas construções textuais-discursivas analisadas.

5 Considerações finais

Com o objetivo de desvelar aquilo que a linguagem nem sempre explicita *per se*, procurou-se neste artigo observar a relação textual e sociocognitiva entre racismo e violência verbal. Observou-se que tal relação se mostra de maneira dinâmica, tanto nos alinhamentos e desalinhamentos intertextuais à #SomosTodosMacacos, quanto nos *frames* que, de forma coordenada e entrelaçada, atuam na conceptualização do racismo e na defesa de teses e arrazoados antirracistas.

Está a caracterizar a relação entre racismo e violência verbal não apenas a adesão ambivalente à performatividade inclusiva da *hashtag* (tal como ocorre na defesa da tese de que somos todos macacos porque somos todos humanos – negros ou não –, com uma mesma história evolutiva), mas também o que nela está ausente ou silenciado: a descomunal desigualdade social, a heterogeneidade da filogênese humana, o grau variado de reflexividade sobre representações racistas e antirracistas em enunciados próprios ou alheios.

Os dados aqui apresentados apontam, como se procurou mostrar no escopo deste artigo, para um tipo de violência verbal mais insidioso

(isto é, aquele que não se apresenta como tal), que acaba por reforçar a hipótese de um novo racismo, um racismo dito *sutil*, que não se pretende racista (LEACH, 2005; WHITEHEAD, 2018), e para uma “violência simbólica”, que também não se apresenta como tal (BOURDIEU, 1977, p. 192).

A análise textual e sociocognitiva dos artigos de opinião que reagiram à #SomosTodosMacacos indica que não apenas a associação entre pessoas negras e macacos, como também o próprio enunciado “Somos todos macacos”, por mobilizarem tanto *frames* racistas, quanto antirracistas, encontram-se na esfera da violência verbal, constituindo-se um dos xingamentos racistas mais recorrentes: o do negro como macaco.

Nossa análise aponta, ainda, a emergência de práticas textuais-discursivas de contenção de formas linguísticas consideradas politicamente incorretas, como as racistas. Isso de algum modo é indicativo da presença de uma reflexividade discursiva, isto é, de um:

[...] reconhecimento de todo um conjunto de conhecimentos compartilhados e coletivizados em torno do racismo brasileiro e de suas formas de manifestação e contenção, mesmo que esses conhecimentos sejam distribuídos de forma desigual e estejam, atualmente, no centro das disputas político-ideológicas (MORATO; BENTES, 2017, p. 14)

Esse reconhecimento a que se referem as autoras acima indica que as práticas textuais-discursivas de (re)construção da estabilidade sociocognitiva do *frame* RACISMO, ao salientarem os elementos constitutivos da violência, tornam-se fundamentais para que haja sentido social no seu enfrentamento, na identificação do contexto situacional de produção dos enunciados e na reação pública a eles.

Se, por um lado, a percepção social em torno da violência verbal ligada ao racismo aumenta nos últimos tempos e atua como “uma estratégia política fundamental das sociedades pós-modernas” (MORATO; BENTES, 2017, p. 14), as práticas racistas, por outro lado, têm recrudescido. De acordo com o Atlas da Violência de 2018 (CERQUEIRA *et al.*, 2018), elaborado pelo IPEA e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a violência física no Brasil é essencialmente racial: “71,5% das pessoas que são assassinadas a cada ano no país são pretas ou pardas. Se forem consideradas as mortes causadas por forças policiais, 76,6% das vítimas são negras” (LEONE, 2019, [s.p.]).

Com base nesses dados, entende-se que um dos alcances de estudos como este, como o de Parintins Lima (2019) e os de muitos outros, é a colaboração para a explicitação e detalhamento analítico das bases linguísticas e conceptuais do racismo, sempre ancoradas nas experiências humanas. Como afirma Morato (2018, p. 175), “é inegável que o conhecimento de processos a que ela (a linguagem) faz referência ou constrói abre espaço para mudanças epistêmicas e para uma composição de forças mais dinâmica no jogo social”. A visibilidade do racismo e da violência essencial que o move e o caracteriza, bem como sua comunicação à comunidade acadêmica ou não, é, assim, condição para o combate contra ele e faz parte da luta para a sua superação.

Vale notar, no ponto em que estamos, que as atuais políticas de inclusão e de reparação racial ainda devem ser fortalecidas, ampliadas e aperfeiçoadas para que o Brasil supere a violência do racismo estrutural que o caracteriza, em parte devido à sua naturalização, baseada, por exemplo, na fundamental relutância em admitir sua existência. Como afirma Guilherme Azevedo, o racismo está intimamente associado à violência: “O racismo é naturalizado na sociedade muito antes da intervenção do Estado e vem se perpetuando” (AZEVEDO *apud* SANTOS, 2018, [s.p.]). Tal arrazoado aponta para a necessidade de incremento da reflexividade social sobre o racismo, mesmo entre os que se perfilam em posições antirracistas ou aderem a discursos e práticas não racistas: “Não olhamos para a violência racial do mesmo modo que olhamos para a violência como um todo. Não está no foco do Direito Penal, nem da política de segurança pública e tampouco da mídia”, continua Azevedo (AZEVEDO *apud* SANTOS, 2018, [s.p.]). Identificar as sutilezas verbais do racismo nos mais diferentes contextos e práticas sociais pode colaborar com a identificação, a análise e a superação desse tipo de violência.

Agradecimentos

A pesquisa de Parintins Lima (2019) foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Declaração das contribuições de cada autor

Os autores Rafahel Parintins Lima e Edwiges Maria Morato produziram colaborativamente este artigo. A pesquisa de doutorado relatada no texto foi desenvolvida por Rafahel Parintins Lima, sob a orientação de Edwiges Morato, no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-UNICAMP). Ambos os autores conceberam e planejaram a escrita do presente artigo. Rafahel Parintins Lima escreveu uma primeira versão do texto, participando da escrita de todas as seções, principalmente do Resumo, do *Abstract* e das seções 2, 3 e 4, revisando as versões seguintes do manuscrito, assim como formatando a versão final. Edwiges Morato participou da escrita de todas as seções, principalmente da Introdução e das Considerações Finais, bem como da revisão de todas as seções do manuscrito.

Referências

- ARENDDT, H. *On Violence*. San Diego: Harcourt Brace & Company, 1969.
- AUGER, N.; MOÏSE, C. Violence verbale, malentendu ou mésentente. *In: COLLOQUE DU DEPARTEMENT DE FRANÇAIS*, 1., 2004, Sousse. *Actes [...]*. Sousse: Département de Français; Faculté des Lettres; Université de Sousse, 2004. p. 293-302. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00965954>. Acesso em: 11 fev. 2020.
- BELCHIOR, D. Contra o racismo, nada de bananas, nada de macacos, por favor! *CartaCapital*, São Paulo, 28 abr. 2014. Disponível em: <http://negrobelchior.cartacapital.com.br/contra-o-racismo-nada-de-bananas-por-favor/>. Acesso em: 2 jan. 2020.
- BENTES, A. C.; FERRARI, N. L. “E agora o assunto é trabalho”: organização da experiência social, categorização e produção de sentidos no programa Manos e Minas. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literário*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 75-93, 2011. DOI: 10.35520/diadorim.2011.v10n0a3936. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334660390_E_agora_o_assunto_e_trabalho_organizacao_da_experiencia_social_categorizacao_e_producao_de_sentidos_no_programa_manos_e_minas. Acesso em: 11 fev. 2020.
- BETHENCOURT, F. *Racismos: das cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BOURDIEU, P. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511812507>

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Russel, 1989.

BOURDIEU, P. *La Domination Masculine*. Paris: Seuil, 1998.

BRADLEY, J. The Ape Insult: A Short History of a Racist Idea. *The Conversation*, Boston, 30 mai. 2013. Disponível em: <http://theconversation.com/the-ape-insult-a-short-historyof-a-racist-idea-14808>. Acesso em: 20 jul. 2019.

BRAGA, L. M. da S.; SANTOS, F. C. Descasque e veja: a campanha #somostodosmacacos e o racismo. *Anagrama*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 1-14, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/108976>. Acesso em: 11 fev. 2020.

BRANDALISE, C. Racismo não. *ISTOÉ*, São Paulo, 3 mai. 2014. Disponível em: https://istoe.com.br/360837_RACISMO+NAO/. Acesso em: 2 jan. 2020.

CALDERÓN, R. U. Violence and Social Exclusion in Urban Contexts in Central America. In: SALAHUB, J. E.; GOTTSBACHER, M.; BOER, J. de (org.). *Social Theories of Urban Violence in the Global South: Toward Safe and Inclusive Cities*. New York: Routledge, 2018. p. 99-120. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781351254724-7>

CAMPOS, D. Somos todos macacos? *Zero Hora*, Porto Alegre, 30 abr. 2014. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/2014/04/30/artigo-somos-todos-macacos/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

CERQUEIRA, D. et al. *Atlas da Violência 2018*. Rio de Janeiro: IPEA/FBSP, 2018. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/9/atlas-2018>. Acesso em: 2 jan. 2020.

CHAUÍ, M. *Sobre a violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CORRADI, C. Violence, identité et pouvoir: pour une sociologie de la violence dans le contexte de la modernité. *Socio-logos*, Paris, v. 4, p. 1-11, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/socio-logos/2296>. Acesso em: 11 fev. 2020.

COSTA, S. *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

DE COCK, B.; PIZARRO PEDRAZA, A. From Expressing Solidarity to Mocking on Twitter: Pragmatic Functions of Hashtags Starting with #jesuis Across Languages. *Language in Society*, Cambridge, v. 47, n. 2, p. 197-217, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0047404518000052>. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-in-society/article/from-expressing-solidarity-to-mocking-on-twitter-pragmatic-functions-of-hashtags-starting-with-jesuis-across-languages/35A5F5AA82A4489B754F40F1F6140ABE>. Acesso em: 11 fev. 2020.

ELIAS, N. *La civiltà delle buone maniere*. La trasformazione dei costumi nel mondo aristocratico occidentale. Bologna: Il Mulino, 1989.

FELTES, H. P. de M. *et al.* Metaphors, Metonymies and Empathy in Focal Groups Talk about Urban Violence in Brazil: A Dynamic Discourse Approach. *Investigações*, Recife, v. 28, n. 2, p. 1-33, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1547>. Acesso em: 14 jan. 2020.

FERRARI, N. L. *A conceptualização da corrupção no discurso político: construção referencial e mobilização de frames nos debates presidenciais brasileiros de 2014*. 2018. 160f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333203>. Acesso em: 11 fev. 2020.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (org.). *Linguistics in the Morning Calm: Selected Papers from SICOL-1981*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-137. Disponível em: http://brenocon.com/Fillmore%201982_2up.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

FOUCAULT, M. *Surveiller et punir: naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 1975.

GONÇALVES, A. M. A bananização do racismo. *Geledés*, São Paulo, 1 maio 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/bananizacao-racismo-por-ana-maria-goncalves/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

GOULD, S. J. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HANKS, W. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.

ISHIKAWA, C. M. L.; MIRANDA, N. S. Construindo um Pacto Social em sala de aula de Língua Portuguesa. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 70-92, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/5>. Acesso em: 11 fev. 2020.

KOCH, I. V. *Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, I. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.

LEACH, C. W. Against the notion of a “new racism”. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, New Jersey, v. 15, p. 432-445, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1002/casp.841>

LEONE, I. Caminhos do racismo brasileiro: violência, trabalho, escravidão. *CartaCapital*, São Paulo, 28 fev. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/caminhos-do-racismo-brasileiro-violencia-trabalho-escravidao/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

MARCUSCHI, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARTINS, E. F. M. *Frames neoliberais na retórica neopentecostal: aspectos referenciais e sociocognitivos*. 2015. 233f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2015. Disponível em: http://taurus.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270611/1/Martins_ErikFernandoMiletta_D.pdf. Acesso em: 11 fev. 2020.

MARTINS, M. Somos todos bananas. *HuffPost Brasil*, [S.l.], 28 abr. 2014. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/mirelle-martins/somostodosbananas_b_5228743.html?ec_carp=4%5D589266521768700598. Acesso em: 2 jan. 2020.

MENDES, L. D. *O macaco, a banana e o preconceito racial: um estudo sobre a metáfora no discurso*. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2016. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3568>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MIRANDA, N. S.; BERNARDO, F. C. Frames, discurso e valores. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 1, p. 81-98, 2013. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v55i1.8636596>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636596>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORATO, E. M. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 41, p. 93-113, 2010. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/41/artigo4.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MORATO, E. M. Processos de (des)legitimação linguístico-cognitiva: notas sobre o campo das patologias. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 38, n. 105, p. 159-178, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622018000200159. Acesso em: 11 fev. 2020.

MORATO, E. M.; BENTES, A. C. Frames em jogo na construção discursiva e interativa da referência. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 1, p. 125-137, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636599>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MORATO, E. M.; BENTES, A. C. “O mundo tá chato”: algumas notas sobre a dimensão sociocognitiva do politicamente correto na linguagem. *Revista USP*, São Paulo, n. 115, p. 11-28, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/144198>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MORATO, E. M. *et al.* O papel dos frames na organização do tópico discursivo e na coesividade comunicacional na interação entre afásicos e não afásicos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 59, n. 1, p. 91-110, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v59i1.8648347>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648347>. Acesso em: 11 fev. 2020.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO, 2., 2003, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2003. [s.p.]. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/kabengele-munanga-uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

NEYMAR JÚNIOR. *Deeeeitou @danid2ois [...]*, 27 abr. 2014. Instagram: @neymarjr. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/nTvbI8Rth0/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

PARINTINS LIMA, R. Frames em interação e indicialidade social de gênero em entrevistas com Laerte Coutinho. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 22, n. 2, p. 37-57, 2018. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2018.v22.28213>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/28213>. Acesso em: 11 fev. 2020.

PARINTINS LIMA, R. *A construção textual e sociocognitiva do racismo nos (des)alinhamentos à hashtag #SomosTodosMacacos*. 2019. 374f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/335557>. Acesso em: 11 fev. 2020.

PIRES, B. Não somos macacos. *Placar*, São Paulo, 28 abr. 2014. Disponível em: <https://bololomineires.wordpress.com/2014/04/28/nao-somos-macacos/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

PIRES, F. B.; WEBER, M. H. Somos Todos Macacos e todos mestiços: visibilidade e naturalização do racismo. *ECO-Pós*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 58-74, 2018. DOI: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v21i3.20272>.

Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329927964_Somos_todos_mesticos_visibilidade_e_naturalizacao_do_racismo_na_campanha_Somos_Todos_Macacos. Acesso em: 11 fev. 2020.

REGINALDO, L. Racismo e naturalização das desigualdades: uma perspectiva histórica. *Jornal da Unicamp*, Campinas, 21 nov. 2018. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/racismo-e-naturalizacao-das-desigualdades-uma-perspectiva-historica>. Acesso em: 22 jan. 2020.

SACRAMENTO, M. #Somos todos macacos coisa nenhuma. *Diário do Centro do Mundo*, [S.l.], 28 abr. 2014. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/somos-todos-macacos-coisa-nenhuma/>. Acesso em: 2 jan. 2020.

SADER, E. Somos todos macacos. *Carta Maior*, [S.l.], 28 abr. 2014. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Blog/Blog-do-Emir/Somos-todos-macacos/2/30806>. Acesso em: 1 ago. 2016.

SANTANA, G. de; BONINI, L. M. de M.; PRADOS, R. M. N. Somos todos macacos ou bananas? Análise semiótica do discurso étnico-racial contemporâneo. *REGIT*, Itaquaquecetuba, v. 7, n. 1, p. 39-55, 2017. Disponível em: <http://www.revista.fatecitaqua.edu.br/index.php/regit/article/view/REGIT7-ART3>. Acesso em: 11 fev. 2020.

SANTOS, J. V. Racismo precisa ser visto como trauma central da violência no Brasil. *Instituto Humanitas UNISINOS*, São Leopoldo, 19 mai. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/579126-racismo-e-preciso-ser-visto-como-trauma-central-da-violencia-no-brasil>. Acesso em: 2 jan. 2020.

SILVA, D. The Circulation of Violence in Discourse. In: SILVA, D. (org.). *Language and Violence: Pragmatic Perspectives*. Amsterdam/Philadelfia: John Benjamins, 2017. p. 107-124. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbns.279>

SILVA JÚNIOR, H. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 abr. 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/04/1446793-opiniaosomos-todos-humanos.shtml>. Acesso em: 2 jan. 2020.

TOMASELLO, M. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge/London: Harvard University Press, 1999.

VEREZA, S. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 55, n. 1, p. 109-124, 2013. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v55i1.8636598>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636598>. Acesso em: 11 fev. 2020.

WHITEHEAD, K. Discursive approaches to race and racism. In: GILES, H.; HARWOOD, J. (org.). *The Oxford Encyclopedia of Intergroup Communication*. New York: Oxford University Press, 2018. p. 324-339. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/09n8d4v8>. Acesso em: 11 fev. 2020.

XEXÉO, A. Somos todos macacos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 30 abr. 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/somos-todos-macacos-12338913>. Acesso em: 2 jan. 2020.



“Não podem ser negras e gordas”: analisando a violência verbal em reações sociodiscursivas produzidas por leitores/as em contextos jornalísticos digitais brasileiros

“They cannot be black and fat”: analyzing verbal violence in sociodiscursive reactions produced by readers in Brazilian digital journalistic contexts

Maria Carmen Aires Gomes

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais / Brasil

mcgomes@ufv.br

<http://orcid.org/0000-0001-7402-4353>

Alexandra Bitencourt Carvalho

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

alexandraportugues@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0003-3159-2021>

Resumo: A violência verbal, configurada por múltiplas semioses (FAIRCLOUGH, 2003) como ofensiva, tem no ambiente virtual um espaço profícuo de atuação. O anonimato e a ausência de regulações da interação face a face fazem com que agentes sociais mobilizem recursos lexicogramaticais produzindo discursos violentos. Essa escolha pode gerar ofensas e insultos, de forma a, inclusive, promover e perpetuar relações desiguais de poder. Esse artigo tem como objetivo analisar vozes autorais inseridas nas notícias publicadas pelo *BHAZ* e pelo jornal *O Tempo*, ambos de Belo Horizonte – MG, sobre uma transmissão via *WhatsApp* de uma oferta de emprego caracterizada como crime de injúria. Serão analisados não só dois textos noticiosos, um de cada veículo, mas também os comentários de internautas sobre tal fato. Para tal, utilizaremos as categorias de análise das reações sociodiscursivas verbais (GOMES, no prelo.), dos significados representacionais e identificacionais (FAIRCLOUGH, 2003) entrecruzados aos estudos interseccionais (AKOTIRENE, 2019; CRENSHAW, 2002, 2004; NASH, 2008). Nossa análise permitiu observar que a violência verbal se

produz constitutivamente de sistemas de opressão racistas e gordofóbicos, reproduzindo relações excludentes de poder que regulam os corpos, ratificando o privilégio, muitas vezes, opaco e naturalizado, do corpo branco e magro.

Palavras-chave: violência verbal; estudos interseccionais; ADC; reações sociodiscursivas verbais.

Abstract: Verbal violence, configured by multiple semioses (FAIRCLOUGH, 2003) as offensive, has a useful space in the virtual environment. Anonymity and the lack of regulation of face-to-face interaction cause social agents to mobilize lexicogramatical resources, producing violent discourses. This choice can generate offenses and insults, in order to promote and perpetuate unequal power relations. This article aims to analyze copyright voices inserted in the news published by *BHAZ* and by news paper *O Tempo*, both from Belo Horizonte – MG, about a broadcast via *WhatsApp* of a job offer characterized as a crime of injury. It will be analyzed not only two news texts, one from each vehicle, but also the comments of internet users about this fact. For this, we will use the categories of analysis of the verbal sociodiscursive reactions (GOMES, 2020), of the representational and identificational meanings (FAIRCLOUGH, 2003) intertwined with intersectional studies (AKOTIRENE, 2019; CRENSHAW, 2002, 2004; NASH, 2008). Our analysis allowed us to observe that verbal violence is constitutive of racist and fatophobic systems of oppression, reproducing exclusive power relations that regulate bodies, ratifying the often opaque and naturalized privilege of the white and thin body.

Keywords: verbal violence; intersectional studies; CDA; social discursive verbal reactions.

Recebido em 30 de março de 2020

Aceito em 20 de maio de 2020

1 Introdução

A violência verbal configura-se em formas distintas de semioses (FAIRCLOUGH, 2003) e são produzidas em diferentes práticas sociodiscursivas. São de cunho discriminatório, vexatório, acusativo, depreciador e agressivo e operam, na maioria das vezes, relações desiguais e excludentes de poder, fazendo com que certos agentes sociais possam violentar discursivamente outros. Tais relações, dependendo

do contexto/lugar e da negociação com eixos identitários em que se localizam, produzem espaços legitimadores que permitem a elaboração de discursos violentos, materializados por certas escolhas lexicogramaticais (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004). Dessa forma, é imprescindível que a análise de atos e práticas de violências verbais considere não só o contexto de produção em que ocorre (como e onde são produzidas tais violências, quem são os agentes que as compõem), mas também a conjuntura sociopolítica em que esse contexto está constituído.

A prática sociodiscursiva escolhida como objeto de análise encontra-se em um ambiente virtual. Este ambiente propicia uma maior ocorrência de violências verbais em função principalmente da sensação de anonimato dos agentes sociais, bem como da distância física dos interactantes, discussão empreendida por Recuero (2014a, 2014b) em seus estudos no âmbito da comunicação digital. As duas características permitem a construção de um espaço virtual que legitima a produção de violências verbais, visto que não há uma inibição provocada pelos contextos de interação face a face, tais como a identidade explícita e a resposta imediata. A escolha do ambiente virtual para a discussão de violência verbal é necessária e produtiva na cena contemporânea, já que esta é textualmente mediada (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999) e profundamente digital, além de ser hoje a forma mais rápida, efetiva e usual de comunicação.

Objetivamos, neste artigo, analisar discursiva e criticamente um fato polêmico noticiado por duas mídias digitais, trazendo para a discussão as vozes autorais dos agentes envolvidos na construção da polêmica e, a partir das notícias, analisar as reações sociodiscursivas verbais dos internautas, de forma a observarmos quais reações se inter cruzam às vozes autorais representadas discursivamente pelos textos, inclusive a própria voz das mídias. As relações de poder serão discutidas em uma perspectiva interseccional, ou seja, levaremos em questão os eixos identitários, tais como a raça, o tamanho e o gênero, de forma a compreendermos como os agentes produzem discursos que violentam como também os problematizam.

Serão abordados, primeiramente, os estudos de cunho linguístico-discursivos que se debruçam sobre a violência verbal, suas estruturas e funcionamentos, desde a relação intrínseca entre linguagem e agressividade de forma a evidenciar as recorrências lexicogramaticais, até os estudos

sobre (im)polidez como estratégia de ofensa e insulto (BALLOCO; SHEPHERD, 2017). Em seguida, será apresentada a proposta analítica de reações sociodiscursivas verbais (GOMES, no prelo.). Serão discutidas, também, algumas questões acerca da Comunicação mediada pelo Computador (RECUERO, 2014a, 2014b), abordagem em que se baseia a proposta de Gomes (no prelo). As categorias serão analisadas a partir não só de sua recorrência lexicogramatical, mas principalmente do potencial de sentidos que elas promovem, (re)articulando posicionamentos distintos quando escolhidas pelos interactantes.

A fim de explorar as relações de poder que se formam de maneira legitimadora ou contestatória, os estudos interseccionais (AKOTIRENE, 2019; CRENSHAW, 2002, 2004; NASH, 2008) serão também debatidos, a fim de mostrarmos a importância de se olhar para a produção discursiva à luz dos eixos identitários, que se caracterizam como de poder ou subordinação, e que se interseccionam tanto nas identidades dos interactantes como nas representações que se formam a partir daquelas. Ao nos preocuparmos com as avenidas identitárias (cf. AKOTIRENE, 2019) que configuram os discursos, poderemos observar como possíveis estruturas sociais atravessam as reações sociodiscursivas verbais, trazendo à tona sistemas de opressão como o racismo, a gordofobia e como eles se materializam intercruzados discursivamente. Após a discussão teórica e metodológica exposta, partiremos para a análise dos dados, para, enfim, fazermos a explanatória crítica da análise empreendida.

2 Os estudos sobre violência verbal em uma perspectiva da linguagem

A violência verbal, como objeto de estudo no âmbito da linguagem, teve, segundo Balloco e Shepherd (2017), três grandes marcos teóricos, dos quais destacamos dois: o primeiro, os estudos de Herring (1993) e o segundo, os estudos de Culpeper (2011). A primeira autora analisa a relação entre linguagem e agressividade na comunicação digital, mais precisamente as questões de dominação e submissão construídas entre homens e mulheres. Em *Gender and democracy in computer-mediated communication*, Herring observa que, independentemente dos sites em que as violências verbais acontecem, o uso de estratégias linguísticas é feito de maneira recorrente e padronizada. Os estudos de Culpeper (2011), por sua vez, evidenciam a (im)polidez como estratégia para

ofender, apontando que tanto os fenômenos linguísticos como sociais interagem entre si na produção de violências verbais. Para o autor, a impolidez acontece quando os enunciados gerados não obedecem a normas sociais de convívio, produzindo efeitos performativos de ofensa. A impolidez, nos parece, é uma das estratégias para a construção de violências verbais. O autor também evidencia o caráter contextual da impolidez: certos contextos fazem com que as escolhas verbais sejam mais ou menos violentas.

O ambiente virtual, como já dito, é um espaço em que diferentes formas de violências verbais se materializam discursivamente. Os estudos sobre *flammings*, “comportamento verbal negativo, com o poder metafórico de incendiar um debate, ou “fritar” um internauta” (BALLOCO; SHEPHERD, 2017, p. 1018), tem como ponto de partida o olhar para as causas, passando para os contextos e desdobrando-se nas questões sociais. A dita primeira onda dos estudos dos *flammings* evidencia o anonimato bem como a perda da identidade pessoal como causas para a proliferação de violências verbais na rede. Segundo as autoras, a não incorporação de traços não-verbais típica da interação face a face reduz normas sociais que regulam as interações e implica a expansão dos aspectos verbais contidos nos *flammings*. Esta causa é importante para o presente artigo porque nos permitirá observar como os interactantes reagem linguístico-discursivamente a uma postagem que tematiza questões relacionadas à raça, ao tamanho e ao gênero, ou seja, que recursos mobilizam para se posicionar sobre o tema e interagir com o outro.

A segunda onda foca seus estudos nos contextos de interação (BALLOCO; SHEPHERD, 2017) principalmente na recepção dos *flammings*, e evidencia a intensidade sócio-emocional produzida nos antagonismos interacionais. Esses estudos são importantes para nosso artigo, já que as reações sociodiscursivas verbais encontradas demonstram tanto posicionamentos que não só sustentam os sistemas de opressão, mas também os problematizam (essa questão será melhor analisada posteriormente).

Por fim, as autoras apontam que a terceira onda dos estudos sobre os *flammings* tematizam as negociações das normas culturais que implicam em estruturas de hierarquias sociais. Em outras palavras, a violência verbal carrega em si a maneira como preconceitos e estigmas são mobilizados, e que hierarquias sociais são sustentadas. É aqui que

as relações de poder são introduzidas na perspectiva da linguagem, demonstrando a relação direta e intrínseca entre a prática discursiva e a social (FAIRCLOUGH, 2001). Neste estudo, serão analisadas as escolhas lexicogramaticais, os contextos de interação e as causas sociais que endossam as violências verbais.

Paveau (2015, p. 320), discutindo sobre o papel dos dispositivos tecnodiscursivos, no contexto francês, na produção de discursos virtuosos, chama atenção para a “ilusão da proteção contra a reação direta de ‘carne e osso’, a ausência física do outro, cuja presença produz efeitos de controle de expressão verbal, e a rapidez de escrita e envio de mensagens criam a ilusão de monologismo [...]”. Recuero e Soares (2013), analisando violência, humor e estigma em comentários de *Facebook*, afirmam que:

[e]studar o discurso on-line é estudar a linguagem em uso e a construção de sentidos em ambientes diferentes, mediados e apropriados. E essas apropriações também podem gerar comportamentos diferentes, inclusive violentos e hostis, como a reprodução de formas de agressividade on-line (RECUERO; SOARES, 2013, p. 243).

Paveau (2015, p. 321), por sua vez, ao problematizar a questão da violência verbal nestes dispositivos tecnodiscursivos, afirma que “é quase regra a transgressão das normas dos sites e das néticas, com o uso da violência verbal, a confrontação, a polêmica, o insulto ou qualquer forma discursiva interpretável como não virtuosa”. Portanto, os estudos sobre violência verbal nos fazem inferir que é cada vez mais necessário categorizá-la, a fim de analisarmos tanto as formas como tais violências se configuram no espaço virtual quanto os efeitos de sentido provocados. A próxima seção tem o objetivo de apresentar possíveis categorias para embasar discursivamente as análises.

3 As reações sociodiscursivas

Neste artigo nos propomos a analisar casos de violência verbal por meio de comentários reativos de internautas/leitores de notícias digitais brasileiras à luz da proposta metodológico-discursiva de Gomes (no prelo). A pesquisadora objetiva organizar e articular teórico-metodologicamente, de maneira transdisciplinar, conceitos e fundamentos de campos de conhecimentos distintos de forma a propor

uma categoria analítica denominada *reações sociodiscursivas verbais*,¹ para análise de comentários reativos produzidos sociodiscursiva e politicamente por leitores/as em ambientes de interação virtual. Dessa forma, propõe uma categoria analítica descritiva capaz de identificar tipos de comentários reativos produzidos em espaços específicos, controlados e regulados. A proposta é explorar a cultura digital por meio da ferramenta comunicacional “comentar” da maneira que Recuero (2014b) define: “uma ação que não apenas sinaliza a participação, mas traz uma efetiva contribuição para a conversação” (RECUERO, 2014a, p. 120), de forma a mostrar “também as relações que ali emergem e as práticas sociais e linguísticas que ali tomam forma”. Neste sentido, Cunha (2012, p. 28) também afirma que o comentário, no espaço digital, age como “uma prática discursiva que tem seu propósito e suas regras. A partir de um texto fonte, o leitor constrói novos discursos” de forma a reacentuar os aspectos temáticos, seja de forma a deslocá-los, ou seja, é possível analisar as sociointerações construídas no espaço digital e perceber a forma como as pessoas estão produtivamente potencializando sentidos, ideologias e representações de suas experiências sobre o mundo e sobre as ideias dos outros.

Assim como Recuero (2014b) e Paveau (2015), Stranderbeg e Berg (2013) reconhecem as possibilidades interativas que a internet trouxe à esfera pública, ou seja, de que seus cidadãos pudessem criativamente se expressar sobre os mais diversos assuntos. A reflexão acerca do espaço digital como potencial deliberativo na esfera pública, principalmente nos locais destinados aos comentários de leitores/as, tem sido alvo de muitas pesquisas que discutem as relações entre participação política, das construções discursivo-democráticas e do papel participativo do/a cidadã/o (DAHLBERG, 2001; WRIGHT; STREET, 2007; DOMINGO, 2008; TADEU, 2012). Trata-se, portanto, de mais uma forma de se usar a linguagem na contemporaneidade, de uma possibilidade de intervenção efetiva dos/as cidadãos/ãs na esfera pública, e da compreensão de

¹ A ideia de se usar o vocábulo “reações discursivas”, como categoria analítica, foi proposta inicialmente por Nogueira e Arão (2015), no estudo sobre o *Facebook* como espaço de legitimação virtual: uma análise de posts e reações discursivas em páginas de ONGs ambientais, para se referir à maneira pela qual os/as internautas reagem discursivamente aos conteúdos produzidos nos *posts*, tomando por base os conceitos e preceitos da abordagem discursiva de linha francesa.

que agir junto pressupõe falar junto, mas não de maneira consensual (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Díaz-Noci *et al.* (2010, p. 1 *apud* TADEU, 2012, p. 32) afirmam que o espaço destinado aos comentários representa para os/as cidadãos/ãs “uma maneira simples de reagir aos eventos da actualidade e discuti-los logo depois de ler sobre eles”. Paiva (2014), problematizando sobre a forma como os/as leitores/as participam de forma reativa nas interações mediadas nos espaços *online* dos comentários, observa que:

Nessa interação reativa, o leitor reage à notícia que já existe, ou seja, reflete ao que já de certo modo está refletido, dentro da própria construção do ângulo da notícia. Ele participa, numa forma de reação ao tema da notícia, à construção da notícia e aos comentários de outros leitores. Aqui, o leitor é também um reagente dentro da sua ação como leitor participativo, acaba por projetar em sua ação apenas o que já está proposto (PAIVA, 2014, p. 665).

Para Gomes (2020), o espaço de comentários, em termos espaciais, é um tipo de suporte² virtual que abriga/aloca as reações sociodiscursivas verbais, atravessadas por relações de poder e controle, materializadas em textos. Espaço que permite compreender que a vida social é mediada textualmente, e que, por este motivo, é passível de controle, regulação, mas também de criatividade e reflexividade. Resgatando as problematizações ensejadas por Chouliaraki e Fairclough (1999) acerca da faceta regulatória dos gêneros discursivos e discursos, é possível assumir que este espaço age como um tipo de “mecanismo articulatório que controla o que pode ser usado e em que ordem, incluindo configuração e ordenação de discursos” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 144). Trata-se de um *locus* que permite uma acentuada capacidade de ação e interação à distância, de maneira regulada (FAIRCLOUGH, 2003).

Reações Sociodiscursivas Verbais dos/as leitores/as, então, são as formas pelas quais as pessoas agem e interagem discursivamente em direção: *a um fenômeno, a um/a participante (quem), a um tema e/*

² A noção de suporte aqui utilizada é resgatada dos estudos de Luiz Antônio Marcuschi (2008), para quem o suporte é um *locus*/espaço cujo objetivo é abrigar gêneros discursivos.

ou assunto noticiado. São construções sociodiscursivas reativas, cujos ângulos e perspectivas discursivo-ideológicas são direcionados à fala de alguém, ou ao assunto do texto postado, ou a temas marginais e tangenciais.

As reações sociodiscursivas verbais podem ocorrer de três formas:³

- (i) reações transacionais – Interactantes e Reatores/as comentam entre si assuntos e temas, que podem ou não estar vinculados aos textos, estabelecendo a troca sociointerativa;
- (ii) reações não-transacionais – Interactante comenta (reage aos) assuntos noticiados nos textos jornalísticos, mas sem a troca sociointerativa;
- (iii) reações transacionais atitudinais – Interactantes e Reactantes reagem às trocas, usando citações e falas não só do texto jornalístico, como as de outros/as participantes, de maneira atitudinal.

Esse espaço de interação digital envolve então participantes com características reativas já que apresentam ações decorrentes de desdobramentos de falas, ou de eventos anteriores. Essas reações podem ser tanto direcionadas aos comentários de outros participantes, que são observados, julgados e postos em cenas de interpelação discursiva, quanto podem ser direcionadas aos tópicos (ou mesmo tópicos e temas marginais ao assunto principal), aos fatos ou aos testemunhos usados e representados discursivamente nos textos.

Considerando o sistema de avaliabilidade, desenvolvido por White (2004), Martin e White (2005), Martin e Rose (2009) bem como e os estudos de Eggins e Slade (1997), Gomes (no prelo) propõe inicialmente seis tipos de reações para a análise dos comentários produzidos por leitores/as das práticas sociomidiáticas *online*, são elas:

³ Estamos resgatando da Gramática do design visual as categorias propostas para as Estruturas Narrativas: ação transacional e não-transacional e reações transacionais (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006) e aplicando-as aos tipos de reações sociodiscursivas, aqui propostos.

- a) reações sociodiscursivas verbais engajadas (refuta, contrapõe, concorda, endossa),
- b) reações sociodiscursivas verbais de condenação (julga moralmente comportamentos e condutas),
- c) reações sociodiscursivas de admiração (julga positivamente as condutas sociais),
- d) reações sociodiscursivas de crítica (julga negativamente as condutas sociais),
- e) reações sociodiscursivas de aprovação (elogia positivamente comportamentos e condutas morais),
- f) reações sociodiscursivas de apreciação (avalia qualidades estéticas).

As reações estão sendo desenvolvidas, na proposta de Gomes, como um tipo de categoria analítica que permitirá observar e explorar as maneiras particulares de representar e de identificar(-se), materializadas em textos (cf. FAIRCLOUGH, 2003), em práticas midiáticas, por meio de comunicação mediada por computador.

As reações sociodiscursivas verbais engajadas caracterizam-se pelo nível de comprometimento com o que está sendo dito. Em termos linguístico-textuais, realiza-se por meio de modalidades, polaridades (não/sim), concessões, relações lógico-semânticas de extensão ou realce, circunstância de ângulo (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2004).

As reações sociodiscursivas verbais de condenação estão vinculadas às manifestações negativas que implicam certo tipo de ilegalidade, disfuncionalidade, culpa, imoralidade, ou seja, relacionam-se, de maneira negativa, aos julgamentos morais que se associam de alguma forma às instituições legais, refletindo padrões culturais e ideológicos, além das experiências individuais. Ou seja, relaciona-se com a forma pela qual se conceitualiza o mundo. Problematicando sobre a condenação, no âmbito dos estudos de gêneros e da crítica à violência ética, Butler (2015, p. 65) afirma que “a condenação torna-se o modo pelo qual estabelecemos o outro como irreconhecível ou rejeitamos algum aspecto de nós mesmos que depositamos no outro, que depois condenamos.” A condenação tende a fazer justamente isso, expurgar e exteriorizar a nossa suposta neutralidade e imparcialidade.

As reações sociodiscursivas verbais de admiração se vinculam também às manifestações que julgam positivamente as condutas sociais de consideração, respeito e estima, realizadas por meio de atributos, advérbios de comentário, epítetos positivos.

As reações sociodiscursivas verbais de crítica, assim como as reações de admiração, se vinculam aos comportamentos de estima social. Porém, as de crítica julgam negativamente a forma como os indivíduos avaliam os comportamentos, atitudes, capacidade e tenacidade. São manifestações que criticam comportamentos não usuais, incapazes e não confiáveis. Realizam-se também por meio de atributos, formas adverbiais, modalidades e epítetos.

As reações sociodiscursivas verbais de elogio relacionam-se, de maneira positiva, às manifestações elogiosas quanto aos comportamentos éticos, morais e honestos. Associam-se, assim como as reações de condenação, aos valores morais, aos padrões socioculturais e ideológicos produzidos, principalmente, pelas instituições sociais.

As reações sociodiscursivas verbais de apreciação são manifestações afetivas relativas à estética, ao valor das coisas, dos objetos, processos e estado de coisas. Ou seja: referem-se à aparência, construção espacial, tipo de apresentação, mas também ao impacto, à reação das pessoas às questões estéticas de objetos e identidades. Ou seja: avaliam-se, apreciam-se, discursivamente, as propriedades.

Essa proposta busca seguir a tradição analítica dos estudos discursivos de focar inicialmente na análise linguístico-textual. As categorias são identificadas e descritas através não só da realização da léxicogramática, mas também da produção de sentidos, muitas vezes, potencializada de forma heterogênea, em função da organização linguística, das escolhas e da forma como os elementos estão posicionados no texto. A maneira como sentimos, avaliamos, julgamos, é deixada, nos textos que produzimos, por meio de traços, na forma como co-ocorrem e como se organizam.

No entanto, nosso objetivo não é apenas identificar o tipo de reação que está sendo produzido pelos/pelas leitores/as, mas como as pessoas estão produzindo, iterando e transformando o mundo em que vivem. Ou seja, como estão avaliando seus conhecimentos e os dos outros, julgando temas e pessoas, e como estão exercitando as relações de poder. Para isso, articularemos as categorias propostas por Gomes (no prelo) aos estudos interseccionais, a fim de analisarmos como as relações

de poder estão intrinsicamente relacionadas aos eixos identitários que compõem a negociação que gera os posicionamentos e a produção de violência verbal dos interactantes.

4 Os estudos interseccionais

A interseccionalidade tem como marco teórico as discussões realizadas por Kimberlé Crenshaw, que cunhou o termo no fim dos anos 80. Para a autora, tal termo é a associação de distintos sistemas de subordinação que atravessa os sujeitos, “uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação” (CRENSHAW, 2002, p. 177). A partir daí, localiza seus estudos, principalmente, na relação entre raça e, gênero, embora demarque sempre que há outros eixos de subordinação.

A autora reconhece que as mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias “gênero” e “raça”, porque elas combinam tais eixos de forma a evidenciar a “discriminação interseccional”, na qual “a discriminação racial que afeta as mulheres e a discriminação de gênero que afeta as mulheres negras sejam consideradas mutuamente e não de maneira excludente” (CRENSHAW, 2004, p. 8). Isso implica que analisar pessoas em relação a eixos identitários deve-se considerar que algumas identidades conferem privilégios – os eixos de poder, e outras conferem opressões – eixos de subordinação, e que nenhuma pessoa é formada apenas de um eixo, mas sim da combinação destes, o que leva a aceitar a ideia de que a coexistência de eixos leva a graus maiores ou menores de discriminação interseccional.

Uma questão fundamental para os objetivos desse artigo é o fato de que a Teoria Interseccional é uma resposta a políticas identitárias que ocultam a diferença intra-grupo, e busca demonstrar que “as formas nas quais a diferença pode fraturar movimentos políticos unitários, (...) com a necessária atenção à variação e à diversidade dentro da categoria “mulher” e “negra” (NASH, 2008, p. 4). A categoria de gênero, então, como qualquer outro eixo identitário, não pode jamais ser vista como única e universal, pois dependendo de como as pessoas convivem distintos eixos, suas identidades se diferenciam.

Os eixos identitários podem ser vistos, assim, como eixos de subordinação – vulnerabilidades – e de poder – privilégios. Essas duas formas, no entanto, não são nunca fixas: dependendo da forma como

se combinam, podem, inclusive, se transformar de um eixo para o outro (CARVALHO; COSTA, no prelo.). Uma mulher branca gorda, por exemplo, pode, ao combinar seus eixos de raça e tamanho, ser subordinada a mulheres brancas magras. Seus eixos identitários são, nesse contexto, de subordinação. Mas essa mesma mulher pode operar relações de poder sobre mulheres negras gordas, assim, o eixo da raça (branca) combina-se ao de tamanho-gordura de forma a se aproximar mais de privilégios do que vulnerabilidades. Essa questão se torna fundamental para uma análise que se pretende interseccional, pois os eixos identitários devem ser analisados sempre em seu contexto, o que Crenshaw (2002) chama de análise de baixo para cima, complexificando a relação entre os eixos e as relações de opressão.

É a partir dessa visão das diferenças intra-grupos que Nash (2008) repensa algumas questões sobre os estudos da interseccionalidade. Uma delas nos interessa de maneira inquietante: todas as identidades são interseccionais ou somente sujeitos marginalizados possuem uma identidade interseccional? A pesquisadora aponta também que a literatura interseccional tem excluído a análise de identidades que são parcialmente privilegiadas e ocultando o fato de que “essas identidades, assim como todas as identidades, são sempre constituídas pela intersecção de múltiplos vetores de poder” (NASH, 2008, p. 10). Critica também a tendência dos estudos interseccionais de ignorar as conexões entre privilégio e opressão e reivindica um olhar no qual a análise de outros eixos identitários pode levar a uma maior concepção de identidade e opressão.

Essa crítica é importante para evidenciarmos um eixo identitário que é pouco explorado nos estudos interseccionais: o tamanho-gordura (CARVALHO, 2018). Esse eixo é uma das questões que pretendemos aprofundar nos estudos interseccionais com o intuito de investigar como a vivência de mulheres gordas se conflui a outros eixos identitários e como isso configura formas distintas de opressão e privilégios entre as mulheres. Esse ponto de discussão teórica coaduna-se com a necessidade que Nash indica como fundamental nos estudos interseccionais: devem “começar a ampliar seus alcances para teorizar uma série de experiências” (NASH, 2008, p. 10). A importância disso é essencial para se discutir as experiências de distintas mulheres gordas.

Dialogando, então, com as categorias descritas na seção anterior, analisaremos, discursiva e criticamente, como interactantes negociam discursivamente os eixos identitários na produção de violências verbais

em ambiente digital, iterando e problematizando dois sistemas de opressão: o racismo e a gordofobia.

5 O problema sociodiscursivo e a polêmica

Abaixo apresentamos o fato que desencadeou o fato polêmico entre a profissional denunciante, a psicóloga responsável pela lista de transmissão no *WhatsApp*, e a empresa que solicitou a contratação com as exigências. Para este artigo, trouxemos as notícias publicadas pelo *BHAZ*⁴ e pelo jornal *O Tempo*,⁵ ambos de Belo Horizonte-MG.

Em 12 de novembro de 2019, mídias jornalísticas digitais brasileiras do estado de Minas Gerais, em especial *BHAZ* e *O Tempo*, noticiaram que uma empresa sediada em Belo Horizonte era contrária à contratação de cuidadoras de idosos “negras e gordas”. Esse fato veio à tona por meio de uma denúncia de uma das profissionais que participava de um grupo digital vinculado a uma empresa prestadora de serviços que aloca este tipo de profissional no mercado: “A vaga foi divulgada por meio de uma psicóloga que mantém uma lista de transmissão com dezenas de profissionais cuidadores de idosos. A oportunidade seria para trabalhar como folguista em uma das filiais da “Home Angels” em BH, empresa referência no setor” (Voz do jornal *BHAZ*).

O jornal *BHAZ* circula no dia 12 de novembro de 2019 com a seguinte informação:

O caso ocorreu no dia 31 de outubro e a vítima, que preferiu não ser identificada, procurou a polícia para registrar uma ocorrência no dia 1º de novembro. “Atualmente eu estou trabalhando, mas essas oportunidades são divulgadas e muita gente pega para fazer freela e aumentar a renda. **Naquele momento, eu percebi que, caso eu tivesse desempregada, eu continuaria sem trabalho, só por conta da minha cor.** A gente passa por muita coisa na

⁴ Disponível em: <https://bhaz.com.br/2019/11/12/empresa-vaga-negras-gordas/>. Acesso em: 12 nov. 2019.

⁵ Disponível em: https://www.otempo.com.br/cidades/anuncio-de-emprego-em-bh-exige-candidatas-que-nao-sejam-negras-ou-gordas-1.2261344?fbclid=IwAR0yPQ_A43Shk74BxMPfBk5DU5rQC2Ax1t5EE_TWfdxN_E4KI-mSSXultU. Acesso em: 13 nov. 2019.

vida, mas aquilo **foi um absurdo**”, disse a mulher ao *BHAZ*. (grifo nosso).

Na fala da vítima, construída a partir de uma oração mental perceptiva – *eu percebi* –, ela realça sua experiência negativa (*um absurdo*) a partir não só de uma característica circunstancial de condição (*caso eu estivesse desempregada*), mas também de causa: *por conta da minha cor*. Nesta construção discursiva, esse corpo é atravessado por dois eixos identitários: gênero e raça. Ressaltamos que a vítima não destaca, em sua fala, o eixo tamanho/gordura como uma das causas da violência.

Observe, nos excertos a seguir, que a proprietária da “Home Angles BH Centro-Sul” ao ser questionada afirma que a empresa trabalha com um “banco de dados diversificado”, o que pressupõe ao/a leitor/a que o item lexical “diversificado” estaria englobando todos os tipos de corpos e identidades. No entanto chama atenção, na construção discursiva, que ela destaca apenas a questão do racismo, deixando de lado a gordofobia: “fiquei como sendo racista, tenho várias funcionárias negras, aqui não tem disso não”. Embora a denúncia tenha sido feita pelo crime de injúria – racismo –, não podemos deixar de pontuar a visível exclusão de corpos gordos na fala da defesa da proprietária. Com relação ainda à fala, o fato de se ter funcionárias negras não implica que a empresa não possa praticar atos racistas.

- (1) **Voz da Empresa:** A reportagem conversou com Taís Arantes, que é proprietária da “Home Angles BH Centro-Sul”, empresa responsável pela vaga. A empresária afirma que a vaga foi sim divulgada, mas sem os requisitos expostos na mensagem. (*BHAZ*)

“A nossa empresa está há 8 anos no mercado e repudia qualquer tipo de discriminação vamos fazer uma nota para tirar essa história e fazer um esclarecimento. A gente sempre divulga essas vagas porque fazemos contratações de folguistas na empresa. **Agora, não tinha essas especificações, até porque eu preciso de todo tipo de funcionário porque o meu tipo de cliente exige perfil de funcionário, então eu tenho que ter o banco de dados diversificado**”, diz Taís. (*BHAZ* – grifo nosso)

“Estamos tomando as devidas providências para não ter problemas com o nome da empresa e da franquia. Isso não faz parte do nosso lema e do que a gente prega. Não quero que **a imagem da minha empresa fique como sendo racista, tenho várias funcionárias negras, aqui não tem disso não**”, acrescenta Taís. (*BHAZ* – grifo nosso)

Observe que os eixos identitários que compõem a lista de vagas, que excluem mulheres “negras e gordas” faz um movimento de exclusão da seguinte maneira: mulheres negras – gordas ou não – e mulheres brancas gordas não servem para o trabalho. A relação entre os eixos identitários e as relações de opressão marcam o racismo e a gordofobia, sendo que o primeiro é evidentemente mais excludente que o segundo. Isso nos demonstra que os sistemas de opressão combinados, mesmo excluindo mulheres brancas gordas, vulnerabiliza, com maior grau, mulheres negras. É o que Crenshaw (2004) admite como “discriminação interseccional” que coloca mulheres negras como alvos mais violentos da discriminação. Esse fato também é descrito em Akotirene (2019), que evidencia como mulheres negras são atingidas mais violentamente nas avenidas identitárias que as compõem. Essa evidência, no entanto, não diminui a gordofobia, já que mulheres gordas, sendo brancas ou não, também são descartadas da lista, o que demonstra um ponto importante da discussão dessa discriminação: a perda de direitos, já que o tamanho/gordura impede o acesso ao emprego.

Van Dijk (2008), no âmbito dos estudos discursivos críticos, chama atenção para algumas estruturas linguísticas que produzem construções discursivas racistas, como por exemplo: “eu tenho (até) várias funcionárias negras”. A empresa e a psicóloga produzem em seus discursos o que Van Dijk denomina de ressalvas, ou “movimentos semânticos com uma parte positiva sobre Nós e uma parte negativa sobre Eles” (VAN DIJK, 2008, p.142). Nesse caso em específico, usam dois mecanismos: um de transferência – eu tenho funcionárias negras (*MAS*) meus clientes que não querem, e outro de empatia aparente: eu (*ATÉ*) tenho funcionárias negras. O uso desses mecanismos funciona como estratégias de “preservação de face e manejo de impressões” (VAN DIJK, 2008, p.143). O pesquisador, ao discutir a negação do racismo, propõe quatro categorias em que podemos visualizar a negação da intenção ou propósito discriminatório ou criminoso: (i) negação do ato, (ii) negação

do controle – não fiz de propósito, (iii) negação da intenção – não quis dizer isso, e (iv) negação do propósito, ou da responsabilidade (VAN DIJK, 2008, p.162).

Observe que a psicóloga, nos excertos seguintes, ao repassar a exigência de não serem gordas e negras e negar posteriormente que não prestou atenção, que não disse isso para ofender ou que não foi de propósito, porque não é o que ela pensa, mas a empresa, não só nega mas também mitiga seu ato racista, ao dizer que estava apenas empregando as pessoas. Ou seja: tenta amenizar sua responsabilidade sobre os atos racista e gordofóbico, justificando que sua única preocupação era empregar pessoas. Ela nega, portanto, o caráter criminoso e preconceituoso desses atos em prol de uma justificativa socioeconômica atravessada por um discurso solidário. Faz acreditar que seus atos são apenas um desvio ou incidente e não um crime. Para Van Dijk (2008, p.167): “em vez de reconhecer essa ‘imperfeição’, é mais vantajoso negar tal inconsistência fundamental, ou pelo menos explicá-la como incidental e individual, [...] ou caracterizá-la como um fenômeno temporário de transição...” e assim fazer uma autodefesa ideológica.

- (2) **Voz da Psicóloga:** Fernanda Spadinger, a psicóloga que encaminhou a vaga, também conversou com a reportagem. Ela, que é dona da empresa “Leveza do afeto”, assume que tem responsabilidade na divulgação da vaga com conteúdo preconceituoso, mas alega que o texto foi enviado pela “Home Angels”. (BHAZ)

“Recebi essa mensagem de uma funcionária da Home Angels na quinta-feira, dia 31, no fim da tarde. Ela dizendo que precisava das pessoas para o dia seguinte para entrevistar. Eu **não** filtrei. Eu **tenho** minha responsabilidade, não quero jogar tudo para cima da funcionária da empresa, **preciso** assumir a minha responsabilidade. **É óbvio** que eu **devia ter** filtrado, **devia ter** editado a mensagem e encaminhado de outra forma. Mas, na correria, sem ler direito, sem filtrar, eu mandei. **É óbvio** que eu estou errada e estou respondendo por isso”, diz a psicóloga. (BHAZ – grifo nosso)

Na primeira fala, a psicóloga, em entrevista ao jornal, assume ter recebido a mensagem com os requisitos excludentes, e afirma, em tom categórico, por meio de construções deônticas (*preciso, devia ter, óbvio*), que poderia ter agido diferentemente em relação à escrita do

texto (*devia ter editado, filtrado*) e não em relação à conduta criminosa e preconceituosa da empresa contratante. A pergunta que nos fazemos é: como seria essa edição? Por meio de um texto eufemístico, de uma construção textual evasiva? Observe que, ao se autodeclarar responsável pelo ato racista e gordofóbico, a psicóloga tenta fazer um discurso de autodefesa, apresentando-se como uma cidadã “tolerante” que erra.

- (3) “Em minha defesa eu digo que **minha intenção era empregar 10 pessoas**. Meu erro foi ter sido **conivente** com uma empresa que tem essa postura. **Em um mundo ideal, eu teria lido toda a mensagem e me recusado a divulgar a vaga**. Mas a minha intenção foi empregar dez pessoas que fazem curso comigo e **confiam em mim**”, conta Fernanda. (*BHAZ* – grifo nosso)

Na segunda fala, a psicóloga, em sua defesa, constrói um discurso econômico pautado na empregabilidade, atenuando a sua conivência com o ato racista e gordofóbico, ao fazer esse trabalho ideológico, “transmite as vozes do poder em uma forma disfarçada e oculta” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 140). Apela ainda para as relações de confiança estabelecidas entre ela e o grupo, por meio de um discurso solidário e afetuoso. Embora reconheça o tom ofensivo do texto em relação às pessoas negras e gordas, atenua usando o discurso econômico da empregabilidade, levando as pessoas a presumirem que, em um país com alto índice de desemprego, ela fez uma boa ação. Responsabiliza ainda a crise econômica e a pressão do mercado para sua suposta negligência como recrutadora de cuidadores/as.

No dia 13 de novembro de 2019, o jornal *O Tempo* de BH noticia o fato; portanto, um dia após o fato noticiado pela *BHAZ*. Achamos, assim, interessante fazer uma pequena análise da construção das manchetes, uma vez que tendem a enviesar os temas a serem desenvolvidos nos textos. Além disso, na contemporaneidade, em função da rapidez informativa, entre outros, sabe-se que muitos indivíduos leem apenas os títulos das notícias, e estes muitas vezes não buscam adequadamente as informações sobre os fatos.

Observemos que a mídia *BHAZ* mescla a sua voz jornalística com a voz da empresa materializada nos atributos, por meio das aspas simples: ‘negras e gordas’, além da voz da vítima: ‘fiquei desesperada’. Ao fundir sua voz às outras, *BHAZ* não deixa de construir sua narrativa sobre o fato, inclusive o avalia (exige) e adiciona novas informações: *provoca*

revolta. Essa última informação se deve à circulação do fato nas redes sociais. Outras duas escolhas interessantes realizadas pelo jornal são: (i) designação funcionalizada usada para representar a vítima (ou vítimas): *cuidadoras de idosos*, reforçando a identidade interseccionalizada: gênero, raça e tamanho e (ii) colocação do agente da ação discriminatória em posição temática: *empresa de BH*.

Empresa de BH exige que cuidadoras de idosos não sejam “negras e gordas” e provoca revolta: ‘Fiquei desesperada’ (BHAZ)

Anúncio de emprego em BH exige candidatas que não sejam “negras ou gordas” (está logo abaixo de um tópico destaque: Crime de Injúria) (O Tempo)

Enquanto *BHAZ* relata o fato, apontando o agente da ação, a vítima, o motivo pelo qual provocou revolta e a forma como isso afetou alguém, o jornal *O Tempo* coloca em posição temática o instrumento da ação (anúncio de emprego) e não o agente. Além disso representa discursivamente, de maneira generalizada e burocrática, as vítimas (candidatas) e insere, por meio das aspas simples, a causa de o fato ser considerado um crime de injúria: “negras ou gordas”. Observe que, ao descrever a causa, altera o operador argumentativo. Em vez de usar “e”, opta por “ou”, o que gera outros potenciais sentidos e representa inadequadamente o que de fato ocorreu. A forma, então, como os jornais produzem suas manchetes pode orientar a forma como os/as leitores/as reagem ao tema; e foi exatamente isso que pudemos verificar nos dados coletados.

O jornal *O Tempo* apresenta o fato, conforme já dito anteriormente, mas insere novas informações e vozes, inclusive da cuidadora que fez a denúncia de crime de injúria na delegacia e que registrou o boletim de ocorrência. Novamente a psicóloga, que oferta cursos para cuidadores, assume não ter “filtrado” as informações injuriosas porque “Na hora, eu vi a possibilidade de empregar essas pessoas, conseguir a entrada de alguém com pouca experiência no mercado de trabalho.” No discurso da Psicóloga, observamos novamente o discurso da empregabilidade e o reforço da não observância de que cometeu também um ato racista e gordofóbico: “Onde está meu erro? Eu peguei essa mensagem e enviei sem filtrar. Essa exigência (que exclui mulheres negras ou gordas) não é minha, nunca foi minha, é uma exigência da empresa”. A empresa contratante emite uma nota em que se defende afirmando que

“Repudiamos veementemente o fato ocorrido. Somos uma empresa com valores sociais e humanos e que tem entre os seus valores o respeito ao próximo e a igualdade de tratamento, independente de sexo, cor, credo, etc.”

No discurso da empresa contratante, entretanto, observamos que não há o destaque para a igualdade de tratamento para os corpos que não atendem aos padrões hegemônicos de corporalidade. Ao fazer isso, concordamos com Fairclough (2001), para quem a representação discursiva não é apenas uma ferramenta linguístico-textual mas o é também da prática social, já que a maneira como a empresa contratante produz a sua fala acaba por manter construções discursivas sobre padrões corpóreos. Concordamos, também, com a concepção dos estudos interseccionais ao admitirmos que os eixos identitários que coabitam os corpos são avenidas (AKOTIRENE, 2019) que traçam caminhos de vulnerabilidades ou privilégios marcados, inclusive, por uma esfera discursiva. Pinto, por sua vez, afirma que “falar sobre linguagem significa expor as relações de poder nela imbricadas, na medida em que, definindo o que pode ser usado, por quem, em qual momento...” (PINTO, 2014, p. 217). É na linguagem que produzimos o quadro regulador dos corpos ao sustentar hierarquias sociais que favorecem certos corpos em detrimentos de outros, admitindo que sistemas de opressão colocam corpos brancos e magros em lugares de conforto e privilégio.

6 Análise das reações sociodiscursivas

As práticas sociodiscursivas na rede possibilitou uma ampliação do espaço de atuação dos interactantes, nos comentários das matérias – e outros gêneros discursivos, postados. Esse espaço tornou-se, então, objeto de observação e análise, principalmente por seu caráter “democrático”, no qual podemos perceber a recepção dos conteúdos colocados *online*. Essa seção se debruça nas reações sociodiscursivas das matérias discutidas na seção 5.

O *BHAZ* não apresenta comentários sobre o fato, enquanto o jornal *O Tempo* traz 15 comentários em seu espaço “Comentar a matéria”, e todos eles ocorreram no dia 13 de novembro de 2019. Serão analisadas aqui, portanto, as reações sociodiscursivas verbais produzidas no espaço do *O Tempo* que tematizaram o fenômeno: a exigência preconceituosa da empresa, partindo do comentário 1.

O primeiro comentário do interactante 1 é reproduzido a seguir:

- (1) Que agência mais burra ao invés de colocar as características na mensagem poderiam somente ter solicitado às candidatas interessadas que enviassem fotos, ou que enviassem o link do facebook.

A culpabilização da agência, materializada pela avaliação de julgamento “burra”, é explicada pela ação de descrever as características que se espera das candidatas. O que se está em jogo, aqui, não é a problematização dos discursos racistas e gordofóbicos mas tão somente uma alternativa para que a imagem da empresa não fosse difamada. Em termos de posicionamento, o interactante 1 não parece se incomodar com o fato de excluir mulheres negras e gordas, o que é demonstrado em “poderiam **somente** ter solicitado (...) que enviassem fotos, ou (...) link do facebook”. O modalizador em negrito denota a minimização dos atos de opressão, fazendo com que as vagas continuassem sendo excludentes, mas de forma eufemizada, fazendo com que a integridade da empresa fosse preservada. Para o interactante 1, a empresa preservaria sua face diante do crime. Ele produz assim uma reação não-transacional porque ele interage com o texto e não com outro interactante, e se engaja, refutando o comportamento da empresa e a condena por não ter usado outro tipo de estratégia, que atenuaria o crime. Fato é que: ele não reage de forma a condenar o crime cometido, mas a forma como a empresa o fez, talvez tenha reagido dessa forma em função da orientação discursiva empreendida pela manchete, já analisada na seção 5.

De um posicionamento conflitante do interactante 1, a culpabilização da empresa é marcada explicitamente, de forma engajada pelo interactante 2, relacionando o caso à esfera jurídica:

- (2) Após investigação por parte da Polícia Civil o ministério público (MP) **tem** que **indiciar** essa empresa e **puni-la criminalmente**. Isso aí é **caso de cadeia!**

Nessa reação sociodiscursiva também não-transicional, o interactante 2 condena e critica os atos cometidos por empresa e pela Psicóloga. Em posição temática, coloca, em circunstância temporal, dois atores em ação, a “Polícia Civil” e o MP, representando o fato a partir de uma perspectiva jurídica e punitivista. O modalizador “tem” revela um

alto engajamento na asserção do interactante, colocando os processos posteriores em uma esfera da obrigação, que utiliza de processos materiais “indiciar” e punir”, modificada pelo circunstanciador “criminalmente”, colocando o ato da empresa como um crime. O interactante 2 se posiciona contrário à empresa; através de uma presunção valorativa, nos leva a inferir que o ato praticado é racista. Como a gordofobia ainda não possui um arcabouço jurídico que a configure como crime, ele não se posiciona em relação a isso. Ele produz então duas reações sociodiscursivas verbais: condenação e crítica.

Alinhando-se às reações de condenação e crítica do interactante 3, a reação sociodiscursiva a seguir também culpabiliza a empresa pela exclusão dos corpos:

- (3) Acredito que o **preconceito maior evidentemente** foi do contratante que **exigiu mulheres brancas e magras**. A agência e, **inacreditavelmente**, a psicóloga foram **imprudentes demais** em repassar tais “**exigências**” para frente **sem qualquer questionamento**. **Lamentável**.

O ato criminoso é nomeado como “preconceito”, o que denota opressões baseadas em questões culturais. Embora esse preconceito seja intensificado pelo uso de “maior” e modalizado epistemicamente ao usar “evidentemente”, dando a entender que é muito grave, o interactante 3 não consegue denominar (e reconhecer) o ato como crime. Ao parafrasear a exigência a partir do padrão corporal hegemonicamente aceitável: “mulheres brancas e magras”, ressalta a compreensão de que, além do racismo, houve gordofobia, interseccionando a opressão nos sistemas do racismo e da gordofobia. Essa paráfrase é interessante porque, ao invés de trazer os corpos excluídos, aqueles que são aceitos, o interactante 3 evidencia os eixos de poder, explicitando aqueles que são privilegiados e, portanto, os agentes dos sistemas de opressão. O engajamento do interactante é alto, pois reafirma, discursivamente, a condição de verdade, avaliando-o: tanto “evidentemente” quanto “inacreditavelmente” demonstram uma asserção forte de que a empresa e a psicóloga têm responsabilidades na exclusão de tais mulheres. Outra escolha lexicogramatical importante é o uso de aspas em “exigências”, fazendo com que o posicionamento contrário seja marcado, de certo modo, ironicamente, já que produz um questionamento em relação a elas, circunstanciado pela naturalização do racismo e da gordofobia

em “sem qualquer questionamento”. Fairclough (2001) aponta o poder ideológico e hegemônico das representações naturalizadas: quanto mais opacos são os sentidos sociais produzidos nos textos, maior é a eficiência de sustentação de relações de poder assimétricas. Assim, “imprudentes demais” e “lamentável” são escolhas que mostram seu engajamento crítico negativo em relação à ação da psicóloga, condenando-a por tal falta de reflexão e descuido.

- (4) Que o **Brasil** é um **País racista é fato. BELO HORIZONTE**, essa roça grande, **vem se destacando** (entre as capitais) nesse quesito. Depois querem dizer que Mineiro é um povo acolhedor.

O interactante 4 relaciona o fato ao nível macro da realidade brasileira, marcado geograficamente por “Brasil”, “País” e “Belo Horizonte”. A escolha por uma estratégia argumentativa baseada em termos geográficos pode ser analisada pela ótica do racismo estrutural, ou seja, o fato não é isolado, mas é reiterado em outras ações, além da exigência da empresa e a circulação “despretensiosa” da psicóloga. Tal reiteração é reafirmada pelo uso do gerúndio “vem se destacando”, um processo que coloca o interactante 4 em uma posição de denúncia. O modalizador “de fato” denota o alto engajamento e retira qualquer contra argumentação por ser uma verdade inquestionável. Essa reação sociodiscursiva demonstra uma problematização social ao relacionar o conteúdo da matéria a outras tantas ações e práticas racistas, trazendo para o texto intertextos e interdiscursos que podem ser recuperados por inferências e pressuposições. Assim, ele desaprova e condena não só os atos praticados na polêmica aqui apresentada, mas também todos os outros praticados no Brasil.

Essa estrutura de relacionar o fato ao nível macro também é vista na seguinte reação sociodiscursiva:

- (5) É uma vergonha todo esse preconceito e desigualdade que tem no **Brasil**. Liga **TV** é raro ver com papel principal, apresentando jornal ou algum programa. No **Futebol** mesmo com Fifa fazendo campanha sempre tem caso de Racismo, toda hora sai Notícia de Injúria que nem era pra existir esse termo e a Lei ser mais Dura contra Racismo. E agora tem a **Direita** que é raro ver alguém sendo contra ou fazendo algo pra combater o Preconceito e Desigualde. Muitos ficam de falso moralismo

falando de Metitocracia relativizando cadós (sic) em que Minoria ganha algum premio alegando ser pelo Politicamente Correto ou mimimi

Além da argumentação geográfica, possui também a esfera cultural da televisão e do futebol, jurídica, e política. O interactante 5 além de refutar o fato noticiado na matéria, condena a forma como outros campos sociopolíticos e culturais agem diante dessas relações visíveis de opressão e vulnerabilidades. Aqui, não há pronunciamento sobre a gordofobia assim como a maioria: apenas um interactante reagiu discursivamente ao problema da gordofobia.

7 A violência verbal (e não somente ela) na colisão dos corpos

Nossa análise demonstra crítica e discursivamente como a violência verbal se utiliza de sistemas de opressão que são construídos sociohistórica e interseccionalmente e que regulam os corpos de múltiplas formas, conforme os eixos identitários são colididos. Queremos refletir, além disso, e concomitantemente, como essas colisões estão presentes na prática da análise: somos duas mulheres brancas, sendo uma gorda, refletindo sobre os sistemas de opressão que não nos vulnerabilizam: o racismo, que não nos oprime, e a gordofobia, que oprime apenas uma das autoras, mas que não se intersecciona com o racismo. Fomos interpeladas e provocadas (no melhor sentido da palavra) por uma intelectual negra gorda, a quem agradecemos agora e continuaremos, Juliana Costa, que nos apontou o vício universalizante de nossas análises e o etnocentrismo teórico, não nos dando respostas prontas, mas nos levando a pensar nossa postura branca na academia e na vida. Por isso, nossos corpos foram confrontados, inclusive por nós mesmas, e pudemos começar a perceber os eixos de poder que nos compunham e, assim, tentar evidenciá-los criticamente nas análises e nas reflexões teórico-metodológicas propostas.

Partindo disso, nosso artigo discutiu como, a partir das matérias e das reações sociodiscursivas verbais, a transmissão via *WhatsApp* de uma vaga de cuidadores de idosos que excluía mulheres gordas e negras foi retratada. Dessa forma, analisou como as vozes inseridas nos textos evidenciam (ou não) os eixos identitários que compõem a vaga e como mobilizam, iterando ou problematizando os sistemas de opressão que os estruturam: o racismo e a gordofobia. E também o gênero social,

porque uma das mídias itera o fato de que essa profissão estaria vinculada naturalmente às mulheres ao usar o léxico “cuidadora”.

Observamos que as condições estruturais brasileiras operam e atravessam os corpos que fogem aos padrões privilegiados branco e magro, vulnerabilizando-os e violentando-os. A presença do corpo negro, nas empresas, é ainda desconfiada, pois é colocada em xeque sua habilidade e capacidade de trabalho. E o mesmo vem ocorrendo com os corpos gordos. Como pontua Akotirene: “a heterogeneidade de opressões conectadas pela modernidade, afasta-se a perspectiva de hierarquizar sofrimento, visto como todo sofrimento está interceptado pelas estruturas” (AKOTIRENE, 2019, p. 46).

Fato é: uma mulher negra e gorda cuidadora não teve oportunidade de trabalho porque seu corpo, sua identidade, foi atravessada pelo capital, pelo racismo estrutural e pela gordofobia, ou seja, múltiplos trânsitos que “revelam quem são as pessoas realmente acidentadas pela matriz de opressões” (AKOTIRENE, 2019, p. 47). Consequentemente, a discriminação interseccional (CRENSHAW, 2004) foi analisada pela sua faceta discursiva, instanciada pela violência verbal contida na vaga de emprego. Uma questão interessante sobre essa discriminação é que, na colisão entre corpos negros gordos, o racismo é questionado mais recorrentemente do que a gordofobia. Tanto as matérias quanto as reações sociodiscursivas verbais trabalham predominantemente o fato de excluir mulheres negras, tanto culturalmente quando juridicamente. O fato de a gordofobia ser um tema relativamente novo e o fato de ainda não haver uma legislação que discuta especificamente essa forma de discriminação podem constituir uma conjuntura que justifique sua menor recorrência.

Assim, afirmamos que, mais do que discutir quais as violências verbais estão presentes na sociedade, o importante é analisar como elas acontecem, como os contextos sociais e discursivos produzem dialeticamente condições para que existam. É necessário colocar as violências verbais (e não somente elas) nas avenidas identitárias e evidenciar quais corpos estão em colisão: tanto aqueles que sofrem a violência quanto os que violentam, complexificando a relação entre os eixos de subordinação e o de poder, além dos sistemas a que eles estão relacionados. Essa visão contribui para não essencializarmos nenhuma identidade e problematizarmos discursivamente de maneira mais profunda como distintas discriminações (e crimes) operam.

Declaração de Autoria

Este artigo foi desenvolvido pelas duas autoras. O desenho e a coleta dos dados foram realizados por Maria Carmen Aires Gomes. Todas as autoras colaboraram na interpretação dos resultados, redação e revisão do artigo.

Referências

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

BALOCCO, A.; SHEPHERD, T. M. G. A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo-interacional. *DELTA*, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 1013-1037, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-44506536361317067>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502017000401013&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 18 mar. 2014.

BUTLER, J. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CARVALHO, A. B. *Representações e identidades de mulheres gordas em práticas midiáticas digitais: tensões entre vozes de resistência e vozes hegemônicas*. 2018. 138f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018.

CARVALHO, A. B.; COSTA, J. C. Interseccionalizando a Análise de Discurso Crítica: a encruzilhada nos estudos discursivos e de gênero social. In: GOMES, M.A.; VIEIRA, V; CARVALHO, A.B (org.). *Práticas Sociais, Discurso, Gênero Social: explicações críticas sobre a vida social*. Curitiba: Editora Appris. (no prelo.)

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity: Rethink Critical Discourse Analyses: Textual Analysis for Social Research*. London; New York: Routledge, 1999.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 7-16, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2014.

CRENSHAW, K. W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: *VV.AA. Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004.

CULPEPER, J. *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511975752>

CUNHA, D. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. *Revista Investigações*, Recife, v. 25, n. 2, p. 21-41, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/338>. Acesso em: 18 mar. 2014

DAHLBERG, L. Computer-Mediated Communication and the Public Sphere: A Critical Analysis. *Journal of Computer-Mediated Communication*, Oxford, v. 7, n. 1, [s.p.], 2001. DOI: 10.1111/j.1083-6101.2001.tb00137.x

DÍAZ-NOCI, J.; RUIZ, C.; MASIP, P.; SANZ, J. L. M.; SANTAMARIA, D. D. Conversación 2.0. y democracia. Análisis de los comentarios de los lectores en la prensa digital catalana. *Comunicación y Sociedad*, Guadalajara, v. 23, n. 2, p.7-39, 2010. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/23768/1/20101214164655%282%29.pdf>. Acesso em: 13 maio 2016.

DOMINGO, D. Interactivity in the Daily Routines of Online Newsrooms: Dealing with an Uncomfortable Myth. *Journal of Computer-Mediated Communication*, Oxford, v. 13, p. 680-704, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2008.00415.x>

EGGINS, S.; SLADE, D. *Analysing Casual Conversation*. Londres: Cassel, 1997.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. London; New York: Routledge, 2003. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203697078>

GOMES, M. C. A. Estudo das reações sociodiscursivas verbais em ambientes de interação virtual. In: RESENDE, V. M.; ARAÚJO, C. L. REGIS, J. F. S. (org.). *Discurso, política e direitos: por uma análise de discurso comprometida*. Brasília: Editora UnB. (no prelo.)

- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. ed. London: Routledge, 2004.
- HERRING, S. C. Gender and Democracy in Computer-Mediated Communication. *Electronic Journal of Communication*. v. 3, n. 2, p. 1-17, 1993. Disponível em: <http://www.cios.org/EJCPUBLIC/003/2/00328.HTML>. Acesso em: 18 mar. 2014.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London, New York: Routledge, 2006. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203619728>
- MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre Relations. Mapping Culture*. London: Equinox Publishing, 2009.
- MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *Language of Evaluation: Appraisal in English*. London: Palgrave Macmillan, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1057/9780230511910>
- NASH, J. Re-Think Intersectionality. *Feminist Review*, London, n. 89, p.1-15, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1057/fr.2008.4>
- NOGUEIRA, E.; ARÃO, L. Facebook como espaço de ação virtual: uma análise sobre as reações discursivas na *fan page* de um movimento ambiental. *Revista Caleidoscópio*, São Leopoldo, RS, v.13, n.3, 2015, p. 353-362. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2015.133.07>
- PAIVA, A. P. *A interatividade no jornalismo online para o conteúdo das notícias - O perfil interativo dos jornais de língua portuguesa Folha de São Paulo (Brasil) e Público (Portugal)*. In: SOPCOM: COMUNICAÇÃO GLOBAL, CULTURAL E TECNOLOGIA, 8., 2014. Disponível em: https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/11400044/livro_de_Latas_8_SOPCOM_661_668.pdf. Acesso em: 13 maio. 2016.
- PAVEAU, M. A. *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*. Campinas: Editora Unicamp, 2015.
- PINTO, J. P. Linguagem, feminismo e efeitos de corpo. In: SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014. p. 207-230.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2014a.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Revista Verso e Reverso*, São Leopoldo, RS, v. 28, n. 68, p. 117-127, 2014b. DOI: <https://doi.org/10.4013/ver.2014.28.68.06>. Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/viewFile/7323/4187>. Acesso em: 18 mar. 2020.

RECUERO, R; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. *Galaxia*, São Paulo, n. 26, p. 239-254, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1982-25532013000300019>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n26/v13n26a19.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.

STRANDBERG, K.; BERG, J. Comentários dos leitores dos jornais online: conversa democrática ou discursos de opereta virtuais? *Comunicação e Sociedade*, Braga, PT, v. 23, p. 110-131, 2013. DOI: [https://doi.org/10.17231/comsoc.23\(2013\).1617](https://doi.org/10.17231/comsoc.23(2013).1617). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312080804_Comentarios_dos_Leitores_dos_Jornais_Online_Conversa_Democratica_ou_Discursos_de_Opereta_Virtuais. Acesso em: 13 mai. 2016.

TADEU, J. R. G. B. *Participação política e os comentários dos leitores no jornalismo online portugueses: significado e importância política dos comentários dos leitores nos websites dos sete jornais generalistas portugueses e as estratégias para a sua gestão*. 2012. 148f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2012.

Van DIJK, T. A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

WHITE, P. Valoração – linguagem da avaliação e da perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 4, n. esp, p. 178-205, 2004. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/295. Acesso em: 13 maio 2016.

WRIGHT, S.; STREET, J. Democracy, deliberation and design: the case of online discussion forums. *New Media & Society*, Chicago, v. 9, n. 5, p. 849-870, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444807081230>



Identificando os “discursos de ódio”: um olhar retórico-discursivo

Identifying “hate speech”: a rhetorical discourse approach

Melliandro Mendes Galinari

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, Minas Gerais / Brasil

melliandro@yahoo.it

<https://orcid.org/0000-0002-6838-0615>

Resumo: Tem sido uma constatação comum de diversos estudiosos e movimentos sociais que certos discursos, ditos “de ódio”, encontram-se em franca ebulição nas esferas públicas contemporâneas, com uma intensidade jamais antes sentida, principalmente com o surgimento e a difusão tecnológica das redes sociais. Este artigo propõe alguns parâmetros de identificação desse fenômeno em nossa sociedade, com base nas Leis, e também a partir de noções clássicas da Retórica e da Análise do Discurso, como, por exemplo, a própria noção de discurso e de condições de produção do discurso. Como resultado, o artigo conclui que nem todo discurso que expressa raiva, ira ou cólera é, necessariamente, um Discurso de Ódio, pois este depende de seus efeitos sociais discriminatórios, examinados dentro das características de seu contexto social e histórico. Dentro dessa perspectiva, o artigo apresenta, ainda, algumas possíveis recorrências discursivas dos Discursos de Ódio, tais como o estereótipo, o insulto, a ridicularização, a expressão de euforia diante da dor do outro, a deslegitimação e o negacionismo.

Palavras-chave: discursos de ódio; análise do discurso; retórica.

Abstract: Several scholars and social movements have commonly observed that hate speech is in full swing in contemporary public spheres, with an intensity never felt before, especially with the emergence of social networks and their technological diffusion. This article proposes some identification parameters of such modern phenomenon in our society, based on the legislation and also on classic notions of Rhetoric and Discourse Analysis, such as, for instance, discourse notion and conditions of discourse production. As a result, the article concludes that not every speech that expresses anger, rage or wrath is necessarily a hate speech, as it depends on its discriminatory social effects,

examined within its social and historical context aspects. Based on such perspective, the article also presents some possible recurrences of discourse of hate speech, such as the stereotype, the insult, the ridicule, the expression of euphoria in the face of other's pain, delegitimization and negationism.

Keywords: hate speech; discourse analysis; rhetoric.

Recebido em 20 de março de 2020

Aceito em 20 de maio de 2020

1 Introdução

No midiaticizado panorama sentimental da atualidade, nos infinitos *gigabytes* das redes sociais, nas mais desembestadas controvérsias políticas, com seus aguerridos e destemidos afetos cívicos, um Demônio – o Discurso de Ódio – sorri para nós! Virou palavra de ordem, virou *a* palavra da moda: tanto o expediente de discriminação do outro (ou de sua classe/gênero/etnia etc.), quanto a representação demagógico-acusatória do comportamento adversário, posto como “odiento”, por meio de gestos nervosos de autodefesa diante de plateias extasiadas. O ódio se vê na veia, se vê na voz, se vê nas vestes de entretenimento nas telas embaçadas de saliva dos computadores, *smartphones* e *tablets* de última geração. Esse bicho feroz, multifacetado que é, toma as suas formas nos **negritos**, nas CAIXAS ALTAS, na mor-fos-sin-ta-xe, no poderio aterradorizador, ridicularizador e estigmatizador das ferramentas audiovisuais.

Do ponto de vista teórico, aquela pergunta angustiada, que não quer calar: tudo aquilo que inflama em nós, que transborda, que exagera ou, ainda, todo arroubo que explode, que irradia em nosso íntimo a ira, a raiva ou a fúria, seriam já, por essa condição, “fumaça tóxica”, isto é, marca latente de fogo – o fogo dos Discursos de Ódio? Se a odiosidade lateja na veia, se arrebenta forte na palavra – no insulto! –, se deságua certa no cuspe, ou até mesmo no espancamento ou no homicídio, estaríamos mais uma vez, inequivocamente, diante do fenômeno em pauta? O que me instiga neste artigo é, justamente, refletir se podemos sair por aí, de maneira acertada, taxando qualquer enunciado “raivoso” como um Discurso de Ódio. Trata-se, aqui, de uma desconfiança inicial, que busca indagar se tal expressão não se encontra banalizada por um

uso indiscriminado em debates políticos e em redes sociais. Afinal, toda violência verbal é, automaticamente, sinônimo de Discurso de Ódio?

A desconfiança parece ser pertinente ao campo teórico-prático do presente trabalho. Caberia, acredito, a áreas como a Análise do Discurso (AD) e a Retórica/Argumentação tentar estabelecer, com o seu olhar, parâmetros para que possamos discernir (embora o assunto seja deveras complicado) entre a expressão desarticulada da raiva (ou da fúria), de caráter acidental e momentâneo, e o chamado Discurso de Ódio propriamente dito, de amplo impacto sociopolítico, isto é, de alto grau de acabamento ideológico.

A busca por elucidar uma questão dessa natureza se trata de um desafio e, principalmente, de repisar um terreno movediço, uma vez que, no fundo, estamos esbarrando em um problema jurídico de *tipificação*, a léguas de atingir (e talvez seja impossível) uma solução definitiva. Isso fica ainda mais evidente se adiantamos aqui algumas máximas comuns a estudos retórico-discursivos: a nossa incansável linguagem hodierna não é transparente; as palavras, as nossas mais caras e preferidas expressões, não são as coisas do mundo por elas designadas; uma “Verdade”, em suma, de cunho ontológico ou essencial, não existe. Mais ainda, a estrutura da linguagem não significa ou gera o seu efeito por si mesma, isto é, de forma autônoma e universal; nesse caso (e sempre), há que se considerar o *contexto* para extrair a significação particular de uma declaração ou enunciado, ou para especular sobre os seus possíveis impactos, ou mesmo para sustentar se uma dada expressão significa isso ou aquilo. O que gostaria de afirmar com isso é que o Discurso *de Ódio* teria, pelo menos em teoria, o(s) seu(s) contexto(s) específico(s), e só poderia ser designado, portanto, em função do que se tem chamado de condições de produção do discurso.

Se as palavras mudam de sentido e de efeito em função da situação/conjuntura, como poderíamos, então, tipificar de uma vez por todas as características dos Discursos de Ódio? Como seria possível, assim, catalogar formas linguístico-discursivas prototípicas, capazes de denunciar a ocorrência inequívoca desse corrosivo fenômeno na linguagem pública? Para percorrer esse leque de problematizações iniciais, o presente artigo se divide em três seções complementares, cada qual contribuindo, a seu modo, para a definição e identificação dos Discursos de Ódio: um momento inicial, em que se busca extrair a contribuição das Leis; uma segunda parte, na qual se busca extrair

consequências teóricas a partir da noção de condições de produção do discurso e, enfim, uma última parte, em que a própria noção de discurso, conforme a Retórica e a Análise do Discurso, oferece a sua contribuição, momento em que serão apresentadas, também, algumas recorrências simbólicas dos Discursos de Ódio.

2 A prática jurídica: o que dizem as Leis

O mundo jurídico apresenta-nos elementos contextuais importantes para a compreensão dos Discursos de Ódio. Obviamente, as Leis não abordam o assunto de maneira direta, mas, de certa forma, nos fornecem subsídios elucidativos para a sua compreensão em nossa sociedade. Elas podem contribuir também, o que é mais importante, para a identificação de algumas possíveis formas de manifestação simbólica dos Discursos de Ódio. É nesse sentido que apresento e discuto abaixo algumas medidas legais. Vejamos:

- Lei n. 7.716, de 5 de janeiro de 1989:¹ de forma geral, torna punível, como está em seu Art. 1º, “(...) os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. É prevista na Lei não apenas a ilicitude de tais práticas, mas, também, a sua *indução e incitação*, conforme encontra-se claramente expresso no Art. 20. Nesse sentido, o § 1º desse mesmo artigo acrescenta, ainda, punibilidade no seguinte caso: “fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fim de divulgação do nazismo”.

Bem longe de desconsiderar o avanço de uma legislação dessa natureza, ela apresenta, ainda, dois problemas. Em primeiro lugar, trata-se, na verdade, de um problema externo: a “relativização” que essa Lei vem sofrendo devido a outra diretriz oficial precedente, a saber, o Decreto-Lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940,² presente no

¹ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1989/lei-7716-5-janeiro-1989-356354-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 16 mar. 2020.

² Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940-412868-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 16 mar. 2020.

Código Penal, que tipifica a chamada “injúria racial”. Em seu Art. 140, encontramos a possibilidade de atribuição de pena a quem, de modo geral (e vago), “injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou decoro”. Mais especificamente no § 3º, a questão racial e outras são introduzidas com mais clareza. Nesse sentido, há pena “se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência”.

A grande questão é que a chamada injúria racial prevê penas mais brandas, não sendo, por exemplo, nem inafiançável, nem imprescritível, como no caso dos crimes de racismo, previstos na Lei 7.716. É com essa finalidade que esta Lei se vê muitas vezes relativizada por aquela em manipulações judiciais. Isso porque, em teoria, a injúria atribuir-se-ia, *grosso modo*, a uma ofensa de caráter *pessoal*, valendo-se de categorias como a raça do indivíduo, a sua cor, etnia, religião, origem, idade, deficiência física etc., quase que como um “pretexto” para atingir a sua exclusiva pessoa; já o racismo propriamente dito, voltar-se-ia para o prejuízo de uma coletividade inteira (e não de um indivíduo em particular), à medida que um determinado grupo sofre restrições e violências sociais por apresentar traços étnicos específicos, como tem sido, no Brasil, em relação aos negros e aos indígenas.

É pensando nesse prejuízo de caráter coletivo (e não pessoal) que a Lei 7.716 prevê punibilidade no caso de alguém (ou uma empresa/instituição) recusar ou dificultar o emprego a pessoas pela sua pertença a uma determinada raça, assim como negar a sua entrada, pelos mesmos motivos, em estabelecimentos comerciais ou públicos (dentre outras coisas). Estaríamos, assim, diante de procedimentos discriminatórios que prejudicariam socialmente toda uma coletividade. Porém, não existe consenso sobre essa separação (abstrata, a meu ver) entre “injúria racial” e “racismo”, e muito se tem dito, acertadamente, que a primeira categoria tem sido usada, inclusive juridicamente, para relativizar crimes raciais (ou pôr “panos quentes”, melhor dizendo).

O segundo problema da Lei 7.716 diz respeito a um silêncio: apesar de condenar a apologia ao nazismo, as diretrizes não incorporam o extermínio da comunidade LGBTIQ+ e a violência sistêmica contra a mulher, deixando, assim, uma lacuna significativa. É por isso que outras medidas foram sendo paulatinamente tomadas, em direção a uma sociedade mais justa e igualitária, como, por exemplo, a seguinte:

- Lei n. 9.029, de 13 de abril de 1995:³ conforme o seu texto, “proíbe a exigência de atestados de gravidez e esterilização, e outras práticas discriminatórias, para efeitos admissionais ou de permanência da relação jurídica de trabalho, e dá outras providências”.

Como se vê, embora refira-se especificamente ao mundo do trabalho, tal medida, de certa forma, tipifica formas de ataque à cidadania de determinadas categorias sociais. Ou seja, a condição de pertencer ao sexo feminino (de “poder/pretender engravidar”, e/ou de estar ou não grávida) não pode mais constituir empecilho para o acesso ao emprego, ou, ainda, motivar tratamento inferiorizado dentro das relações de trabalho. Não apenas o fator “sexo” é coberto pela Lei, mas também outras categorias sociais e identitárias, como podemos ver em seu Art. 1º:

é proibida a adoção de qualquer prática discriminatória e limitativa para efeito de acesso à relação de trabalho, ou de sua manutenção, por motivo de sexo, origem, raça, cor, estado civil, situação familiar, deficiência, reabilitação profissional, idade, entre outros, ressalvadas, nesse caso, as hipóteses de proteção à criança e ao adolescente previstas no inciso XXXIII do art. 7º da Constituição Federal.

A Lei, portanto, se refere a práticas discriminatórias, o que por si só já interessa às finalidades deste trabalho, uma vez que a linguagem tanto é a fonte quanto a forma de expressão dessas práticas.

- Lei n. 11.340, de 07 de agosto de 2006:⁴ conhecida popularmente como Lei Maria da Penha, essa medida foi criada para suprir uma grande lacuna deixada pelas tipificações precedentes. Do silêncio deixado pela Lei n. 7.716, no que tange à violência de gênero, à restrição ao mundo laboral das retaliações sociais dirigidas às mulheres (Lei 9.029), o presente dispositivo reconhece a violência contra o gênero feminino como um mecanismo cultural perverso e bastante amplo, justamente por encontrar-se imiscuída em todas as relações sociais, principalmente no âmbito doméstico e familiar. Em

³ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9029.HTM. Acesso em: 16 mar. 2020.

⁴ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 16 mar. 2020.

seu Art. 1º, encontramos algumas diretrizes gerais sobre o caráter da Lei, que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

Na sequência do texto, a Lei se mostra bastante completa e abrangente, caracterizando, por exemplo, as formas puníveis de violência contra a mulher. Estas não se limitam ao óbvio, isto é, à violência física, sexual e patrimonial, mas também a opressões de caráter mais subjetivo, emocional e/ou simbólico, como são os casos da *violência psicológica*⁵ e da *violência moral*.⁶ Como nos mostram as notas de rodapé, estamos diante de verdadeiros atos de linguagem, característicos, como se verá, dos chamados Discursos de Ódio: humilhação, ridicularização, constrangimento, difamação, insulto, calúnia, injúria, ameaça etc. Das leis acima, aliás, essa parece ser aquela que tangencia mais enfaticamente, pela riqueza das expressões arroladas, o problema e a gravidade da violência verbal, considerada em seus aspectos psicológico e moral.

Essa dimensão aparentemente mais sutil da violência, mas tão massacrante quanto quaisquer outras formas, não se mostra tão enfatizada na Lei que aborda o racismo (Lei n. 7.716), embora ali se condene a indução e a incitação discursivas de práticas preconceituosas. Na Lei n. 9.029, porém, que trata de práticas discriminatórias diversas no mundo laboral, a questão simbólica se mostra ausente. Paradoxalmente, ela foi abordada no Decreto-Lei n. 2.848, que configura a questão da “injúria” e da “injúria racial”, mas a impressão que fica é a de que ainda temos

⁵ “(...) entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação”.

⁶ “(...) entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria”.

muita estrada para percorrer quando se trata de reconhecer os estragos causados pelas dimensões psicossociodiscursivas e morais da violência e/ou do ódio, pouco ou nada contemplada em **várias dessas leis**.

- Lei n. 13.104, de 09 de março de 2015:⁷ essa medida vem fortalecer ainda mais a proteção à mulher já contemplada na medida anterior, acrescentando a palavra “feminicídio” no artigo 121 do Decreto-Lei n. 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal). O feminicídio é definido então como os homicídios “contra a mulher por razões da condição de sexo feminino”. Em seguida acrescenta: “considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve: I) violência doméstica e familiar; II) menosprezo ou discriminação à condição de mulher”. Nesses casos a pena é ainda aumentada, de um terço até a metade, caso a mulher esteja grávida ou com parto recente, caso seja menor de 14 anos, idosa ou com deficiência, ou caso seja assassinada na presença de descendente ou ascendente.

A Lei é importante à medida que insere no linguajar jurídico, pela primeira vez, o termo “feminicídio”, tirando da invisibilidade um tipo de assassinato que possui suas especificidades, uma vez que tangencia questões de *gênero*, que, aliás, também são mais explicitadas e clarificadas nessa Lei.

- PLC - Projeto de Lei da Câmara n. 122 (de 2006)⁸ e enquadramento da homofobia, pelo STF (Supremo Tribunal Federal), na Lei dos crimes de racismo (Lei n. 7.716) em 13 de junho de 2019: o Projeto de Lei da Câmara n. 122, de 2006, tratou-se de uma tentativa de criminalizar a homofobia e, pode-se dizer, de todo tipo de violência à comunidade LGBTIQ+. No entanto, o projeto foi arquivado em 2014, após permanecer 8 *anos* em tramitação, não obtendo, portanto, aprovação.

⁷ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm. Acesso em: 16 mar. 2020.

⁸ Detalhes sobre esse projeto de Lei, assim como o seu texto inicial, podem ser vistos no site do Senado, a saber, no seguinte endereço eletrônico: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/79604>. Acesso em: 16 mar. 2020.

No texto inicial da proposta, encontramos a proposição do Art. 1º, que nos explica o seguinte:

esta Lei altera a Lei nº. 7.716, de 5 de janeiro de 1989, o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, e a Consolidação das Leis do Trabalho, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, definindo os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero.

O Art. 2º do projeto modificaria, também, a ementa da Lei n. 7.716 (já vista acima), que passaria a ter a seguinte redação: “define os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional, gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero”. Dessa forma, se o PLC tivesse sido aprovado, teriam sido incluídas na Lei de 1989 as palavras ou expressões “gênero”, “sexo”, “orientação sexual” e “identidade de gênero”. Isso teria inserido na referida Lei (já existente), o público LGBTIQ+, que poderia então contar com a punição de seus agressores em casos de insulto, incitação ao insulto e discriminação.

O PLC 122 previa, ainda, a inserção dos artigos 8º -A e 8º -B na Lei n. 7.716, que, respectivamente, tornariam ilícitas as seguintes atitudes: (a) “impedir ou restringir a expressão e a manifestação de afetividade em locais públicos ou privados abertos ao público, em virtude das características previstas no art. 1º desta Lei”; (b) “proibir a livre expressão e manifestação de afetividade do cidadão homossexual, bissexual ou transgênero, sendo estas expressões e manifestações permitidas aos demais cidadãos ou cidadãs”. Apesar do ganho social que essa Lei teria representado e de sua contribuição para uma cidadania plena e diversificada, o projeto foi arquivado em 2014, após inverossímeis 8 anos de tramitação.

Porém, a questão se reascendeu em 13 de junho de 2019, quando, após um julgamento que já se arrastava desde fevereiro, o STF enquadrou a homofobia e a transfobia nos parâmetros dos crimes de racismo presentes na conhecida Lei n. 7.716. Ainda assim, e apesar do avanço, tudo se encontra ainda em caráter provisório (no momento da escrita deste artigo): a criminalização pelo STF permanece em vigor até que seja aprovada uma legislação específica sobre o assunto pelo Congresso Nacional, órgão que tem o poder efetivo de criar as Leis. No entanto,

de alguma forma, os conteúdos do PLC 122, embora não transformados efetivamente em Lei, encontram-se em vigor devido à decisão do STF, ainda que provisoriamente.

- Lei n. 6.001, de 19 de dezembro de 1973: não poderia deixar de mencionar aqui as medidas legais de proteção aos Índios, ainda que a questão do preconceito ou do racismo, geralmente a tônica dos Discursos de Ódio, não seja abordada/definida de forma direta no texto. A Lei é bem incisiva, buscando assegurar às populações indígenas tanto a permanência voluntária em seus *habitat* naturais (que devem ser preservados), quanto a integração à comunhão nacional e suas formas de vida, o que inclui, ainda, a garantia da “(...) posse permanente das terras que habitam, reconhecendo-lhes o direito ao usufruto exclusivo das riquezas naturais e de todas as utilidades naquelas terras existentes” (Art. 2, parágrafo IX). A Lei prevê, dentre várias outras coisas, o respeito à “(...) coesão das comunidades indígenas, os seus valores culturais, tradições, usos e costumes” (Art. 2, parágrafo VI). A Lei reforça as diretrizes da já existente FUNAI – Fundação Nacional do Índio, instituída pela Lei n. 5.371, de 5 de dezembro de 1967, que teve o seu estatuto aprovado apenas recentemente (pelo Decreto n. 9.010, de 23 março de 2017, publicado no Diário Oficial da União, em 24 de março de 2017).⁹ A Funai tem a difícil missão, em um país continental, de amplas florestas e reservas naturais, de promover, proteger e garantir os direitos sociais e humanos dos índios, reconhecendo, mais uma vez, a sua “(...) organização social, costumes, línguas, crenças e tradições (...)”.¹⁰

Não é preciso aqui recorrer à extensa historiografia existente para lembrar do progressivo processo de extermínio pelo qual tem passado as populações indígenas no Brasil desde a sua “descoberta” (ou invenção, eu diria). Trata-se, obviamente, de um grupo perseguido e, conseqüentemente, estigmatizado, discriminado, esquecido, até mesmo em textos como este. Apenas para ilustrar o momento atual, no dia 28

⁹ Informações disponíveis no site da FUNAI, no link seguinte: <http://www.funai.gov.br/index.php/estrutura-organizacional/estatuto-da-funai>. Acesso em: 16 mar. 2020.

¹⁰ Estatuto da FUNAI, disponível no link informado na nota 9.

de novembro de 2019, um grupo de juristas ligados à Comissão Arns e ao Coletivo de Advocacia em Direitos Humanos (Cadhu) apresentou uma representação contra o então Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, no Tribunal Penal Internacional de Haia, alegando a existência de uma provável incitação ao genocídio dos indígenas.¹¹ O presidente estaria atuando no enfraquecimento de instituições como a FUNAI e não se posicionando de forma eficaz quanto à onda de incêndios que atingiu a Floresta Amazônica naquele período. Já mais recentemente, em 5 de fevereiro de 2020, durante a comemoração dos 400 dias de governo, o Presidente Jair Bolsonaro assinou um projeto de lei para autorizar o garimpo em terras indígenas, visando exploração mineral e energética, o que inclui gás e petróleo, além da construção de hidrelétricas ou termoelétricas.¹² Muitos portais e organizações tem denunciado o gesto, inclusive, como uma violação dos princípios contidos na Lei de proteção ao Índio, já consagrada no Brasil.

Ao fim desta seção, pode-se dizer que o interesse em rememorar as Leis acima reside, justamente, no conjunto de pistas que elas nos oferecem para pensarmos os critérios de caracterização e identificação dos Discursos de Ódio, assim como as peculiaridades do contexto em que (e para o qual) emergem. Mesmo sem nos darmos conta, já percorremos aqui, como se confirmará abaixo, as chamadas condições de produção dos Discursos de Ódio no Brasil.

3 A “estufa” do ódio

A noção de condições de produção, também presente de forma mais sintética na palavra “contexto”, comporta reflexões antigas e modernas fundamentais como parâmetro teórico-prático para as posições assumidas neste artigo. São várias as teorias que ressaltam a conjuntura sócio-histórica e cultural como um critério importante para uma profunda avaliação dos enunciados públicos, assim como para uma

¹¹ Notícia disponível no portal El País, no link: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019-11-29/bolsonaro-e-denunciado-por-incentivar-genocidio-de-indigenas.html>. Acesso em: 16 mar. 2020.

¹² Conteúdo disponível no site da Folha de São Paulo, no link: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/02/bolsonaro-assina-projeto-que-autoriza-garimpo-em-terras-indigenas.shtml>. Acesso em: 16 mar. 2020.

boa análise e avaliação de seus efeitos, uma vez que a linguagem não produz significados apenas por sua estrutura interna. Na antiga Retórica Sofística de Górgias, e também no campo de especulação dos pitagóricos gregos (respectivamente, séculos V e VI a.C.), já havia um refinado conhecimento sobre esses postulados, aglutinados, naqueles tempos, na terminologia *Kairós*. Em 1922, tal vocábulo, geralmente traduzido como “momento oportuno” (ou “circunstâncias oportunas”), foi assim comentado pelo renomado pesquisador italiano Augusto Rostagni:

la mutevolezza dei discorsi è giustificata e richiesta dalla necessità di adattarsi alle *circostanze* [*kairós*], le quali, in senso lato, comprendono le disposizioni d’animo così dell’oratore come dell’uditore, il momento, il luogo, la persona di cui si parla o a cui si parla, ecc. Bisogna scientificamente conoscere le varie forme di discorso (...) per non urtare contro le regole dell’opportunità (...); variare convenientemente l’eloquio (...); scegliere ciascuna forma in armonia con ciascun caso (...). La retorica, così concepita, diventa per Gorgia e per i suoi discepoli arte del ben vivere, centro dell’educazione.¹³ (ROSTAGNI, 1922, p. 157.)

Ora, sabemos que a retórica não é, em sua essência, nem boa nem má *a priori*: se em determinado momento ela pode se revelar como uma “arte do bem viver”, ou o “centro da educação”, em outras circunstâncias ela pode também ser manipulada como veneno, descambando, inclusive, em Discursos de Ódio. Digressões à parte, o que nos interessa aqui é, metodologicamente, a consideração das circunstâncias da enunciação para o entendimento dos discursos e de seus impactos. É um conhecimento muito antigo o postulado de que toda a estrutura do discurso – os elementos prosódicos, as escolhas lexicais, a morfoxintasse, o estilo etc. – se modela por pressões do seu entorno social, isto é, das suas condições de produção, ainda que de forma inconsciente. E tal noção

¹³ “A mutabilidade dos discursos é justificada e requisitada pela necessidade de se adaptarem às *circunstâncias* [*Kairós*], as quais, em sentido lato, compreendem os estados de ânimo tanto do orador quanto do auditório, o momento, o lugar, a pessoa de quem se fala ou para quem se fala etc. É preciso conhecer cientificamente as várias formas de discursos (...) para não atentar contra as regras da oportunidade (...); variar de forma conveniente a elocução (...); escolher cada forma em harmonia com cada caso (...). A retórica, assim concebida, se torna para Górgias e para os seus discípulos uma arte do bem viver, centro da educação”. (ROSTAGNI, 1922, p. 157.) (Tradução minha.)

não é nada simples, como poderia parecer. Como se vê, para os antigos gregos, o contexto não se reduzia apenas ao “quadro físico” da enunciação (o momento, o lugar e a pessoa), mas se estendia, ainda, aos elementos psíquicos dos sujeitos em interação: os seus estados de ânimo e, podemos acrescentar (sem medo algum de incorrer em anacronismos), as suas ideologias e lugares sociais de fala.

Operando um longo salto no tempo, por volta da década de 1920, Bakhtin (2004) traduz essa consciência teórica à luz do marxismo. Para o autor, o discurso modela-se em função de sua infraestrutura, isto é, da forma como a sociedade se encontra efetivamente organizada (em termos de hierarquias, organizações sociais e modo de produção). Trata-se, portanto, das bases materiais em que estamos inseridos: as bases econômicas, as relações de produção, as estruturas sociopolíticas, as relações de poder, a luta de classes etc. Tais bases não apenas interferem na construção dos discursos, com suas superestruturas ideológicas pertinentes, mas, também, são afetadas concomitantemente por eles, o que implica na necessidade de investigar “(...) como a realidade (a infraestrutura) determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação” (BAKHTIN, 2004, p. 41). É nesse sentido que, para o autor russo, “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN, 2004, p. 113). Dessa forma, toda análise discursiva deve começar, metodologicamente, pela apreensão das conjunturas sociais de enunciação dos textos, sem as quais teríamos investigações vazias e rudimentares.

Se caminhamos um pouco mais no tempo, apenas para lembrarmos de mais uma perspectiva teórica importante, chegamos à noção de condições de produção tal e qual é definida por Orlandi (2012), com base na Análise do Discurso de Michel Pêcheux, desenvolvida a partir da década de 1960. Para esses pesquisadores, as condições de produção abarcam os sujeitos sociais e a situação comunicativa que integram. Dessa forma, do ponto de vista do “quadro físico” da enunciação, teríamos sempre uma instância de produção do discurso (A) interagindo com uma instância de recepção (B). No entanto, o que é mais interessante, não se trata simplesmente de duas pessoas “livres” e/ou “autônomas” que comunicam entre si: o que está em/no “jogo”, objetivamente, são “posições-sujeito” definidas por fatores sociais e ideológicos bastante concretos. Para Pêcheux (2010, p. 81),

(...) A e B designam algo diferente da presença física de organismos individuais. Se o que dissemos antes faz sentido, resulta pois dele que A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos: assim, por exemplo, no interior da esfera da produção econômica, os lugares do “patrão” (diretor, chefe de empresa etc.), do funcionário de repartição, do contramestre, do operários, são marcados por propriedades diferenciais determináveis.

Isso quer dizer que falamos (e interpretamos) sempre a partir de um lugar de fala afetado pela estrutura social e pela ideologia (lugares de classe, de gênero, de inclinação sexual, de raça etc., poderíamos acrescentar nos dias de hoje), e esses fatores estruturam o discurso (a sua forma e o seu conteúdo) em termos de condições de produção, interferindo, portanto, nos seus efeitos de sentido. Aqui temos um outro ponto de complexidade: não se trata bem ainda, efetivamente, de “lugares” que se comunicam entre si, como acabamos de ler, mas de *representações* desses lugares no discurso, oriundas do imaginário social (do chamado “interdiscurso”). Nesse sentido, suponhamos, não é bem o lugar de fala do “professor” que comunica com o lugar de fala de “aluno” em uma sala de aula, mas, sobretudo, as projeções simbólicas desses lugares operadas pela cultura. Assim, não me comunico, na verdade, pura e simplesmente, com um “professor”, mas com a sua imagem sociocultural (o seu arquétipo) alojada na minha subjetividade, ainda que inconscientemente (como eu acho que ele se veste, fala, pensa, deveria se comportar etc.). Essas projeções denominam-se *formações imaginárias*, e são elementos fundamentais das condições de produção do discurso: trata-se da imagem que A e B fazem dos lugares um do outro (e dos próprios lugares) durante o processo de comunicação, imagens estas que interferem na interpretação e na estruturação dos discursos (de uma forma e não de outra).

O interessante dessa perspectiva é que o chamado “contexto” é figurado, mais uma vez, não apenas como um “quadro físico” e/ou “estático”, isto é, uma espécie de moldura inerte determinando o acontecimento discursivo. Ao contrário, o contexto só existe também como algo representado, apreensível a partir de outros discursos (o interdiscurso). É nesse sentido que Orlandi (2012, p. 30-31) também divide as condições de produção em dois níveis: um contexto mais estrito,

referente às circunstâncias imediatas da enunciação (o chamado “contexto imediato”), e um outro contexto: o contexto sócio-histórico e ideológico mais amplo. Deste último, fazem parte a memória, as formações imaginárias, as crenças e as representações sociais que, como formas de contexto, afetam o surgimento e a estrutura dos discursos. Infelizmente, não tenho os meios aqui de aprofundar essa noção tão importante para os estudos retóricos e discursivos (a noção de condições de produção), mas acredito que já temos, suficientemente, algum parâmetro básico para refletirmos sobre os chamados Discursos de Ódio a partir do olhar que as presentes áreas (a AD e a Retórica) possibilitam.

No entanto, antes de voltarmos a esse assunto (foco principal do trabalho), é importante construir, aqui, uma pequena digressão, principalmente para aqueles que se situam, de modo mais especializado, no campo de pesquisa da AD, ainda que na condição de iniciantes. É preciso comentar, rapidamente, o uso concomitante, no desenrolar do artigo, de perspectivas teóricas (e de autores) a princípio pouco compatíveis entre si. Ao encadear ou justapor quadros teórico-filosóficos diversos, que vão desde a antiga Retórica Sofística até a Análise de Discurso contemporânea, de caráter materialista (Michel Pêcheux, Eni Orlandi etc.), passando pelo dialogismo bakhtiniano e pela teoria da Argumentação no Discurso, de Ruth Amossy, o presente texto corre o risco de apresentar uma fragilidade teórica bastante comprometedora. Em primeiro lugar, por pressupor harmonia e consonância absolutas entre os quadros teóricos e autores mencionados. Em segundo lugar, por silenciar e omitir, de forma geral, as tensões entre as abordagens, desconsiderando-se suas diferenças epistemológicas fundamentais.

Sobre tais problemas gerados pelo meu texto, e o flagrante risco de fragilidade teórica, gostaria de dizer que as tensões epistemológicas, tomando-se os diferentes quadros teóricos de maneira mais abrangente (por exemplo: a AD pêcheutiana e a AD de Amossy) existem, e não são pouco importantes, o que exigiria um estudo detalhado de todas as perspectivas elencadas ou, até mesmo, debates e artigos científicos dedicados especificamente a essas questões, envolvendo as tensões e as aproximações possíveis entre quadros teóricos construídos em contextos diversos. Infelizmente, dado o objetivo principal deste trabalho – a definição e a identificação dos chamados Discursos de Ódio –, essa tarefa epistemológica de reflexão sobre os quadros teóricos (e suas tensões) não é exequível, embora seja um dever, pelo menos, sublinhar

a existência dessas dissonâncias, para que não haja mal entendidos. Sendo assim, a intenção acima de congregar diferentes perspectivas para se definir a noção de “contexto” e/ou de “condições de produção” foi, justamente, mostrar a incontornável importância desses conceitos para uma análise discursiva ou, mais ainda, para se refletir sobre qualquer problema da linguagem em uso, uma vez que, mesmo com nomes diversos (como *Kairos*, por exemplo) e com formas diversas de teorização, tais categorias e o que elas representam tem sido uma tônica (ou uma tópica) desde a antiguidade, passando por diferentes perspectivas, até mesmo contraditórias. O foco, portanto, nas linhas acima, foi dar luz à noção de condições de produção da forma mais plural e rica possível, apontando para diferentes trilhas de estudo caso o leitor tenha interesse. A questão principal, portanto, neste artigo, é demonstrar a impossibilidade de tratamento dos Discursos de Ódio sem o devido apelo à noção de condições de produção (ou contexto discursivo), independentemente do quadro teórico adotado nos campos da AD ou da Retórica. Dito isso, podemos voltar ao tema do presente trabalho.

Decerto, experimentar ou expressar uma eloquente cólera por aquele concidadão que estacionou na minha vaga, por aquela criatura, sem qualquer discernimento, que driblou-me na fila do supermercado, ou me enfurecer com o “infeliz” que gritou algum jargão capaz de deixar-me muitíssimo injuriado, não indica, ainda, que estamos diante de Discursos de Ódio; o mesmo valeria, por exemplo, para a expressão exaltada de um insulto a um Presidente, ou para o desejo de que com ele (ou com algum de seus apoiadores) sucedesse um destino funesto. O que gostaria de propor, com base em elementos jurídicos e, também, com base na noção de condições de produção, é que o ódio (*em si*), a sua sensação interior, a sua exteriorização para outrem, ainda não constituem fatores suficientes para falarmos de Discurso de Ódio, embora a tentação seja grande. A meu ver, *o Discurso de Ódio se define e se mede pelos seus efeitos, em função do seu contexto imediato e sócio-histórico mais amplo*, já que o discurso, como se verá, é “efeito de sentido”, além de instituir uma relação complexa de mediação entre o sujeito e o mundo que o cerca. Creio que alguns parâmetros colocados pelas Leis acima nos permitem visualizar melhor essa marca constituinte do Discurso de Ódio, especificamente nas condições de produção do Brasil. Para Silva *et al.* (2011, p. 446),

genericamente, esse discurso [de ódio] se caracteriza por incitar a discriminação contra pessoas que partilham de uma característica identitária comum, como a cor da pele, o gênero, a opção sexual, a nacionalidade, a religião, entre outros atributos. A escolha desse tipo de conteúdo se deve ao amplo alcance desta espécie de discurso, que não se limita a atingir apenas os direitos fundamentais de indivíduos, mas de todo um grupo social, estando esse alcance agora potencializado pelo poder difusor da rede, em especial de redes de relacionamento como Orkut e Facebook.

A citação, que também tem como parâmetro várias das Leis acima, ajuda-nos a deixar bem claro que o efeito de sentido dos Discursos de Ódio é o preconceito, a discriminação, assim como a consequente exclusão de indivíduos do acesso aos seus direitos, em função de sua pertença a grupos identitários específicos. Dessa forma, não há como falar em Discursos de Ódio se não existe, como efeito possível, uma força enunciativa que opere na direção de privar determinados segmentos da sociedade do seu acesso à cidadania plena (por exemplo, acesso ao emprego, à saúde, à educação, à dignidade, à bens e serviços, aos direitos humanos, ao respeito etc.). Nesse sentido, se consideramos o *contexto* brasileiro (escravocrata e ex-colônia), as Leis também nos ajudam a captar o perfil desses grupos identitários. Essa captação pode ser feita quando, justamente, são ali mencionados parâmetros como raça, etnia, cor, religião, idade, condição física, situação familiar, orientação sexual, identidade de gênero etc. Obviamente, não estamos falando, aqui, de qualquer cor/etnia, ou de qualquer religião, orientação sexual (e assim por diante), pois não é difícil concluir que, no Brasil, o preconceito e a estigmatização recaem sistemicamente em endereços bem específicos: negros e negras, pobres em geral, mulheres (gestantes), idosos, pessoas com deficiência, praticantes de religiões não católicas, indivíduos LGBTIQ+, e até mesmo perfis não mencionados (mas muitas vezes ligados aos anteriores), tais como pessoas acima do peso, moradores de rua, prostitutas, oriundos do meio rural, de periferias urbanas etc.

Pode-se cogitar, assim, que as Leis possuem um caráter responsivo, trazendo marcas profundas do seu contexto. Nos casos acima, elas seriam o resultado de amplos processos de pressão e de lutas a favor de preservar o acesso à cidadania e o bem-estar de atores sociais que, por razões e processos histórico-culturais diversos, encontram-se em situação de vulnerabilidade psicossocial e econômica. Nessa perspectiva, não faz

sentido diagnosticar como Discursos de Ódio, por exemplo, a cólera ou eventuais insultos aos cristãos (a tal “cristofobia”), aos brancos (o dito “racismo reverso”) ou aos heterossexuais (a suposta “heterofobia”). Esse raciocínio, desprovido da consciência de que o traço constitutivo dos Discursos de Ódio são os seus efeitos possíveis, contextualmente embasados, teria o mágico poder de descambar para expressões no mínimo *non sense*, tais como (apelando para uma criatividade de mal gosto) “machismo reverso” (homens se sentindo discriminados) ou o preconceito (impensável) contra pessoas sadias, sem deficiência, por parte daqueles que padecem de algum problema físico. Porém, em um mundo em que se fala de “discriminação dos ricos” ou, mesmo, da estrutura “plana” da terra, o que mais nos é comum tem sido o barulho de falácias ideológicas do gênero.

No contexto brasileiro, pesquisas e levantamentos (não há espaço para elencar, aqui, todos, ou em detalhes) nos demonstram que homens, cristãos, brancos, heterossexuais ou pessoas sadias não costumam ser excluídos, por esses mesmos parâmetros (ou traços identitários), do acesso à cidadania, e muito menos são perseguidos ou violentados por conta do seu incontornável perfil. Eles podem ser xingados, é verdade, podem ser até mesmo vítimas de um afeto negativo (ou de violência física), mas isso não seria propriamente Discurso de Ódio. Este, por seus efeitos, tenderia a privar tais grupos do gozo de seus direitos e da justa inserção social, mas, certamente, não é o que acontece no caso dos perfis mencionados. Já o contrário é demonstrado, para citar uma pesquisa recente, pelo *Atlas da Violência 2019*, divulgado em junho do referido ano pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública).

De acordo com o levantamento, o Brasil teve 618 mil mortes por homicídio registradas em uma década (de 2007 a 2017), das quais 75,5% foram de pessoas negras. Mais do que isso, o assassinato de pessoas associadas a esse perfil étnico teve uma ascensão de 33% no decorrer desse mesmo período, enquanto o homicídio de não negros cresceu em proporção muito menor: 3,3%. O estudo, pela primeira vez, incluiu um balanço relativo à violência contra a população LGBTIQ+. Os dados basearam-se nas informações registradas pelo canal *Disque 100*, que recebe denúncias de violações de direitos humanos no Brasil. Embora no período estudado (2011-2017), a violência e as lesões corporais contra a comunidade LGBTIQ+ tenham oscilado, e muitas vezes sofreram queda

(o que ainda pode não traduzir a realidade, a depender da visibilidade dada ao problema e da insuficiente divulgação do canal Disque 100), o que chama a atenção, de forma incontestável, é o aumento de homicídios: as denúncias registradas em 2011 foram de 5 casos, saltando para 193 casos em 2017, havendo neste último ano um crescimento de 127%.

Existem, ainda, outras fontes e movimentos sociais munidos de outros dados e levantamentos. O Dia Internacional de Enfrentamento à LGBIfobia, celebrado no dia 17 de maio de todo ano, foi tema de discussão na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa do Senado (CDH), no dia 16 de maio de 2018. Ali vieram à tona números estarrecedores, como sintetizam duas matérias da Rádio Senado:¹⁴ em 2017, por exemplo, de acordo com o Grupo Gay da Bahia, foram registrados 445 casos de assassinatos de homossexuais no Brasil. O mesmo grupo, em 2019, estimou uma média de 1 morte por homofobia a cada 23 horas, dentre assassinatos e suicídios.¹⁵ Já a ONG *Transgender Europe* afirma que, entre 2008 e junho de 2016, morreram de forma violenta 868 travestis e transexuais. O então defensor público e integrante do Grupo Identidade de Gênero e Cidadania, Atanásio Lucero Júnior, informou ainda, na Comissão de Direitos Humanos, que 1 pessoa trans ou travesti é assassinada no Brasil a cada 48 horas. Dessa forma, enquanto a expectativa de vida média no Brasil é de 75 anos, essa categoria social possui uma expectativa de apenas 35 anos de vida. Muito disso se explica porque 90% de pessoas trans ou travestis acabam recorrendo à prostituição, por geralmente não serem aceitas pela família, o que acarreta, automaticamente, na sua exclusão do acesso à educação formal e ao emprego. Com tudo isso, o Brasil é conhecido como o país em que mais se mata homossexuais *no mundo*, além de ser palco de um profundo racismo sistêmico, como já vimos.

A questão da exclusão e da precarização invade também o campo do emprego e dos salários. A Pesquisa Nacional por Amostra de

¹⁴ Números disponíveis em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo>; <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/cdh-debate-o-dia-mundial-contra-a-homofobia-celebrado-em-17-de-maio>. Acesso em: 16 mar. 2020.

¹⁵ Dados disponíveis no canal globo.com, no seguinte link: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2020.

Domicílios Contínua (Pnad), do IBGE, divulgada no dia 13 de novembro de 2019, nos mostra um panorama já conhecido: a diferença salarial entre brancos e negros no Brasil foi constatada em 73,9%. Em média, o rendimento mensal do primeiro grupo fica em torno de R\$ 2.796 reais, enquanto o do segundo, R\$ 1.608. Nessa engrenagem nociva, e sem entrar em maiores detalhes, constata-se ainda que as mulheres (e justamente por serem mulheres) ganham em geral bem menos que os homens, mesmo ocupando posições idênticas; no caso das mulheres negras e pardas, a discrepância aumenta ainda mais, e para baixo. A propósito das mulheres, no Brasil, deve-se ressaltar também que a taxa de feminicídio (de 4,8 para 100 mil mulheres) é a quinta maior do mundo, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), segundo matéria do portal Nações Unidas Brasil, da ONU.¹⁶ A matéria ainda nos diz o seguinte:

em 2015, o Mapa da Violência sobre homicídios entre o público feminino revelou que, de 2003 a 2013, o número de assassinatos de mulheres negras cresceu 54%, passando de 1.864 para 2.875. Na mesma década, foi registrado um aumento de 190,9% na vitimização de negras, índice que resulta da relação entre as taxas de mortalidade branca e negra. Para o mesmo período, a quantidade anual de homicídios de mulheres brancas caiu 9,8%, saindo de 1.747 em 2003 para 1.576 em 2013. Do total de feminicídios registrados em 2013, 33,2% dos homicidas eram parceiros ou ex-parceiros das vítimas.

Enfim, a violência de gênero no Brasil é gritante e, se atinge infelizmente mulheres brancas, é ainda bem mais cruel no caso das mulheres pretas, o que em 2016 fez com que a ONU Mulheres, em parceria com o Governo Brasileiro, publicasse as “Diretrizes Nacionais (Feminicídio) para investigar, processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres”,¹⁷ contendo protocolos de investigação e ação para diminuir as estatísticas negativas.

Indo mais além, o banho de sangue ainda não termina neste compasso fúnebre (se é que um dia terá fim). Há que se mencionar, ainda, o histórico massacre dos Índios, vítimas também de toda sorte

¹⁶ Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-feminicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>. Acesso em: 16 mar. 2020.

¹⁷ Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/diretrizes_feminicidio.pdf. Acesso em: 16 mar. 2020.

de violência verbal. Só para se ter uma amostragem, podemos citar, rapidamente, uma notícia do Portal R7,¹⁸ de abril de 2018, baseada no site da FUNAI e em bibliografia especializada.¹⁹ Segundo o texto, o Brasil lidera o genocídio de Índios na América Latina. Se, em 1500, estas terras contavam com cerca de 4 milhões de habitantes originais, hoje o número não passaria de 470 mil Índios em aldeias. Até hoje, como já aventado na seção anterior, os seus direitos estão constantemente ameaçados por vários de nossos governantes, assim como latifundiários, mineradoras, usinas e indústrias.

Sem ter condições de chegar à exaustão, limito-me a dizer que há muito mais detalhes relevantes em todas as pesquisas e estimativas acima, além de existirem no Brasil (e no mundo) diversos outros estudos, capazes de nos mostrar um país cruelmente excludente e desigual. Não tenho como elencar aqui – e este nem é o objetivo deste trabalho –, todas as minúcias de todos os perfis sociais que sofrem discriminação em nosso país, assim como uma riqueza maior de dados e/ou o cruzamento dessas informações, o que também seria uma metodologia importante para compreendermos a nossa situação. A pequena amostra foi elencada apenas para reforçar a ideia central deste artigo: não faz sentido falarmos em Discursos de Ódio quando não há um efeito retórico (possível) de exclusão social de algum grupo identitário em situação de vulnerabilidade psicossocial e/ou econômica, ou que atue persuasivamente nessa direção.

O Discurso de Ódio é sistemático, articulado, não-acidental e obedece à estrutura do conflito de classes dentro das dinâmicas particulares do modo de produção do sistema em que nasce, e só pode ser medido e identificado por seus possíveis efeitos de exclusão, segregação e descrédito social. A raiva de um menino de rua, negro, da criança branca filha da madame, que sai do *shopping* na zona nobre com seu sorvete italiano, não é Discurso de Ódio (a criança branca não será socialmente excluída por esse afeto, assistemático, desarticulado e acidental); a irritação, a crítica feroz ou o xingamento, vinda de um cidadão LGBTQ+, direcionada a um homem que “se ufana” de sua masculinidade (dentro de sua família tradicional e heteronormativa) também não se trata de Discurso de Ódio, pois esse sujeito (“padrão”) não será excluído, por

¹⁸ Disponível em: <https://noticias.r7.com/prisma/nosso-mundo/brasil-e-lider-disparado-no-genocidio-de-indios-na-america-latina-24042018>. Acesso em: 16 mar. 2020.

¹⁹ A título de curiosidade, segue a referência: Damiani; Pereira; Nocetti (2018).

esse sentimento, de oportunidades sociais, tampouco essa violência verbal caminhará, como efeito possível, para o seu espancamento ou assassinato, movidos pela classe socioidentitária à qual pertence, de forma recorrente e sistemática.

Como também sugere a citação de Silva *et al.* (2011), já transcrita acima, o Discurso de Ódio não afeta apenas o indivíduo, mas todo o grupo social ao qual ele se conecta em termos de características identitárias comuns. Em outros termos, se o indivíduo é, aparentemente, afetado em sua “pessoa humana” (particular), isso se dá, na verdade, pela sua pertença a um perfil identitário vulnerável, e não por sua índole singular ou atitude pessoal. É por isso que o Discurso de Ódio, ainda que inconscientemente, é organizado, sistêmico e provido da racionalidade própria das lutas de classe e das ideologias dominantes (o racismo, o capitalismo, o cristianismo, o discurso conservador etc.).

Em suma, o Discurso de Ódio é social/coletivo, arma de classe e mecanismo de exclusão. Outro exemplo: uma Igreja Católica particular pode vir a ser depredada por “vândalos”, o catolicismo pode ser inclusive blasfemado ocasionalmente, mas os ataques violentos a terreiros de candomblé e/ou religiões de matriz africana, no Brasil, possuem uma recorrência sistemática (não-acidental), insuflados que são por discursos racistas, por estereótipos e por distorções típicas da cultura negra, produzidas por perspectivas fundamentalistas (cristãs ou neopentecostais). De acordo com o portal *O Globo*,²⁰ em 2014, com base nos registros do canal Disque 100, apenas no Rio de Janeiro metade dos terreiros foram atacados.²¹ Outra notícia, mais recente, nos mostra que as denúncias de discriminação (contra religiões de matriz africana

²⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/levantamentos-mostram-perseguiacao-contra-religoes-de-matriz-africana-no-brasil-13550800>. Acesso em: 16 mar. 2020.

²¹ De acordo com a notícia, de 2014, “fiéis do candomblé e da umbanda - que somavam quase 600 mil pessoas no Censo de 2010 – são os mais atacados no Brasil. De janeiro a 11 de julho deste ano, eles foram vítimas em 22 das 53 denúncias de intolerância religiosa recebidas pelo Disque 100, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência, segundo levantamento feito a pedido d’O GLOBO. Em 2013, foram 21 registros feitos por adeptos de religiões afro-brasileiras, em um total de 114. Mas o segmento também foi o que somou mais agredidos nesse ano. O estudo “Presença do axé – Mapeando terreiros no Rio de Janeiro”, de pesquisadores da PUC-Rio, também contabilizou as agressões aos frequentadores de culto afro-brasileiros. Das 840 casas listadas, 430

e seus praticantes) aumentaram 5,5% em 2018, em comparação com 2017: “foram 152 casos em 2018, contra 144 em 2017. Os dados são do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), que recebe denúncias por meio do Disque 100”, nos informa a notícia.²²

Devido ao caráter indicial e responsivo das Leis, assim como de alguns levantamentos acima, podemos ter uma ideia, pelo menos panorâmica, das condições de produção dos Discursos de Ódio no Brasil. Não seria exagero afirmar que o nosso país caracteriza-se como uma verdadeira “estufa” para o cultivo do ódio, ou melhor, um imenso “criadouro”, com todas as condições climáticas (de temperatura e pressão) para a sua incubação e afloramento classista. Estamos imersos no mormaço de uma sociedade bastante racista, assim como de atmosfera hiper machista e homofóbica, o que já engatilha no cenário urbano e virtual a explosão de odiadores (“*haters*”) de toda ordem. Se todo discurso é uma resposta a outros discursos ou atitudes prévias (que o diga o dialogismo bakhtiniano), as Leis nos confirmam que, por estas terras, se impede costumeiramente o acesso a empregos formais ou a estabelecimentos comerciais de pessoas pela cor da sua pele (quanto mais retinta, pior), pelo seu gênero (feminino) e pela sua orientação sexual (LGBTIQ+), sem contar a questão indígena, ou as investidas a sujeitos por conta da sua classe social (pobre), religião (principalmente aquelas de matriz africana, como o Candomblé e Umbanda) ou ideologia.

As dificuldades, a incansável resistência, de se fazer valer (ou simplesmente aprovar) alguns projetos de lei, como foi o caso do PLC 122, mostra-nos, também, a indisposição conservadora em nosso contexto para combater prontamente violências simbólicas, físicas e culturais que nos acometem há décadas, senão séculos. Finda esta seção, passo a refletir, a seguir, sobre mais algumas características conceituais dos Discursos de Ódio para, mais adiante, mostrar possíveis formas de sua aparição em textos sociais concretos.

foram alvo de discriminação. Mais da metade (57%) em locais públicos. Entre esses casos, a maior parte ocorreu nas ruas (67%)”.

²² Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/11/20/denuncias-de-discriminacao-religiosa-contra-adeptos-de-religioes-de-matriz-africana-aumentam-55percent-em-2018.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2020.

4 A “ebulição” dos Discursos de Ódio e suas recorrências simbólicas

Seria interessante proceder aqui, a exemplo do que foi feito no início da seção anterior, a uma rápida incursão teórica, desta vez para tangenciar o próprio conceito de “discurso”. A Retórica Sofística, com Górgias, mais uma vez, possui uma interessante visão sobre a linguagem, bastante compatível, a meu ver, com a “magia” presente nas redes sociais e com o aparato audiovisual dos tempos modernos, uma vez que salienta, no discurso, o seu grau de feitiçaria e de encantamento através de pulsões emotivas (a denominada “psicagogia”). Em seu *Elogio de Helena*, é assim que a força do discurso – tirano que é – realiza grandes feitos:

[...] o discurso [ou *logos*] é um tirano poderoso que, com um corpo microscópico e invisível, executa acções divinas. Consegue suprimir o medo e pôr termo à dor e despertar a alegria e intensificar a paixão. [...] Os encantamentos inspirados pelas palavras levam ao prazer e libertam da dor. Na verdade, a força do encantamento, misturando-se com a opinião da alma, sedu-la, persuade-a e transforma-a por feitiçaria. [...] (GÓRGIAS, 2005a, p. 129-130)

Os grandes feitos do discurso são, na verdade, os impactos da retórica/argumentação pela via do *pathos*, que poderiam implicar na alteração de nossas opiniões, comportamentos e afetos. Sendo assim, em Górgias, essa argumentação não residiria apenas em esquemas racionais ou tipologias de operações mentais (dedução, indução, associação, dissociação etc.), mas, sobretudo, na força ilusória da linguagem inteira (escolhas lexicais, estilos, modalizadores, ritmo, timbre, entonação, o que incluiria, pode-se acrescentar, as ferramentas tecnológicas dos dias de hoje). Nada mais pertinente para se entender as discursividades de um tempo (o atual) em que se persuade mais pela repetição de conteúdos via *Whatsapp* do que por esquemas racionais de argumentação, mais por *mêmes* e *fake news* do que pela demonstração de fontes e dados. Essa dimensão de “feitiçaria” e de “encantamento” da linguagem deve-se, justamente, à incapacidade do *logos* (ou “discurso”) de corresponder plenamente às coisas do mundo, incapacidade constitutiva que pode ser manipulada – se quisermos entrar em dualismos cerrados – tanto para o bem, quanto para o mal. Trata-se de uma trágica (e conhecida) “imperfeição” da linguagem, se o caso é comunicar algo de modo

fidedigno. Em seu *Tradado do Não Ente*, Górgias comenta da seguinte forma a opacidade ou a imperfeição do signo:

Se, com efeito, as coisas existentes são visíveis, audíveis e, em geral, perceptíveis (o que significa que são substâncias exteriores), e destas as visíveis são apreendidas com a vista e as audíveis com o ouvido e não inversamente, como poderiam estas coisas ser reveladas a outrem? O meio porque as exprimimos é a palavra, e a palavra não é nem os fundamentos das coisas nem as coisas existentes. Em suma, não revelamos aos que nos rodeiam as coisas existentes, mas a palavra, que é outra relativamente aos fundamentos das coisas. Do mesmo modo que o visível não se pode tornar audível e vice-versa, assim o existente, porque tem um fundamento exterior, não se pode tornar a nossa palavra. (GÓRGIAS, 2005b, p. 117)

Górgias nos aponta, assim, a impossibilidade de a palavra incarnar uma *Verdade* definitiva ou essencial, pela sua própria natureza, substância e materialidade. É nesse sentido que a retórica, em contexto sofisticado, já era uma propriedade da linguagem inteira, assim como a sua incapacidade de atingir as coisas tais e quais elas *são* (ou *não são*). Antes de ser um conjunto de raciocínios, a Retórica já se encontra, primordialmente, na não-transparência do signo. Séculos depois, a Análise do Discurso de Eni Orlandi, com base em Michel Pêcheux, voltaria a salientar, embora com outras terminologias, essas antigas noções, ressaltando o caráter de “engano” e de “equivoco” como traço constitutivo de todo discurso. Orlandi (2012) também define o discurso como um artefato de *mediação* entre o sujeito e a sua realidade social, assim como, poderíamos também dizer, uma *mediação* do sujeito consigo mesmo e com os outros. Pode-se dizer, assim, que a nossa relação com a vida é retórica, isto é, mediada pela linguagem, ainda que inconscientemente, e nesse sentido é bastante feliz a definição de discurso, na ótica pêcheutiana, pela qual o “discurso = efeito de sentido”, um efeito que depende menos da intenção do autor do que das já mencionadas condições de produção e circulação dos textos, em que o interlocutor, com seus valores, imaginários e representações sociais, é uma peça chave do processo interpretativo.

Cabe aqui, a exemplo do que foi feito na seção anterior, mais uma digressão para explicar a combinação de perspectivas teóricas diversas, empreendida, desta vez, em prol da definição do termo “discurso”. Trata-se, aqui, de um fosso visivelmente largo entre as teorias, além de

profundo, uma vez que são enlaçadas as reflexões contemporâneas da AD materialista/ideológica de Pêcheux (e Orlandi) e a antiga retórica sofisticada de Górgias, o que poderia ser perfeitamente contestado como possibilidade epistemológica, principalmente por praticantes e seguidores da primeira vertente. A razão dessa possível contestação encontra-se explicada, de forma detalhada, em outra ocasião (GALINARI, 2016). Resumidamente, o fato é que os estudos de Pêcheux (e seus seguidores), como se sabe, se esforçaram, de forma geral, para se desembaraçarem da Retórica, concluindo pela incompatibilidade dos dois campos, o que é contestado na minha referência citada no período anterior. Isso porque a Retórica, para Michel Pêcheux, pressupõe um sujeito absoluto, isto é, dono dos sentidos e das significações de sua própria fala, o que culminaria, coerentemente, em um alto grau de consciência acerca dos efeitos do seu discurso e em sua plena capacidade de monitoração da interação discursiva. Para Pêcheux, no entanto, diferentemente do seu próprio modo de enxergar a Retórica, nada disso procederia: o sujeito seria, na verdade, um sujeito *assujeitado*, influenciado por formações discursivas/ideológicas sedimentadas em sua subjetividade pelas brechas do inconsciente, de modo que é impossível ele ter consciência ou controle absoluto do que diz (e nem mesmo da fonte ou da autoria), o que impossibilitaria monitorar plenamente os impactos decorrentes de uma enunciação. O “efeito de sentido” seria, assim, uma resultante de todo o contexto, incluindo as condições de produção, os interlocutores, as formações imaginárias dos interactantes etc.

No entanto, pude demonstrar em Galinari (2016) que, ao se referir à Retórica, Pêcheux se limita tão somente à retórica aristotélica, a qual não pode, por sua vez, ter a pretensão de representar toda a tradição de estudos desse campo, que no mínimo incluiria as perspectivas dos sofistas, de Cícero, de Quintiliano etc. Além de tudo, o autor reduz a Retórica (aristotélica) a uma *técnica*, o que pressupõe também consciência e monitoramento por parte dos sujeitos: “lembraremos que, para Aristóteles, a Retórica é uma técnica, permitindo a produção artificial de um resultado” (PÊCHEUX, 2009, p. 28). Ora, se reduzimos a Retórica a um procedimento simplório, técnico e artificial, obviamente não poderia mesmo existir compatibilidade entre estudos discursivos contemporâneos e a Retórica antiga (como se esta fosse, além disso, apenas uma: a aristotélica). Mesmo sendo perfeitamente contestável a ideia de que a Retórica aristotélica, ela mesma, se reduz a uma “técnica”,

a visão ampla dessa arte presente na Sofística, uma perspectiva totalmente desconhecida dos pêcheutianos, é totalmente diferente do que estes apregoam. Trata-se de uma retórica filosófica, de cariz teórico, que demonstra a interferência da cultura e das convenções sociais (*nomos*), assim como dos contextos de comunicação (*Kairos*), nos efeitos e significados das coisas, e tudo isso à revelia do desejo ou do controle absoluto dos sujeitos, que nunca são autossuficientes. Em suma, a Retórica aqui, antes de ser uma técnica, já era primordialmente a não-transparência do discurso, incapaz, por sua própria natureza material, de atingir plenamente uma verdade infalível (como visto acima). É justamente nesse momento, como se pode ver pelas citações de Górgias utilizadas neste artigo, que poderíamos aproximar pontualmente (ainda que reconhecendo diferenças substanciais) as reflexões de Pêcheux sobre o discurso e as elucubrações sofisticas do mundo antigo: para ambas as perspectivas, como demonstrado mais detalhadamente em Galinari (2016), não obstante o fosso das terminologias, o discurso é atravessado pelo engano, pelo equívoco e pela opacidade, fenômenos resultantes da sua não-transparência constitutiva, digna do encantamento e da feitiçaria. Dito isso, voltemos, mais uma vez, ao tema deste artigo.

Os Discursos de Ódio, como vimos acima, se caracterizam pelo seu caráter *coletivo*, e se medem, definitivamente, pelos seus efeitos. Silva *et al.* (2011), a partir da teoria e prática jurídicas, caracterizam esses enunciados por duas de suas qualidades intrínsecas: a discriminação e a externalidade. A primeira “qualidade”, com base nos autores, seria constituída pelo principal efeito de sentido de enunciados dessa natureza: ferir de morte a dignidade da pessoa humana, afetando os seus direitos sociais, assim como o direito de grupos existirem, dentro da norma e da normalidade. Como vimos, o Discurso de Ódio tenderia a privar da cidadania, pela via da discriminação, pessoas enlaçadas por questões de cor, raça, sexo, nacionalidade, e vários outros atributos possíveis (ideias, procedência, condição física etc.)

Nesse sentido, o feitiço segregador dos Discursos de Ódio prevê/pressupõe, subjetivamente, que o sujeito enunciatador se experimente com um sentimento de superioridade em relação ao sujeito alvo. (SILVA *et al.*, 2011, p. 447) Esse “efeito de sentido”, essa forma de *mediação* discursiva e, principalmente, esse quadro psicológico soberbo, são também esclarecidos pelo parentesco que, etimologicamente (em francês), a palavra “ódio” tem com o termo “irritação”. Segundo Lebrun (2008,

p. 14), “(...) irritar vem de inodiare, formada pela locução latina in odio esse, estar em ódio, maneira, portanto, de entender que o ódio se aloja no enojamento”. Pode-se inclusive acrescentar que o ódio poderia aflorar do estranhamento de uma diferença (cultural, étnica, sexual, ideológica, física etc.), culminando, como opção resolutive (haveria o caminho da compreensão...), na rejeição da alteridade e, até mesmo, no nojo.

Esse enojamento explica bastante o sentido da palavra “discriminação”, que pode ser definida como o “(...) desprezo por pessoas que compartilham de alguma característica que as torna componentes de um grupo”, e que por isso podem ser vistas como “(...) indignas da mesma cidadania dos emissores dessa opinião” (SILVA *et al.*, 2011, p. 448). Para esses autores, são múltiplas as características dos indivíduos (concretas ou abstratas), que podem vir a ser identificadas e, por conseguinte, discriminadas em uma dada cultura, o que trás ao Discurso de Ódio duas ferramentas de ação:

o insulto e a instigação. O primeiro diz respeito diretamente à vítima, consistindo na agressão à dignidade de determinado grupo de pessoas por conta de um traço por elas partilhado. O segundo ato é voltado a possíveis “outros”, leitores da manifestação e não identificados como suas vítimas, os quais são chamados a participar desse discurso discriminatório, ampliar seu raio de abrangência, fomentá-lo não só com palavras, mas também com ações. (SILVA *et al.*, 2011, p. 448)

Ora, tanto o insulto quanto a instigação ao insulto precisam ser publicizados, ou melhor, precisam entrar em circulação, espalhando-se “feito praga” na esfera pública, caso queiram obter êxito. Para os autores, encarcerado no pensamento, o ódio não violaria direitos fundamentais: “discurso não externado é pensamento, emoção, o ódio sem o discurso; e não causa dano algum a quem porventura possa ser seu alvo, já que a ideia permanece na mente de seu autor”. (SILVA *et al.*, 2011, p. 447) Sendo assim, o ódio em estado mental (“inoperante”, pelo que entendi) não seria passível de intervenção jurídica (dado que, nessa ótica, “o pensamento é livre”, como salientam os autores). Essa transposição do plano mental (abstrato) para o plano fático (concreto) é chamada, no citado trabalho, de *externalidade*, outra qualidade fundamental dos Discursos de Ódio.

Aqui apenas uma ressalva: consigo concordar que o ódio, em estrito estado mental, não seja passível de intervenção jurídica, no

sentido de que, obviamente, não deixa rastro visível (ou provas), mas tenho receios em admitir que se trata de um “ódio sem discurso”, ou que seria, assim, incapaz de causar algum dano ao seu alvo. Mesmo em silêncio recriminamos (com olhares, com gestos), mesmo em estado de fúria interna (e não demonstrada), tal afeto, cedo ou tarde, pode transmutar-se em agressões, indiferenças, consentimentos de toda sorte, violências e sabotagens. Bakhtin (2004) nos permite afirmar que não existe atividade interior (o pensamento interior) sem o simbólico, pois ainda que confinado na caixa forte de nossos neurônios, nossas ideias, afetos e pensamentos não brotam (romanticamente) de uma “alma”, de um “espírito” ou de uma “energia da natureza”, mas de um espaço interindividual habitado por signos ideológicos. Portanto, mesmo o ódio não externado é discurso, munido de toda complexidade, racionalidade psicossociocultural e ideológica, prestes a sair da toca e empreender a sua caçada.

É interessante perceber aqui, acrescentando o recorte psicanalítico de Lebrun (2008), que nós, seres humanos, por nossa própria natureza, já nos caracterizamos como um “contexto vivo” para o ódio, sendo a primeira culpa dessa condição a alteridade, esse “fantasma” do outro que nos assombra desde a mais tenra infância. Para Lebrun (2008, p. 14), não se trata obrigatoriamente de uma presença física, mas da (in)consciência de que um lugar do/para o outro existe, ainda que virtualmente. E esse outro se impõe a nós, nos coloca contra a parede; diria até que nos constrange, nos ameaça, nos vigia, tolhendo a nossa liberdade aqui e ali, de forma imaginária (paranoica) ou não. Para os autores, nossos pais e nossas mães seriam os “primeiros outros” a nos constituir e a nos importunar, seguindo-se a sociedade. Nessa perspectiva, o ódio acaba sendo, também, o “(...) vestígio de que outro nos atingiu, pelo menos uma vez”.

Com base nisso, eu arriscaria a dizer também que, além do enojamento, outro traço capital da subjetividade odienta seria o *medo* como fundo psíquico e emocional. Nesse sentido, o “outro”, ao qual dirijo socialmente o meu ódio, se revela como uma ameaça, muitas vezes uma espécie de “agente do mal”, que vai se empoderar do meu lugar de privilégio ou, até mesmo, atuar em prol da minha destruição. Isso explicaria, por parte de uma certa elite (ou parte da classe média brasileira), o preconceito contra pobres que viajam de avião ou frequentam aeroportos, ou o incômodo com a família negra, por exemplo, que está

a jantar, plenamente, naquele restaurante “sofisticado” da zona sul, que outrora seria só meu. O pânico do outro, projetado como inimigo, aliado ao enojamento, acabaria sendo, também, parte das condições de produção do Discurso de Ódio. Como vimos, o contexto de emergência dos discursos não engloba apenas o “quadro físico” da enunciação (os lugares de fala), mas os imaginários acerca de tais lugares que pairam em dada sociedade.

Nossos pais, os “primeiros outros”, nos teriam dado também a outra chave para que sejamos, naturalmente, um “contexto vivo” para a fermentação e a ebulição de Discursos de Ódio: a aquisição da linguagem. Poderia parecer estranho, mas, para os autores, se trata justamente disso: odiamos pelo fato de falarmos, e pela nossa impotência face à linguagem, que também nos domina, nos engana e nos ilude:

mas o que implica, então, o fato de falarmos, que assim daria conta de nosso ódio? É que falar supõe o vazio. Falar supõe um recuo, implica não mais estar ligado às coisas, podermos nos distanciar delas, não estar mais apenas no imediato, na urgência. Mas, conseqüentemente, falar exige uma renúncia, um desiderato, falar obriga a um desvio forçado, à perda do imediato. Falar nos faz perder a adequação ao mundo, nos torna sempre inadaptados, inadequados; assim, podemos nos felicitar por aquilo que a linguagem nos permite, mas podemos também nos lamentar daquilo que a linguagem nos fez perder. Essa perda, aliás, inscreveu em nós um fundo de depressão permanente, de insatisfação irreduzível. (LEBRUN, 2008, p. 16.)

A falta, o vazio das coisas, a distância, o desconforto irremediável: o ódio parece encontrar o seu *habitat*, portanto, na angústia instaurada constantemente em nosso quadro psíquico, em função da não-transparência da linguagem. Trata-se de uma sensação genuinamente trágica: estamos condenados a buscar eternamente uma verdade para a nossa existência – o que seria, pois, a vida? –, um sentido incontestável para as coisas, para os fatos cotidianos, para si e para outros – quem sou eu, o que o outro representa? –, mas o traço constitutivo de engano e de equívoco dos discursos (que é, lá no fundo, o seu traço retórico), nos afasta dessa possibilidade de conhecimento irretocável. Tudo isso culminaria na nossa eterna condição de sujeitos: meio angustiados, meio irritados, uma bomba de ódio prestes a explodir a qualquer momento, mesmo se permanece inativa por um longo tempo.

Temos até aqui, então, algumas das principais características dos Discursos de Ódio, assim como de suas condições psicossocioculturais e históricas de produção. Para finalizar este artigo, gostaria de apontar algumas *possíveis* recorrências discursivas dos Discursos de Ódio (que sempre devem ser avaliadas em função do contexto, como mostrado acima). Não se trata de uma lista completa, e muito menos infalível, mas poderia vir a funcionar, em conjunto com outras reflexões, como um guia de análise e identificação de potenciais discursos odientos na esfera pública. A depender das condições de produção do discurso, ou melhor, das especificidades de cada caso (ou *corpus*) investigado, as operações discursivas abaixo podem ser tanto o traço, isto é, o indício de que estamos diante do fenômeno em pauta, quanto o seu elemento retórico deflagrador. Vejamos.

1) *A construção de estereótipos*: concebendo-o como um fenômeno ligado ao domínio das representações coletivas, Amossy (2018, p. 130) sintetiza a noção de estereótipo da seguinte forma:

(...) no sentido restrito do termo, o estereótipo pode ser definido como uma representação ou uma imagem coletiva simplificada e fixa dos seres e das coisas, que herdamos de nossa cultura e que determina nossas atitudes e nossos comportamentos. Considerado ora como crença e ora como opinião, ele concerne sempre ao pré-construído e é frequentemente aparentado com o preconceito. Na prática dos questionários de sociologia, ele é apreendido e descrito com a ajuda do método atributivo: associa-se a um grupo uma série de adjetivos que o caracterizam (...). A noção de estereótipos é utilizada, sobretudo, nas ciências sociais para determinar as imagens do outro e de si que circulam em certa comunidade.

Dessa forma, a manipulação da propriedade “não-transparente” da linguagem para qualificar e julgar grupos contribui, direta ou indiretamente, para a construção de estereótipos negativos, aptos a presentificar ou desencadear retoricamente Discursos de Ódio. Dada a temática deste artigo, acredito que seria interessante abordar o estereótipo com a ajuda de três outras noções pertinentes, frutos da pesquisa aqui empreendida: a objetificação, a exotização e a estigmatização.

1-a) A objetificação (ou “coisificação”): trata-se, a meu ver, de retirar da pessoa humana (ou de um grupo) o seu caráter de humanidade, no sentido pleno da palavra – social, afetivo, econômico, racial, cognitivo, ideológico etc. –, anulando-o ou reduzindo-o a uma “coisa” ou um “objeto”. Esse parece ser, também, um procedimento discursivo bastante comum, capaz tanto de provocar/robustecer um Discurso de Ódio, quanto de caracterizar, de fato, a sua ocorrência social. Um exemplo bárbaro desse tipo de discursividade se encontra na “argumentação” dos quatro jovens e um menor que, no dia 20 de abril de 1997, atearam fogo no Índio pataxó Galdino, que dormia em uma parada de ônibus em Brasília (um dia após o Dia do Índio).²³ Galdino faleceu logo após chegar ao hospital, com 95% do corpo queimado. Os jovens, privilegiados e de classe média (*brancos*), tentaram minimizar ou justificar o homicídio, alegando que a sua intenção foi apenas “brincar” com Galdino, pois acreditavam ser ele “um mendigo” (e não um Índio). De forma clara, levanta-se com tal “argumento” um pressuposto grave, propenso a desumanizar os moradores de rua, projetados, claramente, como brinquedos, ou pior, como “objetos” (ou “coisas”) disponíveis para diversões bizarras, como aquelas feitas com insetos, quando incendiados ou torturados por crianças e adolescentes. A objetificação é muito comum, também, na visão machista e/ou patriarcal de nossa sociedade, que, enquanto um poder simbólico, impõe socialmente estereótipos sobre/para as mulheres. Uma página do *instagram* intitulada, sugestivamente, “@sujeitohomem” exemplifica muito bem o fenômeno em pauta, como vemos nos três *mêmes* abaixo, dentre tantos disponíveis no canal:²⁴

²³ O caso pode ser rememorado com as notícias presentes nos *links*: <https://www.geledes.org.br/tragedia-de-indio-galdino-queimado-vivo-em-brasilia-completa-15-anos/>; <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/indio-galdino-foi-queimado-vivo-por-cinco-rapazes-em-brasilia-em-abril-de-1997-11510805>. Acesso em: 16 mar. 2020.

²⁴ Diversos exemplos extraídos da *internet*, usados aqui como ilustração, possuem uma tarja preta ocultando a autoria de pessoas físicas.



No primeiro texto, um ponto de vista masculino heteronormativo (o “sujeito homem”, literalmente) revela os seus sonhos ardentes e/ou eróticos com a “ex do seu amigo”, posta em posição e traje hipersexualizado, ou seja, como um “objeto” (que a ele pertencia) e que, agora, encontra-se disponível para o desfrute de outro homem. Na segunda figura, tudo se passa como se estivéssemos diante de um ideal de animal domesticado, bem tratado e disponível para o deleite sexual masculino (“cabelo lavado”, “pele cheirosa”), reproduzindo-se, idealmente, o imaginário da mulher limitada às atividades do lar, da cozinha e do fogão. Na terceira figura, enfim, a assertiva categórica rechaça a possibilidade

de uma mulher poder ter um amigo homem, principalmente se já for comprometida, o que a coloca, novamente, como um objeto da posse masculina, ou seja, à disposição exclusiva de seus prazeres (a mulher, nesse imaginário machista, não passaria, assim, de um objeto de deleite/gozo). Tudo isso é amplificado pelos comentários ao lado (“namorada com melhor amigo é igual a fatia de bolo em cima da mesa, uma hora alguém come!” e “Ridículo e as desculpas [sic] que a mulher dá depois”). O primeiro deles representa a mulher como um sujeito passivo/inerte, isto é, uma “coisa” que, fora da vigília e da posse masculina, pode ser arrebatada a qualquer momento. Em seguida, a reprodução de mais um estereótipo: a mulher como um ser hábil em mentir e em dar desculpas torpes, o que insinua, ainda, a sua propensão “natural” para a traição e para a luxúria. Os exemplos, portanto, objetificam e controlam, heteronormativamente, a imagem da mulher, que pode se tornar, sabemos, uma vítima de violência doméstica, ou de feminicídio, caso não coincida com esse padrão de comportamento (ou seja, caso venha a ter algo a mais do que o próprio corpo [padrão] como identidade, caso seja independente/autônoma, caso tenha amigos homens ou, até mesmo, caso venha a “trair”).

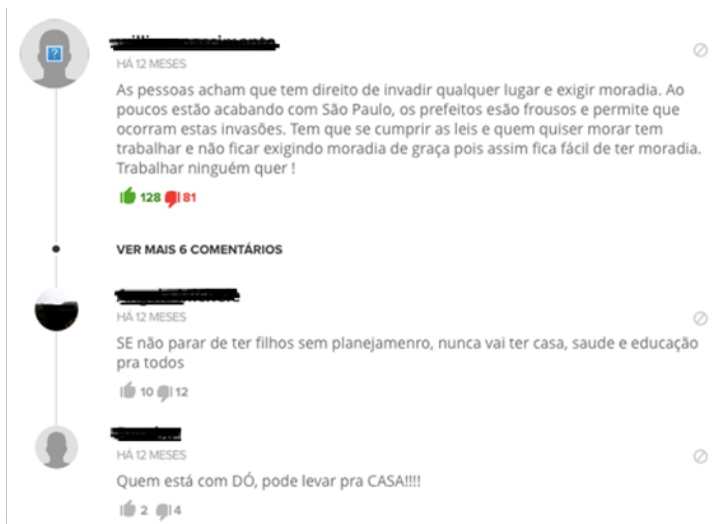
1-b) Exotização: Machado (2003, p. 20), em seu estudo sobre a exotização de imigrantes brasileiros na cidade do Porto (em Portugal), e contra perspectivas teóricas que consideram o exotismo como uma “estética do diverso” ou, ainda, como uma “relação ética” que vai ao encontro da alteridade, define o fenômeno de forma negativa, isto é, como “movimentos de exacerbação, solidificação e essencialização de estereótipos”. Trata-se, para ele, de um

(...) projeto hegemônico de dominação cultural do Outro (e do mesmo) que fixa e essencializa diferenças que não são fixáveis – pois compartilhamos uma visão dinâmica do conceito de cultura –, além de produzir representações “exóticas” dos povos colonizados ou dominados. (MACHADO, 2003, p. 20.)

Aquele que exotiza parece também partir de um sentimento de superioridade, como já apontado na caracterização psíquica do sujeito odioso, pelo forte teor de *domesticação* presente na exotização: “a própria ideia de exótico só é possível através da dominação e domesticação do que é diferente, não por uma ‘mélange’ [mistura] com a alteridade”. (MACHADO, 2003, p. 20) Embora o autor se atenha ao caso de brasileiros em Portugal, exotizados na chave do erotismo, da

preguiça, da alegria/simpatia e da malandragem, acredito que o conceito possa ser aplicado de forma geral em outros contextos, como no caso da dominação de classe e/ou de grupos no interior de uma mesma nação (ou seja, entre “concidadãos”). Parece-me que os 2 últimos exemplos de objetificação acima, em termos de representação da mulher, já contém ao mesmo tempo algo de exotização, justamente por representar o sexo feminino como “algo” a ser domesticado/dominado, em função de sua “exótica”, reza a lenda, pré-disposição “natural” para a mentira e/ou para a traição. Sendo assim, parece haver algo de selvagem no exotismo, o que pode descambar, como veremos, para a figuração do animalesco.

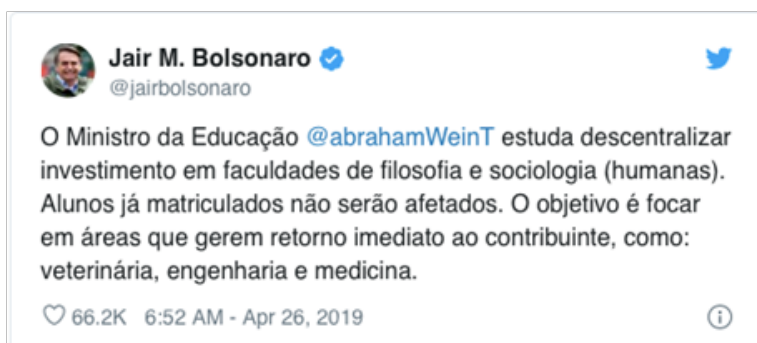
Existem aparições discursivas de exotizações mais sutis, como as que se apresentam nos comentários a seguir. Trata-se de respostas apenas a uma notícia do G1,²⁵ que informava sobre um trágico incêndio que atingiu a Favela do Cimento, em 23 de março de 2019, na Zona Leste de São Paulo, onde viviam cerca de 215 pessoas em situação de vulnerabilidade, dentre as quais 66 crianças. Vejamos três desses comentários:



²⁵ Notícia disponível no link a seguir: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/03/23/incendio-atinge-favela-no-entorno-do-viaduto-bresser-reintegracao-de-posse-estava-marcada-para-este-domingo.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2020.

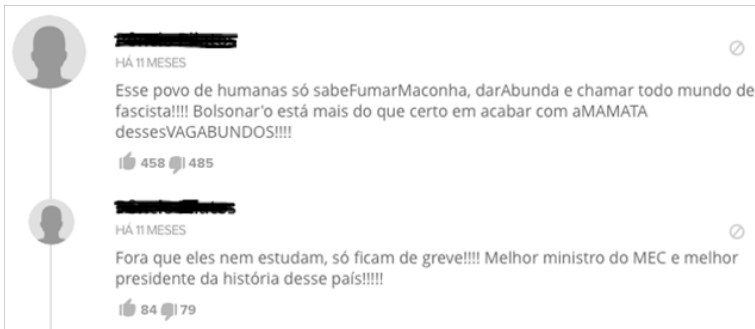
É interessante perceber, além do último comentário, que ridiculariza e despreza os moradores da comunidade, a exotização sutil (mas eloquente) que ocorre nas intervenções anteriores. Somos apresentados, na primeira delas, a hordas de invasores exigentes, prepotentes, avessos ao trabalho, inimigos das leis, e quase amantes de uma “*dolce vita*”, como se tudo isso fosse um “feroz instinto”, uma obra da natureza ou uma tendência animal grotesca. A exotização se consagra, discretamente, no segundo comentário, que nos apresenta, ainda, uma “condição selvagem” a ser domesticada, típica daqueles animais que vivem a procriar indefinidamente. Bem longe dos padrões de civilização, tornam-se, portanto, presas fáceis para Discursos de Ódio, como nos mostra o último comentário. Vejamos mais um exemplo.

Em 26 de abril de 2019, outra notícia do G1²⁶ aborda uma fala do então Ministro da Educação do Brasil, Abraham Weintraub, que, no dia anterior, sinalizara com a possibilidade de “descentralizar” investimentos para os cursos de Filosofia e Sociologia. O procedimento (na prática, um corte de recursos) teria como objetivo valorizar investimentos que, para o governo de plantão, implicariam em retornos sociais “de fato” para o país, valorizando as áreas de exatas e biológicas (Medicina, Engenharia, Veterinária etc.). Diante das críticas das universidades, que denunciaram tal perspectiva como uma tentativa de destruir os cursos de Ciências Humanas, o presidente Bolsonaro enfatizou o seu apoio ao ministro com a seguinte postagem no *Twitter*:

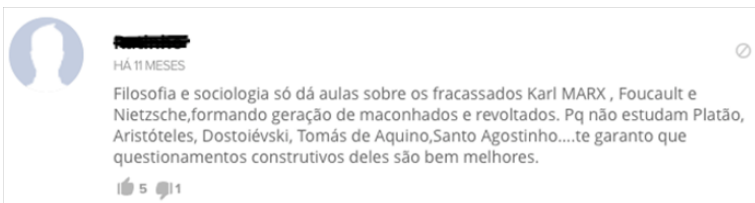


²⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/04/26/bolsonaro-diz-que-mec-estuda-descentralizar-investimento-em-cursos-de-filosofia-e-sociologia.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2020.

Diante dessa questão, a reportagem mencionada há pouco, do G1, gerou diversos comentários e discussões, inclusive postagens de apoio ao Presidente e à sua proposta, contendo diversos exemplos de exotização daqueles que cursam as humanidades em geral:



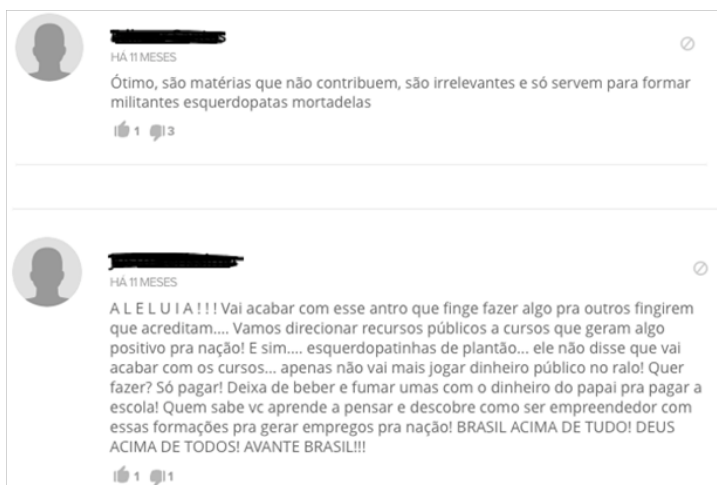
Two social media comments are shown. The first comment, from a user with a grey profile picture, says: "Esse povo de humanas só sabe fumar maconha, dar Abunda e chamar todo mundo de fascista!!!! Bolsonaro está mais do que certo em acabar com a MAMATA desses VAGABUNDOS!!!!" It has 458 likes and 1485 replies. The second comment, from a user with a grey profile picture, says: "Fora que eles nem estudam, só ficam de greve!!!! Melhor ministro do MEC e melhor presidente da história desse país!!!!" It has 84 likes and 79 replies.



A single social media comment is shown from a user with a blue profile picture. The text reads: "Filosofia e sociologia só dá aulas sobre os fracassados Karl MARX, Foucault e Nietzsche, formando geração de maconhados e revoltados. Pq não estudam Platão, Aristóteles, Dostoiévski, Tomás de Aquino, Santo Agostinho....te garanto que questionamentos construtivos deles são bem melhores." It has 5 likes and 1 reply.



Three social media comments are shown. The first, from a user with a grey profile picture, says: "Eu formei em Filosofia e hoje trabalho de camelô faço e vendo Brincos, Pulseiras e conto piadas na praça." It has 11 likes and 14 replies. The second, from a user with a grey profile picture, says: "Bicho grilo." It has 2 likes and 0 replies. The third, from a user with a grey profile picture, says: "Isso mesmo, essa galera tem que se formar em Humanas pra vender arte na praia e tocar um 'badauê' no fim de tarde." It has 4 likes and 14 replies.



Sem entrar em detalhes, podemos extrair, panoramicamente, de todas as postagens acima, o estereótipo exotizante do chamado “povo de humanas”, bastante comum em nossa sociedade: discípulos ferrenhos da maconha, adeptos da homossexualidade desbragada (representada pela pejorativa expressão “dar a bunda”), amantes descarados da “mamata”. Sua morada revela-nos um antro de “filhinhos de papai”, que vivem a fumar e a beber desvairadamente com o dinheiro da família. Em termos gerais, são “vagabundos” que não estudam e só sabem xingar de “fascista” a todos, como bons papagaios que são, pois não passariam, nessa visão, de “revoltados” (sem causa) que vivem em eterno estado de greve. Trata-se, magicamente, daquelas figurinhas exóticas, o protótipo do “bicho-grilo”, que vende a sua arte na praia (brincos, pulseiras, miçangas etc.), contando piadas, ou fazendo aquele sonzinho excêntrico (“badauê”) ao entardecer.

Do ponto de vista político, não passam de “esquerdotapas mortadelas”, ou seja, alienados sem nenhum “retorno imediato” para a vida prática da nação. Prova disso é que não possuem um “espírito empreendedor”, capaz de contribuir, por exemplo, para a geração efetiva de empregos. Pelo contrário, são postos como símbolos da inutilidade e do desperdício de dinheiro público. O reducionismo *ad absurdum*, característico de todo estereótipo, elege o grupo, ainda, a estudos restritos de Karl Marx, Foucault e Nietzsche (dados também como “fracassados”), como se os cursos de humanas (e principalmente Filosofia) não abordassem, em profundidade, figuras clássicas como

Platão e Aristóteles (além de outras), o que está longe de ser verdade. Com tudo isso, vemos mais uma vez a necessidade de “dominação” e “domesticação”, próprias do sentimento de exotismo, o que justifica, retoricamente, o prejuízo social (e oficial) de todo um grupo. Vejamos, agora, uma outra faceta do estereótipo.

1-c) Estigmatização: na visão de Bourdieu (1989), os padrões de comportamento e as regras da convivência comum são estabelecidos pelos grupos sociais e pela forma que se organizam e se relacionam. É nessa dinâmica que se erigem consensos hegemônicos (dados como a “norma” e a “normalidade”, pode-se acrescentar), fruto das classes dominantes e de seu poderio econômico, que acabam por impor seus próprios valores, representações de mundo e ideologias àqueles que se encontram na base da pirâmide social. Essas seriam as condições elementares para a eclosão da violência simbólica, que, na verdade, se trata de um poder simbólico exercido de cima para baixo, ditando modos de ser, de se comportar e/ou de sentir o mundo. E, obviamente, se existe algo que é posto como o “normal”, isto é, como o “padrão”, automaticamente abre-se, nos termos de Goffman (2008), um campo para a produção e disseminação de *estimas* sociais. As apregoadas qualidades humanas dadas como “fora de esquadro”, capazes de gerar repulsa, enojamento, preconceito ou discriminação, vão desde as chamadas deficiências físicas, como mutilações ou queimaduras, por exemplo, até características raciais, sexuais, socioeconômicas etc., projetadas como marcas identitárias negativizadas.

Podemos dizer, com os exemplos acima, que às vezes é até mesmo difícil separar a exotização da estigmatização (e também da objetificação), visto que são processos que coexistem em um mesmo texto, retroalimentando-se incessantemente. Colar nos estudantes de humanas o selo da vagabundagem, do fracasso e do desperdício de dinheiro público, como acabamos de ver, não deixa de ser também um estigma, digno de um “defeito físico” ou de uma “doença”. Um crime recente ocorrido no Brasil poderia ilustrar, por um outro ângulo, esse procedimento discursivo de estigmatização.

No dia 28 de janeiro de 2020, em São Bernardo do Campo, no ABC Paulista, uma família inteira (o casal e o filho caçula) foi encontrada morta e carbonizada no interior de um veículo incendiado. A principal suspeita do crime, considerada inicialmente pela polícia, foi a própria filha

do casal, além de sua namorada.²⁷ O caso não foi ainda a julgamento no momento da escrita deste artigo, assim como as investigações não foram totalmente concluídas. À parte o crime bárbaro, condenável em todos os sentidos, assim como as suas alegadas motivações, o que chamou atenção foi uma série de postagens e memes disseminados pelas redes sociais, buscando associar o perfil sexual das acusadas – um casal de mulheres lésbicas –, a uma natural tendência para a criminalidade. Vejamos, rapidamente, dois exemplos (um *même* e uma postagem no *facebook*):



O *même* apresenta a foto de duas moças, digamos, em “estado de casal”, para ressaltar bem o seu enlace lésbico-amoroso. Colocando esse tipo de “amor” em descrédito, uma vez que é referido de forma irônica (entre aspas), o texto faz uma alusão clara ao crime (“mataram a família a pauladas e carbonizaram os corpos”). O que chama mais atenção é o uso da caixa-alta no substantivo “lacrção”, uma nominalização do

²⁷ Duas das tantas notícias que cobriram o fato encontram-se nos links: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/01/30/policia-vestiga-se-familia-achada-no-abc-foi-morta-por-mais-pessoas-filha-e-namorada-estao-presas-suspeitas-do-crime.ghtml>; <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2020/02/ana-flavia-filha-matou-familia-no-abc.html>. Acesso em: 16 mar. 2020.

verbo “lacrar”, gíria muito associada ao mundo LGBTIQ+.²⁸ Este, dessa vez, ao invés de exercer essa costumeira ação – “arrasar”, “vencer” um adversário, deixando-o sem ação –, teria permanecido sem palavras (“calado”) diante de algo inquestionavelmente absurdo. Tudo fica ainda mais claro com a assertiva-categórica finalizando o texto: “Movimento LGBT ignora”. Ora, sabemos que o fato de duas pessoas terem cometido um crime bárbaro não tem nada a ver com a sua inclinação sexual, ou mesmo com o fato de constituírem um casal. No entanto, construindo uma associação (subentendida) entre a sexualidade dos indivíduos e uma suposta “natureza” criminal hedionda, cola-se em todo um grupo um *estigma repulsivo* (o *enojamento*), apto a justificar, retoricamente, toda sorte de violências contra a população LGBTIQ+. E para que não haja dúvidas, ou para não dar a impressão de ser apenas um caso isolado, houve quem tomasse o cuidado de pesquisar outros casos de casais lésbicos que também cometeram crimes:



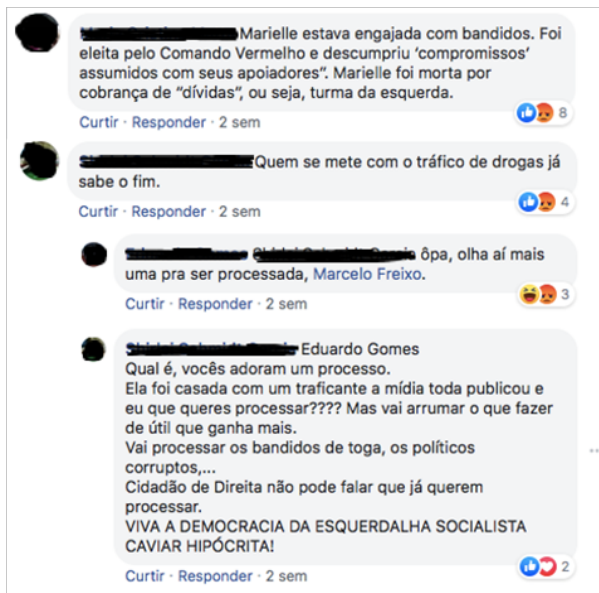
²⁸ Segundo a página Dicionário Popular, “a gíria lacração, ou lacrar, é um sinônimo para ‘arrasar’ ou ‘mandar bem’”. O termo é utilizado como elogio para alguém que fez alguma coisa tão bem que deixou os outros sem reação. Uma pessoa que ‘lacrou’ não deixa brechas para que alguém coloque defeitos ou tente falar mal. Além disso, o termo também pode ser usado para se referir à vitória sobre outras pessoas, como no caso ‘*ela lacrou as inimigas*’, ou seja, ela venceu as inimigas, deixou-as sem ação”. Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/lacracao/>. Acesso em: 16 mar. 2020.

Se um caso “não basta” para mostrar o feroz instinto assassino das mulheres lésbicas, “vai outros”: a insistência na relação crime/homossexualidade naturaliza, assim, pela via da estigmatização, uma visão negativa da população LGBTIQ+ e, mais especificamente, dos casais lésbicos, envoltos imaginariamente em atos hediondos e conspirativamente ocultados pela grande mídia e/ou pelo movimento representativo do referido grupo identitário. Passemos, a seguir, a outra operação discursiva comum dos Discursos de Ódio.

2) *Calúnia/difamação*: atualmente, parece que a forma por excelência desse tipo de crime configura-se nas chamadas “fake news”, uma série de notícias falsas destinadas a manchar a honra de pessoas e instituições, muitas vezes através de robôs e empresas de *marketing* que disparam, *ad nauseum*, informações inverídicas em redes sociais ou *WhatsApp*. A repetição, uma figura clássica já ressaltada pelas retóricas antigas, torna-se a chave aqui para que, mediante insistência, um conteúdo falso “viralize” e se confunda com a verdade. Foi o caso, dentre tantos outros, do assassinato brutal da vereadora Marielle Franco, do PSOL, executada covardemente a tiros, junto com o seu motorista (Anderson), no dia 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro (até o presente momento, não foram revelados, ainda, os mandantes do crime e a sua real motivação). Recentemente, no dia 14 de fevereiro de 2020, a página do *facebook* da Anistia Internacional Brasil conclamou a todos para fortalecer a mobilização a favor do esclarecimento do crime:



Automaticamente, comentários surgiram, como os seguintes (dentre outros), que nos interessam como ilustração da operação discursiva aqui ressaltada (calúnia/difamação):

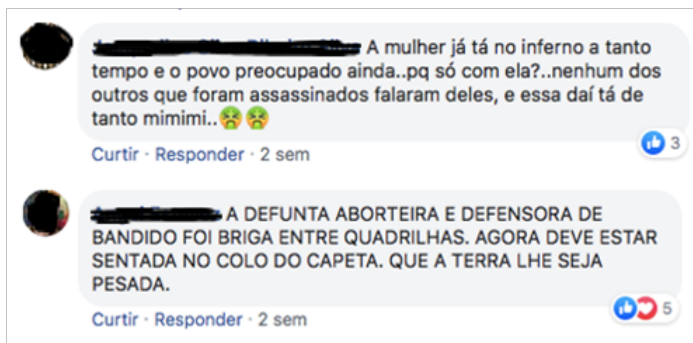


O primeiro comentário já apresenta diversas mentiras que já vinham sendo ventiladas desde o assassinato da vereadora, em março de 2018, e que inclusive foram alvos de processos judiciais, como ilustra um dos comentários acima, em uma tentativa do partido e da família de não permitir que manchassem a memória e a honra da vítima. As calúnias contra Marielle giravam (e giram) em torno de elucubrações muito parecidas e frequentes: teria sido assassinada não porque era uma vítima do sistema, mas, consequentemente, por suas supostas relações com “bandidos”, com o Comando Vermelho, com o tráfico de drogas ou, ainda, por possuir dívidas e pendências com o crime organizado. Tudo isso rotulado/estigmatizado como um típico procedimento daqueles que militam na esquerda política, que, por sua vez, também vira um signo de banditismo e de doença, como atestam formações lexicais como “esquerdopatia” ou “esquerdalha” (isto é: esquerda “caviar” e “hipócrita”, falsamente democrática, como sugere o enunciado final do último comentário acima). Sem entrar em maiores detalhes, acredito que Marielle Franco é um caso bastante emblemático, pois congrega vários atributos identitários que, em termos de condições de produção, no contexto brasileiro, são comumente alvos de Discursos de Ódio e de prejuízo social: mulher, negra, feminista, militante dos direitos humanos, lésbica e, ainda, oriunda de favela.

3) *A demonstração de euforia diante da desgraça alheia*: trata-se, em termos gerais, de demonstrações de euforia/alegria/entusiasmo (ou do sentimento de vingança) diante da dor da pessoa ou grupo figurado como inimigo (até mesmo de sua morte, infortúnio, doença etc.). No caso dos exemplos utilizados acima para ilustrar os processos de exotização, que dizem respeito ao incêndio na Favela do Cimento, em 2019, temos também a ocorrência desse processo discursivo: em notícias daquela época,²⁹ foram mostrados vídeos com motoristas que, ao passarem perto da favela (em chamas), comemoraram o infortúnio com buzinações e adjetivos como “vagabundos”. Nota-se já, com isso, uma rede de subjetividades odiantas, que se sentem vingadas diante de algo que enxergam como nocivo (os moradores e favelados). O caso Marielle Franco, mais uma vez, pode funcionar também como exemplo,

²⁹ Por exemplo, como nesta notícia veiculada pelo site *bhaz*: <https://bhaz.com.br/2019/03/24/motoristas-comemoram-incendio-em-favela/>. Acesso em: 16 mar. 2020.

como mostram mais dois comentários apensos à postagem da Anistia Internacional (referindo-se ao seu assassinato):



À parte os insultos e estigmatizações, é possível notar, em termos gerais, um tom de comemoração e de justiça diante do assassinato da vereadora, à qual é desejado o pior dos males, até mesmo depois de sua morte (“que a terra lhe seja pesada”). Nota-se também que Marielle foi posta possivelmente no inferno, como um suposto fruto de uma *vingança* divina. Tudo isso tem, também, profundos laços com a operação discursiva descrita abaixo. Vejamos.

4) *A figuração do mal (a construção do inimigo)*: essa artimanha retórico-discursiva se apoia, geralmente, no imaginário da desordem e da desagregação social. Há sempre um “inimigo” da nação, da moral e/ou dos bons costumes (etc.) para se combater, como no caso dos moradores da Favela do Cimento, postos como inimigos da Lei e da Sociedade. A historiadora Dutra (1997, p. 47), ao refletir sobre a caçada à esquerda durante a Era Vargas, no Brasil (no caso, ao comunismo), aborda com pertinência essa questão, definindo o processo discursivo de construção do inimigo a partir de duas estratégias de representação retórica: no plano das metáforas físicas e biológicas, tendo-se a Pátria como um organismo coeso, sadio e integrado, o inimigo é geralmente projetado como a “doença”, o “vírus” ou a “enfermidade”; no plano das metafóricas religiosas, ligadas à tradição judaico-cristã, ele torna-se, de forma complementar, a imagem do “demônio”, da “peste” e do “flagelo”.

Isso fica claro também no caso Marielle Franco: figurada como elemento do banditismo, ela torna-se o signo de uma enfermidade social

a ser combatida, capaz de adoecer a saúde do corpo pátrio (como, muitas vezes, denota o termo “esquerdopatia”); como “aborteira”, da forma que foi colocado, ou como militante dos direitos humanos (o que é visto, na visão conservadora, como uma forma de defender vagabundos), Marielle feriria a lógica religiosa e/ou cristã, tornando-se um verdadeiro flagelo demoníaco. Tanto é “verdade” que, como recompensa, foi colocada pelos comentários diretamente no “inferno”, ou ainda, no “colo do capeta”. Passemos a mais uma operação discursiva.

5) *O insulto ou a instigação ao insulto*: ao dissertar sobre a violência verbal em interações polêmicas, Amossy (2017, p. 171) sintetiza as três faces desse ato de fala, que visa, sempre, ameaçar a face de seu receptor: o insulto é assertivo, pois atribui propriedades que desqualificam o outro; é expressivo, uma vez que demonstra hostilidade no tratamento interpessoal; é, ainda, diretivo, no sentido de que instiga uma reação de um terceiro (o público que assiste ao debate). Quem insulta, para a autora, se coloca em um plano superior, inferiorizando, assim, o seu alvo, o que é coerente com o que já vimos acima nos campos jurídico e psicológico. Diversos exemplos anteriores já nos servem como exemplos de insulto ou instigação ao insulto, tais como: moradores de favela chamados de “vagabundos”; estudantes de humanas achincalhados como “inúteis” e “fracassados”; militantes de esquerda qualificados como “hipócritas” ou, necessariamente, “bandidos”.

6) *A ridicularização/deslegitimação*: não é difícil definir esse ato de fala, que se traduz no deboche e no conseqüente rebaixamento do adversário, colocado em descrédito no sentido de poder fazer algo, cumprir uma função, dizer alguma coisa ou falar sobre determinado assunto, justamente por, supostamente, não reunir qualidades suficientes. A ridicularização também pode comportar o gesto de rir daquilo que é considerado socialmente um defeito, através de uma enorme rede de adjetivos, verbos, advérbios, incluindo metáforas, comparações e outras figuras de linguagem. Pode facilmente descambar, desse modo, para a exotização, para a estigmatização ou para o estereótipo de forma geral (as operações são complementares). É nesse sentido que o “povo de humanas”, conforme já mencionado acima, não teria moral nenhuma para falar sobre educação ou, ainda, opinar sobre assuntos de importância para o país. Aos olhos do cidadão de bem (novamente o sentimento de superioridade), esses risíveis e exóticos “bichos-grilos”

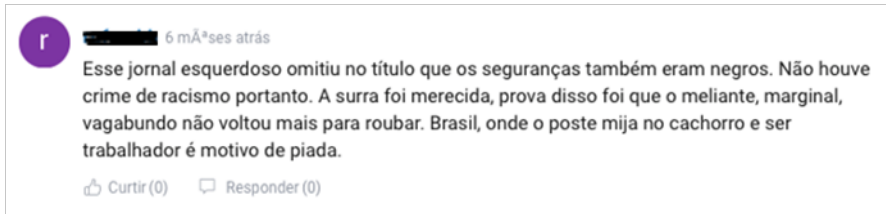
– “esquerdopatinhas de plantão” que vivem a vender a sua “arte” na praia – não possuem qualquer credibilidade. Como se vê, além de termos que materializam “risos” (“kkkkkk”, “rsrsrsrs” ou “hahaha”), o rebaixamento via humor, e a deslegitimação resultante, são construídos também pela encenação de situações inusitadas, cômicas e esdrúxulas, podendo conter bastante ironia.

7) *Os negacionismos*: somam-se às operações discursivas acima os chamados negacionismos históricos e/ou científicos, muito recorrentes nas redes sociais e, como diria mais uma vez Bakhtin (2004), em nossa “ideologia do cotidiano”. Trata-se de argumentos em geral anticientíficos, a exemplo das ideias que refutam a existência do aquecimento global, e que, na esfera socio-histórica, rechaçam acontecimentos incontestes: nega-se, assim, que houve escravidão no Brasil, que passamos por uma ditadura militar nos anos 1960, ou afirma-se, por exemplo, que “o nazismo é de esquerda”, que a “homofobia ou o machismo não existem”, mesmo que uma farta documentação já tenha sido apresentada pela Historiografia e/ou pelas Ciências Sociais, além de institutos de pesquisa. Acredito que o que eu chamaria de “encenação do vitimismo” possa ser uma outra operação discursiva – uma das grandes armas do negacionismo – apta a marcar a ocorrência de Discursos de Ódio (ou a sua justificação retórica).

No primeiro comentário ilustrativo do ponto 3 acima (sobre a “demonstração de euforia”), que diz respeito à comemoração da morte de Marielle Franco, temos também essa dimensão de vitimismo construída pela argumentação. A postagem alega que os defensores da vereadora se preocupam, seletivamente, “só com ela”, e que não costumam dar a devida atenção, portanto, a outros assassinatos. Partindo do pressuposto falso de que Marielle era associada a bandidos, sua condição de vítima é então anulada, isto é, transformada em “vitimismo”, principalmente por uma célebre gíria difundida nas redes sociais, em geral usada para dizer que atrocidades (existentes) não existiram: o termo “*mimimi*”.

Em uma notícia online do *Jornal Estado de Minas*,³⁰ que mostrava um jovem negro torturado (a chibatadas) em um supermercado, em setembro de 2019, após tentativa de furto, tivemos o seguinte comentário:

³⁰ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/09/03/interna_nacional,1082169/jovem-negro-e-torturado-por-segurancas-de-supermercado-apos-tentativa.shtml. Acesso em: 16 mar. 2020.



Ora, um crime é devidamente penalizado através da justiça formal, e não pelas próprias mãos, pelo menos nos termos da Lei. O evento acima, ainda mais pelo simbolismo da chibata (uma clara alusão à escravidão), foi acusado por diversos movimentos sociais como um caso de racismo (pois um jovem branco, provavelmente, receberia outro tipo de tratamento). No entanto, o comentário apresentado minimiza e nega a existência do racismo, a partir, também, da construção do vitimismo, que autoriza práticas de justificação em detrimento de uma ação judicial legal.

Sem entrar em maiores detalhes, pois o objetivo aqui foi apenas apresentar uma ilustração da operação discursiva em questão (o que vale para todas as outras), é interessante concluir esta seção dizendo que a lista de procedimentos aptos a dar vazão e a marcar a ocorrência de Discursos de Ódio pode ser mais ampla do que a que foi aqui apresentada. Por exemplo, poderíamos falar também de atos de fala como “ameaça”, “constrangimento”, “humilhação”, “chantagem” etc., mas creio que as Leis já tipificam claramente muitos desses procedimentos, e outros são facilmente identificáveis na esfera pública. Como já disse, não se tratou aqui de apresentar uma lista fechada, mas uma tentativa de contribuição para compreender cada vez melhor as possíveis formas de manifestação dos Discursos de Ódio. Passemos, finalmente, às considerações finais.

5 Considerações finais

Com as reflexões acima, pode-se perceber que o sentimento de ódio pressupõe o nojo, ou melhor, o enojamento diante do outro; o ódio revela, em certos casos, uma soberba sensação de “superioridade”, ou então, paradoxalmente, um sentimento de inveja, capaz de despertar fúria, quando se sente menor (ou pior) que o seu alvo. O ódio pode carregar o medo, um medo do outro, aquele estranhamento que a linguagem não traduz, dando vazão, assim, à sensação atônita de ameaça; o ódio

é, ainda, “fogueira”, tanto maior quanto mais se externaliza (e se põe a circular) livremente na esfera pública; o ódio opera, como se viu, com várias artimanhas retórico-discursivas: o insulto, a calúnia, o estereótipo, a deslegitimação, a figuração do inimigo etc.

No entanto, nada disso é, por si só, porto seguro para taxar uma expressão (ou, mesmo, uma violência verbal) como um “Discurso de Ódio”. O Discurso de Ódio é sistêmico, não-acidental e ligado, organizadamente, a determinadas condições de produção do discurso (parâmetro mais importante para se caracterizá-lo). Dessa forma, só poderia ser identificado como tal as expressões capazes de produzir, de algum modo, o prejuízo, a discriminação e a exclusão de direitos sociais de grupos ou perfis identitários sociologicamente mais fragilizados. Apenas o discurso que possui essa “força” ou tendência social, ancorado que é nos conflitos de classe e disputas de poder é, necessariamente, um Discurso de Ódio. Com base em teorias retórico-discursivas, pode-se afirmar que os Discursos de Ódio, portanto, se medem e se identificam pelos seus possíveis efeitos. Estes, mais uma vez, se marcam pela exclusão, pela violência física, pela discriminação e pela negação da cidadania em um contexto particular. Por isso, qualquer análise discursiva desse assunto deve-se iniciar, antes de qualquer coisa, pela consideração das condições de produção.

Referências

- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. São Paulo: Contexto, 2018.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- DUTRA, E. R. F. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Editora UFRJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.
- GALINARI, M. M. A Análise do Discurso contra a Retórica: demolindo mitos e deuses. In: PIRIS, E. L.; OLÍMPIO-FERREIRA, M. (org.). *Discurso e argumentação em múltiplos enfoques*. Coimbra: Grácio Editor, 2016. p. 73-97.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GÓRGIAS. Elogio de Helena. In: SOUSA, A. A. A.; PINTO, M. J. V. *Sofistas: testemunhos e fragmentos*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005a. p. 127-133.

GÓRGIAS. Do Não Ente ou Da Natureza. In: SOUSA, A. A. A.; PINTO, M. J. V. *Sofistas: testemunhos e fragmentos*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005b. p. 112-118.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Atlas da Violência 2019*. Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo: IPEA e FBSP, 2019.

LEBRUN, J. *O futuro do ódio*. Porto Alegre: CMC, 2008.

MACHADO, I. J. R. *Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. 2003. 329 f. Tese – (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 2010. p. 59-106.

ROSTAGNI, A. *Un nuovo capitolo nella storia della retorica e della sofistica*. Firenze: Stab. Tipografico E. Ariani, 1922.

SILVA, R. L.; NICHEL, A.; MARTINS, A. C. L.; BORCHARDT, C. K. Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira. *Revista Direito GV*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 445-468, 2011.



Tópicos y violencia verbal en la convocatoria a la marcha #NoMásDesgobierno en Colombia

Topics and verbal violence in the call to march #NoMásDesgobierno en Colombia

Laura Cristina Bonilla-Neira

Universidad de Buenos Aires (UBA), Buenos Aires / Argentina

laura.bonilla.n@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-3417-8504>

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo analizar los tópicos y las agresiones verbales que se presentaron en la convocatoria a la Marcha del 2 de abril de 2016 en Twitter y Facebook. Se estudia el discurso de protesta de dicha manifestación a través de sus eslóganes, consignas y *hashtags* que hicieron parte de la convocatoria. Se evidencia el incremento de la tensión a través del registro discursivo de la violencia verbal y cómo esta intensificó la oposición, la indignación dando paso a la polarización directa mediante estrategias como la demonización. Desde una perspectiva discursiva con enfoque retórico y multimodal, se analiza el uso de la modalidad argumentativa de la polémica como una estrategia dominante en la confrontación establecida por los opositores al gobierno y al Acuerdo de paz en Colombia. Se estudiaron los enunciados del discurso de protesta de una selección publicaciones en Twitter y Facebook del 1 febrero al 2 de abril. El análisis permite evidenciar la construcción del antagonismo y la oposición al gobierno con una dimensión violenta paradójicamente en un proceso de paz.

Palabras clave: tópicos; violencia verbal; discurso de protesta; argumentación; polémica.

Abstract: This paper aims to analyze the topics and verbal attacks that were presented in the call for the March on April 2, 2016 on Twitter and Facebook. It studies the protest discourse of this demonstration through its slogans, slogans and hashtags that were part of the call. It seeks to account for the increase in tension through the discursive record of verbal violence and how this intensified opposition, outrage and this gave way to direct polarization through strategies such as demonization. From a discursive perspective with

a rhetorical and multimodal focus, the use of the argumentative modality of polemics is evidenced as a dominant strategy in the confrontation established by the opponents of the government and the Peace Agreement in Colombia. The statements of the protest speech were studied from a selection of publications on Twitter and Facebook from February 1 to April 2. The analysis allows for evidence of the construction of antagonism and opposition to the government with a violent dimension paradoxically in a peace process.

Keywords: topics; verbal violence; protest speech; argumentation; polemics.

Recebido em 20 de abril de 2020

Aceito em 25 de maio de 2020

1 Introducción

El 2 de abril del 2016 se llevó a cabo una marcha contra el gobierno del presidente Juan Manuel Santos Calderón, en Colombia. La manifestación tuvo como lema principal “No Más Desgobierno” y se instaló en la opinión pública como un hecho que activó la confrontación política en el último tramo de la negociación de los acuerdos de paz entre el gobierno Santos y la guerrilla de las FARC. El partido de oposición Centro Democrático (CD), liderado por el expresidente y hoy senador de la República Álvaro Uribe Vélez, fue quien encabezó la marcha. La oposición de derecha conservadora, que representa el partido CD, estaba en contra del proceso de paz y estuvieron en contra desde el Congreso. En este marco, la marcha se construye como una acción de calle para difundir y extender a la población los postulados de la oposición. En las principales ciudades del país la marcha logró convocar a muchas personas, la mayoría militantes del CD. Sin embargo, el impacto que generó en redes sociales fue quizás el que tuvo mayor alcance en otros sectores de la sociedad, al desencadenar un gran número cuestionamientos sobre el contenido de los acuerdos.

En este marco, la convocatoria a la marcha del 2 de abril actuó como un receptor de inconformidades latentes frente al gobierno de Santos. Los mensajes de inconformismo tuvieron amplia circulación en los medios de comunicación tradicionales, pero, sobre todo, en las redes sociales. Tanto en Twitter como en Facebook circularon mensajes, afiches, fotografías y videos en los que se instaba a la manifestación

contra el gobierno. Ambas plataformas digitales fueron centrales para la circulación de los anuncios invitando a la marcha. El eslogan No + Desgobierno y su variante #NoMásDesgobierno evidenciaron la adecuación de su uso a los afiches, camisetas y a las redes sociales. También se usó el *hashtag* #Abril2ALaCalle para etiquetar los mensajes de la convocatoria. El empleo de estas marcas discursivas evidencia una apropiación del contenido y, tal como lo menciona Zappavigna (2011, p. 803), de una conversación más fuerte y vinculante entre los participantes.

El objetivo del presente artículo es analizar los tópicos y a su vez las manifestaciones de agresión verbal que se presentaron en los mensajes de la convocatoria a la marcha del 2 de abril de 2016 en Colombia, a través de Twitter y Facebook. Se entiende que los tópicos se manifiestan en palabras cargadas axiológicamente, lo cual puede evidenciarse en distintas formas de agresión verbal. Entre estas se destacan técnicas de refutación como argumentación *ad hominem* y descalificación del adversario. También, figuras de agresión como concesiones retóricas, acumulación de invectivas, neologismos injuriosos en reemplazo del nombre propio y cómo el uso de recursos digitales como los *hashtags* visibilizan e incluso legitiman este tipo de protestas. El artículo analiza la polarización construida por varias cuentas de Twitter y Facebook, que convocaron a la marcha y que establecieron como estrategia la polémica cuyo blanco fue el gobierno de Juan Manuel Santos y el Acuerdo de paz.

Sobre el plebiscito ya se han publicado varios trabajos desde las ciencias políticas (BASSET, 2018; GÓMEZ-SUÁREZ, 2016), la comunicación (RICHARD; LLANO, 2017; SERRANO, 2020) y las ciencias sociales en general (PERILLA, 2018; RODRÍGUEZ, 2016; SILVA, 2019). Sin embargo, particularmente sobre el acontecimiento de la marcha del 2 de abril de 2016 aún no aparecen trabajos, con lo cual el presente estudio resulta una primera aproximación sobre la construcción de líneas discursivas que, de acuerdo con nuestra hipótesis, fueron desarrolladas y profundizadas a lo largo del año 2016 y que desencadenaron en la victoria del No en el plebiscito sobre los acuerdos de paz.

2 Contexto

La marcha del 2 de abril del 2016 tiene varios antecedentes de movilizaciones con un eslogan muy similar. En el 2008 se hizo una manifestación contra las FARC, cuyo lema fue No Más FARC. Esta

marcha se dio en una coyuntura de serias tensiones del conflicto armado colombiano, en el que la guerrilla mantenía la práctica del secuestro y la extorsión como forma de lucha. Además, los grupos paramilitares seguían delinquiendo, enfrentándose a la guerrilla y ocasionando desplazamientos masivos de la población de las zonas rurales hacia las ciudades con el fin de apropiarse de cientos de hectáreas de tierra. En ese contexto, los medios de comunicación presentaron la marcha del 4 de febrero del 2008 como una iniciativa de un grupo de jóvenes cuyas consignas eran: *No más secuestros, no más mentiras, no más muertes, No más FARC*. Sin embargo, el gobierno nacional en cabeza de Álvaro Uribe le dio su apoyo irrestricto y coadyuvó en la convocatoria lo que contribuyó a que también los gobiernos regionales hicieran extensiva la invitación a la población. Esto, de acuerdo con Hernández (2014), es una muestra de que el Estado fue más allá del papel mediador, encargado de otorgar garantías para la manifestación social, y formó parte de los convocantes, lo cual, en cierto modo, configura una cooptación de la marcha a favor del propio gobierno.

La marcha del 2008 se construyó en la narrativa nacional, a través de los medios de comunicación tradicionales, como una manifestación multitudinaria sin precedentes contra la guerrilla (JARAMILLO; MOLINA, 2010, p. 361). Sin embargo, hay antecedentes históricos que demuestran que hubo otras protestas igual o con mayor número de manifestantes pero que, en su momento, no tuvieron un cubrimiento importante de medios de comunicación y no había acceso a internet para difundirlas como la marcha del silencio de 1948 contra el régimen conservador, las marchas estudiantiles contra la dictadura en 1954 y la gran manifestación del 14 de septiembre de las centrales obreras de 1977 (ARCHILA, 2016). En febrero del 2008, el gobierno estaba en cabeza de Álvaro Uribe; dicha manifestación le sumó puntos en las encuestas y consolidó su imagen positiva, a pesar de las investigaciones judiciales que ya, por entonces, empezaban a acusar al exmandatario (PACHÓN, 2009, p. 335).¹ Más tarde, en diciembre de 2014 y en agosto de 2015 se

¹ Pese a que había estado siendo objeto de críticas por la obstinación de no ceder al intercambio humanitario, el poco desarrollo de políticas sociales y sobre todo por sus escándalos para su primera reelección, además de su intención de presentarse para un tercer mandato, para lo cual tenía que modificar nuevamente la Constitución Política de Colombia.

realizaron otras marchas² con el mismo lema, lo cual le dio continuidad al eslogan de No Más FARC, esta vez acompañado de consignas como “Paz sin impunidad”. Estas últimas manifestaciones las encabezó directamente Álvaro Uribe y miembros de su partido Centro Democrático contra el acuerdo de paz, que estaba negociando el presidente Juan Manuel Santos con la guerrilla de las FARC.

A comienzos del 2016, la terminación de las negociaciones de paz se advertía como un hecho inminente. Se percibía el desgaste por parte de los equipos negociadores, tanto del gobierno como de las FARC, y cada día se hacía más tenso el proceso con la presión que se ejercía desde el Congreso de la República, los medios de comunicación, la comunidad internacional y, en general, desde la sociedad civil. Pero, al mismo tiempo que se tenía expectativa sobre el final del proceso se estaba profundizando la polarización entre la población: los amigos y los enemigos de paz, quienes apoyaban la salida negociada al conflicto y quienes por años habían propendido por la vía armada. Este cierre de las negociaciones estuvo atravesado por varios acontecimientos, que fueron elevando la confrontación política, el debate en redes sociales y que de a poco fueron minando la confianza en el proceso. Entre dichos sucesos tuvo lugar la marcha del 2 de abril, cuyo lema principal fue No Más Desgobierno.

Una de las circunstancias que desencadenó la marcha fue la orden de captura del hermano del expresidente Álvaro Uribe Vélez, líder del partido de derecha conservadora Centro Democrático.³ El 29 de febrero del 2016 capturaron a Santiago Uribe Vélez acusado de la conformación de grupos paramilitares en los años 90, junto a otros delitos⁴. Este hecho

² Semana (2014). Disponible en: <https://www.semana.com/nacion/articulo/deexito-total-califican-los-uribistas-la-marcha-del-13-de-diciembre/412093-3>. Consultado en: 12 jun. 2020.

³ Este partido fue creado en el 2014 y tuvo como candidato a la presidencia a Óscar Iván Zuluaga. Durante el gobierno de Juan Manuel Santos Calderón se consolidó como partido de oposición. Cabe aclarar que la oposición en Colombia siempre ha sido de parte de la izquierda y recientemente de sectores llamados progresistas. Sin embargo, desde la ruptura política entre Álvaro Uribe Vélez y Juan Manuel Santos, durante la primera presidencia de este último, la oposición más mediática la realizó el partido Centro Democrático.

⁴ Captura de Santiago Uribe Vélez. Disponible en: <https://www.semana.com/nacion/articulo/capturado-santiago-uribe-por-homicidio-agravado-y-concierto-para-delinquir/463393>. Consultado en: 10 jun. 2020.

judicial provocó críticas hacia el poder ejecutivo. Los seguidores del expresidente tildaron la acción de persecución política y promovieron una manifestación para apoyarlo con el lema de ‘No Más perseguidos políticos’. En ese sentido, la marcha se configuró en primera instancia como un acto de solidaridad de los copartidarios del exmandatario. No obstante, más tarde la marcha convocó a la gente del común con otras razones para unirse participando contra el presidente Santos.

3 Los enunciados de la manifestación

3.1 Eslóganes y *hashtags*

Como parte de las consideraciones teórico-metodológicas, se parte principalmente de la noción “discurso de protesta” de Grinshpun (2013). Esta se define como toda producción semiótica (verbal o icónica) de una manifestación o una serie de manifestaciones que tienen el mismo objetivo. Los eslóganes o consignas hacen parte de los enunciados utilizados en el discurso de protesta. Estos se entienden como fórmulas concisas y significativas para el entorno colectivo en el que circulan. Poseen un carácter llamativo y polémico que les permite tener recordación en el público. Para Reboul (1975), el eslogan, particularmente el político, es fácilmente identificable y tiene un impacto en la sociedad porque se ancla a los lugares comunes sobre los que se sostiene la argumentación. Dado que el eslogan tiene el poder de incitación, de hacer que se produzca una acción.

En trabajos más recientes, se ha señalado que “los eslóganes son un instrumento de promoción amplio y eficaz” (BERNARD-BARBEAU, 2015). De hecho, su brevedad podría ser considerada un potencializador persuasivo. También, se han aproximado a los eslóganes de carácter político como participaciones militantes que, al mismo tiempo, son participaciones de grupo. Dichas intervenciones son aquellas que “permiten reforzar la cohesión de una colectividad oponiéndola a una exterior amenazador” (MAINGUENEAU, 2004, p. 119). Estos eslóganes son producidos por un enunciador colectivo que puede ser un locutor empírico que hace parte del grupo, como, por ejemplo, en nuestro corpus el enunciado de alguien que va a participar en la marcha; o un actor colectivo directamente como en un comunicado de un partido o una organización que se adhiere a la marcha. El eslogan tiene su fuerza

desde el lugar de la participación, es decir, en el cartel, el folleto, en las manifestaciones, en las redes donde es repetido. El eslogan implica un *ethos* que marca un compromiso para quienes lo repiten y, a la vez, construye un otro externo contra el cual polemiza. El eslogan político para este autor construye un *nosotros* y, al mismo tiempo, un otro, al cual se confronta.

Esta última reflexión de Maingueneau (2004) es particularmente importante para este trabajo, puesto que los eslóganes y enunciados de protesta aquí estudiados hacen parte de un discurso de un colectivo en construcción. Los eslóganes y las consignas cumplen la función de cimentación discursiva que le da identidad a un colectivo, que puede tener diversas demandas. Como en el caso de las colectividades que se derivan de protestas, no son instituciones preestablecidas sino comunidades transitorias y que se juntan a partir de la manifestación. De manera que el eslogan tiene justamente la función de soldar. La función de unidad que convoca el eslogan le permite integrar la diversidad del colectivo e incluso la fragmentación posterior a la que tuviera lugar. La colectividad en formación, dice Maingueneau, tiende a mezclar temas circunstanciales con los básicos con que empezó la convocatoria. En el corpus se ven estas variedades e incluso adecuaciones por zonas del país de las consignas.

También, la noción de *hashtag* resulta fundamental para abordar los discursos de protesta aquí estudiados, dado que el corpus es extraído de redes sociales. El *hashtag* es un anglicismo que ha sido apropiado ampliamente para describir a aquellas palabras que, en el mundo digital, se usan como etiquetas que poseen un hipervínculo. Se trata de “una tecnopalabra pues posee una naturaleza compuesta por: el segmento lingüístico (del tipo siglas, palabras, expresiones o incluso frases enteras) pero igualmente cliqueable, ya que constituye un vínculo que permite la creación de un hilo” (PAVEAU, 2017, p. 197). Los *hashtags* en las redes sociales, sobre todo en Twitter donde más se difunden, son principalmente etiquetas para la identificación y categorización de temáticas. Cuando se utiliza de forma repetida durante un periodo de tiempo corto puede convertirse en *trending topic*, es decir en “tema del momento en una determinada zona geográfica (MANCERA; HELFRICH, 2014, p. 61). Los *hashtags* como marcas tecnodiscursivas, en términos de Paveau, hacen parte de un ecosistema digital que le confieren una memoria discursiva, le dan un rasgo polifónico y dialógico. Este último carácter lo posiciona como un elemento de contacto conversacional digital y,

al mismo tiempo, de afiliación difusa (ZAPPAVIGNA, 2011, p. 803). Esta es la posibilidad de unirse en torno a valores comunes que pueden definirse, tanto en términos positivos como negativos.

3.2 Doxa, tópicos y argumentación

De acuerdo con Amossy y Herschberg (2003) los eslóganes y las consignas forman parte de un *continuum* de expresiones fijadas como también los proverbios, los estereotipos, los clichés y las locuciones. Del mismo modo, los *hashtags*, en el entorno digital, entran dentro de este conjunto de expresiones fijadas, en tanto cumplen funciones muy similares a las del eslogan en los discursos estudiados. Dentro de la teoría de la argumentación en la lengua, dichas expresiones hacen parte de la doxa, es decir, del saber compartido, la opinión pública, el conjunto de creencias, de representaciones sociales que constituyen la base de toda argumentación. Es a partir de los eslóganes, las ideas comunes y, ahora desde, los *hashtags* donde se construyen tópicos que se basan y, a la vez, refuerzan la doxa. Los tópicos o *topoi* son “principios generales que sirven de base a los razonamientos [...] resultan como las creencias presentadas como comunes a una determinada colectividad que garantizan el encadenamiento argumentativo” (ANSCOMBRE, 1995, p. 86).

Estos tópicos coadyuvaron a la legitimación de la marcha y de ahí en adelante se instauraron como lugares comunes en la construcción de la campaña del No. El primero de ellos es la crisis económica, para el cual se utilizan varios eslóganes como No+Desempleo, No+Corrupción. El segundo es la crisis social, que contiene diversos problemas de las comunidades; y el tercero es la seguridad, construido sobre la relación entre Santos y las FARC. Para cada uno de estos tópicos se presentaron diversas agresiones verbales que, como armas de combate (ORKIBI, 2012), intensificaron la llamada retórica de la protesta. Al estudiar estos tópicos, construidos a partir de los eslóganes y los *hashtags* presentes en el discurso de protesta de la convocatoria a la marcha del 2 de abril, se pretende analizar los elementos de la doxa constitutivos de la argumentación en su manifestación social e ideológica. Asimismo, estos elementos dóxicos, al ser estudiados en varios casos, viraron hacia la agresión verbal, razón por la cual se hizo necesaria la revisión de este carácter particular.

3.3 Violencia verbal

La violencia verbal es una noción intuitiva y difícil de traducir lingüísticamente. Sin embargo, “en tanto que registro discursivo, acompaña la polémica, no la estructura. Como el *pathos*, ella le da más fuerza manifestando y exacerbando la dicotomización, la polarización y el descrédito que la fundamentan” (AMOSSY, 2017, p. 160). La violencia verbal es funcional, regulada y por tanto hace parte de la argumentación, que se utiliza contra el otro. De hecho, en el discurso de los movimientos sociales, “la violencia verbal es un elemento constitutivo y crucial en el establecimiento de una retórica de polarización” (ORKIBI, 2013, p. 65). Algunos escenarios en los que se presentan agresiones verbales se parafrasean a continuación. Se evidencia violencia verbal cuando:

El punto de vista es totalmente desconsiderado o ridiculizado, 2. El polemista agrede a la persona misma del Oponente y se usa el argumento *ad hominem*, 3. El punto de vista, la entidad o la persona que los encarnan son asimilados al mal absoluto. En caso de extrema polarización se presenta una demonización del otro, 4. La violencia está generalmente ligada al *pathos*: el polemista expresa sentimientos violentos que se inscriben como marcas lexicales, sintácticas o prosódicas. 6. El polemista utiliza insultos contra su adversario, en tanto que acto del lenguaje, el insulto combina lo asertivo, lo expresivo y lo directivo (AMOSSY, 2017, p. 161-163)

Estos enclaves en los que se presenta la violencia verbal son sostenidos por diversos tópicos, que actúan como base social y política. Es decir, la violencia verbal está anclada a determinadas circunstancias y no aparece sola. Esta violencia emerge como una dimensión en el marco de una construcción de otro antagónico. En un contexto como el que se aborda en este trabajo, donde se presenta una protesta, la violencia verbal es utilizada por los manifestantes para estimular, provocar y llamar la atención de los medios de comunicación. El tipo de injurias e insultos que se verán, se traducen en calificativos, como peligroso, “castrochavista”, “antidemocrático”, que no son espontáneas e irracionales. Al contrario, estas expresiones hacen parte de estrategias retóricas que “aportan un valor simbólico y participan de la construcción del sentido de la acción colectiva” (ORKIBI, 2013, p. 59). De manera que, como lo señala Amossy (2017), la violencia verbal es funcional, regulada y ayuda en la polémica pública a gestionar acciones como la protesta o la incitación a la acción.

3.4 Consideraciones metodológicas

El enfoque teórico-metodológico de este trabajo sigue la propuesta de Amossy (2000) sobre la argumentación en el discurso con una perspectiva retórico-argumentativa (PERELMAN; OLBRECHT-TYTECA, 1989). Se entiende que la polémica no es solo una modalidad argumentativa (AMOSSY, 2017) y que su desarrollo se apoya en determinados tópicos. Este modo de argumentación tiene como auxiliar a la violencia verbal que, en este corpus, toma especial protagonismo; para lo cual se tienen en cuenta las reflexiones hechas por Orkibi (2012, 2013) sobre el uso de la violencia verbal en el contexto de los movimientos sociales. En el análisis se utilizan herramientas de la lingüística de la enunciación (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997) para examinar las marcas de subjetividad en el discurso. También se usan los aportes de Angenot (1982) y Beristáin (1995) para la descripción e interpretación de los recursos retóricos utilizados en las diversas formas de los discursos de protesta. Aunque en su mayoría se atiende al discurso verbal, se consideran herramientas de la multimodalidad (KRESS; VAN LEEUWEN, 2002) para analizar algunos modos semióticos, que construyen la significación de manera simultánea en el corpus.

Este estudio se realizó sobre un corpus de publicaciones de Twitter y Facebook que convocaban a la marcha del 2 abril. Los perfiles y páginas seleccionadas de dichas redes sociales cumplían con tres criterios: a) que funcionaran como fuente para otros perfiles y páginas de su tipo y b) que se hayan podido recuperar todas sus publicaciones y c) que hubiesen presentado actividad entre los meses de febrero y marzo. También, para esta selección del corpus se tuvo en cuenta una revisión de las noticias de los dos periódicos de circulación nacional, El Espectador y el Tiempo. Esto permitió tener un panorama de los hechos que ocurrieron en ese momento en relación con el proceso de paz. De una revisión de ocho perfiles se seleccionaron dos, uno de Twitter (Colombia se respeta) y otro de Facebook (Oposición Civil)⁵ que recopilan material que se distribuyó durante la promoción de esta marcha en particular. El procedimiento para compilación de los datos de Twitter tuvo como primer paso recuperar los tuits por medio de la API de la aplicación usando *Python 2.7*. Luego se utilizó la herramienta de visualización de datos *Open Refine*, que también sirvió para el proceso

⁵ Más tarde renombrado No+Desgobierno.

de filtrado. En cambio, para Facebook los datos se obtuvieron por medio de las capturas de pantalla de las publicaciones de la página. Si bien este estudio se apoyó en algunas herramientas cuantitativas para la obtención del corpus cabe aclarar que el análisis es de carácter cualitativo que como se dijo antes tiene un enfoque discursivo-argumentativo. En este sentido, se procedió a la categorización y etiquetado de acuerdo con los tópicos que se encontraron como regularidades dentro del corpus así como a las particularidades en cuanto a la violencia verbal.

4 El eslogan No + Desgobierno

Desde un punto de vista semántico, No+ Desgobierno se compone en primera instancia del No Más, una locución adverbial que significa: basta de. En cuanto a Desgobierno, des- corresponde a un prefijo que denota negación, en este caso se hace referencia al gobierno Santos. El uso del cuantificador de grado comparativo Más indica la magnitud añadida que se le pretende dar al enunciado, del cual se matiza el modo de la polaridad negativa. La formulación No + Desgobierno a partir de su construcción gramatical no solo denota negación, sino que con el adverbio de cantidad pretende dar cuenta de la magnitud del mal gobierno que se vive. El desgobernar es una falta de gobierno, es decir, falta de mando, con lo cual la consigna No + Desgobierno se presenta como un hartazgo, un cansancio de una ausencia de autoridad.

En ese sentido, la consigna No Más Desgobierno presenta una orientación evidentemente negativa. De acuerdo con Plantin (2014), el reiterado uso de negaciones y términos negativos construyen una orientación disfórica en los discursos. En este caso, el eslogan está construido con una negación y un término de proceso negativo. Particularmente, el uso del sintagma nominal “desgobierno” produce un efecto de evidencia, se da por hecho que hay un no-gobierno. Este efecto posee un valor persuasivo, pues genera una idea de incuestionabilidad. Esto sumando a la clara alusión del No Más FARC, a la que se hizo referencia más arriba en el contexto de este artículo, con los antecedentes históricos de dicho eslogan en relación con las FARC, se hace presente una memoria discursiva (COURTINE, 1981) con una carga negativa que aumenta la disforia del enunciado.

Asimismo, el eslogan No + Desgobierno apela a la modalidad epistémica (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997) en tanto que resalta

la incompetencia del presidente Santos. Se plantea como un no-saber instrumental al referirse a que Santos no sabe cómo gobernar, el país le quedó grande y por eso se le señala con nombre propio: #NoMásSantos: “El gobierno cambia de rumbo y el camino le quedó grande” (Facebook, 14 marzo). La acción de gobernar es mandar con autoridad, lo de Santos es un no-gobierno, ante eso hay que salir a la calle a protestar, la conclusión del entimema es que debe irse. Se podría decir entonces que el entimema se construye sobre el lugar común de “lo que no sirve que no estorbe” y ante un gobierno que no está funcionando como debiera hay que salir a la calle para hacer que se vaya.

En cuanto al enunciado de protesta con el cual empieza la convocatoria de la marcha (ver FIGURA 1) es clave señalar su grado de informalidad. Aparecen en la imagen tres tipografías distintas, una en color negro, otra negra resaltada junto a un símbolo blanco y otra en rojo con un tamaño un poco menor a las dos anteriores. La imagen incluye elementos simbólicos adaptados a los lugares de difusión del mensaje, el *hashtag* para las redes sociales como indicador de búsqueda y además de determinado ambiente de afiliación (ZAPPAVIGNA, 2011) y el logosímbolo del No+, signo que remplaza la palabra *más*, que se ubica justo sobre una bandera de Colombia. Dicha bandera se observa resquebrajándose en un efecto de desvanecimiento en sus colores. Se presenta así una metáfora del derrumbamiento de Colombia a través de la bandera que se difumina.

El logosímbolo No+ se ubica en el centro, lo cual le otorga un gran protagonismo en el afiche y resulta sugerente el uso de un color para cada uno de los términos que lo componen, negro el No y blanco el +. El No en negro podría estar dando cuenta de una máxima intensidad mientras que el + en blanco podría mostrar atenuación. La contraposición de estos dos colores da cuenta de una antítesis dándole relieve por yuxtaposición al No. En ese sentido, se podría plantear que el + en color blanco de borde negro para darle mayor resalte está también representando una cruz sobre la bandera. La cruz podría estar asociada a la violencia y la muerte, en este caso de Colombia al tener de fondo el símbolo patrio desvaneciéndose. Según la escala de pureza (KRESS; VAN LEEUWEN, 2002, p. 356) el uso de los colores primarios en la bandera y algunas palabras del afiche culturalmente se han destacado como significantes claves de las ideologías de la modernidad. Al mismo tiempo que los colores primarios de bandera contrastan con la ausencia-

presencia de color del logotipo, entre ambas figuras se construye una complementariedad.

FIGURA 1 – Captura de pantalla de una publicación de la Página de Facebook No+Desgobierno. 12 marzo de 2016.



Asimismo, el uso de la paleta de colores primarios, las tipografías básicas, así como el uso de símbolos como la bandera del país e incluso la cruz dan cuenta del efecto de sencillez en la pieza. La informalidad con la que se presenta le otorga un carácter común, de una elaboración poco profesional, casero. Hay un efecto de espontaneidad y de autenticidad que genera la idea de que lo pudo hacer cualquier persona, que no es algo producido por ejemplo por una agencia de publicidad, sino todo lo contrario, que fue elaborado por la gente y para la gente. Desde la semiótica, se entiende que la publicidad informal “recurre a diferentes soportes comunicativos para dar cuenta de contenidos persuasivos que obedecen a contextos locales e íntimo” (BROWER, 2009, p. 2). De esta forma se genera mayor apropiación de parte del auditorio. Esto, a su vez, produce un sentido unificador y así una identidad particular, en este caso, de tipo patriótica y popular al usar los colores de la bandera.

Como el afiche anterior se produjo una decena más en los cuales se utilizó el mismo logotipo, pero con cambios en predicado de las consignas. Los tópicos presentados en la Tabla 1 dan cuenta, a modo de sumatoria, de las razones por las cuales se hacía necesario marchar. En este caso, los eslóganes de la campaña para la marcha del 2 de abril se presentaron como un reservorio de ideas para justificar y, de cierta forma, darle una lógica argumentativa a la manifestación ciudadana. Entonces, estos tópicos se presentan como temas que se han retomado de diversas circunstancias y coyunturas del país, pero que se juntan para establecer la retórica de un colectivo que se está formando.

TABLA 1 – Eslóganes principales de la convocatoria a la marcha del 2 de abril de 2016

Formulación base	Variaciones
<i>No Más</i>	Desgobierno Corrupción Derroche Inseguridad Desempleo Impunidad Persecución

Fuente: Elaboración propia.

5 Tópicos y agresiones verbales

5.1 Crisis económica y #SantosDerrochón

Como se dijo más arriba, la campaña para la marcha No + Desgobierno instaló la idea de un país sin mando, carente de autoridad, sin guía, sin dirección. Ante esta ausencia, no es casual la presencia en la mayoría de los afiches que convocan a la marcha los mapas con las rutas por las cuales transcurriría la manifestación en cada ciudad. Esta representación icónica tiene un efecto de sentido de organización y al mismo tiempo de orientación. Este efecto resulta particularmente importante en la construcción del colectivo, dado que presenta un camino hacia donde ir. De hecho, en la Figura 2 se observa la ruta de Bogotá señalada en una línea punteada, presenta un lugar de salida y un lugar determinado de llegada.

La publicación además de presentar el mapa con la ruta replica cuatro veces el logotipo No+ variando el predicado de la consigna. Esta yuxtaposición de los eslóganes produce un efecto de acumulación (BERISTAÍN, 1995). Consecuentemente, ese enlistamiento pone de manifiesto una intensidad del fenómeno produciendo un efecto de cantidad por medio de la técnica de acumulación de “razones”; las cuales son las características del gobierno que rechazan. Se devela el entimema que se construye: Colombia estaba desgobernada, razón por la cual era necesario rechazar a ese no-gobierno saliendo a las calles.

FIGURA 2 – Captura de pantalla de una publicación de la PÁGINA de Facebook No + Desgobierno. 22 de marzo de 2016



Como se observa en la Figura 2, de los cuatro eslóganes presentados tres corresponden al tópico de la crisis económica. El No + corrupción se sostiene en los escándalos ocurridos en años anteriores como la malversación de fondos públicos en la construcción de la Refinería de Cartagena,⁶ así como de lo que se denominó la “mermelada”.⁷ Ese fue el término acuñado en los primeros años del gobierno de Santos para referirse a la repartición de las regalías petroleras y mineras para todas las regiones. La metáfora utilizada fue “repartir la mermelada en toda la tostada”. De ahí en adelante la expresión fue cambiando y con el impulso de la oposición adquirió una connotación negativa para hablar de pago de favores o coimas, de manera que se convirtió en casi sinónimo de corrupción. Además, se suma el cuestionamiento por la venta de un activo del Estado como lo era la empresa de energía eléctrica Isagen.⁸ Con lo

⁶ Reficar, caso de corrupción de la Refinería de Cartagena. Disponible en: <https://www.elespectador.com/noticias/judicial/fiscal-martinez-reficar-es-el-caso-de-corrupcion-mas-grave-en-los-200-anos-de-historia-articulo-734133>. Consultado en: 12 jun. 2020.

⁷ Mermelada: término utilizado para referirse al gasto público del Gobiernos que va hacia las regiones desdibujando la frontera entre lo que es inversión pública necesaria e instrumentalización política del gasto.

⁸ La venta de una empresa pública deriva en batalla política en Colombia. Disponible en: https://elpais.com/internacional/2016/01/13/colombia/1452699215_953824.html. Consultado en: 12 jun. 2020.

cual se le reclamaba al gobierno nacional por el dinero recibido por esa venta mientras también se protestaba por el alza en los impuestos con la reforma tributaria y el desempleo. Ambos problemas de vieja data de los gobiernos que fueron señalados como una debilidad de este, en particular.

En el mismo sentido se ubica el trino: “RT @Dcabralescast: ¡El derroche de este Gobierno no tiene límites! #No+ #Abril2ALaCalle” (@Col_SeRespeto, 31/03/16) (Ver FIGURA 3). En el afiche nuevamente aparece el efecto de lista en el que se anotan los supuestos gastos innecesarios de parte del gobierno. El derroche hace alusión al malgasto de dinero o hacienda, en este caso, al gasto excesivo por parte del poder ejecutivo. También da cuenta de un malgasto, lo cual carga a este sustantivo de valor negativo y lo constituye como un subjetivema desvalorizante. La palabra derroche engloba la idea de un gobierno que desperdició el erario y que, de acuerdo con este discurso, creó más puestos públicos y así tuvo más gastos personales como el cambio de cortinas de la Casa de Nariño.⁹ La idea se fijó por medio del eslogan No + Derroche.

FIGURA 3 – Captura de pantalla de un RT publicado por el perfil de Twitter @Col_SeRespeto. 31 de marzo de 2016



⁹ ElEspectador. Más de 600 millones de pesos invirtieron en cambiar las cortinas de la casa de Nariño. Disponible en: <https://www.elespectador.com/noticias/nacional/mas-de-600-millones-de-pesos-se-invirtieron-cortinas-ca-articulo-608844>. Consultado en: 12 jun. 2020.

El discurso del derroche contrasta con uno de los tópicos principales del mandato del expresidente Uribe: *Gobierno austero*. En ese sentido, se oponen ideas fijadas en la memoria discursiva (COURTINE, 1981) de la sociedad colombiana de la “austeridad”, “ajustar el cinturón”, “ajustar el bolsillo” frente a la idea del despilfarro, del derroche. Desde el año en que Uribe ganó la presidencia los medios de comunicación instalaron su imagen alrededor del valor de la austeridad: “trabaja por triplicado, es incansable, austero y sacrificado como el pueblo colombiano pues representa sus valores, se siente cerca de él” (VÉLEZ-LÓPEZ, 2010, p. 81). La austeridad durante los ocho años que duró la presidencia de Uribe se convirtió en un pilar y fue reiterado constantemente en sus discursos de campaña y de gobierno. De manera que hablar del derroche opone directamente y, en cierta medida, ataca la jerarquía de valores (PERELMAN; OLBRECHT-TYTECA, 1989) instalada en la doxa colombiana donde la austeridad ocupa un lugar elevado.

En ese sentido, eslóganes como No + Derroche, como asegura Grinshpun (2013), tiene un impacto en la sociedad al anclarse a los lugares comunes que sostienen la argumentación, en este caso se plantea en contraposición a la austeridad. Al mismo tiempo que se señala el derroche del gobierno se remarca la responsabilidad directa de Santos con nombre propio. Esta agresión hacia el presidente Santos apela a un tipo de argumentación *ad hominem*, en tanto se señala una contradicción entre lo que el adversario sostiene y lo que ha hecho o dicho anteriormente. Tal es el caso de “RT @PaolaHolguín #SantosDerrochón habla de austeridad mientras gasta 33 millones de dólares en sede de embajada” (@ValleUribista 19/02/16). Aquí se invalida la tesis del adversario poniendo en duda su discurso al hacer evidente una incoherencia entre lo que dice y lo que hace.

Aparece así el *hashtag* #SantosDerrochón que en varias oportunidades se convirtió en *trending topic* y con el cual se ataca de forma directa la figura del presidente. Como se observa, se utiliza “derrochón” un adjetivo coloquial y no los habituales despilfarrador o derrochador. Este coloquialismo es más corto y le imprime un grado de informalidad que le genera mayor apropiación por parte del auditorio. La violencia verbal se presenta al utilizar formas desvalorizantes, que se traducen en el plano lexical en coloquialismos como derrochón. Este registro discursivo violento se promueve además al convertirlo en un *hashtag*, con lo cual se potencia la visibilidad de la descalificación del

adversario. Estas formas, de acuerdo con Amossy (2017), están ligadas generalmente al *pathos*, en tanto que la agresividad parece suscitada por fuertes sentimientos que le produce el oponente como, por ejemplo, la vergüenza o la indignación, que también se reiteran en los siguientes tópicos.

5.2 Crisis social y Santos indigno

El discurso de la crisis económica que pretendía apelar a la indignación por el malgasto de los recursos públicos está acompañado por una apelación a la compasión a causa de la desatención de los niños de la Guajira. A la crisis económica se le suma la crisis social en varias regiones de Colombia. Si bien varios de las circunstancias sociales venían de tiempo atrás, en ese momento se agudizaron y fueron capitalizadas directamente por la oposición al gobierno. A pesar de la comprobada corrupción de partidos políticos de gobiernos locales el gobierno central fue responsabilizado de la crisis humanitaria. Los casos de niños fallecidos que día a día empezaron a copar los titulares de las noticias generaron una coyuntura social y política que fue canalizada casi que exclusivamente contra la figura presidencial. Esto evidenciaba nuevamente la incompetencia por parte del gobierno nacional, que ni siquiera podía garantizar la vida y menos la buena salud de los niños.

El eslogan No + Desnutrición infantil fue presentado no solo como ataque hacia el gobierno Santos, sino que movilizó emociones de parte de la ciudadanía. En este sentido, “la argumentación necesita emociones, y las emociones necesitan de la argumentación, pues es por la argumentación que se producen en general y se sostienen llegado el caso” (PLANTIN, 2014, p.209). Así se pasa de una indignación por el derroche a una por el olvido hacia los niños. De esta forma, la retórica de la crisis se amplificó con el factor social e incluso humanitario, que revestía la muerte de niños en una región muy empobrecida del caribe colombiano. Los niños en su mayoría provenían de la etnia indígena Wayuu y la causa de muerte era por desnutrición severa. La Figura 4 presenta una reformulación más del eslogan en el cual se señala la desnutrición infantil como otra razón más para salir a marchar.

FIGURA 4 –Captura de pantalla de una publicación de la Página de Facebook No + Desgobierno. 20 de marzo de 2016.



Adicionalmente se dio la mayor crisis de la empresa de electricidad del Caribe, Electricaribe. Meses atrás se habían presentado apagones y se hicieron más visibles las protestas de los ciudadanos contra el mal servicio que venía prestando la empresa. Esta situación se relacionó con la crisis energética que se estaba dando en todo el país a causa del fenómeno de El Niño. El gobierno nacional fue acusado por la opinión pública de no actuar a tiempo contra esta empresa. Se señalaba así al gobierno como causante directo de la crisis social por la que atravesaba la Costa Atlántica. En contraste, los primeros días de febrero un medio radial¹⁰ dio a conocer un contrato de compra por cerca de 5000 dólares de ese momento por unas cajas de almendras recubiertas de chocolate para regalar a modo de souvenir en las oficinas públicas de parte de la Casa de Nariño. Este hecho desató un escándalo en redes sociales por el desperdicio de los dineros públicos en lo denominaron vanidades de la imagen del gobierno.

En la Figura 5 se presenta a modo de síntesis las razones para salir a marchar. En ella se observa, en el collage de imágenes, la diversidad de tópicos a los cuales apelaba la convocatoria: las almendras con los colores de la bandera, la fachada de la empresa de energía ISAGEN, los niños en el desierto de la Guajira, las cortinas del palacio presidencial y en contraste una fotografía más oscura de la guerrilla de las FARC

¹⁰ El Departamento Administrativo de Presidencia de la República. Disponible en: <https://www.lafm.com.co/economia/casa-narino-se-gasto-mas-15-millones-pesos-almendras>. Consultado en: 12 jun. 2020.

que, de acuerdo con el enunciado verbal, están haciendo proselitismo. Nuevamente se presenta una antítesis en tanto luz y oscuridad, esta última representada por las FARC. El mensaje verbal de la Figura 5 pone como primera razón para salir a marchar el “trato indignante a nuestros niños en la Guajira” y se complementa con la imagen desoladora de tres niños a la vista en estado de desnutrición.

Primero se opera apelando a la compasión por los niños; segundo, señalando el carácter de injusto de esa situación; y tercero, evidenciando el sentimiento de la indignación. Este sentimiento es construido a partir de la presencia de los responsables, que encarnan contravalores: derroche, la crisis, en este caso el desgobierno de Santos en el mensaje verbal y de forma indirecta por oposición, la imagen de la guerrilla también los construye como culpables del hecho. A esta construcción de la indignación se le suma la exclamación “¡Colombia despierta!” y la frase “vamos a salir a la calle a decir que #Colombia está despertando”, cuyas entidades del imaginario político (VERÓN, 1987) hacen referencia al metacolectivo singular Colombia y el colectivo de identificación, marcado por la primera persona del plural, tienen primero una carga ilocutiva al instar a la acción (marchar) y así, junto a la acción, un efecto en la construcción de identidad colectiva.

FIGURA 5 – Captura de pantalla de una publicación de la Página de Facebook No + Desgobierno. 20 de marzo de 2016.



Dicho mensaje verbal de la Figura 5 presenta también una forma de violencia verbal ligada al *pathos*, en tanto el enunciador polemiza al expresar sentimientos inscritos, en este caso, en marcas lexicales y sintácticas. Al principio el uso de los signos exclamativos realiza un llamado de atención y al mismo tiempo expresa emoción y sentimientos, en este caso ligados a la patria. Luego, se presenta en las palabras “no más” letras mayúsculas, así como en la palabra “cambio”. Estas marcas en el contexto de internet, sobre todo, en redes sociales son consideradas como hostiles e incluso como grito, de acuerdo con las normas de cortesía de este entorno (RED.ES, s.f.). Particularmente, el “no más” en mayúscula está seguido de “trato indignante a nuestros niños en la Guajira”. De manera que, se podría inferir que esa razón es la que más genera indignación, es decir, es la que produce más irritación por ser este un hecho indigno. La responsabilidad de dicha situación, como se dijo antes, recae sobre el presidente Santos quien, por implicación, es señalado de ser un sujeto indigno para el cargo de presidente. Así al final, también en mayúsculas, el enunciador presenta la palabra “cambio”, un cambio de gobierno, porque el que está, de acuerdo con estos planteamientos, no merece serlo.

5.3 Crisis de seguridad y Santos traidor: FARCSantos

Como tercer tópico identificado en la serie discursiva analizada, se encontró la alusión a la inseguridad en relación con la idea fijada de “Santos le está entregando el país a las FARC”. Si bien la inseguridad se relaciona con el aumento de situaciones peligrosas para la población en las ciudades como los atracos, se hizo mucho énfasis en situaciones de inseguridad del tipo: extorsión, microtráfico, minería ilegal, situaciones más relacionadas con la presencia de las FARC en los territorios rurales. Este lugar común, que también fue parafraseado con el eslogan “paz sin impunidad”, fue construido por la oposición a lo largo de las negociaciones de paz entre el gobierno y la guerrilla y planteaba la idea de que era necesario vencer militarmente a las FARC, en vez de una salida negociada para dar fin al conflicto armado. Dado que, para la oposición, las FARC no era un actor político, por tanto, no tenía entidad para negociar. Esto se evidencia en la referencia a la guerrilla como terroristas, narcoterroristas, criminales y delincuentes, entre otros.

Este tópico de la inseguridad se plantea en oposición a una doxa construida durante el gobierno de Álvaro Uribe, cuya política estrella del

gobierno se denominó Seguridad Democrática. Hablar de esta política de gobierno lleva a reconstruir el relato de la derrota de los grupos armados por la vía de las armas puesto que la seguridad, de acuerdo con lo planteado por Uribe, es la única forma de garantizar la democracia. En contraposición, la inseguridad es promotora de valores antidemocráticos. En esa medida, un rasgo fundamental del desgobierno de Santos es que abandonó la política de Seguridad Democrática heredada de Uribe. En la siguiente transcripción de una publicación de Facebook en la página de No + Desgobierno se manifiesta:

La sinfonía entre el pueblo y sus gobernantes es la base de la democracia, su razón de ser y su éxito como sistema de las mayorías. El gobierno lidera, pero es el pueblo el que ordena. Cuando hay discrepancias es el gobernante el que se somete a la voluntad del pueblo y nunca a revés. No atender las voces del pueblo y más grave aún, silenciarlas, acaba con la democracia y conduce a la tiranía. En Colombia las cosas van al revés: elegimos un presidente para una agenda y nos gobierna con otra. Más allá de la traición al electorado (hecho suficientemente grave en una democracia) el problema adicional que surge es que al Gobierno su propia agenda no le está saliendo bien. El Gobierno cambia de rumbo y el camino le quedó grande. (No + Desgobierno, 14 mar. 2016)

La anterior publicación presenta un aumento en la tensión de la violencia verbal. Al principio plantea la idea de armonía entre pueblo y gobernantes como base de la democracia y garantía de éxito de esta. Luego, hace concesión retórica al simular estar de acuerdo con el adversario sobre el punto de liderar, pero después procede a la refutación con el marcador discursivo de contraposición “pero” y da cuenta de que quien tiene la razón es el pueblo, pues es este el que da las órdenes, el que se impone. Esta refutación es reforzada al enunciar que el gobernante a pesar de las discrepancias se debe someter a la voluntad del pueblo. A paso seguido se acusa al gobierno de censura, al decir que este silencia las voces del pueblo y como consecuencia de eso se acaba la democracia y por tanto se conduce hacia la tiranía. En esa secuencia de términos hay predicados de procesos negativos como: “discrepancias”, “silenciarlas”, “tiranía”, “orden”, “someter”, que conducen a una construcción de orientación disfórica con un tono amenazante.

Asimismo, el uso de la nominalización “traición” provoca un efecto de realidad y de evidencia de la deslealtad que Santos tuvo con el electorado. Este tipo de argumento configura, de acuerdo con Amossy (2017), una forma de violencia verbal. En la siguiente parte de la cita anterior, como forma de violencia verbal, se presenta un argumento *ad hominem* de carácter circunstancial, en el cual hay una contradicción entre lo que dijo el oponente y lo que hace: “elegimos un presidente para una agenda y nos gobierna con otra”. Al gobierno en cabeza de Santos en lo implícito del mensaje se le acusa de hacerse elegir con los postulados del uribismo entre ellos el más importante la Seguridad democrática y ahora negociar con las FARC, que es totalmente opuesto. También se ataca de forma directa a su gobierno al señalar que “el camino le quedó grande”, es decir, evidenciando la incompetencia de su administración.

6 La demonización del enemigo

En este marco, se ha podido observar que los tópicos discursivos se ven en registros propios de la violencia verbal. Esto con el fin de generar mayor adhesión en el colectivo de identificación, al construirse en oposición al otro. Afirma Verón que “la enunciación política parece inseparable de la construcción de un adversario” (VERÓN, 1987, p. 14). La construcción del enemigo es inherente al discurso político y la agresión verbal refuerza la dicotomización establecida. En el mismo sentido, Angenot afirma que “la simple argumentación no es suficiente: el escritor siempre busca un complemento patético que garantice apoyo emocional, incluso una alianza ciega y visceral por parte de su público” (ANGENOT, 1982, p. 250). En consecuencia, el uso de la agresión verbal permite exacerbar la adhesión por parte del auditorio. Orkibi lo plantea de forma explícita refiriéndose al discurso de los movimientos sociales:

La violencia verbal es un elemento constitutivo y crucial en el desarrollo de una retórica de la polarización, destinada a establecer una distinción definida entre el movimiento y sus adherentes de un lado, y de sus adversarios del otro. Esta retórica ocupa una función movilizadora importante (ORKIBI, 2013, p. 65).

En tal sentido, una de las formas de violencia verbal que se profundizó en esta convocatoria, para marchar el 2 de abril, fue la demonización. Parafraseando a Orkibi (2012), la demonización consiste

en representar al enemigo como portador de una ideología que amenaza a la identidad del país y como la encarnación de todos los males. En la Figura 6 se presenta una publicación de Facebook en la cual aparece un collage compuesto de dos fotografías, un afiche y un video. En una de las imágenes aparece un grupo de jóvenes sonrientes con camisetas blancas y el logosímbolo del No +. En la otra, una fotografía de una calle donde está instalada una valla con el mismo logo. El afiche contiene la información del recorrido de la marcha en la ciudad de Medellín. En el video aparece una señora refiriéndose a las razones por las cuales hay que salir a marchar: “Porque el país está hundido ¿por quién? Por el presidente Santos no debería llamarse así sino *demonio*. Es cómplice de Maduro, es cómplice de las guerrillas, es guerrillero, es de todo” (No + Desgobierno, 20 mar. 2016).

FIGURA 6 – Captura de pantalla de una publicación del Facebook No + Desgobierno 20 de marzo de 2016.



La demonización consiste en la representación de Santos como un peligro y, como lo señala Orkibi (2012), la naturaleza del peligro es variable, “lo esencial es repetir de varias maneras la idea de que constituye una amenaza” (p. 9). En este caso, la denotación de su apellido Santos que alude justamente a la bondad, a la divinidad, es contrapuesta en el enunciado al demonio, a la maldad. La antítesis es reforzada en los siguientes enunciados al establecer relaciones con otros actores. Primero con Nicolás Maduro, el presidente de Venezuela al que la doxa particularmente en Colombia le aduce un valor negativo por la crisis en el vecino país. Segundo, con las guerrillas que también permanecen en la doxa colombiana con una alta valoración negativa.

La relación que se establece entre la figura de Santos, las guerrillas y Maduro es de complicidad, con lo cual se propone un tipo de vínculo que supone algo oscuro o secreto detrás. Se hace uso del procedimiento de refutación por desmitificación (ANGENOT, 1982) porque se señala aquello que oculta el discurso mismo y al enunciar dicha relación se pretenden develar los verdaderos móviles que se esconden. Adicionalmente, al establecer el tipo de relación entre los sujetos, se afirma que Santos es guerrillero. Esta representación absoluta del presidente como guerrillero lo pone en la escena como una gran amenaza para la estabilidad del país. Como se dijo más arriba, la guerrilla de las FARC se construyó por muchos años como la causa de todos los males del país, el enemigo por excelencia para derrotar incluso militarmente.

La presentación de Santos junto a las FARC, lejos de exponer una unión por la paz, es construida como un pacto con el demonio. El enunciado “Santos le está entregando el país a las FARC” plantea la idea de una rendición ante la guerrilla.¹¹ Este tipo de relación es la que soporta el uso de técnicas de injuria (ANGENOT, 1982) como el apodo o el nombre alterado. Por ejemplo: FARCSantos y Santoschenko. El primero establece una conjunción directa entre la guerrilla y el presidente y se los muestra como uno solo, una unidad indisoluble. En términos de Angenot (1982) se instaura una amalgama en tanto que “se reúne bajo un término sintético una mezcla de personas o cosas percibidas en un principio como de distinta naturaleza” (p. 126). El término FARCSantos

¹¹ En otro trabajo (BONILLA-NEIRA, en prensa) se analiza la continuidad de la línea discursiva de la denominada “rendición” ante el grupo insurgente y cómo frente esta se construye la fórmula de #ResistenciaCivil.

permite la agrupación de dos ideologías distintas, la de izquierda marxista de la guerrilla y la de derecha moderada, que representa Santos. Además, la palabra creada se asemeja a la de farsante, la amalgama se erige como una consolidación del enemigo que engaña.

En el mismo sentido también aparece el término “Juhampa”. En tuit: “JuHampa entrega el país a las #FARC y al #Castrochavismo” (RT @col_serespeta 20/02/16). La composición de la palabra tiene como primera la sílaba “Ju” del primer nombre del presidente “Juan” y el segundo término “Hampa”, que hace referencia a maleantes organizados en bandas que aludirían a su relación con las FARC. Aquí el sustantivo incluye el calificativo cuya marca lexical es claramente violenta. Cabe aclarar que la construcción de JuHampa está anclada a una memoria discursiva del término “Juanpa”, que fue el sobrenombre con el que fue llamado el presidente y en ese entonces candidato por una abuela en un video que se viralizó en redes sociales. El recurso retórico de paronomasia se hace presente en tanto son vocablos que tienen semejanza, en este caso, por su sonido.

7 Conclusiones

Este trabajo se enmarcó en un momento de gran polarización de la sociedad colombiana alimentada durante los más de cuatro años de negociaciones de paz (2012-2016) entre el gobierno de Juan Manuel Santos y la guerrilla de las FARC. Asentado en lo anterior, en este artículo se analizó un segmento de la producción discursiva referente a la campaña de protesta #NoMásDesgobierno del 2 de abril de 2016 que corresponde a la parte final de proceso de paz y al inicio de lo que sería la campaña por el plebiscito que ratificaría los acuerdos. Dicha marcha fue encabezada por los parlamentarios y militantes del Centro Democrático, partido de oposición de derecha conservadora, liderado por el expresidente y actual senador de la República Álvaro Uribe Vélez. Lo que se presentó como una protesta contra el gobierno Santos se convirtió en una nueva marcha contra las FARC recuperando la memoria discursiva de manifestaciones similares en años anteriores por medio de eslóganes y consignas análogas.

Este análisis permitió dar cuenta de una serie de tópicos polémicos, que se apoyaron en el registro virulento para hacerse más visibles. Se identificaron tres líneas discursivas base: la crisis económica, la crisis social y la crisis de seguridad para circunscribir y ampliar al

colectivo opositor. En esos tópicos unieron el descontento ante la gestión del presidente Santos con la oposición a las negociaciones de paz entre este y las FARC profundizando la polarización existente previamente. En ese sentido, la convocatoria a la marcha del 2 abril se construye como un acto de legitimación de las líneas discursivas propias de la oposición por parte del CD y no como un acto espontáneo de la comunidad contra el gobierno de turno. El análisis muestra que los tópicos se manifestaron en palabras cargadas axiológicamente, lo que llevó al incremento de la tensión a través de la violencia verbal en los enunciados de protesta, lo cual incrementó la polarización entre quienes apoyaban o no las negociaciones de paz.

Los opositores al Acuerdo de paz en Colombia utilizaron en esta convocatoria la polémica como principal estrategia argumentativa de confrontación. Los tópicos utilizados en este discurso fueron presentados como controversiales al plantearlos como crisis y confrontados a su vez con valores contrapuestos anclados en la doxa colombiana. En este sentido, lo que se negociaba en el Acuerdo de paz fue puesto por la oposición como un asunto polémico, lo cual supone un incremento de la tensión, carácter propio de la agresión verbal. Al esbozarlo como una disputa, se construyeron y replicaron múltiples razones que refutaban la validez y la legitimidad del Acuerdo y, por tanto, de quienes lo negociaban. Esta estrategia discursiva apeló a los destinatarios inconformes con la gestión de Santos y que no tenía filiación política acaparando así el frente opositor. Las técnicas argumentativas dominantes en la construcción de este discurso polémico y de confrontación fueron los ataques *ad hominem*, la descalificación del adversario, la paronomasia, la amalgama, el uso reiterativo de predicados de procesos negativos y la demonización, que condujeron a una orientación disfórica, incluso con tonos amenazantes. Esto ayudado por la campaña de descrédito contra las FARC durante años particularmente en los gobiernos de Álvaro Uribe Vélez que llevaron al descreimiento de la guerrilla como actor político.

Asimismo, se evidenció una adaptación adecuada del discurso estudiado a las plataformas de Twitter y Facebook donde se difundió la convocatoria. Se utilizaron recursos digitales tales como afiches, eslóganes cortos y *hashtags* repetitivos para impactar directamente en las conversaciones en las redes sociales, estos últimos sobre todo en Twitter que le dieron mayor visibilidad al convertirse en tendencia. También, el uso de la informalidad en las piezas publicitarias y su circulación en

las redes produjo un efecto de proximidad con el auditorio. Incluso, estas redes sociales revalorizaron y aumentaron la circulación de piezas sencillas y, como se observó, con gran poder persuasivo. Esto también ayudó a ampliar el colectivo sobre el cual se influía. En síntesis, el discurso polémico de la convocatoria a la marcha del 2 de abril en Colombia se construyó en antagonismo y oposición al gobierno Santos y con una dimensión violenta, paradójicamente en un proceso de paz histórico, como el que se negoció entre el gobierno Santos y la guerrilla de las FARC en el 2016. Además, se puede decir que dicha marcha resultó ser el puntapié inicial de lo que fue la campaña del plebiscito por la paz del 2 de octubre del mismo año.

Referencias

AMOSSY, R. *L'argumentation dans le discours*. Discours politique, littérature d'idées, fiction. Comment peut-on agir sur un public en orientant ses façons de voir, de penser? Paris: Nathan Université, 2000.

AMOSSY, R. *Apología de la polémica*. Buenos Aires: Prometeo, 2017.

AMOSSY, R.; HERSCHBERG, A. *Estereotipos y clichés*. Buenos Aires: Eudeba, 2003.

ANGENOT, M. *La parole pamphletaire*. Contribution à la typologie des discours modernes. Paris: Payot, 1982.

ANSCOMBRE, J.C. *Théorie des topoi*, Paris: Editions Kimé, 1995.

ARCHILA, M. El paro cívico nacional del 14 de septiembre de 1977, un ejercicio de memoria colectiva. *Revista de Economía Institucional*, Bogotá, v. 18, n. 35, p. 313-318, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.18601/01245996.v18n35.18>

BASSET, Y. Claves del rechazo del plebiscito para la paz en Colombia. *Estudios políticos*, Medellín, v. 52, p. 241-265, 2018. DOI: <https://doi.org/10.17533/udea.espo.n52a12>

BERISTÁIN, H. *Diccionario de retórica y poética*. 7. ed. México: Editorial Porrúa, 1995.

BERNARD-BARBEAU, G. De l'appel à mobilisation à ses mécanismes sociodiscursifs : le cas des slogans écrits du printemps érable. *Argumentation et Analyse du Discours*, Tel-Aviv, n. 14, p. 1-15, 2015. DOI: <https://doi.org/10.4000/aad.1969>

BONILLA-NEIRA, L. *Construcción del ethos colectivo durante la #ResistenciaCivil al Acuerdo de paz*. En prensa.

BROWER, J. Expresiones publicitarias alternativa: Cultura e identidad. *Contribuciones científicas y tecnológicas*, Santiago de Chile, n. 136, p. 1-6, 2009. Disponible en: <http://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/contribuciones/article/view/1564>. Consultado en: el 20 mar. 2020.

COURTINE, J. J. Analyse du discours politique. Le discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, Paris, n. 62, p. 9-128, 1981. DOI : <https://doi.org/10.3406/lgge.1981.1873>

GÓMEZ-SUÁREZ, A. *El triunfo del No: la paradoja emocional detrás del plebiscito*. Bogotá: Ícono Editorial, 2016.

GRINSHPUN, Y. Discours manifestant et contestation universitaire (2009). *Argumentation et Analyse du Discours*, Tel-Aviv, n. 10, p. 1-19, 2013. DOI: <http://journals.openedition.org/aad/1476>

HERNÁNDEZ, S. *Doxa estatal y movilización social: El caso de la marcha contra la FARC*. 2014. 91f. Tesis de grado (Sociología) – Universidad del Valle, 2014. Disponible en: <http://bibliotecadigital.univalle.edu.co/bitstream/10893/7152/1/0462007-p.pdf>. Consultado en: el 15 mar. 2020.

JARAMILLO, C; MOLINA, J. Las movilizaciones del 4 de febrero y el 5 de marzo de 2008 en Bogotá, Colombia. Una lectura de las representaciones sociales en el discurso de la prensa nacional. *Signo y Pensamiento*, Bogotá, v. 57, n. 2, p. 354-371, 2010.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *La enunciación*. De la subjetividad en el lenguaje. Buenos Aires: Hachette, 1997.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Colour as semiotic mode: notes a grammar of colour. *Visual Communication*, Thousand Oaks, v.1, p. 343-369, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1177/147035720200100306>. Disponible en: <http://vcj.sagepub.com/content/1/3/343>. Consultado en: el 11 abr. 2020.

MAINGUENEAU, D. Hyperénonciateur et “participation”. *Langages*, París, n. 156, p. 11-216, 2004. DOI: <https://doi.org/10.3917/lang.156.0111>

MANCERA, A.; HELFRICH, U. La crisis en 140 caracteres: el discurso propagandístico en la red social Twitter. *Revista de Estudios Culturales*, Valência, n. 12, p. 59-86, 2014. DOI: <https://doi.org/10.6035/CLR.2014.12.4>

ORKIBI, E. L’insulte comme argument et outil de cadrage dans le mouvement « anti-Sarko ». *Argumentation et Analyse du Discours*, Tel-Aviv, n. 8, p. 1-26, 2012. DOI: <http://journals.openedition.org/aad/1335>

ORKIBI, E. Violence verbale et mouvements sociaux : une approche rhétorique. In : FRACCHIOLLA, B. ; MOISE, C. ; ROMAIN, C. ; AUGER, N. (org.). *Violences verbales*. Analyses, enjeux et perspectives. Rennes: PUR, 2013. p. 55-68.

PACHÓN, M. Colombia 2008: éxitos, peligros y desaciertos de la política de seguridad democrática de la administración Uribe. *Revista de Ciencia Política*, Santiago, v. 29, n. 2, p. 327-353, 2009. DOI: <https://dx.doi.org/10.4067/S0718-090X2009000200005>

PAVEAU, M.A. *L’analyse du discours numérique*. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Editions Hermann, 2017.

PERELMAN, C.; OLBRECHT-TYTECA, L. *Tratado de la argumentación*. La nueva retórica. Madrid: Editorial Gredos, 1989.

PERILLA, D. La plebitusa: movilización política de las emociones posplebiscito por la paz en Colombia. *Maguaré*, Bogotá, n. 32, v.2, p. 153-181, 2018. DOI: <https://doi.org/10.15446/mag.v32n2.77012>

PLANTIN, C. *Las buenas razones de las emociones*. Moreno: Universidad Nacional de Moreno, 2014.

REBOUL, O. *Le slogan*. Paris: Presses Universitaires de France, 1975.

RED.ES *Netiqueta*: Comportamiento en línea. S.f. Disponible en: <https://repositorio.educainternet.es/officedocs/1703>. Consultado en: el 12 mar. 2020.

RICHARD, E.; LLANO, A. La historia sin fin (al feliz) de la paz en Colombia (o la crisis como estrategia de comunicación de gobierno). *Contratexto*, Lima, n. 28, v.2, p. 147-171, 2017. DOI: [10.26439/contratexto2017.n028.1539](https://doi.org/10.26439/contratexto2017.n028.1539)

RODRÍGUEZ, G. ¿Cesó la horrible noche? Marchas y contramarchas de la paz en Colombia. *Revista Política Latinoamericana*, Buenos Aires, n. 3, p. 1-17, 2016. Disponible en: <https://politicalatinoamericana.org/revista>. Consultado en: el 15 mar. 2020.

SERRANO, Y. Les allusions au conflict armé dans les discours de campagne sur Twitter traitant du plebiscite pour la paix en Colombie. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, n. 28, v.1, p. 619-655, 2020. DOI: 10.17851/2237-2083.28.1619655

SILVA, D. *Plebiscito por la paz en Colombia: Una mirada al dilema emocional, al melodrama político y a las campañas propagandísticas*. 2019. 112 f. Tesis (Maestría en Estudios de la Cultura) – Universidad Andina Simón Bolívar, Quito, 2019. Disponible en: <http://repositorio.uasb.edu.ec/handle/10644/6641>

VÉLEZ-LÓPEZ, A. Los soportes de la popularidad: cómo los columnistas refieren el caso del presidente Álvaro Uribe Vélez. *CONfines*, Monterrey, v. 12, n. 6, p. 77-93, 2010.

VERÓN, E. La palabra adversativa. In: VERÓN, E.; ARFUCH, L.; CHIRICO, M. (org.). *El discurso político: lenguajes y acontecimientos*. Buenos Aires: Hachette, 1987. p. 13-26.

ZAPPAVIGNA, M. Ambient Affiliation: A linguistic perspective on Twitter. *Journal of New Media and Society*, Thousand Oaks, v.13, n. 5, p. 788-806, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444810385097>



**Para além do funcionamento argumentativo
da polêmica anunciada por Paulo Guedes acerca
das empregadas domésticas brasileiras**

***Beyond the functioning of Paulo Guedes' controversy
regarding Brazilian domestic workers***

Marilena Inácio de Souza

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Alto Araguaia, Mato Grosso /
Brasil

marilena-souza@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5380-0963>

Roberto Leiser Baronas

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo / Brasil

baronas@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-0758-0370>

Resumo: Este artigo toma como objeto de estudo um *corpus* bastante peculiar, a polêmica em torno da afirmação do Ministro da Economia, Paulo Guedes, em fevereiro do ano de 2020, sobre a cotação do dólar e o suposto fato de as empregadas domésticas irem à Disney. Trata-se de analisar um conjunto de enunciados engendrados no fluxo de discursos que se entrecruzaram e se entrechocaram ao retomarem o tema exposto pelo ministro. Interessa compreendê-los enquanto lugar de inscrição, solidificação e propagação da polêmica no espaço público. Este estudo busca compreender a declaração de Guedes não só como lugar de conflito de opiniões, de enfrentamentos, de controversas, mas também de resignificação que engendra resistência. O recorte dos dados permite, por um lado, compreender o funcionamento da polêmica, bem como a função das instituições midiáticas e sua responsabilidade no debate público e, por outro, o papel de resistência dos sujeitos ofendidos. A análise está ancorada em Amossy (2017), acerca da polêmica como modalidade argumentativa e em Paveau *et al.* (no prelo) no que concerne à teoria da resignificação.

Palavras-chave: discurso; polêmica; resignificação.

Abstract: In this article, the object of study is a very peculiar corpus, the controversy surrounding the statement announced by the Minister of Economy, Paulo Guedes, in February of this year, about the dollar quotation and the supposed fact related to the domestic workers going to Disney. It is a question of analyzing a set of statements engendered in the flow of discourses which intertwined and clashed, when resuming the theme exposed by the Minister. This work has the aim of understanding those discourses as a place for inscription, for solidification and for propagation of that controversy in the public space. This study seeks to understand Guedes' statement not only as a place of conflict of opinions, of confrontations, of controversies, but also as a place of a resignification that engenders resistance. The clipping of the data allows not only to comprehend the functioning of the controversy, but also, on the one hand, the role of the media institutions and their responsibility in the public debate and, on the other hand, the role of resistance of the offended subjects. This analysis is anchored in Amossy (2017), about the controversy as an argumentative modality, and in Paveau *et al.* (no prelo), as far as the theory of resignification is concerned.

Keywords: discourse; controversy; resignification.

Recebido em 17 de abril de 2020

Aceito em 15 de junho de 2020

1 Problematizando a questão...

Em 12 de fevereiro de 2020, a cotação do dólar atingiu até então, antes da Pandemia Covid-19, o seu maior valor nominal (R\$ 4,35) desde a criação do Plano Real, em 1994. Diante desse quadro do dólar em alta, a imprensa brasileira nos seus mais diferentes dispositivos questionou o ministro da Economia, Paulo Guedes, sobre as medidas para tentar conter a alta desenfreada da moeda estrangeira e tranquilizar os ânimos do mercado financeiro. Ao responder à imprensa, Guedes, entre outras coisas, afirmou: “é bom que o dólar esteja alto, porque com dólar baixo (...) até empregada doméstica estava indo para a Disney, uma festa danada”. O pronunciamento preconceituoso do ministro, ao ser discursivizado na grande mídia, tornou-se um lugar de conflito de opiniões, de enfrentamentos, de embates e também de resistências. Trata-se, conforme demonstraremos no decorrer deste estudo, de uma fala polêmica que, por sua vez, contempla uma forte oposição de

discursos sobre questões controversas. Para compreendê-la, selecionamos um conjunto de enunciados engendrados no fluxo de discursos que se entrecruzaram e se entrechocaram ao retomá-la e a analisamos, inicialmente à luz dos estudos de Amossy (2017) e, num segundo momento, a partir das ideias de Paveau *et al.* (no prelo). O recorte dos dados permite não só compreender o funcionamento dessa polêmica, a função das instituições midiáticas e sua responsabilidade no debate público, bem como de que maneira os atores ofendidos na polêmica em questão reagiram frente ao comentário do ministro Paulo Guedes.

Juntamente com Amossy (2017), lembramos que atualmente vivemos uma espécie de paradoxo discursivo, pois apesar de a polêmica ter má reputação, ser considerada como um discurso parcial e apaixonado, não racional, ela tem, por um lado, um lugar preponderante nas mídias, que a exhibe como espetáculo de violência verbal e, por outro, a polêmica enquanto dissenso é o que sustenta as sociedades democráticas. Há que se ressaltar ainda o fato de que geralmente são as mídias que engendram as polêmicas. É o caso da polêmica aqui analisada, que em poucos minutos se disseminou de forma incontrolada; “é nas mídias que a polêmica se difunde – até mesmo se elabora no espaço público” (AMOSSY, 2017, p.73). Isso porque é, nesse espaço, que o debate se torna mais acirrado e as opiniões de diversas instituições e personalidades se dão a ler e a ouvir. Trata-se, portanto, de um lugar de antagonismo de opiniões em que o confronto verbal se manifesta de maneira exponencial.

O confronto de opiniões é entendido aqui como a ação de colocar dois discursos em presença e, portanto, em relação, permitindo assim uma apreciação por comparação. Dito de outro modo, a polêmica tem a função social de gerir o confronto verbal. Se a retórica, como lembra Amossy (2017), é busca de consenso, acordo sobre o razoável, nas democracias plurais o acordo está longe de ser sempre possível. O dissenso é constitutivo dos debates públicos, e nem as leis põem fim a ele. Ele permanece nos debates e ressurgue sempre que possível nas mais variadas formas. Portanto, numa sociedade dividida por interesses de diversas naturezas, a polêmica não conduz ao acordo, mas garante o direito ao contraditório. Assim, a polêmica presume um *face a face* e se torna, num sentido mais particular, um debate que permite a cada um (Proponente/Oponente) expor e defender seu ponto de vista, frente aos pontos de vista dos outros participantes. É, portanto, a atividade que consiste em trazer argumentos em favor de sua tese e contra a tese adversa

que constrói a fala polêmica. Então, a polêmica é, indiscutivelmente, marcada pelo dissenso, pelo litígio enunciativo, isto é, pela presença de discursos antagônicos que, embora conversem, dialoguem não há consenso e sim majoritariamente dissenso. Para além e aquém disso, o discurso e a interação polêmicos cumprem muitas funções.

Eles denunciam, protestam, chamam à ação e, mais geralmente, mantêm, sob o modo do dissenso, a comunicação em espaço público entre facções cujas visões são, às vezes, tão distantes uma das outras, que qualquer contato parece se tornar impossível. (AMOSSY, 20017, p. 100)

Neste artigo, vários aspectos poderiam ser abordados a respeito da polêmica em questão e de sua intensa repercussão midiática. O material é muito vasto e discursivamente interessante. Caberia sem sombra de dúvidas em um estudo que extrapola o de um artigo científico. No entanto, dadas as limitações de espaço de um artigo, não seremos demasiadamente exaustivos na análise. Seguindo inicialmente Amossy (2017) e depois Paveau *et al.* (no prelo), selecionamos apenas alguns excertos em que o debate público se dá de forma mais acirrada, apontam para questões conflitantes, que circulam no interdiscurso e que são retomadas na materialidade linguística dos enunciados analisados. Interessa-nos ainda observar em que medida essas retomadas se transformam em processos de resistência.

Não se trata de um exercício especulativo, mas de um estudo que busca compreender um fenômeno sociodiscursivo muito presente na nossa sociedade atual, na sua materialidade e na sua complexidade. Em outras palavras, não se trata apenas de analisar essa polêmica para melhor compreender aquilo que ela debate. O que importa “não é o problema social tratado pela polêmica, [isto é, o seu conteúdo em si] mas o fenômeno global que ela suscita” (AMOSSY, 2017, p. 09). Ademais, acreditamos ser imperioso também dar conta do outro lado da polêmica, isto é, dos sujeitos que se sentiram agredidos por ela. Esse é um aspecto ainda pouco tratado por Amossy, cuja preocupação maior é o funcionamento argumentativo da polêmica, mas que é objeto de recentes reflexões de Marie-Anne Paveau *et al.* (no prelo), na sua proposta de uma teoria discursiva da ressignificação:

Um ponto em comum desses trabalhos [sobre polêmica na web] é a perspectiva enunciativa (a produção da violência online e a análise dos enunciados produzidos) que geralmente não menciona as possibilidades de resposta propiciada pelos dispositivos da web. Os guias de proteção na Internet destinados aos adolescentes, não indicam nunca, por exemplo, na lista de possíveis reações ao ciberassédio, a possibilidade de resposta qualificadora e reparadora. (PAVEAU *et al.*, no prelo, p. 25)

Paveau *et al.* (no prelo) discutem a necessidade de refletirmos discursivamente sobre as respostas às polêmicas, especialmente, àquelas que insultam determinados sujeitos.

2 A polêmica como gestão do conflitual: algumas considerações

Antes de apresentar e analisar os dados coletados, é importante destacar que a polêmica em torno da fala de Paulo Guedes, apesar de se desenvolver nas redes sociais por meio das conversações digitais, não se relaciona exclusivamente a este contexto. Ela envolve um contexto político, econômico e cultural exteriores à internet que, no entanto, está se desenvolvendo nesse espaço de forma aparentemente desregrada, cuja linguagem ultrajante busca injuriar e insultar o oponente. Trata-se geralmente, como veremos, de interações hostis e agressivas nas discussões *on-line*.

Sobre essa questão, Amossy (2017) observa que, nas conversações digitais, os internautas se utilizam de uma máscara, espécie de pseudônimo, um *avatar*, que lhes permitem fazer uso da violência verbal e atacar a face do outro sem sofrer nenhuma sanção. É no interior do jogo de máscaras, segundo a autora, que ocorre uma despersonalização e, por isso, uma desresponsabilização tanto na esfera jurídica quanto na esfera social e na ética. Nesse caso,

o debate polêmico não opõe mais atores sociais, mas “avatares”, seres dotados de uma identidade fictícia no *cyberespaço*. Na carnavalização da fala política, que suscita o jogo de máscaras, o internauta concederia a si mesmo todos os direitos, a ponto de os piores excessos serem temidos. (AMOSSY, 2017, p. 174)

No entendimento da estudiosa francesa, longe de serem meras explosões individuais de humor, as interações hostis *online* estão, ao

contrário, relacionadas a conflitos psicossociais. Até na sua brutalidade, essas interações participam de um ritual que modela as relações agonísticas no fundamento da polêmica. Significa dizer que a violência verbal não esvazia a argumentação. Ao contrário,

é a coexistência da argumentação e da violência que permite às discussões violentas virtuais não caírem na agressividade pura e se manterem no enquadre contextual da polêmica como modalidade argumentativa caracterizada pelo choque de opiniões antagônicas. Elas não constituem um comportamento verbal desenfreado que permita suscitar todas as inibições, mas um modo de gestão do conflito no qual o dispositivo do midiático concede um lugar não negligenciável à violência verbal. (AMOSSY, 2017, p. 178).

Nesse sentido, por mais que pareça contraditório, dado o seu tom marcadamente passional, uma interação polêmica, segundo Amossy (2017), é sempre muito bem argumentada. Por isso, a questão de seu pertencimento à argumentação se inverteu: não se trata mais de saber se convém colocar a polêmica fora do domínio da argumentação, mas de se perguntar em que medida ela se distingue da deliberação. Para a autora, essa questão se esclarece à medida em que adota uma concepção modular da argumentação, definindo-a como um *continuum* que vai da construção das respostas ao choque de teses antagônicas. Refere-se a estruturas de interações globais qualificadas como modalidades argumentativas. A polêmica como interação fortemente agonística que permeia os gêneros (discurso na Câmara, artigo de opinião...), assim como os tipos de discursos (jornalístico, político...) é uma modalidade argumentativa situada em um dos polos do *continuum*, até o limite extremo de suas possibilidades. Tem-se aí uma manifestação argumentativa sob a forma de embate, de afrontamento brutal, de opiniões contraditórias que circulam no espaço público. Se há choque de opiniões contraditórias, é porque a oposição dos discursos, na polêmica, é o objeto de uma clara dicotomização na qual duas posições antitéticas, muito longe de se avizinharem, se excluem mutuamente. Enquanto o debate argumentado supõe direcionar os participantes para uma possibilidade de solução, a dicotomização “radicaliza o debate, tornando-o difícil – frequentemente impossível – de resolver” (DASCAL, 2008 *apud* AMOSSY 2017, p. 50).

Em síntese, a polêmica que trata de questões de interesse público, como a aqui analisada, é uma gestão verbal do conflitual, caracterizada

por uma tendência à dicotomização que, por sua vez, torna problemática a busca por um acordo. A polêmica toma corpo num espaço democrático que a autoriza e a regula ao mesmo tempo. Fora desse espaço, não pode emergir nem se desenvolver. A gestão dessas tensões é, evidentemente, delicada e pode variar de um gênero do discurso ao outro, e de uma polêmica à outra. Tal aspecto levanta a questão das rupturas de contrato, dos desequilíbrios e dos excessos, cuja natureza e consequências devem ser examinadas *in loco*. É preciso, ao mesmo tempo, salientar que nem toda situação conflitual gera uma intervenção polêmica, porém, é fato que toda polêmica é fruto do conflitual. “Ele não está apenas dentro da polêmica: ele se situa fora dela e constitui sua fonte.” (AMOSSY, 2017, p. 53).

Como vimos, o trabalho de Amossy (2017) é lapidar para dar conta do funcionamento argumentativo da polêmica. Todavia, ancorados em Paveau *et al.* (no prelo), entendemos que é preciso ir além da dicotomia “Proponente” *versus* “Oponente” e pensar, sobretudo, que os sujeitos ofendidos numa polêmica nem sempre reagem passivamente ao que lhe foi impingido enquanto um desacato, uma violência verbal, por exemplo. As reações podem ser as mais variadas: de uma simples recusa da ofensa, dizendo da sua não pertinência, até o engendramento de todo um trabalho por parte do sujeito insultado, a partir do insulto, subvertendo-o para o próprio sujeito insultante.

Com base na análise de dados que circulam na *web 2.0*, especialmente, na dita *web social* participativa, Paveau *et al.* (no prelo), a partir de uma análise do discurso digital, propõem toda uma teoria, que busca dar conta justamente desse trabalho do sujeito ofendido, subvertendo o insulto ao seu favor e/ou em direção ao sujeito insultante. A resignificação é proposta para se pensar a argumentação que erige um contradiscurso a partir de um enunciado ofensivo e, assim, regenera-se, reabilitando seu poder de ação (BUTLER, 1990). Trata-se da teoria resignificação discursiva. Esta teoria está fundada em um conjunto de práticas tecnodiscursivas que circulam na *web*, sobretudo, como já dissemos, na dita *web social* participativa.

Paveau *et al.* (no prelo) apresentam uma tipologia dessas práticas tecnodiscursivas, baseando-se em três categorias: a recontextualização enunciativa – retoma-se o enunciado insultante engendrando em seu lugar uma resignificação; a publicação analógica – retoma-se o enunciado insultante engendrando em seu lugar uma resignificação que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou; a

produção de um dispositivo cultural – retoma-se o enunciado insultante engendrando em seu lugar uma ressignificação que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou, e essa ressignificação se transforma num dispositivo cultural, intelectual de resistência. Nesse sentido, os autores propõem uma

teorização da ressignificação, de modo a convertê-la numa noção operatória para a análise do discurso, na esteira de Butler, do trabalho de Brontsema, pesquisas anteriores sobre a noção e integrando igualmente a perspectiva de Kunert. Essa teorização excede a própria prática de reapropriação das designações de pessoa e se desvencilha da abordagem lexical ou categorial frequentemente apresentada para exemplificar a ressignificação. Ela se abre para outras práticas e táticas discursivas, permitidas pelos universos discursivos digitais, mas não por eles apenas, envolvendo não somente os designativos, mas os discursos, os signos, as imagens, os sons. A ressignificação não é, portanto, apenas um processo semântico-pragmático, mas um dispositivo discursivo total, que envolve formas discursivas variadas e plurissemióticas [das quais os sujeitos ofendidos se valem para repostar aos seus ofensores]. (PAVEAU *et al.*, no prelo, p. 30).

A ressignificação por recontextualização enunciativa é entendida por Paveau *et al.* (no prelo, p. 36) como a prática mais comum de ressignificação:

De um ponto de vista linguístico, trata-se da repetição de palavras, enunciados ou signos sob a forma da origem, em contextos diferentes a partir de uma fonte enunciativa diferente, pois está relacionada à pessoa ofendida. É a colocação em circulação discursiva que produz a ressignificação (PAVEAU *et al.*, no prelo, p. 30).

Observam ainda que a recontextualização se dá a partir do código semiótico dominante (escrito, oral, imagético e sonoro). Assim, os autores designam como dominante escritural as produções plurissemióticas nas quais o escrito é o código dominante. Nesse sentido, elencam três possibilidades: a republicação simples; a republicação como comentário ressignificante e a retomada enunciativa.

No que concerne à forma dominante icônica, Paveau *et al.* (no prelo) apresentam uma possibilidade: a publicação de *selfies*,

fotografias incluindo o ofendido e o ofensor. No que se refere às formas plurissemióticas na dominante oral, propõem duas possibilidades: a leitura em voz alta dos comentários ofensivos e o cantar dos comentários ofensivos. Já sobre a publicação analógica, (entendida como “a colocação em rede de uma produção tecnodiscursiva análoga àquela do “ataque”), sugerem duas possibilidades: a publicação analógica de imagens fixas e a publicação analógica de imagens em movimento (vídeo). Por último, os autores entendem a ressignificação por produção de um dispositivo cultural ou intelectual como um conjunto de respostas ressignificantes relacionadas à construção de dispositivos tecnodiscursivos culturais ou intelectuais: “os sujeitos agredidos produzem enunciados ressignificantes a partir de suas competências técnicas, relacionadas ao seu campo profissional, mídias e ciências humanas”. Para esse tipo de ressignificação, há, na compreensão dos autores, três possibilidades: a criação midiática; o dispositivo icônico-discursivo-financeiro e a produção do saber científico.

Para analisar a ressignificação em contextos digitais, a partir das três tipologias propostas, os pesquisadores franceses apresentam ainda sete critérios linguístico-(tecno)discursivos, que, segundo eles, constituem a ressignificação como processo discursivo:

1. critério pragmático: existe uma ferida linguageira provocada pelo insulto, estigmatização, ataque, etc. a respeito da identidade de uma pessoa ou grupo;
2. critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida;
3. critério enunciativo: o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria como auto-categorização, ou ele provoca uma simples recontextualização;
4. critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica;
5. critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela “abertura a contextos desconhecidos” (BUTLER, 2004, p. 234);
6. critério sociossemântico: o uso recontextualizado do elemento linguageiro é julgado como aceitável e reconhecido como tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo;

7. critério pragmático-político: o enunciado ressignificado é revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante (KUNERT, 2010). (PAVEAU *et al.*, no prelo, p 39).

Com base nesses critérios, os autores definem a ressignificação como uma prática languageira, linguística e material de resposta (2)¹ a um enunciado ofensivo (1), efetuada pelo sujeito agredido pela autocategorização ou recontextualização simples (3), que estabelece um retorno do enunciado ofensivo (4) num contexto alternativo (5), o novo uso sendo aceito coletivamente (6) e produzindo uma reparação e uma resistência (7).

Os critérios elencados por Paveau *et al.* (no prelo) também serão mobilizados na análise dos dados que, por sua vez, circularam em diferentes *mídiuns* (revistas; jornais; entrevistas; programa de rádio e televisivo; *blogs*, *Twitter*, *etc*) e são bastante representativos do que Amossy (2017) designa como interação polêmica, isto é, um conjunto de discursos antagônicos que denunciam, protestam, chamam à ação e, mais, geralmente, mantêm, sob o modo do *dissenso*, a comunicação em espaço público entre indivíduos, cujas visões são diferentes e excludentes. É uma interação polêmica na medida em que se apresenta, de um lado, como uma reação direta, sob a forma de refutação à fala do ministro e, de outro, em consonância a ela.

3 Sobre a declaração de Paulo Guedes e sua repercussão midiática: uma polêmica em debate

Com o dólar cotado a R\$ 4,35, maior valor nominal até então desde a criação do plano Real, o alto índice de desempregados² e a arrecadação do PIB abaixo das expectativas, a economia brasileira vem dando sinais de que está enfrentando uma forte recessão. No entanto, o ministro da Economia, Paulo Guedes, declarou durante o Seminário de Abertura do Legislativo 2020, no dia 12 de fevereiro, que a taxa de câmbio

¹ Languageiro porque se trata do uso das palavras, linguístico, pois existe uma dimensão metadiscursiva, material, uma vez que a ressignificação deve ser publicada numa mídia das mais atuais às mais antigas para ser compartilhável.

² O Brasil ainda tem 12,5 milhões de pessoas desocupadas, conforme dados divulgados pelo IBGE em fevereiro de 2020.

mais alta é “boa para todo mundo”. Ele ilustrou seu raciocínio dizendo que, com o dólar numa cotação mais baixa, até mesmo a “empregada doméstica” estava viajando para a Disney, nos Estados Unidos. Nas palavras do ministro,

não tem negócio de câmbio a R\$ 1,80. Vamos exportar menos, substituição de importações, turismo, todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica indo para Disneylândia, uma festa danada. Pera aí. Pera aí, pera aí. Vai passear ali em Foz do Iguaçu, vai passear ali no Nordeste, está cheio de praia bonita. Vai para Cachoeiro do Itapemirim, vai conhecer onde o Roberto Carlos nasceu, vai passear o Brasil, vai conhecer o Brasil. Entendeu? Está cheio de coisa bonita para ver. (GUEDES, 2020, *apud* SOUZA; MATOSO, 2020).

Na sequência, Guedes buscou esclarecer sua declaração:

Antes que falem, o ministro diz que a empregada doméstica está indo para a Disneylândia. Não. O ministro diz que o câmbio estava tão barato que todo mundo estava indo para a Disneylândia, até as classes mais baixas. Todo mundo tem que ir para a Disneylândia conhecer 1 dia, mas não 3, 4 vezes por ano. Porque com dólar a R\$ 1,80 tinha gente indo 4 vezes por ano. Vai 3 vezes para Foz do Iguaçu, Chapada Diamantina, conhece 1 pouquinho do Brasil, vai ver a selva amazônica. E na 4ª vez, você vai para a Disneylândia, em vez de ir 4 vezes ao ano. (GUEDES, 2020 *apud* SOUZA; MATOSO, 2020).

A declaração de Guedes repercutiu imediatamente na mídia, tornando-se objeto de intensa polêmica. Ou seja, foi retomada e comentada por personalidades de diversas classes político-sociais, sobretudo pelas empregadas domésticas, que se sentiram ofendidas pelas palavras preconceituosas do ministro. A Federação Nacional dos Trabalhadores Domésticos (Fenatrad), por exemplo, representada pela atual secretária-geral, Creusa Maria Oliveira, comparou a fala do ministro da Economia, Paulo Guedes, com a de um “senhor de engenho”. Para ela, as declarações de Guedes revelaram um “pensamento preconceituoso e discriminatório da classe trabalhadora”. Acrescentou que não ficou surpresa, já que entende a administração da atual gestão como uma “condução da economia voltada para a precarização do trabalho”:

Não fiquei surpresa com as declarações dele porque revelam o pensamento preconceituoso e discriminatório com o qual o governo trata não só os trabalhadores domésticos, mas também os servidores públicos. É uma total falta de respeito com a classe trabalhadora, com os negros, com os índios. (OLIVEIRA, 2020 *apud* MÍDIA4P, 2020).

Em consonância com Oliveira (2020), também se manifestou, em entrevista aos jornalistas Marilu Cabañas e Glauco Faria (2020), da Rádio Brasil Atual, a presidenta do Sindicato das Empregadas e Trabalhadores Domésticos, Janaína Mariano de Souza: “A gente espera, de verdade, que o ministro venha a se retratar, porque é uma categoria que passa por tanta discriminação e agora mais essa”.

No mesmo sentido, Luis Arthur Nogueira, colunista do *Istoedinheiro*, ponderou:

o ministro poderia ter colocado a sua opinião sobre o câmbio sem deixar escapar um preconceito terrível. Ele pode até dizer que não teve a intenção, mas o raciocínio por trás da sua declaração foi o seguinte: empregadas domésticas são pessoas pobres e pessoas pobres não podem ter dinheiro para ir à Disney. Se até elas conseguiram viajar é porque o câmbio estava completamente errado. Ele inclusive sugeriu que as viagens fossem feitas dentro do Brasil. (NOGUEIRA, 2020).

Aquecendo ainda mais a polêmica, tem-se a declaração ao jornal *UOL* de Deborah Duprat, Subprocuradora-Geral da República, que está à frente da Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC) do Ministério Público Federal:

É muito grave um ministro de Estado afirmar que o servidor público é um parasita como categoria e que trabalhadora empregada doméstica está viajando demais à Disneylândia. Contudo, isso não está restrito às suas declarações. Paulo Guedes está propondo, de fato, que isso aconteça. Ou seja, que esses ‘parasitas’ não mais existam e que as empregadas nunca possam viajar. (DUPRAT, 2020, *apud* SAKAMOTO, 2020).

Diversos internautas também acusaram o ministro de preconceituoso e de governar apenas para as classes mais abastadas. Reclamaram ainda da falta de respeito com os mais pobres. O ex-presidente da República,

Luiz Inácio Lula da Silva, esteve entre os que criticaram Guedes nas redes sociais. Segundo ele, “o ministro faz parte de um grupo de pessoas que não suporta nem a ascensão social dos mais pobres, nem o desenvolvimento soberano do Brasil”. Na mesma linha de Lula, manifestaram-se correligionários do ex-presidente como os parlamentares Erika Kokay (DF), Paulo Pimenta (RS) e Alexandre Padilha (SP).

Do Congresso, o deputado do PSOL eleito pelo Rio de Janeiro, Marcelo Freixo, gravou um vídeo na noite da quarta-feira, 12, em que chamou Guedes de “parasita”. A fala do ministro representa, segundo Freixo, um “pensamento de dono de escravos, elitista e covarde”. Na manhã de quinta, 13 de fevereiro, ele ainda tuitou: “Paulo Guedes está numa disputa acirrada com Weintraub pelo título de ministro mais nojento deste governo de parasitas”. A deputada Tabata Amaral (PDT-SP) concordou com Freixo ao afirmar que “a fala de Guedes revela seu preconceito, racismo e sua visão de senhor da senzala”.

Dentre os membros do governo, o único que prestou apoio ao ministro da Economia foi o titular da pasta de Meio Ambiente, Ricardo Salles:

Meu carinho, admiração, respeito e incondicional apoio ao amigo e Ministro Paulo Guedes. Melhor ministro da economia do mundo. Pessoa séria, espontânea e que por sua pureza de caráter ainda não compreendeu que tudo que disser será distorcido e maliciosamente manipulado. (SALLES, 2020, *apud* BITENCURT, 2020).

Para Onyx Lorenzoni, ministro da Cidadania, o titular da Economia, Paulo Guedes, foi “infeliz”:

Acho que a frase foi infeliz. Eu adoraria poder dizer o contrário, que bom que todas as pessoas no Brasil, independente de sua condição funcional, possam ter uma renda tão boa que os permita ir aonde eles quiserem. A gente tem que entender que felicidade, cada um tem a sua, (cada um) tem a sua diversão. (LORENZONI, 2020, *apud* MACEDO, 2020).

Jair Bolsonaro, presidente do Brasil, por sua vez, tentou se isentar de qualquer responsabilidade sobre a declaração de Paulo Guedes. “Pergunta para quem falou isso, eu respondo pelos meus atos.” (BOLSONARO, 2020, em entrevista a MAIA, 2020). A repercussão foi tanta, que os termos *dólar*, *empregada doméstica* e *Disney* ficaram entre os mais comentados nas redes sociais, o que fez o nome do ministro da

Economia liderar os *trending topics* do *Twitter* na manhã de quinta-feira, 13 de fevereiro. Diante da forte repercussão, Guedes, durante o evento de uma nova linha de crédito imobiliário da Caixa Econômica Federal, com taxa de juros fixa, citou as domésticas ao afirmar que a nova modalidade de crédito vai beneficiar as famílias mais humildes: “É justamente também as famílias mais humildes, empregadas domésticas, inclusive, a quem eu peço desculpas, se puder ter ofendido, dizendo que a mãe do meu pai foi uma empregada doméstica.” (GUEDES, 2020, *apud* MAZUI, 2020). Em seguida, afirmou que a sua declaração sobre as domésticas viajarem à Disney era reflexo de uma política de preços que estava “empurrando a população em direção equivocada” e ressaltou que a referida declaração foi tirada de contexto. No entanto, após pedir desculpas, o ministro questionou qual o problema de fazer a referência às domésticas.

A nova declaração de Guedes não pôs fim à polêmica, ao contrário, provocou nos dias seguintes uma enxurrada de novos comentários na mídia. Não os retomaremos aqui por acreditar que os exemplos expostos dão conta do objetivo proposto. Ou seja, evidenciam que a confrontação dicotomizada de teses antagônicas, a polarização que ela desencadeia e a desqualificação do adversário supõem sujeitos profundamente implicados no debate. De fato, é quase impossível participar de um debate caloroso sem se engajar pessoalmente. Dito de outro modo, o locutor inscreve marcas de subjetividade no discurso e toma veementemente uma posição afirmando, negando, utilizando a interrogação, a exclamação etc.

É isso que faz da polêmica uma modalidade argumentativa e não um simples discurso agressivo. Apesar da manifestação de falas “virulentas” (“ministro preconceituoso”, “nojento”, “racista”, “senhor de engenho”), sobretudo as dos manifestantes do movimento e partidos de esquerda em resposta ao ministro, o que fundamenta a polêmica é o conflitual e não a violência. Significa dizer que “para a polêmica, a violência verbal não é nem uma condição suficiente, nem necessária” (AMOSSY, 2017, p. 167). Mesmo quando a acompanha, como nos casos acima, ela o faz mais como auxiliar do que como um traço definitório. Trata-se de um registro discursivo e não de uma modalidade argumentativa. Sua função é manifestar e intensificar a dicotomização, a polarização e o descrédito que fundamentam a polêmica. Em si mesma, ela não faz um discurso rude e incontrolável. Isso porque ela é funcional e regulada. No entanto, ela auxilia a polêmica a exercer diferentes funções, como, por exemplo, o protesto ou a incitação à ação. Nesses casos, os

debatedores instauram não apenas uma divisão entre adversários, mas um “nós” diante de um “eles”, situando-os em campos inimigos. Em outros termos, os internautas se reúnem diante do computador em um julgamento cuja linguagem virulenta não é apenas um escape. Ela os conduz em um mesmo ímpeto para exprimir uma rejeição coletiva, capaz de silenciar comportamentos que julgam intoleráveis como, por exemplo, o do ministro da Economia em relação às classes menos favorecidas.

Como bem demonstram os dados analisados à luz de Amossy (2017), a polêmica em si não é incontrolável, dado que ela é gerida, isto é, o conflito gerado é administrado. No entanto, é preciso considerar que a polêmica, para além de colocar os sujeitos em lugares antagônicos (um “nós” *versus* um “eles”), há sempre a possibilidade de esses sujeitos se sentirem agredidos e desenvolverem estratégias de subversão dos insultos, quer seja em seu favor e/ou em direção ao sujeito insultante, com base no engendramento de diferentes práticas tecnodiscursivas que, como vimos, podem ser entendidas a partir de três categorias, que vão da mais simples a mais complexa: a rencontextualização enunciativa; a publicação analógica e a produção de um dispositivo cultural Paveau *et al.* (no prelo). Mobilizaremos a seguir os postulados de Paveau e Costa (no prelo) para dar conta das manifestações dos sujeitos agredidos pelo comentário preconceituoso do ministro Paulo Guedes.

IMAGEM 1 – Matéria publicada no site do UOL



Fonte: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/02/13/paulo-guedes-empregadas-domesticas-viagem.htm>

Na Imagem 1, que pode ser entendida a partir das proposições de Paveau *et al.* (no prelo) como uma recontextualização enunciativa simples, temos a Antônia da Silva de Maceió, que exerce a profissão de doméstica, ressignificando o comentário de Paulo Guedes, dizendo: “Se a gente tiver condições, vai aonde a gente quiser”. Trata-se de um enunciado ressignificante, que busca reverter o insulto de Guedes, chamando a atenção para a liberdade individual dos sujeitos, que com base nos seus próprios recursos, podem ir para onde desejarem.

Nessa imagem,³ funcionam cinco dos sete critérios propostos por Paveau *et al.* (no prelo):

1. critério pragmático: existe uma ferida linguageira provocada pelo insulto a respeito da identidade de um grupo – o comentário de Paulo Guedes acerca das empregadas domésticas - “é bom que o dólar esteja alto, porque com dólar baixo (...) até empregada doméstica estava indo para a Disney, uma festa danada”;
2. critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida – a fala da profissional Antônia da Silva – “Se a gente tiver condições, vai aonde a gente quiser”;
3. critério enunciativo: o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria, provocando uma simples recontextualização – a profissional não entra no mérito da ofensa em si;
4. critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica – o enunciado produzido pela profissional desloca a questão para a liberdade individual das pessoas;
5. critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela “abertura a contextos desconhecidos” – o enunciado produzido pela profissional passa a circular em outros dispositivos tecnodiscursivos, por exemplo, na página de economia de um site de notícias.

³ Poderíamos discutir aqui também a maneira como a matéria do UOL, por meio do seu título, designou os envolvidos na polêmica: de um lado temos Guedes, o ministro, e de outro, Domésticas, as profissionais Marinalva de Souza e Antônia da Silva. Estes últimos nomes, diferentemente do ministro, só aparecem no corpo da matéria. Essa questão, embora pertinente, fugiria do principal objetivo do nosso trabalho.

O site BBC Brasil, em 13 de fevereiro passado, um dia após a declaração polêmica, publicou uma matéria⁴ na qual tecia várias críticas ao comentário preconceituoso de Paulo Guedes (IMAGEM 2). Na matéria, organizada a partir de *twittes* (IMAGEM 3) de empregadas domésticas e parentes, também é possível verificar o funcionamento discursivo da resignificação proposta por Paveau *et al.* (2020).

IMAGEM 2 – Matéria publicada no site BBC Brasil.

'Em que Brasil você vive?': empregadas domésticas e parentes que nunca saíram do Brasil reagem a fala de Guedes

13 fevereiro 2020

f b t e Compartilhar



"tinha até empregada doméstica indo pra disney"
senhor paulo guedes??? minha mãe, empregada doméstica, trabalhava a semana inteira na casa de várias senhoras, ainda era manicure e confeitadeira, mas nunca conseguiu nem sair da cidade pra visitar os pais!!! EM QUE BRASIL VC VIVE???

Fonte: www.bbc.com/portugues

⁴ Essa matéria pode ser acessada em <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-51476202>

IMAGEM 3 – Post de *Twitter*

Fonte: *Twitter web app*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-51476202>

Nesse caso, trata-se de ressignificação a partir de uma publicação analógica. Organizada com base em um hipergênero⁵ (matéria jornalística + comentários postados no *twitter* – em forma de captura de tela) essa publicação questiona a declaração de Guedes, a partir da pergunta em caixa alta, intensificando a indignação, “EM QUE PAÍS VC VIVE???” e da declaração de que mesmo a mãe sendo empregada doméstica há 40 anos, ela nunca foi à Disney. Diferentemente da matéria precedente, que questionava a liberdade de os sujeitos viajarem, esta busca evidenciar o total descolamento da realidade do ministro.

Observamos aí sete critérios funcionando:

⁵ Segundo Maingueneau (2015, p. 130) “um hipergênero não é um gênero de discurso, mas uma formatação [textual] com restrições fracas que podem recobrir gêneros muito diferentes. Alguns hipergêneros como o diálogo, o jornal, ou a carta, são, antes de tudo, modos de apresentação formal de organização dos enunciados: [a depender dos efeitos visados] eles restringem frouxamente a enunciação. Outros como o relatório ou entrevista são mais restritivos”.

1. critério pragmático: existe uma ferida linguageira provocada pelo insulto a respeito da identidade de um grupo – o comentário preconceituoso de Paulo Guedes acerca das empregadas domésticas – “é bom que o dólar esteja alto, porque com dólar baixo (...) até empregada doméstica estava indo para a Disney, uma festa danada”;
2. critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida – uma matéria jornalística organizada a partir dos *twittes* dos parentes das empregadas domésticas, que incorporaram para si o insulto do ministro – “EM QUE PAÍS VC VIVE???” e a declaração de que, mesmo a mãe, sendo empregada doméstica há 40 anos, ela nunca foi à Disney “;
3. critério enunciativo: o sujeito agredido não é mais origem enunciativa da resposta, mas sim os seus parentes que retomam o enunciado ofensivo por conta própria, incorporando para si e provocando uma recontextualização; esta recontextualização é retomada pelo *site* de notícias e transformada em analógica;
4. critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica – o enunciado produzido pelos parentes das empregadas produz uma inversão de sentidos, e essa inversão passa a circular no site se contrapondo à ofensa do ministro;
5. critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado inicialmente pelos parentes das empregadas domésticas e depois pelo site de notícias implicando a “abertura a contextos desconhecidos” – o enunciado produzido pelos parentes das empregadas é apropriado pelo site e passa a circular em outros dispositivos tecnodiscursivos, por exemplo, num site de notícias.
6. critério sociossemântico: o uso recontextualizado do elemento linguageiro é julgado como aceitável e reconhecido como tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo: domésticas, parentes e imprensa, cada uma a seu modo incorpora o insulto e o devolve ao ofensor, mostrando o seu total desconhecimento da realidade brasileira;
7. critério pragmático-político: o enunciado ressignificado é, num certo sentido, revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante.

Além de o ministro ter de se retratar publicamente,⁶ a sua fala provocou diversas manifestações da sociedade civil em defesa das empregadas domésticas,⁷ a exemplo do conteúdo da Imagem 4.

IMAGEM 4 – Matéria publicada no site Pragmatismo político

Psicanalista explica por que Paulo Guedes fala mal dos pobres

Coordenador do Laboratório de Psicanálise da Universidade de São Paulo explica por que Paulo Guedes fala mal dos pobres publicamente



Ministro da Economia, Paulo Guedes Foto: PR/Isac Nóbrega

Fonte: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2020/02/paulo-guedes-domesticas-pobres.html>

A matéria em questão, publicada no *site* Pragmatismo Político em 14 de fevereiro passado, mostra que a fala preconceituosa do ministro Paulo Guedes em relação às empregadas domésticas tornou-se também objeto de trabalho de especialistas, engendrando um dispositivo

⁶ Ver, por exemplo, a matéria publicada no dia 20/02 em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/20/em-discurso-paulo-guedes-pede-desculpas-as-empregadas-domesticas.ghtml>

⁷ Ver, por exemplo, o belo artigo de Preta Rara, artista, *rapper*, historiadora, mulher preta e gorda, publicado em GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra: https://www.geledes.org.br/ministro-paulo-guedes-fui-empregada-domestica-e-preciso-te-dizer-uma-coisa/?gclid=CjwKCAjw1cX0BRBmEiwAy9tKHnG_swi1kkAHA9Vy9iz9tVEXzgiDyyrOq6-xmIdu7j12WINZZ-ShEhoC0vgQAvD_BwE

intelectual. Nessa matéria, o psicanalista Christian Dunker, Professor Titular do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP, defende que é possível constatar uma regularidade discursiva nas falas de Guedes, a saber: todas elas têm como objeto de preconceito os pobres.

Depois que expõe suas teses, ele [Guedes] precisa dizer algo para “ganhar” o interlocutor e acaba soltando essas ideias. Com Lula, eram as metáforas de futebol, que faziam com que a ideia, que já tinha sido entendida cognitivamente, fosse compreendida relacionamente. É o momento do “tá entendendo ou quer que explique melhor?” É a irrupção do nível metafórico, uma vez que o pacto da comunicação requer, de quando em quando, um momento fático.

Aí se denuncia mais claramente com quem a pessoa está falando, qual o destinatário, o público-alvo com o qual ele quer fechar o “contrato”. Ele diz coisas inapropriadas, mas elas são dirigidas para um determinado setor da elite econômica, um grupo que compreende da mesma maneira que ele a subnarrativa do lugar de ricos e pobres. Deixa claro, com isso, que precisam se aliar contra os pobres, que usam demais os serviços públicos, que andam demais de avião, que vão a lugares que não deviam ir.

(...) Porque, para ele, a origem dos problemas do país é que tem gente fora do lugar. É metafórico. Imagine se todas elas começassem a fazer isso, o que iria acontecer? Ele não está pensando como economista, pois, se isso acontecesse de verdade, seria uma alavanca para a economia. Teríamos uma categoria gastando mais dentro e fora do país, garantindo mais fluxo e mantendo a economia aquecida. Mas ele está satisfeito com a circulação reduzida. Acredita que a democracia e o progresso é coisa para poucos.

(...) Se a gente pegar o que Guedes está dizendo e colocar na boca de um economista qualquer, isso seria satirizado e a pessoa considerada por todos como alguém anacrônico. Mas, nesse tipo de discurso voltado a esse público, essa narrativa funciona. Porque está produzindo continuamente inimigos que não querem que o Brasil cresça. É parte de um discurso paranoico.

Os excertos precedentes da fala do especialista em psicanálise mostram que a ressignificação se dá também em ambientes científicos e/ou de divulgação científica, produzindo um dispositivo tecnodiscursivo intelectual. Em outras palavras, para além de a ofensa poder ser revertida ao ofensor pelo sujeito ofendido, outros sujeitos podem ressignificar essa ofensa, tomando-a enquanto objeto de estudo, evidenciando, por exemplo, que o ministro Paulo Guedes vem regularmente ofendendo os pobres nas suas intervenções. Trata-se de exemplo lapidar de um pesquisador, um psicanalista que utiliza a metodologia do trabalho em psicanálise para produzir uma resposta ressignificante, um dispositivo intelectual, aos insultos que as empregadas domésticas receberam de Paulo Guedes.

Não se trata simplesmente de polemizar com o ministro por conta de seu comentário preconceituoso, mas de mostrar, como já dissemos, que esse comentário faz parte de uma prática discursiva regular insultuosa impingida aos menos favorecidos, que acompanha o ministro em suas intervenções públicas desde que assumiu o ministério no início do governo Bolsonaro em 2018. As questões semânticas e as axiológicas nesse tipo de trabalho, o do psicanalista, importam menos do que as epistemológicas, isto é, trata-se de mostrar à luz de uma das humanidades, no caso da psicanálise, que o comentário preconceituoso de Guedes é coerente com o tipo de discurso engendrado por Bolsonaro.⁸

4 Algumas considerações

Conforme demonstramos no decorrer deste artigo a declaração preconceituosa do ministro Paulo Guedes provocou na imprensa e nas redes sociais brasileiras a irrupção de discursos controversos e de resistências. O debate instaurado levanta, pois, um problema social concernente à política econômica e às classes menos favorecidas. Os envolvidos no debate se posicionam, argumentam e resistem levando em consideração seus anseios e convicções. Muito deles são orientados por questões histórico-sociais, tais como:

⁸ Ver por exemplo a matéria publicada na Revista Exame em 14/02/2020 <https://exame.abril.com.br/economia/parasita-ai-5-e-domesticas-na-disney-as-falas-mais-polemicas-de-guedes/>

- 1) É legítimo para um Ministro da Economia fazer uma como “No Brasil, com a cotação do dólar em alta, as classes menos favorecidas têm dinheiro para viajar?”
- 2) Qual o problema de empregadas domésticas irem à Disney? Há algum problema em preferir viajar ao exterior a fazer turismo no Brasil? Realizar sonhos é um privilégio exclusivo apenas de uma classe social?
- 3) Com a economia em crise, a população mais carente teria muita dificuldade de ir à Disney, mesmo que o dólar estivesse a R\$ 1,80. Se, no passado, empregadas domésticas foram à Disney, há alguma pesquisa que comprove isso? Se sim, não seria porque a situação econômica estava melhor? Provavelmente, as empregadas tinham mais dinheiro no bolso. O câmbio, sozinho, faz milagres?
- 4) É uma ilusão achar que o turismo doméstico seja uma alternativa barata. É muito caro viajar para o Nordeste ou para Foz do Iguaçu, como sugeriu o ministro. Aliás, o que o governo pretende fazer para incentivar de verdade o turismo doméstico?
- 5) Se a agenda econômica do ministro Guedes der certo, e o Brasil voltar a crescer 3% ao ano, haverá mais emprego e renda? O sucesso econômico, se ocorrer, tenderá a valorizar um pouco o câmbio (baratear o dólar), e a consequência lógica será um aumento no número de brasileiros em viagem ao exterior. Isso deveria ser motivo de orgulho e comemoração por parte de um ministro da Economia, pois seria a prova de que a sua política econômica estaria dando certo.
- 6) Enfim, há formas mais inteligentes e elegantes de o ministro explicar a sua defesa de um câmbio desvalorizado (dólar caro) como algo positivo para o País? O preconceito enraizado na sua fala ficou ainda pior justamente por ter vindo de alguém que trabalhou e morou muitos anos no exterior – e que provavelmente já foi inúmeras vezes à Disney, a Nova York, a Paris...

Tais questões mostram a importância de ir além do estudo do funcionamento argumentativo da polêmica por mais pertinente que este estudo seja e, o é. É preciso compreender também como os sujeitos

afetados diretamente ou não pela polêmica reagem, resistem. Uma vez que essas questões se inscrevem na interdiscursividade constitutiva da declaração sob análise e são retomadas pelos debatedores, implicados diretamente ou não no debate, compreender os seus efeitos requer que consideremos também que o discurso não tem de direito início. Ou, como diz Pêcheux,

o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que, quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado com as deformações que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido. (PÊCHEUX, 1997, p. 77.)

Significa dizer que a declaração de Guedes se encontra imersa em uma rede de relações, de comentários, de alusões, de ressignificações, isto é, em uma série heterogênea de enunciados, funcionando em diferentes registros discursivos. É porque existe essa relação interdiscursiva que ela está suscetível a múltiplas interpretações. Também, por isso, é objeto de inúmeros comentários, retomadas discursivas, ressignificações em forma de resistência na mídia. Em outras palavras, há no discurso do ministro da Economia as marcas do discurso “outro”, que fazem ressurgir o interdiscurso no espaço da memória (COURTINE, 2009). Ou seja, sua fala se constrói sobre discursos “já ditos”, que alicerçam e instigam a polêmica: do ponto de vista econômico, o dólar barato estimula viagens e gastos no exterior, mas atrapalha as exportações brasileiras. Portanto, na visão do ministro, a cotação atual, acima de R\$ 4,00, é melhor para o País do que a cotação abaixo de R\$ 2,00, no passado.

Essa memória, por sua vez, tende a conjurar os acasos do discurso pela reiteração do idêntico, pelo eterno retorno do mesmo (FOUCAULT, 2006). Ela privilegia as formas discursivas da repetição (citação, recitação, comentário) e os mecanismos linguísticos da ligação, do encaixamento e do destacamento, responsáveis, em boa medida, por suas constantes retomadas discursivas. Assim, a polêmica não expõe tão somente o acontecimento a que se refere, mas demarca posicionamentos, delimita trajetórias de sentidos, modela a comunicação e sobretudo, insta os sujeitos ofendidos a resistir. Trata-se de mobilizar discursos que (re)

organizam a realidade, isto é, as interpretações do “real”, produzidas por enunciador(es) inserido(s) em determinada(s) formação(ões) discursiva(s)/ideológica(s). Em outras palavras, a polêmica levantada não traduz meramente os dois lados de um debate, mas se constitui, principalmente, a partir da resistência “no poder do qual queremos nos apoderar”. (FOUCAULT, 1986).

Declaração de autoria

Este texto, que busca contribuir para que a nossa sociedade seja decente – uma sociedade é decente se o funcionamento das suas instituições não fornece razões para que seus membros se sintam humilhados [e sejam mortos] (MARGALIT, 2007) –, é o resultado dialógico de um trabalho realizado a quatro mãos, portanto fica difícil discernir o que foi produzido pelo primeiro autor e o que foi escrito pelo segundo autor. Trata-se de um conjunto de vozes que polifonicamente produzem um coro harmônico. Todavia, esclarecemos que as discussões feitas a partir do referencial teórico-metodológico proposto por Amossy (2017) ficaram sob a responsabilidade do primeiro autor e que as discussões fundamentadas em Paveau *et al.* (2020) ficaram sob a responsabilidade do segundo autor.

Referências

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Coordenação da tradução Mônica Magalhães Cavalcanti. São Paulo: Contexto, 2017.

BITENCURT, J. Salles diz que Guedes se deixou manipular por sua “pureza de caráter” em discurso sobre empregadas domésticas. *Revista Forum*, [S.l.], s. p., 14 fev. 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/salles-diz-que-guedes-se-deixou-manipular-por-sua-pureza-de-carater-em-discurso-sobre-empregadas-domesticas>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BUTLER, J. Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory. In: CASE, S. E. (org.). *Performing Feminisms, Feminist Critical Theory and Theatre*. Baltimore: The John Hopkins Press: 1990. p. 270-282.

BUTLER, J. *Le Pouvoir des mots*. Politique du performatif. Trad. C. Nordmann e J. Vidal. Paris: Editions Amsterdam, 2004.

CABAÑAS, M.; FARIA, G. Preconceito escancarado. *Rede Brasil Atual*. São Paulo, 14 fev. 2020. Cidadania, s.p. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/02/guedes-so-demonstrou-o-que-a-domestica-ve-na-luta-diaria-a-discriminacao-por-parte-do-governo>. Acesso em: 10 mar. 2020.

COURTINE, J. J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

DASCAL, M. Dichotomies and Types of Debate. In: EEMEREN, F. H.; GARSSSEN, B. (org.). *Controversy and Confrontation: Relating Controversy Analysis with Argumentation Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 27-50. DOI: <https://doi.org/10.1075/cvs.6.03das>

DUNKER, C. Por que Guedes fala mal dos pobres? O psicanalista Christian Dunker explica. *UOL*, São Paulo, 13 fev. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/02/13/por-que-guedes-fala-tao-mal-de-pobre-psicanalista-christian-dunker-explica.htm>. Acesso em: 10 mar.2020

DUPRAT, D. Não é só ofensa, Guedes atua contra doméstica e servidor, diz procuradoria. *UOL*, São Paulo, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/02/17/paulo-guedes-age-contradomestica-e-servidor-para-alem-da-bravata-diz-pfdc.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1986. MACEDO, I. Declaração de Guedes sobre empregadas na Disney foi ‘infeliz’, diz Onyx. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 fev. 2020. Economia, p. 2. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/declaracao-de-guedes-sobre-empregadas-na-disney-foi-infeliz-diz-onyx-24248944>. Acesso em: 10 mar. 2020.

KUNERT, S. *Circulations-transformations*. Le stéréotype et la norme re-signifiés: vers une théorie communicationnelle des processus de stéréotypie et de normativité. 2010. Thèse (Doctorat en Sciences de l’Information et de la Communication) – Université Paris 4, Paris, 2010.

MAIA, G. Bolsonaro evita comentar fala de Guedes, mas diz que dólar está ‘um pouquinho alto. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 fev. 2020. Economia, p. 1. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/bolsonaro-evita-comentar-fala-de-guedes-mas-diz-que-dolar-esta-um-pouquinho-alto-24246076>. Acesso em: 10 de mar. 2020.

MARGALIT, A. *Ocidentalismo: o ocidente aos olhos de seus inimigos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAZUI, G. Em discurso, Paulo Guedes pede desculpas às empregadas domésticas. *Gl.globo*, Rio de Janeiro, 20 fev. 2020. Política, p. 1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/02/20/em-discurso-paulo-guedes-pede-desculpas-as-empregadas-domesticas.ghhtml>. Acesso em: 10 mar. 2020.

MÍDIA4P. É a fala de um senhor de engenho, diz representantes das domésticas sobre a declaração de GUEDES. *Mídia4pCartacapital*, São Paulo, 14 fev. 2020. Disponível em: <https://midia4p.cartacapital.com.br/e-a-fala-de-um-senhor-de-engenho-diz-representante-das-domesticas-sobre-declaracao-de-guedes>. Acesso em: 10 de mar. 2020.

NOGUEIRA, L. A. Declaração de Guedes sobre domésticas na Disney foi muito infeliz. *Istoedinheiro*, São Paulo, 13 fev. 2020, p. 2. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/declaracao-de-guedes-sobre-domesticas-na-disney-foi-muito-infeliz>. Acesso em: 10 de mar. 2020.

OLIVEIRA, C. M. É a fala de um senhor de engenho, diz representantes das domésticas sobre a declaração de GUEDES. *Mídia4pCartacapital*, São Paulo, 14 fev. 2020. Disponível em: <https://midia4p.cartacapital.com.br/e-a-fala-de-um-senhor-de-engenho-diz-representante-das-domesticas-sobre-declaracao-de-guedes>. Acesso em: 10 de mar. 2020.

PAVEAU, M. A.; COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. (org.). *Análise de discurso da web: uma introdução à teoria da ressignificação*. (no prelo.)

PECHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997. p. 61-161.

SAKAMOTO, E. Não é só ofensa, Guedes atua contra doméstica e servidor, diz procuradoria. *UOL*, São Paulo, 17 fev. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/02/17/paulo-guedes-age-contra-domestica-e-servidor-para-alem-da-bravata-diz-pfdc.htm>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SOUZA, Y.; MATOSO, F. Após alta recorde do dólar, Guedes diz que cambio a 1,80 permitia a doméstica ir à Disney. *Gl.Globo*, Rio de Janeiro, 12 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/02/12/apos-alta-recorde-do-dolar-guedes-diz-que-com-cambio-a-r-180-domestica-ia-para-a-disney.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2020.



Violência verbal no Parlamento brasileiro: análise discursiva de um insulto e seus efeitos políticos e jurídicos

Verbal violence at Brazilian's Parliament: discourse analysis of an insult and its politics and legal effects

Joseane Silva Bittencourt

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia/Brasil

ane.bittencourt@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-7116-9917>

Maria da Conceição Fonseca-Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia/Brasil

con.fonseca@uesb.edu.br

<http://orcid.org/0000-0001-6540-3810>

Resumo: Neste trabalho, analisamos o funcionamento discursivo de um caso de violência verbal praticada no Congresso brasileiro, que envolveu os deputados Jair Bolsonaro (até então PSL-RJ) e Maria do Rosário (PT-RS), em sessão plenária da Câmara dos Deputados que prestou homenagem ao Dia Internacional do Direitos Humanos, em 2014. O *corpus* é constituído de matérias jornalísticas que tratam do evento. Na análise, mobilizamos referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso, para identificar efeitos-sentido produzidos na relação entre o discurso político e o discurso jurídico na prática da violência verbal na esfera pública. Os resultados indicaram que, no entrecruzamento de uma atualidade e de uma memória, há uma tensão de efeitos-sentido que estruturam e reestruturam a violência verbal de acordo com posições discursivas diferentes em diferentes lugares sociais que ora produzem, tais como o efeito de dano moral e de quebra de decoro parlamentar, de um lado; e o efeito de um franco falar, permitido pelo exercício da liberdade de expressão e de uso da imunidade da função pública, de outro lado.

Palavras-Chave: violência verbal; análise de discurso; discurso político; discurso jurídico; mídia.

Abstract: In this work, we analyze the discursive functioning of a case of verbal violence practiced in the Brazilian Congress, that involved deputies Jair Bolsonaro (until then PSL-RJ) and Maria do Rosário Nunes (PT-RS) during the plenary session of the Chamber of Deputies that paid homage to the International Human Rights Day, in 2014. The *corpus* consists of journalistic articles that deal with the event. In the analysis, we mobilized the theoretical-methodological framework of Discourse Analysis, to identify effects of meaning produced in the relationship between political discourse and legal discourse on the practice of verbal violence in the public sphere. The results indicated that, at the intersection of actuality and memory, there is a tension of effects of meaning that structure and restructure verbal violence according to different discursive positions in different social places that produce effects such as the moral damage and breaking of parliamentary decorum, on one hand; and the effect of an outspoken speech, allowed by the exercise of freedom of expression and the use of parliamentary immunity, on the other hand.

Keywords: verbal violence; discourse analysis; political discourse; juridical discourse; media.

Recebido em 21 de abril de 2020

Aceito em 09 de julho de 2020

1 Introdução

A guerra não é mais que a continuação da política por outros meios.

(Carl von Clausewitz. *Vom kriege*)

A política é a guerra continuada por outros meios.

(Michel Foucault. *Em defesa da sociedade*)

A violência verbal é um fenômeno antigo, complexo e heterogêneo que está presente tanto na esfera privada, na vida cotidiana dos sujeitos ordinários, comuns, quanto na esfera pública, nos embates ambientados nos lugares de grandes decisões políticas. Em *Petit traité de l'insulte*, Rosier (2009) aborda diferentes entendimentos a respeito de tal prática e anota uma concepção curiosa até mesmo fecunda, apresentada por escritores e jornalistas que fazem um elogio do insulto:

por um lado, o insulto poderia ser reconhecido como uma “arte” de um certo valor retórico e, por outro, como a manifestação genuína de um falar popular, próximo do que Bakhtin denominou de “vocabulário da praça pública”, lugar onde se “misturam a verve popular, a truculência, a bufonaria e as obscenidades rituais” (ROSIER, 2009, p. 10, tradução nossa),¹ instaurando uma tensão entre, o que consideramos, da perspectiva da Análise de Discurso, duas posições-sujeito: uma, em que há a identificação do insulto com a incivilidade, com a falta de uma moral discursiva, e outra, que concebe o insulto como o exercício de uma espécie de um franco falar e de uma criatividade linguística.

O insulto² na política também não é uma prática nova. Bouchet (2010) afirma que seu uso se modificou ao longo do tempo a partir de um determinado código de honra de uma determinada sociedade. Se há bem pouco tempo as querelas eram resolvidas por meios de armas, passando por uma mudança de resolução dos conflitos pela pacificação dos costumes, como bem postulou Elias (1994), e pelo surgimento e consolidação de um certo tipo de procedimentos judiciais que constituiriam mais tarde o nosso Direito, como aponta Foucault (2002), a pacificação das palavras ainda não fora de todo atingida.

Na esteira dessas discussões, nosso propósito concentra-se na violência verbal praticada na esfera do poder público e, de maneira mais específica, na análise da repercussão de um caso de agressão verbal que envolvem parlamentares no exercício de sua função pública. Trata-se do insulto proferido pelo deputado Jair Bolsonaro (PSL-RJ, à época) dirigido à também deputada Maria do Rosário (PT-RS), em uma sessão plenária realizada em homenagem ao Dia Internacional dos Direitos Humanos, em 2014.

Com o objetivo de identificar e analisar efeitos-sentido produzidos no entrecruzamento do discurso político e do discurso jurídico na repercussão do caso de violência verbal na política brasileira,

¹ Do original: « C’est que le théoricien soviétique du langage e et grand spécialiste de Rabelais, Mikhaël Bakhtine, apellait le “vocabulaire de la place publique” où se mêlent la verve populaire, la truculence, la bouffonnerie et les obscénités rituelles» (ROSIER, 2009, p. 10).

² Apesar das diferenças, inclusive jurídicas, de classificação dos termos que abarcam todo tipo de violência verbal, consideraremos, neste trabalho, “agressão verbal”, “violência verbal” e “insulto” como sinônimos.

selecionamos materialidades significantes (FONSECA-SILVA, 2005) de diferentes sites de notícias que acompanharam o caso do insulto proferido pelo então deputado Jair Bolsonaro (PSL-RJ, à época) à deputada Maria do Rosário (PT-RS), desde o pronunciamento, na sessão da Câmara, no dia 9 de dezembro de 2014, até o seu desfecho, em 2019, com a manutenção da condenação, por dano moral no Supremo Tribunal Federal, do então deputado, que, em 2018, foi eleito presidente da República do Brasil.

Num primeiro momento, constituímos o arquivo analítico. Para tanto, utilizamos a ferramenta de busca do *Google* com as entradas “Bolsonaro” e “Maria do Rosário”, que gerou 853.000 resultados com menções ao caso em questão. No processo de seleção das materialidades significantes (matérias) sobre todo o processo envolvendo o referido insulto praticado e os seus desdobramentos: i) selecionamos matérias publicadas sobre o assunto em sites jornalísticos de meios de comunicação mais institucionalizados e conhecidos e descartamos outros sítios como *blogs* e páginas que reproduzem conteúdo de outros sites; ii) descartamos artigos e textos de opinião; iii) selecionamos matérias que reportaram todo o caso, desde o insulto até o desfecho do caso.

Num segundo momento, constituímos o *corpus* discursivo com sequências discursivas (SDs) extraídas do arquivo analítico. Na seleção das SDs, seguimos o critério de regularidade de formulações que recortam e repetem tanto a declaração da parte insultante quanto a declaração da parte insultada, além de pronunciamentos dos operadores jurídicos que julgaram o caso, como forma de “discurso relatado”, tal como o postula Authier-Revuz (2004).

Isso posto, nos tópicos a seguir, tratamos de alguns estudos linguísticos que tratam da violência verbal e situamos alguns conceitos chave do arcabouço teórico da Análise de Discurso que sustentam as nossas análises do *corpus* discursivo. Posteriormente, analisamos sequências discursivas que constituem o *corpus* discursivo e discutimos os resultados. Por último, apresentamos a conclusão deste trabalho.

2 Linguagem, discurso e violência verbal

O fenômeno da violência verbal é um objeto de estudo que interessa a pesquisadores de diversos domínios do conhecimento. Nas ciências da linguagem, tal temática tem sido abordada sob diferentes perspectivas, entre as quais destacamos algumas, a título de exemplo.

Laforest e Vincent (2004, p. 60) fizeram um levantamento dessas pesquisas que podem ser categorizadas em quatro grupos. O primeiro grupo corresponde às abordagens léxico-semânticas ou sintáticas, que permitem classificar as formas usuais do insulto ou explicitar as propriedades que deslindam seu comportamento. O segundo consiste nas abordagens sociolinguísticas, das quais Labov (1972) é o precursor, quando desenvolveu e divulgou seus estudos sobre os jogos de insultos nos guetos de Nova York. O terceiro grupo refere-se às abordagens pragmáticas em um sentido amplo, que concentra sua atenção no caráter performativo, vocativo do insulto, ou sobre os seus aspectos enunciativos. É importante ressaltar que essa abordagem atentou para uma dimensão jurídica do ato de insultar e suas condições de realização. E, por último, o quarto grupo compreende uma abordagem etnolinguística, que se preocupou, de algum modo, em responder uma questão a partir de uma visão da etnolinguística da comunicação: quem, como e quando insultar e em qual linguagem.

Embora haja a possibilidade de se fazer essa divisão a partir de perspectivas diferentes que objetivam estudar o insulto, Laforest e Vincent (2004, p. 60-61) enfatizam que todas essas pesquisas são uma mistura dessas constatações. Isso se justifica pelo fato de que: i) há, em todas as línguas, formas de insultos; ii) os insultos são, geralmente, metafóricos ou metonímicos, e, frequentemente, hiperbólicos; iii) os insultos associam pessoas visadas a seres ou a animais, qualificados de maneira negativa, ou a objetos e a substâncias conhecidos por ser desagradáveis; e iv) todo insulto direto abarca uma dimensão vocativa e performativa, ou seja, ela é enunciada por um eu (o insultante) que se dirige a um tu (o insultado).

Neste trabalho, no entanto, como já pontuamos, interessa-nos, da perspectiva da Análise de Discurso, analisar efeitos-sentido produzidos no entrecruzamento do discurso político e do discurso jurídico do caso de insulto verbal proferido pelo então deputado Jair Bolsonaro (PSL-RJ) à então deputada Maria do Rosário (PT-RS), desde o pronunciamento à manutenção da condenação por dano moral no Supremo Tribunal Federal daquele, que, posteriormente, foi alçado à presidência do Brasil, no pleito de 2018. Para tanto, pensamos o insulto na tensão e na contradição de diferentes posições-sujeito em diferentes formações discursivas em funcionamento nas arenas democráticas públicas do país, como violência verbal (mas há também o insulto gestual, o que não é, aqui,

objeto de nosso interesse) que produz determinados efeitos-sentido de desqualificação, de aniquilamento do adversário, de hostilidade máxima do suposto inimigo, de efeitos de negação, etc).

O sujeito de que tratamos não é o sujeito pragmático, aquele que pensa e age com a “intenção” de insultar e destruir o insultado, por exemplo, mas o sujeito do discurso (PÊCHEUX, 2009), um sujeito³ inscrito na/pela memória discursiva. A posição-sujeito é então um lugar de funcionamento do sentido marcado na estrutura social (forma-sujeito) que é ocupado por um sujeito enunciador, “porta-voz” do discurso de insulto, que com esse lugar se identifica. Grigoletto (2007, p. 4) faz uma distinção entre a materialidade do lugar social (ocupado pelo sujeito empírico) e lugar discursivo (posição ocupada pelo sujeito do discurso) para mostrar como se dá a inscrição do sujeito empírico em uma formação discursiva (FD) para tornar-se sujeito de discurso. A autora parte do conceito pecheutiano de formações imaginárias (PÊCHEUX, 2014) para afirmar que as imagens que os sujeitos fazem de si e dos outros são definidas por lugares institucionais que, por sua vez, são constituídos no interior de uma formação social por diferentes relações de poder antes instituídas e consolidadas como verdade. Assim, o lugar de um deputado no sistema político brasileiro e o lugar de um juiz ou de um ministro do Supremo Tribunal Federal na estrutura judiciária do país, por exemplo, já estão determinados pelo lugar a eles atribuídos em uma certa formação social e é sempre desse lugar que o sujeito fala. Ainda conforme a autora,

[...] o sujeito do discurso, ao mesmo tempo em que ele é interpelado/assujeitado ideologicamente pela formação social, ele se inscreve/ocupa um dos lugares sociais que lhe foi determinado. É o espaço do empírico. Na passagem para o espaço teórico [...] para o espaço discursivo, o lugar social que o sujeito ocupa numa determinada formação social e ideológica, que está afetada pelas relações de poder, vai determinar o seu lugar discursivo, através do movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva com a qual o sujeito se identifica (GRIGOLETTO, 2005, p. 5).

Nessa direção, ambos, sujeito e sentido, são constituídos, mutuamente, enquanto efeitos. E diferentes posições-sujeito, estruturadas

³ “Sujeito que carrega consigo marcas do social, do ideológico, do histórico e tem a ilusão de ser a fonte do sentido” (GRIGOLETTO, 2007, p. 1).

na relação entre o sujeito enunciador de um determinado lugar social e uma forma-sujeito, também só são possíveis porque a língua, base material dos processos discursivos, não é transparente, portanto, os sentidos também não são unívocos. O lugar de constituição dos sentidos, o lugar histórico provisório dos sentidos, a matriz dos sentidos, nessa perspectiva, são as Formações Discursivas (FDs),⁴ que determinam “o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harença, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007, p. 26; PÊCHEUX; FUCHS, 2014, p. 166). Assim, os sentidos das palavras mudam “segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam [...] as palavras ‘mudam de sentido’ ao passar de uma formação discursiva a outra” (PÊCHEUX, 2011, p. 73).⁵ Dessa forma, a língua, base material dos discursos, que é afetada e que também afeta a história, é compreendida como equívoca, falha. Disto resulta que:

O objeto da linguística (o próprio da língua) aparece a [...] atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho de sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações (PÊCHEUX, 2006, p. 51).

Pêcheux (2006) afirma que todo enunciado, em um trabalho de descrição e de interpretação, apresenta pontos de derivas possíveis e, ao poder reorganizar-se em outras redes de memória, seus sentidos podem também ser deslizados para o mesmo ou até tornar-se outro. E são nesses

⁴ Uma ou mais formações discursivas constituem um dos componentes do que Pêcheux (2011) e Haroche, Henry e Pêcheux (2007) denominaram de Formação Ideológica (FI). Segundo os autores, as formações ideológicas (FI) realizam-se nas formações sociais e são concebidas como um “conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007, p. 26; PÊCHEUX; FUCHS, 2014).

⁵ “Segundo Michel Pêcheux, as palavras não têm um sentido ligado a sua literalidade, o sentido é sempre uma palavra por outra, ele existe nas relações de metáfora (transferência) acontecendo nas formações discursivas que são seu lugar histórico provisório” (ORLANDI, 2005, p. 11).

possíveis pontos de deriva, no ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória, que os sentidos podem ser estruturados e reestruturados. É nesse espaço que a Análise de Discurso trabalha e é nesse espaço que o analista deve trabalhar (ORLANDI, 2005; PÊCHEUX, 2006); SCHERER; TASCETTO, 2005).

Dessa forma, ao analisar o *corpus* discursivo, tentamos mostrar como diferentes posições-sujeito produzem diferentes efeitos-sentidos que funcionam no acontecimento a partir dos lugares sociais que insultante e insultado ocupam, perturbando a memória e produzindo pontos de deriva de sentidos que estruturam e reestruturam os discursos políticos e jurídicos.

3 O insulto e seus efeitos políticos e jurídicos

No dia 09 de dezembro de 2014, em sessão da Câmara que comemorava o Dia Internacional dos Direitos Humanos, data que marcou também a entrega do relatório final da Comissão Nacional da Verdade,⁶ o deputado Jair Bolsonaro (PSL-RJ) agrediu verbalmente a deputada Maria do Rosário (PT-RS), quando esta deixava a tribuna e aquele tomava a palavra no plenário: “Fica aí, Maria do Rosário, fica aí... há poucos dias você me chamou de estuprador no Salão Verde e eu falei que eu não estupraava você porque você não merece. Fique aqui para ouvir”.⁷ Esse foi o segundo evento de insulto relacionado a estupro envolvendo os dois deputados. O primeiro refere-se ao insulto que se deu no corredor da Câmara dos Deputados, em frente das câmeras da Rede TV,⁸ em novembro de 2003, quando ele deu uma entrevista defendendo

⁶ A Comissão Nacional da Verdade foi um órgão colegiado criado pela Lei 12528/2011 e instituído em 16 de maio de 2012, que teve por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988, período que também inclui a Ditadura civil militar. Em dezembro de 2013, o mandato da CNV foi prorrogado até dezembro de 2014 pela medida provisória nº 632. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

⁷ Excerto transcrito do discurso do deputado durante sessão da Câmara e veiculado em matéria jornalística da TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vzNva866hiw>. Acesso em: 5 jul. 2020.

⁸ O vídeo completo do momento da agressão verbal pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=LD8-b4wvIjc>. Acesso: 5 jul. 2020.

a redução da maioria penal⁹ e ela o acusou de promover a violência, inclusive a violência sexual. Ele respondeu: “Jamais iria estuprar você, porque você não merece” e a chamou de “vagabunda”.¹⁰

Embora os sujeitos empíricos Jair Bolsonaro e Maria do Rosário, à época, ocupassem o mesmo lugar numa determinada estrutura social, o de deputado federal, parlamentar do Congresso Nacional, eles se reconheciam (e continuam se reconhecendo) com a forma-sujeito de Formações discursivas (FDs) divergentes. Na discursivização da mídia brasileira, do lugar social que ocupava, ganhou destaque por se posicionar a favor da ditadura civil-militar, da posse de arma de fogo para todos os cidadãos, dos valores cristãos e da família tradicional; e por propagar discursos de ódio contra mulheres, contra as minorias em geral, contra os direitos humanos e todos que defendem os direitos humanos,¹¹ indicando identificação com a forma-sujeito da FD de extrema direita. Ela, por sua vez, ganhou notoriedade por se posicionar como defensora dos direitos humanos e pelo estado democrático de direitos. Foi relatora e autora de leis brasileiras de combate à exploração sexual de crianças e adolescentes e ocupou o cargo de Ministra dos Direitos Humanos da Presidência da República entre abril de 2011 e abril de 2014, no primeiro mandato da então presidente Dilma Rousseff, o que indica identificação com a forma-sujeito da FD de esquerda.

Ressaltamos que, mesmo que se identifiquem com a forma-sujeito de formações discursivas divergentes, espera-se que enunciem de modo cortês. Ocorre, entretanto, que as formações discursivas são os lugares de constituição dos sentidos que determinam o que deve e o que pode ser dito. Isso implica, neste caso, que a contradição, no que concerne aos direitos humanos, está no cerne da constituição dos efeitos-sentido dos

⁹ Havia, no momento, uma discussão nacional a respeito do crime de tortura e assassinato do casal Liana Friedenbach e Felipe Caffé, em um sítio no interior de São Paulo, por um grupo liderado por Roberto Aparecido Alves Cardoso, conhecido por “Champinha”, menor de idade, à época do crime.

¹⁰ Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/504802/noticia.html>. Acesso em: 20 dez. 2019,

¹¹ Entre declarações em que podemos identificar discursos de ódio contra mulheres e minorias em geral, destacamos: “Eu não empregaria [mulheres e homens] com o mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente”. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/08/18/bolsonaro-afirmou-sim-que-nao-empregaria-mulher-com-mesmo-salario-de-homem_a_23504540/. Acesso em: 28 dez. 2019.

insultos verbais que envolveram os dois parlamentares, mas a contradição não justifica agressão verbal, nem discursos de ódio às minorias, racistas, homofóbicos e misóginos. A seguir, analisamos SDs que fazem parte da rede de circulação-confronto de formulações a respeito do caso de insulto em questão:

(SD01) Em discurso no plenário, o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ) disse ontem que **só não cometeria estupro contra a deputada Maria do Rosário (PT-RS) “porque ela não merece”**. O ataque ocorreu depois de a petista usar a tribuna da Câmara para comemorar o Dia Internacional dos Direitos Humanos e tratar da entrega do relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV). É a segunda vez que Bolsonaro ofende a ex-ministra da Secretaria de Direitos Humanos ao fazer uma relação com estupro (<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/504802/noticia.html>. Grifos nossos.).

(SD02) Maria do Rosário deixava o plenário da Câmara depois de fazer o discurso, quando Bolsonaro subiu à tribuna e gritou: “Não saia, não, Maria do Rosário, fique aí. Fique aí, Maria do Rosário. Há poucos dias você me chamou de estuproador no Salão Verde e **eu falei que eu não estuprava você porque você não merece**. Fique aqui para ouvir” (<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/504802/noticia.html>. Grifos nossos.).

(SD03) Reincidente

É a segunda vez que Bolsonaro, na condição de deputado, **diz que não estuprará Maria do Rosário porque ela não merece**. Em novembro de 2003, ele discutiu com ela, que era deputada, diante das câmeras da RedeTV! no Congresso Nacional. Ela havia acusado Bolsonaro de promover a violência, inclusive sexual: “O senhor promove sim”, dizia a deputada. “Grava aí que agora eu sou estuproador”, retrucou o petista. “**Jamais iria estuprar você, porque você não merece**”, acrescentou (<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/504802/noticia.html>>. Grifos nossos.).

- (SD04) Diante da fala, Maria do Rosário disse que daria uma bofetada em Bolsonaro se ele tentasse algo. Passou a receber empurrões do deputado, que a respondia “dá que eu te dou outra”, antes de começar a chamá-la de “**vagabunda**” e ser contido pelos seguranças da Câmara. Alterada, a petista criticou-o por chamar qualquer mulher de “vagabunda” (<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/504802/noticia.html>. Grifos nossos.).
- (SD05) Juíza manda Bolsonaro pagar R\$10 mil a Maria do Rosário por ofensas”. “Tatiana Medina, da 18ª Vara Cível de Brasília, deu 15 dias para o presidente indenizar petista por ter dito que **não a estuprava porque ‘ela é muito feia’**” (<https://veja.abril.com.br/politica/juiza-manda-bolsonaro-pagar-r-10-mil-a-maria-do-rosario-por-ofensas/>. Grifos nossos.).
- (SD06) Marco Aurélio Mello rejeitou recurso e manteve indenização por danos morais à deputada do PT. Presidente foi condenado por declarar que **ela não merecia ser ‘estuprada’ por ser ‘muito feia’**” (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/02/stf-nega-recurso-de-bolsonaro-e-mantem-indenizacao-a-maria-do-rosario.shtml>. Grifos nossos.).
- (SD07) A indenização por danos morais se refere ao episódio em que Bolsonaro disse que **Maria do Rosário não merecia ser estuprada**. Após ter feito tal afirmação na Câmara, o então deputado repetiu em entrevista que “**ela não merece porque ela é muito ruim, porque ele é muito feia, não faz meu gênero**” (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/02/stf-nega-recurso-de-bolsonaro-e-mantem-indenizacao-a-maria-do-rosario.shtml>. Grifos nossos.).

Nas SDs 01, 02, 03, 04, 05, 06 e 07, identificamos o que Pêcheux (2009) chama de efeito metafórico, que consiste no deslizamento entre dois pontos produzidos pela formulação, reformulação e/ou deslocamento de sentidos. Segundo Fonseca-Silva (2012), é por meio do deslizamento de sentidos, seja pela paráfrase, nos processos de formulação e reformulação, seja pela polissemia, nos processos de

ruptura, de deslocamento, que é possível que o analista alcance tanto a interpretação quanto a historicidade dos enunciados, porque “de um lado, palavras, expressões, etc., não significam por si sós; de outro lado, não há sentido sem metáfora, pois o sentido se delinea sempre na relação que uma palavra ou uma expressão tem com outra palavra ou outra expressão” (FONSECA-SILVA, 2012, p. 194). Na relação de efeito metafórico e no jogo parafrástico de circulação-confronto de formulações que atravessam as SDs de 01 a 07, destacamos:

- (a) “só não cometeria estupro contra a deputada Maria do Rosário”
(PT-RS) “porque ela não merece”.
“eu falei que eu não estuprava você porque você não merece”
“diz que não estuprará Maria do Rosário porque ela não merece”
“Maria do Rosário não merecia ser estuprada”
- (b) “vagabunda”
“não a estuprava porque ‘ela é muito feia’
“ela não merece porque ela é muito ruim, porque ele é muito feia, não faz meu gênero”

Na opacidade das palavras e expressões que materializam o insulto, destacadas em (a) e (b), identificamos uma posição-sujeito que produz efeitos-sentido de desqualificação, de aniquilamento do adversário, de hostilidade máxima à mulher, de misoginia.

No jogo parafrástico de (a), a posição-sujeito produz o efeito de que algumas mulheres merecem ser estupradas e outras não merecem. Nos pontos de deriva de sentidos engendrados pela circulação-confronto, o estupro é um prêmio ou uma espécie de tortura/punição. De um lado, uma mulher “merece” ser estuprada por apresentar características contrárias àquelas atribuídas ao seu objeto de insulto; por outro, uma mulher “não merece” ser estuprada por ser igualmente o seu objeto de insulto, a quem nem mesmo um ato hediondo como o estupro seria uma punição satisfatória para o insultante. No jogo parafrástico de (b), a mesma posição-sujeito produz um efeito-sentido de justificação e reforço

do insulto: mulher que não merece o estupro é mulher “vagabunda”, “feia”, “muito ruim”,¹² “não faz o gênero”.

A posição-sujeito identificada nas SDs de 01 a 07 funciona no interior da FD de extrema-direita que reduz, produz e reforça o efeito-sentido de desqualificação da mulher por meio de discursos misóginos, machistas e sexistas. A ameaça denegada presente no enunciado “eu não te estupro porque você não merece” desliza para tornar-se outro, no entanto, e, por produzir um efeito-sentido de hostilidade máxima à pessoa humana, viola os direitos humanos e é considerado um crime, no sistema jurídico brasileiro. No trabalho, *Deslizamientos en los sentidos de víctima y autor de delito sexual en los títulos de los Códigos Penales brasileños que se ocupan de los delitos sexuales y efectos de sentido*, Silva e Fonseca-Silva (2014) analisaram os códigos penais brasileiros de 1830, de 1890 e de 1940 e a Lei 12.015/2009, a fim de identificar os efeitos-sentido de crime em cada Código e os deslizamentos de sentidos operados com a Lei 12.015 de 2009. Todos os códigos, determinados pelas condições de possibilidade de cada época, normatizaram o que se configurava como crime de estupro e quem poderia ser o autor e a vítima de estupro. Mostram que a lei de 2009, instituída em uma discursividade pela emergência da luta pelos Direitos Humanos e a Dignidade da Pessoa, incorporou o atentado violento ao pudor (ato sexual sem penetração) ao crime de estupro. Os códigos também estabeleceram uma reestruturação da posição-sujeito vítima e da posição-sujeito autor do delito. Qualquer pessoa, seja homem seja mulher, pode ser autor e vítima de crime sexual. Ainda sobre a natureza do crime, em 2009, a 1ª turma do Supremo Tribunal Federal, por decisão unânime, manteve o entendimento da corte de que o estupro configura crime hediondo.¹³ Antes, o estupro só seria considerado crime hediondo caso o ato incorresse em lesão grave ou morte, classificado de estupro qualificado. Atualmente, todo ato tipificado como estupro configura-se crime hediondo. Ao identificar esses movimentos de sentidos sobre esse crime, a ameaça denegada

¹² Esses termos são classificados no grupo no qual linguistas (ROSIER, 2009; YAGUELLO, 1982) costumam chamar de *ad hominem*, visto que esses termos consistem em uma desqualificação produzida por considerações sobre a aparência física ou um suposto comportamento do insultado.

¹³ Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=109941>. Acesso em: 16 abr. 2020.

de estupro, “só não te estupro/estupraria porque você não merece/mereceria”, configura como quebra de decoro parlamentar como veremos mais adiante, mas também mobiliza memórias da tortura, principalmente daquelas cometidas durante o Regime Militar.

Para dar prosseguimento a essa análise, retornamos ao nosso *corpus*, e acrescentamos trechos de outra matéria, também divulgada no site da *Agência Câmara de Notícias*, na qual o deputado declara em entrevista as motivações do ataque, descritas nas SDs 08 e 09:

(SD08) Segundo Bolsonaro, **a primeira discussão foi em torno da redução da maioria penal e, agora, o motivo foi o fim dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade.** (<https://www.camara.leg.br/noticias/447616-conselho-de-etica-instaura-processo-por-quebra-de-decoro-contra-jair-bolsonaro/>. Grifos nossos.)

(SD09) “Apesar de nós, homens, sermos mais insensíveis a provocações, **ela me chamou de estuprador.** Ao discursar sobre **as calúnias da comissão conhecida como da verdade** – para mim, **é a comissão da farsa e da mentira** –, **ela atacou as Forças Armadas de maneira geral**”, afirmou. “Eu simplesmente rememorei um fato ocorrido em 2003, nada mais além disso [...]”. (<https://www.camara.leg.br/noticias/447616-conselho-de-etica-instaura-processo-por-quebra-de-decoro-contra-jair-bolsonaro/>. Grifos nossos.)

Essas sequências discursivas encontram-se em relação parafrástica com a série de sequências apresentadas anteriormente. A SD08 encontra-se em relação parafrástica com a SD03, que apresenta o autor de insulto como “reincidente” e atualiza a memória os dois momentos em que o ato de violência verbal ocorreu: “É a segunda vez que Bolsonaro, na condição de deputado, diz que não estuprará Maria do Rosário”, “a primeira discussão foi em torno da redução da maioria penal e, agora o motivo foi o fim dos trabalhos na Comissão Nacional da Verdade”. No início desse tópico, apresentamos as condições em se realizaram os dois atos de agressão verbal que estão relacionados aos sentidos de Direitos Humanos produzidos em formações discursivas diferentes e divergentes.

O primeiro caso engendrou uma tensão de posições entre os deputados que se manifestavam contra ou a favor da redução da maioria penal e gerou a primeira agressão verbal que quase terminou em agressão física. Na SD03, o deputado Jair Bolsonaro foi convocado a ocupar a posição-sujeito daquele que “promove violência, inclusive a sexual” na discursividade do adversário político, comumente o adversário à esquerda do espectro político brasileiro. E no conflito, a formulação linguística de uma formação discursiva de esquerda deriva seu sentido quando enunciada pelo sujeito político de extrema-direita. A formulação “promove essas violências, inclusive a sexual” deriva para “estuprador”, denominação retomada na SD09, produzindo o efeito-sentido de vítima de calúnia, ao mesmo tempo que, no encadeamento parafrástico, se identifica nessa posição-sujeito pela ameaça denegada de estupro contra a deputada.

O segundo motivo, já mencionado na primeira série de sequências discursivas selecionadas, é apresentado por meio do discurso relatado (AUTHIEZ-REVUZ, 2004), “ela me chamou de estuprador”, “ela atacou as Forças Armadas de maneira geral”, ela defendeu “as calúnias da comissão conhecida como da verdade, para mim é a comissão da farsa e da mentira”, produzindo o efeito-sentido de provocação da adversária contra suas posições. Assim, se na FD de esquerda o efeito-sentido produzido pela declaração do deputado é de agressão verbal e incitação ao estupro, na FD de extrema-direita, a declaração produz um efeito-sentido de defesa ou de resposta a uma provocação.

O embate político instaura a tensão entre posições-sujeito de divergentes FDs sustentadas em um mesmo lugar social, fazendo funcionar a memória na estrutura da língua, reestruturando os enunciados e os sentidos de “Direitos Humanos”. De um lado, há uma posição-sujeito que defende conjunto de direitos e garantias do ser humano, institucionalização, com proteção ao poder estatal e a garantia das condições mínimas de vida e desenvolvimento do ser humano a todas as pessoas, a fim de garantir o direito à dignidade da pessoa humana; é contra a redução da maioria penal, defende o trabalho da Comissão Nacional de Verdade, que investigou violações cometidas pelo Estado durante o governo militar; de outro lado, há uma posição-sujeito que reestrutura os efeitos-sentido de verdade e de mentira e indica quem pode ou não pode ser protegido pelas instituições de defesa dos “Direitos humanos”. Na FD em que funciona essa posição-sujeito, o trabalho da

Comissão Nacional da Verdade¹⁴ é uma “mentira”, uma “farsa”, porque ataca [a imagem] das Forças Armadas, grupo encarregado da instauração e governo militar em 1964 que, dentre outras medidas, foi responsável pela supressão dos direitos políticos, fechamento do Congresso Nacional brasileiro, cerceamento da liberdade de expressão.

Dessa forma, o que na FD de esquerda é classificado como crime contra o povo brasileiro no período de governo Militar, na FD de extrema-direita, são ações legítimas, e por isso a sua honra presente não pode ser atacada. Produz-se, então, nas confronto-formulações efeitos-sentido de injustiça. Na FD da esquerda, a injustiça se volta contra as vítimas do Estado que merecem ter sua memória resgatada; e na FD de extrema-direita, produz-se o efeito de injustiça contra as Forças Armadas, que fez o que foi necessário para garantir a ordem. De modo inverso, sobre a redução da maioridade penal – tema que provocou a primeira situação de insulto envolvendo os dois deputados –, há, nessa FD, também uma produção do efeito de injustiça e impunidade, uma vez que as medidas punitivas aplicadas pelo ECA são consideradas muito brandas para serem tratadas como punição. Logo, não é legítimo que alguém que cometa um crime, sendo menor de idade, não possa ser “punido” com o rigor necessário. Na FD de esquerda, as medidas socioeducativas do ECA são legítimas e precisa ser cumprido.

Ao recuperar a memória da repressão na ditadura militar, não só no Brasil, mas em toda a América Latina, a tortura de cidadãos considerados perigosos para o regime era prática comum. Os meios de tortura relatados pelos presos políticos eram diversos e, dentre eles, havia a violência sexual¹⁵ praticada contra mulheres, homens e até mesmo crianças. Audoin-Rouzeau (2013), ao relacionar a virilidade

¹⁴ É importante ressaltar que a Comissão Nacional da Verdade não tem caráter punitivista. Ela foi formada com o intuito de se apurar casos de tortura que envolveram agentes do Estado Brasileiro no período investigado. A pesquisadora Freda Indursky (2013) apresenta uma análise da lei da Anistia e da Comissão Nacional da Verdade no posfácio da 2ª edição do seu livro *A fala dos quartéis e as outras vozes*.

¹⁵ Alguns relatos de tortura e violência sexual cometida por agentes do Estado do período Militar foram reportados na mídia. Ver, por exemplo: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/10/politica/1418210232_634592.html?id_externo_rsoc=FB_CC&fbclid=IwAR2V65jbEP2PgzdeqhG1WZ4DI1DKCD8PHUFpthFg2oqYoPadQ1WkJENLHKQ. Acesso: 16 fev. 2020. Para relatório completo da Comissão Nacional da Verdade, consultar: <http://memoriasdaditadura.org.br/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

e a sexualidade em situações de guerra, discute a instauração de um “*habitus* militar-viril” (p. 247) da cultura combatente que arregimenta um conjunto dos gestuais e das representações de si, dos outros e das mulheres na “virilização” dos soldados. O valor sexual constitui um ponto fundamental da formação militar e a dimensão fálica da arma é explorada de forma exacerbada. A autora cita, por exemplo, o relato de um veterano do Vietnã que apresenta a seguinte declaração: “uma arma é um poder. Para alguns, ter uma arma é como ter uma ereção permanente. Era um prazer sexual puro cada vez que se puxava o gatilho” (DAVE GROSSMAN *apud* AUDION-ROUZEAU, 2013, p. 249). A erotização da arma faz parte então da discursividade da violência em períodos de guerra, estabelecendo-se como símbolo de poder, força e virilidade. É importante destacar que o sujeito político Jair Bolsonaro é conhecido nas mídias por sempre fazer um gesto com as mãos em “L”, com os dedos indicador e polegar, mimetizando uma arma, além de ser a favor, dentre suas propostas, de facilitar o acesso às armas para a população brasileira. Assim, palavras e gestos produzem efeitos na enunciação do insulto sexual como uma desqualificação brutal do adversário e não apenas como um processo normal do jogo político como uma extensão do antagonismo de posições, como aponta Oger:

Enfim, tanto psicanálise como a análise do discurso dos insultados nos convidam a considerar com muita reserva ou circunspeção de valorização paradoxal a violência verbal, que se apresenta às vezes como um substituto de modo totalmente positivo à violência física, à qual se evitaria recorrer. O assassinato simbólico do adversário como procedimento de linguagem (Oger, 2003), e no caso das mulheres, a humilhação traumática comparada àquela do estupro (Oger, 2006) constituem indícios de uma relação – simbólica se não consecutiva – entre violência verbal e violência física (OGER, 2012, p. 2-3. Tradução nossa).¹⁶

¹⁶ Do original: “Enfin, la psychanalyse comme l’analyse du discours des injurié(e)s invitent à considérer avec beaucoup de réserve ou de circonspection la valorisation paradoxale de la violence verbale, présentée parfois comme un substitut somme toute positif à la violence physique, à laquelle elle éviterait au moins de recourir. La mise à mort symbolique de l’adversaire comme procédé langagier (Oger 2003), et dans le cas des femmes, l’humiliation traumatique comparée à celle du viol (Oger 2006) constituent des indices d’une relation – symbolique, à défaut de consécutive – entre violence verbale et violence physique” (OGER, 2012, p. 2-3).

Damos prosseguimento às análises das sequências discursivas retiradas de matéria divulgada na *Agência Câmara Notícias*, apresentamos aquelas que se referem à responsabilização do deputado Bolsonaro por suas declarações. Macedo (2020), ao tratar da discursivização de crime e de dano contra a mulher empregada doméstica na esfera trabalhista e na esfera criminal, aponta para uma fragmentação do Direito brasileiro possibilitada pela interpretação da lei sobre um mesmo fenômeno sob os diferentes âmbitos da Justiça, como espaços discursivos logicamente não estabilizados. Apresentamos agora como essa polissemia de interpretação sobre o fenômeno da agressão verbal é discutida:

- (SD10) Também nesta terça, **acompanhada por representantes da bancada feminina do Congresso e defensores dos direitos humanos, a deputada Rosário protocolou, no Supremo Tribunal Federal, queixa-crime por injúria e calúnia contra Bolsonaro.** (<https://www.camara.leg.br/noticias/447616-conselho-de-etica-instaura-processo-por-quebra-de-decoro-contra-jair-bolsonaro/>. Grifos nossos.)
- (SD11) **Rosário negou ter chamado o deputado de estuprador:** “Jamais, jamais o chamei [de estuprador]. E, se as pessoas virem o vídeo inteiro, **verão que isso é injúria, calúnia e difamação, que eu não aceito.** Por isso, **entrei com uma queixa-crime, porque quero que ele seja punido por isso**”. (<https://www.camara.leg.br/noticias/447616-conselho-de-etica-instaura-processo-por-quebra-de-decoro-contra-jair-bolsonaro/>. Grifos nossos.)
- (SD12) O líder do PT na Câmara, Vicentinho (SP), disse **que o partido entrará com uma representação na Comissão de Ética por quebra de decoro parlamentar, além de abrir um processo judicial contra Bolsonaro.** (<https://www.camara.leg.br/noticias/447616-conselho-de-etica-instaura-processo-por-quebra-de-decoro-contra-jair-bolsonaro/>. Grifos nossos.)
- (SD13) **Ministério Público**
Na segunda-feira, **a vice-procuradora geral da República, Ela Wiecko, já havia apresentado denúncia contra Bolsonaro,**

também no STF, **por incitação ao crime de estupro**, com pena prevista de 3 a 6 meses de prisão. (<https://www.camara.leg.br/noticias/447616-conselho-de-etica-instaura-processo-por-quebra-de-decoro-contra-jair-bolsonaro/>. Grifos nossos.)

As SDs 10 a 13 estão em relação parafrástica e reporta as medidas legais tomadas pela deputada/PT/Ministério Público/defensores dos direitos humanos contra o ato de agressão verbal do deputado. No entanto, a polissemia de sentidos surge a partir de diferentes tratamentos dispensados a um mesmo fato, de acordo com a apreciação da denúncia: uma denúncia foi apresentada no âmbito administrativo, na Comissão de ética da Câmara (SD12), e três denúncias foram protocoladas na justiça comum, uma na vara cível e duas na vara penal (SDs 10, 11 e 13). No âmbito administrativo, Maria do Rosário e o PT ocupam a mesma posição-sujeito de denunciante enquanto Jair Bolsonaro é convocado a ocupar a posição-sujeito de denunciado por quebra de decoro parlamentar.

Já na Justiça comum, o ato de agressão verbal cabe denúncia tanto no âmbito cível quanto no âmbito penal. No âmbito cível, os efeitos-sentido jurídicos da violência verbal são produzidos a partir do funcionamento da lei, especificamente do Artigo 5º, inciso V da Constituição Federal/88 que dispõe:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
V – é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além de indenização por dano material, moral ou à imagem;¹⁷

Este artigo está enquadrado no título da CF/88 que dispõe dos direitos e das garantias fundamentais de brasileiros e residentes no País e discorre sobre os direitos e deveres individuais e coletivos. O inciso V do artigo 5º assegura tanto o direito de resposta quanto a indenização caso ocorra a violação de um bem, seja material, moral ou à imagem do cidadão. Assim, nessa discursividade, os efeitos-sentido produzidos pela denúncia da agressão verbal na esfera cível convocam o deputado de extrema-direita a ocupar a posição-sujeito de requerido de ação de

¹⁷ Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_06.06.2017/art_102_.asp. Acesso: 17 fev. 2020.

indenização por dano moral e à imagem de outrem, ao passo que a deputada ocupa a posição-sujeito de requerente de ação de indenização por dano moral na justiça comum. Já no âmbito penal, os efeitos-sentido jurídicos da violência verbal são produzidos a partir do funcionamento da lei, especificamente no Artigo 286 do Código Penal, que dispõe: “Incitar, publicamente a prática de crime: Pena: detenção, de três a seis meses, ou multa”.¹⁸ Essa ação penal foi movida pelo próprio Ministério Público, conforme consta na SD13, no qual Bolsonaro é convocado a ocupar a posição-sujeito réu por incitação ao crime de estupro.

Uma segunda ação foi movida na esfera penal contra Bolsonaro, conforme SD11, em que “a deputada nega ter chamado o deputado de estuprador”. Assim, o seguinte enunciado, apresentado entre aspas na forma de discurso relatado (AUTHIER-REVUZ, 2004), “se as pessoas verem o vídeo inteiro, verão que isso é injúria, calúnia e difamação, que eu não aceito”, produz o efeito de falsa acusação sofrida por Maria do Rosário praticada por Jair Bolsonaro. Nessa direção, “o vídeo inteiro”, gravado em 2003 pela Rede TV quando entrevistava Bolsonaro e captou a discussão entre os dois parlamentares, desliza seu sentido para prova tanto da inocência da deputada quanto da falsa acusação do deputado Jair Bolsonaro ao imputar-lhe um crime contra sua honra. A própria deputada Maria do Rosário ofereceu denúncia contra o deputado por crime de injúria, previsto no artigo 140 do Código Penal:¹⁹

Art. 140 - Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro:

Pena - detenção, de um a seis meses, ou multa.

§ 1º - O juiz pode deixar de aplicar a pena:

I - quando o ofendido, de forma reprovável, provocou diretamente a injúria;

II - no caso de retorsão imediata, que consista em outra injúria.

§ 2º - Se a injúria consiste em violência ou vias de fato, que, por sua natureza ou pelo meio empregado, se considerem aviltantes:

Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa, além da pena correspondente à violência.

¹⁸ Disponível em: https://www.meuvademeconline.com.br/legislacao/codigos/3/codigo-penal-decreto-lei-n-2-848-de-7-de-dezembro-de-1940/artigo_286. Acesso em: 17 fev. 2020.

¹⁹ Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10622653/artigo-140-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>. Acesso em: 17 abr. 2020.

As ações penais movidas contra o deputado produzem efeitos-sentido jurídicos, nas quais Jair Bolsonaro é convocado a ocupar a posição-sujeito réu e a deputada Maria do Rosário ocupa a posição-sujeito vítima de injúria. No entanto, mobilizamos mais uma vez a noção de lugar social para identificar o funcionamento jurídico no que diz respeito ao julgamento dessas ações. Segundo o Artigo 102, Inciso I e alínea b da Constituição Federal de 1988:²⁰

Art. 102. Compete ao Supremo Tribunal Federal, precipuamente, a guarda da Constituição, cabendo-lhe:

I - processar e julgar, originariamente:

b) nas infrações penais comuns, o Presidente da República, o Vice-Presidente, os membros do Congresso Nacional, seus próprios Ministros e o Procurador Geral da República;

Consoante o disposto acima, o lugar social de Jair Bolsonaro produziu efeitos-sentido jurídicos nas ações penais nas quais ele se tornou réu. Uma vez que ele ocupa o lugar social de membro do Congresso Nacional, é competência do Supremo Tribunal Federal processar e julgar as duas denúncias apresentadas contra ele, uma movida por sua colega de Parlamento, outra pelo próprio Ministério Público. Apresentamos ainda o curso dessas ações e os efeitos-sentido jurídicos produzidos com a mudança do lugar social de Jair Bolsonaro, de deputado federal para presidente da República:

(SD14) A juíza Tatiana Dias da Silva Medina, da 18ª Vara Cível de Brasília, fixou um prazo de 15 dias para que o presidente **Jair Bolsonaro pague 10.000 reais de indenização à deputada federal Maria do Rosário (PT-RS) por ofensas contra ela.** Conforme decisão da magistrada, o presidente também terá de se retratar em um jornal de grande circulação e nas redes sociais. (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/02/stf-nega-recurso-de-bolsonaro-e-mantem-indenizacao-a-maria-do-rosario.shtml>. Grifos nossos.)

²⁰ Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_06.06.2017/art_102_.asp. Acesso em: 17 mar. 2020.

- (SD15) **O ministro do STF Marco Aurélio negou recurso do presidente Jair Bolsonaro (PSL) e manteve decisões de instâncias inferiores que o condenou a pagar R\$ 10 mil à deputada Maria do Rosário (PT-RS).** A decisão é do dia 14 e foi publicada nesta terça-feira 19. (<https://www.conjur.com.br/2019-fev-19/marco-aurelio-mantem-indenizacao-bolsonaro-maria-rosario>. Grifos nossos.)
- (SD16) Para a ministra [Nancy Andrighi, do Supremo Tribunal de Justiça], considerando que a ofensa foi divulgada na imprensa e na internet, o simples fato de o parlamentar estar no recinto da Câmara dos Deputados “é elemento meramente acidental, que não atrai a aplicação da imunidade”. (<https://kleberruddy.jusbrasil.com.br/noticias/488517208/stj-condena-jair-bolsonaro-a-indenizar-deputada-maria-do-rosario-por-danos-morais>.)
- (SD17) **A defesa de Bolsonaro recorreu ao Supremo sob o argumento de que as declarações estavam protegidas pela imunidade parlamentar** prevista na Constituição – alegação que já havia sido rejeitada pelo STJ. Em sua decisão, o ministro Marco Aurélio afirmou que o recurso ao STF pretendia gerar um reexame de provas, o que não é admitido. (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/02/stf-nega-recurso-de-bolsonaro-e-mantem-indenizacao-a-maria-do-rosario.shtml>. Grifos nossos.)
- (SD18) **A ação que gerou a condenação ao pagamento de indenização tramitou na esfera cível. Na área penal, Bolsonaro era réu em duas ações no STF sob acusação de incitar o crime de estupro e de cometer injúria. Essas ações foram suspensas na semana passada pelo ministro relator, Luiz Fux, que se baseou na determinação constitucional de que o presidente da República só pode ser processado por supostos crimes praticados no exercício do mandato.** (<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/02/stf-nega-recurso-de-bolsonaro-e-mantem-indenizacao-a-maria-do-rosario.shtml>. Grifos nossos.)

As SDs 14, 15, 16 e 17 dizem respeito à condenação do deputado na vara cível, que o obrigou a pagar uma indenização para a deputada Maria do Rosário no valor de R\$10.000. Além disso, o agora presidente deve se retratar com sua adversária, tanto pelas redes sociais como em jornal de grande circulação no país, conforme prevê o Artigo 5º, Inciso V da Constituição Federal, mencionado anteriormente. A ação coube recurso, como mostra a SD16, que foi negado em todas as instâncias. No recurso houve a menção do Artigo 53 da Constituição Federal,²¹ que prevê: “Os Deputados e Senadores são invioláveis, civil e penalmente, por quaisquer de suas opiniões, palavras e votos”. Nessa posição discursiva, o efeito-sentido produzido no recurso, ao reestruturar/interpretar esse artigo da CF, é o da imunidade parlamentar como direito inviolável para desempenhar sua função pública, conforme alegou a defesa do deputado, apresentada na SD17. Nessa posição, a agressão verbal que gerou o processo, tanto na vara cível como na vara criminal, se constitui como uma manifestação livre de opinião e palavras em sua atividade pública. E nessa mesma direção, a condenação produz um efeito-sentido de quebra desse princípio e de cerceamento da liberdade de opinião. Na posição discursiva dos operadores jurídicos, seja o ministro do Supremo Tribunal Federal, Ministra do Tribunal Nacional de Justiça ou os juízes e das instâncias inferiores, o direito que prevê a imunidade parlamentar não é irrestrito, e a declaração do deputado não guarda nenhuma relação com a atividade parlamentar do deputado. Posto isso, a decisão foi mantida e Bolsonaro foi condenado na esfera cível, consoante as formulações das SDs 14,15 e 16. No entanto, a SD 18 apresenta um funcionamento discursivo diverso, atravessado pela mudança do lugar social do sujeito empírico Jair Bolsonaro, que incorreu na suspensão das ações penais. Apresentamos o Artigo 86 da CF,²² § 4, inscrito no Título IV que versa sobre a organização dos poderes, no Capítulo II, do poder executivo e da Seção III da Responsabilidade do Presidente da República:

Art. 86. Admitida a acusação contra o Presidente da República, por dois terços da Câmara dos Deputados, será ele submetido a julgamento perante o Supremo Tribunal Federal, nas infrações

²¹ Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_06.06.2017/art_53_.asp. Acesso em: 17 fev. 2020.

²² Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_86_.asp. Acesso em: 17 fev. 2020.

penais comuns, ou perante o Senado Federal, nos crimes de responsabilidade.

§ 4º O Presidente da República, na vigência de seu mandato, não pode ser responsabilizado por atos estranhos ao exercício de suas funções.

A SD18 produz o efeito-sentido de violação de um bem praticado pelo deputado Jair Bolsonaro que é convocado a ocupar a posição-sujeito condenado por dano moral na esfera cível. No entanto, as ações contra ele na esfera penal foram suspensas. Essa suspensão se deu pelo fato de que o lugar social do sujeito empírico Jair Bolsonaro mudou de deputado federal para presidente da República. Segundo o parágrafo 4 do artigo 86, o presidente só pode ser julgado pelo Supremo Tribunal Federal, mas não pode ser julgado por ações estranhas ao mandato. Isso se encaixa na esfera penal, mas não se aplica em situações julgadas na esfera cível. As ações penais foram suspensas e não extintas, o que significa que assim que se cessar a condição de presidente do réu, ou seja, assim que Jair Bolsonaro não ocupar mais o lugar social de presidente da República, os processos voltarão a tramitar normalmente.

Apresentamos o cumprimento da ordem judicial que obrigou o agora presidente Jair Bolsonaro a pedir desculpas pela ofensa dirigida à deputada federal Maria do Rosário.

(SD19) Cumprindo uma ordem judicial, o presidente **Jair Bolsonaro** (PSL) **pediu desculpas** nesta quinta-feira, 13, à deputada federal **Maria do Rosário** (PT-RS) por ofensas contra ela. (<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-pede-desculpas-a-maria-do-rosario-por-ofensas/>. Grifos nossos.)

(SD20) “**Venho pedir publicamente desculpas pelas minhas falas passadas dirigidas à deputada federal Maria do Rosário Nunes. Naquele episódio, no calor do momento, em embate ideológico entre parlamentares, especificamente no que se refere à política de direitos humanos, lembrei fato ocorrido em 2003, em que, após ser injustamente ofendido pela congressista em questão, que me insultava, chamando-me de esturpador, retruquei** afirmando que ela ‘não merecia ser esturpada’”, escreveu o presidente em sua conta oficial do Twitter. (<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-pede-desculpas-a-maria-do-rosario-por-ofensas/>. Grifos nossos.)

A SD 20 é um trecho da retratação pública a que o presidente Jair Bolsonaro foi obrigado a compartilhar por ter sido condenado por ter agredido verbalmente a deputada Maria do Rosário. Apesar de ser uma nota de retratação, cujo objetivo supunha um pedido de desculpas pelo ato de insulto contra a deputada, há o funcionamento de pelo menos dois efeitos-sentido: um efeito-sentido de amenização ou até mesmo uma negação do já-dito (o insulto) e um efeito-sentido do insulto como defesa ou até mesmo revide de um ataque anteriormente proferido pela deputada.

Assim, por meio da expressão “no calor do momento”, produziu-se, no enunciado, o efeito-sentido de amenização/negação do insulto, derivando para os sentidos de um excesso rotineiro e normalizado do “embate ideológico entre parlamentares, especificamente no que se refere à política de direitos humanos”, engendrada pela defesa das posições discursivas divergentes dos políticos em questão na Casa legislativa.

Pode-se identificar ainda, nessa posição discursiva, e no encadeamento parafrástico do enunciado, o presidente se subjetiva na posição de vítima, tanto do ataque da deputada, que o chamou de “estuprador” quanto da própria justiça, que o obrigou a reparar um dano que não existiu, marcado na língua pelo advérbio “injustamente”. Desse modo, nas formulações “após ser injustamente ofendido pela congressista”, “me insultava” e “retruquei”, há, então, o funcionamento de um efeito-sentido amenização do episódio manifestado por uma relação de causa e consequência que desencadeou o insulto, ou seja, o “suposto” insulto só teria acontecido porque antes a parlamentar o atacou. Portanto, apesar de afirmar ser um pedido de desculpas, o presidente repete que a deputada o insultou (declaração que serviu justamente para a ação penal por crime de injúria movida por Maria do Rosário contra Bolsonaro), produzindo um efeito-sentido de contestação da obrigatoriedade do pedido de retratação pública. Dito de outro modo, não houve uma materialização de um pedido de desculpas: a retratação pública deslizou para os sentidos de amenização, justificativa e de defesa da referida agressão verbal e até mesmo a sua completa negação.

Por fim, a deputada Maria do Rosário também fez um pronunciamento a respeito da condenação do antigo deputado. Constituiu-se uma relação de equivalência entre a parte e o todo, construída pela associação entre as “violências e humilhações” tanto públicas como privadas, ou seja, entre as violências sofridas por ela na posição de parlamentar em plena atividade pública e por todas as mulheres que

passam por essas mesmas violências (verbais, físicas, psicológicas) cotidianamente. Nesse sentido, sua vitória também é uma vitória de todas as mulheres. No enunciado, a deputada ainda reiterou seu lugar social como política que ocupa a posição-sujeito de defensora dos direitos humanos, manifestada no funcionamento de uma relação de equivalência entre todo-parte, dessa vez marcada especificamente nos “direitos da mulher, pela dignidade das mulheres”:

“Compartilho a vitória com todas as mulheres que sofrem humilhações e violências, a quem sempre defenderei. E que **na política**, tenham aprendido que **não existe imunidade parlamentar para agir contra a lei e desrespeitar quem quer que seja**”, disse Maria do Rosário à reportagem. Em um vídeo compartilhado em suas redes sociais, a parlamentar anunciou que vai **doar o dinheiro “entidades e pessoas que atuam na área dos direitos da mulher, pela dignidade das mulheres”**. (<https://veja.abril.com.br/politica/juiza-manda-bolsonaro-pagar-r-10-mil-a-maria-do-rosario-por-ofensas/>. Grifos nossos.)

4 Conclusão

Objetivamos com este trabalho analisar efeitos-sentido de um caso de violência verbal praticado no Parlamento brasileiro, em 2014, que repercutiu nas mídias brasileiras e gerou uma batalha jurídica e política.

A partir do referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso, selecionamos matérias jornalísticas que repercutiram esses eventos até o seu desfecho com o intuito de identificar os efeitos-sentido produzidos na relação entre o discurso político e o discurso jurídico na prática da violência verbal na esfera pública, de acordo com os lugares sociais aos quais os deputados Jair Bolsonaro e Maria do Rosário ocuparam e as posições-sujeitos nas quais os parlamentares se subjetivaram e/ou foram convocados a ocupar. Fizemos um breve levantamento acerca dos estudos sobre insulto e das relações entre linguagem e violência verbal e traçamos algumas considerações a respeito das implicações jurídicas na análise do *corpus* selecionado.

Os resultados indicam que, no entrecruzamento do discurso político e do discurso jurídico no caso de agressão verbal aqui discutido, houve uma tensão e contradição de diferentes formações discursivas que engendraram sentidos e posições-sujeitos diferentes. Identificamos,

primeiramente, os efeitos produzidos pelas posições-sujeito diferentes que se sustentaram no lugar social da política, onde a contradição se mostrou nos efeitos-sentido disputados e reestruturados sobre a matéria dos Direitos Humanos, analisados, particularmente em dois momentos: um que se refere à discussão da redução da maioria penal, em 2003, e o outro, à entrega do relatório final da Comissão Nacional da Verdade, em 2014. A partir dessas posições discursivas divergentes, as quais chamamos de esquerda e de extrema-direita, foram produzidos efeitos-sentido de agressão verbal e de embate próprio e normal do jogo político, respectivamente. Em um segundo momento, identificamos e analisamos os efeitos-sentido jurídicos da denúncia de incitação ao crime, dano moral e injúria, tanto na esfera cível quanto na esfera penal, e os efeitos-sentido jurídicos que se estabeleceram nesse espaço não logicamente estabilizado, onde a disputa engendrou memórias e saberes jurídicos que atravessaram o aspecto político, produzindo, no processo e no julgamento da ação, os efeitos-sentido de dano que também foram ressignificados nas posições discursivas de extrema-direita como injustiça e nas posições discursivas da esquerda como vitória, não só de uma, mas de todas as mulheres que sofrem qualquer tipo de violência.

Agradecimentos

Destacamos, em primeiro lugar, que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 (bolsa PNPd), e com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Bolsa PQ), no Laboratório de Pesquisa de Análise de Discurso (LAPADis), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Destacamos, em segundo lugar, que a leitura e observações pertinentes dos pares cegos contribuíram de forma positiva para a versão final deste artigo.

Declaração de autoria

Este artigo foi produzido de maneira colaborativa pelas autoras Joseane Silva Bittencourt e Maria da Conceição Fonseca-Silva. A discussão da temática foi elaborada por ambas as autoras. A seleção do *corpus* e o levantamento bibliográfico sobre agressão verbal/insulto é parte da pesquisa de pós-doutorado de Joseane Silva Bittencourt, intitulado “O insulto na tribuna: a discursivização de ataques à honra de/contra

sujeitos políticos na mídia eletrônica brasileira”, realizada no interior do Laboratório de Pesquisa em Estudos do Discurso (LAPADis), do Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso (GPADis), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. A análise do *corpus*, a discussão dos resultados, a conclusão e as referências foram elaboradas conjuntamente pelas autoras. A revisão da versão final, realizada após o aceite de publicação do artigo, também foi feita por ambas as autoras.

Referências

AUDOIN-ROUZEAU, S. Exércitos e guerras: uma brecha no coração do modelo viril? In: COURTINE, J. J.; CORBIN, A.; VIGARELLO, G. (org.). *História da virilidade. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. V. 3, p. 239-268.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: _____. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

BOUCHET, T. *Noms d'oiseaux. Le insulte en politique de la Restauration à nous jours*. Paris: Éditions Stock, 2010.

ELIAS, N. *O processo civilizador. Formação do Estado e civilização*. Trad. Ruy Jungman. Revisão, apresentação e notas Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. v. 2.

FONSECA-SILVA, M. C. Materialidades Discursivas: A fronteira ausente (Matérialités Discursives: La frontiere absente). *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, p. 91-97, jun. 2005. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v1i1.982>. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/982>. Acesso em: 15 dez. 2019.

FONSECA-SILVA, M. C. Memória, mulher e política do governo das capitanias à presidência da república, rompendo barreiras. In: TASSO, I.; NAVARRO, P. (org.). *Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursiva*. Maringá: Eduem, 2012. p. 183-208. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788576285830.0009>. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/hzj5q/pdf/tasso-9788576285830-09.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2002.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: INDURSKY, Freda. *Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites*. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 23-34.

HAROCHE, C.; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. A Semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso (1971). In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2007. p. 13-32.

INDURSKY, F. *A fala dos quarteis e as outras vozes*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

LABOV, W. *Language in the Inner City*. Studies in the Black English Vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAFOREST, M.; VINCENT, D. La qualification péjorative dans tous ses états. *Langue Française*, Paris, v. 144, p. 59-81, 2004. DOI: <https://doi.org/10.3406/lfr.2004.6808>. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_2004_num_144_1_6808. Acesso: 15 fev. 2020.

MACEDO, N. *Efeitos-sentido de violência contra a empregada doméstica na discursivização de inquéritos policiais e processos trabalhistas*. 2020. 122 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2020.

OGER, C. La conflictualité en discours: le recours à l'injure dans les arènes publiques. *Argumentation et Analyse du Discours*, Tel-Aviv, v. 8, [s.p.], 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/aad.1297>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aad/1297>. Acesso: 23 set. 2019.

ORLANDI, E. P. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso (Michel Pêcheux et l'Analyse de Discours). *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, p. 9-13, 2005. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v1i1.973>. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/973>. Acesso em: 5 jan. 2020.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Tradução de Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, M. Língua, linguagens, discurso. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (Org.). *Legados de Michel Pêcheux*. Inéditos em Análise de Discurso. São Paulo: Contexto, 2011.

PÊCHEUX, M. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 2014. p. 163-252.

ROSIER, L. *Petit traité de l'insulte*. Bruxelles: Espace des libertés, 2009.

SCHERER, A. E.; TASCHETTO, T. R. O Papel da Memória ou a Memória do Papel de Pêcheux para os Estudos Lingüístico-Discursivos (Le Rôle de la Mémoire ou la Mémoire du Rôle de Pêcheux pour les Études Linguistique-Discursives). *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 1, n. 1, p. 119-123, 2005. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/985>. Acesso: 1 dez. 2019.

SILVA, N. N. O. E.; FONSECA-SILVA, M. C.; Deslizamientos en los sentidos de víctima y autor de delito sexual en los títulos de los Códigos Penales brasileños que se ocupan de los delitos sexuales y efectos de sentido. In: RADL-PHILIPP, R. M.; FONSECA-SILVA, M. C. (org.). *Violencia contra las mujeres: perspectivas transculturales*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela; Servizo de Publicacións e Intercambios, 2014. p. 131-150.

YAGUELLO, M. *Le mots et les femmes*. Paris: Éditions Payot, 1982.



Responsabilidade enunciativa e posição ideológica em discursos polarizadores sobre o casamento homoafetivo

Enunciative responsibility and ideological position in polarized discourses about homoaffective marriage

Rosângela Alves dos Santos Bernardino

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Rio Grande do Norte,
Pau dos Ferros / Brasil

rosealves_23@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-7812-4829>

Daliane Pereira do Nascimento

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Rio Grande do Norte,
Pau dos Ferros / Brasil

dalianypereira@outlook.com

<https://orcid.org/0000-0002-6115-5968>

Raimundo Romão Batista

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Rio Grande do Norte,
Pau dos Ferros / Brasil

romao87@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5805-3592>

Resumo: Nunca foi tão fácil emitir publicamente opiniões, bem como julgar a opinião, a conduta e a vida alheias. Vivenciamos, atualmente, uma realidade de constantes inovações tecnológicas em que é possível a disseminação de discursos com maior alcance e rapidez, dada a variedade e a boa funcionalidade dos diferentes recursos midiáticos, das redes sociais e de tantas outras formas de interação *online*. Considerando esse cenário como propício à emergência de discursos polarizadores, conflitantes, expressivos de ódio e, portanto, intolerantes às diferenças, investigamos como se processa a responsabilidade enunciativa em discursos sobre o casamento homoafetivo, buscando depreender as estratégias textuais-discursivas sinalizadoras do gerenciamento de vozes e da posição

ideológica assumida pelos locutores-enunciadores. Para tanto, mobilizamos como categoria analítica os fenômenos de modalização autonímica, explorando especificamente as não-coincidências do dizer. O *corpus* constitui-se de 08 comentários inscritos no Portal de notícias G1, no *Facebook*, acerca de uma notícia sobre o casamento entre duas mulheres. Teoricamente, utilizamos os postulados da Análise Textual dos Discursos (ATD), conforme Adam (2011), em diálogo com os estudos de Authier-Revuz (1998), Bakhtin (2002, 2011), Volochínov (2017), Rabatel (2016, 2013, 2009) e outros. No material analisado, percebemos o embate de vozes, o “eu” atravessado pelo “outro”, em contextos de assunção e de imputação de pontos de vista, sendo isso sinalizado pela não-coincidência interlocutiva, pela não-coincidência do discurso consigo mesmo e, ainda, em contextos em que há o diálogo do sujeito com o próprio discurso, pela não-coincidência entre as palavras e as coisas e a não-coincidência das palavras consigo mesmas.

Palavras-chave: responsabilidade enunciativa; posição ideológica; discursos polarizadores; casamento homoafetivo.

Abstract: It was never so easy giving open opinion about, as well as judge opinion and others' life styles as it is nowadays. These days, we can see a reality that is always moving, changing especially due to high technology innovations. Through this technological tools people disseminate discourses that reach more and more other ones in an unthinkable speed, just because media resources have a wide range of sources and diversified tech-tools, at social networks and many others online interactions ways. Considering this scenario as a field proper to conflict, polarized discourses, hate expression and finally intolerance for differences, we investigate how enunciative responsibility is processed in discourses about homoaffective marriage, searching to understand text-discursive strategies that signal the management of voices and ideological position speakers-enunciators assume. To do that, we mobilized as analytic category autonimic modulation phenomena, just exploring non-coincidence of saying. The corpora are formed by eight comments posted at G1 Portal News on *Facebook*, after a report about a wedding ceremony between two women. As our background theory, we use theoretical contributions of Text Discourse Analysis, by Adam (2011), putting this theory in dialog with Authier-Revuz studies (1998), Bakhtin (2002, 2011), Volóchinov (2017), Rabatel (2016, 2013, 2009), among other scholars. We defined as analytic categories the phenomenon of Enunciative Responsibility, focusing on autonimic modulation phenomena and the notion of ideology. We could see the clash of voices, “me” crossed by the “other one” at the analyzed *corpora*. And we see those aspects in a context in which there are the imputation and the assumption of viewpoint. All of these signed through the non-coincidental interlocutive, through the non-coincidental discourse by itself, and also in context in which there is a dialog between the subject and his own discourse, through the non-coincidence between words and things and finally the non-coincidence between the words with themselves.

Keywords: enunciative responsibility; ideological position; polarized discourse; homoaffective marriage.

Recebido em 20 de março de 2020

Aceito em 15 de junho de 2020

1 Introdução

“Casal é homem e mulher”. Esse enunciado, entre muitos outros, foi enfaticamente evocado em comentários sobre a notícia divulgada pelo Portal de notícias G1, no *Facebook*, a respeito do casamento da cantora Ludmila com a modelo Brunna Gonçalves. Trata-se, neste contexto, de um modo de dizer que, dialogicamente, contesta um outro tipo de relação de sentido entre a palavra e a coisa, ou seja, nega a possibilidade da palavra casal referir-se à união efetiva entre duas mulheres. Instaure-se, a partir desse dizer, uma controvérsia: afinal, o que significa o lexema casal? Compreender o funcionamento desse tipo de discurso em interações *online* é o propósito mais geral deste trabalho. Com esse desígnio, iremos nos deter sobre a dimensão enunciativa do texto, adotando o postulado teórico de que esse objeto empírico, concreto e único, materializa vozes ou pontos de vista, conforme o contexto interacional em que é produzido e as regulações de determinado gênero de discurso. Assim, buscamos investigar como se processa a responsabilidade enunciativa e a posição ideológica em discursos polarizadores, materializados sob a forma de comentários de internautas, em função da referida notícia. Seguindo a direção teórico-metodológica proposta por Adam (2011) no âmbito da Análise Textual dos Discursos (ATD), mobilizamos como categoria analítica os fenômenos de modalização autonímica, explorando especificamente as não-coincidências do dizer enquanto marcas linguísticas de responsabilidade enunciativa.

Adam (2011) situa a responsabilidade enunciativa como um entre os oito níveis ou planos de análise de textos concretos e propõe uma relação de categorias e marcas linguísticas que nos permite apreender o desdobramento polifônico dos enunciados. Por meio do exame das variadas marcas (tempos verbais, dêiticos espaciais e temporais, modalizadores, tipos de representação da fala, fenômenos de modalização autonímica, entre outras), é possível verificar quando o primeiro locutor-enunciador assume por si mesmo o conteúdo proposicional de um ponto de vista e quando o imputa a um segundo enunciador. Considerando que os textos (orais e escritos) são produzidos em situações reais de interação

social, por meio de um dado gênero, visando alcançar certos objetivos, entendemos que são variadas as estratégias para sinalizar engajamento ou distanciamento enunciativo em relação aos pontos de vista proferidos. Assim, no caso dos comentários produzidos em função da notícia sobre o casamento homoafetivo, examinar o gerenciamento de vozes, os movimentos de assunção e imputação de pontos de vista e a posição ideológica subjacente nos parece pertinente, no sentido de fortalecer as pesquisas que têm se debruçado sobre o fenômeno da responsabilidade enunciativa, no âmbito da ATD.

A forte repercussão da notícia, sinalizada em razão do grande número de comentários inscritos na página do Portal G1, no *Facebook*, justifica nosso interesse por buscar responder as seguintes questões: Quais vozes são suscitadas nos discursos polarizadores sobre o casamento homoafetivo e como se estabelece o diálogo entre elas? Quais estratégias textuais-discursivas são mobilizadas pelos locutores-enunciadores para assinalar a responsabilidade enunciativa? Quais as posições ideológicas assumidas pelos locutores-enunciadores nesses discursos?

Além da ancoragem teórica na ATD, outro postulado caro a este trabalho é o de que cada palavra expressa num discurso, seja oral ou escrito, é constitutivamente dialógica, porque se efetiva em interação social com os discursos já produzidos historicamente e está sempre suscetível de obter uma resposta, uma contra palavra. E, inseparável desse postulado, reside o caráter ideológico dos enunciados, pois, ancorados em Volochínov (2017), consideramos que a palavra está embutida de um valor ideológico, portanto marca uma posição axiológica, afinal advém de sujeitos que estão imbricados num mundo repleto de forças ideológicas e que se materializam de diferentes maneiras, na e pela linguagem.

Com esse entendimento teórico, partimos do pressuposto de que, no contexto atual, dada a variedade de interações *online* propiciadas pelo avanço das tecnologias digitais, as redes sociais, por exemplo, são ambientes em que muito facilmente, e com enorme rapidez, pode-se compartilhar todo tipo de conteúdo, do mais trivial ao mais especializado. Não sem espanto, vemos que as páginas, comunidades, grupos e perfis são espaços ou suportes repletos de posicionamentos ideológicos sobre variados temas, e neles podemos observar a constante difusão de discursos polarizadores, de ódio, que parecem ter ganhado força nos últimos anos, sendo vistos também de forma corriqueira em várias outras manifestações midiáticas, por exemplo na TV, em revistas e blogs.

As diferentes mídias, em especial as redes sociais, têm se tornado uma arena de disseminação de ideias e ataques, motivados, muitas vezes, pela suposta garantia de distanciamento físico e do anonimato que elas mesmas proporcionam. Porém, variados são os casos em que os discursos de ódio são explícitos, de forma que se pode identificar o grupo ou o indivíduo que praticou a agressão verbal. Em diversas reportagens jornalísticas, por exemplo, no que se refere ao direcionamento para o mundo do futebol, muitas são as cenas em que jogadores negros foram vítimas de preconceito racial no momento que estão participando de uma partida de futebol. São representações ideológicas marcadas por discursos que atravessam o tempo e que se mantêm imbricados no pensamento de uma sociedade que ainda não superou o preconceito.

Além dos discursos que reproduzem o preconceito racial, entre muitos outros, os que praticam o preconceito relacionado à sexualidade são igualmente facilitados pelos novos contextos de interação *online*. Na verdade, esse tipo de preconceito tem ganhado grande proporção, efetivando-se através da violência verbal e física. Os meios de comunicação expõem diariamente casos de pessoas que são vítimas de preconceito em virtude da orientação sexual, já tendo ocorrido até mesmo casos de homicídio.

Tais discursos, mediados muitas vezes por princípios religiosos, têm pesado na vida de muitos homossexuais, que, mesmo assumidos perante a sociedade, não deixam de ser vítimas de comentários de intolerância. É levando em conta a dimensão dessa problemática que, neste trabalho, recortamos para análise os comentários que compõem a discussão em torno do casamento homoafetivo. Sabemos que questões sobre a orientação sexual ainda representam um grande tabu para a sociedade, afinal muitas pessoas ainda não conseguiram superar discursos de preconceito enraizados no meio social.

Considerando esse contexto de discursos polarizadores, a favor e contra o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, propomo-nos, em sintonia com as questões levantadas anteriormente, atender aos seguintes objetivos específicos na análise do *corpus*: i) identificar as vozes que ancoram os discursos polarizadores sobre o casamento homoafetivo; ii) descrever as não-coincidências do dizer, como meio para compreender as estratégias textuais-discursivas sinalizadoras do gerenciamento das vozes e da (não) assunção pelo conteúdo proposicional expresso; iii) interpretar as posições ideológicas dos locutores-enunciadores sobre o casamento homoafetivo.

Pensado nesses termos, este trabalho coloca em debate uma temática atual e de relevância social, política e acadêmica. É indiscutivelmente necessário tomarmos como objeto de análise os discursos preconceituosos, radicais, intolerantes, e refletirmos sobre a difusão deles por meio de variados dispositivos midiáticos, tais como jornais, telejornais, revistas, programas de TV, redes sociais, fóruns, *blogs* e por outras formas de interação *online*. Além disso, nosso trabalho destaca como as posições ideológicas interferem e continuam interferindo na vida das pessoas, contribuindo para a construção de imagens, positivas ou negativas, daquelas que assumem um relacionamento homoafetivo.

Outro aspecto relevante deste trabalho é a possibilidade de estabelecer um diálogo entre os estudos do texto, do discurso e abordagens enunciativas, uma vez que o foco central da análise recai sobre os fenômenos de modalização autonímica como categoria para estudo da reponsabilidade enunciativa e sobre as noções de dialogismo e ideologia. Nessa direção, para fundamentar a análise, seguimos as reflexões teóricas de Adam (2011), Bakhtin (2002, 2011), Volochínov (2017), Miotello (2010), Authier-Revuz (1998), Rabatel (2016, 2015, 2013, 2009) e outros autores.

Quanto à organização do plano de texto, além desta seção introdutória, trazemos uma seção de natureza metodológica, com informações sobre a natureza da pesquisa, do *corpus* e a apresentação dos procedimentos de análise dos dados; na sequência, apresentamos três seções teóricas, sendo a primeira uma síntese mais breve sobre linguagem, ideologia e dialogismo, a segunda sobre a ATD e a terceira sobre o fenômeno da responsabilidade enunciativa; depois, temos a análise dos dados, considerações finais e referências.

2 Procedimentos metodológicos

O presente trabalho é decorrente de uma pesquisa de caráter descrito e interpretativo, tendo em vista o objetivo de compreender como se processa a responsabilidade enunciativa, focalizando o gerenciamento das vozes, por meio da análise dos fenômenos de modalização autonímica, buscando saber também qual a posição ideológica assumida pelos locutores-enunciadores em discursos sobre o casamento homoafetivo.

Quanto à natureza da pesquisa, adotamos a abordagem qualitativa, pois nossa preocupação está em buscar compreender o fenômeno estudado

a partir de uma análise textual-discursiva, interpretando as formas ou o modo como os sujeitos produzem sentidos em suas práticas de linguagem em interações *online*. Conforme Guerra (2014, p. 76),

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação [...].

O tipo de pesquisa que nos ampara é a documental, pois analisamos e interpretamos comentários postados em uma notícia publicada no Portal do G1, no *Facebook*; trata-se de textos que ainda não tinham sido analisados sob o olhar aqui proposto. Como afirma Severino (2007, p. 123), na pesquisa documental, “[...] os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise”.

Para a interpretação dos dados, adotamos o processo misto de análise, o qual, conforme Moraes (2003), combina os métodos dedutivo e indutivo. Assim, no método dedutivo parte-se do geral para o particular, isto é, partimos de categorias definidas *a priori* a partir da teoria escolhida previamente para identificarmos como se manifestam no material em análise. Enquanto, na indução, partimos do *corpus* e dos dados constatados, inferindo “verdades” a partir deles, tendo em vista que os textos/discursos são tomados neste trabalho como eventos comunicativos singulares, portanto não previsíveis quanto à produção de sentidos. Assim, a indução pode permitir ao pesquisador, por exemplo, definir “categorias emergentes” a partir do material analisado.

Para a constituição do *corpus*, selecionamos comentários de usuários do *Facebook*, publicados como reação ao conteúdo de uma notícia postada pelo Portal de notícias G1. A notícia, portanto, tem livre acesso¹, e relata o casamento civil homoafetivo entre duas mulheres famosas no Brasil, a cantora Ludmila e a modelo Brunna Gonçalves, realizado no dia 16 de dezembro de 2019. A notícia teve grande repercussão na mídia por referir-se a um casamento homoafetivo, ainda tabu para muitos, e por se tratar de duas pessoas famosas, conhecidas

¹ Notícia disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/12/17/ludmilla-se-casa-com-brunna-goncalves-com-festa-surpresa.ghtml>. Acesso em: 28 dez. 2019.

nacionalmente. Mais precisamente, selecionamos 08 comentários, sendo 04 de internautas que apresentaram um posicionamento de apoio e defesa em relação ao casamento e 04 que se posicionaram negativamente e contra.

Ao divulgar a notícia do casamento, o G1 expõe as palavras da mãe da cantora, que publicou em suas redes sociais registros do casamento com o seguinte enunciado: “Que Deus abençoe a vida de vocês, que essa união vença qualquer obstáculo e preconceito, que o amor de vocês seja resistência. Juntas somos mais fortes eu amo o amor de vocês”. Tais palavras foram motivo de muitos comentários dos usuários do *Facebook*, posicionando-se de forma positiva e negativa sobre o casamento de Ludmila e Brunna e sobre as palavras da mãe.

No que diz respeito aos procedimentos de análise dos dados, estabelecemos as seguintes etapas: (i) leitura do *corpus* objetivando a seleção dos comentários dos internautas de acordo com a reação manifestada em relação à notícia, positiva ou negativa; (ii) identificação das vozes ou pontos de vista evidenciados nos comentários; (iii) descrição das marcas linguísticas sinalizadoras dos fenômenos de modalização autonímica, focalizando os quatro tipos de não-coincidências do dizer, por meio dos quais nos detemos a analisar o gerenciamento de vozes, observando quem é a fonte enunciativa dessas vozes, ou seja, quais locutores-enunciadores assumem a responsabilidade pelo conteúdo proposicional expresso nos comentários; e (iv) análise textual-discursiva dos comentários e interpretação da posição ideológica assumida pelos internautas.

Em sintonia com os postulados teóricos que ancoram este trabalho, nossa análise repousa sobre a responsabilidade enunciativa, já que nos debruçamos sobre a categoria denominada por Adam (2011, p. 120) como “fenômenos de modalização autonímica”, examinando as marcas linguísticas mostradas no corpo do texto, as não-coincidências do dizer, como meios para compreender como os locutores-enunciadores em questão sinalizam o jogo de vozes, e, portanto, o engajamento ou distanciamento em relação ao conteúdo proferido sobre o casamento homoafetivo. De um modo mais abrangente, a análise repousa sobre a heterogeneidade enunciativa, constitutiva a todo discurso, nos moldes como o próprio Adam (2011) orienta, ao nos direcionar aos trabalhos de Authier-Revuz (1984, 1994, 1995).

Na seção análise de dados, situada logo após nossa síntese teórica, os comentários são reproduzidos a partir de prints e organizados no interior de uma caixa de texto. Para retomar os enunciados que compõem os comentários, cobrimos o nome real dos internautas e utilizamos somente as letras iniciais do nome e sobrenome, de modo a impossibilitar sua identificação. Os comentários foram enumerados sequencialmente e codificados como C-01, C-02... até C-08.

3 Linguagem, ideologia e dialogismo

Considerando o propósito deste trabalho de identificar as vozes que constituem o discurso polarizador sobre o casamento homoafetivo e a posição ideológica assumida nesses discursos, situamos, em palavras mais breves, a visão de linguagem que ancora nossa análise.

Apoiados na compreensão de Volochínov (2017, p. 98), entendemos que a linguagem é o lugar mais claro e complexo da materialização do fenômeno ideológico, “a palavra é o fenômeno ideológico par excellence”. Portanto, é através da palavra, enquanto signo, que os grupos sociais revestem os sentidos de seus interesses, de modo que “em sociedades que apresentam contradições de classe sociais, as ideologias respondem interesses diversos e contrastantes [...] (MIOTELLO, 2010, p. 171). Então, as condutas ideológicas estão imbricadas na língua, e os sujeitos sociais a usam como um veículo para colocar em evidência diferentes valores e posições.

Compreender a linguagem, nessa perspectiva, requer entender a natureza do signo como sendo essencialmente ideológica. Aqui, a noção de ideologia é tomada como uma construção de ordem social, está sempre ligada à realidade e não sendo algo preso em si mesmo. E como forma de reforçar tal posicionamento, trazemos novamente as palavras de Volochínov (2017, p. 94), quando afirma que: “qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa realidade. Qualquer fenômeno ideológico sócnico é dado em algum material [...]”. Dessa forma, as posições ideológicas dos sujeitos refletem e refratam uma realidade do mundo externo.

Os signos estão sempre refletindo e refratando a dinâmica da realidade social, as posições ideológicas de diferentes classes sociais. Para Seidel e Silva (2017, p. 8),

Todo signo também refrata tanto a realidade que designa quanto o ser que o utiliza devido ao intercruzamento de interesses sociais orientados de diferentes modos. Esse fenômeno de luta de classes, que leva à refração de opiniões, avaliações e pontos de vistas é que torna o signo vivo e móvel, já que ele é sensível aos embates sociais, que mudam constantemente no decorrer da história.

Além de assumirmos essa compreensão de que a palavra é o material por excelência de manifestação das ideologias, consideramos, também, o princípio de que todo discurso é constitutivamente dialógico. Retomamos apenas brevemente esse princípio, tendo em vista que essa concepção dialógica da linguagem e dos enunciados já está na base de muitos dos conceitos e postulados da ATD, como é o caso da noção de responsabilidade enunciativa, a ser tratada mais adiante.

Para o que nos interessa mais diretamente em nosso trabalho, retomamos as seguintes passagens dos escritos bakhtinianos e do Círculo, tal como mostra Bernardino (2015, p. 53):

Uma enunciação concreta (e não uma abstração linguística) nasce, vive e morre no processo da interação social e dos participantes da enunciação. (VOLOCHÍNOV/BAKHTIN, 2011, p. 165).

Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. (BAKHTIN, 2011, p. 289).

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 117).

Pois todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações [...]. (BAKHTIN, 2002, p. 86).

Observamos, logo no primeiro trecho citado, o princípio da interação social que acompanha toda a obra do Círculo e influencia as correntes modernas da Linguística após a década de 1960, inclusive a Linguística Textual, bem como a própria ATD. Nas demais citações, o conceito de dialogismo é pensado de forma indissociável ao de interação e se coloca na base do processo de produção dos discursos, dos sentidos e da linguagem de uma forma mais ampla (SOBRAL, 2009).

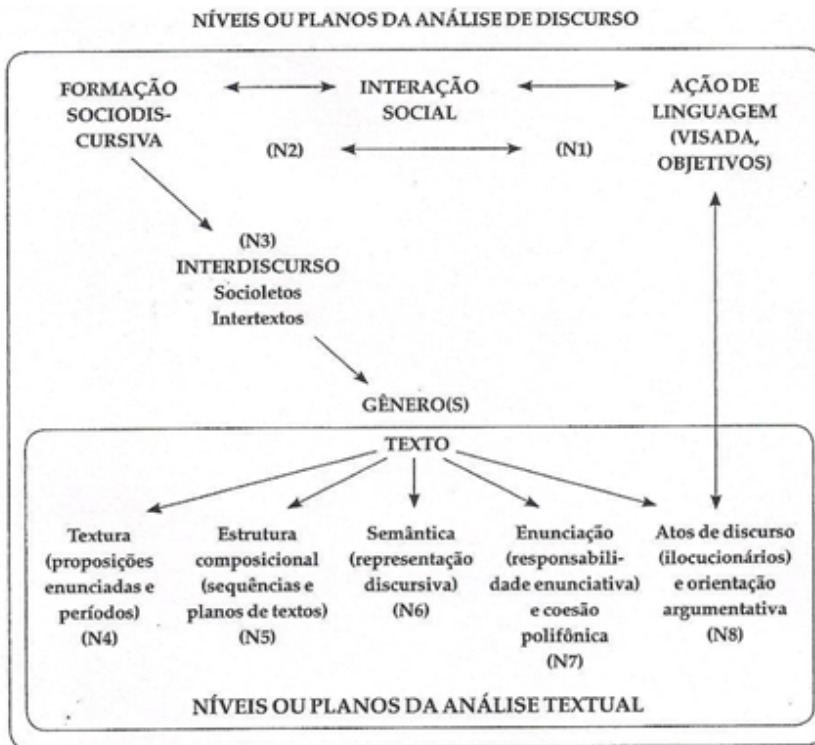
Compreender essa perspectiva ideológica e interacional/dialógica da linguagem é entender que os enunciados se relacionam com a realidade social, estabelecem um elo com muitos outros enunciados e são sempre direcionados a um dado interlocutor situado historicamente. Esse interlocutor, por sua vez, é sempre capaz de interpretar, responder e tomar uma posição de maneira ativa, manifestando uma “avaliação social” ou “o julgamento da situação que interfere diretamente na organização do enunciado e que, justamente por isso, deixa no produto enunciado as marcas do processo de enunciação” (BRAIT, 2005, p. 93).

4 Análise Textual dos Discursos

Conforme já sinalizamos, assumimos como base teórica principal neste trabalho a Análise Textual dos Discursos (ATD), delineada por Jean-Michel Adam como uma nova abordagem da Linguística Textual, sendo isso decorrente de sua vasta experiência como pesquisador no campo dos estudos linguísticos do texto e do discurso. Em sua obra “Linguística Textual: introdução à *Análise Textual dos Discursos*”, Adam (2011) propõe um conjunto de novas categorias para pensarmos o texto e o discurso de forma articulada, em um tipo de análise que leva em conta também a relação com os gêneros.

Nessa perspectiva, Adam (2011) se aproxima dos pressupostos teóricos defendidos por Maingueneau (1995), propondo, assim, uma separação e ao mesmo tempo uma complementaridade das tarefas da Linguística Textual e da Análise do Discurso. Esse novo tratamento dado ao objeto texto vem situar a Linguística Textual como um subdomínio da análise das práticas discursivas. A Figura 1 demonstra mais claramente como se dá a relação entre os objetos desses dois campos de investigação.

FIGURA 1 – Níveis e planos da análise de discurso e da análise textual



Fonte: Adam (2011, p. 61.)

Na parte superior do esquema, situam-se os níveis referentes ao discurso, segundo a compreensão de que todo ato de linguagem apresenta uma ação visada ou objetivo, ou seja, um propósito a ser alcançado numa dada situação de interação social ou contexto, em que os interlocutores, em seus discursos, são regulados pela formação sociodiscursiva e pela língua ou socioletos, e estabelecem relação com outros dizeres, o que significa serem perpassados pelo interdiscurso e intertextos.

Já na base do esquema, temos elementos voltados para o texto, os quais dizem respeito à textura (proposições enunciadas e períodos), à estrutura composicional (sequências e planos de texto) à dimensão semântica (representação discursiva), à *dimensão enunciativa* (responsabilidade enunciativa e coesão polifônica) e, por fim, aos atos de discurso (ilocucionários e orientação argumentativa).

Considerando os dois níveis ou planos, o esquema 4 permite a compreensão de que os discursos se materializam por meio de textos concretos (orais e escritos) e o gênero é o elemento mediador dessa relação, uma vez que ele atua como regulador das ações do discurso sobre o texto.

Nas reflexões teóricas de Adam (2011), a proposição-enunciada (ou proposição-enunciado) *é uma noção relevante para a análise textual, apresentando-se* como a unidade textual mínima de análise, sendo que isto demarca um posicionamento teórico-metodológico que se afasta da noção de frase nos moldes como concebe a tradição gramatical. Assim, para a segmentação dos textos e das partes que o constituem (os planos de texto, as sequências, os períodos, por exemplo), a proposição-enunciada atua como uma microunidade sintático-semântica e ela se diferencia da frase pelo fato de ser produzida em interações comunicativas reais, portanto é um elemento dos enunciados/gêneros de discurso concretos. Assumindo aqui as palavras do autor, “ao escolher falar de *proposição-enunciado*, não definimos uma unidade tão virtual como a proposição dos lógicos ou a dos gramáticos, mas uma unidade textual de base, efetivamente realizada e produzida por um ato de enunciação, portanto, como um enunciado mínimo” (ADAM, 2011, p. 106).

Para sintetizar o que diz Adam (2011) sobre esta noção tão cara à análise textual, reproduzimos o quadro elaborado por Bernardino (2015), para, em seguida, tratarmos das três dimensões que a caracterizam.

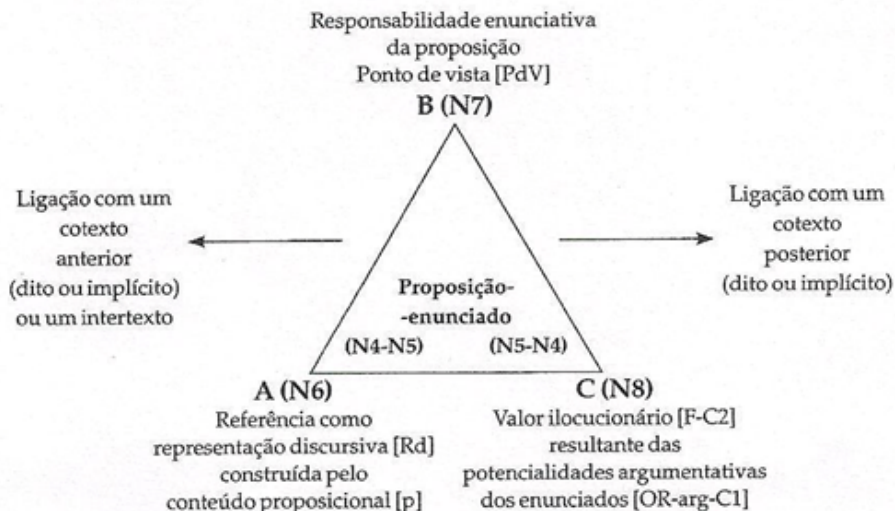
QUADRO 1 – Traços definidores da proposição-enunciado como unidade textual mínima

A proposição- enunciado	É uma unidade textual mínima;
	É o produto de um ato de enunciação, pois é proferida por um enunciador e supõe um coenunciador;
	É, ao mesmo tempo, uma microunidade sintática e uma microunidade de sentido;
	Tal como a proposição clássica, liga um objeto de discurso ao que é dito a seu respeito por intermédio de um predicado verbal ou nominal, ou ainda monorrema;
	Liga-se a um ou a vários outros enunciados elementares; convoca um ou vários outros enunciados em resposta a eles ou como simples continuação;
	Apresenta três dimensões complementares: uma dimensão enunciativa, uma potencialidade argumentativa e um valor ilocucionário;
	Está sujeita a uma condição de verdade (verdadeiro ou falso/mentiroso) e de ficcionalidade (nem verdadeiro nem falso).

Fonte: Bernardino (2015, p. 48)

Entre os elementos dispostos no quadro, Adam (2011) delimita, conforme a Figura 2 reproduzido abaixo, as três dimensões da proposição-enunciada, ressaltando que são aspectos complementares.

FIGURA 2 – As três dimensões da proposição-enunciada



Fonte: Adam (2011, p. 111)

Embora apresentadas de forma triangular, as três dimensões não têm caráter hierárquico, nem são isoladas umas das outras. Como se vê, cada ponto do triângulo apresenta uma dimensão, o (A) traz a dimensão semântica, compreendendo que o conteúdo proposicional de um ponto de vista constrói a referência como representação discursiva. Em (B), temos a responsabilidade enunciativa, inseparável do ponto de vista, uma vez que este se liga a um locutor-enunciador que assume o conteúdo proposicional. E, por último, o (C) apresenta o enunciado segundo a perspectiva argumentativa, abarcando o valor ilocucionário, resultante das potencialidades argumentativas, isso porque todo enunciado, mesmo uma pequena descrição sem uso de conectores, já representa um ato argumentativo (ADAM, 2011).

Como podemos constatar, a proposição-enunciada ocupa um papel importante na análise de textos concretos e, em nosso trabalho, ela apoiará a retomada das unidades que compõem o discurso polarizador

sobre o casamento homoafetivo, em nosso estudo com foco na dimensão enunciativa dos textos que materializam tal discurso. Por isso, passamos a tratar, na seção seguinte, sobre o fenômeno da responsabilidade enunciativa, destacando uma de suas formas de manifestação, no caso os fenômenos de modalização autonímica.

5 Ponto de vista, responsabilidade enunciativa e os fenômenos de modalização autonímica

O locutor e o enunciador são as instâncias enunciativas do ponto de vista. Dessa forma, entendemos locutor como a “instância de produção fônica ou gráfica do enunciado” (RABATEL, 2015, p. 126). Isto é, o responsável por produzir o enunciado e trazer para seu texto os pontos de vista de enunciadores segundos, “[...] conforme um posicionamento dêitico ou um posicionamento independente do *ego, hic et nunc*” (RABATEL, 2016, p. 82). Já o enunciador é a “[...] instância da assunção da responsabilização pelos conteúdos das proposições, a fonte das atualizações dêitica e modal” (RABATEL, 2015, p. 126). Em outras palavras, trata-se da fonte na origem de ponto de vista, portanto, essa instância assume a responsabilidade enunciativa.

Assim, todo locutor poder ser enunciador, pois o locutor pode ecoar várias fontes, porém, nem todo enunciador é locutor, uma vez que o enunciador necessariamente não é a instância nas dimensões fáticas, fônicas e estruturais. Como forma de exemplificar essas instâncias do ponto de vista (PdV²), trazemos, abaixo, um excerto de uma redação³ produzida no contexto do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

- (1) **[PdV 01]** Brás Cubas, o defunto-autor de Machado de Assis, diz em suas “Memórias Póstumas” que não teve filhos e não transmitiu a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. **[PdV 02]** Talvez

² Rabatel (2013) utiliza a abreviação de ponto de vista com letras maiúsculas (PDV), enquanto Adam (2011) utiliza PdV. Em nossa pesquisa, usamos a abreviação proposta por Adam, mas sem nos distanciarmos das postulações de Rabatel.

³ O excerto da redação apresentado constitui-se como parte do *corpus* do Plano de Trabalho desenvolvido por Daliane Nascimento, no projeto “Gerenciamento de vozes, responsabilidade enunciativa e construção do ponto de vista do autor em redações do ENEM”, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC – 2017/2018), sob a coordenação da professora Rosângela Bernardino.

hoje ele percebesse acertada sua decisão: a postura de muitos brasileiros frente a intolerância religiosa é uma das faces mais perversas de uma sociedade em desenvolvimento.⁴

No excerto, chamamos de locutor-enunciador primeiro (doravante L1/E1), conforme Rabatel (2016), a instância que profere o PdV e assume o seu conteúdo proposicional ou o imputa a um segundo enunciador (e2). No caso, temos aí um L1/E1 que se reporta ao PdV de e2, o defunto-autor Braz Cubas, personagem do livro *Memórias Póstumas de Braz Cubas* do autor Machado de Assis. Em seguida, L1/E1 apresenta um ponto de vista próprio (o PdV 02 em destaque) com base no ponto de vista do e2.

Dessa forma, entendemos o PdV como o conteúdo proposicional remetido a um e2 ou assumido por L1/E1. De acordo com Rabatel (2013, p. 33), a definição de PdV é sintática e enunciativa, pois “[...] um ponto de vista é a combinação *modus ~ dictum*, e, no plano enunciativo, ele remete a um enunciador que não é locutor [...]”. Isto é, o PdV está presente tanto no *modus*, na tomada de posição de L1/E1, como do *dictum*, no conteúdo proposicional.

Rabatel (2016) discute, ainda, sobre o PdV implícito, isto é, o PdV de um enunciador emerge na voz de um locutor-enunciador, sem que este utilize as formas de discursos estruturados e identificáveis. O teórico afirma que todo enunciado denota um PdV, mesmo que na ausência de um “eu”. Portanto, todo PdV denota sempre uma instância que assume a responsabilidade enunciativa do conteúdo proposicional, seja diretamente por L1/E1 ou indiretamente por e2.

Desse modo, a responsabilidade enunciativa, tal como é proposta por Adam (2011), diz respeito ao fenômeno que recobre as vozes em um texto, ligando-se, portanto, ao princípio de que os pontos de vista podem ser assumidos pelo locutor-enunciador primeiro ou imputados a enunciadores segundos. Em outras palavras, a assunção é assinalada por marcas textuais que apontam, no fio do dizer, a responsabilidade do locutor-enunciador primeiro pelo que foi proferido. Os enunciados podem, também, de acordo com Adam (2011), não ser assumidos pelo locutor-enunciador, trata-se do contexto em que há uma zona textual sob dependência de uma fonte segunda.

⁴ Disponíveis em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/leia-redacoes-nota-mil-do-enem-2016.ghtml>. Acesso em: 22 jul. 2017.

Segundo as reflexões teóricas de Rabatel (2009), em artigo publicado na revista *Langue Française* – n. 162, dedicado inteiramente a discutir *la notion de “prise en charge” en linguistique* –, há variedades de *prise en charge* (PEC), em função das instâncias. Assim, esse autor distingue, de um lado, a responsabilidade enunciativa (ou responsabilização), quando o L1/E1 assume por conta própria os conteúdos proposicionais do ponto de vista que ele julga como verdadeiros, e, de outro lado, a imputação, que consiste em atribuir os conteúdos proposicionais a um segundo enunciador (e2). O autor defende ainda a hipótese de uma quase-responsabilização, para os casos de imputação do ponto de vista a um e2, com posicionamento favorável de L1/E1. Nesse sentido, ocorre o engajamento a partir do acordo em relação ao ponto de vista imputado. Conforme as palavras do autor, “é esta quase PEC, imputada a e2, que permite em seguida que L1/E1 se posicione em relação à posição enunciativa de e2”.⁵ (RABATEL, 2009, p. 73). De acordo com essa compreensão, os enunciadores segundos também estão envolvidos com a responsabilidade enunciativa (RE), via imputação.

Em sua apresentação da problemática geral do ponto de vista, Rabatel (2016, p. 94) reitera postulados introduzidos no referido artigo e destaca que:

A não RE não é a contraparte da RE, porque é a imputação que exerce esse papel. É no interior da exploração pragmática das imputações que L1/E1 precisa se ele está em desacordo com o PDV imputado, se ele o considera, sem tomar partido, explicitamente (o que nomeamos “neutralidade” ou RE zero), ou se ele está de acordo com o PDV.

No contexto da imputação, verifica-se, pois, que é possível falar dos movimentos de acordo, desacordo e neutralidade. Portanto, no nível pragmático da imputação, o L1/E1 pode apresentar uma posição de **concordância**, isto é, toma partido e compartilha o PdV de e2 – no caso do acordo, Rabatel (2009) fala de uma responsabilidade compartilhada, sendo o mesmo que coenunciação, conforme a reflexão teórica feita em Rabatel (2016); ou uma posição de **discordância**, quando demonstra não compartilhar do PdV atribuído a e2; ou pode manifestar uma

⁵ “C’est cette quasi PEC, imputée à e2, qui permet ensuite à L1/E1 de se positionner par rapport à la position énonciative de e2” (RABATEL, 2009, p. 73).

certa **neutralidade** diante do PdV imputado a e2, sem tomar partido explicitamente quanto ao conteúdo proferido.

Segundo Adam (2011), o grau de responsabilidade enunciativa de uma proposição enunciada é suscetível de ser marcado por variadas unidades da língua e, nesse sentido, ele enumera oito categorias capazes de assinalar a (não) assunção da responsabilidade enunciativa, quais sejam: os índices de pessoas, os dêiticos espaciais e temporais, os tempos verbais, as modalidades, os diferentes tipos de representação da fala, as indicações de quadros mediadores, os fenômenos de modalização autonímica, as indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados (ADAM, 2011). Por razões de ordem metodológica, tratamos aqui especificamente dos fenômenos de modalização autonímica, categoria delimitada para cumprir o objetivo proposto neste trabalho.

Adam (2011), ao apresentar a categoria dos fenômenos de modalização autonímica, especifica o embasamento nos estudos de Authier-Revuz (1984, 1994, 1995). Nas palavras de Adam (2011, p. 120), a modalização autonímica é “todo enunciado metaenunciativo que, num debruçar-se reflexivo do dito sobre o dizer, manifesta a não-transparência e não-evidência das palavras [...]”. Assim, é na modalização autonímica que se inserem as não-coincidências do dizer, pois, como afirmam Cavalcante e Brito (2017), parafraseando Lacan (1999), é na segunda intenção do discurso como discurso, do discurso que interroga as coisas em relação a si mesmo que surge um corte repentino na ordem linear do discurso para inserção de uma não-coincidência, isto é, uma necessidade de expressão, nomeação, uma busca pela palavra adequada.

Authier-Revuz (1998) propõe quatro tipos de não-coincidência do dizer, os quais listamos de forma sintetizada, conforme segue-se.

- i) A **não-coincidência interlocutiva** apoia-se, segundo Authier-Revuz (1998, p. 22), “[...] em uma concepção pós-freudiana do sujeito, não-coincidente consigo mesmo pelo fato do inconsciente, como fundamental e irreduzível entre dois sujeitos ‘não-simetrizáveis’, remetendo [...] a ‘comunicação’ concebida como produção de ‘um’ entre os enunciadores”. Os enunciadores utilizam estratégias que retratam que uma determinada palavra, expressão, sentido não foram inteiramente ou absolutamente partilhados entre os enunciadores. Por exemplo: *digamos X; X, permita-me dizer; X, se entende o que eu quero dizer*. Há uma

tentativa do enunciador de restaurar um elo de co-enunciação que parece ameaçado. Ou mesmo pode marcar que as palavras enunciadas não são as suas: *X, como você não diz; X, sei que você não gosta dessas palavras* etc. (AUTHIER-REVUZ, 1998).

- ii) **A não-coincidência do discurso consigo mesmo** é colocada como constitutiva, “[...] em referência ao dialogismo bakhtiniano – considerando que é toda palavra que, por se produzir no ‘meio’ do já-dito dos outros discursos, é habilitada pelo discurso outro – e à teorização do interdiscurso [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 22). Trata-se de glosas que apontam que no discurso há a presença do discurso de outro. Por exemplo: *Segundo X; Como afirma X; No sentido empregado por X* etc.
- iii) **A não-coincidência entre as palavras e as coisas** manifesta-se por meio de glosas em que o enunciador busca a palavra adequada, isto é, busca direcionar melhor o sentido do próprio discurso. Na língua, “[...] inscreve um ‘jogo’ inevitável na nomeação, e, de outro lado, em termos lacanianos, do real como radicalmente heterogêneo à ordem simbólica, isto é, da falta (constitutiva do sujeito como falho) de ‘captura do objeto pela letra’, que desemboca na ‘perda’ inerente à linguagem [...]” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 23). Dessa forma, nessa busca pela palavra “certa”, o enunciador produz enunciados como: *X, melhor dizendo; X é a palavra exata, justa, que convém; X propriamente dito*, etc.
- iv) Por último, a **não-coincidência das palavras consigo mesmas** manifesta-se por meio de glosas em que há um equívoco no dizer em relação ao sentido das palavras. Os enunciadores constroem enunciados como: *X, no sentido de p; X, não no sentido de q, eu falhei dizendo X; X, também no sentido de q, em todos os sentidos da palavra* etc. (AUTHIER-REVUZ, 1998).

Dito isto, observamos que as não-coincidências do dizer surgem em contextos em que os enunciadores refletem sobre o próprio discurso, atestando o caráter metaenunciativo e constitutivamente dialógico da linguagem. Como afirmam Cavalcante e Brito (2017), a partir das *não-coincidências* do dizer, percebemos marcas produzidas por um sujeito que pensa ser dono daquilo que diz e essas marcas surgem como uma costura no fio do dizer, em sua superfície linguística, tal como passamos a demonstrar nos dados em análise.

6 Não-coincidências do dizer e posição ideológica em discursos polarizadores sobre o casamento homoafetivo

Como se encenassem numa espécie de contexto “bélico”, os discursos que trazem à tona temas de interesse coletivo (os chamados temas polêmicos) assumem frentes opostas, cada lado com seu potencial de “armamento” e obtêm, em função disso, força argumentativa. É o caso de discursos sobre o casamento homoafetivo que recortamos para análise nesta seção. As estratégias textuais-discursivas e os recursos linguísticos mobilizados são as “armas” de que se valem os locutores/enunciadores para assumir um ponto de vista e marcar uma posição ideológica.

Como exposto na seção metodológica, analisamos comentários publicados pelos usuários do *Facebook* em uma notícia divulgada pelo Portal de notícias G1 sobre o casamento civil surpresa entre a cantora Ludmilla e a modelo Brunna Gonçalves. A seguir, apresentamos um *print* da notícia postada:



Fonte da imagem: Portal de notícias G1 no *Facebook*.

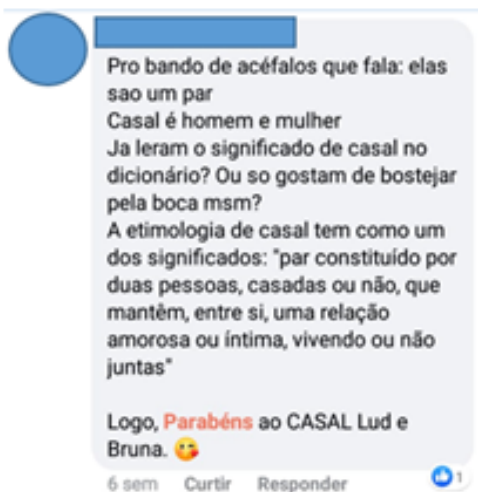
Uma primeira observação é que a notícia repercutiu bastante, obtendo mais de 10 mil reações e mais de 5 mil comentários. A segunda, e mais relevante para o propósito deste trabalho, diz respeito à natureza dos comentários. Após uma leitura atenta, observamos que os comentários sobre o conteúdo da notícia são, em grande parte, posicionamentos

homofóbicos e preconceituosos em relação ao casamento de Ludmila e Brunna, como também contra as palavras da mãe da cantora, reproduzidas por meio do discurso direto no texto da notícia.

A seguir, direcionamos nossa atenção justamente para a natureza dos comentários, evidenciando seus possíveis efeitos de sentido. Para isso, mobilizamos, primeiramente, a categoria da responsabilidade enunciativa denominada por Adam (2011) como fenômenos de modalização autonímica, focalizando suas marcas linguísticas correspondentes, que são os quatro tipos de não-coincidências do dizer: 1) a não-coincidência interlocutiva; 2) a não-coincidência do discurso consigo mesmo; 3) a não-coincidência entre as palavras e as coisas; e 4) a não-coincidência das palavras consigo mesmas. A partir da análise dessas marcas linguísticas, destacamos, em seguida, o jogo de vozes e a posição ideológica que se evidenciam nos comentários. Com isso, fica evidente o lugar social ou formação sociodiscursiva de onde os locutores-enunciadores proferem os seus discursos.

No primeiro exemplo que reproduzimos abaixo (C-01), percebemos o embate na “negociação” de sentidos com o outro, marcado principalmente pela não-coincidência interlocutiva.

C-01



Negociar os sentidos supõe convocar o outro para o qual o dizer se dirige, sendo exatamente isto o que se processa na não-coincidência

interlocutiva entre dois co-enunciadores, uma vez que o dizer manifesta retornos em que o *tu* é explicitamente convocado. Significa, então, que as palavras e os sentidos não são completamente partilhados (AUTHIER-REVUZ, 1998). Dado o esforço para se obter adesão em relação ao conteúdo do que se diz, nesse tipo de não-coincidência pode haver o mínimo de empatia, sinalizada pelo ajuste do modo de dizer e do sentido ao outro (*Como você gosta de dizer; Se você entende o que quero dizer* etc.). É quando, também, o L1/E1 pede licença ou apela para a boa vontade do seu interlocutor (*Permita-me dizer*).

Numa outra direção, conforme mostram os dados em análise, a maneira de dizer e o sentido podem distanciar-se completamente, marcando que o L1/E1 coloca o seu interlocutor numa posição de embate, impondo a ele UM só entendimento da(s) palavra(s). Neste caso, a ironia, os xingamentos e o deboche podem figurar como indícios da não-coincidência interlocutiva. Como observamos em C-01, o conflito reside no distanciamento quanto ao sentido dos lexemas “par” e “casal”. Percebemos que L1/E1 constrói seu comentário em resposta crítica a enunciadores (um “bando de acéfalos”) que defendem o ponto de vista de que duas pessoas do mesmo sexo e que se relacionam afetivamente não são um casal, mas um par. Na sua resposta, L1/E1 apresenta o seguinte PdV: “Casal é homem e mulher já leram o significado de casal no dicionário? Ou so gostam de bostejar pela boca msm?”. Portanto, não há uma transparência entre os sentidos da palavra “casal” para os interlocutores. Estrategicamente, L1/E1 recorre a um lugar de fala mais autorizado (o dicionário, a etimologia) e, assim, sustenta a discordância em relação ao dizer de outrem retomado em sua própria fala (o PdV dos acéfalos).

Para expressar o desacordo com o discurso dos internautas retomado no comentário, L1/E1 recorre à etimologia sobre o que se constitui como um casal. No trecho em que isso se evidencia, os dois pontos e uso das aspas sinalizam tipograficamente o discurso direto, indicando que L1/E1 não é a fonte enunciativa desse PdV, porém com ele se engaja. A conclusão a que chega L1/E1 após essa retomada de discurso alheio, em “Logo, parabéns ao casal Lud e Brunna [...]”, mostra claramente a sua adesão ao conteúdo proferido, tratando-se, pois, de um posicionamento de acordo com o PdV alheio (RABATEL, 2009) ou de postura de coenuniação (RABATEL, 2016).

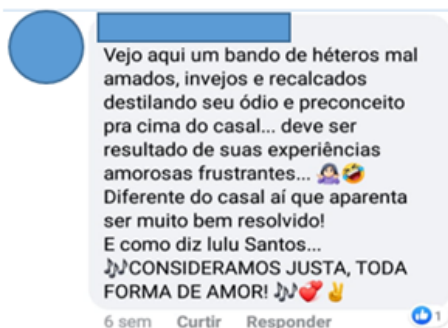
Observamos, também nesse trecho, a não-coincidência entre as palavras e as coisas, precisamente quando o L1/E1 reafirma que

duas mulheres são, como mostra a etimologia, um casal. Há, portanto, um retorno metaenunciativo do dizer sobre si mesmo, indicando que a palavra casal (e não par) está muito mais adequada para designar o real (casamento homoafetivo). Assim, no final das contas, L1/E1 desautoriza o outro a falar “par” para se referir a casal, a menos que seja um acéfalo. Assim, se falamos inicialmente que há um embate nessa “negociação” de sentidos, é porque se mostra claramente uma polarização: para os internautas retomados no comentário, a palavra casal não é adequada para a situação descrita na notícia, porém, para L1/E1, de fato essa é a palavra certa para denominar as recém-casadas.

Em C-01, podemos observar, portanto, a natureza dialógica e ideológica dos enunciados. O PdV de L1/E1 está em interação dialógica com outros PdV – o do “bando de acéfalos” (dissonância, desacordo); o de saberes autorizados (consonância, acordo), além dos vários outros enunciadorees com os quais L1/E1 supõe compartilhar seu próprio PdV (o “casal Lud e Bruna”, a mãe da cantora e as demais pessoas que assumem a mesma posição ideológica).

Cada ato enunciativo da internauta LF em C01 mostra a natureza responsiva da linguagem, isto é, um sujeito responsável e responsivo, pois seus atos dialógicos são elaborados em função de uma interação com o outro. O valor ideológico expresso em C-01 reside no fato de que a internauta, inscrita aqui como locutor-enunciador primeiro, marca uma posição valorativa em relação ao sentido do lexema “casal”, mostrando ser a favor do casamento homoafetivo e da compreensão de um casal como um par de pessoas, independente do sexo. Essa posição ideológica favorável é manifestada em C-02, C-03 e C-04, conforme demonstramos adiante.

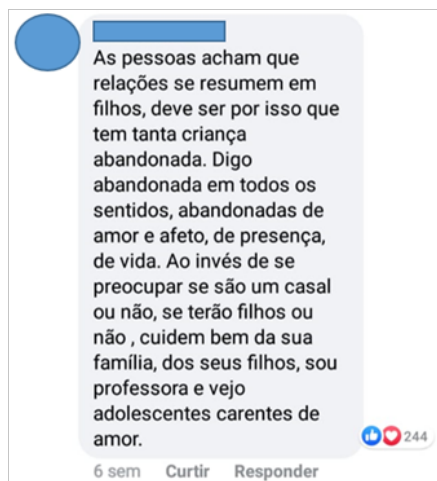
C-02



Em C-02, por meio do emprego do verbo em primeira pessoa, assinalando uma focalização perceptiva (ver), L1/E1 assume seu dizer, ou seja, seu PdV, na interação com outros dizeres dissonantes, cujos enunciadores não foram explícitos no texto (de forma generalizadora, diz que é “um bando de héteros mal amados, invejosos e recalcados”). Na materialização do seu dizer, apresentam-se diversas expressões apreciativas, com tom negativo, acerca dos enunciadores segundos evocados, que representam aqueles que são contra o casamento homoafetivo. Pronunciando-se em defesa do casal reportado na notícia, a internauta JO direciona críticas aos heterossexuais, ao afirmar que eles parecem ser mal amados, estariam com inveja do casal e, por isso, expõem enunciados marcados pelo preconceito. Nesse sentido, o discurso de L1/E1 enquadra os casais heterossexuais dentro de uma situação de frustração amorosa quando comparados com os casais homossexuais.

Sabendo que todo dizer é habitado pelo discurso do outro, ou seja, apresenta uma natureza dialógica (BAKHTIN, 2011), observamos que o C-02 evidencia a não-coincidência do discurso consigo mesmo, no trecho em que L1/E1 reproduz em letras garrafais o verso de uma canção de Lulu Santos, que traz a seguinte posição ideológica: “consideramos justa, toda forma de amar”. Dessa forma, vemos que L1/E1 se apropria do discurso de outrem, e por isso coenuncia, para respaldar o apoio ao casal, fazendo com que o discurso citado legitime o ponto de vista assumido no comentário.

C-03



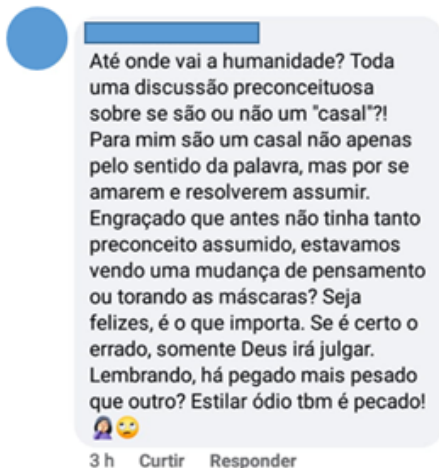
As pessoas acham que relações se resumem em filhos, deve ser por isso que tem tanta criança abandonada. Digo abandonada em todos os sentidos, abandonadas de amor e afeto, de presença, de vida. Ao invés de se preocupar se são um casal ou não, se terão filhos ou não, cuidem bem da sua família, dos seus filhos, sou professora e vejo adolescentes carentes de amor.

6 sem Curtir Responder

No C-03, L1/E1, a internauta AP, apresenta um PdV fundado numa direção contrária ao do senso comum, ao que “As pessoas acham”. Esse PdV baseia-se em fontes evidenciais, afirmando que as pessoas acham que relação se resume em filhos e que deve ser por isso que têm tanta criança abandonada. Após esse PdV, a internauta retoma o adjetivo “abandonada”, mencionado anteriormente em seu dizer, e constrói o seguinte PdV: “Digo abandonada em todos os sentidos”. Observamos, nesse caso, uma lançada reflexiva em que o enunciado, mais precisamente, o adjetivo “abandonada” passa a ser objeto da própria enunciação. Trata-se da não-coincidência das palavras consigo mesmas, caracterizada pelo tipo de *respostas da fixação de um sentido – X, no sentido de p* (AUTHIER-REVUZ, 1998). No trecho em análise, há uma glosa que aponta uma integração de sentido à palavra “abandonada”, como coloca L1/E1: “[...] abandonadas de amor, afeto, de presença, de vida”. Para L1/E1, a palavra “abandonada”, nesse contexto, não se refere somente a, por exemplo, crianças que são deixadas, doadas pelos pais, mas diz respeito a um abandono em um sentido mais amplo: de amor, afeto, presença e vida.

A internauta, como podemos observar, expressa discursivamente sua ideologia ao tomar uma posição contrária aos comentários anteriores de enunciadores que criticavam o fato de que, através do casamento entre duas mulheres, não é possível a geração de um filho, e escreve: “Ao invés de se preocupar se são um casal ou não, se terão filhos ou não, cuidem bem de sua família, de seus filhos, sou professora e vejo adolescentes carentes de amor”. Em outras palavras, para este locutor-enunciador, as pessoas devem se preocupar com o amor a ser oferecido aos filhos e não apenas em gerá-los, pois relacionamento não se resume a isto. Há aí uma tentativa de interligar o casal homoafetivo a uma possibilidade de redefinir a maneira de cuidar dos filhos e, também, da forma de amá-los.

C-04



Neste comentário, L1/E1 inicia questionando “Até onde vai a humanidade? Toda uma discussão preconceituosa sobre se são ou não um ‘casal’ ?!” e, em seguida, se posiciona: “Para mim são um casal não apenas pelo sentido palavra, mas por se amarem e resolverem assumir”. Percebemos, neste trecho do PdV da internauta RT, a não-coincidência das palavras consigo mesmas, pelo fato de propor que o sentido seja estendido no não-um (*X, também no sentido de q, no sentido de p e no sentido de q [...]*), conforme Authier-Revuz (1998). Desse modo, em C-04, propõe-se o termo casal não no sentido de as duas pessoas somente formarem um par, mas no sentido de se amarem e assumirem o sentimento.

O comentário em análise permite-nos afirmar que a internauta se posiciona contra a “discussão preconceituosa”, ao salientar: “Engraçado que antes não tinha tanto preconceito assumido, estavam vendo uma mudança de pensamento ou torando as máscaras? Sejam felizes, é o que importa. Se é certo o errado, somente Deus irá julgar. Lembrando, há pegado mais pesado que outro? Estilar ódio tbm é pecado!”. Vê-se que L1/E1 diz que o preconceito assumido está ganhando recorrência na atualidade, referindo-se a 2019, ano da publicação da notícia.

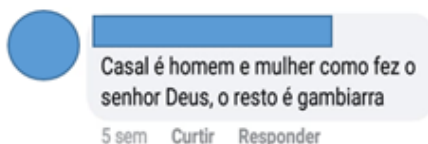
Nesse contexto de interação *online*, foi possível verificar outros comentários que salientam a ocorrência e assunção de um discurso preconceituoso atualmente no Brasil. Além disso, há comentários em que os internautas ressaltam que tais discursos de ódio resultam do incentivo

de um governo representado por um “presidente homofóbico”, pois se vê publicamente declarações homofóbicas e de incentivo à violência por parte do então presidente, Jair Bolsonaro.

No C-04, vozes diversas ecoam, o enunciador retoma explicitamente o discurso de usuários/seguidores da página do Portal G1 que também comentaram a notícia e se apoiaram no discurso bíblico. Ao retomar o que dizem as escrituras, isto é, que não há pecado mais pesado que outro, L1/E1 admite a possibilidade de a homossexualidade ser pecado (“se é certo o errado”), porém, se for errado, somente Deus teria o direito de julgar como tal. Nessa direção, todas as pessoas que se posicionam de forma preconceituosa e “estilam” ódio estariam desautorizadas a entrar no mérito de julgar se as duas mulheres formam ou não um casal.

Considerando as circunstâncias sociais, históricas, políticas e culturais em que esses enunciados são proferidos, a resistência ao preconceito quanto à orientação sexual das pessoas é o que claramente vem à tona nos comentários de C-01 a C-04. Porém, essa resistência enfrenta o conteúdo de enunciados que seguem, os quais são representativos do tom valorativo dos mais de 5 mil comentários sobre a notícia.

C-05



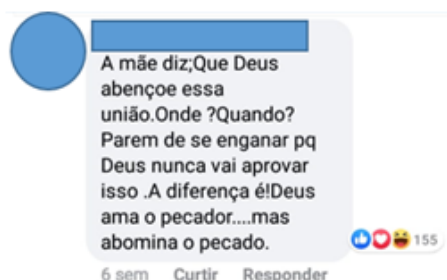
No exemplo acima, o L1/E1 explicita a sua posição desfavorável em relação à definição de casal nos termos apresentados pela notícia, indo na mesma direção da maior parte dos demais comentários postados contra o conteúdo em questão, na página do Portal G1. A marca linguística “como”, em “[...] como fez o senhor Deus”, inscreve a posição ideológica assumida por L1/E1 na esfera religiosa, sinalizando a não-coincidência do discurso consigo mesmo, uma vez que o comentário evidencia, claramente, uma fronteira entre si e o outro por meio do elemento citado, Deus.

Fundando seu PdV nesse lugar de fala, L1/E1 acentua que tudo que foge ao signo de ordem religiosa no que diz respeito a casal, conforme Deus, não pode ser considerado, já que “o resto é gambiarra”. Nesse caso, o tom valorativo expresso no comentário caracteriza-se como

radical e intolerante do ponto de vista da aceitação do casamento entre duas pessoas do mesmo sexo.

É interessante destacar que o lexema “resto” pode abarcar não somente as demais formas de compor um casal no sentido civil do termo (o casamento), mas também todas as formas de relação homoafetiva. Ora, os posicionamentos ofensivos contra o casamento homoafetivo só fazem sentido porque, na sociedade em que vivemos, as relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo ainda continuam sendo alvo de preconceito, o que se sustenta sobretudo nos preceitos religiosos, como se percebe, também, em C-06, C-07 e sutilmente em C-08.

C-06



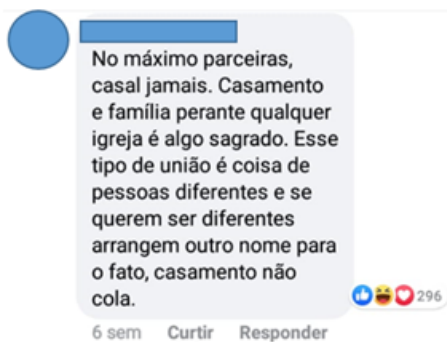
L1/E1 inicia o comentário retomando o PdV apresentado pelo G1 ao publicar a notícia, onde está escrito “A mãe diz; Que Deus abençoe essa união. Onde? Quando?”. Observamos, neste trecho, uma não-coincidência do discurso consigo mesmo, pois a internauta SM representa o dizer de outrem, como mostra o verbo *dicendi* “diz”. Assim, neste comentário, o discurso alheio tem “presença” marcada/mostrada no fio do dizer, através de uma marca linguística que assina a imputação do conteúdo proposicional para o enunciador segundo – a mãe, que, por sua vez, chama a voz de Deus. Observamos, então, relações dialógicas em que se “chocam” explicitamente duas vozes, a voz da internauta e a voz do outro, a mãe da cantora.

Conforme a orientação teórica aqui mobilizada, nenhum dizer é ingênuo ou desassociado de um valor ideológico, e o discurso em C-06 revela explicitamente uma posição contra o casamento entre as duas mulheres, quando L1/E1 pressupõe que Deus não abençoa essa união e, ironicamente, indaga: “Onde? Quando?”, projetando em seguida:

“Deus nunca vai aprovar isso. A diferença é! Deus ama o pecador...mas abomina o pecado”.

Em resposta às palavras da mãe da cantora, a internauta revela sua posição e busca apoio em fontes religiosas, assumindo seu PdV ao afirmar que Deus nunca vai aprovar essa união, denominada de “isso”. Tem-se aí a forte convicção de ordem ideológica quanto ao que disse Deus e praticamente o mesmo tom valorativo de “resto”, como vimos em C-05, ou seja, nega-se, invalida-se, exclui-se tudo o que se afasta da palavra de Deus. Assim, se Deus não aprova, são as pessoas que parecem transgredir os preceitos ideais para a boa vida. O enunciado final marca ainda mais o engajamento de L1/E1 com o PdV imputado, ao se destacar a diferença entre pecador e pecado. Segundo o PdV retomado no comentário, admite-se a possibilidade de amar os homossexuais, mas não o “pecado” por eles praticado. Trata-se de um dizer alheio mobilizado para expressar efeitos de autoridade e força nas palavras de L1/E1, o que ocorre muito frequentemente em discursos contra a homossexualidade.

C-07



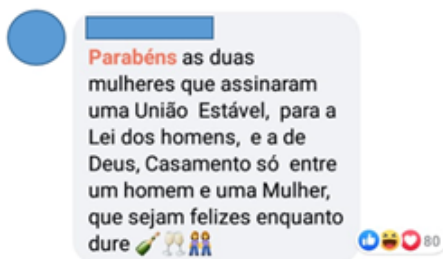
Neste comentário, L1/E1, o internauta CB, apresenta um PdV questionando a palavra casal, termo que, na visão dele, não pode ser usado para se referir à união entre as duas mulheres, sendo mais viável o termo “parceiras”. No mesmo patamar da interpretação dos dois comentários anteriores, observamos uma posição ideológica intolerante e radical em torno do casamento homoafetivo, desta vez baseado no argumento de que “Esse tipo de união”, por ser “coisa de pessoas diferentes”, fere a sacralidade da família e do casamento, segundo o que reza a igreja.

Nesse caso, as duas mulheres, ao serem consideradas um casal, estariam quebrando um preceito religioso já fortemente consolidado na sociedade.

Dito isto, identificamos a não-coincidência entre as palavras e as coisas, pois há em C-07 uma espécie de comando direcionado aos interlocutores para buscar a palavra certa para designar a união entre as duas mulheres (“[...] e se querem ser diferentes arranjem outro nome para o fato, casamento não cola”), sendo que L1/E1 convoca os aspectos da religião para sustentar tal PdV. Logo, assumindo um discurso inflexível, L1/E1 critica quem quer ser diferente, reivindicando que seja necessária a criação de um nome também diferente para o “fato”. Fica claro que a palavra casamento não é aceita pelo internauta como adequada ao que ela representa nesse contexto (casamento homoafetivo), já que usa uma gíria (“não cola”) para demonstrar essa inadequação e, portanto, para sinalizar seu desacordo.

Fazendo um balanço das posições ideológicas contrárias ao casamento homoafetivo, observamos que os lexemas “resto”, “isso”, “coisa” e “fato” assinalam distanciamento enunciativo e, no contexto em que foram empregados, negam a possibilidade de aceitação das relações e do casamento homoafetivos. São, visivelmente, termos que, nesse contexto de interação *online*, servem para desqualificar, reduzir essas relações e, por isso mesmo, acentuar/disseminar o preconceito.

C-08



Neste exemplo, destaca-se também a não-coincidência entre as palavras e as coisas como marcas linguísticas que nos permitem verificar quem assume o conteúdo proposicional do PdV (ADAM, 2011), especificamente quando L1/E1 faz um questionamento e busca uma definição certa do que seja casamento. Assumindo um tom menos radical na forma de se pronunciar, a internauta GN exprime um PdV consonante com o de outros locutores-enunciadores que aprovam a união entre as

duas mulheres, ao direcionar felicitações por meio dos “parabéns”. No caso em discussão, há uma retomada da definição do que seja casamento, pois, segundo L1/E1, a união entre as duas mulheres marca uma “união estável”, no sentido legal/judicial, porém não representa em momento nenhum um casamento no sentido religioso.

Nessa perspectiva, há a defesa de que o termo casamento só pode ser usado para fazer referência à união entre homem e mulher. Assim, qualquer situação que fuja desse conceito não é bem vista perante aqueles que seguem a Lei de Deus. Temos, pois, o discurso religioso como uma forma de normatizar certos comportamentos da sociedade, e o casamento (entre pessoas de sexo diferente) continua a ser entendido como um dispositivo que ainda representa uma manifestação de poder (FOUCAULT, 1979).

Nesses dados, que analisamos a partir de marcas linguísticas sinalizadoras dos fenômenos de modalização autonímica, tal como propõe Adam (2011) para o estudo da responsabilidade enunciativa, verificamos posições ideológicas diferentes em relação à notícia do casamento homoafetivo entre as duas famosas. Vimos que, para construírem seus posicionamentos, os enunciadores recorrem a outros enunciadores, tais como: Deus, a ciência, o senso comum. Na análise feita, colocamos em evidência as estratégias textuais-discursivas que demonstram qual o PdV assumido nos comentários, as vozes com as quais dialogam e a posição ideológica de cada internauta, ser contra ou favorável ao casamento homoafetivo e, por extensão, às relações homossexuais de modo geral. Assim, identificamos o jogo de vozes, o “eu” atravessado pelo “outro”, através da não-coincidências interlocutiva, da não-coincidência do discurso consigo mesmo e, ainda, em contextos que há o diálogo do sujeito com o próprio discurso, através da não-coincidência entre as palavras e as coisas e a não-coincidência das palavras consigo mesmas.

Considerações finais

Neste trabalho, os quatro pontos de não-coincidências do dizer foram mobilizados como marcas linguísticas de responsabilidade enunciativa e dispositivos para a análise dos diversos enunciados proferidos em torno da notícia discursivizada na rede social *Facebook*, mais especificamente na página do Portal de notícias G1.

No desdobramento da análise, mostramos que os comentários encenam uma espécie de duelo, em que, de um lado, manifesta-se a posição favorável ao conteúdo da notícia, e, de outro, com uma força mais proeminente e radical, a posição contrária. As vozes que sustentam ambas as posições acerca do casamento homoafetivo são advindas quase sempre da esfera religiosa e especificamente ancoradas na palavra de Deus, sendo isso sinalizado pela estratégia linguística da imputação de PdV, seguida de acordo.

Do ponto de vista ideológico, ficou evidente que a figura divina, na nossa cultura, ainda se mostra como uma autoridade para reger a melhor forma de viver, no que se refere às relações amorosas. Vimos que, ao se apoiarem em fontes respeitadas (a Igreja e Deus), alguns comentários ecoam críticas mais sutis, enquanto outros, talvez por se sentirem mais livres para se expressar nesse tipo de interação *online*, materializaram enunciados com termos pejorativos, valendo-se de ironia, deboche e desqualificações do tipo xingamento.

Esperamos que o trabalho proposto venha fortalecer e impulsionar pesquisas que se interessem por interligar diferentes lugares teóricos e dispositivos de análise. Nesse sentido, focalizamos a responsabilidade enunciativa, especificamente a categoria dos fenômenos de modalização autonímica, conforme Adam (2011), numa articulação com as reflexões teóricas de Rabatel (2009, 2016), em sua abordagem enunciativa e pragmática dos pontos de vista, e em diálogo com os estudos bakhtinianos, ao nos reportarmos à noção de ideologia. Almejamos, principalmente, que possa embasar reflexões sobre o funcionamento dos discursos polarizadores nas diferentes interações *online*, e, assim, auxilie na construção de um olhar mais vigilante para todas as formas de negação, exclusão e preconceito.

Agradecimento

Ao Prof. Me. Jailson José dos Santos, do Departamento de Letras Estrangeiras da UERN – *Campus* de Pau dos Ferros, pela tradução do resumo e pela disponibilidade em fazer a revisão na versão final, após este artigo científico ter sido aceito para publicação.

Contribuição dos Autores

Eu, Rosângela Alves dos Santos Bernardino, declaro ter elaborado este artigo científico a partir de pesquisa realizada em conjunto com meus orientandos do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – a discente Daliane Pereira do Nascimento, do curso de Mestrado, e o discente Raimundo Romão Batista, do curso de Doutorado. Como autora do texto, colaborei no planejamento da proposta de pesquisa, pensando junto com os coautores sobre a delimitação dos seguintes aspectos: problemática, temática, questões/objetivos de pesquisa, recorte da materialidade textual/discursiva analisada, delimitação de categorias de análise, dos conceitos e postulados teóricos, entre outros pontos pertinentes ao exercício da pesquisa. Primeiramente, conduzi o processo de escrita da versão inicial do artigo, depois atuei no aprofundamento, em todas as seções (introdução, metodologia, aporte teórico, análise e interpretação dos resultados), além de fazer a revisão textual, gramatical e técnica. Declaro, por fim, que os coautores e eu participamos da revisão final do artigo, após ter sido aceito para publicação.

Eu, Daliane Pereira do Nascimento, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), na UERN – *Campus* de Pau dos Ferros, contribuí em todas as etapas da produção do artigo, do planejamento à escrita, bem como na revisão final. De forma específica, colaborei no esboço inicial do plano do texto, atendendo aos apontamentos da primeira autora quanto à necessidade de ajustes, fiz a seleção inicial do *corpus*, colaborei na contextualização da situação-problema, na elaboração da seção teórica e na etapa de análise descritiva dos dados.

Eu, Raimundo Romão Batista, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), na UERN – *Campus* de Pau dos Ferros, colaborei com todas as etapas da produção do artigo, do planejamento à escrita, bem como na revisão final. De forma específica, colaborei na elaboração da seção teórica e atendi aos apontamentos da primeira autora quanto à necessidade de ajustes. Além disso, também colaborei na etapa de seleção do *corpus*, na contextualização da situação-problema e na etapa de análise descritiva dos dados.

Referências

- ADAM, J. M. *A linguística textual: uma introdução à análise textual dos discursos*. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da S. Neto e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. Revisão Técnica: João Gomes das S. Neto. 2. ed. revisada e aumentada. São Paulo: Cortez, 2011.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Tradução de Claudia R. Castellanos Pfeiffer *et al.* Revisão técnica da tradução Eni Pulcinelli Orlandi Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité(s) énonciative(s). *Langages*, Paris: n. 73, p. 91-102, 1984. DOI: <https://doi.org/10.3406/lgge.1984.1167>
- AUTHIER-REVUZ, J. L'énonciateur glosateur de ses mots; explication et interprétation. *Langue Française*, Paris, n. 103, p. 91-102, 1994. DOI: <https://doi.org/10.3406/lfr.1994.5729>
- AUTHIER-REVUZ, J. *Ces mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidence du dire*. Paris: Larousse, 1995.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5. ed. São Paulo: Editora Hucitec Annablume, 2002. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/58069225/Bakhtin-O-Discurso-No-Romance>. Acesso em: 21 maio 2014.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BERNARDINO, R. A. dos S. *A responsabilidade enunciativa em artigos científicos de pesquisadores iniciantes e contribuições para o ensino da produção textual na graduação*. 2015. 286f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. 2. ed. rev. Campinas, Editora da Unicamp, 2005. p. 87-98.

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. Linguística Textual e heterogeneidade enunciativa. In: CAPRISTANO Jr, R.; LINS, M. da P. P.; ELIAS, V. M. (org.). *Linguística Textual e pragmática: uma interface possível*. São Paulo: Labrador, 2017. p. 213-237.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GUERRA, E. L. A. *Manual: pesquisa qualitativa*. Belo Horizonte: Ânima Educação, 2014.

LACAN, J. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MAINGUENEAU, D. (org.). Les analyses du discours en France. *Langages*, Paris, n. 117, 1995.

MIOTELLO, V. *Ideologia*. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. 4 reimp. São Paulo: Contexto, 2010. p. 167-176.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132003000200004>

RABATEL, A. *Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa*. Tradução de Maria das Graças Soares Rodrigues, Luís Passeggi, João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Contexto, 2016.

RABATEL, A. Posturas enunciativas, variável genérica e estratégias de posicionamento. In: ANGERMULLER, J; PHILIPPE, G. (org.). *Análise do discurso e dispositivos de enunciação: em torno da obra de Dominique Maingueneau*. Tradução de Euclides Moreira Neto. Limoges: Lambert-Lucas, 2015. p. 125-135.

RABATEL, A. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. In: WANDER, E. (org.). *A construção da opinião na mídia*. Tradução de Wander Emeditato. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Núcleo de Análise do Discurso, 2013. p. 19-66.

RABATEL, A. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée. *Langue Française*, Paris, n. 162, p. 72-85, 2009. DOI: <https://doi.org/10.3917/lf.162.0071>

SEIDEL, V. F.; SILVA, C. U. C. O signo e seus conceitos: de Saussure a Bakhtin/Volochínov. *Revista Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 11, n. 2, p. 179-192, 2017. DOI: <https://doi.org/10.35499/tl.v11i2.4113>. Disponível em: [Dialnet-OSignoESeusConceitos-6372547.pdf](https://dialnet-osignoeseusconceitos-6372547.pdf). Acesso em: 20 jan. 2020.

SEVERINO, A. J. Teoria e prática científica. In: _____ (org.). *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. p. 100-119.

SOBRAL, A. Dialogismo e interação. In: SOBRAL, A. (org.). *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 21-46.

VOLOCHÍNOV, V. (Círculo de Bakhtin). A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem. In: VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 91-102.

VOLOCHÍNOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. In: VOLOCHÍNOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. Tradução e revisão de Allan Tadeu Puglise *et al.* São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 147-181.



“Troca de galhardetes”.¹ Para o estudo da violência verbal na polémica sobre o Acordo ortográfico em Portugal

“Troca de Galhardetes”. For the study of verbal violence in polemical discourses concerning the orthographic agreement in Portugal

Mariana Silva Ninitas

Universidade Aberta (UAb), Lisboa, Portugal

mariana_msilva@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-1549-0335>

Resumo: O presente estudo tem como principal objetivo refletir acerca do uso da agressividade e da violência verbais na construção da polémica, num *corpus* de textos de opinião sobre o Acordo Ortográfico de 1990 (doravante AO90), nas perspetivas da Pragmática, da Retórica, da Argumentação e da Linguística Interacional. O estudo parte, fundamentalmente, das noções de *ethos* e *Face Threatening Acts* (“atos ameaçadores da face”) com o intuito de verificar quais as estratégias linguístico-discursivas dominantes que veiculam a agressividade e a violência verbais. A análise do *corpus* permite concluir que os locutores manipulam diversas estratégias na construção da sua argumentação, tendo sempre a intenção de provocar e perpetuar o dissenso. Recorrentemente, os locutores atacam os seus interlocutores ao invés das suas ideias, por um lado, desqualificando-os e, por extensão, denegrindo também os seus apoiantes.

Palavras-chave: análise do discurso; pragmática; acordo ortográfico 1990; polémica verbal; violência verbal.

Abstract: The main goal of this study is to show the use of aggressiveness and verbal violence in polemical discourses, from a *corpus* composed by opinion texts concerning the Orthographic Agreement of 1990, taking in account the perspective of Discourse Analysis, Pragmatics, Rhetoric, Argumentation and Interactional Linguistics. The study

¹ Em português europeu, a expressão idiomática “troca de galhardetes” significa uma troca de opiniões, maioritariamente polémicas e/ou agressivas, temporalmente distanciadas, por norma.

is mainly based on the notions of *ethos* and Face Threatening Acts, in order to verify which are the dominant linguistic-discursive strategies that convey aggressiveness and verbal violence. The *corpus*' analysis allows us to conclude that the speakers manipulate several strategies in the construction of their arguments, always with the intention of provoking and perpetuating the dissensus. Frequently, speakers confront their opponents, disqualifying them and, by extension, their supporters, instead of discussing the difference of opinion.

Keywords: discourse analysis; pragmatics; orthographic agreement of 1990; polemical discourse; verbal violence.

Submetido em 19 de abril de 2020

Aceito em 27 de maio de 2020

1 Introdução

O presente estudo tem como principal objetivo verificar quais as estratégias linguístico-discursivas que são usadas na construção de um discurso polêmico e agressivo, num *corpus* de textos de opinião sobre o Acordo Ortográfico de 1990 (doravante AO90), nas perspectivas da Pragmática, da Retórica, da Argumentação e da Linguística Interacional.

Sendo o AO90, à semelhança de outras reformas linguísticas, entendido por muitos como um ataque a um património intocável – a língua –, almejamos que o trabalho de investigação que nos propomos encetar contribua para a reflexão sobre como a construção do discurso polêmico é veiculada em artigos de opinião sobre o AO90, redigidos em português europeu, e de que forma o recurso à agressividade e à violência verbais serve esse propósito.

Sendo inequívoco que a polémica em torno do AO90 reside, em grande parte, e conforme apresentando por Gomes (2008, p. 26), em argumentos de ordem linguística, mas também de ordem política e relacionados com o prestígio de Portugal e da língua falada em território luso – com especial destaque para a ideia *quasi* generalizada de que o AO90 é sinónimo de uma subjugação de Portugal ao Brasil –, iremos demonstrar que muitos dos argumentos apresentados como justificação para a não adoção do novo acordo são facilmente contestados por quem assim o deseje, mesmo que sem competência linguística para essa avaliação e apreciação.

Sendo justamente o Acordo Ortográfico de 1990² um tema polêmico e fraturante na sociedade portuguesa, que tem feito correr rios de tinta, sobretudo na imprensa escrita, centrar-nos-emos nesta polémica verbal.

Centrando-nos no estudo da polémica verbal, importa, pois, destacar os relevantes contributos de Rodrigues (2008) e Gil (2018), que procederam a investigação, no âmbito das pesquisas de doutoramento, em discurso, e em discurso referendário e político, respetivamente. Importa, ainda relevar, o estudo de Ramos (2000), que aprofundou o estudo das características de polemicidade em discursos de opinião escritos, e o texto conjunto de Cavalcante, Pinto e Brito (2018) que, centrado essencialmente numa perspetiva sociocognitivo-discursiva para o estudo da argumentação em textos, visou refletir sobre as formas como a polémica, na sua vertente argumentativa, se materializou em textos mediáticos de natureza política .

No que concerne ao AO90, é hercúlea a tarefa de elencar todos os estudos produzidos que se focam na discussão linguística das alterações ortográficas propostas. Não podemos deixar de destacar, ainda assim, o importante contributo de Ribeiro (1994), na perspetiva das Ciências da Comunicação, para a reflexão sobre a polémica em torno do Acordo Ortográfico, e a publicação de Seara e Marques (2015), que analisa a polémica em dois textos de opinião sobre o Acordo Ortográfico, numa perspetiva linguístico-discursiva.

O presente estudo visa, pois, perceber de que forma se constrói o discurso polêmico nos textos de opinião sobre o Acordo Ortográfico de 1990, identificando as regularidades da organização e funcionamento da polémica escrita e a forma como essa polémica depende do seu locutor e/ou do seu interlocutor, e do tipo de publicação em que surge, mas também analisar em que medida estes textos de opinião, dados à estampa, recorrem à agressividade e/ou à violência verbais – mais ou menos explícitas.

² O Conselho de Ministros de 9 de dezembro de 2010 aprovou uma Resolução que determinou a aplicação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa no sistema educativo no ano letivo de 2011-2012 e a partir de 1 de janeiro de 2012 ao Governo e a todos os serviços, organismos e entidades na dependência do Governo, bem como à publicação do Diário da República.

2 Questões de Investigação

A um nível macro de análise, propomo-nos responder à seguinte questão:

- Quais os motivos que presidem ao dissenso e quais os argumentos que são convocados pelos que defendem o AO90 e os que o atacam e denigrem?

A um nível micro de análise, propomo-nos responder às seguintes questões:

- Quais as estratégias de construção de polémica no discurso?
- Quais os mecanismos discursivos que subjazem à construção do *ethos* do autor?
- Quais as estratégias discursivas predominantes de defesa e ataque (FTAs)?
- Quais as estratégias de defesa e ataque que recorrem à agressividade e/ou violência verbais?
- Que *ethè* são construídos nos debates polémicos que são travados pelas duas facções?

3 Corpus

Dadas as limitações, para este estudo, com carácter exploratório, foi constituído um *corpus* documental com dois textos de opinião sobre o Acordo Ortográfico de 1990, dados à estampa na imprensa portuguesa, mais concretamente, no semanário português *Expresso*.

Os dois exemplares são da autoria de Miguel Sousa Tavares³ e Daniel Oliveira, duas figuras do panorama político português, que se posicionam em polos opostos no que à polémica sobre o Acordo Ortográfico de 1990 diz respeito.

Ambos os textos surgem na sequência de uma ação de Vasco Graça Moura, que, em fevereiro de 2012, enquanto Presidente do Centro

³ No ponto 8 do presente trabalho, apresentá-los-emos com maior pormenor.

Cultural de Belém, ordenou a aplicação da anterior ortografia em todos os textos produzidos pela instituição que presidia.

4 Metodologia e perspectivas de análise

No presente trabalho, analisaremos, do ponto de vista discursivo-pragmático, um *corpus* documental, constituído por dois textos de opinião sobre o Acordo Ortográfico de 1990, dados à estampa na imprensa portuguesa, conforme apresentado no ponto 3 do presente trabalho.

Para a prossecução dos objetivos de investigação, os textos foram etiquetados tendo em conta o tipo de publicação a que se associam, a data e o seu autor.

A análise do *corpus* insere-se no quadro teórico da Análise do Discurso (MAINGUENEAU, 1991, 2002; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2002, entre outros).

Considerando que um discurso de opinião – qualquer que seja o género em que se insira – é uma prática dialogal (*in absentia*, no caso dos textos do *corpus*), serão convocados, igualmente, os contributos das teorias interacionais de Kerbrat-Orecchioni (1980a, 1992, 2001, 2005, entre outros), bem como das teorias de argumentação no discurso numa perspectiva retórica (AMOSSY, 1999, 2012), de que privilegiaremos a noção de *ethos*. Amossy, numa perspectiva pragmática e argumentativa, considera não apenas que o *ethos* é a construção da imagem do enunciador no discurso, mas que a eficácia do discurso é tributária da conjugação da imagem social de que se reveste o enunciador, e simultaneamente da construção discursiva no quadro interacional, perspectiva relevante na análise que propomos.

Ainda contemplando a noção de construção da imagem do locutor/ alocutário, convocaremos a noção de *face*, proposta por Goffman (1967). Segundo o autor, o termo *face* designa a imagem que o interlocutor tem de si mesmo e que é construída a partir de atributos socialmente aceites (GOFFMAN, 1967, p. 5). Goffman (1967, p. 7) acrescenta, ainda, que, perante os atributos de um determinado interlocutor e a natureza convencionalizada de uma dada interação, o participante tem consciência de que dispõe de um pequeno grupo de possibilidades de intervenção e de um pequeno grupo de *faces* que poderá adotar. Geralmente, a manutenção da face de um interveniente é uma condição da interação, não o seu objetivo, sendo que a figuração, como ganhar a *face* para

alguém, dar espaço à expressão das crenças de alguém, introduzir opiniões depreciativas sobre outros, resolver problemas, executar tarefas, etc são ações que se realizam com o objetivo de manter a consistência perante a face que se adotou (GOFFMAN, 1967, p. 12). As formas mais frequentes de defender/proteger a face são: evitar determinado tema ou o processo de correção. O não cumprimento – muitas vezes intencional – dos princípios de proteção da face, geram os chamados FTAs, ou seja, *Face Threatening Acts*, previsivelmente, muito frequentes no discurso polêmico.

Num nível macrodiscursivo, e no âmbito retórico, debruçar-nos sobre a argumentação, enquanto dimensão constitutiva do discurso, de acordo com os trabalhos desenvolvidos por Amossy (2007, 2012), Maingueneau (2011), Plantin (1996), entre outros.

Num plano micro, a presente análise será ainda subsidiária dos contributos de Fonseca (1992a), Carreira (1997) e Kerbrat-Orecchioni (1992).

Da pragmática, uma vez que os textos polêmicos se revestem de uma forte carga emocional, convocaremos contributos que se reportam à teoria dos atos de fala, ancorados em autores como Austin (1962) e Searle (1969). Seguiremos a tipologia dos atos ilocutórios expressivos, proposta por Palrilha (2009), que segue os pressupostos de Searle (1969) e Norrick (1978). Segundo Palrilha (2009), os atos ilocutórios expressivos podem ser organizados em duas áreas: atos expressivos emotivos, que são realizados na expressão de gostos, de emoções, de sentimentos; e, por seu turno, atos expressivos avaliativos, que são realizados na expressão de opiniões favoráveis/desfavoráveis, na expressão de juízos de valor (PALRILHA, 2009, p. 117-118).

Uma vez que se prevê que a polémica em textos de opinião possa partir de uma reação a um texto anterior,⁴ convocaremos, igualmente, as noções de atos ilocutórios de negociação de sentido, destacando os

⁴ A existência de um Terceiro (“Tiers”) “faz-se sentir mesmo em situações em que essa presença não é física através da “questão argumentativa” que impulsiona o confronto e o configura textual/discursivamente: o discurso argumentativo organiza-se globalmente em torno de dois pólos semântico-pragmáticos, articulando um discurso e um contra-discurso em torno dos quais se alinham os interlocutores, que aderem ou se revêem nos argumentários avançados por Proponente e Oponente. Aquele Terceiro assume frequentemente uma posição “meta” em relação aos discursos em confronto (PLANTIN, 1995, p. 122)”. (GIL, 2018, p. 92.)

atos iniciativos (como a afirmação, a pergunta, a indagação) e os atos reativos (como a crítica, o desmentido, a refutação, a contestação, a contra-argumentação, a negação, a contraposição).

Considerando que a emoção não só está presente como caracteriza o discurso polêmico e o difere da controvérsia, a presente análise será igualmente tributária da noção de polémica de Amossy (2008a, 2010a, 2011), conquanto possam ser mobilizados outros contributos teóricos.

Por fim, o presente trabalho terá como ponto de partida os trabalhos de teorização sobre a polémica e a violência verbal, que apresentaremos mais detalhadamente em seguida.

5 Enquadramento socio-histórico do Acordo Ortográfico de 1990

Somente no séc. XII, segundo Teyssier (1990), se reconhece, oficialmente, o início da história da língua portuguesa, como consequência da descoberta daquele que se julga ser o primeiro documento (conhecido) redigido inteiramente em português – *Notícia de Fiadores* (1175). Nos primeiros séculos de existência da língua portuguesa, segundo Fonseca (1985), a sua forma escrita era variável, fenómeno que facilmente se explica pelo facto de o português ser, à data, uma língua vernácula que coabitava com o latim – a língua culta e de ensino.

Sendo a língua um instrumento vivo que se modifica ao longo dos tempos (SILVA NETO, 1960, p. 18), também a língua portuguesa, desde que fixada como tal, sofre inúmeras variações no decorrer dos anos – evoluindo do galego-português ao português moderno (cf. TEYSSIER, 1990) – e, com ela, a sua representação escrita.⁵

No séc. XVI surge a primeira gramática da língua portuguesa, da autoria de Fernão de Oliveira, seguindo-se-lhe a *Grammatica da Língua Portuguesa*, de João de Barros (1540), mas é apenas no séc. XIX que se começam “a dar os primeiros passos linguísticos virados para uma preocupação gramatical mais profunda do nosso idioma” (PALMA, 2010, p. 6), dados por Viana de Gonçalves que, segundo Palma (2010, p. 6), prossegue a sua demanda no séc. XX.

É, então, a partir de 1911, que Portugal dá o primeiro passo efetivo no sentido de padronizar a forma de escrita da língua a ser usada

⁵ Para uma visão cronológica, até 2009, consultar: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=acordo-historia>.

nas publicações oficiais e no ensino. A necessidade de criar uma norma ortográfica credível (CASTRO; LEIRIA, 1987, p. 103) leva à criação de uma reforma que prevê um retorno à ortografia fonética da Idade Média, mais simplificada, alterando-se “a estética escrita do português” (PALMA, 2010, p. 8). Tal movimento gera bastante discórdia, ainda que conte com nomes de grande prestígio como Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, Cândido de Figueiredo e Gonçalo Viana.

Pelas razões supracitadas, o acordo não vingou de imediato. E se as vozes detratoras se fazem ouvir em Portugal, muito mais se pronunciam no Brasil.

Portugal adota a nova reforma em 1911, ao passo que o Brasil se mantém com a sua antiga norma até 1938 – ano em que a Academia Brasileira de Letras consegue fazer aprovar a reforma vigente em Portugal.

As divergências, no entanto, fazem-se sentir com grande intensidade, ao longo dos anos, o que conduz à criação da Convenção Ortográfica Luso-Brasileira, adotada em 1945, por Portugal, que se manteve vigente até há poucos anos.

Na sequência da recusa do Brasil em ratificar o acordo aceite por Portugal, outras tentativas de aproximação entre Portugal e Brasil são orquestradas, mas apenas no início da década de 70 se dá uma mudança. Em 1971,

[...] o Governo Brasileiro deu um passo muito grande no caminho da unificação ortográfica, nomeadamente com a supressão do acento circunflexo na distinção dos homógrafos (ESTRELA, [s.d.], p. 145)

Apesar de todas as tentativas, as divergências teimam em resistir. Assim, segundo Palma (2010),

[...] no decorrer do ano de 1975, no sentido de reduzir as dissemelhanças, a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras elaboraram um novo projecto de acordo, que nunca chegou a ser aprovado oficialmente, por razões de ordem política. (PALMA, 2010, p. 13)

Nesta sequência, em 1986, juntam-se os representantes de Portugal, Brasil e cinco novos países africanos lusófonos – antigas colónias portuguesas. Também neste encontro não há consenso,

“incidindo a maior discórdia na problemática da acentuação de palavras” (PALMA, 2010, p. 13).

Em 1990, a Academia das Ciências de Lisboa reúne e junta uma Nota Explicativa ao acordo original. Esta última versão é aprovada em simultâneo pelos governos de Portugal e do Brasil, mas a sua entrada em vigor é adiada, pois apenas os dois países e Cabo Verde ratificam a sua aplicação (CRISTÓVÃO *et al.*, [s.d.], p. 24).

Vários anos se passam e, apenas em 2008, a Assembleia da República de Portugal ratifica o Segundo Protocolo Modificativo (já autorizado pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, em 2004). No mesmo ano, as reações detratoras ao novo acordo proliferam. Ainda assim, o Brasil assina o decreto de implementação, com efeitos a partir de 2012.

O consenso em relação a esta norma tende, no entanto, a tardar. Assim, em 2017, em Portugal, é criado um grupo de trabalho para avaliar os argumentos de defensores e detratores do Acordo Ortográfico (doravante AO).

Muitos deputados entendem que o AO não cumpre o objetivo de unificar a Língua Portuguesa, tendo, até janeiro de 2020, só sido adotado por Portugal, Brasil, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Timor-Leste ainda não ratificaram). Por essa razão, muitos recomendam que haja uma nova ronda de negociações entre os Estados-membros da CPLP.

As propostas de alteração ao AO preveem a integração das recomendações da Academia de Ciências de Lisboa, que incluem repor os acentos, como em *pára*, as consoantes eliminadas em algumas palavras, como *espectador*, e os hífens, como em *fim-de-semana*.

Além das propostas do grupo de trabalho, a Iniciativa Legislativa de Cidadãos contra o Acordo Ortográfico entrega, em abril em 2019, na Assembleia da República Portuguesa, mais de 20 mil assinaturas. Esta iniciativa é assim transformada num projeto de lei para revogação do Novo Acordo Ortográfico.

A história da implementação ou revogação do Acordo parece não ter fim, mas é a partir dos sumarentos textos produzidos pelos defensores e pelos detratores que o presente trabalho será construído.

6 A construção do discurso polêmico

As inúmeras reações à implementação do AO90 e a falta de consenso em torno do tema produziram um sem número de textos escritos de natureza *polêmica*.

Para melhor compreender o que a seguir apresentamos, é necessário explicitar, antes de mais, a diferença entre a polêmica enquanto ação discursiva (“*du*” *polémique*) e a polêmica enquanto troca interacional (“*de la*” *polémique*) (AMOSSY, 2003). Segundo Jacquin (2011), são os participantes das interações que avaliam certos comportamentos como parte de uma polêmica e decidem agir perante a situação polêmica, incluindo-se nela.

Se parece verdade que todo o discurso polêmico – na aceção que apresentaremos abaixo – é argumentativo, o contrário não parece verificar-se. A maior parte das definições de argumentação e de retórica partem do princípio de que se pretende chegar a um consenso. O consenso, ou seja, o resultado de uma persuasão eficaz, não parece ser condição necessária, no entanto, para a definição de argumentação.

Segundo Plantin (2011), a argumentação é a gestão de diferentes pontos de vista e representações, levando ao consenso no meio do dissenso. Desta forma, a argumentação trata-se de uma atividade agonal, dialógica e subjetiva. O discurso argumentativo-persuasivo é, então, e segundo Fonseca (1992, p. 205), um subtipo do discurso polêmico. Charaudeau (2017, p. 23) defende, no entanto, que o discurso polêmico dificilmente será um género, sendo mais uma forma de enunciação.

É inegável, no entanto, que muitas atividades discursivas são ancoradas do dissenso, sendo os intervenientes conscientes de que o seu discurso não mudará a perspetiva do outro.

Assim, Rodrigues (2008) define a polêmica como

[...] uma prática discursiva própria de interações verbais marcadas por duas coordenadas constantes: a dissensão entre os falantes em relação a uma matéria e a dimensão argumentativa/refutativa determinada por objectivos persuasivos. Dessa prática discursiva fa[z]em parte, a par da polêmica, a controvérsia,⁶ a

⁶ Segundo Rodrigues (2008, p. 30), “A controvérsia, associada à racionalidade e à verdade, é correntemente descrita por aspectos como: objectivo de persuasão do interlocutor e de demonstração da verdade, argumentação rigorosa e honesta, tom sereno e moderado – traços fortemente contrastivos com os da polêmica, mais apropriada à

disputa, a discussão, a querela, por exemplo. (RODRIGUES, 2008, p. 30.)

Abordaremos, a partir do enquadramento teórico que apresentamos, o discurso polêmico a partir da sua organização em dois polos antagônicos, em que se defronta o Nós e o Eles/ o Outro (MAINGUENEAU, 1983, p. 20). A polêmica é, pois, neste sentido, uma atividade argumentativa em que o locutor procura reforçar a sua tese, tornando-a impenetrável, sem pretender, necessariamente, convencer o outro (DOURY, 2012). A gestão verbal do conflito dá origem àquilo que Amossy (2010) classifica como a coexistência de dissenso.

Neste sentido, e segundo Burger (2005, 2008, 2011), é no dissenso que os participantes concordam em discordar, envolvendo-se num trabalho colaborativo de negociação, ainda que conscientes da impossibilidade de um consenso. Os interactantes colaboram para se oporem melhor, marcando não apenas a coexistência de opostos, mas, também, e acima de tudo, a sua comunicabilidade. O autor refere, ainda, que o dissenso funciona como uma espécie de antídoto para a violência verbal, até ao conflito efetivo, que é, segundo o mesmo, o colapso da comunicação.

O discurso polêmico é, assim, percorrido pela isotopia do belicismo, em que as armas são as palavras. Estas armas servem para desqualificar o discurso do alocutário ou o próprio adversário (com ataques *ad hominem*).

A dicotomia entre posições agônicas é construída através de estratégias discursivas de agressividade e mesmo de violência verbal, bem como por meio de avaliações axiológicas que polarizam os discursos

resolução de problemas estéticos (literatura, música, arte em geral), onde o diferendo se centra em questões de gosto.” Ainda que a noção de controvérsia pareça incompatível, na perspectiva de Rodrigues (2008), com a noção de polémica, Dascal (1989, 1990a, 1990b, 1992, 1994, 1995a, 1995b) propõe que a controvérsia seja um terceiro modo da polémica. Segundo o autor, nas controvérsias, as partes permanecem comprometidas com as suas posições iniciais, ainda que aceitem a existência de outros posicionamentos. Para o autor, a controvérsia pode ser resolvida, mesmo que o dissenso permaneça, sem vitória ou reconhecimento do erro – o que permite a compatibilidade com a ideia de polémica e a sua natureza ilógica. Ainda segundo Dascal, a maioria das polémicas reais são controvérsias. Veja-se, também, a este propósito, Engelhardt Jr. e Caplan (1987) e Granger (1985).

e os seus intervenientes em torno de tópicos como BEM/MAL, JUSTO/INJUSTO, VIDA/MORTE, etc.

O agonismo que encontramos no discurso de opinião vinca a polemicidade constitutiva do ato de contra-argumentar.

Marc Angenot (2008, 2015) refere-se, oportunamente, à polémica como um diálogo de surdos ou uma retórica antilógica. Na verdade, para o autor, definir a Retórica como arte e persuasão é partir de uma premissa errada, já que, raramente, o objetivo de persuasão é conseguido. E é no dissenso, na ausência de comunhão de racionalidade que os intervenientes são conduzidos a uma forte carga emotiva, revestida de indignação e cólera.

No caso do discurso de opinião, amplamente tratado por Fonseca (1992b, 1998), constrói-se uma relação polémica em que um discurso segundo se opõe a um discurso prévio (MAINGUENEAU, 1984), havendo, desta forma, um carácter dialógico e – talvez – dialogal *in absentia*. Não raras vezes, na imprensa, as intervenções surgem como texto de opinião, muitas vezes parecendo respostas a uma pergunta que circula durante meses: “É a favor do acordo ortográfico?”. Nesse sentido, a polémica entende-se como uma modalidade argumentativa em que o dissenso abre caminho para o consenso ou, pelo menos, para um exercício de deliberação.

Amossy (2010, p. 209) nota, ainda, que o discurso polémico tem como principal objetivo a desqualificação do discurso do outro, acentuando as divergências. Assim, sem um contradiscurso não existe polémica. A natureza da polémica é dialógica, mas não necessariamente dialogal, já que o suporte de muitas das polémicas são os *media*.

Kerbrat-Orecchioni (1980a) acredita que a polémica se inscreve num quadro de paixão e de violência, constituindo-se como um tipo de interação qualificado como agressivo, violento ou, de forma mais mitigada, vivo. Segundo Rodrigues (2008, p. 178), a polémica gerada pode ser uma *polémica de ideias*, mas, também, *polémica pessoal*, fazendo uso de diversas estratégias de ataque *ad hominem*. De entre as estratégias possíveis, segundo Jacquín (2011), é possível destacar, por exemplo, o insulto, o ataque à moralidade, a reformulação de comentários feitos pelo *outro* e a contradição. O autor relembra, ainda, que a polémica pode ser construída com “efeito” – como numa partida de *snooker* [*proposta nossa*]: pode revelar-se por um ataque à tese através do ataque ao homem ou mesmo o seu inverso.

As fórmulas manipuladas na construção da polémica, segundo Hekmat (2011), podem ser, assim, em simultâneo, polimórficas, i.e. contestarem a afirmação considerando-a problemática e/ou inadequada à realidade, e polifuncionais, i.e. provocarem agonismo e/ou atacar o adversário interacional. De referir, no entanto, que

se as emoções/paixões e a violência verbais abundam no discurso polémico, tal não significa que sejam constitutivos do discurso polémico: não se trata, portanto, de elementos definitórios da polémica, e há que distinguir a violência do conflitual (sendo este último traço caracterizador da polémica, ao contrário do primeiro). (GIL, 2018, p. 111.)

Mas de que forma o dissenso da polémica se concretiza em termos linguístico-discursivos? Segundo Gil (2018),

A citação ou a inscrição do discurso oponente, por meio da retoma ou da reformulação, no discurso do locutor é uma estratégia privilegiada na polémica: por um lado, o locutor retoma o discurso do Outro deformando-o amiúde, de modo a servir os seus objectivos; por outro lado, apresentar como pressuposto um dado objecto de discurso constitui uma forma de o apresentar sem assumir a responsabilidade enunciativa – ao Oponente restam duas hipóteses de algum custo: ou ignorar o adversário, o que pode ser entendido como um sinal de concordância (estrategicamente desvantajoso), ou terá de negar o pressuposto, com maior ou menor grau de violência, sob risco de acusações de fraqueza ou de desvio do essencial do debate. (GIL, 2018, p. 111.)

Também o discurso direto, o discurso indireto e indireto livre, as citações diretas ou a reformulação constituem, segundo a mesma autora, formas de retoma do discurso do adversário com forte pendor argumentativo e polémico, através dos quais se realizam “actos de composição textual/discursiva com uma saliente natureza metalinguística/metacomunicativa” (FONSECA, 1994, p. 127-128). Segundo Gil (2018),

Se não conduz a uma solução, a polémica abre, pelo menos, caminho para a adopção de um posicionamento que impeça um infundável dissenso. Polemizar é, nesse sentido, uma actividade que está ao serviço de uma comunidade participativa e que reconhece a alteridade. (GIL, 2018, p. 120.)

As disputas são, assim, e conforme defendido por Dascal (2005, p. 30), informativas, uma vez que a apresentação de argumentos permite uma melhor e mais clara identificação das diferenças entre as partes.

Perante a multiplicidade de estratégias possíveis na manifestação da polémica, será fácil reconhecer e aceitar a, também, multiplicidade de vozes. Esta polifonia permite reforçar os laços e a identidade entre os diferentes atores – locutor e alocutário. Nesta perspetiva, o auditório a que se dirige o discurso é uma construção discursiva, pois o discurso do locutor tem de se basear nos saberes *doxais*,⁷ lugares-comuns e representações de que o seu alocutário/destinatário comunga.

Nesse campo, importa ainda referir a noção de “maioria silenciosa”, proposta por Le Bart (1998, p. 46), a propósito do discurso político polémico. Brilliant (2011) defende, nesta sequência, que é, muitas vezes, através desta “opinião pública” que se suportam argumentos que não provocam realmente confrontos em teses antagónicas, mas que se apresentam como um jogo de xadrez, traduzindo-se em estratégias de posicionando mais do que em confrontos ideológicos.

É, então, nesse âmbito que entra em jogo a “esquematisação” de Grize ou o “estereótipo” de Amossy. Segundo Fonseca (1994),

partindo da imagem pré-existente do alocutário, o locutor assenta o seu discurso em premissas (de ordem social, cultural, histórica) que crê serem aquelas que correspondem aos saberes do seu auditório. O grau de dificuldade de tal tarefa varia em função da heterogeneidade do auditório; o locutor não pode, no entanto, eximir-se a essa construção discursiva, já que o alocutário/destinatário é parte integrante do dispositivo de enunciação. (FONSECA, 1994, p. 124.)

Amossy (2001) sublinha, no entanto, que a construção discursiva do alocutário é em si mesma uma estratégia argumentativa, uma vez que é possível fazer com que o alocutário queira ser a imagem favorável na qual se revê (AMOSSY, 2002, p. 469). A presença do alocutário em termos discursivos pode revelar-se, no entanto, de forma explícita ou

⁷ A noção de *doxa* é-nos proposta pela Pragmática Linguística e consiste no “conhecimento do mundo” ou nas crenças partilhadas por uma determinada comunidade. Segundo Fonseca (1992b), a *doxa*, além de permitir a interpretação do enunciado e dos seus implícitos, possibilita que haja uma deslocação de agentividade, uma vez tratar-se de um conhecimento sem rosto.

implícita. Segundo Kerbrat-Orecchioni (1980b, p 158-161), as formas de tratamento, a indireção na convocação do alocutário, ou o uso de determinadas formas pronominais constituem algumas das formas mais explícitas de materializar o alocutário no discurso, i.e. estratégias de referenciação. Por outro lado, essa materialização pode ser feita de forma implícita, segundo a mesma autora, através da imagem que o locutor faz do seu alocutário, a escolha da estratégia discursiva e os conteúdos veiculados. As duas modalidades dependem do “contrato” estabelecido entre locutor e alocutário.

Charaudeau (1995b, 1995a, 2006) defende que esse “contrato” permite estruturar a prática discursiva em função dos constrangimentos impostos pela identidade de cada um dos intervenientes, bem como pelos objetivos, das circunstâncias (contexto), os *topoi* e a *doxa*.

A imagem do locutor, na mesma linha, depende, igualmente, de construções discursivas e sociais, a que a noção de *ethos* não é alheia.

Kerbrat-Orecchioni (2000) articula ao *ethos* um conceito de *ethos* coletivo, i.e. a percepção que o auditório tem do seu locutor, bem como o sucesso das suas intenções dependem da forma como os membros de uma comunidade se apresentam numa interação verbal, os saberes enciclopédicos e os valores que partilham. Micheli (2011) acrescenta, a este propósito, que a legitimidade do *ethos* do locutor, aquando da interação dita polémica, pode ser construída pelo contraste entre a insensibilidade/desprezo do seu adversário em relação a determinado assunto e a consequente ideia de sensibilidade a que o locutor se associa automaticamente.

Em síntese, os estudos acima mencionados tornam claro que a polemicidade é uma dimensão específica dos textos de natureza argumentativa, cujo principal objetivo, mais do que levar ao consenso, passa por desqualificar um lado particular e tornar a tese impenetrável ao adversário.

O estudo do discurso polémico, seguindo Rodrigues (2008), implica a análise dos atos de fala, dos atos ilocutórios ameaçadores da face, das marcas de subjetividade, das avaliações axiológicas, das retomas e da representação do Outro, e será nesse sentido que conduziremos o presente estudo. A polemicidade, segundo a mesma autora, é, então, um fenómeno pluridimensional “que pode constituir um traço configurador do discurso de forma generalizada ou de forma localizada” (RODRIGUES, 2008, p. 70).

6 A agressividade e a violência verbais

A agressividade e a violência verbais, também referidas por alguns autores como *flaming*,⁸ têm sido objeto de estudo sob inúmeras perspectivas de análise, no âmbito dos estudos da linguagem, nos quais são privilegiados aqueles que se debruçam sobre a polêmica verbal.

Segundo Antonio Balandrón Pazos, a agressividade é o primeiro estágio da violência (BALANBRÓN PAZOS, 2004, p. 42). Para o autor supracitado, a diferença entre agressividade e violência é puramente cultural, podendo sintetizar-se da seguinte forma: a agressão visa dissuadir o outro, ao passo que a violência tem a intenção de causar dano, físico ou psicológico, ao interlocutor, de forma intencional (BALANBRÓN PAZOS, 2004, p. 48).

Não há como ignorar, no entanto, e como Rodríguez e Lara (2008) acrescentam, que, independentemente da intenção subjacente, os interactantes recorrem a estratégias de descortesia, procurando denegrir a imagem social do seu oponente (RODRÍGUEZ; LARA, 2008, p. 18).

A descortesia surge como o reverso da moeda cortês, o lado que intencionalmente põe em causa a imagem do seu interlocutor, com o objetivo de a destruir em benefício próprio. E, segundo Bousfield (2008) e Culpeper (2005), não é possível identificar a descortesia sem se conhecer o seu contrário.

Importa, pois, recuperar a proposta de Goffman (1967), que defende que o principal propósito da comunicação eficaz e, por isso, cortês é criar uma boa imagem de si ao outro e cumprir com o se espera dela. Implica, por isso, e segundo o autor, um compromisso com a imagem social que o locutor tem de si mesmo (GOFFMAN, 1967, p. 101). Importa sublinhar, todavia, que a face adotada pelo locutor é uma projeção de si mesmo no outro, um *eu* virtual que pode não coincidir com a realidade (GOFFMAN, 1959, 1961).

E se é verdade que ser cortês induz cortesia, também é verdade, como oportunamente referem Rodríguez e Lara (2008), que nem sempre são as regras de cortesia que regem a conversação ou a comunicação em geral (RODRÍGUEZ; LARA, 2008, p. 16). Existem situações comunicativas cujo principal objetivo se centra na vontade de denegrir

⁸ O termo *flaming*, segundo O'Sullivan e Flanagin (2003), remete para um comportamento verbal negativo, usado, fundamentalmente, no âmbito das comunidades digitais.

e destruir a imagem do outro, produzindo-se contextos descorteses intencionais, em situações de conflito e polêmica.

Em tais contextos, mais do que procurar o acordo e a harmonia, os interactantes almejam evidenciar as diferenças e assumem a descortesia como norma, convertendo-a numa nova forma de cortesia: o respeito pelo pacto interacional de conflito. Assim, os interlocutores esforçam-se por alimentar o dissenso, procurando deliberadamente o desequilíbrio entre as imagens sociais de cada um (RODRÍGUEZ; LARA, 2008, p. 16-17).

Bousfield (2008) e Culpeper (2008) defendem que a agressividade e a violência verbais são *Face Threatening Acts* (“atos ameaçadores da face”) intencionais.

No entanto, segundo Rodríguez e Lara (2008), é importante estabelecer a diferença entre o que são atos agressivos ou de inibição (como a ameaça) e atos violentos (como o insulto, a ridicularização, o nanismo, a usurpação de palavra, ou seja, todos os atos que ameaçam a dignidade da pessoa) (RODRÍGUEZ; LARA, 2008, p. 18), sendo crucial marcar a distinção entre agressão e violência hostil (que visam provocar dano no outro), e agressão e violência instrumental (que visam um outro fim) (RODRÍGUEZ; LARA, 2008, p. 17).

Alguns autores, como Cabral e Lima (2017), alertam para o facto de a eficácia da agressão/violência depender de uma marcação linguística evidente, perceptível pelo oponente. Terkourafi (2008) reforça, porém, que esta marcação pode ocorrer, também, por meio do uso de uma expressão não convencional num dado contexto, não sendo, portanto, necessário o recurso a marcadores linguísticos pejorativos. Neste sentido, e com o objetivo de estabelecer o que se pode considerar agressivo ou violento, Culpeper (2011, p. 20) propõe duas condições necessárias para a ocorrência da ofensa verbal: 1) a linguagem utilizada deve entrar em conflito com as expectativas; 2) a linguagem utilizada deve produzir um efeito perlocutório de ofensa.

Também Bousfield (2008), baseado em Culpeper (1996, 2005), sistematiza algumas marcas de descortesia que permitem uma análise mais clara. Assim, para Bousfield (2008, p. 99) algumas das estratégias de impolidez explícita são 1) desdém ou desprezo; 2) dissociação do outro; 3) demonstração de falta de interesse; 4) uso de marcadores de identidade não apropriados; 5) perpetuação do desentendimento; 6) uso de linguagem tabu; 7) ameaças; 8) condescendência ou ridicularização; 9) associação do interlocutor a um aspeto negativo. Elenca, igualmente,

duas das principais manifestações implícitas de impolidez: 1) sarcasmo ou falsa polidez; 2) silêncio ou inação.

Analisando a listagem apresentada por Bousfield (2008), facilmente se identificam as estratégias que podem apresentar uma natureza agressiva ou violenta. Ainda assim, de entre as inúmeras manifestações de violência verbal possíveis, os insultos encabeçam a lista dos mais explícitos, pressupondo uma situação de interlocução – mesmo que *in absentia* -, caracterizada pelo dissenso, com uma intenção crítica e depreciativa. Apesar de considerado um ato puramente verbal, segundo Cabral e Albert (2017, p. 278), o insulto “resvala para o domínio social”, uma vez que põe em causa a imagem do seu interlocutor e o posiciona como um outro ideologicamente distante. De facto, e como referido por Amossy (2014a), tradicionalmente, a agressão verbal parte de um *argumentum ad hominem*, procurando a desqualificação do outro, retirando-lhe legitimidade e crédito.

Segundo van Dijk (2008), a estratégia de descredibilização do outro, seja através do insulto ou não, permite reforçar a relação antagónica entre o EU e o OUTRO, i.e. entre o endogrupo e o exogrupo do “quadro ideológico” proposto pelo mesmo autor (VAN DIJK, 2008, p. 195).

A manifestação de agressividade e/ou violência no campo verbal parece, no entanto, mais clara em textos orais, conforme evidencia Bravo (2003). Segundo a autora, a cortesia (ou a sua ausência) tem uma natureza comunicativa e conversacional, com participantes fisicamente presentes (BRAVO, 2003, p. 6). No entanto, como demonstramos no presente trabalho e é corroborado por Rodríguez ([s.d.]), também os textos escritos permitem a manipulação de estratégias de cortesia ou descortesia, incluindo, em alguns casos, traços de agressividade e violência. A natureza dialógica de alguns textos escritos – como os textos de opinião – permite atestar tal crença, ainda que, por questões temporais ou dificuldade de identificação do destinatário, a resposta a esses estímulos possa tardar.

Atentemos, pois, no estudo exploratório apresentado abaixo, para melhor compreendermos o acima exposto.

8 Análise do *corpus* dos textos polémicos (da “troca de galhardetes”)

O estudo exploratório que nos propusemos encetar prevê a análise de dois exemplares de textos de opinião acerca do AO90 (cf. Anexos), publicados no semanário português *Expresso*, em fevereiro de 2012.

Primeiramente, é importante conhecer, ainda que brevemente, os intervenientes (diretos ou indiretos) do *corpus* em análise.

Um dos textos é da autoria de Daniel Oliveira, filho de Herberto Helder, escritor português. À data da publicação em análise, Daniel Oliveira era ainda ativista político, jornalista e comentador televisivo. Iniciou a sua vida política na Juventude Comunista Portuguesa e foi um dos fundadores do Bloco de Esquerda. É, desde o início, um acérrimo defensor do Acordo Ortográfico de 1990.

O segundo texto é assinado por Miguel Sousa Tavares, filho da escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, jornalista, editor, escritor e comentador político português. Contrariamente aos seus pais, Miguel Sousa Tavares nunca foi filiado em nenhum partido político, ainda que tenha participado em alguns movimentos cívicos em ocasiões esporádicas. É, desde o início, um acérrimo detrator do Acordo Ortográfico de 1990.

Daniel Oliveira e Miguel Sousa Tavares apresentam um exímio domínio das técnicas de argumentação e, talvez por essa razão, este último, a propósito de uma polémica que o envolvia, tenha afirmado “(...) nunca disse, nunca escrevi e nunca me ocorreu pensar tão estúpida frase. É absolutamente falsa, de fio a pavio. Quem a inventou sabia bem que a melhor forma de atingir um adversário não é discutindo as razões dele, mas atacando-lhe o carácter.” (SOUSA TAVARES, 2008)

Por fim, apresentamos Vasco Graça Moura, a figura que é repetidamente mencionada pelos dois autores nos textos em análise.

Vasco Graça Moura (3 de janeiro de 1942–27 de Abril 2014) foi um escritor, tradutor e político português. Após o 25 de abril de 1974, filiou-se no Partido Social Democrata, tendo exercido cargos de Secretário de Estado da Segurança Social e, mais tarde, dos Retornados. Durante dez anos (de 1999 a 2009), foi deputado no Parlamento Europeu. Em 2012, foi nomeado, pelo Secretário de Estado da Cultura – Francisco José Viegas – presidente da Fundação Centro Cultural de Belém.⁹

⁹ Segundo o sítio oficial, “O Centro Cultural de Belém é gerido por uma Fundação que tem por objetivo a promoção da cultura, desenvolvendo a criação e a difusão em todas as suas especificidades, da música clássica ao jazz, do teatro à dança, da ópera à literatura, arquitetura e cinema. O CCB oferece-se também como um centro para a realização de conferências e reuniões profissionais. A Fundação tem por fim especial assegurar a conservação, administração e desenvolvimento do património do Centro Cultural de Belém” (DL. 391/99, de 30 de Setembro).

Os textos em análise foram produzidos na sequência de uma ação de Vasco Graça Moura, que, em fevereiro de 2012, enquanto Presidente do Centro Cultural de Belém, ordenou a aplicação da anterior ortografia em todos os textos produzidos pela instituição que presidia.

Vejam, então, algumas estratégias manipuladas pelos autores.

8.1. Título

Os dois autores procuram, através do título, informar o leitor quanto ao rumo que o texto produzido tomará.

Miguel Sousa Tavares intitula o seu artigo de “A coerência, a coragem e a dignidade”, ao passo que Daniel Oliveira escolhe o título “O cantinho de Vasco Graça Moura”.

A avaliação axiológica tecida transparece, nos dois casos. No entanto, somente através da leitura do corpo do texto e do conhecimento prévio sobre o seu posicionamento nesta matéria, é possível confirmar que a escolha do diminutivo “-inho” em nada se reveste de inocência. Antes, sim, de uma conotação negativa, atribuindo, desta forma, à ação de Vasco Graça Moura uma certa inadequação. Relembramos que, segundo Villalva (2003), os sufixos modificadores diminutivos, alterando a informação semântica do núcleo, fornecem uma carga afetiva positiva ao termo, como sendo algo pequenino, algo amoroso. Daniel Oliveira, ao recorrer a tal estratégia, parece querer, ironicamente, desvalorizar a posição de Vasco Graça Moura, atribuindo-lhe uma certa infantilidade, desta vez, com uma conotação depreciativa. Esta avaliação consubstancia-se no facto de o Centro Cultural de Belém não dever ser, ao contrário do que refere no título, o “cantinho” de Vasco Graça Moura, mas uma instituição cultural, com um público vasto, que procura, conforme descrito no sítio oficial, promover a cultura e as artes – não as crenças de Vasco Graça Moura. Este posicionamento é reforçado pela questão colocada pelo autor, no fim do seu texto: “Pode ser assim ou o CCB passou a ser um instrumento dos caprichos do Senhor Graça Moura?”.

Este parece constituir, então, o primeiro exemplo de violência verbal (RODRÍGUEZ; LARA, 2008) da análise.

No caso do texto de Miguel Sousa Tavares, que elenca alguns sintagmas nominais avulsos que veiculam valores éticos positivos, entende-se, bastando para isso a leitura das primeiras palavras do corpo do texto, que se trata da sua sincera (e apologética) opinião sobre a mesma ação a que se refere Daniel Oliveira.

8.2. Corpo do Texto

Em ambos os casos, o texto inicia-se com a menção ao destinatário ou ao agente da ação: “Vasco Graça Moura”.

A menção supracitada parece suficiente para, conforme previsto por Amossy (2010), identificar a natureza dialógica dos textos, i.e. evidenciar a relação estabelecida entre um texto primeiro/informação prévia e a sua reação. Efetivamente, nos dois casos, parece claro que a argumentação gira em torno de um terceiro elemento, identificado, mas ausente, conforme proposto por Plantin (1995), conferindo-lhe uma natureza de resposta – talvez não a um único elemento, mas às diversas opiniões veiculadas a propósito do assunto.

No texto de Miguel Sousa Tavares, no entanto, e ainda que estabeleça um “diálogo” com um assunto prévio, não é a Vasco Graça Moura que se dirige. O locutor interpela, sim, diretamente, António José Seguro,¹⁰ opositor da ação de Vasco Graça Moura, estruturando o seu texto em seu torno. Vejamos, agora, em pormenor, alguns mecanismos manipulados pelos dois locutores.

a) *Ethos*

Nos dois casos, o *ethos* adotado não parece conciliador, mas sim de arrogância ou superioridade em relação ao objeto de crítica, tecendo considerações violentas acerca do assunto em questão. Em ambos os textos, os seus autores fazem afirmações categóricas que os colocam na posição superior de as poder fazer, distanciando-se, muitas vezes de forma subtil, da imagem daquele que é criticado. Vejamos:

António José Seguro – a quem jamais se conheceu uma causa que fosse – resolveu fazer deste acto de resistência cívica um desafio à autoridade do Governo e do Estado. (Miguel Sousa Tavares)

No exemplo supracitado, o autor implícita, sem pudor, uma relação lógica em que António José Seguro, por não se lhe conhecer outra causa, condição que lhe permitiria a crítica, não deveria contestar a ação de Graça Moura. Por outro lado, e uma vez que o próprio autor

¹⁰ António José Seguro é um político português, membro e antigo Secretário-geral do Partido Socialista. Em Agosto de 2011, havia sido eleito Conselheiro de Estado pelo Parlamento português.

se envolve na defesa de tal causa, é possível depreender que se distancia do alvo da crítica, através do implícito de que já teria lutado por outras causas e, dessa forma, teria legitimidade para condenar a posição de António José Seguro.

Não me vou dedicar aqui ao apaixonante combate de Resistência Ortográfica Nacional. (Daniel Oliveira)

Daniel Oliveira, no exemplo acima, assume-se numa posição superior à daqueles que, inferiormente, se debatem com a questão da implementação do AO90. Reforça essa posição de sobranceria, através da manipulação de um dispositivo de ironia,¹¹ em “apaixonante”.

Por outro lado, no caso de Miguel Sousa Tavares, em especial, transparece uma necessidade de equilibrar o seu papel de juiz com a democratização do seu papel, integrando-se naquele que julga (ou sabe) ser o seu público leitor. Para esse efeito, recorre a um ato expressivo elogioso, em que, retomando os sintagmas nominais do título (que o esclarecem, deste modo) sublinha as qualidades de Vasco Graça Moura, e a um “nós” inclusivo e recorrente, como em:

Vasco Graça Moura [...] teve a coerência, a coragem e a dignidade de repor em uso no CCB o português que falamos e escrevemos e não aquele que o Acordo Ortográfico nos quer à força converter. (Miguel Sousa Tavares)

b) Defesa e ataque explícitos

As estratégias explícitas de ataque e defesa são muito frequentes, ao longo dos dois textos, podendo, no entanto, subdividir-se em algumas subcategorias. Assim:

¹¹ A ironia é um dispositivo conversacional que revela a polifonia do discurso; a pluralização do sujeito no discurso (DUCROT, 1980) permite distinguir que há uma divergência entre o que o enunciador diz (sentido literal) e o que o locutor implica (sentido derivado) pela ironia. A interpretação destes actos encontra-se no valor ilocutório (derivado e/ou implicado) que o locutor calcula enquanto “ser do mundo” (DUCROT, 1980) e a partir do seu conhecimento enciclopédico (KERBRAT-ORECCHIONI, 1986).

- defesa do homem (e da sua ação) por meio do ataque aos detratores/ enfraquecimento das posições por meio do ataque *ad hominem*

Vasco Graça Moura (que a intelectualidade oficiosa viu com desconfiança ser nomeado presidente do CCB) [...] (Miguel Sousa Tavares)

No exemplo acima, Miguel Sousa Tavares reforça a legitimidade de Graça Moura ocupar o cargo de presidente do CCB, através do enfraquecimento daqueles que o criticaram. Desta forma, legítima, igualmente, a sua ação, desvalorizando todas as críticas subsequentes.

O Secretário para as Nomeações da Cultura, Francisco José Viegas – o mesmo que disse que Mega Ferreira continuaria mas foi obrigado, pelo partido do Senhor Graça Moura, a meter a viola no saco – já explicou que o CCB “não está sob a administração direta ou indireta” do Estado. (Daniel Oliveira)

Daniel Oliveira, no presente exemplo, atribui a Francisco José Viegas a característica de não ser fiável ou, até, de ser mentiroso, recuperando um facto histórico que permite desqualificar o seu adversário e, conseqüentemente, qualquer posição que assuma.

Destaque, também, para o recurso ao termo “Senhor”, em “Senhor Graça Moura”. Daniel Oliveira faz uso dessa forma de tratamento depreciativamente. Em português europeu, o uso do termo “senhor”, especialmente tratando-se de um homem com o seu *curriculum* e o cargo que ocupa, é ofensivo, na medida em que é habitualmente referido como Dr. Vasco Graça Moura.

- A desfocalização/recriação do inimigo

Miguel Sousa Tavares, no seu texto, opera uma estratégia muito interessante que expõe o seu opositor a um inimigo em massa, na medida em que recorre a passagens históricas relativas à colonização de países africanos e à conseqüente herança linguística que os portugueses lhes deixaram, contrastando-as com o facto de alguns deles não terem aceite o AO90. Torna, assim, consciente a ideia de que os detratores de Graça Moura são, também, os detratores dos angolanos, que se recusaram a implementar o acordo. Desta forma, não só coloca António José Seguro como inimigo dos angolanos, como convoca a simpatia e defesa dos

mesmos. Clarifica, desta forma, quem pertence ao endogrupo e ao exogrupo (VAN DIJK, 1998, p. 43). Vejamos:

Veja, António José Seguro: são as nossas ex-colónias que recusam abandonar a língua que nós lhes levámos e agora traímos. Quererá você também dar uma lição aos angolanos, nesta matéria? (Miguel Sousa Tavares)

Também a pergunta retórica dirigida a António José Seguro constitui um ato ameaçador da face, simulando, desta forma, um diálogo com um terceiro.

Repare-se, igualmente, na ausência de uma forma de tratamento de deferência, conforme talvez fosse expectável, tratando-se de um deputado português.

c) Poder da argumentação

- A retoma do ponto de vista outro e a explicitação de argumentos

Nos dois textos, é frequente o recurso à retoma das palavras de outros para reforçar um ponto de vista – seja através da concordância seja através da “ridicularização” do dito. Vejamos:

E poderia ainda reflectir sobre o teor do editorial do oficioso “Jornal de Angola”, desta quarta-feira, quando se justifica a recusa da aceitação do AO dizendo que “não queremos destruir essa preciosidade (a língua portuguesa) que herdámos inteira e sem mácula” e que “se queremos que o português seja uma língua de trabalho na ONU, devemos, antes de mais, respeitar a sua matriz e não pô-la a reboque do difícil comércio das palavras. Há coisas na vida que não podem ser submetidas a negócios”. Veja, António José Seguro: são as nossas ex-colónias que recusam abandonar a língua que nós lhe levámos e que agora traímos. Quererá você também dar uma lição aos angolanos, nesta matéria? (Miguel Sousa Tavares)

Miguel Sousa Tavares, no excerto acima apresentado, recorre à palavra “oficioso” pela segunda vez. Na primeira ocorrência, o autor faz uso do termo para desqualificar a validade dos intelectuais que se opuseram à presidência de Vasco Graça Moura. No presente excerto, o termo é usado com a mesma aceção – contrastando-o com a noção de

“oficial” –, mas procurando distanciar a fonte de quaisquer influências políticas, o que implica tratar-se da voz do povo, dos angolanos em geral, da realidade sem interesses de outra ordem senão a preservação da língua.

Assim, Miguel Sousa Tavares recupera algumas passagens do artigo publicado no *Jornal de Angola* e, claramente de acordo com as mesmas, interpela diretamente António José Seguro, questionando-o sobre a sua vontade de “dar uma lição aos angolanos”.

O Secretário para as Nomeações na Cultura, Francisco José Viegas - o mesmo que disse que Mega Ferreira continuaria mas foi obrigado, pelo partido do senhor Graça Moura, a meter a viola no saco - já explicou que o CCB “não está sob administração direta ou indireta” do Estado. Ou seja, que o ex-secretário de Estado da Segurança Social, ex-secretário de Estado dos Retornados, ex-diretor da RTP2, ex-administrador da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, ex-presidente da Comissão Executiva das Comemorações do Centenário de Fernando Pessoa, ex-presidente da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, ex-comissário-geral de Portugal para a Exposição Universal de Sevilha, ex-eurodeputado e intrépido opositor de intelectuais subsidiodependentes que construíram a sua carreira às custas dos dinheiros públicos pode fazer o que lhe der na gana. (Daniel Oliveira)

No excerto acima, Daniel Oliveira faz uso da citação/retoma do outro, com o intuito de, contrariamente a Miguel Sousa Tavares, contestar esse posicionamento. Na sequência da citação, Daniel Oliveira explicita o significado que aquela intervenção, a seu ver, possui, através do recurso à locução de explicitação “ou seja”. Nessa sequência de explicitação, Daniel Oliveira, recorrendo a factos, procura demonstrar a falta de nexo entre a posição adotada e a realidade do cargo de Vasco Graça Moura – um cargo público, na sequência de muitos outros que, apesar de tudo, já não o são (posição que reforça com o uso intencional de “ex”). Reitera o seu desagrado perante a impunidade assumida, através da expressão “[...] ex-eurodeputado e intrépido opositor de intelectuais subsídio-dependentes que construíram a sua carreira às custas dos dinheiros públicos pode fazer o que lhe der na gana.”

A acusação sem eufemismos de nenhuma espécie permite identificar, com clareza, um dos exemplos mais evidentes de violência

verbal: Daniel Oliveira acusa Vasco Graça Moura de ser dependente de subsídios e de ter passado a sua vida com aquilo a que os portugueses chamam de “tachos” políticos, ou seja, assumindo cargos para os quais foi nomeado sem qualquer mérito.

– Axiologia dos termos

Nos dois textos, é possível verificar uma escolha cuidadosa dos verbos associados aos “bons” e aos “maus”, nesta dicotomia polémica. Assim, vejamos:

Vasco Graça Moura [...] teve a coerência, a coragem e a dignidade de repor em uso no CCB o português que falamos e escrevemos e não aquele que o Acordo Ortográfico nos quer à força converter. (Miguel Sousa Tavares)

Vasco Graça Moura impôs aos serviços do CCB a suspensão da aplicação do Acordo Ortográfico. (Daniel Oliveira)

No primeiro exemplo, Miguel Sousa Tavares torna, com a construção apresentada, o Acordo Ortográfico num agente. Agente maléfico, que tem a intenção de “converter” à força o povo português, em que Miguel Sousa Tavares se inclui.

No segundo exemplo, é Vasco Graça Moura quem “impõe” vilmente o combate ao Acordo Ortográfico.

Nos dois casos, é evidente a escolha de verbos agentivos e de conotação negativa aquando da associação ao objeto de crítica.

Confronte-se, agora, o uso que Miguel Sousa Tavares faz do termo “coragem” e a opção de Daniel Oliveira para o mesmo termo, no exemplo abaixo.

A sua “coragem” mereceu aplausos excitados de jornalistas mais impressionáveis (Daniel Oliveira)

O uso de “coragem”, sem aspas, é, supostamente, uma referência ao texto de Daniel Oliveira, cuja publicação antecedeu a de Miguel Sousa Tavares. Se assim for, trata-se de uma nova evidência do caráter dialógico dos textos de opinião e, em particular, da certeza de que os textos se comunicam e se respondem diretamente, como se estivessem frente a frente.

No caso de Miguel Sousa Tavares, o uso do termo “coragem” não se reveste de qualquer ironia. No entanto, no caso de Daniel Oliveira, há uma necessidade nítida de mostrar que o seu uso é irônico. Caso as aspas não fossem suficientes para transmitir a sua intenção, o autor descredibiliza, ainda, os jornalistas que aplaudiram a ação de Graça Moura, chamando-lhes “impressionáveis”. O contraste entre o significado atribuído à mesma palavra é muito evidente e permite reforçar a posição ocupada por cada um dos autores.

8.3 Fecho do Texto

No período de fecho do texto de ambos os autores, é clara a intenção de continuidade. O uso de termos algo insultuosos mostra que os locutores não visam o consenso, o que, de resto, é característica da polémica. O incentivo ao dissenso torna-se mais evidente quando, nos dois casos, o texto termina com um ato ilocutório iniciativo de pergunta, embora retórica, permitindo, desta forma, dar continuidade à discussão.

Veja, António José Seguro: são as nossas ex-colónias que recusam abandonar a língua que nós lhe levámos e que agora traímos. Querirá você também dar uma lição aos angolanos, nesta matéria? (Miguel Sousa Tavares)

Pode ser assim ou o CCB passou a ser um instrumento dos caprichos do senhor Graça Moura? (Daniel Oliveira)

No caso de Miguel Sousa Tavares, o autor faz uso de um ato de provocação que coloca, como visto acima, António José Seguro em confronto com um inimigo mais pesado do que ele próprio. Destaque, também, para o uso de “senhor”, em “senhor Graça Moura” que, conforme explorado acima, assume uma conotação depreciativa.

No caso de Daniel Oliveira, o uso da expressão “caprichos” provoca alguma irritação no alvo de crítica, neste caso, o Estado, que nada fez para travar a ação de Vasco Graça Moura. É, também, uma forma insultuosa de classificar a ação em análise.

Nos dois casos, a opção pela pergunta mostra que os autores pretendem provocar uma reação, o que, acompanhado da escolha lexical, mostra a intenção de perpetuar a polémica, sem vontade de convencer o outro.

9 Reflexões finais

O presente estudo permitiu mostrar, através da análise de dois exemplares de texto de opinião sobre o AO90, algumas estratégias linguísticas manipuladas na construção do discurso polêmico. Concluiu-se que os autores dos textos assumiram, desde o seu início, um *ethos* (AMOSSY, 1999) de superioridade, ainda que Miguel Sousa Tavares, tendo por base a necessidade de clarificar a sua posição e, concomitantemente, atrair apoiantes, tenha recorrido, frequentemente, ao uso de um “nós” inclusivo.

Os dois autores, recorrendo a uma estratégia de descredibilização do seu oponente, reforçaram a relação antagónica estabelecida entre o EU e o OUTRO, conforme previsto por autores como van Dijk (2005).

Nos dois casos, percebe-se a intenção de agredir o opositor – mais do que as suas ideias –, procurando alimentar a polémica já existente (e da qual partem os dois textos – natureza dialógica). A natureza dialógica (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980a, 1992, 2001, 2005, entre outros) e, talvez, dialogal dos dois textos é, assim, claramente expressa também pela recuperação, por Miguel Sousa Tavares, de termos específicos usados por Daniel Oliveira, com conotações opostas, de que é exemplo o recurso à palavra “coragem” (com e sem aspas).

No seio da polémica, vários são os FTAs (GOFFMAN, 1959) ativados pelos dois autores, merecendo especial destaque os ataques *ad hominem* (AMOSSY, 2014) encetados por Daniel Oliveira, quando insulta Vasco Graça Moura e o acusa de ser subsídio-dependente, ou a brilhante estratégia de Miguel Sousa Tavares ao criar um novo inimigo a António José Seguro – os angolanos. Os constantes ataques à face do outro, carregados de violência e agressividade, revelam, precisamente, a intenção nula de convencer o outro, e reforçam o intuito de vencer e anular o adversário.

Foi, igualmente, possível apresentar alguns exemplos de retoma do dito, sob forma de citação, motivando a contenda verbal.

Os dois textos terminam com um ato ilocutório iniciativo de pergunta, com pressupostos insultuosos, o que revela a intenção de dar continuidade à discussão e alimentar o dissenso.

Parece confirmar-se, assim, que, nos textos de opinião sobre o AO90, na imprensa portuguesa, a troca de galhardetes, de ofensas verbais, imbuídas de agressividade e violência, são comuns e, ao invés

de debaterem os argumentos linguísticos que subjazem à adoção ou à recusa do AO90, focam-se na querela e no insulto às pessoas ou às ações políticas.

Em suma, em ambos os textos, é evidente a intenção de perpetuar a polémica, atacando o interlocutor ao invés das suas ideias, desqualificando os apoiantes de posições opostas à do locutor. Ademais, através dos dados recolhidos, foi possível reforçar a ideia de que a agressividade e a violência verbais podem assumir o modo escrito, contrariamente ao defendido por autores como Bravo (2003).

Agradecimentos

A amizade é regida pelo mesmo mecanismo que o amor, é instantânea e absoluta.

(António Lobo Antunes)

À Professora Doutora Isabel Roboredo Seara, a quem dedico e agradeço o presente trabalho.

Sem os reptos que me lança e a sua inesgotável crença, nada restaria em mim senão a convicção de não ser capaz.

Agradeço-lhe, comovida, a generosidade com que aceitou ser minha orientadora e o privilégio de poder ser sua amiga.

Que bom seria se todos os caminhos de desafio pudessem ser trilhados junto de pessoas tão luminosas.

Por acreditar e me fazer acreditar, obrigada, querida Professora!

Referências

AMOSSY, R. *Apologie de la polemique*. Paris: Presses Universitaires de France, 2014. DOI: <https://doi.org/10.3917/puf.amos.2014.01>

AMOSSY, R. *L'argumentation dans le discours*, Paris: Armand Colin, 2012.

AMOSSY, R. La coexistence dans le dissensus. La polémique dans les forums de discussion. *Semen. Revue de Sémio-Linguistique des Textes et Discours*, Besançon, v. 31, p. 25-42, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4000/sem.9051>. Disponível em: www.journals.openedition.org. Acedido em: 3 jan. 2020.

AMOSSY, R. The Functions of Polemical Discourse in the Public Sphere. In: SMITH, M.; WARNICK, B. (org.). *The Responsibilities of Rhetoric*. Long Grove: Waveland Press, 2010. p. 52-61.

AMOSSY, R. Modalités argumentatives et registres discursifs: le cas du polemique. In: GAUDIN-BORDES, L.; SALVAN, G. (org.). *Les registres*. Enjeux stylistiques et visées pragmatiques. Louvain-la-Neuve: Academia Bruylant, 2008a. p. 93-102.

AMOSSY, R. L'argument Ad hominem dans l'échange polemique. In: DE CLERCQ, G.; MURAT, M.; DANGEL, J. (org.). *La parole polemique*. Paris: Honoré Champion, 2003. p. 409-423.

AMOSSY, R. Introduction to the Study of Doxa. *Poetics Today*, Duke, v. 23, n. 3, 2002. p. 369-394. DOI: <https://doi.org/10.1215/03335372-23-3-369>

AMOSSY, R. Ethos at the Crossroads of Disciplines: Rhetoric, Pragmatics, Sociology. *Poetics Today*, Duke, v. 22, n. 1, p. 1-23, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1215/03335372-22-1-1>

AMOSSY, R. *Images de soi dans le discours*. La construction de l'ethos. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1999.

AMOSSY, R.; ZAVAGLIA, A. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 9, p. 121-146, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i9p121-146>

ANGENOT, M. Novas proposições para o estudo da argumentação na vida social. *EID&A: Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, v. 3, p. 142-155, 2015. Disponível em: www.periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/413. Acedido em: 3 fev. 2020.

ANGENOT, M. *Dialogues de sourds*: traité de rhétorique antilogique. Paris: Mille et Une Nuits, 2008.

AUSTIN, J. L. *How to do Things with words*. New York: Oxford University Press, 1962.

BALANBRÓN, PAZOS. *Violencia y publicidad televisiva*, De la violencia como recurso creativo a la publicidad como violencia. Murcia, Espanha: Universidad Católica de San Antonio, 2004.

BOUSFIELD, D. *Impoliteness in Interaction*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbns.167>

BRAVO, D. Actividades de cortesía, imagen social y contextos socioculturales: una introducción. In: _____. (org.). *Actas del Primer Coloquio del Programa EDICE*, La perspectiva no etnocentrista de la cortesía: identidad sociocultural de las comunidades hispanohablantes: Stockholms: Stockholms Universitet, 2003. p. 98-108. Disponível em: www.edice.org. Acedido em: 10 abr. 2020.

BRILLIANT, M. L'émergence de la polémique autour de la formule « immigration choisie » dans la presse française (janvier-juillet 2005). *Semen. Revue de Sémio-Linguistique des Textes et Discours*, Besançon, v. 31, p. 113-128, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4000/semen.9105>. Disponível em: www.journals.openedition.org. Acedido em: 3 jan. 2020.

BURGER, M. Une caractérisation praxéologique du désaccord polémique : ce qu'informer dans les médias veut dire. *Semen. Revue de Sémio-Linguistique des Textes et Discours*, Besançon, v. 31, p. 61-80, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4000/semen.9183>. Disponível em: www.journals.openedition.org. Acedido em: 3 jan. 2020.

BURGER, M. Analyzing the Linguistic Dimension of Globalization in Media Communication: the Case of Insults and Violence in Debates. In: DANIEL, P.; WYSS, E. L. (org.). *Media Linguistics from a European Perspective: Language Diversity and Medial Globalization in Europe*. Basileia: VALS / ASLA, 2008. p. 127-150.

BURGER, M. La complexité argumentative d'une séquence de débat politique médiatique. In: BURGER, M.; GUYLAINE, M. (org.). *Argumentation et communication dans les médias*. Québec: Nota Bene, 2005. p. 51-79.

CABRAL, A. L. T.; ALBERT, S. A. B. Quebra de polidez na interação: das redes sociais para os ambientes virtuais de aprendizagem. In: CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R.; GUARANHA, M. F. (org.). *Descortesia e cortesia: expressão de culturas*. São Paulo: Cortez, 2017. p. 267-294.

CABRAL, A. L. T.; LIMA, N. V. Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel de violência verbal. *Signo*, Santa Cruz do Sul, RS, v. 42, n. 73, p. 86-97, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17058/signo.v42i73.8004>. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. Acedido em: 2 fev. 2020.

CARREIRA, M. H. A. *Modalisation Linguistique en situation d'interlocution*. Proxémique et modalités en Portugais. Paris: Ed. Peeters, 1997.

CASTRO, I.; LEIRIA, I. *A demanda da ortografia portuguesa*. Comentário do Acordo Ortográfico de 1986 e Subsídios para a Questão que lhe Seguiu. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1987.

CAVALCANTE, M.; PINTO, R.; BRITO, M. Polêmica e Argumentação. Interfaces possíveis em textos midiáticos de natureza política. *Diacritica, Argumentação e Discursos*, Braga, Portugal, v. 32, n. 1, p. 5-24, 2018. DOI: <https://doi.org/10.21814/diacritica.140>.

CHARAUDEAU, P. *Le débat public. Entre controverse et polémique*. Enjeu de vérité, enjeu de pouvoir. Limoges: Lambert-Lucas, 2017.

CHARAUDEAU, P. El contrato de comunicación en una perspectiva lingüística: Normas psicosociales y normas discursivas. *Opcion*, Maracaibo, Venezuela, v. 22, n. 49, p. 38-54, 2006. Disponível em: www.dialnet.unirioja.es. Acedido em: 7 dez. 2019.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

CHARAUDEAU, P. Une analyse sémiolinguistique du discours. *Langages*, Paris, n. 117, p. 96-111, 1995a. DOI: <https://doi.org/10.3406/lgge.1995.1708>. Disponível em: www.patrick-charaudeau.com/Une-analyse-semiolinguistique-du,64.html. Acedido em: 10 de janeiro de 2020.

CHARAUDEAU, P. Ce que communiquer veut dire. *Revue des Sciences Humaines*, [S.l.], n. 51, p. 1-6, 1995b. Disponível em: www.patrick-charaudeau.com/Ce-quecommuniquer-veut-dire.html. Acedido em: 10 fev. 2020.

CRISTÓVÃO, F. et al. *Dicionário temático da Lusofonia*. Lisboa: Texto Editores, [s.d.].

CULPEPER, J. Impoliteness and Entertainment in the Television Quiz Show: The Weakest Link. *Journal of Politeness Research, Language, Behaviour, Culture*, [S.l.], n. 1, p. 35-72, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.35>

CULPEPER, J. Towards an anatomy of impoliteness. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], n. 25, p. 349-367, 1996. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00014-3](https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00014-3). Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/296975261/Culpeper-1996-Towards-an-Anatomy-of-Impoliteness>. Acedido em: 10 fev. 2020.

DASCAL, M. The balance of reason. In: VANDERVEKEN, D. (org.). *Logic, Thought and Action*. Netherlands: Springer, 2005. p. 27-48. DOI: https://doi.org/10.1007/1-4020-3167-X_2

DASCAL, M. Strategies of Dispute and Ethics: Du Tort and La Place d'Autrui. *Proceedings of the VI. Internationaler Leibniz-Kongress*, Hannover, v. 2, 1995a. p. 108-116.

DASCAL, M. Observations sur la Dynamique des Controverses. *Cahiers de Linguistique Francaise*, Genebra, Suíça, v. 17, 1995b. p. 99-121.

DASCAL, M. Speech Act Theory and Gricean Pragmatics. In: TSOHATZIDIS, S. L. (org.). *Foundations of Speech Act Theory: Philosophical and Linguistic Perspectives*. London: Routledge, 1994. p. 323-334.

DASCAL, M. On the Pragmatic Structure of Conversation. In: SEARLE, J. R. et al. *Searle on Conversation*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992. p. 35-56. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbns.21.04das>

DASCAL, M. The Controversy about Ideas and the Ideas about Controversy. In: GIL, F. (org.). *Controversias Científicas e Filosóficas*. Lisboa: Editora Fragmentos, 1990a. p. 61-100. Disponível em: <https://www.tau.ac.il/humanities/philos/dascal/publications.html>. Acedido em: 19 jan. 2020.

DASCAL, M. La Arrogancia de la Razón. *Isegoría*, Madri, v. 2, p. 75-103, 1990b. DOI: <https://doi.org/10.3989/isegoria.1990.i2.391>

DASCAL, M. Controversies as Quasi-Dialogues. In: WEIGAND, E.; HUNDSNURCHER, F. (org.). *Dialoganalyse II, Band 1*. Tubingen: Niemeyer, 1989. p. 147-159.

DOURY, M. Preaching to the Converted. Why Argue When Everyone Agrees?. *Argumentation*, [S.l.], v. 26, n. 1, p. 99-114, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10503-011-9237-4>.

DUCROT, O. *et al. Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.

ENGELHARDT JR., H. T.; CAPLAN, A. L. (org.). *Scientific Controversies: Case Studies in the Resolution and Closure of Disputes in Science and Technology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511628719>

ESTRELA, E. *A questão ortográfica*. Reforma e acordos da Língua Portuguesa. Lisboa: Editorial Notícias, [s.d.].

FONSECA, J. (org.). *A Organização e o funcionamento dos discursos*. Estudos sobre o Português. Porto: Porto Editora, 1998. Tomos I, II, III.

FONSECA, J. Dimensão accional da linguagem e construção do discurso. In: _____. *Pragmática Linguística*. Introdução, teoria e descrição do português. Porto: Porto Editora, 1994. p. 127-128.

FONSECA, F. I. *Deixis*. Tempo e narração. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1992a.

FONSECA, J. *Linguística e texto/discurso: teoria, descrição, aplicação*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992b.

FONSECA, F. V. P. *O português entre as línguas do mundo (situação, História, Variedades)*. Coimbra: Livraria Almedina, 1985.

GIL, I. T. M. F. C. *Discurso, conflito e argumentação*. Das emoções no(s) discurso(s) em contexto referendário. 2018. 1005f. Tese (Doutoramento em Linguística) – Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2018.

GOFFMAN, E. *Interaction ritual*. Nova Iorque: Pantheon Books, 1967.

GOFFMAN, E. *The Presentation of Self in Everyday Life*. New Cork: Doubleday, 1959.

GOMES, F. Á. *O Acordo Ortográfico*. Porto: Edições Flumen, 2008.

GRANGER, G. G. Discussing or Convincing: An Approach towards a Pragmatical Study of the Languages of Science. In: DASCAL, M. (org.). *Dialogue*. An Interdisciplinary Approach. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985. p. 339-352. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbcs.1.32gra>

HEKMAT, I. La polémicité des formules « choc des civilisations » et « Kampf der Kulturen »: une étude constrative. In: BURGER, M.; JACQUIN, J.; MIVHELI, R. (org.). *La parole politique en confrontation dans les médias*. Paris: De Boeck Supérieur, 2011. p. 89-107.

JACQUIN, J. Le/La polémique: une catégorie opératoire pour une analyse discursive et interactionnelle des débats publics?. *Semen, Revue de Sémiotique Linguistique des Textes et Discours*, Bensançon, v. 31, p. 43-60, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4000/semen.9085>. Disponível em: www.journals.openedition.org. Acedido em: 3 jan. 2020.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Le Discours in Interaction*. Paris: Armand Colin, 2005.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les actes de langage dans le discours*. Paris: Nathan Université, 2001.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. L'analyse des interactions verbales : la notion de “négociation conversationnelle” – défense et illustrations. *Lalies. Langue et Littérature*, Paris, n. 20, 2000. p. 63-141.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'énonciation*. De la subjectivité dans le langage, Paris: Armand Colin, 1997.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales*. T. I. Paris: A. Colin, 1992.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'Implicite*, Paris : Armand Colin, 2ème edition, 1986.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *La polémique et ses définitions*. La parole polemique. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1980a.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'énonciation*. De la subjectivité dans le langage. Paris: Armand Colin, 1980b.

LE BART, C. *Le Discours Politique*. Paris: PUF, 1998.

MAINGUENEAU, D. Argumentação e Análise do Discurso: reflexões a partir da segunda Provincial. In: MIOTELLO, V. BARONAS, R. L. (org.). *Análise de Discurso: teorizações e métodos*. Tradução de Piris, E. L.; Ferreira, M. O. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 69-86.

MAINGUENEAU, D. Problème d'ethos. *Pratiques*, Paris, n. 113, 2002. p. 55-68. DOI: <https://doi.org/10.3406/prati.2002.1945>

- MAINGUENEAU, D. *L'analyse du discours*. Paris: Hachette, 1991.
- MAINGUENEAU, D. *Genèses du discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984.
- MAINGUENEAU, D. *Sémantique de la polémique*. Lausanne: Éditions l'Âge de l'Homme, 1983.
- MICHELI, R. Quand l'affrontement porte sur les mots en tant que mots: polémique et réflexivité langagière. *Semen, Revue de Sémio-Linguistique des Textes et Discours*, Bensaçon, v. 31, p. 97-112, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4000/semen.9164>. Disponível em: www.journals.openedition.org. Acedido em: 3 jan. 2020.
- NORRICK, N. R. Expressive illocutionary acts. *Journal of Pragmatics*. [S.l.], v. 2, n. 3, p. 277-291 1978. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(78\)90005-X](https://doi.org/10.1016/0378-2166(78)90005-X)
- O'SULLIVAN, P. B.; FLANAGIN, A. J. Reconceptualizing 'flaming' and other problematic messages. *New Media & Society*, v. 5, n. 1, p. 69-94, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444803005001908>.
- PALMA, E. V. F. B. *Acordo Ortográfico: um puzzle de oito cabeças*. 2010. 95f. Dissertação (Mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.
- PALRILHA, S. M. R. *Contributos para a análise dos actos ilocutórios expressivos em português*. 2009. 130f. Dissertação (Mestrado em em Linguística e Ensino) – Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, 2009. Disponível em: <http://www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/dissertacoes/dissertacoesdemestrado/silveriamariaramospalrila>. Acedido em: 28 dez. 2019.
- PLANTIN, C. No se trata de convencer, sino de convivir. L'ère postpersuasion. *Rétor*, Buenos Aires, v. 1, n. 1, 2011. p. 59-83.
- PLANTIN, C. *L'argumentation*. Paris: Le Seuil, 1996.
- PLANTIN, C. Fonctions fu tiers. In: ORECCHIONI, C.; PLANTIN, C. (org.), *Le Trilogue*, Lyon: PUL, 1995. p. 108-133.

RAMOS, R. O discurso de opinião como discurso polêmico: aspectos da sua configuração e da interação social. *Cadernos do Noroeste*, Braga, v. 14, n. 1-2, p. 235-247, 2000. DOI: [https://org.doi.10.17231/comsoc.2\(2000\).1398](https://org.doi.10.17231/comsoc.2(2000).1398)

RIBEIRO, H. M. S. N. *Da linguagem em questão à questão da linguagem*, reflexões a propósito da polémica sobre o “Acordo Ortográfico”. 1994, 127f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1994.

RODRIGUES, S. V. *Estrutura e funcionamento da interação verbal polémica*. Contributo para o estudo da polemicidade em Camilo Castelo Branco. 2008. 609f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2008.

RODRÍGUEZ, C. F.; LARA, E. R. A. *(Des)cortesía, agresividad y violencia verbal en la sociedad actual*. Andaluzia: Universidad Internacional de Andalucía, 2008.

SEARA, I. R.; MARQUES, I. S. Guerre ou paix autour de l'accord orthographique au Portugal. Étude des modalités dans les polemiques verbales. In: ARAÚJO CARREIRA, M. H. (org.). *Faits de langue et de discours pour l'expression des modalités dans les langues romanes*. Paris: Université Paris 8 – Vincennes Saint-Denis, 2015. p. 435-455. n. 60.

SEARLE, J. R. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139173438>

SILVA NETO, S. *A língua portuguesa no Brasil*. Lisboa: Académica, 1960.

SOUSA TAVARES, M. São coisas da vida. *Expresso*, [S.l.], 19 maio 2008. Opinião, [s.p.]. Disponível em: https://expresso.pt/opiniao/opiniao_miguel_sousa_tavares/sao-coisas-da-vida=f322538. Acedido em: 17 abr. 2020.

TERKOURAFI, M. Toward a unified theory of politeness, impoliteness, and rudeness. In: BOUSFIELD, D.; LOCHER, M. (ed.). *Impoliteness in language*. Language, Power and Social Process. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008. P. 45-76. (Serie Language, Power and Social Process [LPSP], 21 n. 21).

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições Sá da Costa, 1990.

VAN DIJK, T. *Discurso e poder*. Tradução de Judith Hoffnagel. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, T. Contextual knowledge management in discourse production: a CDA perspective. In: WODAK, R.; CHILTON, P. (org.). *A New Agenda in (Critical) Discourse Analysis: Theory, methodology and interdisciplinarity*. Amsterdam: John Benjamins Company, 2005. p. 71-100. (Série Discourse Approaches to Politics, Society and Culture, n. 13) DOI: <https://doi.org/10.1075/dapsac.13.07dij>

VAN DIJK, T. *Ideology. A Multidisciplinary Approach*. London: Sage Publications, 1998.

VILLALVA, A. Modificação morfológica. In: MATEUS, M. H. (org.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003. p. 956-966.

ANEXOS

Anexo 1

Jornal: <i>Expresso</i>	Título: O cantinho de Vasco Graça Moura	Data: 06/02/12
Autor: Daniel Oliveira		

O cantinho de Vasco Graça Moura

Vasco Graça Moura impôs aos serviços do CCB a suspensão da aplicação do Acordo Ortográfico. A sua “coragem” mereceu aplausos excitados de jornalistas mais impressionáveis. Não me vou dedicar aqui ao apaixonante combate da Resistência Ortográfica Nacional. O Acordo Ortográfico é uma norma sem sanção. Cumpre quem quer. Nenhuma editora, nenhum jornal e nenhum particular é obrigado a segui-lo. Nem este acordo, nem as sucessivas reformas ortográficas do século XX que, nas últimas décadas, aceitámos como se fossem uma dádiva da natureza. Apenas se espera que quem é nomeado pelo Estado não obrigue as instituições que dirige por via dessa nomeação a não cumprir os acordos internacionais que o Estado assina. Não é pedir muito.

O Secretário para as Nomeações na Cultura, Francisco José Viegas - o mesmo que disse que Mega Ferreira continuaria mas foi obrigado, pelo partido do senhor Graça Moura, a meter a viola no saco - já explicou que o CCB “não está sob administração direta ou indireta” do Estado. Ou seja, que o ex-secretário de Estado da Segurança Social, ex-secretário de Estado dos Retornados, ex-diretor da RTP2, ex-administrador da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, ex-presidente da Comissão Executiva das Comemorações do Centenário de Fernando Pessoa, ex-presidente da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, ex-comissário-geral de Portugal para a Exposição Universal de Sevilha, ex-eurodeputado e intrépido opositor de intelectuais subsidiodependentes que construíram a sua carreira às custas dos dinheiros públicos pode fazer o que lhe der na gana. Fica uma dúvida: a nomeação pública é apenas uma forma de premiar os militantes mais fiéis ou tem algum objetivo? Se não tem, compreende-se que a alternância no governo tenha de ser acompanhada pela alternância partidária nas nomeações. Se tem, o mínimo dos mínimos é que o nomeado não se dedique a boicotar os acordos assinados pelo Estado.

Vasco Graça Moura recusa-se a aceitar trabalhar em instituições que apliquem o acordo ortográfico? Tem boa solução: recusa nomeações públicas.

Isso, tendo em conta o seu estatuto de nomeado crónico, é que seria uma prova de coragem. Assim, soa apenas a prepotência.

Pode-se, claro, defender que os imperativos de consciência de Graça Moura estão acima de qualquer papel assinado pelo Estado que o nomeou. Respeito. Com uma condição: o seu direito à indignação é extensível a todos os que trabalham na instituição. Qualquer funcionário do CCB que queira escrever com a nova grafia em documentos oficiais deve ter a liberdade de o fazer. Pode ser assim ou o CCB passou a ser um instrumento dos caprichos do senhor Graça Moura?

Anexo 2

Jornal: <i>Expresso</i>	Título: A coerência, a coragem e a dignidade	Data: 11/02/12
Autor: Miguel Sousa Tavares		

A coerência, a coragem e a dignidade

Vasco Graça Moura (que a intelectualidade oficiosa viu com desconfiança ser nomeado presidente do CCB), teve a coerência, a coragem e a dignidade de repor em uso no CCB o português que falamos e escrevemos e não aquele a que o Acordo Ortográfico nos quer à força converter. António José Seguro – a quem jamais se conheceu uma causa que fosse – resolveu fazer deste acto de resistência cívica um desafio à autoridade do Governo e do Estado. Se, porém, se desse ao trabalho de pensar para lá da baba política, Seguro poderia meditar sobre a validade jurídica de um tratado que apenas algumas partes ratificaram e poderia questionar-se sobre as razões que levaram Moçambique e Angola a recusarem o tratado que, supostamente, lhes era destinado, antes de mais. E poderia ainda reflectir sobre o teor do editorial do oficioso “Jornal de Angola”, desta quarta-feira, quando se justifica a recusa da aceitação do AO dizendo que “não queremos destruir essa preciosidade (a língua portuguesa) que herdámos inteira e sem mácula” e que “se queremos que o português seja uma língua de trabalho na ONU, devemos, antes de mais, respeitar a sua matriz e não pô-la a reboque do difícil comércio das palavras. Há coisas na vida que não podem ser submetidas a negócios”. Veja, António José Seguro: são as nossas ex-colónias que recusam abandonar a língua que nós lhe levámos e que agora traímos. Querirá você também dar uma lição aos angolanos, nesta matéria?



O discurso conflituoso na internet: uma análise discursivo-interacionista de comentários em site de notícia

The conflictive discourse on the internet: a discursive-interactionist analysis of comments on news site

Wilma Maria Pereira

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG),
Pirapora, Minas Gerais / Brasil

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
wilmawmp@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-8840-2252>

Resumo: Considerando a internet como um espaço em que circulam uma diversidade de discursos de alto potencial polêmico, propícios à materialização de insultos e agressões verbais, o objetivo deste trabalho é investigar as estratégias utilizadas pelos interactantes para a construção de suas intervenções no meio digital. A perspectiva de análise está centrada no modelo de impolidez sugerido por Culpeper (1996, 2005) e no Modelo de Análise Modular do Discurso (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). Busca-se apresentar duas abordagens para a análise dos atos impolidos, demonstrando de que maneira elas podem ser complementares no estudo da impolidez. Dessa forma, a interseção entre elas permite, além da classificação dos atos impolidos, descrever a organização textual dos comentários a fim de desvelar a estrutura dos discursos ofensivos e a ação dos internautas na negociação de faces, lugares e territórios.

Palavras-Chave: im/polidez; abordagem modular; comentários.

Abstract: Once the internet is a space in which there is a huge circulation of strongly polemical discourses, prone to the materialization of insults and verbal aggressions, the purpose of this paper is to investigate the strategies used by the interactors when constructing their intervention in the digital media. The perspective of the analysis is centered on the model of impoliteness suggested by Culpeper (1996, 2005) and on the Modular Approach to Discourse Analysis (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). We seek to present two approaches to the analysis of impolite acts, demonstrating how

they can be complementary in the study of impoliteness. In this way, the intersection between them allows, besides the classification of the impolite acts, to describe the textual organization of the comments in order to reveal the structure of offensive discourses and the action of the internet users in the negotiation of faces, places and territories.

Keywords: im/politeness; modular approach; comments.

Recebido em 20 de abril de 2020

Aceito em 3 de junho de 2020

1 Introdução

Muitos autores nos últimos anos têm se dedicado à investigação de fenômenos linguísticos que pressupõem algum tipo de “desacordo” entre os interlocutores em vários contextos. Roulet (1989), em um breve artigo, abordou a controvérsia, a polêmica e a briga sob a nomenclatura de “atos agonais”, ou seja, aqueles que evocam “luta”, “competição” ou “disputa”. Culpeper (1996, 2005) investigou a ofensa dirigida a participantes de *reality shows*, os ataques verbais em séries televisivas e em textos literários. Amossy (2011), usando exemplo da imprensa eletrônica francesa, analisou a polêmica e o argumento retórico em fóruns de discussão. Leech (2014) destacou a não-polidez, a impolidez, a ironia ou sarcasmo e a brincadeira como formas contrastantes da polidez. A impolidez nos meios digitais foi o enfoque dado por Cunha (2012, 2013) e por Balocco e Shepherd (2017) para o estudo da linguagem agressiva. Cunha (2019) e Cunha e Tomazi (2019) apresentam, sob uma perspectiva modular, o processo de negociação entre os interlocutores quando estão em confronto discursivo. A partir de perspectivas teóricas diversas, esses trabalhos¹ carregam o mérito de ajudar a preencher gradativamente a lacuna até então existente nos estudos voltados para a análise dos comportamentos impolidos e de todas as ações que eles invocam como a rudeza, o xingamento, o insulto, a injúria, a difamação, a ameaça e os ataques verbais que ocorrem em contextos em que o antagonismo e a

¹ A lista de trabalhos aqui mencionados não pretende ser exaustiva. Apresenta apenas uma pequena parcela de estudos relevantes para o estudo dos comportamentos impolidos em vários contextos e em várias perspectivas teóricas que de alguma maneira se alinham ao trabalho proposto aqui.

polarização parecem capitais, por exemplo, nas interações que acontecem nos meios digitais.

Atualmente, a internet e suas várias ferramentas de participação coletiva (*chats*, *blogs* interativos, comentários, *hashtags*, fóruns de discussão etc.) têm se configurado como um espaço público de convergência para esses “dissensos”. Segundo Amossy (2011), “só a internet possibilita a disseminação de uma enorme quantidade de material em tempo real naturalmente destinado a circular, a difundir, a ser lido, comentado, enriquecido e aprofundado pelos internautas” (AMOSSY, 2011, p. 11). O resultado desse “encontro coletivo” virtual pode ser a materialização de disputas discursivas em grandes proporções nas quais a violência verbal, não raras as vezes, tem papel fundamental na construção dos pontos de vista que são apresentados e defendidos no meio digital. Assim, a presença da agressividade e da violência verbal nesse contexto testemunha a existência de discursos altamente controversos, aparentemente irreconciliáveis, que apresentam duas facetas: a necessidade de ser “creditado” de um lado e, por outro, a tentativa de “desacreditar” o suposto oponente. Dessa forma, é possível inferir que “a internet – como meio de comunicação – cria as condições para a circulação de discursos que, por si só, tem um potencial polêmico muito forte” (AMOSSY, 2011, p. 11).

Neste contexto de conflito verbal, no qual reside um confronto exacerbado de teses antagônicas, é de nosso interesse investigar as interações conflituosas ou polêmicas² materializadas nos comentários publicados em sites de notícias sobre o contexto político e, sobretudo, a ação dos interactantes no agenciamento de faces, lugares e territórios.³ Para isso, em um primeiro momento, pretende-se analisar, por meio do

² Cf. Kerbrat-Orecchioni (1980). Trata-se de um tipo de discurso geralmente escrito, dialógico, de refutação (é um contra-discurso que pressupõe um desacordo entre os interlocutores), argumentativo, com uma forte intensidade axiológica pejorativa e com um objetivo desqualificativo, que ocorre num contexto de violência e paixão e dentro de uma determinada duração.

³ O conceito de face diz respeito a “um valor social positivo que uma pessoa efetivamente invoca para si pela linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um determinado contato” (GOFFMAN, 2012, p. 15). Já o termo território diz respeito ao âmbito “inviolável” de atuação do indivíduo, ou seja, às questões pessoais íntimas, aos sentimentos e pensamentos, às questões relacionadas ao corpo e ao espaço do indivíduo (GOFFMAN, 2012). Finalmente, o conceito de lugar diz respeito à “uma relação vertical ou de dominância entre os interagentes” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 353).

modelo teórico sugerido por Culpeper (1996, 2005), quais as *estratégias de impolidez* (CULPEPER, 1996, 2005) são mobilizadas para este fim. Em um segundo momento, por meio dos postulados teórico-metodológicos do Modelo de Análise Modular do Discurso (MAM) (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), propõe-se não somente investigar de que maneira a organização discursiva dos comentários é manejada e agenciada na realização de atos⁴ impolidos, mas também demonstrar a capacidade integradora desse modelo. Acreditamos que a análise dos comentários impolidos a partir dessas duas abordagens nos permite compreender, em etapas bem demarcadas, não só a sua caracterização, mas a sua dinâmica interacional com base na ação dos interactantes na realização dos atos impolidos, possibilitando também ampliar as possibilidades de análise da impolidez.

Em relação ao *corpus* selecionado para este trabalho, trata-se de um recorte de um total de quinhentos comentários que constituem o *corpus* de uma pesquisa em andamento sobre a impolidez nas redes sociais. Considera-se que o recorte ora apresentado ilustra de maneira significativa as formas de ações impolidas mais recorrentes dos interactantes no meio digital investigado. Os comentários analisados foram publicados no site *Yahoo Notícias* em decorrência da publicação da matéria *Para Bolsonaro, “hienas” são todos os que não se curvam à sua majestade*,⁵ do jornalista Matheus Pichonelli, divulgada no dia 29 de outubro de 2019. Para a nossa análise, foram coletados os primeiros comentários publicados e organizados sob o critério “mais relevantes” pelo site. Em tempo, vale ressaltar que consideramos os comentários, assim como Balocco e Shepherd (2017), como uma instância do discurso midiático de caráter opinativo que possibilita aos leitores a expressão de seus pontos de vista sobre determinado assunto. Além disso, “os comentários fazem referência a um texto anterior; são de responsabilidade de um usuário; são textos opinativos que ocorrem em espaços delimitados

⁴ A noção de ato utilizada aqui não faz referências à Teoria dos Atos de Fala. Diz respeito à realização de ações verbais/linguageiras impolidas.

⁵ A notícia faz referência à divulgação de um vídeo feita pelo presidente Jair Bolsonaro em sua conta no *Twitter*, no dia 28 de outubro de 2019. No vídeo, o presidente é representado por um leão cercado de hienas inimigas que, na montagem, representavam instituições como a CNBB, veículos de imprensa, partidos políticos, STF, entre outros). O vídeo está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A5Uhyt81PwE> e a notícia pode ser acessada em: <https://br.noticias.yahoo.com/bolsonaro-hienas-video-leao-114256636.html>.

no jornalismo digital, ou seja, são textos que sofrem restrições impostas pelo *software* (tamanho); são assim denominados (‘comentários’) pela própria mídia digital” (BALOCCO; SHEPHERD, 2017, p. 1022).

A seguir, apresentaremos um breve histórico dos estudos da impolidez, destacando sobretudo a abordagem de Culpeper (1996, 2005) e sua perspectiva para a análise dos atos impolidos. Em seguida, apresentaremos o Modelo de Análise Modular do Discurso como uma proposta de ampliação de alguns aspectos relacionados à impolidez, por exemplo, as restrições situacionais e os aspectos relacionais do texto como estratégia de negociação na “disputa” impolida entre os interactantes. Para isso, trataremos os comentários a partir de quatro componentes do MAM, a saber, as dimensões hierárquica e situacional, a forma de organização relacional e a forma de organização estratégica.

2 Os estudos da impolidez: breve histórico

A partir dos estudos sobre a polidez elaborados por Brown e Levinson (1987) foram feitos avanços significativos em relação ao uso da linguagem para o agenciamento das relações sociais. Com base no conceito de face, herdado de Goffman (1967), esses pesquisadores se propuseram a elaborar uma “teoria da polidez”. Dentre os princípios desta teoria está o reconhecimento da sacralidade e vulnerabilidade da face e os esforços para garantir a sua preservação contra os possíveis ataques (FTAs),⁶ que podem ocorrer em qualquer interação. Sendo assim, segundo essa teoria, um dos objetivos da interação é a preservação das faces que estão em jogo e uma das maneiras de fazê-lo é buscando mutuamente, ou cooperativamente, estratégias para minimizar possíveis ataques, garantindo assim o equilíbrio das interações sociais.

No entanto, assim como ocorre nas interações conflituosas na internet, existem uma série de contextos em que o objetivo da interação não está voltado para a manutenção da harmonia social ou para a preservação da face. Nestes contextos, os interactantes não estariam motivados a agir cooperativamente no sentido de garantir a estabilidade da interação, mas estariam orientados, por uma série de fatores, a agirem com rudeza e impolidez. Isso porque, segundo Culpeper (1996, p. 354), “há

⁶ FTAs (*Face Threatening Acts*): sigla de Brown e Levinson (1987) utilizada para designar os atos ameaçadores de face.

circunstâncias em que a vulnerabilidade da face é desigual e a motivação para cooperar é reduzida”. De acordo com o autor, essas circunstâncias dizem respeito a contextos em que a impolidez desempenha um papel central. Exemplos desses contextos são apresentados por Culpeper (1996, 2005), Culpeper; Bousfield e Wichmann (2003) e Culpeper e Hardaker (2017) ao analisarem os diálogos que ocorrem entre oficiais e recrutas em treinamento do exército, as situações de discordância entre proprietários de automóveis e guardas de trânsito em séries televisivas, *reality shows* que exploram a “superioridade” do apresentador em relação aos participantes etc., expondo as suas faces a diversos tipos de ataques e constrangimentos.

Essa perspectiva interacional voltada para o conflito verbal sugere a necessidade de um novo olhar para a forma como as pessoas interagem umas com as outras nesses contextos específicos. Além disso, tal perspectiva indica a pertinência de uma análise da impolidez e das relações humanas em contextos em que a polêmica e os possíveis ataques verbais que geralmente invoca parecem ser o ponto central da interação.⁷

Assim como nos estudos sobre a polidez, a impolidez tem se estabelecido também como um campo de investigação bem delimitado. Esse avanço se deve a trabalhos pioneiros sobre a impolidez, como especifica Leech (2014, p. 235), ao fazer referência aos estudos de Culpeper (1996, 2005, 2011a, 2011b), Culpeper *et al.* (2003), Bousfield (2008), Bousfield e Locher (2008), que fizeram avançar esse campo de investigação.

Culpeper e Hardaker (2017) também mencionam os avanços que foram gradativamente ocorrendo nesse no campo dos estudos da impolidez. Segundo os autores, “o campo da impolidez linguística desenvolveu-se primeiro de uma forma bastante irregular, depois ganhou ritmo em meados da década de 90, mas só arrancou realmente por volta de 2008” (CULPEPER; HARDAKER, 2017, p. 199). Ao se referir a esse processo de ampliação dos estudos sobre impolidez, Culpeper e Hardaker (2017) mencionam três momentos distintos que o caracteriza. O primeiro momento, ancorado em modelos clássicos de pragmática, refere-se, segundo Culpeper e Hardaker (2017), ao trabalho de Lachenicht (1980)

⁷ Cf. Amossy (2017). Nem toda violência verbal é polêmica, ou seja, “os procedimentos discursivos que criam uma impressão de violência verbal só se tornam polêmica quando são utilizados no contexto de uma confrontação de opiniões contraditórias” (AMOSSY, 2017, p. 63).

que, segundo eles, foi o primeiro trabalho abrangente e teoricamente fundamentado sobre o tema da impolidez. Segundo esses autores, esse trabalho não desencadeou uma onda de pesquisas sobre a impolidez, como ocorreu com a polidez a partir do trabalho de Brown e Levinson (1987), por exemplo. O resultado da adoção dessa postura focada na polidez foi o surgimento de um fosso teórico entre os estudos da polidez e da impolidez, marcado pelo pouco interesse nos eventos impolidos e por aparatos teórico-descritivos insuficientes para abarcar a impolidez, como menciona Eelen (2001, p. 98), por exemplo, ao argumentar que as teorias de polidez não estão geralmente bem equipadas, conceitualmente ou descritivamente, para explicar a impolidez.

Além desse trabalho, Culpeper e Hardaker (2017) mencionam também o estudo de Craig *et al.* (1986). Segundo eles, esses autores desenvolveram uma abordagem mais adequada da dinâmica da comunicação interpessoal, considerando tanto a comunicação hostil como a cooperativa. Com base na teoria da polidez de Brown e Levinson (1987), Craig *et al.* (1986) publicaram um dos primeiros artigos discutindo o *face-attack* ou *face-aggravation*, apontando as consequências dessa teoria de não abordar estratégias de ataque à face de forma sistemática, o que, segundo eles, contribuiu para a existência de uma lacuna na descrição dos dados que se referem aos comportamentos impolidos.

Ainda na esteira dos trabalhos pioneiros sobre a impolidez, Culpeper (1996) complementa a lista de autores que se preocuparam com essa temática. Culpeper (1996) amplia os estudos da impolidez ao elaborar de forma sistemática um conjunto de estratégias específicas para caracterizar o *face-attack*. Trata-se de uma estrutura “oposta” (*flip-side*) às estratégias de polidez de Brown e Levinson (1987), ou seja, para cada uma das estratégias de polidez, Culpeper (1996) propõe uma estratégia de impolidez oposta. Conforme especifica Culpeper (1996), elas são opostas em termos de orientação para a face, isto é, em vez de amenizar ou mitigar ameaças, as estratégias de impolidez são um meio de atacar a face. Este primeiro momento é denominado por Culpeper e Hardaker (2017) de “primeira onda” dos estudos da impolidez.

O segundo momento dos estudos da impolidez refere-se aos estudos desenvolvidos sob a perspectiva de uma abordagem discursiva, articulada pelos estudos de Eelen (2001), Mills (2003) e Watts (2003). Segundo Culpeper (2017, p. 207), essa segunda onda de abordagem de polidez buscou articular tanto a polidez quanto à impolidez. O foco dessa

segunda onda não estava voltado para a apresentação de uma distinção entre os dois conceitos, mas sim para a interação social, na qual a polidez ou a impolidez poderia ser contabilizada, ou seja, ela tinha como foco mostrar como a concepção de impolidez é revelada no discurso dos interactantes ou dos leigos, e não em como o discurso do leigo se encaixa em um conceito elaborado pelos acadêmicos. Essa postura adotada por esses autores implica dizer que “a impolidez é construída no fluxo e refluxo da interação e que o próprio conceito de impolidez em si e a sua definição está sujeito à luta discursiva” (CULPEPER; HARDAKER, 2017, p. 2007). Essa concepção difere esse momento de abordagens anteriores de impolidez que, segundo Culpeper e Hardaker (2017), tendiam a focar exclusivamente no significado pretendido pelo orador e no tratamento da impolidez como um aspecto relativamente estável de determinadas formas linguísticas.

Em referência ao terceiro momento dos estudos da impolidez, Culpeper e Hardaker (2017) destacam o trabalho de Bousfield (2008), seu primeiro volume de artigos (BOUSFIELD; LOCHER, 2008) e o primeiro número especial da revista dedicada à impolidez: *Impoliteness: Eclecticism and Diaspora (Journal of Politeness Research, 4(2)*, editada por Bousfield e Culpeper (2008). Retomando Locher e Bousfield (2008), Culpeper e Hardaker (2017) mencionam o fato de o trabalho sobre a impolidez ter avançando para um meio termo entre a abordagem clássica, do primeiro momento, voltada para a sistematização e classificação da impolidez, e a discursiva que envolve a ação dos interactantes e seus respectivos contextos sociais para a investigação da impolidez. Segundo mencionam os autores (2017), isso aconteceu com o aumento das abordagens relacionais (SPENCER-OATEY, 2001, 2008), a abordagem da polidez baseada em *frames* (TERKOURAFI, 2001) e da impolidez (TERKOURAFI, 2008, 2009), e a abordagem interativa (ARUNDALE, 1999; HAUGH, 2007). Um ponto relevante a ser destacado com essas teorias é que elas abrangem tanto a perspectiva do falante como a do ouvinte, além de centralizar o papel do contexto no tratamento da impolidez. Em seus trabalhos mais recentes, Culpeper (2011a)⁸ tem se alinhado a esta perspectiva.

⁸ Conforme mencionado, muitos autores, além de Culpeper, têm se dedicado ao estudo da impolidez. Por conveniência teórica, utilizaremos os postulados de Culpeper por considerá-los aptos aos objetivos que pretendemos com este trabalho.

2.1 As estratégias de impolidez: a abordagem de Culpeper

Em seu trabalho de 1996, Culpeper estabeleceu um conjunto de estratégias para designar os atos impolidos. Para isso, o autor elencou as superestratégias e as estratégias *output* de impolidez. Segundo Culpeper e Hardaker (2017, p. 208), “as primeiras são de ordem superior e envolvem a orientação geral do ato; as segundas são os meios mais específicos pelos quais as superestratégias são alcançadas”. As superestratégias de impolidez são assim especificadas por Culpeper (1996, 2005):⁹

- (1) *Impolidez bald on record* – o FTA é realizado de maneira direta, clara, sem ambiguidade e de forma concisa em circunstâncias em que a face não é irrelevante ou minimizada;
- (2) *Impolidez positiva* – o uso de estratégias destinadas a prejudicar a face positiva do destinatário;
- (3) *Impolidez negativa* – o uso de estratégias destinadas a prejudicar a face negativa do destinatário;
- (4) *Sarcasmo ou falsa polidez* – o FTA é realizado com o uso de estratégias de polidez que são obviamente insinceras, e assim permanecem realizações superficiais;
- (5) *Retenção da polidez* – a ausência de polidez em situações em que é esperada, por exemplo, não demonstrar gratidão ao receber uma gentileza de alguém.
- (6) *Impolidez off-record*: o FTA é realizado por meio de uma implicatura, mas de tal forma que uma intenção atribuível supera claramente qualquer outra.

Além das superestratégias, Culpeper descreve também as estratégias *output* de impolidez positiva e de impolidez negativa¹⁰ que especificam os comportamentos impolidos direcionados à face positiva ou à face negativa de um interlocutor. Como mencionado, as estratégias *output* são um meio de satisfazer os fins estratégicos de uma superestratégia. As estratégias *output* de impolidez estão sistematizadas no quadro abaixo adaptado de Culpeper (1996, 2005).

⁹ Culpeper (1996) elenca as cinco primeiras estratégias. Em Culpeper (2005), o autor acrescenta a sexta estratégia ao seu modelo.

¹⁰ Cf. Culpeper (1996): *Positive impoliteness output strategies* e *Negative impoliteness output strategies*.

QUADRO 1 – As estratégias de impolidez

POSITIVE IMPOLITENESS OUTPUT STRATEGIES	NEGATIVE IMPOLITENESS OUTPUT STRATEGIES
Ignorar, esnoabar o outro – não reconhecer a presença do outro. Seja desinteressado, despreocupado, antipático	Assustar – instale a crença de que uma ação prejudicial ao outro ocorrerá
Excluir o outro de uma atividade	Condescender, desprezar ou ridicularizar – enfatize seu poder relativo. Seja desdenhoso.
Desassociar-se do outro – por exemplo, negar associação ou base comum com o outro; evite sentar-se juntos	Não levar o outro a sério. Diminuir o outro (por exemplo, use diminutivos).
Ser desinteressado, despreocupado, antipático	Invasão do espaço do outro – literalmente (por exemplo, posicionar-se mais perto do outro do que o relacionamento permite) ou metaforicamente (por exemplo, pedir ou falar sobre informações que são muito íntimas, dado o relacionamento)
Usar marcadores de identidade inadequados – por exemplo, usar título e sobrenome quando houver uma relação de proximidade ou apelido quando se tratar de uma relação de não proximidade	Associar explicitamente o outro a um aspecto negativo – personalizar, use os pronomes “eu” e “você”.
Usar linguagem obscura ou secreta – por exemplo, mistificar o outro com jargão, ou usar um código conhecido por outros no grupo, mas não pelo alvo	Colocar o endividamento do outro em destaque, etc.
Buscar discordância – selecionar um tópico delicado.	
Fazer o outro se sentir desconfortável – por exemplo, não ficar em silêncio (quando desejável), fazer piada ou dizer futilidades	
Usar palavras tabu – xingar ou usar linguagem abusiva ou profana.	
Chamar por outros nomes – usar nomeações depreciativas. etc.	

Fonte: adaptado de Culpeper (1996, p. 356).

A partir do conjunto das superestratégias, Culpeper (1996, 2005) concebe a impolidez como o uso de “estratégias comunicativas concebidas para atacar a face, e assim causar conflito e desarmonia social” (CULPEPER *et al.* 2003, p. 1546). Buscando refinar esse

conceito e apresentar respostas a algumas inadequações apontadas por comentadores¹¹ de sua obra, Culpeper (2005) propôs uma definição revista para o conceito de impolidez, isto é, “a impolidez surge quando: (1) o orador comunica o *face-attack* intencionalmente, ou (2) o ouvinte percebe e/ou constrói o comportamento como um *face-attack* intencionalmente, ou uma combinação de (1) e (2)” (CULPEPER, 2005, p. 38). O que se observa nesta definição elaborada por Culpeper (2005) é a implicatura de que “o fenômeno da impolidez tem a ver com a forma como a ofensa é comunicada e interpretada” (CULPEPER, 2005, p. 36) pelos interagentes em determinado contexto, ou seja, “o aspecto chave desta definição é que ela deixa claro que a impolidez, como na verdade a polidez, é construída na interação entre o falante e o ouvinte” (CULPEPER, 2005, p. 38). Nessa concepção, a impolidez é um fenômeno interacional de duas camadas, isto é “a informação ofensiva sendo expressa no enunciado e a informação de que essa informação está sendo expressa intencionalmente” (CULPEPER, 2005, p. 39). Além de resgatar o papel da ação conjunta do orador e do ouvinte na interação, este conceito invoca uma outra questão primordial e problemática para a investigação da impolidez: a intencionalidade.

Como o próprio Culpeper (2005, p. 39) menciona, “reconhecer intenções é altamente problemático: elas têm de ser inferidas na comunicação”. Inferir a impolidez na interação é avaliar os seus efeitos a partir da ação dos interagentes ou na forma como eles reagem aos supostos ataques. Isso ajuda a excluir, segundo ele, os subprodutos, os casos incidentais, e os tipos simulados de ameaça à face. O resultado dessa “inferência” é reconhecer nessas categorias não apenas sinalizações, mas apresentar uma distinção pontual no tocante a casos intencionais de impolidez, por exemplo, a atuação de alguém que pretendia ofender, traçou um plano para realizar essa ofensa e executou-a em plena consciência; de casos em que a ofensa foi realizada acidentalmente, por exemplo, um *faux pas* (CULPEPER; HARDAKER, 2017).

Para Culpeper e Hardaker (2017, p. 203), “o que é certamente claro é que a intencionalidade não é uma condição necessária de impolidez”. Isso porque para ele, as pessoas podem construir um ato que é, ao mesmo tempo, não intencional e ofensivo. Leech (2014), a partir das escalas para avaliar a impolidez, considera que dar um baixo valor aos esforços

¹¹ As principais questões apontadas dizem respeito ao foco apenas no orador, a não consideração devida ao contexto, a inexistência da expressão “desarmonia social” etc.

do outro é uma forma de ser impolido sem, no entanto, ter a pretensão de promover um *face-attack*.

Culpeper (2011a) apresenta uma explicação para o fato de que nem toda impolidez é intencional, porque (a) às vezes o produtor da impolidez não tem consciência dos efeitos de impolidez que está causando e (b) o ato é considerado impolido, no entanto, porque o produtor é culpado por não identificar previamente esses efeitos. A questão da intencionalidade evoca mais uma vez a importância do contexto para a análise dos atos impolidos. Isso porque um único comportamento pode ser considerado impolido em uma situação e em outra não. O mesmo se aplica para o sentido das palavras que pode ser agressivo ou não em função do tipo de relação que se estabelece entre os interagentes, o *status* de cada um deles e os lugares que ocupam na estrutura social.

A fim de sistematizar o fenômeno da impolidez a partir de um conceito mais apurado, Culpeper (2011a) concebe a impolidez como:

uma atitude negativa em relação a comportamentos específicos que ocorrem em contextos específicos. É sustentada por expectativas, desejos e/ou crenças sobre a organização social, incluindo, em particular, como as identidades de uma pessoa ou de um grupo são mediadas por outros na interação. *Comportamentos situacionais são vistos de forma negativa – quando entram em conflito com a forma como se espera que sejam, como se quer que sejam e/ou como se pensa que devem ser.* Tais comportamentos sempre têm ou presume-se que têm consequências emocionais para pelo menos um participante, ou seja, causam ou presume-se que causam ofensa (CULPEPER, 2011a, p. 23, grifo do autor).

Com essa definição, Culpeper (2011a) não responde somente a pontos controversos das definições iniciais no que diz respeito à perspectiva do orador e de sua intencionalidade, mas abarca também o contexto como elemento fundamental para a noção de impolidez. O que o autor propõe a partir dessa consideração, é necessidade de um esquema descritivo apropriado para dar conta dos comportamentos impolidos, considerando que a suposta marginalidade com que alguns se referem a esses comportamentos não se sustenta diante de contextos em que a sua operacionalização parece bastante central.

Em síntese, o que Culpeper (1996, 2005) propõe com o seu modelo é um mecanismo descritivo para a análise dos comportamentos impolidos, que devem ser considerados a partir de contextos específicos

em que muitas variáveis podem estar em jogo. Dessa forma, é possível perceber que a impolidez pode ser “estratégica, sistemática, sofisticada e não incomum, dada a importância dos eventos impolidos no meio social, a quantidade de discussão pública que eles atraem e os possíveis efeitos negativos para as faces que estão em confronto” (CULPEPER; HARDAKER, 2017, p. 206).

Com base nas estratégias postuladas por Culpeper (1996, 2005), procederemos inicialmente à identificação das estratégias de impolidez a fim de verificar a sua recorrência nos comentários. Posteriormente, submeteremos os comentários ao arranjo teórico-metodológico do MAM, sistematizando de forma mais abrangente a análise aqui proposta.

2.1.1 As estratégias de impolidez nos comentários

Como mencionado anteriormente, os comentários analisados neste trabalho é um pequeno recorte de um total de quinhentos comentários que constituem o *corpus* de uma pesquisa em andamento sobre a impolidez nas redes sociais. Esses comentários são provenientes de notícias da imprensa digital que abordavam assuntos relacionados ao contexto político brasileiro no início do ano de 2019. Tratava-se um momento político conturbado e muitas expectativas, marcado pela derrota da esquerda e pela ascensão ao poder de um político representante da direita. Esse cenário propício à polarização e ao antagonismo de ideias impulsionou a ação de muitos eleitores nos meios digitais na negociação de seus pontos de vista.

Para a seleção, utilizamos uma ferramenta disponibilizada pelo site *Yahoo Notícias* para organizar a cadeia de comentários em suas matérias. A ferramenta de seleção apresenta as seguintes opções para os leitores: *principais reações*, *reações mais recentes*, *discutidas recentemente*, *reações mais antigas*. Ao acessar a página inicial dos comentários, a opção “principais reações” é apresentada em primeiro plano. Caso queira, o leitor pode selecionar uma das outras opções, o que vai interferir na ordem em que os comentários são apresentados. Para o nosso estudo, optamos pela primeira sequência apresentada: *principais reações*, que indicam as intervenções que mais receberam algum tipo de reação (*like*, *emojis*, etc.) ou desencadearam novos comentários. Neste contexto, consideramos que essas ações podem indicar o interesse dos interlocutores pelo debate sobre questões de ordem pública,

possivelmente mobilizadoras de opiniões contraditórias. Os comentários coletados¹² são os seguintes:

- I1: Bolso está tendo alucinações de grandeza! Vídeo de total imbecialidade! A ligação podre com o Queiroz, o cala a boca no COAF e ele não quer ser questionado?! Estão atacando o leão da moral e ética?! O povo não pode mais ser seguidor cego, Orai e “Vigiai”!
- I2: Nunca vi leão ser pai de oncinha, não é Carluxa?
- I3: O BozoAsno consegue ser mais infeliz a cada novo comentário que vomita. Pior presidente da história. Pqp.
- I4: Engraçado é que Bolso-Asno e seu jeguinho de nº 02 não falam em processar o Fabrício Queiroz, será que é a síndrome do rabo preso?
- I5: hienas são vcs da imprensa podre e imunda além dos psicopatas da esquerda
- I6: Pelo nível dos comentários já se desenha o perfil de quem se formou na época da escola plural...

Na primeira reação, o comentarior¹³ inicia a sua intervenção utilizando o termo *Bolso* em referência ao presidente Jair Bolsonaro, afirmando que ele está tendo alucinação. A ação de usar codinomes ou formas de “nomeação incomum” é recorrente nas redes sociais e, geralmente, está relacionada à tentativa de “ocultar” o nome de determinadas pessoas ou eventos para reduzir a sua “popularização” na rede. Considerando o contexto de polarização do qual decorrem os comentários, essa parece ser a estratégia utilizada por muitos comentarior que justifica também a alta recorrência de “codinomes” para se referir ao presidente tais como *Bolso*, *Bozo*, *Bolso-asno etc.*

No que diz respeito às estratégias de impolidez, Culpeper (1996) formula que a “nomeação” indevida, como as especificadas acima, é uma maneira de ser impolido. Isso implica o uso de marcadores de

¹² Os comentários foram transcritos sem alteração e, por isso, podem apresentar desvios em relação à norma padrão. A letra I indica a intervenção, ou seja, a reação de cada um dos comentarior à notícia.

¹³ Utilizaremos o termo comentarior com o objetivo de estabelecer uma distinção com o termo comentarista que evoca a noção de um profissional especializado sobre determinado assunto.

identidade inadequados como o uso de apelidos em interações nas quais não existe uma relação de proximidade e marcadores de identidade muito formais em relações de proximidade. Trata-se, portanto, de um caso de impolidez positiva. Além disso, a referência feita à alucinação¹⁴ no comentário invoca a suposta natureza patológica do comportamento do presidente e coloca em xeque a sua sanidade mental. Apesar de não apresentar nenhuma marca direta de impolidez, esse trecho pode ser assim considerado porque assinala uma suposta incapacidade mental do presidente e o comentarista o faz por meio de uma implicatura, ou seja, de uma forma *off-record*. Leech (2014) afirma que a implicatura é um importante recurso na marcação da impolidez, servindo duplamente ao objetivo do locutor: ser ofensivo sem parecer ofensivo, por isso, as mensagens impolidas são muitas vezes obtidas por implicaturas, e não pelo que “é dito” (LEECH, 2014, p. 224). No entanto, a implicatura neste comentário não deixa dúvidas de que o objetivo do comentarista é atingir a face positiva do presidente.

Uma outra forma de demonstrar impolidez é associar alguém ou alguma coisa que lhe pertence ou da qual ele faz parte com algo de natureza negativa. É o que ocorre, por exemplo, no trecho *Vídeo de total imbecialidade*, que indica que a palavra imbecil não está sendo direcionada ao vídeo, mas à pessoa que o produziu ou que está representada nele. Trata-se de um caso de impolidez positiva que materializa o xingamento como forma estratégia de ofensa.

Na sequência, observa-se que a ênfase é dada a um suposto envolvimento do presidente com ações consideradas ilegais (A ligação podre com o Queiroz, o cala a boca no COAF). A ação de colocar o endividamento do outro em destaque é um caso de impolidez negativa. Finaliza esse primeiro comentário, o sarcasmo ou a falsa polidez que estão associados ao enunciado: *Estão atacando o leão da moral e ética*. Observa-se que as palavras moral e ética são obviamente insinceras ao fazer referência à figura do “leão”, que no vídeo representa o presidente. O sentido sarcástico é alcançado por meio da inferência feita a partir dos fatos mencionados anteriormente pelo comentarista que indicam a suposta desonestidade do presidente. Dizer que alguém preza pela moral

¹⁴ A alucinação é uma manifestação psicopatológica que pode se apresentar em pacientes psicóticos, conforme especificação do Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) e a Classificação Internacional de Doenças (CID).

e pela ética é axiologicamente positivo em nossa cultura. No entanto, no contexto, não parece ser este o sentido veiculado e a estrutura de questionamento com a qual a informação é divulgada parece reforçar essa alteração do sentido.

Finalmente, o último trecho do comentário apresenta uma estratégia de impolidez negativa com a qual o comentador reivindica para si uma postura de “superioridade”, lugar de onde “aconselha” os demais a “orar e vigiar” para que possam ser livres da suposta “cegueira” (seguir o presidente) que os acomete. Essa postura está relacionada a ações de condescender, aconselhar e, por isso mesmo, pode ser inserida como uma estratégia de impolidez negativa, ou seja, invadir o território alheio na oferta de algo ou para ditar o que o outro deve fazer.

A estratégia de sarcasmo aparece também no segundo comentário analisado (I2) em que o comentador sugere buscar algum tipo de acordo (polidez positiva) por meio da expressão *não é Carluxa?* Essa inferência é desconstruída pelo contexto que invoca os sentidos figurados das palavras “leão” e “oncinha”, que podem ser interpretadas como referência ao universo da homossexualidade. Neste contexto, tal referência representa a seleção de um tópico delicado. Esse sentido alterado é reforçado pelo marcador de identidade inadequado *Carluxa*, que faz referência a um dos filhos do presidente. As duas estratégias mencionadas são casos de impolidez positiva. Além disso, observa-se aqui uma sobreposição de estratégias, pois a menção de tópicos que são “secretos” por algum dos interagentes implica também a invasão do território do outro e configura-se como um caso de impolidez negativa.

Na terceira intervenção (I3), o comentador também utiliza a estratégia de impolidez positiva relacionada ao uso de nomeações depreciativas *Bozoasno* com objetivo desqualificante. Com essa estratégia de impolidez positiva, ele associa a figura do presidente à figura de um animal (asno) na tentativa de implicar a falta de inteligência de Bolsonaro. Além disso, sugere com a metáfora do vômito a incapacidade de o presidente dizer algo que seja considerado relevante (impolidez *off-record*). Finalmente, insere uma avaliação negativa em relação ao desempenho do presidente *Pior presidente da história* com a qual diminui a figura do presidente (impolidez negativa) como principal mandatário de uma nação. Por fim, a expressão *PQP* (“Putá que pariu”), no final do comentário, representa uma forma convencionalizada de impolidez geralmente associada a contextos particulares em que ocorrem efeitos

impolidos (CULPEPER; HARDAKER, 2017). Expressões dessa natureza geralmente representam sentimentos de surpresa ou raiva e são consideradas termos tabus (impolidez positiva) que devem ser evitados com base em pressupostos avaliativos e prescritivos que tem como base um certo padrão do que é “correto”, “normal”, “apropriado”, “vale a pena dizer”, “permissível” em determinado meio social (CULPEPER, HARDAKER, 2017).

A quarta intervenção (I4) também apresenta estratégias de impolidez positiva materializadas no emprego de nomeações depreciativas (Bolso-asno, jeginho de nº 2). A esse respeito, Leech (2014) considera que geralmente as metáforas animais são construídas sob medida para uso ofensivo, funcionando como agravantes emocionais na interação. O comentário remete também a uma suposta relação de corrupção entre o presidente, o seu filho, o então deputado Flávio Bolsonaro, a quem o presidente se refere como o número 2, por isso, a referência usada pelo comentarista de jeginho de nº 2, e o ex-assessor Fabrício Queiroz. Com essa manobra, o comentarista procura colocar o endividamento dos três mencionados em destaque (impolidez negativa). Essa tentativa fica ainda mais explícita por meio da pergunta que finaliza o trecho *será que é síndrome do rabo preso?* que faz menção a tipos de comportamento de quem tem algo a esconder por ter realizado uma ação de natureza criminosa ou imprópria e que, por isso, deve ser mantida em sigilo.

Na penúltima reação analisada (I5), o comentarista não direciona os seus ataques aos fatos divulgados ou às pessoas mencionados na notícia. Ele faz referência à imprensa, que considera “podre” e “imunda”, e às pessoas filiadas aos partidos de esquerda a quem denomina de “psicopatas”. Essa ação do comentarista materializa mais uma vez exemplos de estratégias de impolidez positiva explicitadas por meio de xingamentos e nomeações depreciativas. Essa postura assinala também o cenário de dicotomização e polarização que sempre emerge nas discussões sobre o contexto político brasileiro.

Por fim, a sexta reação (I6) representa um caso de impolidez *off-record*, ou seja, um tipo de estratégia de impolidez cujo efeito impolido é alcançado por meio de uma implicatura. Nesse comentário, o comentarista direciona a sua avaliação para os demais comentaristas e, ao fazê-lo, questiona a capacidade intelectual deles, fazendo referência à escola

plural.¹⁵ Tal posicionamento indica uma provável discordância com esse modelo de ensino. O efeito impolido é inferido a partir da consideração do comentador de que, em razão de sua má formação, os demais interagentes são incapazes de fazer comentários relevantes a respeito do cenário político. Fica implícita a tentativa de atingir a face positiva dos demais interlocutores, considerando-os inaptos para a atividade.

Essas estratégias de impolidez utilizadas pelos interlocutores sinalizam *a priori* que os comentários indicam um contexto em que o dissenso é traço característico. Em contextos como este em que as posições são geralmente exacerbadas, percebe-se uma recusa às regras de colaboração e uma acentuada tentativa de desacreditar o oponente. De acordo com Dascal (2008), esse tipo de comportamento pode ser caracterizado como “dicotomização”, ou seja, “a radicalização de uma polaridade que enfatiza a natureza incompatível dos dois polos e a inexistência de qualquer solução intermediária” (DASCAL, 2008, p. 35). Com o propósito de agir nesse contexto, os interagentes mobilizam várias formas de discurso para atingir os seus objetivos.

A fim de ampliar as possibilidades de análise da impolidez, apresentaremos o Modelo de Análise Modular do Discurso visando a demonstrar a sua potencialidade para a investigação dos atos impolidos, sobretudo, no diz respeito a possíveis manobras discursivas realizadas pelos interactantes em contextos polêmicos. Isso porque consideramos que a forma como os interagentes agenciam os seus discursos pode ser um elemento importante para investigar de que maneira a impolidez é construída com a finalidade de atingir as faces de supostos opositores.

3 O Modelo de Análise Modular do Discurso (MAM)

O Modelo de Análise Modular do Discurso¹⁶ (MAM) é uma abordagem interacionista teórico-metodológica que pretende dar conta da complexidade e heterogeneidade discursiva. De modo geral, o MAM

¹⁵ Cf. Miranda (2007). A Escola Plural foi implantada na rede municipal de ensino de Belo Horizonte, no período 1993/1996. Segundo a autora, a proposta foi considerada inovadora por muitos, polêmica por outros, por ter procurado romper com a cultura tradicional da escola pública. A proposta desse modelo educacional pode ser conferida em <http://www.pbh.gov.br/smed/escoplur/escplu00.htm>.

¹⁶ O MAM surgiu na década de 70 na Universidade de Genebra e é resultante de pesquisas desenvolvidas em torno de Eddy Roulet.

propõe um quadro unificado constituído de três dimensões, a saber: linguística, situacional e textual. Cada uma dessas dimensões é constituída por módulos.¹⁷ A dimensão linguística incorpora os módulos lexical e sintático; a dimensão textual contém apenas o módulo hierárquico e a dimensão situacional engloba os módulos referencial e interacional.

De acordo com Roulet; Fillietaz e Grobet (2001), a noção de modularidade é útil para a análise de qualquer produção discursiva, porque permite que o conteúdo do discurso seja decomposto em um certo número de sistemas de informação simples e autônomos (módulos), que podem ser descritos de maneira independente para, posteriormente, serem combinados¹⁸ com outros módulos.

Além dos módulos, os autores apresentam também cinco formas de *organização complexas* (resultantes da combinação das informações oriundas dos módulos e de alguma forma de organização) e sete formas de *organização elementares* (resultantes da combinação de informações fornecidas pelos módulos). As formas de *organização elementar* são: fonoprosódica, semântica, relacional, informacional, enunciativa, sequencial e operacional e as formas de *organização complexas* são: periódica, tópica, polifônica, composicional e estratégica. Cada uma dessas formas de organização dispõe informações pontuais que devem ser combinadas e elencadas para atender os propósitos investigados de cada analista.

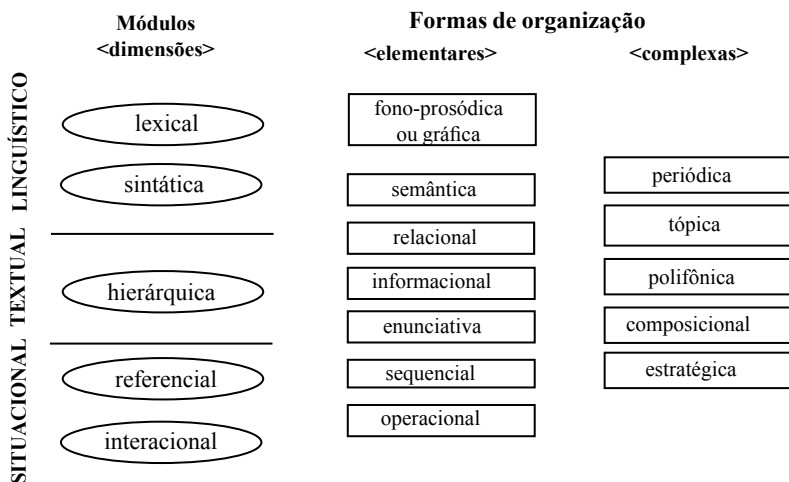
Finalmente, como destaca Roulet (1999), o modelo é uma proposta metodológica que isola os sistemas simples de informação, para posteriormente descrever como essas informações podem ser combinadas entre si, estabelecendo relações complexas na estrutura dos discursos. Sendo assim, postula-se que o objetivo de desenvolver um modelo como o MAM “é duplo: (a) desenvolver um modelo recursivo que use um número limitado de unidades, relações e princípios gerais para (b) capturar, de forma apurada e ampla, a complexidade da organização de todas as formas possíveis de discurso” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 41).

¹⁷ Cf. Roulet; Fillietaz e Grobet (2001), os módulos são recursos descritivos que têm o objetivo de fornecer informações específicas de um domínio da organização discursiva de forma exaustiva, consistente, econômica e independente dos outros módulos.

¹⁸ Cf. Roulet (1999, p. 146-147) as regras de *couplage* são responsáveis por garantir a combinação das informações do discurso, permitindo definir os tipos de constituintes discursivos, as categorias discursivas complexas, e, também, derivar as formas de organização discursivas complexas.

Nessa perspectiva, a potencialidade do MAM como ferramenta analítica reside justamente na sua capacidade de oferecer uma descrição precisa de unidades menores cuja combinação resulta em um quadro robusto de análise sobre a produção e interpretação de qualquer discurso, conforme apresentam Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) com a figura abaixo (adaptada).

FIGURA 1 – Modelo de Análise Modular do Discurso



Fonte: Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 51).

Como se pode observar, o modelo modular oferece um quadro teórico-metodológico integrador que permite ao pesquisador diferentes percursos de análise para o tratamento da complexidade discursiva.

Para este trabalho, detemo-nos em duas formas de organização: a relacional e a estratégica. Essas formas de organização serão apresentadas de forma mais detalhada nos tópicos 3.4 e 3.5 juntamente com as informações das dimensões hierárquica e situacional.

Buscando atender ao propósito de analisar a impolidez e sua forma de operacionalização nos comentários, apresentaremos primeiro a descrição da dimensão situacional dos comentários, enfatizando o enquadre interacional e o quadro acional. Posteriormente, descreveremos a estrutura hierárquico-relacional para demonstrar o processo de negociação que ocorre nos comentários e as relações estabelecidas entre os segmentos de discurso. Finalmente, essas informações serão acopladas

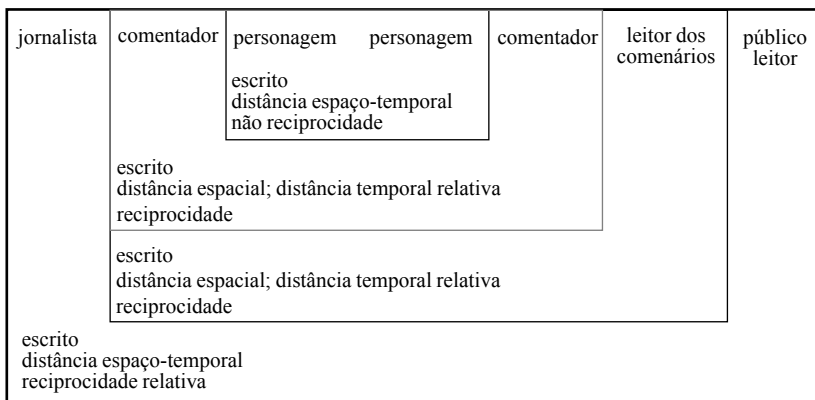
com informações da forma de organização estratégica. O nosso objetivo é demonstrar a proposta do MAM para a compreensão da função das relações de discurso nos comentários utilizadas pelos interactantes como estratégias de gestão de faces, lugares e territórios.

3.1 A dimensão situacional: descrição das propriedades contextuais dos comentários

Como se pode observar, o MAM é organizado com base em três componentes: *o linguístico, o textual e o situacional*. A dimensão situacional é composta por dois módulos: *o interacional e o referencial*. O *módulo interacional* trata da materialidade da interação. A partir da consideração de que toda interação é estabelecida por meio de um canal, que organiza os interactantes entre si no tempo e no espaço e define suas possibilidades de agir e de retroagir, o MAM propõe a definição da materialidade da interação por meio de três parâmetros: o canal, o modo e o tipo de vínculo da interação. Com esses parâmetros é possível descrever se a interação se realiza por meio de canal oral, escrito ou gestual, se há copresença espaço-temporal, se há possibilidade ou não de reciprocidade entre os interactantes. De acordo com Cunha e Tomazi (2019), “o resultado do estudo do módulo interacional é um quadro em que se expressa a materialidade dos diferentes níveis interacionais de que uma interação se constitui” (CUNHA; TOMAZI, 2019, p. 302).

O enquadre da interação aqui analisada pode ser assim representado na Figura 2.

FIGURA 2 – Enquadre interacional da interação



Fonte: elaboração da autora.

O enquadre interacional descreve os níveis de embotamento da interação. No nível mais externo do quadro, está a interação que se estabelece entre o jornalista Matheus Pichonelli, autor da matéria, e o público leitor, possivelmente aqueles interessados em conteúdo do universo político. Nesse nível, o canal é escrito, há distância espaço-temporal e reciprocidade relativa.

A reciprocidade relativa aqui descrita diz respeito à possibilidade de retroação de uma das partes da interação, por exemplo, os internautas geralmente reagem ao conteúdo divulgado na mídia. No entanto, o contrário raramente acontece, ou seja, a instância midiática ou seu representante não responde aos leitores por meio de um comentário. Para isso, geralmente são utilizadas outras ferramentas ou plataformas que não se enquadram na nossa análise.

No nível intermediário do quadro, está representado o leitor dos comentários. Esse terceiro integrante é assim considerado porque ele se comporta como um espectador do diálogo entre as instâncias agentivas da interação (CUNHA; TOMAZI, 2019), ou seja, a interação entre os comentaristas acontece na “presença” desse leitor, que não intervém verbalmente, mas assiste e acompanha a ação dos interagentes. A interação nesse nível se caracteriza pelo canal escrito, distância espacial, copresença temporal relativa e não reciprocidade. Nesse nível, há ainda um nível interno no qual dialogam os comentaristas, caracterizado pelo canal escrito, distância espacial, copresença temporal relativa (existe a possibilidade de os comentaristas interagirem entre si em tempo real) e pela reciprocidade. Por fim, no nível mais interno da interação, estão os personagens do universo narrado. Esse nível se caracteriza pelo canal escrito, distância espaço-temporal e não reciprocidade.

As informações apresentadas no enquadre interacional são relevantes para o estudo da interação conflituosa porque explicita as possibilidades e as restrições que a materialidade da interação impõe a seus participantes no desenvolvimento de suas ações. Segundo Cunha, “a relevância do estudo da materialidade da interação está no impacto que ela exerce sobre o desenvolvimento da interação” (CUNHA, 2019, p. 303). E isso poderemos observar na acoplagem dessas informações no estudo da forma de organização estratégica.

Como mencionado, a dimensão situacional é constituída ainda pelo *módulo referencial*. Esse módulo é definido como “o componente elementar do modelo modular, especializado na descrição das relações

que o discurso mantém com o mundo em que é produzido, bem como com os mundos que representa” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 103). Especificamente, o módulo referencial busca dar conta “de um lado, das ações linguísticas e não linguísticas realizadas ou designadas pelos locutores, e, por outro lado, dos conceitos envolvidos em tais ações” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 103), buscando retratar as representações esquemáticas (praxiológicas e conceituais) subjacentes ao discurso e também as representações emergentes (praxiológicas ou conceituais) resultantes de situações interacionais específicas.

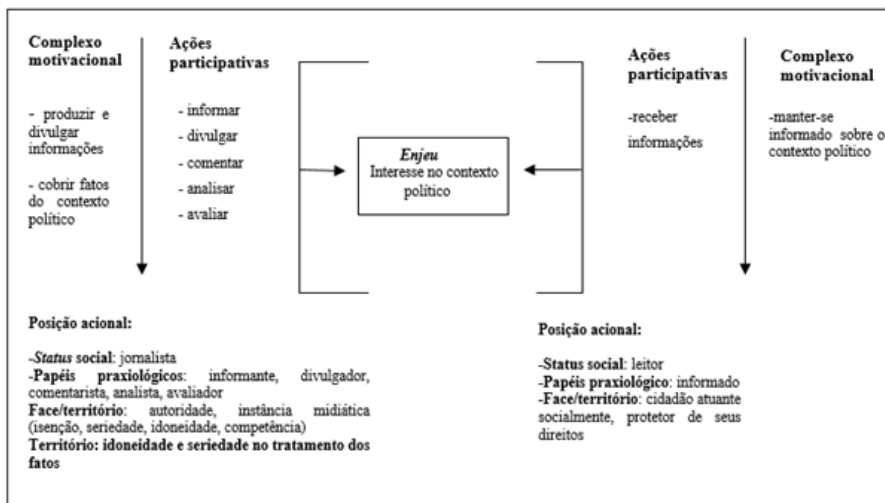
A descrição das propriedades de uma situação interacional específica é feita por meio da articulação de quatro parâmetros: os *enjeux* comuns, as ações participativas, as posições acionais e os complexos motivacionais. Os *enjeux* comuns designam o que os interactantes fazem juntos ou o objetivo compartilhado que articula seu compromisso com a ação coletiva, enquanto as ações participativas referem-se aos objetivos individuais, isto é, “as parcelas interdependentes de responsabilidade que cabem a cada um dos interagentes na emergência de um *enjeux* comum” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 114). As posições acionais dizem respeito à representação das identidades de cada interagente que são “negociadas” na interação. Em relação à posição dos agentes, vale destacar que “a posição na interação não pode ser reduzida a um único parâmetro, mas se manifesta ao mesmo tempo na forma de *status* social, papéis praxiológicos e na face que está em jogo” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 115). Finalmente, os complexos motivacionais indicam as razões exteriores que motivaram a participação de cada interactante em uma interação específica. Os autores consideram ainda que “se os objetivos aparecem como constitutivos da ação e são a base do seu significado, os motivos funcionam como um “enquadramento externo”, um “pano de fundo” que fixa a sua relevância” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 117).

Esses quatro parâmetros compõem o quadro acional que “visa explicar algumas das propriedades referenciais de uma interação verbal efetiva, entendida do ponto de vista da configuração das ações envolvidas” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 112). De forma pontual, o quadro acional procura “explicar o fato de que o discurso sempre funciona como o lugar da convergência de uma pluralidade de instâncias agentivas envolvidas não apenas em uma questão que lhes é comum, mas também

em atividades externas à interação que momentaneamente se associam” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

Com base nessas informações, apresentaremos dois quadros acionais da interação aqui analisada. O primeiro descreve a interação entre a instância midiática, representada pelo jornalista, e o público leitor. O quadro tem a seguinte configuração (FIGURA 3):

FIGURA 3 – Quadro acional da interação



Fonte: elaboração da autora.

Como se pode observar, a finalidade (*enjeu*) que motiva a interação entre jornalista e o público leitor é o interesse do contexto político. Em relação ao complexo motivacional, de um lado, está o jornalista que busca produzir e divulgar informações e, do outro, o leitor que busca manter-se informado sobre o contexto político. Essa relação é marcada por uma assimetria de poder que acaba definindo de maneira significativa o campo de atuação dos interagentes.

Com referência à instância midiática, o *status* de portador de um bem (informação) a que supostamente o leitor não tem acesso garante ao jornalista uma posição superior em relação a seu interlocutor. Essa assimetria estabelece entre eles uma relação de dependência do leitor em relação a quem produz e divulga informações e define as ações participativas do jornalista (informar, divulgar, comentar, avaliar etc.)

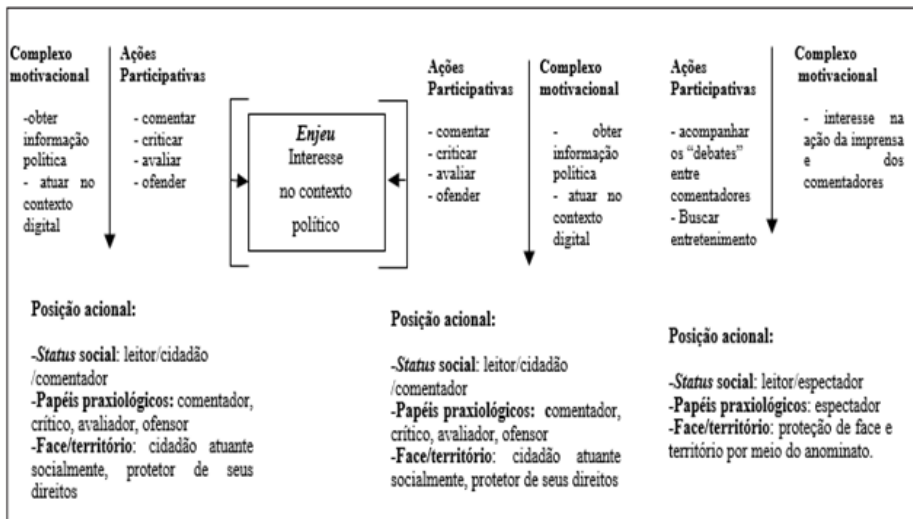
e de seu interlocutor (receber informações). A relação entre eles indica ainda que o campo de ação do jornalista é mais amplo no que se refere aos papéis praxiológicos. O *status* de jornalista confere ao seu portador o papel de *informante, divulgador, comentarista, analista, avaliador*, enquanto o papel praxiológico representado pelo leitor é o de *informado*, papel social mais restrito. Submetido a essa relação, o leitor é mais passível de ser influenciado pelo seu interlocutor do que o contrário e essa influência pode implicar consequências quanto a padrões de comportamento no meio social.

No entanto, em razão da possibilidade da reciprocidade relativa proporcionada pelo suporte digital entre os interagentes, o leitor pode retroagir discordando, comentando ou criticando os fatos que lhe são apresentados pelo jornalista. A ausência de resposta, neste contexto, atesta a favor da estabilidade do *status* social e dos papéis praxiológicos assumidos pelos interagentes da interação, que impossibilita uma flexibilização entre eles.

O *status* social remete ainda à face reivindicada pelo jornalista que se refere a sua autoridade como instância midiática. No modelo de análise modular, a noção de face está relacionada à posição acional dos interactantes, à noção de *status* social e aos papéis praxiológicos de cada um deles. No tocante ao jornalista, a sua face está relacionada à imagem de isenção, seriedade, idoneidade e competência no tratamento dos fatos. Assim, todos esses elementos relacionados à sua credibilidade profissional constituem o território que o jornalista busca defender de possíveis ataques. Por sua vez, o leitor invoca para si a imagem de cidadão atuante socialmente (o que justifica seu interesse por política) que se preocupa com a defesa de seus direitos e com a ética cidadã.

A interação aqui analisada comporta ainda o nível em que dialogam os comentaristas. O segundo quadro acional que descreve o nível interno da interação pode ser assim representado:

FIGURA 4 – Segundo quadro acional da interação



Fonte: elaboração da autora.

O quadro acional acima pode ser assim sintetizado: a finalidade (*enjeu*) dessa interação é o interesse no contexto político. Os complexos motivacionais dos leitores/comentadores que dialogam no nível mais interno da interação são correspondentes, pois demonstram o interesse desses interagentes em obter informações sobre o contexto político e em atuar no contexto digital. Por outro lado, o complexo motivacional do leitor/espectador está relacionado ao seu interesse na ação da imprensa na divulgação dos fatos e na reação de outros em relação a essas ações.

O *status* de cada um deles na interação (leitor/comentador, leitor/espectador) define as ações participativas (comentar, criticar, avaliar, ofender) do leitor/comentador e as ações do leitor/espectador (espectador, ser entretido) e, conseqüentemente, os seus papéis praxiológicos *comentador, crítico, avaliador, ofensor* e *entretido, espectador*, respectivamente.

Em relação à gestão de faces e territórios, o leitor espectador busca a proteção de seu território por meio da não ação, pois qualquer atuação nesse contexto é passível de uma reação por parte de um interlocutor. Dessa maneira, o leitor/espectador protege também a sua face positiva se mantendo no anônimo. Ao contrário, os leitores/comentadores buscam demonstrar por meio de seus comentários que são cidadãos atuantes

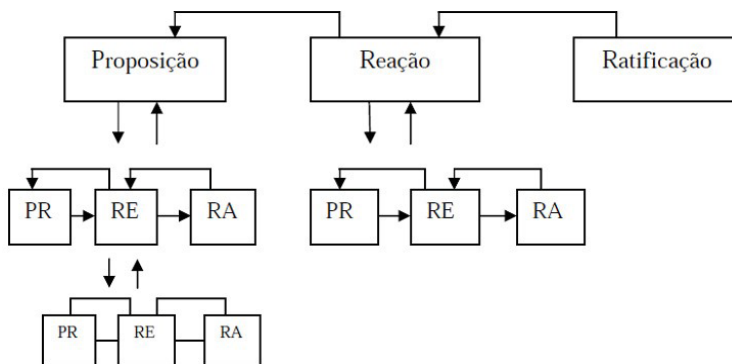
e preocupados com o contexto político e também protetores de seus direitos. Além disso, a noção da presença de um terceiro participante (leitor espectador) potencializa a ação dos leitores/comentadores tanto na defesa de “bens e direitos” que podem ser comuns a eles no meio social, quanto no ataque aos seus supostos oponentes.

As informações da dimensão situacional são relevantes porque ajudam a entender a dinâmica da interação. Essa dinâmica está relacionada à postura que pode ser assumida ou não pelos interagentes em razão de seu estatuto social, as ações que poderão ser legitimadas ou não em determinado contexto e, enfim, as manobras e a escolha das estratégias que cada interagente pode realizar em função de sua “posição” na interação.

3.2 A dimensão hierárquica: descrição dos constituintes da estrutura textual

O *módulo hierárquico*, que compõe sozinho o componente textual, implica necessariamente a noção de negociação. Isso porque Roulet; Fillietaz e Grobet (2001) partem da hipótese de que “toda intervenção linguageira (saudação, pedido, asserção, etc.) constitui uma PROPOSIÇÃO que desencadeia um processo de negociação entre os interactantes” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 57). O processo de negociação é composto de três estágios: proposição/reação/ratificação, conforme especificado na Figura 5. Esses três estágios constituem uma troca.

FIGURA 5 – esquema do processo de negociação



Fonte: Roulet, Fillietaz e Grobet (2001, p. 57)

Cunha (2014, p. 39) exemplifica esse processo de negociação por meio de um diálogo formado por uma Proposição (pergunta) *Que horas são?*, complementada por uma Reação (resposta) *São nove horas*, e finalizada com uma ratificação (agradecimento) *Obrigado*. Esses elementos (proposição/reação/ratificação) compõem a estrutura hierárquica de qualquer interação.

Conforme especificam Roulet, Filliettaz e Grobet (2001, p. 57-58), todo processo de negociação está submetido a dois tipos de restrição: a de completude dialógica e a de completude monológica. A completude dialógica diz respeito ao alcance do duplo acordo que define o encerramento do processo de negociação, enquanto a completude monológica diz respeito à necessidade de que cada fase do processo de negociação seja suficientemente clara e completa para possibilitar o desenvolvimento da negociação. Quando um dos interactantes considera que a informação compartilhada é pouco clara ou insuficiente, é possível a manobra de abertura de uma negociação secundária, “motivada pela necessidade de esclarecimento” (CUNHA, 2014, p. 41). Em uma interação conflituosa, por exemplo, é recorrente a não ocorrência da completude dialógica em função da alta recursividade de contra-argumentação características nesta modalidade,¹⁹ que impede que os interactantes alcancem o duplo acordo.

Para estudar o processo de negociação do ponto de vista textual, o módulo hierárquico propõe um importante instrumento de análise: a estrutura hierárquica. Essa estrutura hierárquica, que serve para representar formalmente um processo de negociação, é formada por três constituintes: troca, intervenção e ato. Cunha (2014, p. 42) apresenta um resumo importante que define esses constituintes:

Troca: unidade textual máxima formada por intervenções que refletem as várias proposições, reações e ratificações de uma negociação.

Intervenção: unidade constitutiva da troca, que pode ser formada por apenas um ato, mas que costuma apresentar uma configuração complexa, da qual participam outras intervenções, atos e até mesmo trocas.

¹⁹ Para mais detalhes sobre como ocorre este processo de negociação em interações conflituosas, ver Cunha (2019).

Ato: unidade textual mínima, que constitui a menor unidade delimitada por uma e outra passagem da memória discursiva.

Além dos três constituintes de base apresentados acima, a estrutura hierárquica também define as relações que se estabelecem entre eles. Roulet, Filliettaz e Grobet (2001) postulam três tipos de relações: dependência, interdependência e independência. Existe uma relação de dependência “quando a presença de um constituinte está ligada à de outro (mas não o inverso): o constituinte dependente, que pode ser removido sem causar danos à estrutura geral, é considerado subordinado, e o outro é denominado principal” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 55). A relação de interdependência existe quanto um dos constituintes não pode existir sem o outro. Retomando Marinho (2004), Cunha (2014) exemplifica essa relação de interdependência com uma troca formada por pergunta e resposta, “já que a resposta depende da pergunta e vice-versa” (CUNHA, 2014, p. 43). Finalmente, a relação de independência existe “quando a presença de cada um dos constituintes não está ligada à de outro” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 55).

Ao descrever de forma detalhada os constituintes e a posição de um ato em relação ao outro, a estrutura hierárquica permite “visualizar” uma versão espelhada do que ocorre na interação, demonstrando, como observam Roulet, Filliettaz e Grobet (2001), a face emergente de um processo dinâmico de negociação.

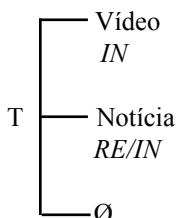
3.3 A forma de organização relacional

A forma de organização relacional é uma forma de organização elementar, resultante da combinação de informações das dimensões hierárquica, referencial e sintática, que trata das relações ilocucionárias e das relações interativas genéricas estabelecidas entre os constituintes de um texto. As relações ilocucionárias podem ser: iniciativas (pergunta, pedido, informação) e reativas (resposta, ratificação). As relações interativas genéricas marcam a função e as relações de discurso que se estabelecem entre um ato em relação ao seu sucessor ou antecessor. As relações de discurso são: topicalização, reformulação, argumento, preparação, sucessão, comentário, clarificação etc. Assim, as relações ilocucionárias iniciativas ou reativas caracterizam os constituintes que se dão no nível da troca; as relações interativas caracterizam os constituintes da intervenção (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

As informações provenientes da descrição dos constituintes relacionais indicam as relações discursivas predominantes no texto e podem ser combinadas com outras formas de organização o que possibilita a análise de formas complexas do discurso (MARINHO, 2004), como a forma de organização estratégica, por exemplo.

3.4 Análise da estrutura hierárquico-relacional nos comentários

A estrutura hierárquico-relacional fornece informações não só em relação à macroestrutura da troca (proposição, reação, ratificação), mas também de sua microestrutura, ou seja, a relação entre os constituintes de cada intervenção. No que se refere à macroestrutura do processo de negociação, observa-se que a interação que se estabelece entre a instância midiática e os comentaristas apresenta certa complexidade. Isso porque a notícia da qual decorrem os comentários analisados está em posição intermediária no processo de negociação, representando uma reação ao vídeo divulgado pelo presidente Jair Bolsonaro em suas redes sociais. Sendo assim, o vídeo publicado é uma intervenção inicial que se liga a notícia por meio de uma relação ilocucionária iniciativa de informação (IN), enquanto a notícia do jornalista Matheus Pichinelli, publicada no site *Yahoo Notícias*, é uma intervenção reativa que se relaciona com o vídeo por meio de uma relação ilocucionária reativa de resposta (RE), servindo também como fonte de informação (RE/IN) para os comentários que a sucedem. Não há ratificação “identificável” neste processo de negociação o que sugere que a negociação poderia se estender para novos artigos de opinião, notícias *etc.* por meio de um efeito espiral contínuo. Com isso, evidencia-se um ambiente polêmico no qual as ações não estão voltadas meramente para a divulgação de informações, mas para uma disputa de pontos de vista que motiva a “discordância em cadeia” que, por sua vez, compromete o fechamento (ratificação) do processo de negociação que não pode ser recuperado. Esse processo de negociação pode ser descrito da seguinte forma.



Como o nosso intuito é a análise dos comentários publicados em resposta à notícia, o nosso foco será dado à intervenção que se estabelece a partir dela (RE/IN). Ao iniciar uma nova proposição, a notícia se liga aos comentários por meio de uma relação ilocucionária iniciativa de informação (IN), marcada pelo turno declarativo e pela posição que ocupa na estrutura da troca. Os comentários que a sucedem se ligam a ela por uma relação ilocucionária reativa de resposta (RE). Embora a maioria dos comentários seja considerada uma reação em relação à notícia, verifica-se que os comentadores não se comportam da mesma forma o que pode indicar, no que diz respeito aos aspectos referenciais de organização desses discursos, que as motivações desses interagentes são distintas e se relacionam não só com as informações divulgadas na notícia, mas também com as particularidades do universo discursivo de cada um deles.

A notícia da qual decorrem os comentários está representada abaixo pelo seu título *Para Bolsonaro, "hienas"* são todos os que não se curvam à sua majestade. A notícia representa a intervenção (I) que dá início ao processo de negociação. Os comentários decorrentes da notícia estão identificados por (I1, I2, ..), que representa cada uma das intervenções. Os números referem-se à segmentação do discurso em atos. Essa divisão é necessária para determinar o limite de cada ato, facilitando a visualização das relações de discurso entre eles.

I1: (1) Bolso está tendo alucinações de grandeza! (2) Vídeo de total imbecialidade! (3) A ligação podre com o Queiroz, o cala a boca no COAF e (4) ele não quer ser questionado?! (5) Estão atacando o leão da moral e ética?! (6) O povo não pode mais ser seguidor cego, (7) Orai e "Vigiai"!

I2: (8) Nunca vi leão ser pai de oncinha, (9) não é Carluxa?

I3: (10) O BozoAsno consegue ser mais infeliz a cada novo comentário que vomita. (11) Pior presidente da história. (12) Pqp.

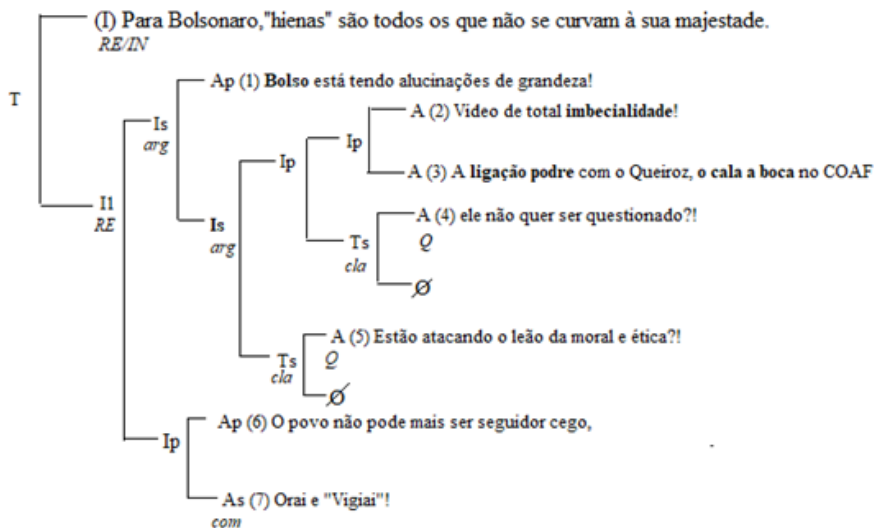
I4: (13) Engraçado é que Bolso-Asno e seu jeguinho de nº 02 não falam em processar o Fabrício Queiroz, (14) será que é a síndrome do rabo preso?

I5: (15) hienas são vcs da imprensa podre e imunda (16) além dos psicopatas da esquerda

16: (17) Pelo nível dos comentários (18) já se desenha o perfil de quem se formou na época da escola plural.

A figura abaixo e as demais que serão apresentadas representam por meio da estrutura hierárquico-relacional²⁰ o processo de negociação que se estabelece entre a notícia e os comentaristas. Com essa estrutura, é possível visualizar e compreender de que maneira os segmentos de discurso dos comentários são organizados pelos interactantes a fim de argumentar, comentar, contra-argumentar, reformular *etc.* Posteriormente, essa análise possibilitará entender as funções estratégicas de cada um desses segmentos no agenciamento de faces, lugares e territórios.

A primeira troca da interação apresenta a seguinte estrutura hierárquico-relacional:



A primeira intervenção (I1), formada pelos atos [1-7], se liga à notícia por uma relação ilocucionária reativa de resposta. Nesta intervenção, os atos [1-5] representam uma intervenção subordinada

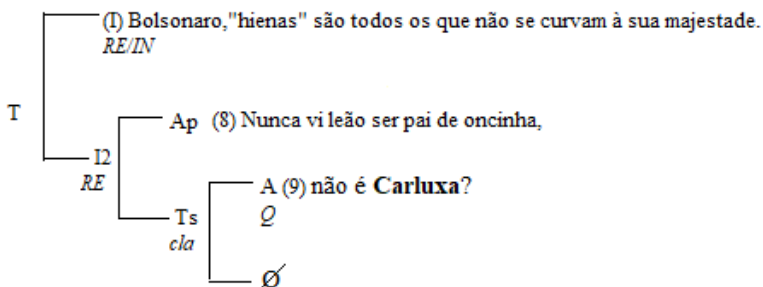
²⁰ Constituintes: T = troca, P = proposição; R = reação; Q = (*question*) pergunta; Ap = ato principal; As = ato subordinado; Is = intervenção subordinada. Informações relacionais: *arg.* = argumento; *inf.* = informação; *com.* = comentário; *top* = topicalização; *cla* = clarificação; *prep.* = preparação.

em relação aos atos [6-7] que formam uma intervenção principal. A Is [2-5] se liga à Ip [6-7] por uma relação de argumento, pois apresenta as justificativas (alucinação, publicação de vídeo com conteúdo imbecil, relações suspeitas de corrupção etc.) pelas quais o povo não deve ser mais seguidor cego do presidente, informação constante na intervenção Ip [6-7]. Essa manobra discursiva aciona a informação da memória discursiva que tem origem no conteúdo da matéria, salientando que os indivíduos devem não querer seguir uma pessoa que tenha comportamento axiologicamente negativo para determinado grupo social (ser imbecil, ser lunático, ser desonesto, etc).

A Is [1-5] apresenta a seguinte organização: a Is [2-5] se liga ao Ap [1] *Bolso está tendo alucinações de grandeza* por uma relação de argumento, apresentando as justificativas para a suposta alucinação do presidente, ou seja, divulgar vídeo imbecil, ter relações políticas e pessoais suspeitas, não querer ser questionado etc. A Ip [2-4] é principal em relação à Ts [5] que se liga a Ip [2-4] por uma relação de clarificação. Por sua vez, a Ip [2-3] é formada por dois atos coordenados entre si que evidenciam as ações questionáveis do presidente. Essa intervenção é a principal e se liga à Ts [4] por uma relação de clarificação.

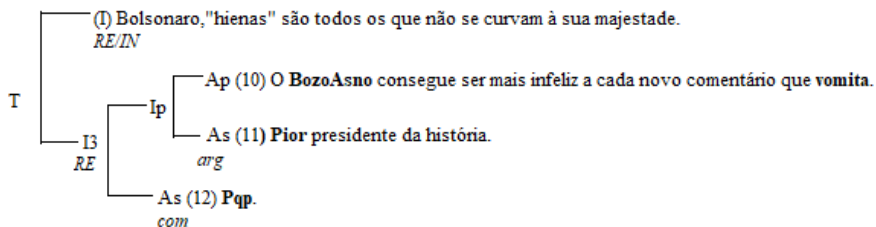
Na Ip, formada pelos atos [6-7], o ato [6] é o principal e subordina o ato [7] por apresentar a informação mais relevante de que o povo não deve ser seguidor cego de Bolsonaro, enquanto o As [7] se liga ao Ap [6] por uma relação de comentário, sugerindo uma maneira de resolver a questão *orar e vigiar*. Essa manobra apresentada no As [7] aciona informações da memória discursiva relacionadas ao universo religioso, segundo o qual a oração é uma forma de resolver os problemas mundanos.

A descrição da segunda troca que constitui a interação pode ser assim representada:



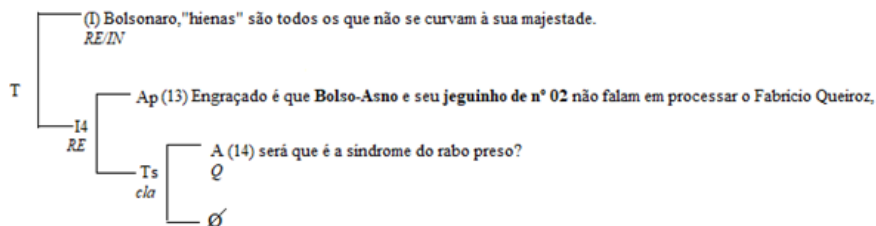
Na intervenção (I2), a Ts se liga ao Ap [8] por uma relação de clarificação. A Ts é marcada pela estrutura sintática de questionamento *não é Carluxa* no ato [9] com a qual o comentador busca uma confirmação de seu suposto interlocutor a fim de validar a informação constante no ato [8] *leão não pode ser pai de oncinha*.

A terceira troca é representada da seguinte forma:



A intervenção I3 é formada pelo As [12] e por uma Ip [10-11]. Na Ip [10-11], o Ap [10] apresenta uma metáfora desqualificante para a imagem do presidente: *não fala, vomita*. A metáfora do vômito aciona a informação da memória discursiva em torno de algo considerado negativo e de baixíssimo valor. O Ap [10] subordina o As [11] que se liga ao seu precedente por uma relação de argumento. A relação de argumento pode ser evidenciada com a inserção do conector *por isso* entre os atos [10] e [11], isto é, “O BozoAsno consegue ser mais infeliz a cada novo comentário que vomita, *por isso*, é o pior presidente da história”. A Ip [10-11] subordina o ato [12] que se liga à Ip por uma relação de comentário.

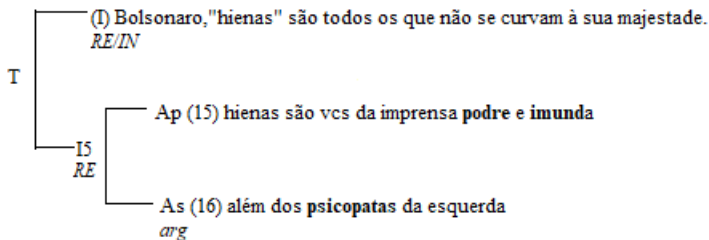
A estrutura da quarta intervenção é a seguinte:



Na intervenção I4, o Ap [13] está ligado à Ts uma relação de clarificação. Ao mencionar no Ap [13] os possíveis casos de corrupção cometidos pelo presidente, por seu filho e por Fabrício Queiroz, o comentador aciona informações da memória discursiva que tem origem

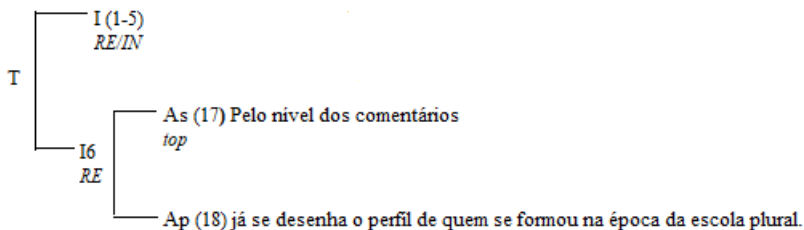
nos fatos mencionados na notícia para presentificar a relação suspeita entre os três. A informação é reforçada com o questionamento feito no ato [14].

A estrutura da quinta intervenção pode ser representada assim:



Na intervenção I5, o As [16] se liga ao Ap [15] por uma relação de argumento marcada pelo conector *além de*. Com essa informação, o comentador não só marca o seu posicionamento contrário à imprensa que considera “podre” e “imunda”, mas também acrescenta com o marcador aditivo *além de* a instrução específica de que os “psicopatas de esquerdas” também são considerados “hienas”, “podres” e “imundos”. O conector *além de* torna possível unificar os ataques contra todos os indivíduos e agentes considerados opositores do comentador. A informação a respeito dos supostos opositores (imprensa, esquerda) é ativada com a informação da memória discursiva sobre a polarização do contexto político e tem como fonte o contexto imediato do comentador.

A descrição da última intervenção é a seguinte:



Por fim, a intervenção I6 apresenta o As [17] deslocado à esquerda que topicaliza a informação constante no Ap [18]. O ato [18] ativa a memória discursiva que tem como fonte o conhecimento de mundo do comentador em relação ao contexto educacional formal e manifesta a

parte mais relevante do posicionamento do comentador, desmerecer os demais comentadores.

As relações discursivas apresentadas acima serão agora submetidas a uma nova etapa da análise na qual buscaremos evidenciar a função de cada uma delas na ação dos interagentes e na forma como agenciam os seus discursos para a manutenção e negociação de faces, lugares e territórios.

4 O trabalho de face nos comentários: análise da forma de organização estratégica

Conforme especificam Roulet, Filliettaz e Grobet, “o estudo da organização estratégica visa a descrever a forma como o escritor ou os interlocutores administram as relações de posições acionais e lugares no discurso” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 351).

Em relação à análise do *processo de figuração*²¹ com o qual os interagentes administram as suas intervenções no sentido de gerenciar as relações sociais, é possível perceber que os comentários apresentam uma particularidade em relação a esse agenciamento. Observa-se que não há por parte dos comentadores uma tentativa expressa de “manutenção de face”, pelo contrário, os comentários analisados se caracterizam como instâncias discursivas organizadas em torno de ataques verbais pontualmente direcionados não só aos interagentes imediatos da interação, mas também a terceiros que de alguma maneira os comentadores consideram como seus “oponentes” e, por isso, mercedores de seus ataques.

Outro ponto que merece destaque em relação à configuração dos comentários diz respeito ao fato de os comentários apresentarem uma pseudoargumentação, caracterizada por informações muito fluidas e sem comprovação, que geralmente retomam, alteram ou reforçam apenas o que foi divulgado pelo jornalista na intervenção inicial, a notícia. Dessa forma, a argumentação construída pelos comentadores indica que a ação de cada um deles não demonstra intenção de construção de um diálogo ou de debate que visa à defesa de uma tese ou o convencimento de um interlocutor. De forma geral, os interactantes buscam sustentar os

²¹ “Processo por meio do qual os interlocutores empregam estratégias discursivas pertencentes a diferentes planos de organização do discurso para realizarem a gestão dessas relações e negociarem imagens identitárias” (CUNHA; TOMAZI, 2019, p. 300).

seus pontos de vistas apenas com base na desqualificação dos supostos adversários. A ausência dessa interlocução, no contexto analisado, pode ser observada pela recorrência de várias trocas subordinadas (que têm como objetivo a abertura de esclarecimento entre os interlocutores) nas quais as perguntas ficam sem resposta, refletindo pouca reciprocidade entre os interagentes.

Na I1, o comentador dialoga com o jornalista, representante da instância midiática, reagindo às informações apresentadas por ele na matéria. Para isso, o comentador faz referência aos personagens do mundo narrado (Bolsonaro, Queiroz), construindo a sua intervenção com base nas informações da memória discursiva fornecidas pela matéria. Sendo assim, o comentador assume o seu estatuto de cidadão para apresentar com a Is [1-5] a sua visão dos fatos e os argumentos que visam à desqualificação da figura do presidente, a saber, “ser alucinado, divulgar vídeos imbecis, manter relações suspeitas com investigados da justiça *etc*”. Os argumentos são apresentados para sustentar a tese de que as pessoas não devem ser mais seguidoras cegas do referido político Ip [6-7]. Na Is [1-5], o ato [1] demonstra a convicção do comentador ao afirmar a suposta alucinação de *Bolso*. Com essa manobra, o comentador ataca não só a face positiva do presidente com o emprego de nomeações inadequadas *Bolso*, mas também a sua face negativa ao invocar a existência de um possível distúrbio mental que o estaria acometendo. A Is [2-5] apresenta os argumentos que justificam a crença de uma possível alucinação. Na Ip [2-4], os atos subordinados [2] e [3] enfatizam as supostas evidências de sua alucinação (publicar vídeo imbecil, ter ligações suspeitas com investigados da justiça, a tentativa de silenciar um órgão de controle financeiro *etc.*). Essa posição do comentador é uma tentativa de ataque à face negativa do mencionado, ao relacioná-lo a aspectos axiologicamente negativos, como a corrupção, por exemplo, que é invocada por meio de expressões como *ligação podre, o cala boca no COAF*. Ao iniciar uma Ts de clarificação em relação à Ip [2-3], o comentador estrategicamente reforça a ideia de “alucinação de Bolso” no ato [4], ou seja, só pode ser “alucinado” alguém que comete vários tipos de desvios e que mesmo assim não quer ser questionado. O ato [4] pode ser considerada uma pergunta retórica que, dada a ausência de reciprocidade entre o comentador e os mencionados, não será respondida, mas funciona como reforço para os fatos citados nos atos anteriores. A mesma estratégia é utilizada com a outra Ts iniciada posteriormente no ato [5]. Com isso, a face positiva do presidente é mais uma vez atacada.

Paralelamente, o comentador ataca também a face positiva dos seguidores do presidente, considerados por ele como “seguidores cegos”, no As [6]. No entanto, ao considerar a existência do “seguidor cego”, o comentador usa a palavra “o povo” para se referir a eles. Ao evitar o uso do pronome “nós”, o comentador se distancia desse grupo, criando para si a imagem de que não é “cego” como os demais e que, por isso, consegue “enxergar” os supostos desvios de conduta do presidente. Colocando-se dessa forma, o comentador reivindica para si um lugar superior em relação aos demais e que, por isso, pode ser condescendente com eles, ofertando-lhes não só a sua “verdade”, mas também o seu “conselho” para a solução do problema, *orai e vigiai*, no As [7]. A estratégia de impolidez negativa de condescender é utilizada aqui pelo comentador para reivindicar para si uma imagem positiva de quem se preocupa com os demais. No entanto, essa estratégia pode também, ser interpretada como um tipo de invasão do território alheio na oferta de algo que não foi solicitado. Além disso, a possibilidade de reciprocidade entre os comentadores parece definir o tom mais ameno da Ip [6-7] uma vez que o comentador parece reconhecer que ser menos ofensivo é uma forma de proteger a sua face contra possíveis ataques e represálias por parte dos outros interagentes.

Na I2, o comentador também reage à notícia, mencionando os personagens do mundo narrado. Ele utiliza o Ap [8] para inserir em tom de ironia a informação cujo conteúdo é ameaçador para a face negativa do mencionado. Consideramos isso porque a informação contida nesse ato ativa a inferência da homossexualidade com a qual o comentador pretende atingir a face negativa de um terceiro, o *Carluxa*, filho do presidente. Com essa manobra, o comentador invade o território alheio ao colocar em voga assuntos que podem ser considerados muito particulares como a sexualidade, por exemplo. Mas, ao fazê-lo por meio de uma ironia se beneficia do fato de que a ironia pode ser interpretada, na superfície, como não impolida. Essa parece ser a estratégia utilizada pelo comentador em I2 com a inserção da Ts de clarificação com a qual o comentador “simula” buscar concordância com seu interlocutor, pedindo-lhe um “esclarecimento”. No entanto, o que essa relação discursiva materializa é a inserção pontual do alvo a quem se dirige o ataque, ou seja, o *Carluxa*. A ironia é uma estratégia de figuração importante porque é considerada mais “engenhosa, espirituosa, e ou divertida do que um caso direto de impolidez. Uma vantagem disso é que melhora a face da pessoa irônica

enquanto ataca a face do alvo” (LEECH, 2014, p. 235). No entanto, no que diz respeito ao seu efeito, consideramos com Culpeper que as formas mais indiretas de impolidez não devem ser consideradas menos impolidas do que as formas mais diretas uma vez que elas podem ter um potencial ofensivo igual ou até maior que as formas mais diretas (CULPEPER, 2005). Além disso, a reciprocidade relativa ou unilateral parece favorecer a face do comentador/ofensor, porque ele pode se beneficiar da ausência de contra-ataque para maximizar a sua ação impolida contra os seus supostos oponentes.

É o que parece ocorrer na I3 quando o comentador ataca triplamente a face positiva de Bolsonaro. Primeiro, ele utiliza a nomeação imprópria *Bozo-asno* e a metáfora do vômito para se referir aos seus comentários no Ap [10] e, posteriormente, acrescenta por meio da relação discursiva de argumento, no ato [11], uma conclusão com a qual insere uma avaliação negativa em relação ao desempenho de Bolsonaro *pior presidente da história*. Essas ações são pontualmente ameaçadoras para a face positiva de Bolsonaro. A primeira porque infere a reduzida capacidade intelectual do presidente, o que se configura como um ataque direto (*bald on record*) a sua face positiva. Além disso, como especifica Leech (2014), “a metáfora animal é um insulto agravado” (LEECH, 2014, p. 226). Por sua vez, a metáfora do vômito e outros termos tabu que fazem alusão ao sexo, a excreções corporais *etc.* geralmente são utilizados para potencializar a rudeza de uma expressão, ou seja, “podem exacerbar a ameaça à face” (LEECH, 2014, p. 230). Enfim, o emprego da construção hiperbólica *pior da história* no ato [11] é utilizada para depreciar a imagem do presidente. Além disso, no ato [12], a expressão PQP (Putá que pariu), que faz parte dos termos tabu com potencial agravante da ofensa, serve aqui para expressar uma emoção negativa de aborrecimento, de irritação em relação ao presidente e a suas ações. No que diz respeito às relações de lugares, na I3, elas se mostram bastante fluidas. Isso porque o comentador, indivíduo comum, reivindica um lugar mais alto em relação a um membro do governo, por exemplo. É o que observa com a atuação do comentador que, investido de seu estatuto de cidadão, pode emitir críticas e avaliações contra alguém que socialmente ocupa um posto mais elevado na sociedade, o de presidente da República. Essa fluidez na relação de lugares é especificada por Roulet, Fillietz e Grobet na consideração de que “o lugar não é um parâmetro da configuração da ação, mas um produto da inter-relação” (ROULET;

FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 353) e que, por isso, é possível um orador ocupar um lugar baixo em relação ao seu interlocutor no início de uma interação e gradualmente ir negociando um lugar mais alto em relação a seu interlocutor.

Na I4, o comentador utiliza a nomeação depreciativa *Bolso-asno e jeguinho n° 2* (metáfora animal insultuosa) para se referir aos seus desafetos no Ap [13], o que configura um ataque direto à face positiva dos dois mencionados. A presença da nomeação depreciativa em um ato principal evidencia ainda a intenção do comentador em atribuir maior peso/importância justamente ao ataque à face positiva dos mencionados. Além disso, essas metáforas são ofensivas porque ativam por meio da informação da memória discursiva uma crença negativa relacionada à insuficiente capacidade intelectual desses indivíduos. Os seus territórios também são invadidos na menção feita a uma suposta ação desonesta praticada por eles. Observa-se também que a estratégia de inserir uma pergunta retórica por meio de uma relação de clarificação no ato [14] é utilizada pelo comentador para colocar em xeque a conduta dos mencionados e não para pedir esclarecimento. Com essa manobra, o comentador procura potencializar o ataque à face positiva dos três mencionados, sugerindo que eles escondem ações consideradas criminosas.

Na I5, o comentador dirige os seus ataques a dois supostos grupos de opositores, a imprensa (podre, imunda) e os filiados dos partidos de esquerda (psicopatas). Com essa manobra, o comentador busca atingir a imagem positiva do jornalista, representante da instância midiática, colocando em xeque a seriedade desse profissional e, conseqüentemente, a sua imagem positiva. Isso porque os adjetivos “podre” e “imunda” se descolam de seus sentidos “originais” e acionam informações da memória discursiva que, neste contexto, inferem atos ilícitos e desonestos em relação ao tratamento dos fatos apresentados. Essa estratégia se caracteriza como uma ameaça ao território (idoneidade e seriedade no tratamento dos fatos) do jornalista. No que se refere às relações de lugar, o comentador se coloca em uma posição superior em relação ao jornalista e investido por seu estatuto de cidadão considera que pode criticar a conduta considerada inadequada de seu interlocutor. O jornalista, por sua vez, é constrangido pelas restrições da interação (ausência de reciprocidade), que o impedem de tentar reaver o seu lugar superior, conferido pelo estatuto de representante da mídia.

Ao utilizar o marcador “além de”, o comentador adiciona ainda “os psicopatas” de esquerda, que também devem ser considerados no grupo das “hienas”, “podre”, “imunda”, que tenta atacar a figura do presidente. O termo “psicopata” remete ainda ao universo patológico com o qual o comentador busca classificar os indivíduos pertencentes aos movimentos de esquerda como “doentes”, no sentido pejorativo do termo. A ideia de polarização, que consiste em estabelecer campos inimigos, é acionada nesse comentário e reforça a noção do “eu” contra o “outro”. Um “eu” honesto e íntegro que se opõe ao “outro” (podre, imundo, psicopata”. Essa estratégia pode ser compreendida como uma tentativa de reforço da face positiva do comentador e ao mesmo tempo um ataque à face de seus opositores.

Finalmente na I6, a postura do comentador difere das demais intervenções. Nessa intervenção, o comentador dialoga com os outros comentadores. No que se diz respeito às relações de lugar, ele se coloca em um lugar superior em relação aos demais comentadores. Essa postura é expressa no Ap [18] quando ele demonstra certo “desprezo” pelas pessoas formadas na escola plural. O As [17] topicaliza essa informação marcando a noção a partir da qual a avaliação negativa do comentador é construída. Assim, o comentador busca atingir a face positiva de seus interlocutores, desacreditando a validade de seus comentários, em razão de uma crença negativa sobre a sua insuficiente formação escolar. Com isso, o comentador busca também construir para si a imagem positiva de alguém “mais instruído” que está acima dos comentadores considerados “menores” e não dignos de confiança. Ao mesmo tempo, esse tipo de comportamento pode indicar ausência de modéstia o que pode depor contra a face positiva do comentador ao ser considerado como alguém arrogante ou esnobe. Na I7, é possível perceber ainda que apesar de não apresentar as marcas características de um ato impolido como xingamento, ameaças, insultos *etc.*, o efeito impolido é alcançado por meio de uma implicatura que invoca a crença negativa de que pessoas não escolarizadas são menos capazes que as demais, ou seja, o descrédito lançado sobre as pessoas ajuda a desconstruir a validade de sua fala.

Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se evidenciar a partir de duas abordagens teóricas, a saber, a perspectiva elaborada por Culpeper (1996, 2005)

e a abordagem discursiva-interacionista de análise modular (MAM) (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001), as estratégias utilizadas pelos interactantes no meio digital para a gestão de faces, lugares e territórios. Como apontou a análise, a ação dos comentadores na realização de seus comentários não se caracteriza por um processo de figuração que visa a amenizar o grau ofensivo da interação. Ao contrário, percebe-se que os comentadores se mostram motivados a promover a ofensa de forma deliberada, buscando atingir a face de seus supostos oponentes. É o que aponta a alta recorrência das estratégias de impolidez identificadas em todas as intervenções em oposição à inexistência de estratégias de polidez. Dessa forma, os comentários tendem a se configurar como um vetor de comportamentos impolidos, sobretudo, os comentários relacionados ao contexto político, indicando uma forte polarização social e um desequilíbrio nas relações sociais entre grupos supostamente opostos.

No que se refere à gestão de faces, territórios e lugares, percebe-se que há uma tendência à materialização de ataques à face positiva dos interagentes por meio de nomeações impróprias, xingamentos, uso de termos tabu, metáforas insultuosas *etc.* Essa tendência pode ser revelada não só pela identificação das estratégias de impolidez, mas também pelas relações de discursos que indicam que uma relação de clarificação entre dois atos, por exemplo, pode estar sendo utilizada como estratégia de ataque à face alheia e não como um mero pedido de esclarecimento. Além disso, observa-se que os interagentes agem não só para atacar as faces alheias, mas também buscam manter uma imagem positiva perante os demais. Outro fator relevante é que as restrições interacionais a que estão submetidos os interagentes parecem contribuir de maneira significativa para a ação de cada um deles, ora possibilitando a potencialização do ato impolido, por meio de xingamentos e metáforas pejorativas, ora oferecendo a “proteção” necessária para que se sintam livres para a prática ofensiva, sem a possibilidade de serem contra-atacados. Além disso, com base nos estatutos sociais reivindicados por eles, os comentadores buscam atuar de maneira pontual criticando, avaliando, julgando e buscando alterar os lugares e as imagens que possuem de si e dos outros na interação.

A análise de todos esses aspectos indica que a impolidez pode ser investigada para além de uma simples classificação dos atos em polidos ou impolidos. Acredita-se que a análise que tem como base os aspectos contextuais, referenciais e textuais, a partir dos recursos fornecidos

pelo MAM, pode ampliar de maneira significativa o estudo dos atos impolidos, ao oferecer suporte metodológico para a investigação da ação dos interagentes nas interações conflituosas. É dessa forma que o MAM pode ampliar a análise da impolidez: fornecendo instrumentos mais precisos para a verificação da impolidez em contextos diversos.

Referências

- AMOSSY, R.; BURGER, M. Introduction: la polémique médiatisée. *Revue de Sémio-Linguistique des Textes et Discours*, Besançon, v. 31, n. 1, p. 7-24, 2011.
- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.
- ARUNDALE, R. B. An Alternative Model and Ideology of Communication for an Alternative to Politeness Theory. *Pragmatics*, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 119-153, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1075/prag.9.1.07aru>
- BALOCCO, A. E.; SHEPHERD, T. M. G. A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo-interacional. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 1013-1037, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-44506536361317067>
- BOUSFIELD, D. *Impoliteness in Interaction*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbns.167>
- BOUSFIELD, D.; LOCHER, M.A. *Impoliteness in Language: Studies on Its Interplay with Power in Theory and Practice*. New York: Mouton de Gruyter, 2008.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Some Universals in Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511813085>
- CRAIG, R., TRACY, K.; SPISAK, F. The Discourse of Requests: Assessment of a Politeness Approach. *Human Communication Research*, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 437-468, 1986. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.1986.tb00087.x>
- CULPEPER, J. Towards an Anatomy of Impoliteness. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 349-367, 1996. Doi: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(95\)00014-3](https://doi.org/10.1016/0378-2166(95)00014-3)

CULPEPER, J. Impoliteness and Entertainment in the Television Quiz Show: The Weakest Link. *Journal of Politeness Research*, [S.l.], v. 25, p. 35-72, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.35>

CULPEPER, J. *Impoliteness: Using Language to Cause Offense*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011a.

CULPEPER, J. Politeness and Impoliteness. In: AIJMER, K.; ANDERSEN, G. (org.). *Sociopragmatics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011b. p. 391-436. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511975752>

CULPEPER, J.; BOUSFIELD, D.; WICHMANN, A. Impoliteness Revisited: With Special Reference to Dynamic and Prosodic Aspects. *Journal of Pragmatics*, [S.l.], v. 35, p. 1545-1579, 2003. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(02\)00118-2](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(02)00118-2)

CULPEPER, J.; HARDAKER, C. Impoliteness. In: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. (org.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. Basingstoke: Palgrave, 2017. p. 199-225. DOI: [10.1057/978-1-137-37508-7_9](https://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7_9)

CUNHA, D. A. C. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. *Investigações, Linguística e Teoria Literária*, Recife, v.25, n. 2, p. 21-41, 2012.

CUNHA, D. A. C. Violência verbal nos comentários de leitores publicados em sites de notícia. *Calidoscópio*, São Leopoldo, RS, v. 11, n. 3, p. 241-249, 2013. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2013.113.02>

CUNHA, G. X. *Para entender o funcionamento do discurso: uma abordagem modular da complexidade discursiva*. Curitiba: Appris, 2014.

CUNHA, G. X. Estratégias de impolidez como propriedades definidoras de interações polêmicas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 1-28, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460x2019350208>

CUNHA, G. X.; TOMAZI, M. M. O uso agressivo da linguagem em uma audiência: uma abordagem discursiva e interacionista para o estudo da impolidez. *Calidoscópio*, São Leopoldo, RS, v. 17, n. 2, p. 297-319, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2019.172.05>

DASCAL, M. Dichotomies and Types of Debate. In: EEMEREN, F. H.; GARSSSEN, B. (org.). *Controversy and Confrontation: Relating Controversy Analysis with Argumentation Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 27-50. DOI: <https://doi.org/10.1075/cvs.6.03das>

EELLEN, G. *A Critique of Politeness Theories*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001.

GOFFMAN, E. On Face-Work: An Analysis of Ritual Elements in Social Interaction. In: _____. (org.). *Interaction Ritual*. Essays on Face-to-Face Behavior. New York: Pantheon Books, 1967. p. 5-45. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203788387-2>

GOFFMAN, E. *Ritual de interação*. Ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

HAUGH, M. The Discursive Challenge to Politeness Research: An Interactional Alternative. *Journal of Politeness Research*, Queensland, Austrália, v. 3, n. 2, p. 295-317, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1515/PR.2007.013>

KERBRAT-ORECCHIONI, C. La polémique et ses définitions. In: _____. (org.). *La parole polémique*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1980. p. 3-40.

LEECH, G. *The Pragmatics of Politeness*. New York: Oxford University Press, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195341386.001.0001>

LACHENICHT, L.G. Aggravating Language: A Study of Abusive and Insulting Language. *International Journal of Human Communication*, [S.l.], v. 13, n. 4, p. 607-688, 1980. DOI: <https://doi.org/10.1080/08351818009370513>

MARINHO, J. H. C. Uma abordagem modular e interacionista da organização do discurso. *Revista da Anpoll*, São Paulo, n. 16, p. 75-100, 2004. DOI: <https://doi.org/10.18309/anp.v1i16.551>

MILLS, S. *Gender and Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511615238>

MIRANDA, G. V. Escola Plural. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 61-74, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142007000200005>

ROULET, E. Une forme peu étudiée d'échange agonale: la controverse. *Cahiers de Praxématique*, Paris, v.13, p. 7-18, 1989.

ROULET, E. *La description de l'organisation du discours: du dialogue au texte*. Paris: Didier, 1999.

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang, 2001.

SPENCER-OATEY, H. D. M. *Culturally Speaking: Managing Rapport Through Talk Across Cultures*. London; New York: Continuum, 2001. v.1.

SPENCER-OATEY, H. D. M. *Culturally Speaking: Culture, Communication and Politeness Theory*. London; New York: Continuum, 2008. v. 2.

TERKOURAFI, M. *Politeness in Cypriot Greek: A Frame-Based Approach*. Cambridge: University of Cambridge, 2001.

TERKOURAFI, M. Towards a Unified Theory of Politeness, Impoliteness, and Rudeness. In: BOUSFIELD, D; LOCHER, M. A. (org.). *Impoliteness in Language: Studies on Its Interplay with Power in Theory and Practice*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 45-74.

TERKOURAFI, M. Politeness. In: CHAPMAN, S.; ROUTLEDGE, C. (org.). *Key Ideas in Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009. p. 157-161.

WATTS, R. J. *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.



Da polêmica aos discursos de ódio: um estudo da recepção no *twitter* sob a perspectiva semiolinguística

From controversy to hate speech: a study of reception on twitter from a semiolinguistic perspective

Mônica Santos de Souza Melo

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais / Brasil

monicassmelo@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-6502-9280>

Resumo: Esse artigo tem como objetivo contribuir para o estudo da recepção no âmbito da Análise do Discurso, analisando o tênue limite entre manifestações polêmicas e discursos de ódio em comentários de internautas em resposta a um vídeo publicado pelo ex-deputado Jean Wyllys, intitulado “Qual dos dois está mais próximo dos – ou segue mais os – ensinamentos deixados por Jesus nos evangelhos? Qual dos dois preserva mais os verdadeiros valores cristãos?” A partir das contribuições de Charaudeau (2008) e Barros (2015), dentre outros, procuramos analisar os comentários produzidos pelos internautas sobre essa mensagem. Por meio da diferenciação de manifestações de concordância e discordância, identificamos os casos de rejeição extrema ao locutor, os quais ultrapassam o plano da polêmica e se caracterizam como discursos de ódio, revelando, nos dados analisados, traços da chamada matriz ideológica da direita conservadora.

Palavras-chave: discurso; discursos de ódio; religião; política.

Abstract: This paper aims to contribute to the study of reception within the scope of Discourse Analysis, analyzing the fine line between controversial manifestations and hate speech in comments by Internet users in response to a video published by former deputy Jean Wyllys, entitled “Which of the two is closest to – or more closely following – the teachings left by Jesus in the gospels? Which of the two most preserves true Christian values?” Based on the contributions of Charaudeau (2008) and Barros (2015), among others, we seek to analyze the comments produced by Internet users on

this message. Through the differentiation of expressions of agreement and disagreement, we identified cases of extreme rejection to the speaker, which go beyond the scope of the controversy and are characterized as hate speech, revealing, in the analyzed data, traces of the so-called ideological matrix of the conservative right.

Keywords: discourse; hate speech; religion; politics.

Recebido em 20 de março de 2020

Aceito em 25 de maio de 2020

1 Introdução

O Brasil tem vivido momentos de efervescência política, desde o processo de afastamento da ex-presidente Dilma Rousseff, que chegou a termo em 2016. O país vive, desde então, uma polarização política entre esquerda e direita que repercutiu em todos os setores da sociedade. A eleição, em 2018, de Jair Bolsonaro, representante da extrema direita, que defende uma política neoliberal e princípios ultraconservadores, fomentou o debate em torno de questões de ordem política, econômica, social e moral. As manifestações públicas de Bolsonaro a favor da ditadura, da tortura e da homofobia, além de todas as ações do seu governo contra os menos favorecidos, as minorias, as universidades, a cultura, o meio ambiente, entre outros, têm causado reações, favoráveis e contrárias.

Grande parte dessas reações tem se materializado por meio de publicações nas redes sociais, espaço que tem se mostrado um cenário privilegiado para o debate público em torno de temas de interesse geral. As mensagens publicadas nesses ambientes não se restringem a agentes políticos, mas são também, e em grande parte, de responsabilidade de representantes de algumas instituições, como líderes religiosos, sindicalistas, dirigentes de universidades e também de cidadãos comuns.

Uma das personalidades que tem se mostrado mais ativas no sentido de comentar e questionar os direcionamentos adotados pelo atual governo é o ex-deputado federal Jean Wyllys. Jornalista, professor universitário e político filiado ao PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), Wyllys foi reeleito em 2018, porém abriu mão do terceiro mandato, para sair do Brasil, justificando essa atitude por estar sendo vítima de ameaças.

Em declaração ao jornal *Folha de S. Paulo*, o deputado afirmou que as intensificações de ameaças de mortes, recorrentes antes mesmo da execução de Marielle Franco,¹ e a atuação da milícia no estado do Rio de Janeiro, levaram-no a tomar essa decisão (BARROS, 2019).

Jean Wyllys tem se expressado pelas mídias sociais a respeito de uma série de temas que dizem respeito à realidade brasileira. Suas publicações, porém, são alvos de uma série de manifestações, em grande parte, contrárias ao seu posicionamento, manifestações essas que muitas vezes ultrapassam o limite da discordância em relação a suas opiniões e extrapolam para o nível das agressões pessoais.

Diante desse cenário, nosso artigo tem como objetivo contribuir para o estudo da recepção no âmbito da Análise do Discurso, no sentido de propor, a partir de trabalhos de Charaudeau (2008), Amossy (2017) e Barros (2015), alguns parâmetros que permitam interpretar o tênue limite entre manifestações polêmicas e discursos de ódio e, por meio desses parâmetros, descrever e analisar os comentários de internautas em resposta a um vídeo publicado pelo ex-deputado Jean Wyllys, intitulado “Qual dos dois está mais próximo dos – ou segue mais os – ensinamentos deixados por Jesus nos evangelhos? Qual dos dois preserva mais os verdadeiros valores cristãos?” A mensagem e os comentários, objetos de nossa análise, foram publicados no *twitter*, no dia 06 de outubro de 2019, e se referem à iniciativa do papa Francisco de convocar o Sínodo da Amazônia, para discutir o problema dos desmatamentos e queimadas na região amazônica. Trata-se de um vídeo que obteve, até o dia 08 de outubro de 2019, 72 comentários, os quais pretendemos analisar a partir do quadro teórico e metodológico que será apresentado a seguir.

Nosso artigo vai se organizar da seguinte forma: primeiro, vamos apresentar uma breve discussão em torno das redes sociais e do *twitter* como espaço de debate sobre temas relevantes e de promoção do capital social dos internautas. Depois vamos apresentar o referencial teórico e metodológico que vai nortear nossa análise, para, em seguida, discutir a questão da polêmica e do discurso de ódio, a partir dos parâmetros existentes e daqueles por nós propostos e, finalmente, analisar os comentários selecionados.

¹ Referência à vereadora carioca do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) Marielle Franco, assassinada em março de 2018.

2 Interações via *twitter* como gênero situacional

O *twitter* é uma das redes sociais mais populares em todo o mundo, sendo uma ferramenta que concilia características de *blog*, rede social e mensageiro instantâneo. Permite aos usuários publicarem um perfil público, e interagirem por meio dele, fazendo postagens públicas, seguindo e sendo seguido por outros usuários. De acordo com Recuero (2012), as redes sociais (dentre elas o *twitter*) proporcionam:

(1) a construção de um perfil público ou semi-público em uma determinada ferramenta; (2) a articulação de uma lista de conexões (também pública ou semi-pública) e (3) a possibilidade de ver e navegar nessas conexões disponibilizadas na mesma ferramenta. Esses elementos, assim, permitem a publicação das redes sociais e a sua visualização por parte de outros atores. (RECUERO, 2012, p. 598.)

O *twitter*, assim como as redes sociais em geral, tem colaborado para o surgimento de um novo espaço público de discussão de temas variados. Sua utilização corresponde, ainda, a um processo de ampliação do uso dessas redes, que têm sido cada vez mais utilizadas por instituições e seus representantes que passam a usá-las estrategicamente para publicação de conteúdos pessoais e institucionais, e como mecanismo de captação.

Podemos descrever a configuração das interações via *twitter* como um gênero situacional, adotando os parâmetros descritos por Charaudeau (2004). Para esse autor, os chamados gêneros situacionais são frutos da situação de comunicação, das identidades dos parceiros do ato comunicacional, da situação na qual esse ato se realiza e da finalidade desse ato. Em outras palavras, o que os participantes fazem no ato linguageiro, o contexto e a finalidade desse ato configuram as situações de comunicação.

Focalizaremos, aqui, a finalidade do gênero interações via *twitter*, levando em conta a relação entre as identidades dos parceiros da troca (e as escolhas dos modos enunciativos a elas associadas), o propósito comunicativo e as circunstâncias materiais nas quais se localizam as situações de comunicação que compõem o *corpus*.

Com relação à finalidade, o *twitter* pode assumir várias visadas.² Dentre elas, predominam as de informação e de incitação. Na visada de “informação” o sujeito locutor (o *eu*) encontra-se numa posição de querer “fazer saber”, enquanto o seu interlocutor (o *tu*) encontra-se na posição de “dever saber” algo sobre a existência dos fatos, ou sobre o porquê ou o como de seu surgimento. Na fala de Wyllys, a finalidade de informação se materializa em vários enunciados que trazem um saber a respeito do propósito da mensagem, que é o Sínodo da Amazônia e a atuação do Papa Francisco a favor da preservação do meio ambiente, em comparação com a do presidente Bolsonaro. Um exemplo é:

1) Hoje começa o Sínodo da Amazônia, uma reunião dos bispos da região amazônica com o papa Francisco no Vaticano que estarão reunidos por três semanas.

Quanto à visada de incitação, o *eu* quer “mandar fazer”, porém, não possuindo autoridade explícita sobre o outro, não pode obrigá-lo a fazer algo, mas apenas incitá-lo. Para isso, procura “fazer acreditar” (por persuasão ou sedução) ao *tu* que ele será o beneficiário de seu próprio ato. É o que se observa na passagem seguinte, em que a incitação aparece na forma de um questionamento, que leva o internauta a refletir sobre o comportamento do presidente Bolsonaro em comparação com o do papa Francisco, a fim de que o internauta se convença de que o presidente não age como um verdadeiro cristão:

2) Mas eu pergunto a todas e todos vocês: quem é mesmo que está mais próximo de Jesus e seguindo o exemplo de Jesus: Bolsonaro e a direita católica ou o papa Francisco?

Essa incitação, no *twitter*, é favorecida pelo chamado efeito “cascata”. Para Kleinberg e Easley (2010), através das redes sociais, os indivíduos se influenciam mutuamente. As postagens dos usuários podem impactar a decisão de outros, gerando um comportamento de

² Para Charaudeau (2004), o termo “visada” corresponde a atitudes enunciativas derivadas da orientação pragmática dos atos comunicativos, tendo em vista sua orientação pragmática e sua ancoragem situacional. Os tipos de visada são, portanto, definidos por um duplo critério: a intenção pragmática do *eu* em relação à posição que ele ocupa como enunciatador na relação que o liga ao *tu* e a posição que o *tu* deve ocupar.

massa. Esse efeito resulta do potencial das redes de difusão e retorno rápido das mensagens postadas.

Com relação à identidade dos participantes, embora as interações via *twitter* estejam inseridas no domínio de comunicação midiático, elas envolvem uma instância produtora que pode estar vinculada a domínios variados (político, religioso, cidadão). De acordo com Klenberg e Easley (2010), nas redes sociais é possível ter, como fonte das mensagens, vários atores sociais, ao contrário do que ocorre, em geral, nas mídias tradicionais. As redes proporcionam, portanto, maior visibilidade para todos os seus nós, democratizando o acesso e a produção de informações. Assim, quando o usuário publica uma informação, ela atinge outros usuários que, por sua vez, podem replicar a mensagem. Isso caracteriza esse espaço como mais “democrático”, promovendo uma maior aproximação entre os usuários, característica essa que vai repercutir na construção da imagem do sujeito enunciador.

O propósito, isto é, os modos de tematização, que dizem respeito à organização de temas e subtemas, em geral giram em torno de acontecimentos do espaço público, isto é, questões do cotidiano e de interesse geral. Mais raramente, essas publicações podem também estar ligadas a manifestações de cunho pessoal. Na mensagem analisada, o propósito é levar o internauta a acreditar que Bolsonaro, ao contrário do Papa Francisco, não se comporta como um verdadeiro cristão.

As circunstâncias, que se referem às condições materiais da comunicação, envolvem uma comunicação digital, com uso de textos, imagens e vídeos, que têm uma permanência ilimitada, o que permite que as mensagens sejam visualizadas e comentadas por um período de tempo indeterminado após a sua publicação.

Nesse espaço, o usuário tem a possibilidade de construir uma imagem de si através do discurso, sendo esse um dos principais fatores responsáveis pela sua aceitação e, conseqüentemente, pela repercussão de suas ideias. E por ser um espaço, a princípio, democrático, é possível uma interação e uma proximidade maior entre os usuários. Contudo, por se tratar de uma situação específica de comunicação, esta impõe a seus usuários restrições específicas. Essas restrições também se impõem às instituições e a seus representantes que adotam o *twitter* para se comunicar com o público. Nesse sentido, o *twitter* estabelece algumas regras gerais para os usuários, identificando alguns comportamentos que não são permitidos nesse ambiente, tais como, o uso de “robôs” ou de

aplicativos para publicar mensagens semelhantes a partir de palavras-chave; manifestações agressivas ou cujo conteúdo seja nocivo ou abusivo; anúncios inapropriados, dentre outros.³

3 As interações nas redes sociais e a constituição do capital social, do ponto de vista discursivo

Concordamos com a tese defendida por alguns autores, dentre os quais Recuero (2009), de que as redes sociais, na atualidade, podem ser responsáveis pela construção do capital social dos indivíduos. Adotamos a definição de Bourdieu (1998), para quem a noção de capital social representa

[...] o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 1998, p. 67).

Sendo assim, o capital social se relaciona a resultados obtidos a partir de relações mais ou menos institucionalizadas que o sujeito estabelece ao longo da vida. Aplicando essa noção às práticas discursivas próprias das redes sociais, podemos dizer que nelas ocorre a predominância de posicionamentos de concordância ou de não concordância. Trata-se da repercussão dos comentários, respostas, réplicas e tréplicas a partir da situação inicial ou das novas interações que dela se originam, que pode colaborar para a construção do capital social do autor da publicação original ou, dependendo do caso, do sujeito por ele promovido. Sendo assim, defendemos que a criação de um capital social positivo, por meio das redes sociais, pode ser um fator de captação do internauta, que colabora na promoção do ponto de vista defendido por determinado ator social.

³ Informações disponíveis em: <https://help.twitter.com/pt/rules-and-policies/twitter-search-policies>. Acesso em: 13 mai. 2020.

Putnam e Elisson (*apud* RECUERO, 2012) também adotam o conceito de capital social, a fim de interpretar, no âmbito das redes sociais, uma espécie de jogo de seguir e ser seguido típico desse ambiente, que revela valores coletivos. Assim, uma vez que o capital social estaria relacionado às conexões sociais, ou seja, ao pertencimento a um grupo social, as redes sociais são relevantes para a sua obtenção e sustentação, uma vez que estão relacionadas a seis valores relevantes para sua promoção, a saber: visibilidade (o fato de o sujeito estar visível na rede); reputação (a percepção do ator por outros atores); autoridade (o nível de conhecimento ou de competência que a rede atribui ao ator); popularidade (o número de conexões que tem o perfil, identificado pelo número de seguidores, comentários, compartilhamentos e respostas); interação (possibilidade de troca conversacional) e suporte social (nível de retorno para uma solicitação). Ou seja, ao publicar uma mensagem nas redes sociais, o sujeito comunicante não apenas expõe um conteúdo, mas também se expõe publicamente, podendo angariar, com isso, capitais positivos provenientes dos valores descritos acima. Contudo, dependendo da repercussão e do nível de polêmica ou de não-engajamento expresso nos comentários, isso pode afetar negativamente alguns desses valores, especialmente sua reputação, autoridade e popularidade, como veremos ao longo da nossa análise.

Para se analisarem as interações nas redes sociais, é essencial que se aborde a instância de recepção. Esse aspecto vem sendo introduzido, gradativamente, nos estudos discursivos, tendo em vista sua importância para a compreensão do funcionamento do ato de linguagem. No âmbito da Teoria Semi linguística do Discurso, de Patrick Charaudeau (2008), as relações sociodiscursivas, que comportam o espaço da recepção, estão circunscritas àquilo que ele chama de “circuito externo de comunicação”, que envolve os seres envolvidos nos atos de fala enquanto sujeitos psicossociais. É o que veremos a seguir.

4 Uma tipologia básica para o estudo da recepção nas redes sociais: os comentários do *twitter* vistos sob a perspectiva semi linguística

No âmbito da Teoria Semi linguística do Discurso, de Patrick Charaudeau (2008), as relações sociodiscursivas, que comportam o espaço da recepção, estão circunscritas àquilo que ele chama de “circuito externo de comunicação”, que envolve os seres envolvidos nos atos de fala enquanto sujeitos psicossociais.

Para entender melhor como se insere a recepção no esquema enunciativo proposto por Charaudeau (2008), é necessário saber que esse autor distingue, na instância de produção do discurso, um sujeito que se desdobra em EU-enunciador e o EU-comunicante. O EU-e é um ser de fala, presente explícita ou implicitamente em todo ato de fala. Trata-se de uma imagem de enunciador produzida pelo sujeito produtor da fala (o EU-c), representando seu traço de intencionalidade na instância de produção do ato de linguagem.

Na instância de recepção, também temos o desdobramento de dois seres: o TU-destinatário e o TU-interpretante. O primeiro é um interlocutor idealizado pelo EU, que pode estar explicitamente marcado ou não no ato de linguagem. Já o TU-interpretante é o responsável pelo processo de interpretação. Quando se fala de recepção, é esse sujeito interpretante e sua reação que interessa ao pesquisador. No entanto, como afirma Charaudeau (2008, p. 46), esse sujeito “escapa ao domínio do EU”, uma vez que nem sempre corresponde ao ser idealizado pelo falante. Ou seja, uma ordem direciona-se a um TU-d, ser idealizado que, provavelmente, reconhecerá no locutor uma autoridade e, conseqüentemente, uma posição de subordinação em relação a esse locutor. Porém, o sujeito real ao qual essa ordem vai se dirigir pode não corresponder, necessariamente, ao sujeito real que receberá essa ordem. O Tu-i se define, portanto, como um ser real, que atua fora do ato de enunciação, sendo o responsável pelo processo de interpretação do discurso.

Segundo Charaudeau (2010), o espaço de recepção é o espaço da prática social em que o sujeito deve atribuir sentidos ao ato de comunicação. Trata-se, portanto, do espaço dos efeitos produzidos. Para o autor, nas situações de comunicação em que o sujeito interpretante é plural e heterogêneo (como na comunicação midiática), a possibilidade de coincidência entre o efeito visado pelo locutor e o efeito produzido pelo receptor é ainda menor. Para o autor,

[...] esse sujeito interlocutor é um ator social que tem sua própria autonomia em sua ação de interpretação; ele se dedica a essa atividade em função de sua própria identidade social, da identidade social do locutor que ele percebe, das intenções que lhe atribui, de seu próprio conhecimento de mundo e de suas próprias crenças. (CHARAUDEAU, 2010, p. 5.)

Entre os sujeitos do discurso existe, para Charaudeau (2010), uma relação contratual que depende de três componentes: o comunicacional, que diz respeito ao quadro físico da situação; o psicossocial, que se refere aos estatutos ligados aos parceiros, tais como idade, sexo, categoria socioprofissional, etc.; e o intencional, que diz respeito ao que está sendo dito e à intenção estratégica subjacente ao ato de linguagem.

Vamos considerar os textos produzidos no âmbito da recepção como discursos de comentário. Para Charaudeau (2006), esse tipo de discurso revela a opinião do sujeito que comenta. Ele é uma espécie de termômetro que permite avaliar a repercussão dos discursos os quais repercutem.

O TU-interpretante, responsável nesse esquema pelo processo de interpretação, está sujeito a restrições, ou seja, seu comportamento depende das circunstâncias do discurso que o levam, entre outras coisas, a “calcular os riscos de suas reações possíveis (CHARAUDEAU, 2008, p. 46). Diante de discursos predominantemente argumentativos, esse sujeito é levado a se posicionar em relação à proposta apresentada e ao sujeito que emite a proposta, adotando algumas atitudes em relação ao ator social emissor da proposta e/ou àquilo que é dito. Partindo da descrição de Charaudeau (2008), propomos que essas atitudes podem ser, basicamente, de concordância ou de discordância.

Dentre as atitudes de concordância, identificamos as seguintes reações possíveis:

1. *aceitação do dito*: o sujeito interpretante revela aceitar o dito, por meio de enunciações de concordância em relação à publicação original;
2. *aceitação do estatuto do emissor*: o sujeito interpretante reconhece no emissor autoridade, crédito, saber, ou carisma. Esse reconhecimento independe, contudo, daquilo que foi dito;
3. *reduplicação*: trata-se de uma atitude típica das redes sociais, já que elas possibilitam a reduplicação do dito, com compartilhamento da mensagem original. Entende-se que o sujeito interpretante que compartilha a mensagem original não apenas demonstra concordância, mas também se torna corresponsável por ela, a não ser que essa reduplicação venha acompanhada de um comentário questionando seu conteúdo.

Dentre as atitudes de discordância, pode haver:

1. *rejeição do dito*, com discordância em relação ao que foi dito, frequentemente acompanhada de predicados que desqualificam a publicação. Pode vir, ou não, acompanhada de questionamentos ou de contraargumentos à proposta defendida;
2. *rejeição do estatuto do emissor*: questionamentos que podem girar em torno da credibilidade e da legitimidade do sujeito para tratar do assunto abordado ou de sua identidade social, independente do que tenha dito.

Vejamos, a seguir, como o discurso polêmico e, por conseguinte, o discurso de ódio se relacionam ao esquema descrito acima.

5 Atitudes de discordância: o discurso polêmico

O não-engajamento ou discordância, descritos acima, podem instaurar a polêmica no discurso. O conceito de polêmica vem sendo abordado no âmbito dos estudos discursivos por alguns autores, dentre os quais destacaremos o trabalho Amossy (2017), que faz uma releitura de Kerbrat-Orecchioni (1980). Amossy (2017) traça um percurso sobre a noção de polêmica, desde a retórica até os estudos discursivos. Entende que, diferente do que propõe a retórica tradicional, a polêmica, e não apenas o consenso, pode estar situada no domínio da argumentação. Nesse sentido, a autora propõe que a argumentação é um continuum, do qual faz parte o debate em torno de teses divergentes, o choque de posições antagônicas.

No âmbito dos estudos discursivos, Amossy resgata a definição de discurso polêmico de Kerbrat-Orecchioni (1980). Para essa autora, o discurso polêmico é fortemente dialógico, caracterizando-se por se opor ao discurso do outro, desqualificando esse discurso ou desqualificando o próprio enunciador. Para Kerbrat-Orecchioni (1980), no discurso polêmico, há o confronto de teses antagônicas que refletem diferentes opiniões sobre um determinado tema, por meio de procedimentos retóricos e discursivos, tais como a negação, a marcação axiológica (avaliação em termos de bem/mal), citações, ironias, hipérboles, entre outros. Essa situação envolveria uma polarização em torno de opiniões que não são totalmente individuais, mas que representam posições de grupos. Porém, essa polêmica não implica necessariamente a violência verbal. Quando

se extrapola da polêmica para a violência verbal, rejeitando-se, de forma extrema, não o dito, mas aquele que o disse, tem-se a expressão do ódio.

Tentaremos, nas seções seguintes, articular a abordagem discursiva da polêmica, resumida acima, ao discurso de ódio para, finalmente, analisar os dados em questão.

6 Do discurso polêmico ao discurso de ódio

Entendemos, a partir da descrição acima, que o discurso de ódio vai além do não-engajamento ou da discordância em relação ao pensamento ou àquilo que o outro disse, ou seja, entendemos que ele extrapola a polêmica. Propomos que se compreenda o discurso de ódio como uma manifestação verbal que diz respeito ao comportamento de rejeição extrema do estatuto do emissor, que promove a violência e a hostilidade, sobretudo contra pessoas pertencentes a grupos mais vulneráveis, em função sua identidade social.

O discurso de ódio é objeto de estudo de alguns pesquisadores da área do Direito. Meyer-Pflug (2009) compreende o discurso de ódio como a manifestação de “ideias que incitem a discriminação racial, social ou religiosa em determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias”. (MEYER-PFLUG, 2009, p. 97). Sarmiento (2006) aborda o discurso de ódio como “manifestações de ódio, desprezo ou intolerância contra determinados grupos, motivadas por preconceitos ligados à etnia, religião, gênero, deficiência física ou mental ou orientação sexual, dentre outros fatores [...]”. (SARMENTO, 2006, p. 54-55). De acordo com Shafer, Leiva e Santos (2015, p. 147): “O discurso de ódio está dirigido a estigmatizar, escolher e marcar um inimigo, manter ou alterar um estado de coisas, baseando-se numa segregação. Para isso, entoa uma fala articulada, sedutora para um determinado grupo, que articula meios de opressão.” Consequentemente, esse tipo de discurso pode provocar efeitos altamente nocivos, como aponta Brugger (2007), para quem essas manifestações podem provocar dois tipos de efeitos: os imediatos (insultar, assediar, intimidar) e os mediatos (instigar a violência e/ou a discriminação).

No âmbito dos estudos discursivos, destaca-se a contribuição de Barros (2015), a respeito dos chamados “discursos intolerantes”. Para a autora, os discursos intolerantes se pautam em quatro percursos temáticos:

a animalização do outro; a anormalidade do diferente; o caráter doentio do outro e a imoralidade do outro (ser sem ética). Segundo a autora:

[...] os discursos intolerantes desenvolvem temas e figuras a partir da oposição semântica fundamental entre a igualdade ou identidade e a diferença ou alteridade, e, com base nisso, constroem quatro percursos temáticos e figurativos mais frequentes: o da animalização e desumanização do “outro”, a que são atribuídos traços físicos e características comportamentais de animais; o da “anormalidade” do diferente, que é e age contra a “natureza”; o do caráter doentio e esteticamente condenável da diferença, pois, nesse percurso, o diferente é considerado como doente e como louco, em oposição aos sadios de corpo e mente, e, enquanto “doente”, também como feio; o da imoralidade do “outro”, de sua falta de ética. (BARROS, 2015, s/p.)

A partir dos dados que analisamos, propomos que podem ser identificados, além dos quatro percursos temáticos identificados por Barros (2015), outros três temas recorrentes em discursos intolerantes, os quais identificamos como: *i.* associação do outro ao pecado; *ii.* demonização do outro; *iii.* ridicularização do outro.

A associação do outro ao pecado é recorrente em reações expressas, possivelmente, por adeptos ou simpatizantes de alguma religião, pelo fato de a publicação abordar uma temática religiosa polêmica ou pelo fato de o locutor, autor da postagem, ser considerado como uma pessoa que se enquadra em grupos segregados ou discriminados em função de dogmas ou tradições religiosas. Nessa linha, o pecado pode ser entendido como uma transgressão deliberada às leis divinas. A demonização do outro consiste também numa associação do locutor ao pecado, porém de forma exacerbada. Trata-se de identificar o sujeito como alguém possuído pelo demônio ou por espíritos malignos. A ridicularização, por sua vez, é uma avaliação do outro ou de seu comportamento como digno de provocar o riso, a zombaria. Por fim, há manifestações de ódio que se materializam não por expressões ofensivas, mas por ameaças explícitas ou veladas.

É necessário destacar que todas essas representações são qualificações subjetivas, originadas de um ponto de vista pessoal, mas submetidas às formações ideológicas às quais o comentarista se vincula.

7 Descrição e análise dos dados: discurso de ódio e imaginários do discurso conservador

A partir da articulação das propostas de Charaudeau (2008) e Barros (2015), acrescidas dos percursos temáticos por nós incorporados, procuramos trazer uma pequena contribuição à análise dos discursos de ódio, montando um quadro que nos permita descrever os dados do nosso corpus e analisar os discursos de ódio que neles se manifestam. Sendo assim, identificamos os seguintes posicionamentos:

1. *Atitudes de concordância*
aceitação em relação ao dito;
aceitação em relação ao falante.
2. *Atitudes de discordância*
em relação ao dito;
em relação ao falante:
 - rejeição ao outro;
 - rejeição extrema ao outro por: animalização; anormalidade; imoralidade; caráter doentio; imagem esteticamente condenável ou destoante do padrão hegemônico; pecado; demonização; ridicularização.

Como informamos acima, os comentários que são alvos de nosso estudo se referem a um vídeo publicado pelo ex-deputado Jean-Wyllys intitulado: “Qual dos dois está mais próximo dos – ou segue mais os – ensinamentos deixados por Jesus nos evangelhos? Qual dos dois preserva mais os verdadeiros valores cristãos?” Nesse vídeo o deputado elogia a iniciativa do Papa Francisco de realizar o Sínodo da Amazônia, evento no qual a Igreja Católica procurou orientar a atuação da Igreja Católica a favor da Floresta Amazônica e dos povos que nela vivem.

Por meio da modalidade delocutiva, em que predomina uma aparente objetividade, pelo uso de enunciados que sugerem uma verdade incontestável, Wyllys exalta a preocupação do Papa com a natureza e com os mais pobres e compara o comportamento do Santo Padre com o da direita católica e do Presidente Jair Bolsonaro. Por fim, usando a modalidade alocutiva do questionamento, transcrito no título do vídeo, incita os internautas à reflexão em torno da atuação do presidente Bolsonaro e da direita católica no Brasil.

A exaltação ao comportamento do Papa Francisco e as críticas implícitas a Bolsonaro motivaram uma série de reações de ódio ao Papa, de exaltação a Bolsonaro, mas, sobretudo, de crítica e intolerância contra a fala e a pessoa de Wyllys, por meio de discursos de ódio de internautas.

Como vimos, os discursos de ódio são aqueles em que há discordância por rejeição extrema ao outro, expressa pelos processos descritos acima. Dos 72 (setenta e dois) comentários que se sucederam à postagem de Wyllys até a data em que encerramos nosso levantamento, apenas 08 (oito) expressaram concordância ou engajamento em relação ao dito ou à pessoa de Wyllys. Todos os demais expressaram discordância ou não-engajamento, sendo que 13 (treze) representam rejeição em relação ao dito e 51 (cinquenta e um) em relação ao locutor.

Dos 51 (cinquenta e um) comentários que revelam rejeição em relação ao locutor, identificamos 38 (trinta e oito) casos de rejeição extrema, assim distribuídos⁴:

i. Animalização

- 3) Comunistas, como vc, nem acreditam em Deus. Agora defende um papa comunista? Lhama surtada

ii. Anormalidade

- 4) Em pensar que um preservativo poderia ter evitado “Isso”

iii. Imoralidade

- 5) Esse cara é muito engraçado!!! Ele fala sem saber o q fala, sem saber de quem, sem saber se é verdade, e a cada vídeo, ele muda o penteado.kakakakakakak. Ele quer aparecer, por isso ele fala, fala, fala, e ninguém entender porra nenhuma, hipocrita
- 6) E desde quando vcs estão do lado do papa! Volta para seu potinho mané
- 7) Menina CUSPIDEIRA você não engana ninguém, por trás de todos estes livros está quem cospe na cara de outros e não entende que educação e respeito são essenciais em pessoas eruditas.

⁴ Optamos por fazer uma transcrição fiel das postagens originais, mantendo, inclusive, algumas transgressões à norma culta.

- 8) Deixa de ser ridículo cara! Vc é o que tem de mais podre num ser humano, desprezível, repugnante, asqueroso aí se coloca na frente de uma prateleira de livros como se os tivesse lido a todos e começa a falar da igreja. Cara vc tem que falar é do inferno que é para lá que vc vai.
- 9) Mentiroso. Vá tocar tambor, e lave a boca para falar de Cristianismo.
- 10) Agora a menina é fã do papa ? Vc é muito vagabundo mesmo . Pqp
- 11) hipócrita, tu lá acredita em Deus
- 12) Tua é muito cara de pau, agora está defendendo o papa. Cara tu não vale nada. Chega a dar vergonha dessa tua cara lavada.
- 13) Agora vc respeita o Catolicismo? Vcs são péssimos. Vcs têm problemas de interpretação, pior, acho q é só desvio de caráter mesmo.
- 14) Lave sua boca pra falar o nome do filho de Deus! Vc não passa de lixo!
- 15) Você falando em valor cristão? Kkkkk, quanto hipocrisia!
- 16) Certamente você também não segue o exemplo de Jesus. Seu covarde, vive difamando o Brasil é tentando causar intrigas entre os brasileiros. Cria vergonha na cara e não venha aqui tentar dar licitação usando o nome de Jesus.
- 17) Um cara desse é uma piada pronta.
- 18) Lava a sua boca antes de falar de Jesus!
- 19) Sai dai macumbeiro, um religioso da umbanda querendo saber sobre cristianismo, JEANTA, por mais que você estude e diga que é intelectual nunca será, nunca!! Por mais que faça esforço as pessoas não vão gostar de você, tens algo que é repugnante, você não é um pessoa agradável.
- 20) Falando assim até parece que segue e Jesus Vcs são HIPÓCRITAS!
- 21) Olha o português, “intelectual”! Você falando de religião é tão vergonhoso quanto o Lula falando de honestidade.
- 22) Calado b4mb1, c0v4rde, fuj4o, P0mb0-suj0

- 23) Velho, quando eu penso q vc não pode ser mais falso, mentiroso e vagabundo aí vc me vem com esta, por acaso vc e mede I'm Taiwan?
- 24) Quem é tu para falar de Jesus, cara? se toca bxa...
- 25) Vergonha do #Brasil medroso hipocrita
- 26) Asco

iv. *Caráter doentio*

- 27) Meu Deus ...como vc é idiota...vc tem uma tara pelo @ jairbolsonaro não é possível

v. *Imagem esteticamente condenável*

- 28) QUANDO A GENTE PENSA QUE VC NAO CONSEGUE SER MAIS FEIO DO QUE JA ÉS, ME APARECE C ESSE CABELIN...
- 29) Que cabelo ESCROTO !!!kkkkkkkkpqp

vi. *Pecado*

- 30) Estão desesperados mas Deus é contra a homossexualidade teoria de género aborto drogas são é uns grandes mentirosos fiquem só com o vosso aliado antigo o PCC e deixem Deus em paz cuidado com a ira de Deus com Deus não se brinca.
- 31) Cara vc tem que falar é do inferno que é para lá que vc vai.
- 32) Já ouviu falar em Sodoma e Gomorra? Então não venha conspirar o Cristianismo.
- 33) Vc encontrou a cura gay? Hipócrita Levítico 20:13 Quando, também, um homem se deitar com outro homem, como com mulher, ambos fizeram abominação; certamente morrerão; o seu sangue é sobre eles.
- 34) Novamente, vc não tem moral nem ética para sequer mencionar este nome! Reveja seu pecados, peça perdão por eles, e “venha como estás”!

vii. *Ridicularização*

- 35) eu amo a esquerda porq ela me faz rir muito .
- 36) se vc está achando bom então coisa boa não é Sorry mas é assim que o povo brasileiro te vê! petista fedorento!

viii. *Demonização*

- 37) O demônio tem varias (*sic*) faces e vejo em você uma delas!
 38) O que vc sabe sobre os evangelhos?!?!?! Sua vontade é destruir o povo cristão e agora vem com essa?! Anátema! Lave a boca pra falar de Jesus!!!

Por fim, há exemplos de ameaça velada à integridade física do locutor ou a pessoas da sua família, como vemos em:

- 39) Cadê a sua mãe? Não estava sendo ameaçada? Porque ela não fugiu com você? Você só me enjoa.
 40) Jean.... um dia vou mijar no seu cadáver.

Além dessas manifestações verbais contra a integridade moral do locutor, há situações mais extremas de ameaças a sua integridade física, assim como de sua família, como encontramos no exemplo abaixo:

- 41) Cadê a sua mãe? Não estava sendo ameaçada? Porque ela não fugiu com você? Você só me enjoa.

Os dados acima têm um aspecto em comum: todas trabalham com uma representação de Jean Wyllys como ser anômalo ou que foge a um padrão, sejam eles éticos ou estéticos. Quanto a comentários que desqualificam Wyllys no domínio do ético, encontram-se os processos de animalização, anormalidade, imoralidade, caráter doentio e ridicularização. Julgamentos do domínio do ético representam uma avaliação dos comportamentos dos indivíduos em termos morais, que os definem como comportamentos certos ou errados, do bem ou do mal, a partir de um certo parâmetro que não é individual, mas que representa, quase sempre, o posicionamento de um grupo. Também esses padrões adotados por certos grupos na sociedade em diferentes épocas afetam a avaliação do corpo do indivíduo em termos do domínio do estético, definindo, entre outros, o que é feio ou bonito. Vejamos como isso se dá nos dados selecionados.

Com relação à animalização, quando o internauta se refere a Jean como “lhama surtada”, considera-se que ele tem características que fogem aos padrões normais de seres humanos. Além disso, o uso de um animal do gênero feminino, acompanhado do adjetivo “surtada”, que significa descontrolada ou neurótica, recupera a imagem estereotipada

do homossexual escandaloso, cujo comportamento vai contra os padrões considerados normais. Quanto à anormalidade, temos em (4) o uso do pronome demonstrativo “isso”, usado normalmente para apontar objetos, sendo que, no enunciado dado, é usado para se referir a Jean Wyllys. A utilização desse pronome para se referir a pessoas é visto como uma forma de denegri-las, de desqualificá-las, comparando-as a coisas, objetos e as destituindo de sua essência humana.

Também no domínio do ético, alguns comentários dirigem a Wyllys ofensas de toda a ordem, expressas por adjetivos tais como: “hipócrita”, “mané”, “desprezível”, “repugnante”, “asqueroso”, “mentiroso”, “vagabundo”, “cara de pau”, “lixo”, quase sempre expressas arbitrariamente. Essa atitude dificilmente proporciona espaço para uma contra-argumentação, uma vez que se trata, em geral, de expressões coléricas desprovidas de um embasamento racional que possa ser contestado. Essa fuga à normalidade alcança também o domínio do estético, em enunciados que expressam desprezo pela sua aparência e pelo seu cabelo.

A construção da imagem de Wyllys como alguém que rompe os padrões de normalidade avança no sentido de caracterizá-lo como uma figura doentia, como alguém que apresenta traços patológicos (idiota, tarado) e que é visto como ridículo. Por fim, extrapola para valores do âmbito religioso, descrevendo-o com o pecador ou seja, como alguém que transgredir as leis de Deus. Os enunciados que apresentam alguma justificativa para esse julgamento se pautam no fato de Wyllys ser homossexual, comportamento associado ao pecado definido pela Igreja Católica como “luxúria”, identificado, por exemplo, pela referência, nos dados, a Sodoma e Gomorra e pela citação da passagem bíblica Levítico 20:13. Alguns comentários, por fim, chegam ao extremo de associá-lo ao demônio.

Constata-se, nos comentários acima, que as expressões de ódio resgatam a identidade social do sujeito locutor, com manifestações explícitas de intolerância de gênero, religiosa e política, direcionadas, no caso em análise, à identidade do locutor como homossexual, umbandista e político de esquerda, respectivamente. Essas manifestações dizem muito sobre os sujeitos comunicantes, responsáveis pelas postagens. Embora não tenha sido nosso objetivo investigar quem são os autores da postagem, interessa-nos, além de levantar o conteúdo dessas postagens, entender os imaginários que elas representam.

A partir de Charaudeau (2007), podem-se compreender os imaginários como um modo de apreensão do mundo, associado a valores, crenças e conhecimentos que são configurados nas práticas linguageiras por meio dos discursos socialmente situados. Diante dos dados levantados, podemos identificar imaginários típicos do discurso conservador, conforme definido por Charaudeau (2016).

Ao analisar o fenômeno populista, Charaudeau (2016, p. 38) definiu “sistemas de crenças” que caracterizam os posicionamentos de direita e de esquerda, os quais ele denomina “matrizes ideológicas”. Para o autor, a matriz ideológica de direita apresenta as seguintes características: visão do mundo na qual a natureza se impõe ao homem, ou seja, visão da desigualdade como algo próprio da natureza humana e, portanto, das relações entre os homens como relações de força, de dominação; defesa de valores, tais como, família, trabalho (baseado em relações hierárquicas); a defesa da nação, como patrimônio identitário e a reação contrária a qualquer “inimigo” que tenta invadir ou desagregar o corpo social. Essas características, segundo Charaudeau (2016), definem alguns comportamentos característicos da doutrina de direita. Trata-se de comportamentos que caracterizam uma tendência ao conservadorismo. São eles: o *autoritarismo*, que visa impor obediência aos valores por ela defendidos e a ordem moral; a *segregação*, que faz distinção das pessoas em razão de raça, etnia, religião; e o *patriarcado*, em que homens mantêm o poder político, autoridade moral e privilégio social em relação às mulheres.

Grande parte dos comentários descritos acima traz a expressão de intolerância de gênero e religião, como destacamos nos seguintes exemplos:

- 42) Sai dai macumbeiro, um religioso da umbanda querendo saber sobre cristianismo, JEANTA, por mais que você estude e diga que é intelectual nunca será, nunca!! Por mais que faça esforço as pessoas não vão gostar de você, tens algo que é repugnante, você não é um pessoa agradável.
- 43) Agora a menina é fã do papa ? Vc é muito vagabundo mesmo.
Pqp

Também o autoritarismo é marcado por algumas expressões de interdição à palavra do outro, que, a despeito de qualquer tentativa de

diálogo em torno da proposta que se apresenta, vem, impor, de forma violenta, o silêncio ao locutor:

44) Calado b4mb1, c0v4rde, fuj4o, P0mb0-suj0

Por fim, tanto a intolerância de gênero quanto o autoritarismo que se apresentam nas mensagens se materializam também em xingamentos que atribuem traços de imoralidade ao autor da publicação. Tais manifestações são reflexos da sociedade patriarcal e capitalista em que vivemos, conforme aponta Zanello (2008). Para a autora, o xingamento é

[...] um sintoma da sociedade na qual ele aparece (no nosso caso, patriarcado capitalista), e mostra, justamente pelo caráter de ofensa que ele contém, as regras e valores apregoados por essa sociedade. Além disso, o xingar é ato de fala que não apenas repete esse valores, mas os reafirma. Em outras palavras, independentemente da consciência do falante ao proferi-los, os xingamentos veiculam uma prática baseada nos valores atribuídos aos diferentes gêneros. (ZANELLO, 2008, s/p.)

Segundo a autora, essas manifestações por meio de xingamentos representam mecanismos repressivos e constitutivos de manutenção de poder.

Se, como vimos acima, as redes sociais podem ser, pelo menos parcialmente, responsáveis pela promoção de um capital social dos sujeitos envolvidos nas interações, constatamos que os comentários analisados contribuem para construir uma imagem negativa do sujeito locutor, responsável pela publicação do vídeo, uma vez que buscam afetar negativamente alguns valores, especialmente, sua reputação e autoridade.

Apoiados no percurso que traçamos, podemos dizer que os comentários analisados revelam, por parte de seus sujeitos, um perfil de direita, conservador, e intolerante, que vislumbra no sujeito locutor, Jean Wyllys, o membro de uma minoria, que é encarado, aparentemente, como representante de um inimigo a ser combatido.

8 Considerações Finais

Nossa intenção, com o estudo aqui apresentado, foi trazer uma modesta contribuição às discussões em torno da recepção e dos discursos de ódio nas redes sociais. A partir da articulação das propostas de

Charaudeau (2008) e Barros (2015), acrescidas dos percursos temáticos por nós incorporados, elaboramos um quadro que nos permitisse descrever os dados do nosso corpus e analisar os discursos de ódio que neles se manifestam.

Tal análise nos permitiu identificar um número extremamente alto de manifestações de ódio que, no caso dos nossos dados, definem comportamentos característicos da doutrina de direita e do conservadorismo, dentre eles: o autoritarismo, a segregação e o patriarcado.

Acreditamos que a análise dos comentários que compõem o nosso corpus pode servir não apenas como uma verificação dos efeitos obtidos pela postagem em questão, mas também, como um indício que nos permite compreender como se dá a interação nas redes sociais e como ela pode se constituir não só como um espaço de discussão, polêmica e difusão de discursos de ódio, mas, também, como tentativa de silenciamento, opressão, e como mecanismo de manutenção de poder.

Por fim, temos a convicção de que as discussões em torno da temática da violência verbal e dos discursos de ódio são muito relevantes no cenário que vivemos, uma vez que podem servir como denúncia das atitudes de intolerância que se evidenciam, de forma crescente, na nossa sociedade.

Agradecimentos

Agradecemos ao apoio do CNPq, por meio de Bolsa de Produtividade em Pesquisa, para a realização deste trabalho.

Referências

AMOSSY, R. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, v. 13, p. 227-244, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17648/eidea-13-1526>

BARROS, C. J. Com medo de ameaças, Jean Wyllys, do PSOL, desiste de mandato e deixa o Brasil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 jan. 2019. Poder, s/p. X. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/com-medo-de-ameacas-jean-wyllys-do-psol-desiste-de-mandato-e-deixa-o-brasil.shtml>. Acesso em: 24 jan. 2019.

- BARROS, D. L. P. de. Intolerância, preconceito e exclusão. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (org.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. 206 p.
- BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A. (org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 67-67.
- BRUGGER, W. Proibição ou proteção do discurso de ódio? Algumas Observações sobre o Direito Alemão e o Americano. *Revista de Direito Público*, Brasília, v. 1, n. 15, p. 117-136, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11117/22361766.15.01.04>. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1418/884%3E>. Acesso em: 8 fev. 2020.
- CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L.; e MELLO, R. de. *Gêneros reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: Nad/Fale-UFMG, 2004. p. 13-42.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, P. Les stéréotypes, c'est bien. Les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, H. (org.). *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène*. Paris: L'Harmattan, 2007. p. 49-62.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, P. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, G.; PAULA, L. (org.). *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil*. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 34-47.
- CHARAUDEAU, P. Du discours politique au discours populiste. Le populisme est-il de droite ou de gauche? In: CORCUERA, F. et al. (org.). *Les discours politiques*. Regards croisés. Paris: L'Harmattan, 2016. p. 32-43.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. La polémique et ses définitions. In: GELAS, N; KERBRAT-ORECCHIONI, C. (org.). *Le discours polémique*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon. 1980. p. 3-40.

KLEINBERG, J.; EASLEY, D. *Networks, Crowds, and Markets: Reasoning about a Highly Connected World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

MEYER-PFLUG, S. R. *Liberdade de expressão e discurso do ódio*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.

RECUERO, R. O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social. *Contemporânea: Comunicação e Cultura*, Salvador, v.10, n. 3, p. 597-617, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/1809-9386contemporanea.v10i3.6295>

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.

SARMENTO, D. A liberdade de expressão e o problema do *hate speech*. *Revista de Direito do Estado*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 53-106, 2006.

SHAFER, G.; LEIVA, P. R. C.; SANTOS, R. H. Discurso de ódio. Da abordagem conceitual ao discurso parlamentar. *RIL*, Brasília, v. 52, n. 207, p. 143-158, 2015.

ZANELLO, V. Xingamentos: entre a ofensa e a erótica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO - CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. *Anais [...]* Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/221706218_Xingamentos_entre_a_ofensa_e_a_erotica. Acesso: 4 fev. 2020.



Batalhas de MC: um estudo sobre (im)polidez e categorização axiológica à luz da pragmática

MC Battles: a study on (im)politeness and axiological categorization under the light of pragmatics

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
adornomarciotto@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-1857-0207>

Ana Lúcia Tinoco Cabral

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, São Paulo / Brasil
Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

altinococabral@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-6417-2766>

Resumo: As batalhas de MC fazem parte da tradição oral e musical da comunidade afro-americana e latina. Neste estudo, pretende-se analisar os versos de arremate (*punchlines*) das batalhas de um ponto de vista pragmático, ligado à teoria da (im)polidez linguística (CULPEPER, 2005, 2011; CULPEPER; HARDAKER, 2017), à noção da categorização axiológica (ASSIMAKOPOULOS *et al.*, 2017; EVANS, 2009), situando-as como rituais de violência e de disputa verbais (BERTUCCI; BOYER, 2013; MOÍSE, 2011; VETTORATO, 2008). As *punchlines* analisadas foram retiradas de competições divulgadas para o grande público. Os resultados demonstram que esses versos são caracterizados pelo emprego de estratégias *ad hoc* de (im)polidez negativa e positiva, juntamente com a intensificação de elementos de categorização axiológica e pelo desprezo ao rival.

Palavras-chave: batalhas de MC; (im)polidez; categorização cognitiva; pragmática.

Abstract: MC battles are part of a long oral and musical tradition of the African American and Latino community. In this paper, we intend to analyze the battle *punchlines* under the light of the theory of linguistic impoliteness (CULPEPER,

2005, 2011; CULPEPER; HARDAKER, 2017), as well as the notion of axiological categorization (ASSIMAKOPOULOS *et al.*, 2017; EVANS, 2009), situating them as rituals of violence and verbal dispute (BERTUCCI; BOYER, 2013; MOÏSE, 2011; VETTORATO, 2008). The *punchlines* analyzed were taken from contests that are released to the general public. The results show that the punchlines are characterized by the use of *ad hoc* strategies of negative and positive impoliteness, together with axiological categorization, and contempt for the rival.

Keywords: MC battles; impoliteness; cognitive categorization; pragmatics.

Recebido em: 18 de março de 2020

Aceito em: 19 de maio de 2020

1 Apresentação geral do estudo

As disputas verbais marcadas por violência, de acordo com Vettorato (2008), são históricas, ou seja, têm sido presentes em diversas épocas e culturas, apresentando recorrências na forma e no estilo. Se, por um lado, elas põem em jogo a excelência dos locutores em disputa, por outro, elas cumprem um importante papel de denúncia e de construção de identidades. O fenômeno *hip-hop*, por exemplo, surge como forma de denúncia contra o desemprego, o racismo, a pobreza e a violência urbana nos Estados Unidos. Ele consiste em quatro pilares, o trabalho dos MCs, o trabalho dos DJs (*disk jockeys*), a dança no estilo *break* e o *graffiti*, conforme descrito por Cutler (1999), Chang (2005) e Rose (2008).

Nessas manifestações culturais, as batalhas de MCs funcionam como competições em que os MCs rivalizam entre si na forma de *raps*, ou de versos de estilo livre. O objetivo do duelo é que cada oponente argumente sobre os temas debatidos, o que é feito, geralmente, pela troca de ofensas, ou de críticas diretas ao rival e a seus argumentos. Os participantes têm ciência de que participam de um jogo no qual as agressões verbais com caráter de ofensa são a regra. Estando previstas pela batalha, não é esperado que o opositor se ofenda, mas que saiba contra-atacar. Dito isso, cabe refletir sobre em que medida os ataques violentos das batalhas de *MC* e seu caráter desqualificador constituem impolidez.

Pela natureza combativa dessas interações e tendo em conta a pergunta estabelecida, este artigo visa a analisar as batalhas de *MC* de um ponto de vista pragmático que busca alinhar: (a) a Teoria da Impolidez

Linguística (CULPEPER, 2005, 2011; CULPEPER; HARDAKER, 2017) em diálogo com estudos sobre batalhas verbais e (b) a noção da categorização cognitiva e de axiologia (ASSIMAKOPOULOS *et al.*, 2014; EVANS, 2009). Neste texto, esses dois conceitos foram combinados em uma proposta de categorização cognitiva axiológica. A razão dessa proposta é que as categorias cognitivas com as quais interpretamos o mundo (EVANS, 2009) constituem a base para a formação dos conceitos e dos valores com os quais avaliamos nossas experiências, sendo, por isso, categorias cognitivas axiológicas (ASSIMAKOPOULOS *et al.*, 2017; MAZZARA, 1997). Diante desse pressuposto, o trabalho busca investigar o caráter agressivo dos versos, observando-os no contexto da disputa verbal prevista para esse tipo de interação.

Os versos analisados neste estudo foram extraídos de vídeos do *YouTube*, nos quais as competições são divulgadas para o grande público. Na maior parte desses vídeos, as rimas mais aclamadas são legendadas, o que permite maior autenticidade à coleta de dados, principalmente porque a alta velocidade das falas é intrínseca a essa modalidade ritual.

Estamos cientes de que aqueles que postam suas manifestações em ambientes virtuais, como o *You Tube*, devem estar cientes do caráter público desses ambientes e, conforme já observaram Graham e Hardaker (2017), essas pessoas não podem esperar que esse material não seja examinado ou analisado por estudos científicos. Tomamos, no entanto, o cuidado de preservar a identidade dos participantes. O MC produtor dos versos em análise foi denominado MC King para evitar a exposição, pois os temas tratados são sensíveis. Além disso, a explicitação da identidade artística, em si, não é considerada um fator relevante para a análise empreendida no estudo.

A seguir, um breve panorama sobre as batalhas de MC e do *hip-hop* em geral será apresentado, com ênfase nos aspectos que mais interessam a este estudo, como a categorização axiológica. Além desta apresentação geral inicial e das considerações finais, o trabalho está organizado em quatro partes, a saber: inicialmente, situamos a batalhas de MC no contexto da axiologia e da categorização cognitiva; em seguida, apresentamos brevemente alguns conceitos relativos à impolidez, articulando-os a questões relativas a jogos de disputas verbais; posteriormente, descrevemos os procedimentos de coleta e as categorias de análise; em seguida, apresentamos as análises.

2 As batalhas de MC na cultura *hip-hop*: axiologia e categorização cognitiva

As batalhas de MC (*Master of Ceremonies*, Mestre de Cerimônias) fazem parte de uma longa tradição oral e musical da comunidade afro-americana e latina. Elas estão relacionadas a outros tipos de insultos rituais, registrados, entre outros, por Labov (1972) e Cutler (1999). Mais especificamente, as batalhas têm sua origem comumente associada ao bairro de Bronx (Nova Iorque), a partir de onde conquistaram alcance global, incluindo sua difusão entre os *rappers*.

Atualmente, a internet facilita cada vez mais a interação dos produtores e dos consumidores de *hip-hop* e contribui para promover e divulgar padrões expressivos e de consumo ligados a essa cultura (MATTAR, 2003). Além disso, a comunidade *hip-hop* compartilha e divulga, na internet, um sentimento de marginalidade e de resistência à opressão (OSUMARE, 2007). Nessa direção, o termo “Rap politicamente consciente” (ROTH-GORDON, 2009, p. 64) caracteriza um tipo de rap que confronta a violência estrutural exercida por grupos específicos de poder.

Do ponto de vista da construção poética, cada rima espontânea de uma batalha contém versos de arremate (*punchlines*), que devem ser formulados em menos de um minuto. A disputa é realizada em duas rodadas (*rounds*) iniciais, após o sorteio de quem vai atacar primeiro. Nesses *rounds*, cada oponente produz, em geral, cinco versos livres. O vencedor é escolhido por aclamação. Quando o duelo termina em empate, uma terceira rodada é deflagrada, em formato ainda mais dinâmico e veloz, como em um “bate-volta”. Nessa rodada de desempate, cada MC pode atacar e responder, normalmente, quatro vezes.

As rimas são formuladas de acordo com as batidas fornecidas pelo DJ, mas podem algumas vezes ocorrer também à capela. Nesse cenário, os MCs mais talentosos são hábeis em criar espontaneamente versos ligados à cultura *hip-hop*, ao contexto social, bem como a aspectos que insultem a aparência, a personalidade, ou a reputação do oponente. Na perspectiva deste estudo, esses elementos de afirmação social e cultural têm origem em modelos ativados via categorização cognitiva axiológica. O sentido axiológico é tomado aqui em âmbito teórico-prático, ou seja, ligado à natureza e à essência dos valores, considerados como inseparáveis da condição humana nos vários campos de sua atuação, tais como a educação, a arte e o mundo do trabalho (FRONDIZI, 1977).

A categorização axiológica é, dessa forma, cognitiva, no sentido de que se configura em um processo cognitivo básico.

Nessa direção, o processo de categorização axiológica permite o reconhecimento e a avaliação da realidade por meio do agrupamento de entidades, aos quais são atribuídos certos valores, ou qualidades específicas. O fenômeno comumente ocorre em associação a critérios de pertencimento, geralmente bastante amplos e muitas vezes também difusos (COHEN; LEFEBVRE, 2005). Dessa forma, as categorias cognitivas em geral e a caracterização axiológica em particular podem exibir graus de centralidade diferentes, englobando alguns membros mais semelhantes do que outros, ao contrário de compartilharem uma única característica definidora (EVANS, 2009).

A categorização axiológica é, por isso, muitas vezes fundamentada em características pré-estabelecidas, consideradas comuns a um determinado grupo social, por exemplo, nacionalidade, gênero, idade, cor da pele, religião e orientação sexual e/ou ideológica. Essas características também desempenham um papel fundamental no processo de modelação estereotipada, que pode igualmente dar vazão ao preconceito e à discriminação (MAZZARA, 1997).

Do ponto de vista discursivo, a tentativa de criação de modelos idealizados pode produzir mecanismos linguísticos de contraste, ou de confronto verbal, no qual indivíduos com características consideradas semelhantes e, ao mesmo tempo, avaliadas como incompatíveis com a visão de mundo de outros (seus rivais), que são insultados e desqualificados. Nesses casos, estabelece-se uma oposição, que vilaniza o outro, negando a ele características humanas, entre elas, em alguns casos, o próprio direito à honra (HAUGH, 2017). Desse modo, quando uma estratégia de categorização axiológica é discursivamente materializada, apenas o grupo considerado “favorável” ou “superior” é visto como detentor de inteligência e de prestígio.

No campo das batalhas de MC, a postura combativa é crucial. Ela é tão mais valorizada quanto maior for a intensidade do ataque verbal. No exemplo (1), o comportamento amigável (*Bestfriend*) que o MC sugere como sendo a expectativa de seu oponente, é incompatível com o campo de batalha (*Battlefront*) no qual os MCs devem atuar. O Exemplo (1), retirado dos dados deste estudo, ilustra o emprego de uma estratégia linguístico-cognitiva de ataque, que vilaniza o oponente, categorizado como não merecedor do pertencimento à comunidade *hip-*

hop, ao contrário do locutor, que se impõe como alguém preparado para a luta acirrada:

- (1) Vim aqui para a Battlefront
e não para ser seu Best Friend

A *punchline* de (1) atribui à batalha de MC elementos do campo bélico e institui o *rapper* como um combatente, ou seja, um soldado na linha de frente (*battlefront*). Essa categorização do evento de conflito implica a identificação de um rival potencial que, no Exemplo 1, é construído pela oposição entre *inimigo* (de batalha) e *melhor amigo* (*best friend*). Para fazer isso, o rival é expressamente categorizado como inimigo na *punchline*. É também imputada a ele a equivocada expectativa de um ambiente amistoso para o confronto, algo incompatível com a essência das batalhas entre *rappers*. Isso coloca o pertencimento do oponente ao grupo sob forte suspeição, afetando sua face positiva (BROWN; LEVINSON, 1987) e, ao mesmo tempo, polarizando o confronto axiológico entre os “bons” e os “maus” combatentes do *hip-hop*. Podemos afirmar que, ao situar o opositor na categoria de “mau combatente”, por sugerir que possa ser “Best Friend”, o *rapper* deprecia o posicionamento do opositor, desqualificando-o.

Ainda nesse exemplo, com respeito às estratégias linguísticas de polarização político-ideológica, o estudo de Wirth-Koliba (2016), realizado com dados de campanhas políticas no reino Unido, mostrou como as estratégias discursivas de proximidade (VAN DIJK, 1997) podem ser eficazes na construção da relação entre os campos “nós” e “eles”. Utilizadas como recurso pragmático-cognitivo ligado à capacidade do orador de apresentar eventos que afetam diretamente os rivais, geralmente de maneira negativa, ou ameaçadora à reputação deles, essas estratégias tendem a reverberar mais fortemente em discursos a respeito de ameaças de deslegitimação, por exemplo, ligadas à imigração e a políticas governamentais de exclusão. Na perspectiva do estudo de Wirth-Koliba (2016), o centro dêitico do discurso político na Grã-Bretanha incluía, por exemplo, na época da coleta dos dados, uma polarização entre os imigrantes (“eles”) e os políticos do Partido Nacional Britânico (“nós”). O uso desses elementos discursivos, segundo a autora, serve para demarcar a criação dos centros dêiticos de ação linguística polarizada. Neste estudo, esse tipo de polarização também foi identificado, como se verá no capítulo

de análise. A seguir, passa-se a uma discussão dos aspectos ligados à Teoria da Impolidez Linguística, que embasam essa pesquisa.

3 Trabalho de face, (im)polidez linguística e batalhas verbais

Na perspectiva de Goffman (1973), o trabalho de face refere-se às ações linguísticas e não linguísticas realizadas pelos participantes para “reivindicar seus valores sociais, ou para manter sua auto-imagem de forma considerada satisfatória para a interação” (HAUGH, 2013, p. 65). O conceito de território, também ligado ao conceito de face, refere-se tanto ao território físico e pessoal, quanto ao espaço psicológico do indivíduo, bem como a partes do corpo, roupas e objetos pessoais (GOFFMAN, 1973). A ideia de território compreende os domínios reservados da interação, ou seja, o direito do indivíduo de controlar quem pode começar o turno, bem como o direito de se proteger da intrusão e da indiscrição de outras pessoas (GOFFMAN, 1973).

Ao revisitarem o trabalho de Goffman (1973), Brown e Levinson (1987) revisaram a noção de face e propuseram um conceito importante: os Atos Ameaçadores de Face (FTA-*Face Threatening Acts*). Os FTAs são classificados de acordo com o tipo de face ameaçada (a positiva ou a negativa) e quanto ao fato de a ameaça ser desferida contra o ouvinte, ou contra o falante (BROWN; LEVINSON, 1987). Dessa forma, pedidos de qualquer ordem, por exemplo, podem ameaçar a face negativa do ouvinte. Se recusados, pedidos ou ofertas também podem ameaçar a face positiva do solicitante, ou do ofertante. Na mesma direção, críticas em geral atacam a face positiva do ouvinte. Do mesmo modo, agradecimentos e elogios podem ameaçar a face negativa do falante, pois imprimem no ato de fala a noção de um débito a ser reconhecido. Especificamente quanto ao conceito de polidez, Leech (1983) elabora-o como um tipo de restrição ao comportamento humano, operando para evitar a discordância ou a ofensa, bem como permitindo o fluxo harmônico da interação. Situações de desarmonia, em que a impolidez é a norma, ocorrem em alguns contextos particulares, em que os insultos são frequentes (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2018).

Um ataque à face pode ser simplesmente ignorado e não respondido. Se for respondido, há escolhas de como responder. A escolha tende a ser entre aceitar a indelicadeza ou contra-atacar. A aceitação envolve concordar com um insulto; o contra-ataque envolve responder

diretamente à grosseria. Pode-se também simplesmente ficar em silêncio, aceitar a ofensa, ou defender-se. De acordo com Bousfield (2008, p. 72), a impolidez constitui-se na comunicação intencional de atos conflituosos e injustificados, propositadamente realizados de forma: (a) não-mitigada e (b) com agressão deliberada. No caso específico deste estudo, prevê-se que o ataque seja respondido por contra-ataque, conforme observado no início deste trabalho.

Em perspectiva similar à de Bousfield apontada no parágrafo anterior, Culpeper (2005, 2011) e Culpeper e Hardaker (2017) avaliam que a impolidez ocorre quando: (1) o falante comunica o ataque à face intencionalmente, ou (2) o ouvinte percebe o comportamento como intencionalmente, ou, ainda, quando ocorre uma combinação de (1) e (2). Para Culpeper e Hardaker (2017), trata-se de um fenômeno cognitivo, sistematizado a partir de unidades de comunicação, avaliação e expectativas que estabelecem experiências de (im)polidez. Por causa disso, realizações linguísticas não são inerentemente ‘impolidas’ ou ‘polidas’, mas emergentes em contextos socioculturais particulares. A (im)polidez é, portanto, conceptualizada diferentemente em situações e em culturas diversas.

Embora a (impolidez) seja um fenômeno cultural, lembramos, com Cabral (2019), que todas as culturas contemplam comportamentos que, em determinadas situações, são avaliados impolidos. Para Kerbrat-Orecchioni (2014), os atos verbais que violam as normas sociais constituem impolidez, mesmo que eles não sejam intencionais. Já para Culpeper (2011), toda impolidez traz uma intenção. Vai nesse sentido o raciocínio de Cabral e Lima (2017) ao defenderem que a violência consiste numa estratégia eficaz quando objetivo é ofender o interlocutor. Moïse (2011) tem interpretação semelhante. Na mesma direção, Laforest e Moïse (2013) ressaltam que um dado fundamental para que o insulto funcione é a percepção do interlocutor, ou seja, o insulto deve provocar um efeito sobre o outro que o desestabilize, ou seja, ele só ocorre se o outro sentir-se ofendido. Concordamos com esses autores tanto no que diz respeito ao caráter intencional da violência quanto no que diz respeito à importância da percepção do interlocutor dessa intenção. No caso concreto de nossas análises, no entanto, vale ressaltar que o efeito de desestabilização do outro constitui uma forma de vencer o opositor, isto é, o *rapper* que, por ventura, ofenda-se com as manifestações do opositor, demonstra não manter o jogo.

Também com respeito à relação entre impolidez, insulto e emoções, destacamos os posicionamentos dos autores mencionados no parágrafo anterior. Moïse (2011) considera o insulto como um ato interlocutivo dotado de força emocional, cuja finalidade é desqualificar, e destaca a importância de marcadores como o valor axiológico negativo de certos lexemas. Culpeper (2005, 2011), por sua vez, defende que a impolidez está relacionada a emoções negativas e à perda da face. Podemos dizer que descritores comuns de atitudes envolvendo impolidez e insulto são: vergonha, humilhação, raiva, sentir-se ferido, triste ou chateado (CULPEPER, 2005, 2011; CULPEPER; HARDAKER, 2017). Atos de impolidez podem ocorrer, por conseguinte, de forma direta (*bald on record*), em que a ameaça de face é feita de forma direta, clara, inequívoca e concisa; ou indireta (*off record*), em que os atos ameaçadores são realizados por meio de uma implicatura, mas de tal maneira que uma determinada intenção atribuída supere claramente qualquer outra (humor repreensivo).

Nesses atos, a impolidez positiva refere-se ao uso de estratégias ameaçadoras da face positiva, ou seja, dos desejos do interlocutor, tais como ignorar, excluir, usar marcadores de desinteresse, de falta de consideração, usar linguagem secreta ou obscura, procurar o conflito, usar palavras-tabu, xingar. Complementar à noção de impolidez positiva, a impolidez negativa consiste em estratégias destinadas a danificar a face negativa do outro. Ela está ligada ao uso de linguagem destinada a ameaçar, mostrar superioridade, desprezar, ridicularizar, ser desdenhoso, a não levar o outro a sério, menosprezar o outro, invadir o espaço do outro (literalmente ou metaforicamente), bem como a associar o outro com aspectos explicitamente negativos, ou com um único aspecto negativo (por exemplo, pelo uso marcado dos pronomes “Eu” e “Você”, quando indicativos de polarização conflituosa), colocar o débito do outro em destaque (CULPEPER; HARDAKER, 2017). Ligada a essa oposição pronominal e identitária, encontra-se também o combate entre “Nós” e “Eles”, que está associado ao conceito de hegemonia (WIRTH-KOLIBA, 2016). Nessa perspectiva, a superioridade de alguém, ou de um grupo sobre os demais implica a inferioridade dos últimos, cuja reputação é geralmente denegrida por meio de atos alegadamente impolidos.

Especificamente em relação à ofensa, Haugh (2013) sugere que “a ofensa pode ser entendida como uma ação social iniciada pelo destinatário em que ele interpreta as ações, ou a conduta do interlocutor (ou de

alguma outra pessoa ou grupos de pessoas), como ofensivas” (HAUGH, 2013). Para o autor, trata-se de um ato pragmático concebido e também limitado pelo tipo de atividade em que surge. Uma questão importante observada por Cabral e Albert (2017, p. 278) é que a violência verbal constitui “uma transgressão moral e social que conduz sistematicamente à desvalorização do outro”.

Em uma perspectiva complementar, Terkourafi (2008) distingue impolidez de indelicadeza (descortesia). Segundo a autora, na impolidez (ou rudeza) o locutor tem a intenção deliberada de ameaçar a face. Já na indelicadeza (ou descortesia), o locutor não tem essa intenção deliberada. As distinções propostas por Terkourafi (2008) nos remetem à importância das intenções do locutor, já destacadas por Culpeper (2011) e retomadas por Cabral (2019), que, analisando interações verbais violentas, ressalta a importância da intencionalidade como um conceito fundamental para esse tipo de análise. A esse respeito, é importante retomar Terkourafi (2008) para quem uma manifestação verbal de violência pode ter por detrás de si a intenção de construir a própria imagem, podendo operar, por exemplo, para projetar um jogador como exímio, conforme ocorre nas batalhas verbais.

Lembramos, com Moïse (2011, p. 29), que a língua pode servir “a uma vontade de transgressão, e o sentimento de vulgaridade, de agressividade ou de grosseria repousa frequentemente sobre formas chocantes e desalinhadas em relação aos códigos sociais esperados”.

No período da adolescência, mas não apenas, são bastante usuais os rituais de disputa verbal que envolvem violência de diversas ordens. Para Moïse (2011), trata-se de um processo de construção de identidade própria, que permite aos jovens distinguirem-se dos adultos, em quem, conforme a autora, tais batalhas verbais insultuosas costumam despertar reações de estranhamento e mal-estar, inclusive rejeição. De acordo com Vettorato (2008), as batalhas verbais não opõem rivais sociais, nem têm o objetivo expresso de insultar, elas opõem pares que encontram na linguagem um espaço de confronto cúmplice. O autor observa que, se inicialmente elas constituíam uma forma de luta para a supremacia e uma cultura de sobrevida num ambiente hostil, atualmente tornaram-se uma cultura da competição. Trata-se, segundo o autor, de um meio de integrar-se na coletividade, que levou o foco para as qualidades estéticas do desempenho de cada participante na batalha, o que transformou as batalhas verbais em uma arte.

Com respeito às disputas verbais marcadas por insultos entre os adolescentes, Moïse (2011) observa que eles lidam de forma eficiente com os diferentes usos pragmáticos, desde o palavrão até o insulto. A autora ensina que eles brincam com esses usos, provocam e até procuram enganar os adultos, que, conforme já mencionado, normalmente se chocam com esse tipo de comportamento verbal dos jovens. Bertucci e Boyer (2013), em estudo sobre batalhas verbais entre adolescentes, observam que uma etapa importante da formação dos jovens é o aprendizado de preservação da face por ocasião dessas batalhas verbais. As autoras afirmam que esse aprendizado é possível porque subjaz a essas disputas um princípio de distância simbólica que autoriza a zombaria e até o insulto, sem que haja consequências ofensivas; há, conforme destacam as autoras, um caráter lúdico que chancela o uso da violência verbal. Nas *punchlines* analisadas neste estudo, por exemplo, a impolidez deliberada é a norma, já que os MC travam uma batalha verbal aberta.

Cabral e Lima (2018), em estudo sobre postagens do *Facebook* associadas à violência feminina, identificaram estas categorias relacionadas à ofensa verbal:

- (a) desqualificação direta focada no outro (avaliação negativa do produtor da contribuição inicial);
- (b) desqualificação direta focada no objeto (avaliação negativa reativa ao tema em discussão);
- (c) desqualificação direta focada nos argumentos (comentário reativo de avaliação negativa relativa aos argumentos do outro);
- (d) desqualificação indireta co-construída (comentário reativo de avaliação negativa do produtor da contribuição inicial pela exposição de um estado/sentimento relativo ao produtor do comentário);
- (e) desqualificação indireta desviante (comentário reativo utilizado pelo usuário para introduzir outro tema de seu interesse).

As autoras advertem que essa descrição categórica pode variar conforme o *corpus*, servindo como referência ampla de análise. Neste estudo, as referidas categorias foram revisitadas para se adaptarem aos dados aqui analisados, como se verá adiante. Na próxima seção, os procedimentos de coleta e de análise dos dados deste estudo são descritos.

4 Descrição da coleta de dados e dos procedimentos de análise

Os versos de arremate (*punchlines*), analisados neste estudo, foram extraídos de vídeos do *YouTube* (<https://www.youtube.com/>), nos quais as batalhas de MCs são divulgadas para o grande público. Os referidos vídeos apresentam acesso gratuito e irrestrito e foram coletados no mês de outubro de 2019. Na maior parte dessas gravações, as *punchlines* mais aclamadas são legendadas, o que contribui para a maior precisão na coleta de dados. Isso ocorre porque a alta velocidade das falas dos MCs, característica dessa modalidade artística, algumas vezes impede a legibilidade dos versos, especialmente para aqueles grupos não-pertencentes ao universo *hip-hop*.

Neste estudo, o MC produtor dos versos em análise foi denominado MC King, para que sua identidade artística não fosse evidenciada. Como essa informação não apresenta relevância para o estudo, optamos por omiti-la. Além disso, os elementos de desqualificação do oponente identificados podem conter elementos sensíveis aos artistas cujas produções foram analisadas neste estudo. Trata-se de artista que despontou no universo *hip-hop* em 2019, reverenciado pela comunidade *rapper*. Na seção de análise, MC King é identificado como locutor, pois produz os versos em foco nesta pesquisa. Conforme já exposto e justificado na primeira seção deste trabalho, os nomes dos rivais também foram trocados para que a identidade deles fosse igualmente preservada. No total, foram analisadas dez *punchlines*, selecionadas na sequência em que foram publicadas no vídeo das *punchlines* mais aclamadas de 2019.

Dando seguimento à extração de dados, procedeu-se à análise interpretativa de dez *punchlines*, com base principalmente na teoria da impolidez e na categorização axiológica, conforme indicado na seção de revisão teórica deste estudo. Mais particularmente, as *punchlines* analisadas foram agrupadas por temas e pelo emprego de diferentes estratégias de impolidez que eram mais salientes nos dados.

Além desse procedimento, as categorias relacionadas à ofensa verbal, propostas por Cabral e Lima (2018) para análise de comentários do *Facebook*, foram adaptadas para servirem aos propósitos deste estudo, ligado à disputa poética travada entre rivais no universo do *hip-hop*. Após essa adaptação, as seguintes categorias foram empregadas na análise dos dados: (a) Desqualificação direta focada no rival; (b) Desqualificação direta focada no tema introduzido pelo rival e (c) Desqualificação direta focada nos versos do rival. A seguir, passa-se à análise das *punchline*.

5 Análise das *punchlines* por meio de elementos de categorização axiológica e impolidez

Nas *punchlines* analisadas, extraídas dos versos de MC King mais aclamados em 2019, registra-se o emprego de estratégias axiológicas de categorização; uma delas, considerada relevante, está ligada à delimitação do espaço identitário correspondente a “Nós” e a “Eles”. Essa oposição serve para demarcar a hegemonia na disputa de poder, conforme também identificado por Wirth-Koliba (2016) com respeito ao discurso político britânico. Por meio da categorização axiológica, o locutor procura enfatizar a sua superioridade como poeta, enquanto gera a implicatura da inferioridade artística do adversário, cuja reputação é denegrida pelo ataque à sua face positiva (BROWN; LEVINSON, 1987). Os excertos a seguir permitem observar o fenômeno:

- (2) Você falou de poesia, hoje eu te mato, isso é verídico,
Não é poesia, é poema. Você é ruim, “eu lírico
- (3) Mas, por favor, a minha rima que veja,
Você bebe tanto que, se fosse uma revista, is ser CerVeja
- (4) Por isso que eu rimo, sua rima é fossea, não seria MC de postura,
Nem com transplante de medula óssea

Em (2), observa-se a desqualificação do oponente produzida por meio de uma estratégia de desqualificação direta focada no rival, fenômeno já analisado por Cabral e Lima (2018); no caso em análise, encontra-se uma avaliação negativa do adversário, expressa pela oposição “Você é ruim, “eu lírico”, que, além de desqualificar o opositor por meio de qualificativo axiológico, enaltece a verve poética do locutor.

A desqualificação da reputação do oponente é também identificada em (4), em que o rival é caracterizado, indiretamente, como alcoólatra: Você bebe tanto que, se fosse uma revista, is ser CerVeja. “Beber tanto” é atributo de alcoólatra. Adicionalmente, registra-se o emprego da estratégia de desqualificação direta focada nos versos do rival, que ocorreu por meio da formulação de um verso de avaliação negativa relativamente à rima do opositor, ao desqualificar a rima do rival, o locutor o desqualifica por transitividade: se o foco da batalha verbal é a expertise poética dos *rappers* em disputa, aquele cuja rima é “fóssea”

não é possuidor do talento poético. Atuando complementarmente, essas duas estratégias (desqualificação direta focada no rival e desqualificação direta focada nos versos do rival) contribuem para reforçar o processo de categorização axiológica, fundamentado na delimitação de características consideradas comuns a um determinado grupo social, ou indivíduo, em oposição direta a outro. Esse fenômeno também subjaz à formação de estereótipos, que funcionam como categorizações da experiência humana em sentido amplo e irrestrito (EVANS, 2009; MAZZARA, 1997).

De forma semelhante, em (4), também se opera para denegrir a reputação artística do oponente (sua rima é fóssea), desempenhando papel importante no processo de modelação estereotipada (MAZZARA, 1997). O verso novamente delimita a fronteira entre quem apresenta qualidade artística e quem não a apresenta. Tal procedimento também remete ao conceito de categorias cognitivas difusas e reafirma o caráter radial da categorização, que pode abarcar elementos (ou atributos) mais centrais (por exemplo, o lirismo, pela produção de melodias, ou de rimas), bem como outros mais periféricos (por exemplo, a postura, ou a atitude *rapper*), ao contrário de identificar uma única característica como definidora da categoria (EVANS, 2009).

No excerto (5), o recurso principal empregado é a desqualificação direta focada no tema introduzido pelo rival (cf. CABRAL; LIMA, 2018), pois apresenta uma avaliação negativa do tema em discussão, introduzido pelo oponente.

- (5) Você falou de Viagra, só que seu verso é infértil
É que se rap é dar prazer, você tem disfunção erétil

Além disso, em (5), o rival é atacado em sua reputação. Nesse caso, o ataque é feito diretamente por meio do estereótipo masculino de sexualidade de potência sexual (“você tem disfunção erétil”). Pode-se afirmar que o locutor se vale da temática proposta pelo adversário, para, a partir dela, construir a desqualificação. Ao mesmo tempo, o reforço do modelo masculino idealizado ocorre lado a lado ao emprego de critérios difusos de pertencimento de grupo (COHEN; LEFEBVRE, 2005), supostamente envolvidos na cultura *hip-hop* em geral e no *rap* em particular (“só que seu verso é infértil”).

O aspecto da masculinidade e da força também é evidenciado em outro excerto, (6), em que a imagem masculina idealizada é inserida

no embate, na forma índice de sucesso artístico, ao afirmar “primeiro que sou homem”:

- (6) Não quero apagar sua história, primeiro que eu sou homem
E sei da minha trajetória

Em (6), a *punchline* produz um efeito depreciativo e não-mitigado em relação ao oponente, com verso formulado para conter potencial ofensivo (HAUGH, 2013).

O tema da violência e da opressão é recorrente nos versos, que associam a injustiça social e a violência à cultura *hip-hop*, tipicamente identificada como uma forma de resistência, ou de denúncia social. Esse aspecto pode ser identificado no excerto (7), no qual elementos pertencentes ao universo beligerante são referenciados, tais como o termo Glock, que faz alusão a uma marca de pistola automática. O termo também alude à força como elemento de contraposição à inteligência, implicitamente denunciando a superioridade da violência no embate social (*Inteligência não ganha de uma Glock na cintura*).

- (7) Inteligência não ganha de uma Glock na cintura, seu Lok,
Black Recayd Mod, “Não mexa com a minha Glock”

O verso ainda contém a estratégia de desqualificação do tema introduzido pelo rival, já que o tópico da racionalidade, ou da inteligência, é colocado em disputa pelo locutor.

Em (8), o tema da violência é novamente inserido no combate, juntamente com a afirmação da superioridade do locutor.

- (8) No rap eu trouxe a arte da guerra numa altura tão hostil
Que fiz Sun Tzu virar literatura infantil

A estratégia de enaltecer a hostilidade associando a ela a superioridade do locutor é identificada como de desqualificação direta do rival (cf. CABRAL; LIMA, 2018); por meio dela, o verso ataca a reputação do oponente afirmando a superioridade do locutor.

A reputação do locutor é também constituída pela valorização de atributos ligados ao padrão agressivo típico das batalhas. Esse padrão é contraposto ao alegado conteúdo ingênuo da literatura infantil (“Que fiz Sun Tzu virar literatura infantil”), provocando um efeito de deboche, ou de

zombaria, que atinge o oponente. Esse aspecto evidencia a intensificação dos valores debatidos na batalha e sua decorrente polarização, derivada de processos de categorização axiológica. Isso ocorre porque a categorização é fundamentada em características pré-estabelecidas, que são, ao mesmo tempo, fundamentadas em critérios difusos (beligerância vs. ingenuidade). Nessa direção, a estratégica de impolidez negativa contribui para atacar a face negativa do outro, conforme previsto. Por meio do uso de linguagem elaborada para mostrar a superioridade do locutor, o espaço psicológico do rival é invadido e este é ridicularizado, ou torna-se alvo de zombaria (CULPEPER; HARDAKER, 2017).

O excerto apresentado a seguir também alude à violência e ao combate, por meio da contraposição a um universo familiar e politicamente pacificado, em que jovens são mantidos pelos pais.

- (9) Sustentado pelos pais, aí você erra,
Rimando eu trouxe, irmão, a arte da guerra

Em (9), as características do oponente são desqualificadas; ele é “Sustentado pelos pais”, e, por consequência, o próprio oponente é desqualificado diretamente “aí você erra”, o que serve para novamente afirmar a superioridade do locutor como MC consagrado. Essa categorização também atua para reforçar a produção do modelo construído por indicativos implícitos variados, por exemplo, a independência econômica em relação à família. Contribui também para a formação desse modelo, ou categoria, um imaginário da luta pela sobrevivência, cujo desfecho é o sucesso artístico como modo de independência econômica e de prestígio social (*Rimando eu trouxe, irmão, a arte da guerra*). Deve-se observar que a *punchline* também representa uma instância de impolidez linguística, constituída pela comunicação intencional de um ato conflituoso, propositadamente realizado de forma não-mitigada (BOUSFIELD, 2008).

A questão racial também marca as *punchlines* analisadas e atua para afirmar o pertencimento a um grupo. No excerto (10), a oposição entre “eu” e “outro” é empregada para demarcar um espaço de consciência racial, que atua como caracterizador da própria cultura *hip-hop*.

- (10) Mas você veio de preto, eu sou black desde o ventre
Tou mais black do que nunca e você menos MC Leo do que sempre

Em (10), o locutor afirma sua superioridade, desta vez, por meio do orgulho racial (“eu sou black desde o ventre”). Ser “black desde o ventre” implica, também, a oposição entre a origem negra e a aparência, ou a superficialidade, concernentes ao oponente, que apenas *veste preto*. Ao empregar recursos ligados à impolidez negativa, a *punchline* atua para danificar a face negativa do oponente e valorizar a sua própria reputação (“Tou mais black do que nunca e você menos MC Leo do que sempre”). Esse procedimento distancia opositor das batalhas e inclui o locutor.

Uma estratégia semelhante a essa é identificada no excerto apresentado a seguir, no qual o uso do sarcasmo (CULPEPER, 2005, 2011) é registrado como meta-estratégia de impolidez (“O My Bro é bom na construção”), o que também atua como recurso para menosprezar o rival. Nesse exemplo, o termo “litrão”, indica a produção profícua de versos, característica de artistas prestigiados no *rap*.

- (11) O My Bro é bom na construção,
chegou contra o King e falou de litrão

Nesse exemplo (11), a impolidez é instanciada por meio de unidades de comunicação, de avaliação e de expectativas que estabelecem experiências de insulto, estratégias já destacadas por Culpeper e Hardaker (2017).

Considerando o conjunto das análises apresentadas, cabe observar que as realizações linguísticas não são inerentemente ‘impolidas’ ou ‘polidas’ *per se*, mas emergentes em contextos socioculturais particulares, neste caso, uma batalha de MC. O fenômeno da (im)polidez é, portanto, conceptualizado diferentemente em situações e em culturas diversas. Essas práticas de linguagem com o objetivo de atingir o adversário cumprem o papel de atestar a supremacia do participante e estão previstas pelo jogo. Pode-se, portanto, inferir que, conforme expusemos ao longo deste trabalho, elas seguem regras pré-estabelecidas, que organizam as trocas entre pares, pressupondo certa convivência entre os participantes. O caráter desqualificador em relação ao adversário deixa, no entanto, certa ambivalência no ar: é apenas um jogo verbal, ou também um meio de combater o outro e impor-se como o melhor poeta?

Após as análises das *punchlines* aqui apresentadas, passamos às considerações finais do estudo.

6 Considerações finais

Este estudo apresentou uma análise das *punchlines* mais aclamadas em 2019, formuladas por MC King até outubro do referido ano. Essa análise foi procedida, principalmente, por meio de dois referenciais teóricos complementares, ligados à Pragmática Linguística: a teoria da impolidez linguística (CULPEPER, 2005, 2011; CULPEPER; HARDAKER, 2017) e a noção da categorização axiológica (ASSIMAKOPOULOS *et al.*, 2017; EVANS, 2009). O estudo fundamentou-se igualmente em pesquisas sobre rituais de violência e disputa verbais entre jovens (BERTUCCI; BOYER, 2013; MOÏSE, 2011; VETTORATO, 2008). Os resultados demonstram que as *punchlines* são produzidas principalmente por meio do emprego de estratégias de impolidez negativa, denegrindo o oponente e colocando sua reputação e seus argumentos em xeque, bem como de impolidez positiva, particularmente por meio do desprezo ao rival. Contribui para isso o emprego de recursos que afirmam a superioridade do locutor, desqualificando diretamente o adversário, o tema por ele tratado, como também seus versos, de modo similar às categorias identificadas por Cabral e Lima (2018) em estudo sobre comentários de *Facebook*. Nas batalhas de MC, no entanto, a impolidez é construída *ad hoc* e, nesse sentido, defendemos que possa ser interpretada como um tipo de simulacro de impolidez (*mock impoliteness* (CULPEPER, 2011)), pois os atos verbais de violência se dão em um contexto para o qual eles são não apenas previstos, mas exigidos.

Este estudo também identificou a ativação de processos de categorização cognitiva axiológica, responsáveis pela formação de uma polarização, em que características algumas vezes difusas, ligadas ao pertencimento à cultura de *hip-hop*, são reafirmadas para atuarem como um modelo idealizado de MC (ou de combatente). O alegado afastamento desse modelo (MAZZARA, 1997) opera para intensificar a difamação do rival, colocando seu pertencimento ao grupo sob suspeição. Nessa direção, é importante ressaltar ainda que o ataque ao outro é componente intrínseco das batalhas, já que elas se constituem em rituais de insulto, conforme registrado na literatura da área (BERTUCCI; BOYER, 2013; CUTLER, 1999; LABOV 1972; MOÏSE, 2011; VETTORATO, 2008). Nesses embates poéticos, quando uma estratégia de ataque é ativada, apenas o indivíduo considerado superior é afirmado, pelo menos momentaneamente, como detentor de inteligência, de talento e de prestígio.

Ao mesmo tempo, os modelos axiológicos por que se pautam as batalhas podem ser também difusos, uma vez que as categorias cognitivas são igualmente radiais, podendo conter membros mais centrais, bem como outros mais periféricos (EVANS, 2009). Isso ajuda a explicar a plasticidade verbal das *punchlines* aqui analisadas, que exibem diferentes graus de centralidade, com alguns versos ou temas mais assemelhados entre si do que outros (por exemplo, lirismo poético e violência urbana), em vez de compartilharem uma única característica dominante.

Neste ponto do texto, é necessário ainda considerar que as *punchlines* analisadas neste estudo também ajudaram a confirmar como a linguagem artística dos MCs reflete o ambiente do qual eles provêm e, ao mesmo, tempo, os projeta. Nessa perspectiva, o MC King, ao falar (combater) melodicamente na batida do DJ, cria um ambiente musical de conflito e de aspereza. Ao mesmo tempo, ele reafirma sua identidade artística, bem como delimita seu território como *hip-hopper* e como cidadão.

Por fim, este estudo analisou um conjunto específico de *punchlines* de um único MC. Outros estudos poderão ampliar esses resultados para melhor contribuir na compreensão dessa cultura de afirmação social e de resistência.

Referências

ASSIMAKOPOULOS, S.; BAIDER, F. H.; MILLAR, S. *Online Hate Speech in the European Union: A Discourse-Analytic Perspective*. Zurique: Springer, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-72604-5>

BERTUCCI, M. M.; BOYER, I. “Ta mère elle est tellement...” joutes verbales et insultes rituelles chez les adolescents de l’immigration francophone. *Adolescence*, Paris, v. 31, n. 3, p. 711-721, 2013. DOI: <https://doi.org/10.3917/ado.085.0711>

BOUSFIELD, D. Impoliteness. In: DONSBACH, Wolfgang (org.). *The International Encyclopedia of Communication*. New York: Wiley-Blackwell; International Communication Association, 2008. p. 28-43. DOI: <https://doi.org/10.1075/pbns.167>

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511813085>

CABRAL, A. L. T. Violência verbal e argumentação nas redes sociais: comentários no *Facebook*. *Calidoscópico*, São Leopoldo, v. 17, n. 3, p. 416-432, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4013/cld.2019.173.01>. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/issue/view/789> Acesso em: 10 mar. 2020.

CABRAL, A. L. T.; ALBERT, S. A. B. Quebra de polidez na interação: das redes sociais para os ambientes virtuais de aprendizagem. In: CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R.; GUARANHA, M. F. (org.). *Descortesia e cortesia: expressão de culturas*. São Paulo: Cortez, 2017. p. 267-294.

CABRAL, A. L. T.; LIMA, N. V. Interações conflituosas e violência verbal nas redes sociais: polêmica em comentários do Facebook. (*Con*) *textos Linguísticos*, Vitória, v. 12, n. 22, p. 39-58, 2018.

CABRAL, A. L. T.; LIMA, N. V. Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel de violência verbal. *Signo*, Santa Cruz, v. 42, n. 73, p. 86-97, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17058/signo.v42i73.8004>. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. Acesso em: 10 mar. 2020.

CHANG, J. *Can't Stop, Won't Stop: A History of the Hip-hop Generation*. New York: St. Martin's Press, 2005.

COHEN, H.; LEFEBVRE, C. (org.). *Handbook of Categorization in Cognitive Science*. [S.l.]: Elsevier, 2005.

CUTLER, C. A Yorkville Crossing: White Teens, Hip Hop and African American English. *Journal of Sociolinguistics*, [S.l.], v. 3, n. 4, p. 428-442, Nov. 1999. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9481.00089>

CULPEPER, J. Impoliteness and Entertainment in the Television Quiz Show: The Weakest Link. *Journal of Politeness Research*. Language, Behaviour, Culture, Berlin, v. 1, n. 1, p. 35-72, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1515/jplr.2005.1.1.35>

CULPEPER, J. *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511975752>

CULPEPER, J.; HARDAKER C. Impoliteness. In: CULPEPER, J.; KADAR, D. (org.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Palgrave Macmillan, 2017. p. 199-225. DOI: https://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7_9

EVANS, V. *How Words Mean: Lexical Concepts, Cognitive Models, and Meaning Construction*. Oxford: Oxford University Press, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199234660.001.0001>

FRONDIZI, R. *¿Qué son los valores?* México: Fondo de Cultura Económica, 1977.

GOFFMAN, E. *La mise en scène de la vie quotidienne: La présentation de soi*. Paris: Editions de Minuit, 1973.

GRAHAM, S. L.; HARDAKER, C. (Im)politeness in Digital Communication. In: CULPEPER, J.; HAUGH, M.; KÁDÁR, D. Z. (org.). *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Palgrave Macmillan, 2017. p. 785-814. DOI: https://doi.org/10.1057/978-1-137-37508-7_30

HAUGH, M. Disentangling Face, Facework and Im/politeness. *Sociocultural Pragmatics*, Berlin, v. 1, n. 1, p. 46-73, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1515/soprag-2012-0005>

HAUGH, M. Intercultural Pragmatics. In: KIM, Y. Y. (org.). *The International Encyclopedia of Intercultural Communication*. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2017. p. 1-14. DOI: 10.1002/9781118783665.ieicc0060

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Polidez e impolidez nos debates políticos televisivos: o caso dos debates entre dois turnos dos presidentes franceses. In: SEARA, I. R. (org.). *Cortesia: olhares e (re) invenções*. Lisboa: Chiado Editora, 2014. p. 47-82.

LABOV, W. *Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAFOREST, M.; MOÏSE, C. Entre reproche et insulte, comment définir les actes de condamnation?. In: FRANCCIOLLA, B.; MOÏSE, C.; ROMAIN, C.; AUGER, N. (org.). *Violences verbales. Analyses, enjeux et perspectives*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2013. p. 85-105.

LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. London; New York: Longman, 1983.

MATTAR, Y. Virtual Communities and *Hip-Hop* Music Consumers in Singapore: Interplaying Global, Local, and Subcultural Identities. *Leisure Studies*, [S.l.], v. 22, n. 4, p. 283-300, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1080/02614360310001594168>

MAZZARA, B. *Stereotipi e pregiudizi*. Bologna: Il Mulino, 1997.

MOÏSE, C. Gros mots et insultes des adolescents. *Revue de l'Enfance et de l'Adolescence*, [S.l.], v. 83-84, n. 1, p. 29-37, 2011. DOI: <https://doi.org/10.3917/lett.083.0029>

OLIVEIRA, A. L. A. M.; CARNEIRO, M. M. Sobre o potencial semântico- pragmático das *hashtags*. In: CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. A. M. (org.). *Múltiplas perspectivas do trabalho de face*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018. p. 207-226.

OSUMARE, H. *The African Aesthetic in Global Hip-Hop: Power Moves*. New York: Palgrave MacMillan, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-1-137-05964-2>

ROSE, T. *The Hip Hop Wars: What We Talk About When We Talk About Hip Hop—And Why It Matters*. New York: Basic Book, 2008.

ROTH-GORDON, J. Conversational Sampling, Race Trafficking, and the Invocation the Gueto in Brazilian Hip Hop. In: ALIM, H. S.; IBRAHIM, A.; PENNYCOOK, A. (org.). *Global Linguistic Flows: Hip Hop Cultures, Youth Identities, and the Politics of Language*. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2009. p. 63-78. DOI: <https://doi.org/10.4324/9780203892787>

TERFOURAFI, M. Towards a Unified Theory of Politeness, Impoliteness, and Rudeness. In: BOUSFIELD, D.; LOCHER, M. (org.). *Impoliteness in Language: Studies on Its Interplay with Power in Theory and Practice*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 45-74.

VAN DIJK, T. A. Opinions and Ideologies in the Press. In: BELL, A.; GARRET, P. (org.). *Approaches to Media Discourse*. Amsterdam: Wiley-Blackwell, 1997. p. 21-62.

VETTORATO, C. *Un monde où l'on clashe*. La joute d'insultes dans la culture de rue. Paris: Éditions des Archives Contemporaines, 2008.

WIRTH-KOLIBA, V. The Diverse and Dynamic World of 'Us' and 'Them' in Political Discourse. *Critical Approaches to Discourse Analysis Across Disciplines*, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 23-37, 2016.